

KATHERINE WEBB

A autora-sensação do ano

A Herança

Duas irmãs.
Um segredo avassalador.
Um passado que não pode
permanecer secreto.



ASA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Ficha Técnica

Título original: THE LEGACY

Título: A Herança

Autora: Katherine Webb

Traduzido do Inglês por: Maria João Freire de Andrade

Adaptação da capa: José Manuel Reis

Imagem da capa: Yolande de Kort/Trevillion Images

ISBN: 9789892311807

Edições ASA II, S.A.

Uma editora do Grupo Leya

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2010, Katherine Webb

Publicado originalmente por Orion, Londres, em 2010

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

edicoes@asa.pt

www.asa.pt

www.leya.com

À mãe e ao pai

Todos os personagens deste livro são ficcionados, e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é pura coincidência.

PRÓLOGO

1905

A os poucos, Caroline recuperou os sentidos. O seu torpor mental desaparecera e tomou consciência de inúmeros pensamentos que se precipitavam na sua mente como pássaros engaiolados, demasiado rápidos para ela os apanhar. Levantou-se, cambaleante. A criança ainda ali estava, na cama. Um arrepio de medo percorreu-lhe a espinha. Parte dela desejara que aquilo não tivesse acontecido; que de algum modo o bebé tivesse desaparecido ou, melhor ainda, que nunca tivesse sequer existido. Ele arrastara-se para o lado mais afastado da cama, esforçando-se por rastejar sobre a colcha macia e escorregadia. Os seus punhos fortes agarravam o tecido e parecia nadar lentamente sobre aquela extensão de seda verde tília. Tornara-se tão grande e forte. Noutra lugar, noutra vida, teria sido um guerreiro. O seu cabelo era negro como a noite. O bebé espreitou sobre a beira da cama, e depois virou a cabeça para olhar para Caroline. Emitiu um único som, semelhante a um *dah*; e embora aquilo fosse um disparate, Caroline percebeu que era uma pergunta. Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas, e as suas pernas ameaçaram voltar a ceder. Ele era real; ele estava ali, no seu quarto em Storton Manor, e tornara-se suficientemente forte para a questionar.

A sua vergonha era uma nuvem através da qual ela não conseguia ver. Era como fumo no ar – obscurecia tudo, tornava-lhe impossível pensar. Não sabia o que fazer. Passaram-se longos minutos até pensar ter ouvido passos no corredor, junto da porta. Com um sobressalto, ela acabou por perceber que o bebé não podia ficar ali. Não na cama, não no seu quarto, não na casa senhorial. Simplesmente *não podia*; e nenhum dos criados, nem o seu mari-

do, podiam saber que ele ali estivera. Talvez o pessoal da casa já o tivesse descoberto, já tivesse visto ou ouvido alguma coisa, enquanto ela estivera caída, inconsciente, no chão. Podia apenas rezar para que isso não tivesse acontecido. Não fazia ideia de quanto tempo esperara, a sua mente dominada pelo terror e a angústia. Não o tempo suficiente para a criança se aborrecer das suas explorações da cama, por isso talvez não tivesse sido assim tanto. Ainda havia tempo para agir, e não tinha outra escolha.

Limpendo o rosto, Caroline deu a volta à cama e pegou no bebé, demasiado envergonhada para o olhar nos olhos. Também eram negros, ela sabia-o. Tão negros e inescrutáveis como manchas de tinta. Era muito mais pesado do que ela se recordava. Deitou-o e despiu-o por completo, incluindo a fralda; apesar de a roupa ser de fraca qualidade, poderiam associá-la a ela. Deitou a roupa à lareira, e o tecido libertou um fumo fedorento ao cair nas brasas. Depois olhou em volta, perdida por momentos, e os seus olhos iluminaram-se ao ver a fronha bordada encostada à cabeceira da cama. Era requintada, um bordado bem feito, flores amarelas com o formato de laços. O linho era grosso e macio. Caroline tirou a fronha da almofada, e colocou o bebé que se debatia no seu interior. Fez aquilo com ternura, as mãos conscientes do seu amor pela criança apesar da sua cabeça não o poder enfrentar. Mas não o embrulhou na fronha. Em vez disso, transformou-a numa saca e transportou o bebé para fora da casa, do mesmo modo que um caçador furtivo poderia carregar coelhos. Lágrimas molhavam-lhe o rosto, lágrimas que brotavam do interior do seu ser. Mas não podia parar, não se podia permitir voltar a amá-lo.

Lá fora, chovia intensamente. Caroline atravessou o relvado com as costas a doerem-lhe e a pele arrepiada, sentindo os olhos da casa sobre ela. Assim que se encontrou em segurança, longe de vista sob as árvores, respirou fundo, os nós dos dedos brancos de tanto apertar a fronha para a manter fechada. No interior, o bebé remexia-se e palrava, mas não chorava. A chuva escorria-lhe pelo cabelo e pingava-lhe do queixo. *Mas nunca será capaz de me limpar*, pensou com um desespero silencioso. Havia um lago, ela sabia-o. Um lago de orvalho na zona mais afastada dos terrenos, onde a

propriedade se encontrava com as colinas ondulantes, das quais irrompia a nascente que atravessava a vila. Era profundo, imóvel e obscurecido; a água estaria escura num dia enevoadado como aquele, baça devido à chuva, pronta a esconder qualquer segredo lançado para o seu interior. Susteve a respiração quando o pensamento lhe surgiu na mente. Deixou-a gelada. *Não, não posso*, suplicou, silenciosamente. *Não posso*. Já lhe tirara demasiado.

Continuou a andar, não em direcção ao lago mas a afastar-se da casa, rezando para que se lhe apresentasse alguma solução. Quando esta surgiu, Caroline cambaleou, aliviada. Havia uma carroça coberta, parada na clareira verde onde os bosques se encontravam com o caminho. Um cavalito branco e preto estava preso junto a ela, a sua garupa curvada contra a intempérie, e volutas finas de fumo erguiam-se de uma chaminé metálica no telhado. *Funileiros*, pensou, com uma réstia de esperança desesperada no peito. Iriam encontrá-lo, levá-lo, partiriam com ele. Nunca mais teria de o voltar a ver, nunca mais seria confrontada com o bebé. Mas alguém trataria dele. Ele teria uma vida.

Nesse momento, quando a chuva ensopou a fronha e lhe alcançou a pele, o bebé começou a chorar. Apressadamente, Caroline voltou a erguer a saca improvisada até ao ombro e avançou por entre as árvores até ao outro lado da clareira, afastando-se ainda mais da casa de modo a que o rasto não apontasse naquela direcção. Ela esperava que parecesse que alguém vindo de sul passara pelo caminho e deixara ali a criança. Colocou-a entre as raízes nodosas de uma grande faia, um lugar relativamente seco, e recuou à medida que o seu choro se tornava mais elevado e insistente. *Levem-no e partam*, implorou em silêncio.

Voltou a recuar aos tropeções por entre as árvores, o mais rápida e silenciosamente que conseguiu, e o choro do bebé seguiu-a durante algum tempo antes de, por fim, deixar de se ouvir. Quando isso aconteceu, os pés falharam-lhe. Deteve-se a cambalear, sem saber se haveria de continuar a avançar ou voltar atrás. *Nunca mais o vou ouvir*, disse a si mesma, mas não sentiu nenhum alívio nisso. Podia não haver outra solução, mas foi

trespassada por um arrepio, forte e aguçado como gelo, porque soube-o então, não havia outra maneira de voltar atrás depois daquilo que fizera; não podia esquecer. Encontrava-se no seu íntimo como uma úlcera e, tal como não havia forma de voltar atrás, também não tinha a certeza se poderia continuar. Levou a mão à barriga, ao lugar onde sabia que se encontrava uma criança aninhada. Deixou que ela sentisse o calor da sua mão, como que para lhe provar que ainda estava viva, que ainda sentia, e que a iria amar. De seguida, regressou lentamente a casa onde, demasiado tarde, se iria aperceber que, apesar de ter despido cuidadosamente o bebé, deixara que fosse encontrado na fronha fina e bordada. Pressionou o rosto contra a almofada nua e tentou varrer o menino da memória.

*Está deveras tranquilo! a tranquilidade é tanta, que perturba
E atormenta a meditação com a sua
Estranha e extrema quietude.*

SAMUEL TAYLOR COLERIDGE, Geada à Meia-Noite

Pelo menos é Inverno. Nós só lá íamos durante o Verão, por isso o lugar parece diferente. Não é tão terrivelmente familiar, nem tão opressivo. Storton Manor, sombria e imponente, da cor de um céu encoberto como o dia de hoje. Um mamarracho vitoriano, neogótico, com pinázios de pedra nas janelas e as madeiras a descascar, verdes dos fungos. Remoinhos de folhas mortas junto às paredes, e atrás das folhas o musgo que se espalha e sobe, chegando aos peitoris do piso térreo. Ao sair do carro, respiro calmamente. Até ao momento tem sido um Inverno muito inglês. Húmido e enlameado. Ao longe, as sebes parecem-se com equimoses roxas e esborratadas. Hoje usei jóias de cores vivas, num desafio ao lugar, num desafio à sua austeridade, e ao seu peso na minha memória. Agora sinto-me ridícula, apalhaçada.

Através do pára-brisas do meu *Golf* branco e em mau estado, consigo ver as mãos de Beth pousadas no colo e as pontas secas do cordão longo que é o seu cabelo. Aqui e ali, serpenteiam por ele madeixas cinzentas que me parecem prematuras, demasiado prematuras. Ela mostrou-se febrilmente ansiosa por vir até cá, mas agora está imóvel como uma estátua. Aquelas mãos pálidas, magras, pousadas com frouxidão sobre o colo – passivas, expectantes. Quando éramos pequenas, o nosso cabelo costumava ser tão brilhante. Era do loiro esbranquiçado dos anjos, dos jovens *vikings*; uma pureza de cor que se desvaneceu com a idade, até se transformar neste castanho rato, tão insípido. Eu agora pinto o meu, para o alegrar. Hoje em dia, nem parecemos ser irmãs. Lembro-me de Beth e Dinny de cabeças juntas, a conspirar, a sussurrar: o cabelo dele tão escuro, e o dela tão claro. Na altura sentia-me tolhida pelos ciúmes, e agora, na minha mente, as cabeças deles parecem-me ser o símbolo do *yin* e do *yang*. Parceiros no crime.

As janelas da casa estão vazias, mostrando reflexos escuros das árvores nuas que as cercam. Estas árvores parecem agora mais altas, e inclinam-se demasiado sobre a casa. Precisam de ser desbastadas. Estarei a pensar em coisas para fazer, em coisas para melhorar? Estarei a imaginar-me a viver aqui? A casa é agora nossa, com as suas doze divisões; os tectos altos, a escadaria grandiosa, as divisões subterrâneas onde as lajes foram suavizadas pela passagem de pés servis. É toda nossa, mas apenas se ficarmos aqui a viver. Foi isso que Meredith sempre quis. Meredith – a nossa avó, com o seu rancor e as mãos apertadas em punhos ossudos. Há anos que ela queria que a nossa mãe se mudasse para aqui com toda a família, e que a visse morrer. A nossa mãe recusou, foi devidamente deserdada, e continuámos com as nossas vidas felizes e suburbanas em Reading. Se não nos mudarmos para aqui, a casa será vendida e o dinheiro enviado para instituições de caridade. Meredith, uma filantropa perversa na morte. Por isso, a casa é agora nossa – mas apenas durante algum tempo, porque acho que não vamos conseguir viver aqui.

Há um motivo para não o conseguirmos. Se eu tentar fixá-lo directamente, ele esvai-se como vapor. Apenas surge um nome: Henry. O rapaz que desapareceu, que simplesmente deixou de lá estar. É nisso que penso neste momento, de olhos erguidos para os ramos vertiginosos; penso que *sei*. Que sei porque é que não podemos viver aqui, porque é até espantoso que tivéssemos vindo. *Eu sei*. Sei porque é que agora Beth nem sequer consegue sair do carro. Pergunto-me se terei de a incitar a sair, da maneira como se incita alguém a comer. Entre o sítio onde parei e a casa não nasce uma única planta – a sombra é demasiado profunda. Ou talvez o solo esteja envenenado. Cheira a terra e a podridão, a fungos aveludados. *Humus*, a palavra regressa-me das aulas de Ciências de há tantos anos. Um milhar de insectos minúsculos a morder, a trabalhar, a digerir o solo. Segue-se então um momento de silêncio. Silêncio do motor, silêncio nas árvores e na casa, e em todos os espaços entre ambas. Volto a enfiar-me dentro do carro.

Beth está a olhar para as mãos. Acho que ainda não levantou os olhos, que ainda nem olhou para a casa. Subitamente, duvido se terei agido bem ao

trazê-la até ali. De repente, receio que o tenha deixado para demasiado tarde, e esse receio traz uma sensação de agonia. Há tendões no seu pescoço que se assemelham a fios retesados, e ela está muito hirta no assento, toda angulosa. Tão magra nestes últimos tempos, de aparência tão frágil. Ainda minha irmã, mas agora diferente. Há algo dentro dela que eu não consigo saber, que não consigo alcançar. Fez coisas que não compreendo, e teve pensamentos que nem sequer imagino. Os seus olhos, fixos nos joelhos, estão arregalados e vidrados. Maxwell quer voltar a hospitalizá-la. Disse-mo ao telefone há dois dias, e eu enfureci-me com ele por o sugerir. Mas agora, perto dela, comporto-me de um modo diferente, por mais que tente não o fazer, e uma parte de mim odeia-a por isso. Ela é a minha irmã mais velha. Devia ser mais forte do que eu. Dou-lhe um pequeno encontrão no braço, e sorrio alegremente.

– Achas que entremos? – pergunto. – Sabia-me bem beber qualquer coisa forte.

A minha voz soa alta num espaço tão confinado. Visualizo as garrafas de cristal de Meredith, alinhadas na sala de estar. Quando era miúda, costumava esgueirar-me lá para dentro e espreitar aqueles líquidos misteriosos, vê-los a absorver a luz, levantava as tampas para inalar o aroma ilícito. De certo modo parece grotesco, beber o *whisky* dela agora que morreu. Esta solicitude é a minha maneira de mostrar a Beth que sei que ela não queria ter voltado. Mas depois, com um suspiro profundo, ela sai e dirige-se à casa, como que obrigada, e eu apresso-me atrás dela.

No interior, a casa parece mais pequena, como é habitual com as coisas vistas na infância, mas continua a ser enorme. O meu apartamento em Londres parecia grande quando me mudei, porque havia divisões suficientes para não se ter de espreitar por entre roupa estendida enquanto se via televisão. Agora, confrontada com a vastidão ressoante do vestíbulo, sinto uma vontade ridícula de dar cambalhotas. Ficamos ali paradas, deixamos cair as nossas malas ao fundo da escadaria. É a primeira vez que estamos ali sozinhas, sem os nossos pais, e parece-nos tão estranho que deambulemos por ali como ovelhas. Os nossos papéis são definidos pelas

atitudes, pela memória e pelo hábito. Aqui, nesta casa, somos crianças. Mas tenho de animar as coisas, porque vejo Beth a vacilar, e um olhar frenético a surgir-lhe no rosto.

– Põe a chaleira ao lume. Vou procurar qualquer coisa para beber, e podemos tomar um café «com cheirinho».

– Erica, nem sequer é hora de almoço.

– E daí? Estamos de férias, não estamos? – Oh, mas não estamos. Não, não estamos. Não sei o que isto é, mas não são férias. Beth abana a cabeça.

– Vou beber apenas chá – diz ela, dirigindo-se à cozinha. As suas costas são estreitas, os ombros espetados através do tecido da camisa. Reparo neles com um choque; passaram-se apenas dez dias desde a última vez que a vi, mas está visivelmente mais magra. Quero abraçá-la, fazer com que se sintam bem.

A casa está fria e húmida, por isso pressiono botões num antigo painel até ouvir coisas a remexer, canos nas profundezas a queixarem-se, água a ferver. Há cinzas fétidas na grelha da lareira; ainda há lenços de papel e o caroço de uma maçã, que apodrece docemente no cesto de papéis da sala de estar. Invadir a vida de Meredith desta maneira deixa-me pouco à vontade, ligeiramente enjoada. Como se me pudesse virar e ver o seu reflexo no espelho – um esgar ácido, o cabelo pintado de uma tonalidade falsa de ouro. Paro junto da janela e olho para o jardim de Inverno, um emaranhado de plantas altas inclinadas para a frente, que precisam de ser podadas. Estes são os cheiros que recordo dos verões que ali passámos: protector solar de coco; sopa de rabo de boi para o almoço, por mais quente que o tempo estivesse; nuvens doces e pesadas que emanavam das rosas e da lavanda que cercam o pátio; o cheiro pungente dos labradores gordos de Meredith, a arfarem o seu bafo quente contra as minhas canelas. Tão diferente agora. Parece ter acontecido há séculos; parece ter acontecido a uma pessoa completamente diferente. Algumas gotas de chuva embatem no vidro, e eu estou a cem anos de distância de tudo e de todos. Aqui, estamos verdadeiramente sozinhas, Beth e eu. Sozinhas, de novo nesta casa, na nossa conspiração de silêncio, depois de todo este tempo em que nada foi

resolvido, durante o qual Beth se desfez, um pouco de cada vez, e eu esquivei-me e fugi a tudo.

Primeiro temos de separar as coisas para criarmos alguma espécie de ordem em todas aquelas camadas de bens, de objectos que se reuniram em montículos pelos cantos. Esta casa tem tantas divisões, tanto mobiliário, tantas gavetas, aparadores e esconderijos. Presumo que me devia sentir triste, ao pensar que vai ser vendida; a linhagem da história da família, que continua ao longo dos anos até mim e Beth, a quebrar-se. Mas não sinto. Talvez porque, por direito, Henry deveria ter herdado tudo. Foi nessa altura que tudo se despedaçou. Observo Beth durante um bocado, enquanto ela tira lenços de renda de uma gaveta e os empilha em cima do joelho. Tira-os um a um, estudando os padrões, passando a ponta dos dedos pelos fios. A pilha em cima do seu joelho não está tão arrumada como a da gaveta. Não faz qualquer sentido. É uma daquelas coisas que ela faz que eu não compreendo.

– Vou dar um passeio – anuncio, para evitar irritar-me, e quando me levanto tenho os joelhos rígidos. Beth sobressalta-se como se se tivesse esquecido que eu estava ali.

– Onde é que vais?

– Dar um passeio, acabei de o dizer. Preciso de ar fresco.

– Bem, então não demores – diz Beth. Por vezes, também faz isso, fala-me como se eu fosse uma criança teimosa, como se pudesse fugir. Suspiro.

– Não. Vinte minutos. Só para esticar as pernas. – Acho que ela sabe onde vou.

Sigo os meus pés. O relvado está seco e irregular; um mar encapelado de ervas castanhas quebradas que me ensopam os pés. Costumava estar tudo tão bem aparado, tão belo. Estive a pensar, sem o pensar, que as coisas se devem ter descontrolado desde a morte de Meredith. Mas isso é ridículo. Ela morreu há um mês, e o jardim evidencia várias estações de negligência. Parece que até nós a negligenciámos. Não faço a mínima ideia de como ela se aguentava antes de morrer – *se é* que aguentava. Ela limitava-se a estar

ali, num recanto da minha mente. A minha mãe e o meu pai vinham-na visitar, uma vez por ano ou perto disso. Beth e eu não voltávamos ali há séculos. Mas acho que a nossa ausência era compreendida; nunca foi demasiado questionada. Nunca nos atormentaram para irmos. Talvez ela tivesse gostado que o fizéssemos, talvez não. Era difícil perceber no que tocava a Meredith. Não era uma avó doce, nem sequer era maternal. A nossa bisavó, Caroline, também vivia ali durante a infância da minha mãe. Outra fonte de desconforto. A nossa mãe partiu assim que teve essa possibilidade. Meredith morreu de repente, de uma apoplexia. Num dia uma mulher sem idade, velha desde que me lembro; no dia seguinte, morta. Vi-a pela última vez nas bodas de prata dos nossos pais, não aqui mas num hotel demasiado aquecido com carpetes felpudas. Parecia uma rainha sentada à sua mesa e lançou um olhar frio à volta da sala, olhos atentos sobre uma boca franzida.

Aqui está o lago de orvalho. Onde sempre estive, embora pareça tão diferente com as cores de Inverno. Encontra-se num canto de um enorme campo de relva aparada. O campo estende-se para leste, e há bosques para oeste. Os bosques lançavam sobre a superfície uma luz verde e mosqueada; uma cor fresca, vinda de ramos que se moviam, repletos de pássaros. Estão agora nus, cheios de gralhas ruidosas que tagarelam e gritam umas com as outras. Este lago era irresistível nos dias quentes de Julho; mas com um céu tão monótono parece achatado, como uma poça pouco funda. Nuvens vagueiam sobre a superfície. Eu sei que é fundo. Estava vedado quando éramos miúdos, mas com algumas fiadas de arame farpado que não serviam de obstáculo a crianças determinadas. Valia a pena as canelas arranhadas, o cabelo preso. À luz do sol, a água era de um azul vidrado. Parecia profundo, mas Dinny dizia que ainda era mais fundo do que isso. Ele dizia que a água enganava os olhos, e eu não acreditei nele até ao dia em que o vi mergulhar, enchendo bem os pulmões de ar e a dar aos pés, a pontapear para chegar ao fundo. Observei o seu corpo moreno a ondular e a cortar a água, vi-o a continuar a pontapear até mesmo quando devia ter chegado ao fundo

calcário. Depois emergiu com um arquejo e deu por mim a olhar para ele enlevada, impressionada.

Este lago alimenta o riacho que atravessa a vila de Barrow Storton, e que desce por um dos lados desta colina ampla, vindo da casa senhorial. O lago está gravado na minha memória; parece dominar a minha infância. Consigo ver Beth junto à água a chapinhar, da primeira vez que nadei aqui. Andava de um lado para o outro, nervosa por ser a mais velha, e as margens eram íngremes, e se eu me afogasse a culpa seria sua. Eu mergulhei uma e outra vez, para tentar chegar ao fundo como Dinny fizera, mas sem nunca o conseguir, e ouvia as ameaças em voz alta de Beth de cada vez que voltava à superfície para respirar. Eu era como uma rolha. Boiava com todas as gordurinhas de criança nas minhas pernas gorduchas, na minha barriguinha redonda. Ela fazia-me correr incontáveis vezes à volta do jardim antes de me deixar aproximar de casa, para que eu secasse, para que aquecesse e não ficasse branca, com os dentes a bater e a necessitar de uma explicação.

Atrás de mim, vislumbro fugazmente a casa por entre as árvores despidas. Foi algo em que nunca tinha reparado antes. No Verão, não se consegue vê-la por entre as árvores, mas agora ela observa, espera. Preocupa-me saber que Beth está no seu interior, sozinha, mas ainda não quero voltar. Continuo a andar, trepando por cima do portão que dá acesso ao campo. Aquele campo, e depois outro, e de seguida estamos num planalto – as terras baixas, calcárias e onduladas do Wiltshire, aqui e ali marcadas pela pré-história, aqui e ali marcadas por depósitos e alvos de tiro. No horizonte encontra-se a elevação tumular que dá o nome à vila, um monte fúnebre da Idade do Bronze a um rei cujo nome e fama desapareceram de toda a recordação: um montículo baixo, estreito, com a largura aproximada de dois carros, aberto numa extremidade. No Verão, este rei jaz sob cevada silvestre, erva-de-São-Tiago e miosótis reluzentes, e ouve o gargalhar rico e interminável das cotovias. Mas agora são apenas ervas quebradiças, cardos mortos, uma embalagem de batatas fritas vazia.

Paro junto da elevação tumular e baixo os olhos para a vila, recuperando o fôlego depois da subida. Não há muito movimento, algumas colunas

esfarrapadas de fumo que se erguem das chaminés, alguns residentes bem agasalhados a passearem os seus cães até ao marco do correio. Desta colina solitária, parecemos estar no centro do universo. *Esta vila populosa!* Coleridge vem-me à cabeça. Tenho estado a dar os seus poemas coloquiais aos meus alunos do décimo ano. Tento fazê-los ler suficientemente devagar para sentirem as palavras, para absorverem as imagens; mas eles continuam a passar os olhos pelos livros, a cavaquear como macacos.

Aqui em cima, o ar é cortante – separa-se à minha volta como uma onda fria. Os dedos dos meus pés ficaram dormentes, porque tenho os sapatos completamente ensopados. Sei que há dez, vinte pares de galochas na casa. Na cave, em fileiras bem alinhadas cobertas de teias de aranha. Aquela única e horrível vez em que não sacudi a bota antes de enfiar o meu pé descalço no interior, e senti o roçar de outro ocupante. Perdi a prática de viver no campo; estou mal equipada para as mudanças do terreno, para um solo que ainda não foi cuidadosamente preparado para se adequar à minha pessoa. E no entanto, quando mo perguntam, digo que cresci aqui. Aqueles antigos verões, tão longos e nítidos na minha memória, erguendo-se como ilhas de um mar de dias de escola e fins-de-semana molhados, demasiado vagos e semelhantes para recordar.

À entrada do túmulo, o vento solta um gemido baixo. Salto de pés juntos os degraus de pedra, e assusto uma rapariga que se encontra no interior. Ela endireita-se com um arquejo, bate com a cabeça no tecto baixo, depois volta a agachar-se e leva as mãos à cabeça.

– Merda! Desculpe! Não tinha a intenção de a assustar desta maneira... Não sabia que estava aqui alguém. – Sorrio. A luz fraca da entrada incide sobre ela, sobre caracóis dourados atados por um lenço turquesa, sobre um rosto jovem e um corpo estranhamente sem formas, envolvido em saias compridas de *chiffon* e *croché*. Fita-me de olhos semicerrados e para ela não devo passar de uma silhueta, uma forma escura contra o céu lá de fora. – Está bem? – Não me responde. Minúsculos raminhos de flores foram enfiadas em fendas na parede à sua frente, os caules aparados bem atados por laços. Era isso que ela estava ali a fazer, tão silenciosa? A rezar nalgum

santuário semi-imaginado e semi-emprestado? Vê-me a olhar para as suas oferendas e levanta-se carrancuda, passa por mim sem emitir palavra. Apercebo-me que a sua aparência disforme se deve, na verdade, a um excesso de formas: o peso da gravidez. Muito bonita, muito jovem, a barriga inchada. Quando saio do túmulo, perscruto a colina e olho para a vila, mas ela não está ali. Está a caminhar na direcção contrária – a direcção de onde eu vim, a dirigir-se para os terrenos arborizados perto da casa senhorial. Avança impetuosamente, os braços a baloiçar.

Nesta primeira noite, Beth e eu jantamos no escritório. Pode parecer uma escolha estranha, mas é a única divisão que tem televisão. Comemos massa, os pratos colocados em tabuleiros sobre os joelhos com o noticiário nocturno a fazer-nos companhia, porque parece que as conversas banais nos abandonaram, e as conversas importantes ainda são demasiado importantes. Não estamos preparadas. Não tenho a certeza se alguma vez o estaremos, mas há coisas que quero perguntar à minha irmã. Vou esperar, vou certificar-me que encontro as perguntas certas. Espero que, ao fazer-lhe as perguntas correctas, ela possa sentir-se melhor. Que a verdade a liberte. Beth persegue cada pedaço de massa à volta da tigela, antes de o apanhar com o garfo. Ergue-o depois várias vezes até aos lábios, antes de o meter na boca. Alguns desses pedaços nem conseguem ali chegar – sacode-os do garfo, escolhe uma alternativa. Vejo tudo isto por um canto do olho, tal como vejo o seu corpo faminto. As imagens da televisão brilham, escuras, nos seus olhos.

– Achas que é boa ideia? Recebermos aqui o Eddie no Natal? – pergunta-me, de repente.

– Claro que sim. Porque é que não seria? Vamos ter de ficar algum tempo a tratar das coisas, por isso bem podemos passar aqui o Natal. Juntos. – Encolho os ombros. – Afinal, há muito espaço.

– Não, quero dizer... Trazer uma criança para aqui. Para este... lugar.

– Beth, é apenas uma casa. Ele vai adorar. Ele não sabe... Bem. Vai divertir-se imenso, tenho a certeza disso; há tantos recantos e esconderijos

para ele explorar.

– No entanto, é um pouco grande e vazia, não é? Talvez um pouco solitária? É capaz de o deprimir.

– Bem, podes dizer-lhe para trazer um amigo. Porque é que não o fazes? Liga-lhe amanhã... Claro que não é para ficar durante todo o Natal. Mas alguns dos pais que trabalham são capazes de se sentir satisfeitos por terem alguns dias de descanso extra antes que os seus pequenos destruidores reapareçam, não achas?

– Hmm. – Beth revira os olhos. – Não me parece que, naquela escola, alguma das mães faça algo tão vulgar como trabalhar para sobreviver.

– Só a ralé como tu?

– Só a ralé como eu – concorda ela, impassível.

– Na verdade é irónico, já que tu és a tal. Praticamente de sangue azul.

– Dificilmente. Sou tanto como tu.

– Não. Acho que comigo a nobreza saltou uma geração. – Sorrio. A Meredith disse-mo uma vez, quando eu tinha dez anos. *A tua irmã tem a aparência Calcott, Erica. Quanto a ti, receio que sejas mais como o teu pai.* Não me importei na altura, e não me importo agora. Na época, não tinha a certeza do que significava aquela *aparência*. Pensei que se estava a referir ao meu cabelo, que fora cortado muito curto graças a um incidente com pastilha elástica. Quando ela se afastou, deitei-lhe a língua de fora, e a minha mãe sacudiu um dedo na minha direcção.

Beth também a rejeita. Bateu-se com Maxwell, o pai de Eddie, para deixar que o filho de ambos andasse na escola pública da vila, que era minúscula e agradável, com um pequeno jardim num canto do pátio: ovas de rã, os restos secos de crisálidas de libelinhas; prímulas na Primavera, depois amores-perfeitos. Mas Maxwell venceu a batalha quando chegou o momento da educação no secundário. Talvez tivesse sido melhor assim. Eddie está agora num colégio interno, durante todo o período. Beth tem semanas e semanas para se recompor, para devolver a centelha de alegria ao seu sorriso.

– Vamos encher a casa – asseguro-lhe. – Vamos enfeitar as salas. Vou desencantar um rádio. Não será como... – mas interrompo-me. Não tenho a certeza daquilo que estava prestes a dizer. No canto, a minúscula televisão solta um arroteo zangado de estática que nos faz saltar às duas.

Quase meia-noite, e Beth e eu retirámo-nos para os nossos quartos. Os mesmos quartos em que sempre ficámos, onde encontramos as mesmas colchas, macias e desbotadas. A princípio, aquilo parece-me irreal. Mas depois penso, para quê mudarem-se as colchas de quartos que nunca são usados? Beth também ainda não deve ter adormecido. O silêncio na casa ressoa como um sino. O colchão afunda-se no sítio onde me sento, as molas perderam a elasticidade. A cama tem uma cabeceira de carvalho escuro, e uma aguarela agora desvanecida está pendurada na parede. São barcos num porto, embora eu nunca tenha ouvido dizer que Meredith tivesse visitado a costa. Estendo a mão por trás da cabeceira da cama, os meus dedos a tactear as barras verticais até a encontrar. Agora quebradiça, suja de pó. O pedaço de uma fita que eu atei ali – uma fita de plástico vermelho, tirada do laço encaracolado de um presente de aniversário. Atei-a quando tinha oito anos, de modo a ter um segredo do qual apenas eu tivesse conhecimento. Podia pensar nela, depois de termos voltado para a escola. Imaginá-la, longe da vista, intocada enquanto o quarto era limpo, enquanto pessoas iam e vinham. Ali estava algo que apenas eu saberia; uma relíquia da minha pessoa, que eu poderia sempre encontrar.

Oiço uma ligeira pancada, e o rosto de Beth surge atrás da porta. Tem o cabelo destrançado, caído à volta do rosto, o que a torna mais jovem. Por vezes é tão bela que sinto uma dor no peito, um aperto nas costelas. A luz fraca do candeeiro da mesa-de-cabeceira lança-lhe sombras nas maçãs do rosto, debaixo dos olhos; faz realçar a curva do seu lábio superior.

– Estás bem? Não consigo dormir – sussurra, como se houvesse mais alguém na casa que pudesse acordar.

– Estou óptima, Beth. Só não tenho muito sono.

– Oh. – Ela demora-se na soleira da porta, hesita. – É tão estranho estar aqui. – Não se trata de uma pergunta. Espero. – Sinto-me como... sinto-me um pouco como a Alice, em *Do Outro Lado do Espelho*. Percebes o que quero dizer? É tudo tão familiar, e no entanto também errado. Como se estivesse tudo ao contrário. Porque é que achas que ela nos deixou a casa?

– Na verdade, não sei. Calculo que para irritar a mãe e o tio Clifford. É o tipo de coisa que a Meredith faria. – Suspiro. Beth continua ali parada como que a pairar, tão bonita, tão juvenil. Neste momento, é como se não se tivesse passado tempo algum, como se nada se tivesse alterado. Ela podia ter outra vez doze anos, eu oito, e podia ter entrado para me acordar, para se certificar de que não estou atrasada para o pequeno-almoço.

– Acho que ela o fez para nos castigar – diz em voz baixa, e parece devastada.

– Não, Beth. Nós não fizemos nada de errado – respondo num tom firme.

– Não fizemos? Aquele Verão. Não. Não, suponho que não. – Agora, passa rapidamente os olhos sobre mim, intrigada; e tenho a sensação de que está a tentar ver alguma coisa, alguma verdade a meu respeito. – Boa-noite, Rick – murmura, usando o diminutivo familiar e arrapazado do meu nome, e desaparece da soleira da porta.

Lembro-me de tantas coisas daquele Verão. O último Verão em que tudo esteve certo, o Verão de 1986. Lembro-me que Beth ficou arrasada por os Wham! se irem separar. Lembro-me do calor a criar bolhas de água no meu peito, bolhas que picavam e rebentavam sob as minhas unhas, fazendo-me sentir doente. Lembro-me do coelho morto nos bosques que eu ia ver quase todos os dias, horrorizada e fascinada pelo seu afundar lento ao decompor-se, o modo como parecia respirar, até eu o espetar com um pau para verificar se estava morto e perceber que o movimento era o das contendas ávidas das larvas no seu interior. Lembro-me de ver, na minúscula televisão de Meredith, Sarah Ferguson a casar com o príncipe André no dia 23 de Julho – aquele vestido enorme, a deixar-me doente de inveja.

Lembro-me de inventar uma coreografia para a música «Chain Reaction», um dos sucessos de Diana Ross. Lembro-me de ter roubado uma das estolas de Meredith para o fato, de ter tropeçado nela e a ter pisado: um chuveiro de penas; de a esconder numa gaveta esquecida com o medo no fundo do estômago, demasiado assustada para me confessar. Lembro-me dos jornalistas e agentes da polícia, a olharem-se de lados opostos do portão de ferro de Storton Manor. Os polícias cruzavam os braços, pareciam aborrecidos e acalorados nos seus uniformes. Os jornalistas andavam para ali a vaguear e remexiam nos seus equipamentos, falavam para as câmaras, para gravadores, esperavam e esperavam por notícias. Lembro-me dos olhos de Beth a fixarem-me enquanto um dos agentes falava comigo acerca de Henry, e me perguntava onde estivéramos a brincar, o que estivéramos a fazer. O seu hálito cheirava a reбуçados de hortelã-pimenta, açúcar que se tornara amargo. Acho que lhe respondi, e que depois me senti maldisposta; e os olhos que Beth pousou sobre mim estavam cansados e enormes.

Apesar destes pensamentos, acabo por adormecer com facilidade, depois de ter ultrapassado o toque frio dos lençóis, a escuridão desconhecida do quarto. E ali está o cheiro, não completamente desagradável, mas invasor. O modo como as casas de outras pessoas cheiram aos seus ocupantes – a mistura dos seus sabonetes, dos seus desodorizantes e do seu cabelo, quando precisa de ser lavado; o seu perfume, pele; a comida que cozinham. Apesar de ser Inverno, este cheiro paira em todas as divisões, evocativo e perturbador. Acordo uma vez; penso ouvir Beth a andar pela casa. E depois sonho com o lago de orvalho, que estou a nadar nele e a tentar mergulhar até ao fundo, que preciso de ir buscar qualquer coisa no fundo mas não sou capaz de lá chegar. O choque frio da água, a pressão nos meus pulmões, o medo terrível daquilo que os meus dedos irão encontrar no seu leito.

PARTIR

1902

*V*ou manter-me inabalável, pensou Caroline com determinação, ao observar dissimuladamente a tia Bathilda por entre as pestanas baixas. A mulher mais velha limpou o prato com uma eficácia metódica antes de voltar a falar.

– Receio que estejas a cometer um grande erro, minha querida. – Mas havia um brilho nos olhos da tia, que não parecia mostrar qualquer receio. De facto, parecia mais moralista, mais satisfeita consigo mesma como se, e apesar de todos os protestos em contrário, se sentisse vitoriosa. Caroline olhou para o prato, onde a gordura se erguera do molho formando uma crosta pouco apetitosa.

– Já mo tinha dito, tia Bathilda. – Manteve a voz baixa e respeitosa, mas a tia continuou a olhar para ela.

– Tenho de o repetir, criança, porque parece que não me ouviste – disparou Bathilda.

As faces de Caroline aqueceram. Alinhou os talheres para ficarem mais direitos, sentindo o ligeiro peso da prata debaixo dos dedos. Moveu um pouco as costas. Estavam presas numa postura rígida e tortuosa, e doíam-lhe.

– E não te ponhas para aí a mexer – acrescentou Bathilda.

A sala de jantar do La Fiorentina era excessivamente brilhante, fechada atrás de janelas embaciadas devido ao vapor da comida quente e das exalações. Uma luz amarela incidia e reflectia-se nos vidros, jóias e metal polido. O Inverno fora longo e duro, e agora, no momento em que a Primavera parecera prestes a florescer depois de uma irresistível semana de

cânticos de pássaros, crocos e uma neblina verde que assentara sobre as árvores do parque, um longo período de chuva fria abatera-se sobre a cidade de Nova Iorque.

Caroline vislumbrou o seu reflexo em vários espelhos distribuídos pela sala, vendo ampliados todos os seus movimentos. Perturbada por um tal escrutínio, corou ainda mais.

– Eu oiço-a, tia. *Sempre* a ouvi.

– Na minha opinião, ouviste-me no passado porque tinhas de o fazer. Agora, desde que te consideras uma adulta, desrespeitas-me completamente. Na decisão mais importante que algum dia tomarás, neste momento crucial, tu ignoras-me. Bem, sinto-me satisfeita por o meu querido irmão não estar vivo para ver como eu fracassei com a sua única filha. – Bathilda soltou um suspiro de mártir.

– A tia não fracassou – murmurou Caroline, relutante.

Um empregado levantou os pratos vazios, trouxe-lhes vinho branco doce para substituir o tinto e o carrinho das sobremesas. Bathilda bebericou o vinho, os seus lábios deixando uma mancha gordurosa na borda dourada do copo, e de seguida escolheu um *éclair* recheado de creme, cortou um bocado grande e abriu muito a boca para o conseguir comer. A sua barbela empoadada resvalou sobre a gola de renda. Caroline observou-a com desagrado, e sentiu a garganta apertar-se.

– A tia nunca me fez sentir amada – murmurou Caroline, numa voz tão baixa que as palavras se perderam sob o amontoado de vozes e de sons de pessoas a comer, a beber, a engolir. O cheiro a carne assada e a sopa de caril pairava no ar.

– Não murmures, Caroline. – Bathilda acabou o *éclair* e limpou o creme dos cantos da boca. *Não falta muito. Não vai demorar muito mais tempo*, pensou Caroline. A tia era uma fortaleza, pensou, zangada. Balaustradas de maneiras e riqueza à volta de um espaço interior; um espaço que, regra geral, estava cheio de boa comida e xerez. Decerto que não havia ali nenhum coração, nenhum amor, nenhum afecto. Caroline sentiu um lampejo de rebeldia.

– O Mr. Massey é um bom homem, a sua família é respeitável... – começou a dizer, adoptando um tom razoável e calmo.

– A moral do homem é irrelevante. O Corin Massey vai fazer de ti uma vulgar burra de carga. Não te irá fazer feliz – interrompeu-a Bathilda. – Como o poderia fazer? Ele está *abaixo* de ti. Está muito abaixo de ti, em fortuna e modos... em todas as facetas da vida.

– A tia mal o conhece! – exclamou Caroline. Bathilda lançou-lhe um olhar reprovador.

– Devo recordar-te que tu também *mal o conheces*? Podes ter dezoito anos agora, podes ser independente da minha pessoa, mas não conquistei nenhum respeito ao criar-te? Ao tratar de ti e ensinar-te...

– A tia tratou de mim com o dinheiro que os meus pais me deixaram. Cumpriu a sua obrigação – disse Caroline, um pouco amarga.

– Não me interrompas, Caroline. O nosso nome é um bom nome, e ter-te-ia deixado bem vista aqui em Nova Iorque. E, no entanto, tu decides casar com um... *agricultor*. E queres mudar-te para longe de tudo e todos que conheces, para viveres no meio do nada. De facto, fracassei, isso é mais do que óbvio. Não consegui inculcar em ti respeito, bom senso e decoro, apesar de todos os meus esforços.

– Mas eu não *conheço* aqui ninguém, tia. Na verdade, não conheço. Só a conheço a si – disse Caroline, com tristeza. – E o Corin não é agricultor. É criador de gado, e um criador muito bem-sucedido. O seu negócio...

– O seu *negócio*? O seu *negócio* devia ter-se mantido naquela vastidão selvagem e não ter vindo até aqui, para se lançar sobre jovens impressionáveis.

– Tenho dinheiro suficiente. – Caroline espetou o queixo, desafiadora. – Não seremos pobres.

– Não, ainda não o tens. Só daqui a dois anos. Veremos se gostas de viver com os rendimentos de um agricultor até essa altura. E veremos durante quanto tempo a tua fortuna dura, assim que ele puser as mãos nela e descobrir o caminho até às mesas de jogo!

– Não diga essas coisas. Ele é um bom homem. Ama-me e... e eu amo-o – declarou Caroline, categoricamente. Ele amava-a. Deixou que aquele pensamento a preenchesse, e não conseguiu evitar um sorriso.

Quando Corin fizera o pedido a Caroline, dissera que a amara desde a primeira vez que se tinham visto, o que acontecera num baile no mês anterior – o baile dos Montgomery para assinalar o início da Quaresma. Desde que debutara que Caroline invejava o divertimento que as outras raparigas pareciam sentir com tais eventos. Dançavam e riam, e conversavam com à vontade. Caroline, quando se via forçada a entrar numa sala com Bathilda, encontrava-se sempre em desvantagem, sempre com medo de falar, não fosse dar-se o caso de a tia a corrigir ou a repreender. Corin alterara tudo isso.

Caroline escolheu o seu vestido de seda bege e as esmeraldas da mãe para o baile dos Montgomery. O colar era frio e pesado à volta do seu pescoço. Cobria uma parte reduzida do decote com um brilho dourado e um cintilar profundo, que se reflectia ligeiramente nos seus olhos cinzentos.

– Parece uma imperatriz, menina – disse Sara com agrado, ao escovar o cabelo loiro de Caroline, apanhado num puxo alto no cocuruto da cabeça. Pousou um pé num banquinho para lhe puxar as fitas do espartilho. A cintura de Caroline era fonte de inveja para as outras raparigas e Sara dava-se a grandes trabalhos para a apertar o máximo possível. – Nenhum homem da sala será capaz de lhe resistir.

– Achas que sim? – perguntou Caroline, sem fôlego. Sara, com o seu cabelo escuro e sorriso pronto, era a coisa mais próxima que Caroline tinha de uma verdadeira amiga. – No entanto, receio que sejam capazes de resistir à minha tia. – Suspirou. Bathilda assustara mais do que um pretendente cauteloso; jovens que ela considerava indignos.

– A sua tia tem grandes esperanças para si, menina, apenas isso. Claro que ela se preocupa muito com quem a menina vai casar – acalmou-a Sara.

– A este ritmo, acabarei por não casar com ninguém, e ficarei para sempre aqui a ouvir como ela se sente decepcionada comigo!

– Disparate! O homem certo vai aparecer e conquistar a sua tia, se for isso que ele tiver de fazer para ficar consigo. Olhe bem para si, menina! Eu sei que a menina os irá deslumbrar. – Sara sorriu. Caroline captou o olhar de Sara no espelho. Estendeu a mão por cima do ombro e agarrou os dedos da rapariga, apertando-os em busca de conforto. – Pronto. Vai correr tudo bem – garantiu-lhe Sara, dirigindo-se à cómoda para ir buscar *rouge* e pó de arroz.

Caroline, toda ela a jovem recatada, imaculada da sociedade, desceu a escadaria ampla até à incandescência do salão de baile dos Montgomery. No salão reinava a luminosidade das pedras preciosas e das gargalhadas; pairava a fragrância do vinho, o perfume da brilhantina. Mexericos e sorrisos percorriam a divisão; ora amigáveis, ora divertidos e maliciosos. Caroline viu o seu vestido a ser avaliado, a sua tia ridicularizada, as suas jóias admiradas; olhares directos lançados sobre a sua pessoa, e comentários proferidos em voz baixa por detrás de dedos delicados e boquilhas de tartaruga. Falou pouco, apenas o suficiente para ser educada, e, pelo menos, aquilo era algo que a tia sempre aprovara. Sorriu e aplaudiu com os outros quando Harold Montgomery deu início à festa, ao despejar uma cascata de champanhe sobre uma pirâmide de taças. Aquilo salpicava e entornava-se sempre, e molhava os pés das taças, que por sua vez manchavam as luvas das senhoras.

O salão estava abafado e quente. Caroline manteve-se de pé, muito direita, a bebericar o vinho amargo que lhe deixava a cabeça leve, sentindo a transpiração a acumular-se sob os braços. Chamas ardiam em todas as grelhas e a luz derramava-se das centenas de velas eléctricas dos candelabros, tão brilhante que ela conseguia ver o pigmento vermelho dos lábios de Bathilda a infiltrar-se nas rugas à volta da boca. Mas depois Corin aparecera em frente delas, e ela mal ouvira a apresentação de Charlie Montgomery, porque se deixara cativar pelo olhar directo do recém-chegado, pela sua cordialidade; e, quando corou, Corin também o fez. Ele balbuciou as primeiras palavras que lhe dirigiu, dizendo, «Olá, como está?», como se fossem dois indivíduos que se tivessem conhecido num

jogo de *whist*. Agarrou-lhe a mão na sua luva bordada como se fosse apertá-la, apercebeu-se do seu erro e deixou-a cair abruptamente, o que fez com que esta caísse frouxamente contra a saia. Caroline ainda corou mais, e não se atreveu a olhar para Bathilda, que estava a lançar ao jovem um olhar muito severo.

– Desculpe, menina... Eu, hmm... desculpa-me, por favor? – murmurou ele, inclinando a cabeça na direcção delas e desaparecendo entre a multidão.

– Que jovem tão *extraordinário*! – exclamou Bathilda, mordaz. – Onde *raio* é que o descobriu, Charlie? – O cabelo preto de Charlie Montgomery reluzia tanto devido à brilhantina, que a luz faiscou quando virou a cabeça.

– Oh, não ligue ao Corin. Ele está apenas um pouco desabituaado de tudo isto. É um primo distante. A sua família vive aqui em Nova Iorque, mas há anos que ele reside no Oeste, no território do Oklahoma. Está cá para o funeral do pai – disse Charlie.

– Que extraordinário – repetiu Bathilda. – Nunca pensei que alguém tivesse de *praticar* os seus modos. – Ao ouvir aquilo, Charlie sorriu ligeiramente. Caroline olhou para a tia e percebeu que Bathilda não fazia a mínima ideia do quanto antipatizavam com ela.

– O que é que aconteceu ao pai dele? – perguntou a Charlie, surpreendendo-se.

– Encontrava-se num daqueles comboios que chocaram o mês passado, no túnel de Park Avenue. Foi uma verdadeira desgraça – disse Charlie, fazendo um esgar. – Diz-se agora que houve dezassete mortos, e quase quarenta feridos.

– Que horror! – exclamou Caroline. Charlie assentiu.

– Os comboios deviam ser eléctricos. Deviam automatizar os sinais e tentar evitar que maquinistas sonolentos causassem tais tragédias – declarou ele.

– Mas como é que um sinal pode funcionar sem ninguém a accioná-lo? – perguntou Caroline, mas Bathilda soltou um ligeiro suspiro, como se estivesse entediada, por isso Charlie Montgomery pediu licença e afastou-se.

Caroline esquadrinhou a multidão à procura do desconhecido de cabelo acobreado, e deu por si a sentir pena dele – pelo seu luto, e pelo modo desajeitado como lhe pegara na mão perante o olhar fixo e implacável de Bathilda. A enorme dor de perder um familiar próximo era algo que ela conseguia compreender. Bebericou, distraída, o vinho, que entretanto aquecera na sua mão, e o líquido arranhou-lhe a garganta. Sentiu as esmeraldas a pressionarem-se contra o peito, sentiu o tecido fino do vestido contra as coxas, como se de repente a sua pele ansiasse que lhe tocassem. Quando, passado um instante, Corin apareceu ao seu lado e a convidou para dançar, ela aceitou sem proferir palavra, com um aceno espantado, o seu coração demasiado alto na garganta para conseguir falar. Bathilda olhou para ele, mas Corin nem sequer ergueu os olhos para ela, o que a fez exclamar:

– *Francamente!*

Dançaram uma valsa lenta e Caroline, que se perguntara porque é que Corin escolhera uma dança tão vagarosa e a uma hora tão tardia do serão, percebeu o motivo pelos seus passos incertos e pelo modo hesitante como ele a segurava. Sorriu-lhe um pouco insegura, e a princípio não falaram. Depois ele disse:

– Tem de me desculpar, Miss Fitzpatrick. Por aquilo que aconteceu anteriormente, e por... Receio não ser um grande dançarino. Já se passou algum tempo desde que tive a possibilidade de estar presente num evento destes, ou de dançar com alguém tão... hmm... – Hesitou, e ela sorriu, baixando os olhos como lhe fora ensinado. Mas não conseguiu desviar os olhos durante muito tempo. Sentia o calor da mão dele no fundo das costas, como se não houvesse absolutamente nada entre a pele de ambos. De repente, sentiu-se nua; extremamente desconcertada, mas também emocionada. O rosto dele estava muitíssimo bronzeado, e o sol demorara-se nos pêlos das suas sobrancelhas e bigode, tingindo-os de uma cor quente. Ele tinha o cabelo penteado mas sem brilhantina, e um caracol transviado caía-lhe sobre a testa; Caroline quase estendeu a mão para o afastar. Corin

observava-a com olhos castanho-claros, e ela pensou ver ali uma espécie de felicidade espantada.

Quando a música terminou e ele lhe pegou na mão para a levar para fora do salão, a luva de Caroline apertou-se contra a pele endurecida da sua palma. Num impulso, virou a mão dele na sua e observou-a, pressionando o polegar sobre a zona calosa na raiz de cada dedo, comparando a largura da mão dele com a sua. Apertada na dele, a mão de Caroline parecia-se com a de uma criança, e ela respirou fundo e afastou os lábios para o dizer, antes de se aperceber de como aquilo seria inadequado. Sentia-se na verdade infantil, e reparou que ele estava a respirar profundamente.

– Sente-se bem, Mr. Massey? – perguntou.

– Sim... Estou óptimo, muito obrigado. Isto aqui é um pouco abafado, não é?

– Venha até à janela, vai ver que o ar é mais fresco – disse ela, pegando-lhe no braço para o conduzir por entre a multidão. O ar estava na verdade sufocante, pesado de suor e respirações, denso de fumo, música e vozes.

– Obrigado – disse Corin. As janelas altas estavam fechadas contra o frio intenso da noite de Fevereiro, mas apesar disso esse frio irradiava do vidro, criando uma zona de frescura onde os demasiado cansados podiam encontrar alívio. – Não estou habituado a ver tanta gente, e em simultâneo, debaixo do mesmo tecto. É engraçado, o quão rápida e completamente nos desabituamos destas coisas. – Encolheu um ombro, num gesto demasiado informal para o seu casaco de cerimónia.

– Eu nunca saí de Nova Iorque – disse Caroline. – Isto é, apenas saí para a casa de Verão da minha família, na costa... Quer dizer... – Mas não tinha a certeza do que queria dizer. Que ele lhe parecia estrangeiro, quase uma figura mítica, por se ter afastado tanto da civilização, por ter escolhido viver numa terra selvagem.

– Não gostaria de viajar, Miss Fitzpatrick? – perguntou Corin, e Caroline começou a compreender que algo se iniciara entre eles. Alguma espécie de negociação; uma sondagem.

– Aí estás tu, minha querida. – Bathilda lançou-se sobre eles. Parecia que conseguira detectar esse tipo de negociação à distância. – Vem comigo, quero apresentar-te a Lady Clemence. – Caroline não teve outra escolha senão ser levada, mas olhou por cima do ombro e ergueu a mão numa pequena saudação.

– Não sejas ridícula, rapariga! – Bathilda interrompeu-lhe os pensamentos e fê-la regressar ao presente, e à mesa de almoço no La Fiorentina. – Estás a portar-te como uma colegial apaixonada! Eu também li o *romance* de Mr. Wister, e é óbvio que o livro te encheu a cabeça de ideias românticas. Não vejo nenhum outro motivo para decidires casar com um *cowboy*. Mas irás aprender que *O Maioral* é uma obra de *ficção* e tem pouca relação com a realidade. Não leste também acerca dos perigos, do vazio e das dificuldades das terras de fronteira?

– As coisas já não são assim. O Corin contou-me tudo a esse respeito. Ele disse-me que a terra é tão bela que se consegue ver a mão de Deus em cada folhinha de relva... – Ao ouvir aquilo, Bathilda emitiu um ruído pouco elegante de desdém. – E o próprio Mr. Wister reconhece que a época selvagem que descreveu já não existe. O Corin diz que Woodward é uma povoação florescente...

– Woodward? Quem já ouviu falar de *Woodward*? Em que estado é que fica?

– Eu... não sei – confessou Caroline, comprimindo os lábios, ressentida.

– Não fica em estado nenhum, é por isso que não sabes. Em nenhum estado da União. É território inexplorado, cheio de selvagens e homens grosseiros de todos os géneros. Ora, ouvi dizer que nem se podem encontrar senhoras a oeste de Dodge City, apenas *mulheres* do pior tipo. Nenhuma senhora! Consegues imaginar como esse lugar deve ser *ímpio*? – O peito de Bathilda inchou no interior do seu vestido cor de vinho. Um rubor manchou-lhe todo o rosto até à raiz dos cabelos, onde o cabelo cor de aço estava apanhado num carrapito folgado. Incrédula, Caroline percebeu que ela se sentia emocionada. Bathilda estava mesmo *emocionada*.

– Claro que há senhoras! Tenho a certeza de que tais histórias são um exagero – disse Caroline.

– Não vejo como podes ter tantas certezas, quando não sabes nada. Como é que podes saber alguma coisa, Caroline? Não passas de uma criança! Ele diria qualquer coisa para conseguir uma mulher tão boa e rica. E tu acreditas em todas as suas palavras! Vais deixar a tua casa e a tua família, e todas as perspectivas que tens aqui. Vais viver onde não terás um nome, nem sociedade e nenhum conforto.

– Eu terei conforto – insistiu Caroline.

Uma semana depois do baile, Corin levava Caroline ao lago de patinagem de Central Park, na companhia de Charlie Montgomery e da sua irmã Diana que, tacitamente, os deixaram sozinhos. Estava-se em finais de Fevereiro e o céu tinha uma estranha tonalidade branco amarelada; os flocos de neve que caíam do céu em espirais pareciam, a princípio, escuros, e depois voltavam a clarear contra as árvores nuas antes de chegarem ao chão.

– Quando era rapaz, sentia-me sempre meio receoso de patinar aqui. Estava sempre à espera de cair pelo gelo adentro. – Corin sorriu, dando passos pequenos e cautelosos, e mais parecia caminhar do que patinar.

– Não precisava de se ter preocupado, Mr. Massey. Eles drenam a maior parte da água no princípio do Inverno, para ter a certeza de que o lago fica completamente gelado. – Caroline também sorriu. O frio era cortante. Avermelhava-lhes as faces, e fazia com que a respiração de ambos pendesse em nuvens brancas à sua volta. Caroline enfiou as mãos enluvadas nos bolsos do casaco e patinou num círculo largo e suave à volta de Corin.

– É muito boa, Miss Fitzpatrick. Muito melhor do que eu!

– A minha mãe trazia-me aqui muitas vezes. Quando eu era pequena. No entanto, já há algum tempo que não patino. Bathilda não se interessa por isso.

– Onde está agora a sua mãe? – perguntou Corin, esboçando círculos desajeitados com os braços para manter o equilíbrio. A neve amontoara-se nas abas do seu chapéu, dando-lhe uma aparência festiva.

– Os meus pais morreram. Há oito anos – disse Caroline, patinando até se deter em frente de Corin, que também se imobilizou. – Uma noite, quando eles se dirigiam para casa, houve uma explosão numa fábrica. Um muro ruiu e... a carruagem deles ficou presa debaixo das pedras – explicou, em voz baixa. Corin estendeu as mãos como que para a agarrar, mas depois voltou a deixá-las cair.

– Que infortúnio trágico. Lamento – disse.

– Charlie contou-me do seu pai, e também lamento – respondeu Caroline, perguntando-se se, tal como ela, Corin também teria reparado nas semelhanças, no modo claustrofóbico, de pesadelo, como ambos haviam perdido membros da família. Baixou os olhos para os patins. No seu interior, os dedos dos pés começavam a ficar dormentes. – Vamos, Mr. Massey. Vamos avançar antes que o gelo se parta! – sugeriu, estendendo-lhe a mão. Ele pegou nela, a sorrir, depois fez uma careta enquanto Caroline o rebocava, a cambalear, com uma criança.

Beberam chocolate quente no pavilhão, assim que o gelo ficou tão cheio de patinadores que tornou quase impossível um progresso firme. Da sua mesa junto da janela, viram rapazinhos a correrem temerariamente por entre os adultos. Caroline apercebeu-se que não estivera a sentir o tempo de Inverno, como era habitual. Talvez o facto de estar perto de Corin fosse suficiente para a aquecer – parecia fazer com que o seu sangue corresse mais depressa do que nunca.

– Tem os olhos mais extraordinários que já vi, Miss Fitzpatrick – disse-lhe Corin, sorrindo timidamente. – Brilham como dólares de prata em contraste com a neve do exterior! – exclamou.

Caroline não soube como lhe responder. Não estava habituada a elogios e portanto baixou os olhos para a chávena, envergonhada.

– A Bathilda diz que tenho olhos frios. Lamenta que eu não tenha herdado a tonalidade azul dos do meu pai – disse, mexendo lentamente o chocolate.

Mas Corin estendeu um dedo e levantou-lhe o queixo, e ela sentiu o seu toque como uma descarga eléctrica.

– A sua tia está completamente errada – declarou ele.

O pedido de Corin aconteceu umas breves três semanas depois, quando o gelo começara a derreter nos parques e o céu esbranquiçado adquirira uma tonalidade mais profunda. Ele foi visitá-la numa terça à tarde, sabendo que a iria encontrar sozinha, já que era hábito da sua tia jogar *bridge* com Lady Atwell naquele dia da semana. Enquanto Sara o conduzia à sala, a cor espalhou-se pelo rosto de Caroline e a sua garganta ficou seca, e quando se levantou para o cumprimentar as suas pernas estavam fracas e pouco cooperantes. Uma poderosa mistura de alegria e terror pareciam deixá-la descontrolada sempre que o via, e aquela sensação tornava-se cada vez mais forte. As palavras desapareceram da mente de Caroline e, ao fechar a porta, Sara lançou-lhe um sorriso tenso e entusiasmado.

– Que amabilidade da sua parte, ter-me vindo visitar – conseguiu Caroline dizer, a voz a tremer-lhe como as mãos. – Presumo que esteja bem?

Em vez de responder, Corin revirou o chapéu entre os dedos, começou a falar, mas titubeou, enfiou um dedo no colarinho e puxou-o para baixo, como se o fosse abrir. Caroline apertou as mãos para as imobilizar, observando-o estupefacta.

– Não se quer... não se quer sentar? – acabou por dizer. Corin olhou para ela e, por fim, pareceu encontrar alguma determinação.

– Não, não me quero sentar – declarou, espantando Caroline com a sua rouquidão. Olharam um para o outro durante um longo momento, como se num impasse, depois Corin atravessou a sala em duas passadas longas, apertou o rosto de Caroline entre as mãos e beijou-a. A pressão da sua boca foi tão chocante que Caroline não fez qualquer gesto para o travar, ou para se afastar, como sabia que devia fazer. Sentiu-se abalada pela suavidade inesperada e pelo calor dos seus lábios. Não conseguia respirar e o atordoamento confundiu-a ao mesmo tempo que começava a sentir no estômago um latejar quente e peculiar.

– Mr... Mr. Massey... – gaguejou quando ele a afastou, ainda a segurar-lhe o rosto entre as mãos e a estudá-la com uma urgência silenciosa.

– Caroline... venha comigo. Case comigo – disse ele. Caroline mal conseguiu encontrar as palavras para lhe responder.

– Então... ama-me? – perguntou, por fim. A sua pulsação disparou enquanto esperava pela resposta dele, pelas palavras que ansiava ouvir.

– Não o sabe? Não o consegue perceber? – perguntou Corin, incrédulo. – Amo-a desde que a conheci. Desde o primeiro momento – murmurou. Caroline fechou os olhos, dominada pelo alívio. – Está a sorrir – disse ele, passando um dedo pela face dela. – Isso significa que casa comigo, ou que está a rir-se de mim? – Sorriu, ansioso, e Caroline apertou a mão dele na sua, pressionando-a contra o rosto.

– Significa que caso consigo, Mr. Massey. Significa que... Que a única coisa que quero é casar consigo – declarou.

– Eu fá-la-ei tão feliz – prometeu ele, e voltou a beijá-la.

Bathilda recusou-se a anunciar o noivado entre a sobrinha e Corin Massey. Recusou-se a ajudá-la a fazer o enxoval, a comprar a roupa com que ela iria viajar, ou a arrumar as suas arcas de couro para a viagem. Em vez disso, observou a sobrinha a dobrar impecavelmente saias novas, com folhos e confeccionadas à medida, e camiseiros bordados.

– Presumo que te consideras emancipada, para agires de um modo tão desastroso. A verdadeira personificação do ideal feminino – comentou. Caroline não respondeu, apesar da observação a ter atingido por se encontrar tão perto da verdade. Enrolou as suas jóias num estojo de veludo azul, e enfiou-o dentro do seu *nécessaire*. Mais tarde, procurou Bathilda na sua casa espaçosa em Gramercy Park e encontrou-a sentada sob um raio de sol primaveril tão espantosamente brilhante que tirara anos à mulher. Caroline voltou a pedir-lhe que ela anunciasse o seu noivado. Queria que aquilo fosse feito oficial e adequadamente, como deveria ser; mas o seu pedido caiu em ouvidos moucos.

– Não merece ser celebrado – disparou Bathilda. – Sinto-me satisfeita por não estar aqui para responder a perguntas a esse respeito. Vou regressar a Londres, para casa de uma prima do meu querido e falecido marido, uma senhora pela qual sempre senti um grande afecto e consideração. Agora já não há nada que me prenda a Nova Iorque.

– Vai regressar a Londres? Mas... quando? – perguntou Caroline, num tom de voz mais fraco. Apercebeu-se, com uma certa infelicidade, que, apesar do fosso entre ambas, a tia Bathilda representava a sua única família, o seu único lar.

– No próximo mês, quando o tempo estiver mais clemente.

– Estou a perceber – disse Caroline. Uniu as mãos à sua frente, entrelaçou os dedos com força e comprimiu-os nervosamente. Bathilda levantou os olhos do livro que estava ostensivamente a ler, o seu olhar endurecido, quase agressivo. – Então, presumo que a partir de agora não nos voltemos a ver com muita frequência – murmurou Caroline.

– De facto, é o que irá acontecer, minha querida. Mas isso também teria acontecido mesmo que eu ficasse em Nova Iorque. Vais ficar muito para lá da distância a que eu poderia ter viajado com algum conforto. Vou dar-te a minha morada de Londres, e claro que tens de me escrever. Também me atrevo a dizer que vais arranjar companhia no rancho. Estou certa de que haverá outras mulheres nos ranchos vizinhos – disse, a sorrir vagamente enquanto regressava ao seu livro.

A gola de renda de Caroline pareceu sufocá-la. Sentiu um arrepio de medo, e não soube se havia de correr para Bathilda ou fugir dela.

– Nunca me mostrou amor – sussurrou, com uma voz tensa e receosa. – Não sei porque é que fica tão surpreendida por eu correr atrás dele, quando me é oferecido. – E saiu da sala, antes que Bathilda pudesse troçar daquele sentimento.

E assim Caroline casou sem ninguém que a entregasse no altar, e sem família a representá-la. Escolheu um vestido diáfano de musselina branca, com um cabeção largo de folhos de renda a atravessar-lhe o peito, e franzidos no pescoço e punhos. Tinha o cabelo apanhado no alto da cabeça, preso por travessões de marfim, e os brincos de pérola com a forma de gotas eram as suas únicas jóias. Não usava maquilhagem e a sua pele, ao lançar um último olhar ao espelho, estava um pouco pálida. Embora o tempo não estivesse quente, levava o leque de seda da mãe suspenso do pulso, e tocava-lhe nervosamente enquanto se dirigia à pequena igreja no

Upper East Side, perto do lugar onde Corin vivera enquanto rapaz. Sara, a criada, estava sentada sozinha do lado da noiva; e, ao entrar no edifício, Caroline desejou ver ali os pais. Corin usava um fato e gravata emprestados, o cabelo bem penteado para trás e as faces barbeadas, a pele macia e ligeiramente inflamada. Remexia no colarinho quando ela começou a avançar ao longo da nave, mas depois deparou-se com o olhar ansioso de Caroline e, sorrindo, imobilizou-se como se nada mais interessasse. A mãe de Corin e os seus dois irmãos mais velhos estavam presentes, com expressões solenes, enquanto o casal proferia os seus votos perante o sacerdote. Mrs. Massey ainda usava o seu vestido de luto, e apesar de cumprimentar afectuosamente a sua nova nora, a sua dor era demasiado recente para se sentir verdadeiramente feliz. Era outro dia de chuva, e a igreja estava silenciosa e escura, cheirando a pó de tijolo húmido e a cera. Caroline não se importava. O seu mundo contraíra-se de modo a incluir apenas o homem que se encontrava à sua frente, o homem que lhe pegava na mão, o homem que olhava para ela de um modo tão possessivo e que falava com tanta convicção enquanto proferia os seus votos. De mãos dadas perante Deus, Caroline sentiu uma elação tão intensa que não a conseguiu conter e esse sentimento transbordou numa tempestade de lágrimas felizes, que Corin travou com a ponta dos dedos e afastou com um beijo. Com ele, iria por fim iniciar a sua verdadeira vida.

Mas, para decepção da sua nova mulher, Corin fez as malas e preparou-se para partir de Nova Iorque no dia seguinte.

– Passaremos a noite de núpcias na *nossa* casa, na casa que construí para nós; não aqui, num lugar que ainda chora o meu pai. Vim para um funeral, e não estava à espera de encontrar mulher. – Sorriu e beijou-lhe as mãos. – Tenho de tratar de algumas coisas, ter a casa preparada para a tua chegada. Quero que seja perfeito.

– Será perfeito, Corin – garantiu ela, ainda não habituada a dirigir-se a um homem apenas pelo primeiro nome. Os beijos dele queimavam-lhe a pele, faziam com que fosse difícil respirar. – Por favor, deixa-me ir contigo.

– Dá-me um mês, apenas isso, minha amada. Segue-me daqui a quatro semanas, e eu terei tudo pronto. Terás tempo de te despedir de todos os teus amigos, e eu terei tempo de me gabar a todos os meus que me casei com a rapariga mais bonita de toda a América – disse ele. E assim Caroline concordou, apesar de a partida dele se assemelhar a um céu que se ensombrouva.

Visitou algumas das suas antigas colegas de escola para se despedir, mas de um modo geral ou as encontrava ocupadas ou ausentes de casa. Por fim, compreendeu que era *persona non grata*, e assim passou aquelas quatro semanas sem sair, a sofrer o silêncio desconfortável entre ela e a tia, a fazer e a desfazer a sua bagagem, a escrever carta atrás de carta a Corin, e a olhar pela janela para uma paisagem agora dominada pelo recém-construído Fuller Building – uma monstruosidade em forma de cunha, que se erguia a quase noventa metros de altura. Caroline nunca imaginara que o Homem conseguisse construir edifícios tão altos. Olhava para ele, sentia-se diminuída, e as primeiras dúvidas surgiram-lhe na mente. Com a ausência de Corin, quase parecia que ele nunca ali estivera, que ela sonhara tudo o que acontecera. Virou a aliança no dedo e franziu a testa, esforçando-se por afastar tais pensamentos. Mas o que é que poderia ser tão terrível para ele não a levar de imediato? O que teria ele a esconder – arrependimento pelo modo apressado como casara com ela? Sara apercebeu-se da sua perturbação.

– Já não falta muito, menina – disse ela, quando lhe levou um chá.

– Sara... podes ficar aqui por um momento?

– Claro, menina.

– Achas... achas que vai correr tudo bem? No território do Oklahoma? – perguntou Caroline, em voz baixa.

– Claro que sim, menina! Isto é... não o sei com toda a certeza, já que nunca lá estive. Mas... O Mr. Massey vai tomar bem conta de si, quanto a isso estou certa. Tenho a certeza de que ele não a levaria para um lugar onde a menina não quisesse ir – tranquilizou-a Sara.

– A Bathilda disse que vou ter de trabalhar. Isto é, até entrar na posse do meu dinheiro... serei a mulher de um agricultor – disse ela.

– E será, menina, mas não se poderá dizer que seja de um tipo vulgar.

– O trabalho é muito difícil? Tratar de uma casa, e essas coisas? Tu fazes tudo tão bem, Sara... É muito difícil? – perguntou tentando não mostrar a sua ansiedade. Sara olhou para ela com um misto de espanto, pena e ressentimento.

– Pode ser bastante duro, menina – respondeu, um tanto brusca. – Mas será a senhora da casa! Será livre para fazer as coisas que lhe apetecer, e tenho a certeza de que terá ajuda. Oh, não se preocupe, menina! Poderá demorar algum tempo a habituar-se a um género de vida muito diferente daquele que tem tido até agora, mas será feliz, estou certa disso.

– Sim. Serei, não serei? – Caroline sorriu.

– O Mr. Massey *ama-a*. E a menina ama-o a ele, como poderia não ser feliz?

– Eu amo-o – disse Caroline. Respirou fundo e apertou a mão de Sara. – Amo-o mesmo.

– E eu estou *tão* feliz pela menina – disse Sara, a voz a embargar-se-lhe, lágrimas a subirem-lhe aos olhos.

– Oh, por favor, não, Sara! Quem me dera que viesses comigo! – chorou Caroline.

– Quem me dera também, menina – disse Sara em voz baixa, limpando os olhos com a ponta do avental.

Quando a carta de Corin por fim chegou, com palavras de amor e encorajamento, incitando-a a ser paciente durante mais algum tempo, Caroline leu-a e releu-a vinte vezes por dia, até saber as palavras de cor e sentir-se encorajada por elas. No final das quatro semanas, beijou o rosto corado de Bathilda e tentou encontrar alguma expressão de arrependimento na atitude da tia. Mas apenas Sara a acompanhou à estação, a soluçar, inconsolável, ao lado da sua jovem senhora enquanto os cavalos baios trotavam, elegantes, ao longo de ruas e avenidas atarefadas.

– Não sei como serão as coisas sem a menina. Não sei se irei gostar de Londres! – exclamou a rapariga.

Caroline pegou-lhe na mão, entrelaçando firmemente os dedos nos dela, demasiado emocionada para conseguir falar. Apenas quando confrontada com a locomotiva, que cuspiam vapor e fuligem com grande vigor e lhe enchia o nariz com o cheiro de ferro quente e brasas, é que sentiu ter encontrado outra coisa no mundo tão satisfeita quanto ela por fazer a viagem. Fechou os olhos à medida que o comboio avançava e, com a sua baforada ruidosa e solene de vapor, a sua antiga vida terminou e iniciou-se uma nova.

2

O meu tio Clifford, o irmão da minha mãe, e Mary, a sua mulher, querem o antigo roupeiro onde se guardava a roupa de cama que se encontra no quarto das crianças, a mesa Queen Anne redonda da saleta e uma colecção de miniaturas que vivem num expositor de vidro no fundo das escadas. Não tenho bem a certeza se foi isso que Meredith quis dizer ao referir que os filhos podiam ficar com uma *recordação*, mas na verdade não me importo. Atrevo-me a dizer que no final da semana mais algumas coisas terão encontrado o seu caminho até à carrinha de Clifford, e se Meredith se sentiria ultrajada com isso, eu não me sinto. É uma casa grandiosa, mas não é Chatsworth¹. Não há peças de museu, à excepção talvez de alguns quadros. Apenas uma casa grande e antiga, cheia de coisas grandes e antigas; talvez valiosas, mas não amadas. A minha mãe apenas pediu quaisquer fotografias de família que eu consiga encontrar. Amo-a pela sua decência, e pelo seu coração.

Espero que Clifford traga homens suficientes. O roupeiro é enorme. Ergue-se encostado à parede mais afastada do quarto das crianças: hectares de mogno francês com minaretes e cornijas, um templo reduzido à escala para goma e bolas de naftalina. Atrás dele, encontra-se um escadote de degraus de madeira, e estes rangem e oscilam por baixo de mim. Puxo pilhas rígidas e robustas de roupa de cama das prateleiras e deixo-as cair no chão. Estão achatadas, pesadas; ao embaterem no soalho, os quadros tremem. O pó abunda e pica-me o nariz, e Beth aparece na soleira da porta, apressando-se a descobrir o caos que estou a causar. A roupa é tanta. Gerações de lençóis, suficientemente gastos para serem substituídos, mas não o suficiente para serem deitados fora. Podem ter-se passado décadas desde que algumas destas pilhas foram perturbadas. Lembro-me da

governanta de Meredith a subir as escadas ofegante, os braços carregados; as faces vermelhas estaladas, e as mãos grandes e feias.

Assim que esvazio o roupeiro, não sei bem o que fazer com todas aquelas pilhas de lençóis. Presumo que os possa mandar para uma instituição de caridade. Mas não estou preparada para o trabalho de os meter a todos em sacos, levá-los escadas abaixo até ao carro, e transportá-los aos poucos até Devizes. Volto a empilhá-los contra a parede, e ao fazê-lo os meus olhos fixam-se num padrão, um laivo de cor entre todo aquele branco. Flores amarelas. Três fronhas com flores amarelas, caules verdes, bordados em cada canto com fio de seda que ainda capta a luz. Passo o polegar sobre o bordado bem feito, sinto como anos de uso conferiram ao tecido uma suavidade frágil. Há algo no fundo da minha mente, algo que sei que reconheço mas que não consigo recordar. Já os terei visto antes? As flores têm uma aparência irregular, selvagem. Não lhes consigo dar um nome. E são só três. Quatro fronhas para cada conjunto, excepto aquele. Volto a deixá-las cair na pilha, coloco mais lençóis por cima. Sinto que tenho a testa franzida e, conscientemente, volto a desenrugá-la.

Clifford e Mary são os pais de Henry. Eram os pais de Henry. Estavam em Saint Tropez quando ele desapareceu; um facto acerca do qual a imprensa, injustamente, fez um grande alarido. Como se o tivessem deixado com desconhecidos, como se o tivessem deixado sozinho em casa. Os nossos pais também o faziam. Era frequente ficarmos aqui durante todas as nossas férias escolares e, na maior parte dos anos, durante duas ou até três semanas, os nossos pais partiam sem nós. Para Itália, para longos passeios; para as Caraíbas, a velejar. Eu adorava quando eles partiam, mas também o temia. Adorava porque Meredith nunca se mantinha muito atenta a nós, nunca saía à nossa procura quando passávamos horas fora de casa. Sentíamo-nos livres, precipitávamo-nos de um lado para o outro como diabretes. Mas também o temia porque, dentro de casa, Meredith era a única responsável por nós. Tínhamos de estar com ela. Jantar com ela, responder às suas perguntas, pensar em mentiras. Nunca me ocorreu que não gostava dela, ou que ela fosse desagradável. Era demasiado nova para pensar dessa

maneira. Mas quando a minha mãe voltava, eu voava para os seus braços, agarrava-me às suas saias, de mãos transpiradas.

Beth mantinha-me ainda mais perto quando os nossos pais não estavam. Se andava à minha frente, era com uma mão ligeiramente estendida para trás, dedos afastados, sempre à espera que eu os agarrasse. E se eu não o fizesse ela parava, olhava por cima do ombro, certificava-se de que eu a estava a seguir. Houve um ano em que Dinny lhe construiu uma casa numa faia alta, do lado mais afastado do bosque. Já há alguns dias que mal o víamos, e ele proibira-nos de o espiar. O tempo estivera muito instável, o vento a fazer ondular a superfície do lago de orvalho, demasiado frio para nadar. Brincávamos num dos quartos, vestíamos roupas antigas; construíamos castelos com vasos vazios, na estufa; fazíamos uma caverna no centro oco e redondo do topiário de teixo, no relvado superior. Depois o sol voltou a aparecer e vimos Dinny a acenar-nos do canto do jardim, e Beth sorriu-me, os olhos iluminados.

– Está pronta – disse ele quando nos aproximámos.

– O que é que está pronto? – exige saber. – Vá lá... Diz-nos!

– Uma surpresa – foi tudo que nos disse, sorrindo timidamente a Beth. Seguimo-lo por entre as árvores, e eu estava a contar-lhe da caverna no topiário quando a vi e me calei. Uma das faias maiores, com um tronco macio e prateado, e uma casca que se enrugava no lugar onde os ramos divergiam, como a curva de um cotovelo ou a parte detrás de um joelho. Eu já vira Dinny a trepá-la, com saltos experientes, para se sentar entre as folhas verde-claras muito acima de mim. Agora, no alto onde a árvore se começava a estender, Dinny construía uma plataforma larga de tábuas robustas. As paredes eram feitas de antigas sacas de fertilizante, azul vivo, pregadas a uma estrutura de madeira, e estas enfunavam-se para dentro e para fora como velas de barcos. O caminho ascendente até àquela fortaleza era marcado por laçadas de corda aos nós e pedaços de madeira, pregados à árvore de modo a formar uma escada irregular. No silêncio expectante, ouvi o murmurar sedutor da brisa, o estalar sussurrado das paredes da casa da árvore.

– O que é que acham? – perguntou Dinny, cruzando os braços e fitando-nos de olhos semicerrados.

– É brilhante! É a melhor casa de árvore de sempre! – exclamei, saltitando de excitação.

– É estupenda... Construístes-a sozinho? – perguntou Beth, ainda a sorrir de olhos erguidos para a casa azul. Dinny assentiu.

– Subam e vejam, ainda é melhor por dentro – disse ele, avançando até à base da árvore, e estendendo a mão para o primeiro apoio.

– *Vamos*, Beth! – admoestei-a, quando ela hesitou.

– OK! – disse ela, a rir-se. – Vai tu primeiro, Erica, dou-te um empurrão até ao primeiro ramo.

– Devíamos dar-lhe um nome. Devias dar-lhe um nome, Dinny! – exclamei, levantando a saia e enfiando-a nas cuecas.

– Que tal torre de vigia? Ou ninho do corvo? – disse ele. Beth e eu concordámos; seria O Ninho do Corvo. Beth içou-me até ao primeiro ramo, as minhas sandálias a deixarem vergões no musgo verde e macio, mas não consegui chegar ao apoio seguinte. As pontas dos meus dedos curvaram-se sobre a tábuca que Dinny pregara à árvore, tão perto mas demasiado distante para que eu me pudesse agarrar em segurança. Dinny juntou-se a mim no primeiro ramo, deixou que eu pousasse o pé no seu joelho dobrado até eu conseguir ali chegar, mas a partir dali não consegui estender a perna até ao degrau seguinte.

– Desce daí, Erica – Beth acabou por me chamar, quando eu já estava vermelha, zangada e perto das lágrimas.

– Não! Eu quero subir! – protestei, mas ela abanou a cabeça.

– És muito pequena! Desce! – insistiu. Dinny afastou o joelho, saltou da árvore e eu não tive outra opção senão obedecer-lhe. Voltei a deslizar para o chão e olhei num silêncio sombrio para as minhas pernas estúpidas e demasiado curtas. Tinha arranhado o joelho, mas estava demasiado desiludida para me sentir entusiasmada com o fio pegajoso de sangue que escorria pela canela abaixo.

– Então, Beth? Vais subir? – perguntou Dinny, e eu senti um desânimo avassalador por estar a ser deixada de fora, por não poder subir até à maravilhosa casa da árvore. Mas Beth abanou a cabeça.

– Não, se a Erica não puder subir – disse ela. Olhei para Dinny mas voltei a desviar rapidamente os olhos, a afastá-los da decepção que lhe surgira no olhar, do modo como o seu sorriso desaparecera. Encostou-se à árvore e cruzou os braços defensivamente. Beth hesitou um bocado, como que incapaz de escolher as palavras seguintes. Depois estendeu-me outra vez a mão. – Vamos, Rick. Temos de lavar a tua perna.

Dois dias depois, Dinny foi de novo buscar-nos, e daquela vez o tronco da faia estava cheio de degraus e cordas. Beth sorriu serenamente a Dinny, e eu voei para o fundo daquela escada periclitante, erguendo os olhos para a casa que pairava acima de mim enquanto começava a subir.

– Sobe com cuidado! – arquejou Beth, sugando as pontas dos dedos de uma mão, quando eu perdi o pé e vacilei. Ela seguiu-me na subida, o rosto franzido de concentração, tendo o cuidado de não olhar para baixo. Um cortinado solto de sacas assinalava a entrada. No interior, Dinny amontoara sacos de plástico cheios de palha. Havia uma mesa feita com uma grade de madeira, um ramo de fetos numa garrafa de leite, um baralho de cartas, alguns livros de banda desenhada. Era simplesmente o melhor lugar onde eu já tinha estado. Pintámos um letreiro, para colocar ao fundo da escada. *O Ninho do Corvo. Transgressores serão Punidos.* A minha mãe riu-se quando leu aquilo. Passávamos horas ali em cima, à deriva entre nuvens verdes sussurrantes com faixas de céu brilhante a cintilarem acima de nós, a comermos piqueniques, longe de Meredith e de Henry. Eu preocupava-me que Henry a pudesse estragar quando aparecesse. Preocupava-me que ele pudesse destruir o nosso lugar mágico, que pudesse troçar dele, fazer com que parecesse menos magnificente. Mas, por um acaso muito feliz, Henry tinha medo das alturas.

Na minha memória, Henry é sempre mais alto do que eu, mais velho do que eu. Tinha onze anos quando eu tinha sete. Parecia um intervalo enorme de tempo. Era um *rapaz crescido*. Era barulhento e mandão. Dizia que eu

tinha de fazer aquilo que ele mandava. Dava graxa a Meredith – ela sempre preferira rapazes a raparigas. Acompanhava-a nas raras vezes em que ela ia até aos bosques, e mais do que uma vez ajudou-a a transformar um esquema desagradável numa realidade. Henry: um pescoço carnudo com um queixo metido para dentro; cabelo castanho-escuro; olhos azul-claros que se semicerravam, tornando-se feios; pele clara que se queimava no nariz durante o Verão. Vejo agora que era um daqueles rapazes que mesmo em criança são adultos em miniatura, para os quais podemos olhar e saber de imediato como serão quando crescerem. As suas feições já estavam definidas; iriam aumentar, mas não se iriam desenvolver. Acho que tinha um rosto já gasto, sem encanto, óbvio. Mas isto é injusto. Afinal, ele nunca teve a oportunidade para demonstrar que eu estava errada.

Eddie ainda tem um rosto de criança, e eu adoro-o. Um rosto indefinido de rapaz, nariz afilado, cabelo espetado, joelhos que sobressaem, orgulhosos, de canelas magricelas quando usa os seus calções da escola. O meu sobrinho. Abraça Beth na plataforma, um pouco embaraçado porque alguns dos seus colegas de turma encontram-se no comboio atrás dele, a baterem no vidro, a espetarem os dedos. Espero por eles junto do carro, as minhas mãos tolhidas pelo frio, e sorrio quando se aproximam.

– Ei, Eddizinho! Edderino! Eddius Maximus! – chamo-o, colocando os braços à sua volta e apertando-o, erguendo-o do chão.

– Tiazinha Rick, agora sou só Ed – protesta ele, com um indício de exasperação.

– Claro. Desculpa. E tu não me podes chamar *tiazinha*, fazes-me sentir como se tivesse cem anos! Põe a mochila às costas, e vamos indo – digo, resistindo à tentação de o provocar. Ele tem agora onze anos. A idade que Henry sempre terá, e suficientemente crescido para ser provocado. – Que tal foi a tua viagem de comboio?

– Bastante chata. Só foi divertido quando o Absolom trancou o Marcus na casa de banho. Ele gritou a plenos pulmões... Na verdade, foi muito engraçado – relata Eddie. Cheira a escola e o cheiro começa a encher o

carro, pungente e avinagrado. Peúgas por lavar, aparas de lápis, lama, tinta, sanduíches bafientas.

– Mesmo muito engraçado! Tive de ir falar com a directora há uns quinze dias, porque ele fechou a professora de Arte na sala de aulas. Empurraram um bloco de cacifos contra a porta! – diz Beth, a voz alta e animada, assustando-me.

– A ideia não foi *minha*, mãe!

– Mas ajudaste – contrapõe Beth. – E se tivesse havido um incêndio, ou qualquer coisa do género? Ela esteve horas ali fechada!

– Bem... Então não deviam ter proibido os telemóveis, pois não? – diz Eddie, a sorrir. Capto o seu olhar pelo retrovisor, e pisco-lhe um olho.

– Edward Calcott Walker, estou horrorizada – digo, num tom ligeiro. Beth olha para mim. Tenho de me lembrar de não conspirar com Eddie contra ela, nem mesmo acerca de uma coisa tão pequena. Não pode ser ele e eu contra ela, nem sequer por um segundo. Ela já se está a ressentir da minha ajuda.

– Este carro é novo?

– Novíssimo – digo-lhe. – O velho Carocha acabou mesmo por morrer. Espera até veres a casa, Ed. É um monstro. – Mas à medida que nos aproximamos e eu olho para ele expectante, Eddie assente, levanta as sobrancelhas, mas não parece impressionado. Depois ocorre-me que a casa senhorial pode ser apenas do tamanho de uma ala da sua escola, talvez até mais pequena do que a casa dos seus amigos.

– Estou tão satisfeita por serem de novo férias, querido – diz Beth, pegando no saco de Eddie. Ele sorri-lhe de lado, ligeiramente desconcertado. Acabará por ser mais alto que ela, já lhe chega ao ombro.

Levo Eddie a dar uma volta pelos terrenos, enquanto Beth fica em casa com o seu boletim de notas. Levo-o até à elevação tumular, contorno os bosques sombrios, chego ao lago de orvalho. Ele encontrou algures um pau comprido e começa a brandi-lo, decepando urtigas e ervas daninhas. Hoje o dia está mais quente, mas húmido. Há salpicos de chuva na brisa, e os ramos nus agitam-se acima das nossas cabeças.

– Porque é que se chama lago de orvalho? Não é só um lago? – pergunta ele, batendo na margem com o pau, agachando-se sobre pernas ossudas, flexíveis. A superfície torna-se ondulada. Os bolsos das suas calças de ganga estão repletos de tesouros roubados. É de certo modo semelhante a uma pega, mas são coisas de que ninguém vai sentir a falta. Velhos alfinetes-de-ama, castanhas-da-índia, pedaços de porcelana azul e branca que encontra no chão.

– É aqui que começa o riacho. O lago foi escavado há muito tempo, para o transformar numa espécie de reservatório. E julgo que será lago de *orvalho* porque o orvalho também fica aqui retido.

– Pode nadar-se nele?

– Nós costumávamos fazê-lo... o Dinny, a tua mãe e eu. Na verdade, acho que a tua mãe nunca entrou completamente. Estava sempre muito frio.

– Os pais do Jamie têm um belo lago onde se pode nadar; é uma piscina, só que não é toda cloro e azulejos, e coisas dessas. Tem plantas e tudo. Mas é limpa.

– Parece ótima. No entanto, nesta altura do ano não, pois não?

– Acho que não. Quem é o Dinny?

– O Dinny... era um rapaz com quem costumávamos brincar. Quando vínhamos para aqui em miúdas. A família dele vivia aqui perto. Por isso... – Interrompo-me. Porque é que falar a respeito de Dinny me faz sentir tão exposta? Dinny. Com as suas mãos quadradas, tão boas a fazer coisas. Olhos escuros a sorrir por entre a franja, e o cabelo um emaranhado no qual uma vez espetei malmequeres enquanto ele dormia, os meus dedos a tremer de uma alegria contida com a minha audácia; estar tão próximo e tocar-lhe.

– Ele era um verdadeiro aventureiro. Houve um ano em que construiu uma casa de árvore fabulosa...

– Podemos vê-la? Ainda lá está? – pergunta ele.

– Se quiseres, podemos ir procurar – sugiro. Eddie sorri, e corre alguns passos à minha frente, atingindo um rebento de árvore com uma forte pancada.

Os dentes definitivos de Eddie ainda não se decidiram. Parecem lutar por uma posição no interior da sua boca. Há grandes intervalos, e dois dentes encavalitados. Dentro de pouco tempo, estarão contidos por um aparelho.

– O que é que os outros rapazes te estavam a chamar do comboio? – gritou-lhe.

Ele faz uma careta.

– Vaso de plantas – confessa ele, num tom triste.

– Porque *raio*...?

– Bem, é um pouco embaraçoso... Tenho de to contar?

– Tens, sim. Não há segredos entre nós. – Sorrio. Eddie suspira.

– Miss Wilton tem uma pequena planta em cima da sua secretária, não tenho a certeza de que planta é. A mãe também as tem, flores roxas escuras, com folhas aveludadas?

– Parece ser uma violeta africana.

– Seja o que for. Bem, ela deixou-nos de castigo na sala durante a hora de almoço, e eu disse que estava com tanta fome que era capaz de comer qualquer coisa, por isso o Ben apostou comigo uma nota de cinco que eu não era capaz de comer a planta. Portanto...

– Portanto, comeste-a? – Levanto uma sobrancelha, cruzando os braços enquanto avançamos. Eddie encolhe os ombros, mas apesar de o tentar evitar, parece um pouco satisfeito.

– *Toda* não. Apenas as flores.

– *Eddie!*

– Não contes à mãe! – Solta uma gargalhada e recomeça a correr. – Qual era a tua alcunha na escola? – grita-me ele.

– Não tinha nenhuma. Apenas Rick. Era sempre a mais nova, a que andava atrás dos outros. O Dinny às vezes chamava-me «cachorro» – conto-lhe.

Eu e o Eddie somos mais chegados do que muitas tias e sobrinhos. Fiquei com ele dois meses enquanto Beth recuperava, enquanto ela *procurava ajuda*. Foi uma época tensa, uma época para se fingir e continuar a avançar, e ser-se normal e não se armarem confusões. Não tínhamos grandes conversas. Não abríamos as nossas almas, nem os nossos corações. Eddie

era demasiado novo, e eu sou demasiado impaciente. Mas partilhámos uma época de um embaraço extremo, de tristeza concentrada e fúria e confusão. Avançámos emocionalmente abalados, sentindo ambos a mesma coisa; e é isso que nos une, o facto de termos vivido essa época. Maxwell, o pai dele, e eu a termos discussões abafadas, atrás de portas fechadas, sem querermos que Eddie ouvisse o pai a chamar a mãe de *incapaz*.

Tudo que resta da casa da árvore são algumas tábuas irregulares, escuras e verdes e de aparência escorregadia; como os restos apodrecidos de um naufrágio.

– Bem, acho que já teve os seus dias – comento, tristemente.

– Podias reconstruí-la. Se quiseres, ajudo-te – diz Eddie, ansioso por me animar.

Sorrio.

– Podíamos tentar. No entanto, é mais uma actividade de Verão. Acho que agora é capaz de estar um pouco frio e sujo ali em cima.

– Porque é que vocês deixaram de vir para aqui? Visitar a bisavó? – Uma pergunta inocente, pobre Eddie, para aliviar o momento. Que pergunta que ele foi fazer.

– Oh... tu sabes. Nós simplesmente... começámos a ir mais vezes de férias com os nossos pais, quando ficámos mais velhas. Não me lembro mesmo.

– Mas tu dizes sempre que nunca esqueces as coisas importantes que aconteceram quando eras miúda. Foi isso que me disseste quando ganhei aquele prémio de teatro e dicção. – Quando lho disse, fi-lo com a intenção de ser algo de positivo. Mas Eddie ganhou o prémio enquanto eu passava aqueles dois meses com ele, e o que ambos pensámos na altura foi que aquilo que ele recordaria para sempre era regressar a casa depois da escola e encontrar Beth como a encontrara. Vi o pensamento a voar-lhe pelo rosto, fechei os olhos, desejei poder arrancar as minhas palavras do ar.

– Bem, isso só mostra que não deve ter sido algo de muito importante, não achas? – digo, num tom indiferente. – Vamos... há muito mais coisas para ver.

Dirigimo-nos de novo para a casa, e enfiamo-nos na estufa quando começa a chover torrencialmente. A partir dali, quase sem nos molharmos, corremos de barracão em barracão, atravessando os velhos estábulos até à cocheira, que está cheia de tralhas e excrementos de pássaro. Acima das nossas cabeças contamos os ninhos de andorinha que se agarram às vigas do tecto como fungos. Eddie encontra um pequeno machado, a lâmina de um tom vivo devido à ferrugem.

– Espectacular! – exclama ele, brandindo-o num arco largo. Agarro-lhe o pulso, passo o polegar pela lâmina para ver se está embotada.

– Tem muito cuidado com isso – digo, olhando-o nos olhos. – E não o leves para dentro de casa.

– Não levo – diz ele. Volta a brandi-lo, e sorri ao ouvir o som da lâmina a dilacerar o ar.

Lá fora, está cada vez mais escuro e a chuva cai com maior intensidade. Um riacho de águas enlameadas borbulha para lá da porta da cocheira.

– Vamos entrar, sim? A tua mãe deve estar a perguntar-se onde é que nos metemos.

– Ela devia sair e ir ver a casa da árvore, ver se a conseguimos reconstruir. Achas que ela o vai fazer?

– Não sei, Ed. Sabes a facilidade com que ela se constipa quando o tempo está assim – respondo. Não há nada que separe o interior dela do frio do Inverno. Nem carne, nem músculo, nem pele grossa.

Beth está outra vez a fazer empadas de carne picada quando entramos ruidosamente na cozinha. Está a estender a massa, a cortar as formas, a enchê-las, a cozê-las, a metê-las em sacos. Começou ontem a preparar-se para a chegada de Eddie, e não mostra quaisquer sinais de pretender parar. A mesa da cozinha está cheia de farinha e restos, frascos abertos. O cheiro é divinal. Ela emerge, corada, de junto do forno com outra fornada, pousando ruidosamente os tabuleiros no balcão riscado. Já encheu todas as latas e caixas de bolachas. Há vários sacos cheios na antiga arca frigorífica da cave. Pego em duas empadas, estendo uma a Eddie. O recheio queima-me a língua.

– Estão fabulosas, Beth – digo, em jeito de saudação. Ela lança-me um ligeiro sorriso, que aumenta quando se aproxima do filho. Atravessa a cozinha para o beijar na face, deixando dedadas fantasmagóricas de farinha nas mangas dele.

– Muito bem, querido. Todos os teus professores parecem muito satisfeitos contigo – diz-lhe. Pego no boletim de notas que está em cima da mesa, sopro a farinha de cima dele e folheio-o. – Com a possível exceção da Miss Wilton... – especifica ela. A da violeta africana.

– É a professora de quê? – pergunto a Eddie, quando ele se remexe um pouco.

– De Francês – murmura ele, com a boca cheia de empada.

– Ela diz que não te tens esforçado o suficiente, e que quando o fazes, só mostras que devias estar muito melhor do que na verdade estás – continua Beth, segurando os ombros de Eddie, sem o deixar escapar-se. Ele encolhe os ombros, de um modo ambíguo. – E... *três* castigos este período? Que foi tudo isto?

– O Francês é tão *aborrecido*! – declara ele. – E a Miss Wilton é *tão* severa! Está a ser muito injusta! Um desses castigos foi porque o Ben me atirou um papel! A culpa nem sequer foi minha!

– Bem, então pelo menos tenta prestar um pouco mais de atenção, OK? O Francês é muito importante; não, é mesmo! – insiste ela, quando Eddie revira os olhos. – Quando eu for rica e me tiver retirado para o Sul de França, como é que vais aguentar se não conseguires falar a língua?

– Gritando e apontando? – sugere. Beth comprime os lábios numa expressão severa, mas depois ri-se, um som vivo e animado que raramente lhe oiço. Ela não o consegue evitar, pelo menos com Eddie. – Posso comer outra empada? – pergunta ele, sentindo-se vitorioso.

– Podes. Depois vais tomar banho... Estás nojento! – Eddie agarra em duas empadas e sai a correr da cozinha.

– Leva a tua mochila contigo! – grita Beth, atrás dele.

– Fiquei sem mãos! – grita Eddie, em resposta.

– Ficaste mas é sem vontade, é mais isso – diz-me Beth, sorrindo tristemente.

Mais tarde, vemos um filme; Beth enrosca-se com Eddie no sofá, com uma enorme tigela de pipocas enfiada entre ambos. Quando olho para ela, vejo que mal está a seguir o filme. Vira o queixo, pouso-o no cimo da cabeça de Eddie, fecha os olhos satisfeita, e eu sinto alguns dos nós dentro de mim a soltarem-se, a deslizarem para o calor da lareira aberta. E desta maneira, o fim-de-semana passa depressa – uma ida ao cinema em Devizes, trabalhos da escola feitos na mesa da cozinha, empadas; Eddie na cocheira, ou a brincar nos estábulos desertos, brandindo o seu machado. Beth está serena, embora um pouco distraída. Deixa de fazer empadas quando fica sem farinha, e detém-se durante longos momentos junto da janela a observar Eddie com um sorriso vago, distante.

– Sou capaz de o levar a França no próximo Verão – diz-me, sem interromper a sua vigília enquanto lhe estendo uma chávena de chá.

– Acho que ele vai adorar – digo.

– Talvez a Dordogne. Ou ao vale de Lot. Podíamos nadar no rio. – Adoro ouvi-la a fazer planos. Planos futuros. Adoro saber que ela está a pensar com tanta antecedência. Pouso por instantes o queixo no seu ombro, sigo o seu olhar pelo jardim.

– Eu disse-te que ele se ia divertir aqui – observo. – O Natal vai ser excelente. – O seu cabelo cheira vagamente a menta e passo-lho por cima do ombro, aliso-o contra a camisola com um movimento prolongado da mão.

No domingo à tarde, Maxwell chega para vir buscar o filho. Grito por Beth enquanto lhe abro a porta, e quando ela não aparece levo Maxwell a dar um passeio rápido pelo piso térreo e depois faço-lhe café. Maxwell divorciou-se de Beth há cinco anos, quando a depressão dela parecia estar a piorar e o seu peso diminuía; disse que não ia conseguir aguentar, e que aquilo não era maneira de criar uma criança. Por isso, deixou-a e casou-se quase de seguida – com uma mulher baixa, gorducha, de aparência saudável

chamada Diane: dentes brancos, caxemira, unhas perfeitas. Pouco complicada. Sempre achei que a depressão de Beth foi muito conveniente para Maxwell. Mas ele não é completamente mau. Conheceu-a numa altura melhor, apenas isso, quando ela era toda graciosidade e beleza recatada. Nessa altura ela era como um cisne, como um lírio. Maxwell acabou por ser apenas um amigo para os bons momentos. Agora a sua gabardina cinzenta está a pingar nas lajes, mas a chuva não consegue apagar o brilho de riqueza do seu cabelo, sapatos, pele.

– É um lugar impressionante – diz ele, dando uma golada no café escaldante com um som alto que não me agrada.

– Sim, suponho que seja – concordo, encostando-me ao fogão, de braços cruzados. Era difícil mostrar-me calorosa com Maxwell quando ele ainda era meu cunhado. Agora, é-me quase impossível.

– Claro que precisa de muito trabalho. Mas tem um enorme potencial – declara ele. Fez fortuna no sector imobiliário, e pergunto-me, com uma ponta de rancor, que tal se estará a dar com a quebra das vendas. Enorme potencial. Disse o mesmo a respeito da casa que Beth comprou perto de Esher, depois do divórcio. Vê tudo com o olhar de um agente imobiliário, mas Beth manteve as portas de madeira inchadas, as lareiras que apenas se acendem quando as janelas estão abertas. Ela gosta da casa meio arruinada.

– Já decidiram o que vão fazer com ela?

– Não, ainda não. A Beth e eu ainda não nos debruçámos sobre o assunto – respondo. Um clarão de irritação atravessa-lhe o rosto. Nunca gostou que a insegurança se atravessasse no caminho do bom senso.

– Bem, esta herança podia fazer de vocês as duas mulheres muito ricas...

– No entanto, teríamos de ficar aqui. Viver aqui. Não tenho a certeza se alguma de nós o quer fazer.

– Mas não precisam de habitar toda a casa. Já pensaste em transformá-la em apartamentos? Claro que precisam de planeamento, mas isso não é um problema. Podiam ficar com um apartamento e o usufruto para vocês, e venderem o resto com contratos a longo prazo. Fariam uma verdadeira fortuna, e manter-se-iam fiéis aos termos do testamento.

– Isso iria custar milhares e milhares... – Abano a cabeça. – Além disso, estamos numa recessão, lembra-te? Pensei que a construção e o imobiliário estivessem estagnados?

– Podemos estar em recessão agora, mas dentro de dois, três anos? As pessoas irão sempre precisar de lugares onde viver. – Maxwell inclina a cabeça, pensativo. – Iriam precisar de investidores. Eu podia ajudar-vos com isso. Talvez até eu estivesse interessado... – Vejo-o a olhar em volta da divisão com uma atenção renovada, como que a fazer planos, medições. Sinto um espasmo de desagrado.

– Obrigada. Vou falar disso à Beth. – O meu tom é determinado. Maxwell fita-me com uma expressão séria, mas não diz nada durante um bocado.

Fixa os olhos num quadro de fruta na parede oposta, e por fim pigarreia ligeiramente, por isso já sei o que é que ele vai perguntar a seguir.

– E como está a Beth?

– Está ótima. – Encolho os ombros, deliberadamente vaga. A irritação volta a surgir-lhe nas feições, faz com que a testa se franza mais vincadamente.

– Vá lá, Erica. Quando a vi a semana passada, ela estava outra vez muito magra. Anda a comer? Tem andando a fazer das suas? – Tento não pensar nas empadas. Nas centenas de empadas.

– Que eu tenha reparado, não – minto. É uma mentira enorme. Ela está outra vez a piorar, e apesar de eu não saber exactamente porquê, sei quando é que começou; quando ela melhorou e depois recomeçou a decair: foi quando Meredith morreu. Quando, ao morrer, trouxe de novo este lugar para as nossas vidas.

– Então onde é que ela está?

– Não faço a mínima ideia. Provavelmente na casa de banho. – Encolho os ombros.

– Mantém-te atenta a ela – murmura Maxwell. – Não quero o Eddie a passar aqui o Natal se ela vai ter um dos seus ataques. Não é justo para ele.

– Ela não vai ter um *ataque*. A não ser que tentes afastar o Eddie – disparo.

– Não é uma questão de afastar o Eddie. É uma questão de fazer o que é melhor para o meu filho, e...

– O que é melhor para o teu filho é poder passar algum tempo com a mãe. E ajuda-a tanto tê-lo por perto. Ela fica sempre muito melhor...

– Não devia ser responsabilidade do Edward fazer com que a mãe se sinta melhor!

– Não foi isso que quis dizer!

– Só concordei que o Edward viesse para aqui porque tu estás cá para tomar conta das coisas, Erica. A Beth já demonstrou o quão imprevisível consegue ser, o quão instável. Enfiar a cabeça na areia não ajuda, sabes.

– Acho que conheço a minha irmã, Maxwell, e ela *não* é instável...

– Olha, eu sei que só estás a tentar defender Erica, e isso é admirável. Mas não se trata de um jogo. Vê-la no seu pior é algo que poderá afectar Edward durante o resto da vida, e não estou preparado para deixar que isso aconteça! Outra vez não.

– Por amor de Deus, fala mais baixo!

– Olha, eu só quero...

– Eu sei o que queres, Maxwell, mas não podes alterar o facto de que a Beth é a mãe de Eddie. As pessoas não são perfeitas... A Beth não é perfeita. Mas é uma excelente mãe, e adora o Eddie; e se, para variar, te concentrasses apenas nisso, em vez de observares, esperares e gritares *custódia total!* de cada vez que ela fica um pouco em baixo...

– No entanto, *um pouco em baixo* é um eufemismo, não é, Erica? – responde ele, e limito-me a olhá-lo porque Maxwell tem razão. Durante essa pausa, ouvimos um barulho vindo do exterior da sala, e trocamos um olhar acusador. Eddie encontra-se no corredor, a baloiçar desajeitadamente o seu saco da esquerda para a direita. A alça retorce-lhe o pulso magro.

– Edward! – chama-o Maxwell, a sorrir abertamente, e atravessa a sala para envolver o filho num abraço rápido.

Demoro algum tempo a encontrar Beth. Hoje a casa está escura, como o mundo lá fora. Um domingo a meio do Inverno, quando o sol mal parece nascer e já está de novo a desaparecer. Avanço de porta em porta, abrindo-

as, espreitando para o interior, inalando o cheiro bafiento de salas há muito fechadas. Algumas horas antes, tomáramos um pequeno-almoço tardio, sentados na mesa comprida da cozinha. Beth estava feliz e animada; fez chocolate quente e aqueceu *croissants* no forno para os três. Demasiado feliz e animada, apercebo-me agora. Não a vi esmorecer. Acendo interruptores à medida que avanço, mas muitas lâmpadas estão fundidas. Acabo por a encontrar, aninhada junto ao peitoril da janela de um dos quartos do último piso. Dali, ela consegue ver o carro prateado no caminho de acesso à casa, a imagem indefinida devido à chuva que bate na janela suja.

– O Maxwell está cá – digo-lhe, desnecessariamente. Beth ignora-me. Prende o lábio inferior entre dois dedos, empurra-o contra os dentes, morde-o com força. – O Eddie vai-se embora, Beth. Tens de descer para te despedires dele. Vem lá. E o Maxwell quer falar contigo.

– Eu não quero falar com ele. Não o quero ver. Não quero que o Eddie se vá embora.

– Eu sei. Mas é por pouco tempo. E não o podes deixar ir sem te despedires dele. – Ela vira a cabeça para olhar para mim. Parece tão cansada. Tão cansada e triste. – Por favor, Beth. Eles estão à espera... temos de descer. – Beth respira fundo, parece desdobrar-se do peitoril; um movimento lento, deliberado, subaquático.

– Encontrei-a! – O meu grito animado soa demasiado alto. – Esta casa é suficientemente grande para uma pessoa se perder dentro dela.

Beth e Maxwell ignoram-me, mas Eddie sorri, sem perceber. Às vezes gostava que Beth se portasse melhor. Que mostrasse que está a aguentar. Dá-me vontade de a abanar por neste momento não mostrar a Maxwell uma fachada mais animada. Encontra-se de pé à sua frente, de braços cruzados, perdida no interior de um casaco de malha sem forma. Não discutiu quando ele partiu. Separaram-se amigavelmente; essa foi a palavra que ambas as famílias utilizaram. *Amigável*. Agora, não há nada de amigável em Beth enquanto se encontra ali, de rosto pálido, sensível. Não se tocam.

– É bom ver-te, Beth. Pareces estar bem – mente Maxwell.

– Tu também.

– Olha, importas-te que deixemos o Eddie apenas no sábado, e não na sexta? É que sexta à noite é o concerto de Natal na escola da Melissa, e gostávamos de ir todos juntos, não gostávamos, Ed? – Eddie encolhe um ombro, e assente ao mesmo tempo. O pobre rapaz poderia dar aulas de diplomacia. A boca de Beth franze-se, o seu maxilar fica retorcido. Como ela odeia qualquer referência à nova família de Max, qualquer segundo de tempo extra que Eddie passa com eles. Mas o pedido é razoável, e ela esforça-se por também o ser.

– Claro. Claro que não há problema nenhum – diz.

– Ótimo. – Maxwell sorri, um sorriso rápido, profissional. Há um momento de silêncio, apenas o ruído do saco de Eddie, a abanar de um lado para o outro. – Têm muitos planos para a semana? – pergunta Maxwell.

– Não muitos... Separar algumas das tralhas da velhota, prepararmo-nos para o Natal – digo, animada. Beth não acrescenta nada àquele resumo.

– Certo, bom, então vamos, está bem, Ed? – Maxwell apressa o filho em direcção à porta. – Vemo-nos no sábado. Tenham as duas uma boa semana.

– Espera! Eddie... – Beth corre até junto dele e abraça-o com demasiada força. Iria com ele, se pudesse. Agarra-se a ele para que não a esqueça, não deixa que ele ame demasiado Diane e Melissa. Quando a porta se fecha atrás deles, viro-me para Beth, mas ela não me olha directamente.

– Gostaria que não te mostrasses sempre tão calada em frente do Maxwell!

– exclamo. – Não podes ser mais... – Interrompo-me. Beth levanta os braços.

– Não, não posso! Eu sei que ele me quer tirar o Eddie. Não posso fingir que não o sei, ou que não me importo! – responde, exaltada.

– Eu sei, eu sei – acalmo-a. Ela passa as mãos pelo cabelo despenteado. – O Eddie vai regressar dentro de pouco tempo – acrescento. – Tu sabes como ele adora estar contigo, Beth... Ele adora-te, e nada que o Maxwell possa fazer vai alguma vez alterar isso. – Agarro-a com ternura pelos ombros, tentando arrancar-lhe um sorriso. Beth suspira, cruza os braços.

– Eu sei. Eu só... Vou tomar um duche – diz, e afasta-se de mim.

*

Com a partida de Eddie, a casa volta a ficar grande e vazia. Numa espécie de acordo tácito, de momento deixamos de separar as coisas de Meredith. A tarefa é demasiado grande, e parece não fazer qualquer sentido. O conteúdo desta casa está aqui há tanto tempo que se corroe no lugar onde se encontra. Agora seria uma tarefa impossível remover tudo. Vai ser necessária força, talvez *bulldozers* – começo a imaginar uma escavadora de dentes metálicos a raspar por entre camadas de tecido, carpetes, papel, madeira e pó. Um trabalho árduo, como tentar fazer uma bola a partir de um melão verde. Será um acto de violência terrível. Todos os pequenos vestígios de tantas vidas.

– Nunca tinha pensado no que acontece às coisas de uma pessoa quando ela morre – digo, enquanto jantamos. Quando chegámos, a despensa estava cheia de latas de sopa *Heinz*, mas estamos a acabar com elas. Dentro de pouco tempo, terei de me aventurar até à vila.

– O que é que queres dizer com isso?

– Bem... Apenas isso, nunca conheci ninguém que tivesse morrido. Nunca tive de tratar do que se deixa para trás, de...

– Tratar do que se deixa para trás? Fazes com que morrer pareça uma coisa egoísta. É essa a tua opinião? – A voz de Beth é baixa e intensa. Que mudança, agora que Eddie partiu.

– Não! Claro que não. Não é de modo nenhum aquilo que estava a querer dizer. Só quis dizer que não é algo em que se pense, até acontecer... Quem vai separar todas as coisas. Para onde se enviam. Quer dizer, para onde é que vão as camisas de noite da Meredith? As meias dela? A comida na despensa? – Estou a debater-me; a conversa tinha a intenção de ser frívola.

– O que é que interessa, Erica? – dispara Beth. Paro de falar, parto um pedaço de pão, desfaço-o entre os dedos.

– Não interessa – digo. Por vezes, sinto-me muito sozinha com Beth.

Não me costumava sentir assim, não quando éramos mais novas. Nunca nos antagonizámos muito, nem discutíamos. Talvez a diferença de idades entre ambas fosse suficientemente grande. Talvez fosse porque tínhamos

um inimigo comum. Mesmo quando ficámos fechadas dentro de casa durante dois dias, dois dias longos e ensolarados, não nos virámos uma contra a outra. Isso fora devido a Henry e a Meredith. Meredith proibira-nos de brincar com Dinny desde o início; disse-nos para não falarmos com ninguém da família dele, para não nos aproximarmos deles, depois de à hora do chá lhe termos inocentemente anunciado a nossa amizade com ele.

Conhecêramo-lo no lago de orvalho, onde ele estava a nadar. O dia estava ameno, mas não quente. Acho que foi no início do Verão; a paisagem era ainda jovem e verde. Soprava uma brisa fresca, por isso, quando o vimos pela primeira vez, completamente ensopado, estremecemos. A roupa dele estava amontoada na margem. Toda a sua roupa. Beth pegou-me na mão, mas não fugimos. Ficámos imediatamente fascinadas. Quisemos logo conhecê-lo – um rapaz magro, moreno, nu, o cabelo molhado a colar-se ao pescoço, a nadar e a mergulhar, sozinho. Que idade é que eu teria? Não tenho a certeza. Quatro ou cinco anos, não mais do que isso.

– Quem são vocês? – perguntou ele, a boiar na água. Aproximei-me mais de Beth, apertei-lhe a mão com mais força.

– Aquela é a casa da nossa avó – explicou Beth, apontando para a casa senhorial. Dinny nadou para mais perto.

– Mas quem são vocês? – Sorriu, olhos e dentes a brilhar.

– Beth! – sussurrei, insistentemente. – Ele está nu!

– Chiu! – Beth silenciou-me, mas era um som baixo e engraçado, animado por uma risadinha.

– Então, és a Beth. E tu? – Dinny olhou para mim. Levantei um pouco o queixo.

– Sou a Erica – anunciei, com toda a compostura que consegui reunir. Nesse momento, um *Jack Russell terrier*, branco e castanho, irrompeu dos bosques e lançou-se na nossa direcção, a latir e com a cauda a abanar.

– Chamo-me Nathan Dinsdale, e esse é o *Arthur*. – Apontou com a cabeça para o cão. Depois disso, eu tê-lo-ia seguido para qualquer parte. Ansiava por um animal de estimação; um animal a sério, não o peixinho dourado que era o único animal que cabia na nossa casa. Eu estava tão ocupada a

brincar com o cão, que não me lembro como é que Dinny saiu do lago sem que Beth o visse nu. Suspeito que não conseguiu.

Claro que continuámos a encontrar-nos com ele, apesar da proibição de Meredith, e regra geral conseguíamos mantê-lo em segredo, esquivando-nos de Henry antes de descermos até ao acampamento onde Dinny vivia com a família, nos limites da propriedade. De qualquer maneira, Henry mantinha-se bem afastado dele. Não queria desobedecer a Meredith, e, em vez disso, absorvia o seu desprezo por aqueles nómadas, acarinhava-o, deixava-o crescer e transformava-o num ódio só seu. Da vez em que ela nos fechou em casa, os nossos pais tinham ido passar o fim-de-semana fora. Tínhamos ido à vila com Dinny, para comprar rebuçados e *Coca-Cola* na mercearia. Virei-me e vi o Henry. Ele enfiou-se atrás da cabina telefónica, mas não com rapidez suficiente, e quando regressámos senti um formigueiro entre as omoplatas. Dinny despediu-se e afastou-se por entre as árvores, distanciando-se muito da casa.

Quando voltámos, Meredith estava à nossa espera nos degraus da entrada; Henry não se via em lado nenhum. Mas eu percebi como é que ela o soubera. Agarrou-nos pelos braços, as unhas a cravarem-se na carne, inclinou-se e aproximou o rosto lívido do nosso.

– Se brincarem com cães, vão apanhar pulgas – disse, as palavras entrecortadas e ásperas. Fomos empurradas escadas acima, obrigadas a tomar banho em água tão quente que a nossa pele ficou vermelha e inflamada, e eu fartei-me de gemer. Beth manteve-se em silêncio, furiosa.

Depois disso, enquanto eu estava deitada na cama a fungar, Beth instruiu-me numa voz muito baixa:

– Ela quer castigar-nos ao manter-nos dentro de casa, por isso temos de lhe mostrar que não nos importamos. Que não nos ralamos. Compreendes, Erica? Por favor, não chores! – sussurrou, penteando o meu cabelo para trás, com dedos que tremiam de fúria. Acho que assenti, mas estava demasiado perturbada para lhe prestar atenção. Lá fora, ainda era de dia. Conseguia ouvir Henry a brincar com um dos cães no relvado e a voz de Clifford, esbatida por entre as tábuas do soalho. Uma grande tarde de

Agosto, e fôramos mandadas para a cama. Confinadas durante todo o fim-de-semana.

Quando os nossos pais voltaram, contámos-lhes tudo.

– Isto é de mais, Laura. Desta vez, estou a falar a sério – disse o meu pai. Senti uma chama de alegria, de amor por ele.

– Eu falo com ela – disse a minha mãe.

À hora do chá, ouvi-as a falar na cozinha. A mãe e Meredith.

– Ele parece ser um rapaz muito simpático. Bastante sensato. Não vejo mesmo qual é o mal, mãe – disse a minha mãe.

– Não vês o mal? Queres que as miúdas comecem a usar aquele calão horrível do Wiltshire? Queres que aprendam a roubar e a praguejar? Queres que voltem para casa cheias de piolhos e maltrapilhas? Se assim for, então na verdade não há mal nenhum – respondeu Meredith friamente.

– As minhas filhas *nunca* roubariam – disse-lhe a minha mãe, num tom firme. – E, na verdade, acho que maltrapilhas é um pouco exagerado.

– Eu não acho, Laura. Talvez te tenhas esquecido dos muitos problemas que essas pessoas nos causaram ao longo dos anos?

– Como me poderia esquecer? – A minha mãe suspirou.

– Bem, elas são tuas filhas...

– Sim, pois são.

– Mas se queres que elas vivam sob o meu tecto, e sob os meus cuidados, então terão de seguir as *minhas* regras – disparou Meredith.

A minha mãe respirou fundo.

– Se eu voltar a ouvir que ficaram fechadas dentro de casa, então nunca mais virão para cá, assim como eu e o David – disse em voz baixa, mas eu consegui ouvir a tensão. Quase um tremor. Meredith não respondeu. Ouvi os passos dela a avançarem na minha direcção, e desapareci de vista. Com a costa livre, entrei para ir ter com a minha mãe, e encontrei-a a lavar roupa com uma intensidade silenciosa, os olhos brilhantes. Abracei-lhe as pernas, apertei-a com força. Meredith continuou a opor-se a que brincássemos com Dinny, mas nunca mais nos fechou no quarto. Pelo menos nisso, a minha mãe venceu.

A manhã de segunda-feira nasce carregada e húmida. As pontas dos meus dedos das mãos e pés estavam geladas quando acordei, e assim permaneceram; e agora a ponta do meu nariz também o está. Não me consigo lembrar de quando foi a última vez que tive tanto frio. Em Londres isto não acontece. Há o calor pegajoso do metro, o calor abafado das lojas e cafés. Cento e um lugares para nos escondermos de qualquer descida da temperatura exterior. Estou na estufa, do lado sul da casa, a olhar para um pequeno relvado cercado de árvores de fruto retorcidas. Quando brincávamos demasiado ruidosamente, quando *dávamos cabo da paciência de Meredith*, éramos enviadas para ali, para o pequeno relvado, enquanto os adultos se sentavam no terraço virado a oeste com a mesa de ferro branca, a beberem chá gelado e *vodka*. Aqui os meus companheiros são os restos esqueléticos de alguns tomateiros e um sapo roliço, sentado junto da goteira que deixa pingar água com verdete sobre a faixa verde brilhante das lentilhas-d'água. Tinha-me esquecido do silêncio do campo, e esse enervava-me.

Aqui, o ambiente é terroso e húmido; um cheiro fecundo, apesar da estação. Uma das minhas primeiras recordações de Henry, que devia ter uns oito ou nove anos: no pequeno relvado quando eu tinha cinco, ou perto disso. Um dia de Agosto quente, num daqueles verões que pareciam durar para sempre; a relva queimada até ficar loira, ressequida pelo ataque violento do sol; as lajes do terraço demasiado quentes para pés descalços; os cães demasiado cansados para brincar; o meu nariz a esfolar, e sardas nos braços de Beth. Tinham montado uma daquelas gigantescas piscinas insufláveis no pequeno relvado. Tão grande que havia degraus para se subir por um lado e no interior uma extensão de plástico azul, tão sedutora ainda antes de ser enchida com água. Ainda consigo sentir o cheiro daquele plástico quente. Fora ali instalada e alisada; uma mangueira ilícita serpenteava até junto da piscina. A água da mangueira vinha directamente do cano principal, e era gelada contra a nossa pele tostada. Deliciosamente entorpecedora. Eu remexia-me, impaciente, no meu fato de banho vermelho, desesperada para que se enchesse depressa.

Henry entrou de imediato, com relva agarrada aos pés que depois se afastou a boiar. Pegou na mangueira e sacudiu-a na nossa direcção, agora que os adultos se tinham retirado. Molhou-nos e não nos deixava aproximar. Lembro-me de me sentir verdadeiramente desesperada para entrar, para molhar os pés. Mas à *minha* maneira. Não queria ser salpicada. Primeiro os pés, depois o resto, aos poucos. De cada vez que eu me aproximava, ele salpicava-me. A água chegava-lhe aos tornozelos, os pés brancos a ondular. O corpo também estava branco, de aparência macia, os mamilos ligeiramente espetados, virados para baixo. Depois parou, e jurou-me uma coisa, fez-me uma promessa. Jurou que eu podia entrar em segurança, que ele não nos ia voltar a salpicar. Fi-lo pousar a mangueira antes de subir cuidadosamente. Um segundo de frio extático nos meus pés e depois Henry agarrou-me, enfiou a minha cabeça debaixo do braço, e aproximou a mangueira do meu rosto. Água pelo meu nariz acima, nos meus olhos, gelada, sufocante; Beth a gritar com ele, da borda da piscina. Tossi e berrei até a minha mãe aparecer para saber o que se estava a passar.

Desejava que Beth saísse de casa. Li algures que o exterior é o melhor remédio para a depressão. Um passeio revigorante, uma comunhão com a Natureza. Como se a depressão fosse uma indigestão, que o próprio sistema pudesse eliminar. Não tenho a certeza se resultaria nesta altura do ano, em que o vento que sopra é capaz de nos trespassar a alma, mas deve ser melhor do que assombrar aquela casa. Na bancada de trabalho encontro um cesto de jardim e algumas tesouras de podar, e encaminho-me para os bosques.

Avanço em círculo, passando junto do lago de orvalho. É o que faço a maior parte dos dias. Parece que não me consigo manter afastada. Paro na extremidade íngreme do lago, a pontapear torrões de terra e pedras. Enquanto me encontro ali, começo a lembrar-me de pequenas coisas. Onde quer que me encontre em Storton Manor, lembro-me de coisas – pequenos instantâneos que surgem com uma paisagem, ou um cheiro, ou um quarto. Um laço atado atrás de uma cama. Flores amarelas bordadas numa fronha. Cada passo é um auxiliar de memórias. Aqui no lago há algo de que me

devia *recordar*, algo mais do que brincar, do que nadar, do que a excitação do proibido. Fecho os olhos e agacho-me, abraço os joelhos. Concentro-me no cheiro da água e do solo, no som das árvores acima de mim. Consigo ouvir um cão a ladrar, muito à distância, talvez na vila. Há definitivamente *alguma coisa*, alguma coisa que estou a tentar recordar. Estendo dedos cegos à minha frente, até tocar a superfície. A água é de um frio cortante. Imagino-a a engrossar, cristais de gelo a fiarem os seus fios duros dentro dela. Durante um segundo, sinto o antigo medo de ser sugada para o seu interior. Pois se a água pode erguer-se do fundo, vinda de lado nenhum como que por magia, então decerto que as coisas também podem seguir no sentido contrário? Um ralo gigantesco. Por vezes, quando nadava, pensava nisso. Um arrepio delicioso, como nadar no mar e pensar de repente em tubarões.

Na extremidade do planalto, onde as árvores desaparecem, o solo cai num vazio íngreme e arredondado. Uma colherada arrancada à terra, cheia de pilriteiros, espinheiros-negros e amieiros, todos entrelaçados por vides brancas. Aqui o gelo instalou-se mais profundamente, dura mais tempo. Fixo os olhos num azevinho, mesmo no centro de tudo aquilo, as suas bagas brilhantes como jóias no emaranhado incolor, mas não consigo chegar muito longe. Desço, escorregando pela relva em tufos, e quando chego ao matagal não vejo nenhuma passagem. O ar está imóvel, muito mais frio. A minha respiração ergue-se à frente do meu rosto enquanto dou a volta, à procura de uma entrada. Não se vê nada além da encosta que sobe e se afasta, e o rebordo onde esta se encontra com o céu. Uma tentativa para forçar um caminho através dos arbustos e retiro-me, muito arranhada.

Encaminho-me de novo para os bosques, sem nada no meu cesto até ao momento além de algumas gavinhas de hera riscada, que apanhei no jardim. Estes bosques não são públicos; não são tratados, nem atravessados por carreiros. As pastagens da propriedade estão todas alugadas ou foram vendidas aos agricultores locais nestes últimos anos, e pergunto-me se algum deles alguma vez vem até aqui – se corta lenha, cria faisões, apanha coelhos em armadilhas. Não vejo sinais de nenhuma dessas coisas. O solo

está coberto de folhas caídas e ramos, troncos rachados a decompor-se no nada. Criaturas invisíveis afastam-se de mim com sons baixos e sussurrantes, sem deixarem vestígios. Bolotas, frutos das faias; a cercar uma árvore, um tapete de minúsculas maçãs amarelas a apodrecer. Tenho de olhar para os pés para evitar tropeçar, e ali não há pássaros a cantar acima da minha cabeça. Apenas um som baixo e aspirado, enquanto o vento se esgueira por entre os ramos nus.

Não estou a ver para onde vou, e quase piso uma pessoa agachada. Solto um grito de surpresa. Um jovem com rastas compridas e roupas berrantes que não condiziam.

– Desculpe! Olá – arquejo. Ele levanta-se, muito mais alto do que eu, e vejo um cogumelo enorme junto dos seus pés. Amarelo e feio. Ele estava a examiná-lo, o nariz praticamente a tocar-lhe. – Eu... eu acho que esses não se podem comer – acrescento, sorrindo levemente. Ele é magro e esguio. Fica com os braços descaídos enquanto se mantém ali de pé, a observar-me, e, pouco à vontade, sinto um impulso para me afastar dele. Talvez algum instinto, ou algo que não detecto nos seus olhos, me indica que nem tudo é como devia ser. Recuo um passo e viro à esquerda. Ele dá um passo para a sua direita para me bloquear. Viro-me para o outro lado, e ele segue-me. O meu coração bate com mais força. O silêncio dele é perturbador, parece-me de certo modo ameaçador, apesar de não esboçar qualquer movimento para me agarrar. Emanava dele um cheiro picante, ligeiramente pungente. Pergunto-me se estará pedrado. Viro-me de novo para a esquerda e ele sorri, um sorriso desdentado que se espalha pelo seu rosto.

– Olhe, saia-me mas é do raio do caminho, sim? – disparo, tensa. Ele dá um passo na minha direcção e eu tento desviar-me, mas o meu salto prende-se num emaranhado de ramos e caio desajeitadamente para o lado, sentindo os espinhos a enterrarem-se na palma das mãos e o ar a abandonar-me os pulmões. Folhas voam à minha volta, o seu cheiro a podridão a fazer sentir-se por todo o lado. Viro a cabeça e o homem alto está debruçado sobre mim, bloqueando o sol. Debato-me para soltar o pé da vegetação rasteira, mas os meus movimentos são espasmódicos e apenas pioro a situação. Penso em

gritar, mas a casa fica muito para trás e é impossível que Beth me oiça. Ela nem sabe que estou aqui fora. Ninguém o sabe. O pânico faz-me tremer, faz com que o ar se torne difícil de respirar. Depois, umas mãos fortes, pesadas, fecham-se com firmeza à volta dos meus braços.

– Solte-me! Largue-me! *Deixe-me!* – grito, selvaticamente.

Oiço uma segunda voz e as mãos libertam-me, deixando-me cair sem cerimónias sobre as folhas húmidas.

– O Harry não faz mal a ninguém. Não querias fazer mal, pois não, Harry? – diz o recém-chegado, dando uma palmada no ombro do homem alto. Da minha posição no chão, levanto os olhos para eles. Harry abana a cabeça e vejo agora que ele parece taciturno, perturbado; nem um pouco feroz ou lascivo. – Ele só estava a tentar ajudá-la a levantar-se – diz o outro homem, com uma ponta de recriminação. Harry regressa à sua observação atenta do cogumelo amarelo.

– Ele só... Eu estava apenas... à procura de folhagem. Para a casa – digo, ainda aturdida. – Pensei... Bem. Na verdade, nada – termino. O meu coração abranda ligeiramente e sinto-me ridícula. O desconhecido estende uma mão, ajuda-me a levantar. – Obrigada – murmuro. Ele tem uma espingarda de pressão de ar apoiada no antebraço, um brilho baço no cano. Pontapeio as raízes à volta dos meus pés, e examino as minhas mãos feridas. Estão cheias de gotas de sangue. Limpo-as na parte de trás dos *jeans* e olho para o meu salvador com um sorriso débil, envergonhado. Vejo-o a observar-me com uma intensidade perturbadora, e depois ele sorri.

– Erica?

– Como é que você... Desculpe, eu conheço-o? – pergunto.

– Não me reconheces? – diz ele. Volto a olhar. Um amontoado escuro de cabelo apanhado na nuca, um peito largo, um nariz ligeiramente adunco, uma testa alta, sobrancelhas direitas, a boca uma linha recta, determinada. Olhos pretos a brilhar. E depois o mundo inclina-se ligeiramente, distorce-se; as feições encaixam no seu lugar, e surge algo de espantosamente familiar.

– *Dinny?* És tu? – arquejo, quase sem fôlego.

– Já há *muito* tempo que ninguém me chama Dinny. Hoje em dia é Nathan.
– O seu sorriso é um pouco inseguro; satisfeito, curioso, tal como eu, por encontrar uma figura do passado, no entanto reservado, contido. Mas os olhos nunca se desviam do meu rosto. O seu olhar é como um foco sobre todos os meus movimentos.

– Nem consigo acreditar que és mesmo tu! Como... como é que estás? Que raio estás a *fazer* aqui? – Estou espantada. Nunca me tinha ocorrido que Dinny também crescera, que vivera outra vida, que alguma vez pudesse regressar a Barrow Storton. – Pareces tão *diferente*! – Sinto as faces a arder, como se de algum modo tivesse sido apanhada em flagrante. Consigo sentir a pulsação na ponta dos dedos.

– Mas tu estás exactamente na mesma, Erica. Vi um artigo no jornal... acerca da morte da Lady Calcott. Fez-me pensar neste... lugar. Não voltávamos aqui desde a morte do meu pai. Mas de repente, eu quis vir...

– Oh, não... Lamento saber disso. Acerca do teu pai. – Mickey, o pai de Dinny. Beth e eu adorávamo-lo. Tinha um sorriso enorme, mãos grandes, dava-nos sempre uma moedinha ou um doce... Tirava-os de trás das nossas orelhas. A minha mãe viu-o, uma ou duas vezes. A verificar educadamente as coisas, já que passávamos tanto tempo com eles. E Maureen, a mãe de Dinny, a quem chamávamos sempre Mo. Mickey e Mo. O nosso código, para ser utilizado sempre que Meredith pudesse ouvir, era que íamos visitar o Mickey Mouse.

– Já se passaram oito anos. Morreu depressa, e nem se apercebeu do que estava prestes a acontecer. Acho que essa é a melhor maneira de morrer – diz Dinny, num tom calmo.

– Acho que sim.

– E como é que a Lady Calcott acabou por morrer? – Reparo no seu tom, uma ligeira amargura, e também que não me dá condolências pela minha perda.

– Uma apoplexia. Tinha noventa e nove anos... e deve ter ficado muito decepcionada.

– O que é que queres dizer com isso?

– As mulheres Calcott pertencem a uma longa linhagem de centenárias. A minha bisavó viveu até aos cento e dois. Meredith sempre se mostrou determinada a viver mais tempo do que a rainha. Somos de boa cepa – digo, e arrependo-me de imediato. De qualquer referência a cepas, a linhagens, a famílias.

Há um silêncio vibrante. Tenho tanta coisa a dizer-lhe que nem sei por onde começar. Ele quebra o seu olhar atento, espreita por entre as árvores na direcção da casa, e uma sombra cai-lhe sobre as feições.

– Olha, desculpa ter gritado. Com... o Harry. Ele assustou-me, apenas isso – digo, em voz baixa.

– Não precisas de ter medo dele, é inofensivo – garante-me Dinny. Baixamos ambos os olhos para a figura multicolor agachada sobre as folhas. Dinny, tão próximo de mim que lhe posso tocar. Dinny, real, mesmo aqui, quando minutos antes era quase um mito. Quase não acredito naquilo.

– Ele é... Há alguma coisa errada com ele? – pergunto.

– Ele é meigo e amigoso, e não gosta de falar. Se isso significa que tem algo de errado, então é porque tem.

– Oh, não quis dizer nada de especial com isso. Nada de mal. – A minha voz é demasiado alta. Respiro fundo, solto o ar.

– E tu andavas à procura de... azevinho?

– Sim, ou de visco-branco. Ou de alguma hera boa, com bagas. Para decorar a casa. – Sorrio.

– Vamos, Harry. Vamos mostrar à Erica onde há muito azevinho – diz Dinny. Puxa Harry para cima, impulsionando-o suavemente para um passeio lento.

– Obrigada – repito. A minha respiração é ainda demasiado rápida. Dinny vira-se à minha frente e eu reparo num monte de esquilos cinzentos, atados com cordel pelas caudas, atirados por cima das suas costas. Têm os olhos pretos semicerrados, a secar. Manchas escuras no pêlo dos flancos.

– Para que é que são os esquilos? – pergunto.

– Para o jantar – responde Dinny calmamente. Olha para trás, vê o horror a atravessar-me o rosto e esboça um meio sorriso. – Presumo que a carne de

esquilo ainda não tenha chegado aos menus dos restaurantes londrinos mais em voga?

– Bem, talvez a alguns. No entanto, não àqueles a que costumo ir. Como é que sabias que eu vivia em Londres? – Ele vira-se de novo, olha para as minhas botas elegantes, as minhas calças de ganga escuras, o casaco de lã volumoso e macio. A minha franja muito bem aparada.

– Calhou – murmura.

– Não gostas de Londres? – pergunto.

– Só lá estive uma vez – diz Dinny, por cima do ombro. – Mas de um modo geral, não. Não gosto de cidades. Gosto que o horizonte esteja a mais de dez metros de distância.

– Bem, eu gosto de ter coisas para as quais olhar. – Encolho os ombros. Dinny não sorri, mas abranda o passo para poder caminhar ao meu lado, o seu silêncio quase amigável. Procuo maneiras de o preencher. Ele não é muito mais alto do que eu, tem mais ou menos a mesma altura de Beth. Consigo ver o que prende o seu cabelo, um pedaço vermelho escuro do atacador de uma bota, cortado e bem apertado. As suas calças de ganga estão enlameadas na bainha; veste uma *T-shirt* e uma camisola larga de algodão. Vejo o vento a passar-lhe pelo pescoço nu e estremeço, apesar de estar envolvida em camadas de roupa e ele nem parecer reparar no frio. Subimos uma ligeira inclinação, os meus passos de longe os mais ruidosos. Os pés deles não parecem encontrar tantos obstáculos como os meus.

– Ali – diz Dinny, apontando. Olho em frente, vejo uma árvore escura, retorcida e velha. Harry apanha um ramo caído, está a pressionar os espinhos contra a ponta do polegar e depois pestaneja, abana a cabeça e repete o gesto.

Começo a cortar alguns ramos – aqueles com as folhas mais espinhosas, os amontoados de bagas mais gordos. Um salta e arranha-me a face. Um arranhão fino debaixo do meu olho, que me arde. Dinny volta a olhar para mim, a sua expressão inescrutável.

– E que tal está a tua mãe? Está aqui contigo? – pergunto. Quero ouvi-lo falar, quero ouvir tudo o que ele fez desde a última vez que o vi, quero que

ele volte a ser real, que ainda seja meu amigo. Mas lembro-me agora: os seus silêncios. Anteriormente nunca me fizeram sentir desconfortável. Uma criança não se sente perturbada por algo tão inofensivo como um silêncio, é, de certo modo, estranhamente paciente.

– Ela está bem, obrigado. Já não viaja connosco. Quando o meu pai morreu, desistiu de o fazer... Disse que estava a ficar demasiado velha para isso, mas acho que se fartou da estrada. Claro que nunca o teria dito ao meu pai. Mas quando ele morreu, ela desistiu. Juntou-se a um canalizador chamado Keith. Vivem em West Hatch, para aqueles lados.

– Oh, bem. Dá-lhe cumprimentos meus, da próxima vez que a vires. – Ao ouvir aquilo, ele franze um pouco o rosto e pergunto-me se terei dito algo de errado. Tem um daqueles rostos que se podem tornar muitíssimo sombrios, intransigentes, com o mais ligeiro dos esgares. Aos doze anos fazia-o parecer estudioso, sério. Nessa altura sentia-me perfeitamente tola, e agora sinto-me da mesma maneira.

Com o meu cesto cheio de azevinho, voltamos a atravessar os bosques até à clareira onde eles sempre acamparam. Um espaço amplo na extremidade ocidental do arvoredo, cercado de três lados por árvores protectoras, com campos abertos a oeste e uma colina verde e sulcada, que conduz de regresso à estrada. O solo aqui não escoia bem. Chapinhamos na lama, à medida que avançamos. No Verão, é um lugar tão verde; ervas altas de caules acetinados, o solo duro rachado e seguro. Harry mantém-se atrás de nós, a sua atenção desviando-se de uma coisa para outra.

– E tu? Estás agora a viver aqui? – pergunta, por fim, Dinny.

– Oh, não. Não sei. Provavelmente, não. Por enquanto, sim; pelo menos durante o Natal. Nós herdámos a casa, a Beth e eu... – As palavras soam-me pomposas.

– A Beth está cá? – interrompe-me Dinny, virando-se para olhar para mim.

– Sim, mas... Sim, ela está cá. – Ia dizer-lhe, *mas ela está diferente, mas ela não sairá.* – Devias ir até lá a casa, para a cumprimentar – digo, sabendo que ele não o fará.

Há seis veículos na clareira – mais do que aqueles que costumava haver. Dois miniautocarros, duas autocaravanas, uma carroça grande e antiga puxada a cavalo, e uma ambulância do exército transformada, que Dinny diz ser sua. Rolos de fumo erguem-se de tubos de chaminés e círculos de cinzas frias espalham-se pelo chão. Harry avança à nossa frente para se sentar num tronco; apanha qualquer coisa do chão e, muito atento, começa a mexer nela. Ao aproximarmo-nos, três cães correm até junto de nós, ladrando numa selvajaria aparente. Sei o que devo fazer. Mantenho-me imóvel, deixo os braços cair, espero que eles cheguem junto de nós, que me cheirem, que não me vejam a fugir.

– Teus?

– Só dois. O preto e canela é do meu primo Patrick. Este é o *Blot* – Dinny coça as orelhas de um rafeiro preto de aparência perigosa, dentes afiados e cheio de cicatrizes –, e este o *Popeye*. – Um cão mais pequeno, mais meigo; pêlo castanho e áspero, e olhos amáveis. *Popeye* lambe os dedos que Dinny lhe estende.

– Então... hmm, estás a trabalhar por aqui? O que é que fazes? – Recorro ao lugar-comum, e Dinny encolhe os ombros. Por um instante, penso que talvez ele afares de subsídios intermináveis, que roube, que venda droga. Mas esses são pensamentos de Meredith, e sinto-me envergonhada por os ter.

– Neste momento, nada. Durante grande parte do ano, perseguimos o trabalho pelo país. Trabalhos em quintas, em *pubs*, festivais. Esta época do ano é bastante morta.

– Isso deve ser difícil.

Dinny lança-me um olhar rápido.

– É ótimo, Erica – responde, num tom brando. Não me pergunta o que é que faço. No curto passeio até ao acampamento, pareço ter utilizado todo o crédito que um conhecimento infantil me poderia ter granjeado.

– Gosto da tua ambulância – digo, desesperada. Ao falar, a porta da ambulância escancara-se e uma rapariga sai desajeitadamente do interior. Pousa as mãos no fundo das costas, espreguiça-se com uma careta.

Reconheço-a de imediato; a rapariga grávida que encontrei na elevação tumular. Mas ela só deve ter uns quinze ou dezasseis anos. Dinny é da idade de Beth: trinta e cinco. Volto a olhar para a rapariga e tento imaginá-la com dezoito anos, talvez dezanove, mas não consigo.

A rapariga dos caracóis, de um loiro natural e vivo, que hoje em dia já raramente se vê. A sua pele é pálida e tem manchas azuis debaixo dos olhos. Com uma camisola de malha justa, às riscas, percebe-se facilmente que está perto do final da gravidez. Ela vê-me junto de Dinny e aproxima-se de nós com uma expressão carrancuda. Tento sorrir, para parecer que me sinto à vontade. Ela parece mais feroz do que *Blot*.

– Quem é essa? – exige saber, de mãos nas ancas. Fala com Dinny, não comigo.

– Erica, esta é a Honey. Honey, Erica.

– Honey? Prazer em conhecê-la. Desculpe tê-la assustado, no outro dia – digo, num tom animado. Penso, horrorizada, que aquela é a minha voz de professora.

Honey fita-me com olhos cansados, apáticos.

– Foi você? Não me assustou. – Um ligeiro sotaque do Wiltshire no seu discurso.

– Não, bom. Não foi bem assustar, mas... – Encolho os ombros. Ela observa-me durante um longo momento. Um escrutínio tão duro por parte de alguém tão jovem. O meu alívio é palpável quando me ignora, e volta a olhar para Dinny.

– O fogão não está a funcionar como deve ser – diz ela.

Dinny suspira, agacha-se para enfiar a mão por entre o pêlo de *Popeye*. As primeiras gotas de chuva aterram nas nossas mãos e rostos.

– Já trato disso – diz-lhe Dinny, tranquilizador. Honey olha para ele e depois afasta-se, volta a entrar sem me olhar. Fico momentaneamente atordoada.

– Então... quando é que nasce? É dentro de pouco tempo? – pergunto, desajeitada, esperando que ela não me oiça do interior da ambulância.

– Um pouco depois do Natal – diz Dinny, olhando através da clareira.

– Daqui a tão pouco tempo! Deves estar muito entusiasmado. Ela já tem a mala pronta, e essas coisas? Para o hospital? – Dinny sacode a cabeça.

– Não há nenhum hospital. Ela diz que o quer ter aqui. – Ao dizer isto, Dinny interrompe-se, levanta-se e vira-se para mim. – Não sei se é boa ideia. Percebes alguma coisa de bebés? – Soa ansioso.

– Eu? Não, na verdade não. Eu nunca... Mas actualmente, o governo está sempre a falar dos benefícios dos partos em casa. Aparentemente, é um direito de todas as mulheres. Tens uma boa parteira?

– Nem parteira, nem parto em casa. Ela quer tê-lo ali fora, no bosque.

– No *bosque*? Mas... estamos em Dezembro! Ela está doida?

– Eu sei que estamos em Dezembro, Erica. Mas ela está no seu direito, como tu acabaste de dizer – diz ele, num tom de voz monocórdico. Ali, sob a superfície, há um toque de exasperação. – Ela está a levar o mais longe possível a ideia de um parto natural.

– Bem, tu também tens o direito a escolher. O pai também tem esse direito. Os primeiros filhos podem levar algum tempo, tu sabes disso. Quando teve o Eddie, a Beth esteve em trabalho de parto durante trinta e seis horas...

– A Beth tem um bebé?

– Teve um bebé. Agora já tem onze anos. Vem cá passar o Natal, por isso é provável que o venhas a conhecer... ao Eddie. É um miúdo fantástico.

– Então ela é casada?

– Foi casada. Agora já não o é – digo, abruptamente. Ele faz perguntas a respeito de Beth, mas nenhuma a meu respeito.

A chuva recomeça a cair com intensidade. Curvo-me, enfio mais profundamente as mãos nos bolsos, mas Dinny parece não reparar nisso. Penso em começar a falar de Honey, depois lembro-me dos seus olhos duros e espero que Dinny não me pergunte nada. Chego a um compromisso.

– Bem, se a Honey quer falar com alguém a esse respeito, talvez ela possa falar com a Beth? A experiência dela pode servir de advertência.

– Ela não quer falar com ninguém a esse respeito. Ela... é muito obstinada. – Dinny suspira.

– Pois, eu reparei – murmuro. Não consigo aguentar outro silêncio. Quero fazer-lhe perguntas acerca do Natal. Acerca de nomes para o bebé. Quero fazer-lhe perguntas a respeito das suas viagens, da sua vida, do nosso passado. – Bem, acho que é melhor voltar para casa. Sair desta chuva – é tudo que consigo dizer. – Foi mesmo bom voltar a ver-te, Dinny. Estou satisfeita por teres voltado. E também foi bom conhecer a Honey. Eu... bem, nós estamos na casa, se precisares de alguma coisa...

– Também foi bom ver-te, Erica. – Dinny olha para mim com a cabeça inclinada, mas tem os olhos perturbados, insatisfeitos.

– OK. Bom, adeus. – Afasto-me, o mais casualmente que consigo.

Quando encontro Beth, a ver televisão no escritório, não lhe falo de Dinny. Não sei bem porquê. Acho que vai haver alguma reacção quando lho contar. E não tenho a certeza de qual será. De repente, sinto-me agitada. Sinto-me como se já não estivéssemos sozinhas. Consigo sentir a presença de Dinny lá fora, entre as árvores. Como algo de irritante no canto do olho. O terceiro canto do nosso triângulo. Apago a televisão, abro os cortinados.

– Vamos. Vamos sair – digo-lhe.

– Não quero sair. Ir aonde?

– Às compras. Estou fartinha até à ponta dos cabelos de sopa enlatada. Além disso, estamos quase no Natal. A mãe e o pai vêm almoçar, e como é que vais alimentar o Eddie no dia de Natal? Com as velhas bolachas de água e sal da Meredith? – Beth pensa naquilo por um momento, depois levanta-se rapidamente, põe as mãos nas ancas.

– Céus, tens razão. Tens razão!

– Eu sei.

– Precisamos de muitas coisas... peru, salsichas, batatas, sobremesas... – Vai contando os artigos pelos seus dedos longos. O Natal ainda se encontra a dez dias de distância, temos muito tempo. Mas não lho digo. Aproveito o melhor que posso a sua animação repentina, aponto para a porta. – E enfeites! – exclama ela.

– Vamos. Podes fazer uma lista no carro.

Devizes está decorada para o Natal. Pequenos abetos espreitam dos lados das lojas e hotéis ao longo da rua principal, enfeitada por fiadas de luzes brancas; há uma banda de metais a tocar, e um homem a assar castanhas, espirais de fumo a levantarem-se do seu carrinho. Pergunto-me o que é que ele fará durante o resto do ano. Ali, a escuridão e o granizo transformam-nos em parte da multidão que se acotovela. Enrolamos os cachecóis à volta das orelhas e olhamos para as montras, banhando-nos na luz quente e amarela. Nós as duas, de regresso ao mundo, depois da solidão da casa. Sabe bem e é excitante, e sinto falta de Londres. No interior de cada loja, Beth trauteia, acompanhando as músicas de Natal, e ao caminharmos enfiou o meu braço pelo dela, apertando-o com força.

Algumas horas depois, Beth entrou em modo natalício. Temos oito queijos diferentes, uma perna de fiambre enorme, salsichas frescas, *crackers* – dos que se comem, e também dos que se puxam, e que têm pequenos presentes e *confettis* no interior –, um peru que me esforço por levar até ao carro, e um bolo que custou uma quantia disparatada. Enfiámos tudo aquilo no porta-bagagens, voltamos para comprar bolas de Natal brilhantes, fiadas de contas, tinta dourada, pingentes de vidro, pequenos anjos de palha com vestidos de musselina branca. Há uma quinta a dois minutos da casa, que vende árvores de Natal – passamos por lá no caminho de regresso, combinamos as coisas para que nos seja entregue e erguida uma árvore de quatro metros de altura, no dia vinte e três de Dezembro.

– Pode ficar no vestíbulo, eles podem prendê-la ao corrimão – diz Beth, determinada.

Talvez eu não a devesse deixar gastar tanto dinheiro quando está perturbada, como agora. Nem me atrevo a juntar as contas todas, e a somá-las. Mas Beth tem dinheiro – dinheiro de Maxwell, dinheiro do seu trabalho como tradutora. Tem, decerto, mais dinheiro do que eu, mas é algo de que nunca falamos. A maior parte do tempo, vive com pouco. Ela poupa-o, a não ser que Eddie precise de alguma coisa. Todo o meu dinheiro está absorvido por Londres, chegar ao trabalho, pagar aluguer, viver. Agora temos comida suficiente para dez pessoas, quando somos só cinco, mas

Beth parece mais feliz, o seu rosto está menos deprimido. Terapia de compras. Mas não é só isso – ela gosta de poder dar. Deixo-a a pendurar grinaldas ao longo da pedra da lareira, com o rosto ligeiramente franzido em concentração enquanto ponho a chaleira ao lume, sentindo-me satisfeita e sonolenta.

Tenho uma mensagem da minha agência no telemóvel, acerca de um trabalho de professora substituta numa escola em Ealing, que começa a doze de Janeiro. O meu polegar paira por cima da tecla de remarcação, mas sinto-me estranhamente relutante em a premir, em deixar que a vida real se lance sobre mim. Mas presumo que tenha de ganhar dinheiro; a vida tem de continuar. A literatura tem de ser enfiada entre orelhas surdas. A não ser que isso não tenha de ser feito. A não ser que eu viva aqui, é claro. Acabam-se as rendas. Apenas a manutenção, embora provavelmente essa saia mais cara do que a minha renda actual. Valeria isso a pena durante cinco, talvez dez anos? Tentar viver aqui – apenas o tempo suficiente para a herança se manter. Depois podíamos vender, reformar-nos aos quarenta, assim que os preços imobiliários voltem a subir. Mas, e se o facto de vivermos aqui deixar a Beth doente? E se eu tiver sempre esta sensação de algo atrás de mim? Gostaria de me virar e olhar para esse algo, gostaria de o conseguir identificar. Lembro-me de tudo o resto que aconteceu naquele Verão, excepto daquilo que aconteceu ao Henry.

Vimos para aqui nos dois verões que se seguiram àquele ano, e a nossa mãe observava-nos atentamente. Não para nos proteger, não para nos manter afastadas do mal; mas para nos avaliar, para ver como reagiríamos. Não sei se me portei de maneira diferente. Talvez um pouco mais calada. E ficávamos pelo jardim; não queríamos aventurar-nos mais longe. A minha mãe manteve-nos afastadas de Meredith, que na altura era imprevisível; lançava-se em torrentes de imprecações e acusações. Mas Beth retirou-se cada vez mais para dentro de si mesma. A nossa mãe apercebeu-se e disse-o ao nosso pai, e ele franziu o rosto. E deixámos de vir.

Lá fora, o sol lança tons frios de laranja e rosa sobre o horizonte. Pinto o azevinho de dourado, a tinta a polir as folhas escuras. Estão com um

aspecto maravilhoso. Os vapores deixam-me atordoada, eufórica. Estou a pendurá-lo dos corrimões e a colocá-lo ao longo dos peitoris das janelas quando Beth desce as escadas, de braços cruzados, o rosto enrugado pelo sono. Avança pelos lugares onde o pendurei, tocando ao de leve no azevinho, testando a tinta com a ponta dos dedos.

– Aprovas? – pergunto-lhe, a sorrir. Sintonizei o rádio para o Classic FM. Estão a passar «Good King Wenceslas». Beth assente, boceja. Eu canto, «E ele, tão tonto, caiu; sobre um tronco incandescente!» Não canto nada bem.

– Estás muito bem-disposta – diz-me Beth. Aproxima-se do peitoril da janela que estou a enfeitar com ramos, enfia-me o cabelo por trás da orelha, toca no arranhão debaixo do meu olho. São tão raras estas carícias. Sorrio.

– Bem... – digo. As palavras vacilam-me na boca. Sinto-me tentada a dizê-las, ainda sem saber se o devo fazer ou não.

– Bem, o quê?

– Bem, o Dinny está cá – digo-lhe.

AFECTO

1902

A viagem de Nova Iorque até Woodward, no território do Oklahoma, foi longa, cobrindo uma distância de quase três mil e duzentos quilómetros. Os estados iam desfilando, uns atrás dos outros, sob o comboio, sempre em direcção a oeste. A princípio, Caroline ficou maravilhada com a paisagem que via pela janela. À medida que deixavam para trás as vilas familiares do estado de Nova Iorque, as povoações eram cada vez menos frequentes e mais distanciadas entre si. Passaram por bosques tão densos e escuros que pareciam pertencer a outra era, bosques que envolviam o comboio quilómetro atrás de incontável quilómetro.

Passaram por campos de trigo e milho, igualmente extensos e espantosos; e aldeias que se tornavam cada vez mais pequenas, como se fossem comprimidas pelas vastas imensidões de terra à sua volta. Numa estação, ao longo dos carris, tinham sido construídas habitações toscas e havia crianças a brincar, a correr ao lado do comboio, a acenar e a pedir moedas. Com um sobressalto, Caroline viu que estavam descalças. Acenou-lhes quando o comboio voltou a partir, e virou-se para olhar para trás enquanto as suas frágeis casas encolhiam e se transformavam em miniaturas, e a terra voltava a estender-se de ambos os lados. Era verdadeiramente selvagem, pensou, esta terra para oeste. Os homens viviam nela, mas ainda não a tinham moldado; não da maneira como haviam moldado a cidade de Nova Iorque. Caroline recostou-se no assento e estudou as colinas púrpura à distância com uma sensação de desconforto, sentindo que o outrora poderoso comboio não passava então de um mero grão, um insecto a rastejar através da superfície interminável do mundo.

Na altura em que Caroline mudou de comboio pela terceira e última vez, em Dodge City no Kansas, estava exausta e com a roupa transpirada. Sentia o estômago quente e vazio, porque a refeição que Sara lhe preparara acabara há um dia e meio; Sara, que não conseguia imaginar uma viagem tão longa para a qual meia dúzia de ovos cozidos, uma maçã e uma empada de carne de porco não fossem mantimentos suficientes. Caroline juntou-se aos outros passageiros para almoçar no El Vacquero, situado no hotel Harvey ao lado dos carris de Dodge City. Era um edifício novinho em folha, de tijolo, e Caroline considerou aquilo como uma prova da nova riqueza e estabilidade daquela que fora até há muito pouco tempo uma terra de fronteira. Olhou discretamente em volta, demasiado curiosa quanto ao que a cercava para resistir.

A estrada ainda não concluída fervilhava de pessoas, cavalos, caleches e carroças, emitindo um som abafado, bastante diferente do de uma rua de Nova Iorque. Cavalos selados estavam alinhados ao longo de postes, repousando as garupas fatigadas. O fedor a lama era forte, pairando sobre a cidade e emanando das pocilgas próximas; misturava-se estranhamente com

o cheiro a comida, dos corpos quentes de pessoas e animais. Confuso, o estômago de Caroline não sabia se devia resmungar ou retrair-se. Passavam homens de pistolas presas às ancas, camisas desabotoadas no pescoço, e Caroline olhou para eles surpreendida, como se tivessem saído de lendas. O coração começou a bater-lhe com maior intensidade, com uma espécie de energia nervosa, e tinha a garganta seca. Por um instante, quase sentiu a falta da presença indomável de Bathilda ao seu lado; sentiu saudades da sua respeitabilidade, para se poder esconder atrás dela. Envergonhada, endireitou os ombros e voltou a ler o menu.

O restaurante estava apinhado por ser hora do almoço, mas uma rapariga activa num uniforme limpo serviu-a passado pouco tempo; trouxe-lhe um *consommé* com massa, ovos escalfados e café.

– Vai viajar para longe, menina? – perguntou-lhe um homem. Estava sentado a dois lugares de distância, na mesma mesa. Sorriu e inclinou-se para ela, de modo que Caroline corou, chocada por lhe falarem de um modo tão informal. O homem não estava barbeado, e os punhos do seu casaco eram brilhantes.

– Para Woodward – respondeu, sem ter a certeza se devia apresentar-se antes de falar, ou até se devia responder-lhe.

– Woodward? Bem, então acho que agora já não tem uma distância muito grande a percorrer, tendo em conta o sítio de onde veio. Nova Iorque, se é que percebi bem pelo seu sotaque? – Voltou a sorrir, agora mais abertamente. Caroline assentiu rapidamente e concentrou-se nos ovos. – Tem por ali família que vá visitar? Quero dizer, em Woodward?

– O meu marido – respondeu Caroline.

– O seu marido! Ora, isso é uma grande pena. Mesmo assim, foi uma sorte que este lugar tenha aberto, não acha? O Fred Harvey antes deste estava situado num vagão, sobre estacas! Já viu alguma coisa assim, no Leste? – exclamou ele numa voz muito alta, e Caroline tentou sorrir educadamente.

– Ah, deixa a rapariga em paz, Doon. Não vês que ela quer almoçar sem que a incomodem? – Era outro homem, sentado junto do primeiro. Tinha uma aparência irascível, rugas profundas à volta dos olhos. Penteara muito

o cabelo para um lado e aquele ali permanecera, fixo por uma qualquer substância. Caroline mal se atreveu a olhar para ele. As suas faces ardiam.

– Peço desculpa, menina – murmurou o primeiro homem. Caroline comeu com uma pressa inapropriada, e regressou ao comboio com as mãos enfiadas no regalo de pêlo de raposa, apesar de o tempo estar quente.

O campo que se estendia para lá de Dodge City era extenso e sulcado. Quilómetro atrás de quilómetro de uma pradaria suave, sem características, desfilava à sua frente, agora que o comboio virara para sul na linha de Santa Fé. Caroline deixou-se descair no assento, e ansiou poder soltar o espartilho. Sentia-se demasiado cansada para manter uma postura de senhora, e como estava sozinha no compartimento encostou a cabeça à janela e olhou para o céu interminável, de uma tonalidade amarelo casca de ovo. O horizonte nunca fora tão extenso, tão plano, tão distante. A pouco e pouco, aquela poderosa extensão de terra começou a causar-lhe uma sensação estranha, como se estivesse à beira de uma vertigem. Ela esperara ver montanhas cobertas de neve, campos de cultivo verde-esmeralda, e rios a correr velozes. Mas a terra parecia quente e exausta, tal como ela. Resolveu tirar da mala o seu exemplar de *The Virginian* e imaginou-se como Molly Wood, a cortar temerariamente os seus laços com o lar, a dirigir-se, ousada, para uma nova vida numa terra desconhecida. No entanto, passado um bocado, deixou de se sentir como Molly Wood e voltou a ter medo, por isso pensou no marido à sua espera em Woodward; e apesar de isso fazer parecer com que o comboio abrandara, prolongando ainda mais a viagem interminável, pelo menos sentiu-se reconfortada.

O comboio chegou a Woodward ao fim do dia, quando o sol começava a descer numa tonalidade laranja contra a janela empoeirada. Caroline estava a dormir quando o revisor passou pelo seu compartimento.

– Woodward! Próxima paragem, Woodward! – O grito do homem acordou-a, fez com que o seu coração se sobressaltasse. Reuniu as suas coisas e levantou-se tão depressa que ficou tonta, e depois teve de voltar a sentar-se e respirar fundo! *Corin*, foi tudo em que conseguiu pensar. Vê-lo de novo, depois de tantos dias! Espreitou ansiosamente para a estação à

medida que o comboio guinchava até parar, desesperada por o conseguir ver. Ao olhar para o seu reflexo no vidro, ajeitou rapidamente o cabelo, mordeu os lábios para os avermelhar e beliscou as faces para lhes dar alguma cor. Não conseguia manter-se calma, não conseguia evitar tremer.

Desceu rigidamente do comboio, as saias a agarrarem-se-lhe às pernas, os pés inchados e quentes no interior das botas. Olhou para ambos os lados da plataforma de madeira, o coração na boca, mas não conseguiu ver Corin entre o punhado de pessoas que saíam das carruagens, ou que esperavam na estação. O comboio suspirou, cansado, e rastejou em direcção a um ramal onde uma torre de água se erguia contra o céu. Foi saudada por um vento quente, que lhe cantava suavemente aos ouvidos, e pisou a areia no chão da plataforma. Caroline olhou de novo em volta e de repente sentiu-se vazia, subitamente solta, como se a próxima rajada de vento a pudesse levar. Endireitou nervosamente o chapéu, mas manteve o sorriso pronto, os olhos perscrutadores. Woodward parecia pequena e lenta. A rua que conduzia à vila a partir da estação era larga e ainda não fora terminada, e o vento esculpira pequenas ondas de areia a todo o seu comprimento. Conseguia sentir o cheiro a alcatrão no edifício da estação, quente do sol, e o intenso fedor do gado. Baixou os olhos, desenhando uma linha no chão com a biqueira da bota.

À medida que a locomotiva se afastava, instalou-se um novo tipo de silêncio, seguido pelo chocalhar de uma caleche a passar e do chiar do carrinho de bagagens, contra o qual o carregador vergava as costas devido ao peso da sua bagagem. Onde é que estava Corin? Dúvidas e receios borbulhavam no seu interior – que ele se tivesse arrependido da sua escolha, que ela tivesse sido abandonada, que tivesse de apanhar o próximo comboio para Nova Iorque. Voltou-se, desesperada por o ver. O carregador tinha parado e estava a tentar chamar-lhe a atenção, sem dúvida para lhe perguntar para onde devia levar a bagagem. Mas se Corin não estava ali, Caroline não fazia a mínima ideia. Não fazia nenhuma ideia para onde devia ir, onde ficar, o que fazer. O sangue esvaiu-se-lhe do rosto, e uma sensação vertiginosa agitou-lhe os pensamentos. Durante um momento

aterrorizador, pensou que poderia desmaiar ou irromper em lágrimas, ou ambas as coisas. Respirou fundo, trémula, e tentou desesperadamente pensar no que fazer, no que dizer ao carregador para esconder a sua confusão.

– Mrs. Massey? – A princípio, Caroline não registou aquele nome como sendo o seu, proferido de um modo lento e arrastado. Ignorou o homem de chapéu nas mãos que estava parado ao seu lado, o corpo curvado numa postura descontraída. Parecia ter cerca de trinta anos, mas o tempo gastara-lhe o rosto tal como estava a desbotar a cor azul da sua camisa de flanela. No seu cabelo sujo viam-se, aqui e ali, madeixas castanhas e vermelhas. – Mrs. Massey? – voltou a perguntar, dando um passo na direcção dela.

– Oh! Sim, sou eu – exclamou Caroline, sobressaltada.

– É um prazer conhecê-la, Mrs. Massey. Chamo-me Derek Hutchinson, mas por aqui todos me chamam Hutch, e gostaria que também me chamasse assim – apresentou-se ele, enfiando o chapéu debaixo do braço e estendendo a mão, que Caroline apertou, hesitante, apenas com a ponta dos dedos.

– Onde está o Mr. Massey? – perguntou ela.

– Corin devia ter regressado a tempo de a vir buscar, minha senhora, e eu sei que ele queria muito fazê-lo, mas surgiram alguns problemas com ladrões de gado e chamaram-no para resolver o assunto... Tenho a certeza de que estará de regresso ao mesmo tempo que nós – disse Hutch, vendo o rosto desanimado de Caroline. Lágrimas de decepção turvavam-lhe a visão, e ela mordeu o lábio inferior para as conter. Hutch hesitou, perturbado pela sua reacção.

– Estou a ver – balbuciou ela, oscilando ligeiramente, e sentindo de repente uma enorme vontade de se sentar. Corin não a fora buscar. Num terror repentino, começou a imaginar os motivos que ele poderia ter para a evitar.

Hutch pigarreou, acanhado, e moveu os pés de uma maneira desajeitada.

– Eu... hmm... eu sei que ele queria mesmo vir buscá-la, Mrs. Massey, mas quando há ladrões a prender, é dever dos proprietários das terras

ajudarem-se uns aos outros nessas missões. Vim em vez dele, e estou ao seu dispor.

– É dever deles ir? – perguntou ela, hesitante.

– Absolutamente. Ele tinha a obrigação de o fazer.

– Então... é o seu criado? – perguntou ela.

Hutch sorriu e inclinou o queixo.

– Não sou exactamente isso, Mrs. Massey. Não é bem isso. Sou o capataz do rancho.

– Oh, estou a perceber – disse Caroline, embora não estivesse. – Bom. Acha que chegaremos antes da hora de jantar? – perguntou Caroline, esforçando-se por recuperar a compostura.

– Jantar, minha senhora? Quer dizer, amanhã?

– Amanhã?

– São quase cinquenta e seis quilómetros até ao rancho, a partir de Woodward. Ora, isso não é muito longe, mas acho que é suficientemente longe para podermos partir esta noite. Há um quarto à sua espera na pensão, e também um belo jantar, pois parece estar a precisar de uma boa refeição, se é que posso ter a ousadia de lho dizer. – Observou a sua forma minúscula e a palidez da sua pele com uma expressão avaliadora.

– Cinquenta e seis quilómetros? Mas... quanto tempo é que vamos demorar?

– Partimos amanhã bem cedo, e devemos lá chegar ao meio-dia do segundo dia... Não pensei que a senhora pudesse trazer tantas arcas e caixas consigo, e isso é capaz de abrandar um pouco a carroça. Mas os cavalos estão repousados, e se o tempo se mantiver bom, será uma viagem agradável e fácil. – Hutch sorriu, e Caroline sentiu-se mais animada e lá encontrou uma maneira de sorrir, apesar do cansaço que sentiu ao ouvir dizer que ainda tinha mais um dia e meio de viagem. Hutch avançou, de braço estendido. – Assim está melhor. Venha comigo e vamos instalá-la. Parece muito cansada, Mrs. Massey.

O Central Hotel, situado na rua principal, era gerido por uma mulher redonda, de rosto amargo, que se apresentou como Mrs. Jessop. Levou

Caroline até um quarto limpo, embora exíguo, enquanto Hutch supervisionava a mudança da bagagem do carrinho da estação para a carroça coberta que os levaria até ao rancho. Mrs. Jessop esboçou uma expressão carrancuda quando Caroline pediu que lhe preparasse um banho quente, e esta tirou apressadamente algumas moedas da mala para adoçar o pedido.

– Então vá lá. Eu bato-lhe à porta quando o banho estiver pronto – disse a mulher, olhando-a severamente. O trinco da porta da casa de banho era frágil, e havia um nó na madeira através do qual se podia vislumbrar um pouco do corredor. Caroline manteve um olhar atento no nó de madeira enquanto tomava banho, aterrorizada por poder ver a sombra de um olho transgressor a cair sobre ele. A água do banho estava baixa, mas apesar disso fê-la sentir-se recuperada. O sangue correu pelos seus músculos rígidos e costas doridas, e por fim pousou a cabeça contra a tina, respirando fundo. A divisão cheirava a toalhas húmidas e a sabão barato. Resquícios da luz da tarde infiltravam-se pelas portadas, e vozes vindas do exterior chegaram-lhe aos ouvidos; vozes lentas e melodiosas, com sotaques desconhecidos. Depois souu uma voz masculina e ruidosa, aparentemente mesmo por baixo da sua janela:

– Ora, seu maldito filho de uma *cadela*! Que *raio* estás aqui a fazer?

A pulsação de Caroline acelerou ao ouvir uma linguagem tão obscena e sentou-se com um chapinhar abrupto, à espera de ouvir a qualquer momento mais imprecações, ou uma luta, ou até tiros a serem disparados na rua. Mas o que ouviu a seguir foi uma forte erupção de gargalhadas, e o som de palmadas dadas em ombros. Voltou a afundar-se na água quase fria do banho, e tentou acalmar-se.

Depois disso, secou-se com uma toalha áspera e pôs um vestido branco e limpo para o jantar, evitando quaisquer jóias porque não sentia vontade de se exhibir perante os outros hóspedes. Sem o auxílio de Sara, a sua cintura era um pouco menos fina, e o seu cabelo não estava tão bem penteado, mas sentiu-se mais recomposta ao descer para o jantar. Olhou em volta à procura

de Derek Hutchinson e, quando não o encontrou, perguntou por ele a Mrs. Jessop.

– Aposto que não o vai voltar a ver esta noite – disse a mulher, com um sorriso rápido e conhecedor. – A última vez que o vi, ele ia a caminho do Dew Drop.

– Desculpe, a caminho de onde?

– Da estalagem Dew Drop na ponte de Miliken, junto do depósito. Qualquer que seja a refeição que ele vai tomar esta noite, é lá que o vai fazer e não aqui! – E ao dizer aquilo, soltou uma risadinha baixa. – Já há uns bons meses que não vem para estes lados. Um homem fica com fome. – Ao deparar-se com a incompreensão óbvia de Caroline, Mrs. Jessop suavizou os seus modos. – Vá-se lá sentar, Mrs. Massey. Vou mandar a Dora trazer-lhe o jantar. – Assim Caroline fez o que lhe mandavam, e jantou sozinha ao balcão sem nenhuma companhia além da de Dora, uma rapariga inquisidora, que acompanhava cada prato da refeição com um monte de perguntas acerca do Leste. Do outro lado da sala, dois cavalheiros desgastados e de rostos cansados discutiam animadamente o preço dos cereais.

O dia amanheceu bonito, o céu tão cristalino como água, e havia no ar um cheiro ao qual Caroline não estava habituada; um cheiro a terra que se erguia do solo húmido e dos arbustos de salva que haviam desabrochado recentemente na pradaria, que se estendia a toda a volta de Woodward. Tão diferente da cidade, do cheiro a tijolo, a fumo e a pessoas. O sol estava forte quando iniciaram a parte final da viagem. Enquanto Hutch a ajudava a subir para a carroça, Caroline reparou num cinturão agora apertado à volta das suas ancas, um revólver enfiado no coldre. Fê-la sentir um formigueiro estranho no estômago. Empurrou a touca para a frente para proteger melhor os olhos contra a luz intensa, mas apesar disso teve de os manter semicerrados. O sol parecia mais brilhante ali do que alguma vez o fora em Nova Iorque, e quando ela fez essa observação, Hutch inclinou o queixo a concordar.

– Acho que é verdade, minha senhora. Eu nunca estive tão a leste, nem tão a norte, agora que penso nisso; mas parece-me que qualquer lugar com tantos edifícios, e tanta vida e morte a acontecer, deve acabar por ficar com o ar todo perturbado, como acontece com os rios. – Uma brisa viva levantou a areia sob as rodas da carroça, lançando-a à volta deles, e Caroline sacudiu as mãos para a afastar. Pouco depois, tinha as pregas da saia cheias de areia. Hutch observou-a sem sorrir. – Assim que nos afastarmos da vila, haverá menos dessa areia, Mrs. Massey – disse.

Não demoraram muito a atravessar Woodward. Desceram a rua principal, que estava predominantemente flanqueada por edifícios de estruturas de madeira e apenas um ou dois de construção mais permanente. Havia vários *saloons*, vários bancos, uma estação dos correios, uma loja grande, um teatro. Havia uma azáfama razoável de carroças e cavalos, e um certo número de pessoas a tratar das suas vidas, a maior parte das quais eram homens. Caroline olhou para trás, por cima do ombro, ao saírem da povoação. À distância, conseguiu ver que muitas das fachadas dos edifícios altos eram falsas, e nas traseiras tinham apenas um piso.

– Isto é que é Woodward? – perguntou ela, incrédula.

– Sim, minha senhora. Actualmente mais de duas mil almas chamam-lhe lar, e continua a crescer. Desde que abriram as terras Cheyenne e Arapaho a sul que as pessoas começaram a aparecer, a fixar-se e a tratar da terra. Alguns dizem que é uma pena ver aquele território extenso vedado e lavrado. Eu chamo-lhe progresso, embora me sinta feliz por saber que ainda há muita terra livre para as manadas de vacas.

– Arapaho? O que é que isso significa?

– Os Arapaho? São índios. Originariamente de regiões mais a norte, mas aqui instalados pelo governo, como tantos outros... Esta terra pela qual estamos a passar pertencia aos Cherokee até há pouco tempo, embora eles vivessem mais para leste. Durante anos alugaram-na aos rancheiros e criadores de gado, antes de ter sido aberta aos colonos em noventa e três...

– Mas isso é seguro? Que pessoas civilizadas vivam onde há índios? – Caroline estava chocada. Hutch lançou-lhe um olhar de soslaio, e depois

encolheu os ombros.

– Eles venderam as suas terras e mudaram-se para leste. Parece-me que têm tão pouca vontade de ter vizinhos brancos como os brancos têm de partilhar a terra com índios.

– Graças a Deus! – disse Caroline. – Eu não conseguiria dormir de noite, sabendo que tais criaturas andavam a vaguear junto da minha janela! – Soltou uma pequena gargalhada, estridente e nervosa, e não reparou no olhar pensativo de Hutch, fixo na pradaria. Imitando-o, Caroline perscrutou o horizonte e sentiu o estômago agitar-se, ao pensar que selvagens poderiam ter andado à caça de escalpes naquele lugar exacto, ainda não há muito tempo. Dois coelhos fugiram, assustados, da berma da estrada e apressaram-se a esconder-se nos arbustos, visíveis apenas devido às pontas pretas das orelhas.

Mais à frente, a uns dezoito ou dezanove quilómetros, viam-se alguns edifícios. Caroline ficou satisfeita por os ver. Cada quilómetro que tinham percorrido desde Woodward parecera-lhe, de certo modo, outro salto que a afastava da segurança; outro quilómetro que a separava da civilização, embora fosse outro quilómetro que se aproximava mais de Corin. Colocou as mãos em concha sobre os olhos, para ver melhor.

– Aquela é a próxima vila? – perguntou. Hutch assobiou suavemente aos cavalos, dois animais cor de avelã com patas duras e traseiros robustos, e fê-los parar.

– Não, minha senhora. Aquele é o antigo forte militar. Chama-se Fort Supply. Receio que dentro em breve iremos sair da estrada, por isso já não será uma viagem tão agradável.

– Fort Supply? Então há aqui uma guarnição?

– Agora já não. Há sete ou oito anos que está vazio.

– Mas porque é que estavam aqui? Imagino que para proteger as pessoas dos índios.

– Bem, decerto que esse era um dos motivos. Mas mais do que isso, estavam aqui para evitar que os brancos se instalassem nas terras índias. Por

isso, pode dizer-se que estavam aqui para proteger os índios de pessoas como nós.

– Oh – disse Caroline, um pouco desiludida. Gostara da ideia de soldados tão próximos a guardarem o rancho, e imaginara-se de imediato a dançar quadrilhas com homens de belos uniformes. Mas à medida que se aproximavam viu que o forte era baixo e de aparência grosseira, construído sobretudo com madeira e terra, e não com tijolo ou pedra. As aberturas escuras e vazias das janelas pareciam sinistramente vigilantes, e, arrepiada, Caroline desviou os olhos. – Mas esta estrada agora dirige-se para onde?

– Bem, acho que para lugar nenhum. Vai deste forte até Fort Sill, mas deste lado é sobretudo usada por pessoas como nós, para tornar o caminho até à vila um pouco mais fácil para os ossos – disse-lhe Hutch. Caroline olhou para trás, ao longo da estrada vazia. Observou a poeira a voltar a assentar sobre o rasto deles. Imaginara um país virgem, intocado por quaisquer mãos além das de Deus. Mas já se via ali um forte em ruínas, e uma estrada para lado nenhum. – Vamos atravessar o North Canadian dentro de pouco tempo, Mrs. Massey, mas não quero que se preocupe com isso. Nesta altura do ano não nos vai criar quaisquer problemas – disse Hutch. Caroline assentiu, e esboçou um sorriso evasivo.

O rio era largo, mas pouco profundo, a água chegando apenas a meio das rodas da carroça e às barrigas dos cavalos. Ao chegarem ao outro lado, Hutch soltou os animais dos arreios, e estes beberam durante muito tempo, batendo com os cascos na água para molharem o seu pêlo empoeirado e enchendo as narinas de Caroline do cheiro da sua pele quente. Ela sacudiu algumas gotas da saia, conseguindo apenas espalhar uma mancha gordurosa. Pararam para almoçar do outro lado do rio, onde um grupo de algodoeiros enrolava as suas raízes na margem areosa, e lançava uma sombra mosqueada no solo. Hutch estendeu um cobertor grosso sobre a terra e Caroline pegou-lhe na mão para descer da carroça, sentando-se no chão o melhor que conseguiu. No entanto, o espartilho não a deixava ficar à vontade, e pouco falou enquanto comia uma fatia de carne que precisava de ser mastigada de uma forma muito indelicada, e pão que se lhe desfazia no

colo. Sentiu grãos de areia entre os dentes enquanto comia. O único som era o silvar e assobiar suave da brisa por entre as folhas dos algodoeiros, que se retorciam e tremiam, lançando sombras baças, verdes e prateadas. Antes de prosseguirem viagem, Caroline teve algum trabalho a tirar da bagagem uma sombrinha de seda pregueada.

A carroça fez um progresso mais lento sobre a pradaria aberta, saltando sobre raízes de arbustos, por vezes arrastando-se em faixas de areia movediça ou pelo leito pantanoso de um riacho pouco fundo. Passaram por algumas habitações baixas, casas escavadas e feitas à pressa para manter uma família em segurança, para reclamar um direito, para um novo início. Mas estas encontravam-se muito afastadas umas das outras, e quanto mais eles avançavam mais raras se tornavam. À medida que a tarde se prolongava, Caroline dormitou, oscilando no assento ao lado de Hutch. De cada vez que a cabeça lhe começava a cair para a frente, um solavanco fazia com que acordasse.

– Vamos parar dentro de pouco tempo para passar a noite, minha senhora. Parece-me que lhe faria bem dormir, e também uma caneca de café quente.

– Oh, sim! Estou bastante cansada. Já estamos muito longe da vila?

– Parece mais longe nesta carroça lenta. Já fiz a viagem a cavalo apenas num dia, e sem me esforçar muito. Tudo que é necessário é um cavalo de sela, bom e rápido; e o seu marido é um dos melhores criadores desses animais de todo o território do Oklahoma.

– Onde é que vamos parar durante a noite? Há alguma outra colónia por perto?

– Oh, não, minha senhora. Esta noite acampamos.

– Acampamos?

– Exacto. Não fique tão alarmada, Mrs. Massey! Sou um homem de honra e discrição – disse ele, sorrindo ironicamente ao ver o espanto a espalhar-se pelo rosto de Caroline. Passou-se um instante antes que Caroline percebesse que ele imaginara que se sentia escandalizada ao pensar que iam passar a noite sozinhos. Caroline corou e baixou os olhos, apenas para descobrir que os pousara perto da cintura das calças dele, onde a camisa se soltara um

pouco para revelar uma pequena área da sua barriga rija e bronzeada. Caroline engoliu em seco e fixou firmemente os olhos no horizonte. Na realidade, o seu medo inicial fora o de passar a noite no exterior, sem protecção contra os animais, o tempo e outros elementos da Natureza.

Antes de o sol se pôr, Hutch parou a carroça numa zona plana, onde o solo era mais verde e exuberante do que fora até ao momento. Ajudou Caroline a descer, e depois ela ficou parada, o corpo todo dorido, sem ter a certeza do que devia fazer. Hutch desatrelou a carroça, tirou o freio das bocas dos cavalos e bateu-lhes no traseiro. Com expressões satisfeitas e a sacudirem as caudas, eles afastaram-se a trotar, indolentes, até uma distância próxima e começaram a comer enormes tufos de relva.

– Mas... os cavalos não vão fugir? – perguntou Caroline.

– Se o fizerem, não será para longe. De qualquer maneira, são capazes de andar quilómetros por uma fatia de pão. – Hutch tirou uma tenda da carroça, e passados alguns instantes já a tinha montado. Estendeu cobertores em cima de peles de búfalo para fazer uma cama, e colocou no interior da tenda a maleta de Caroline. – Vai ficar muito confortável aí dentro. Tão confortável como em qualquer hotel nova-iorquino – disse. Caroline olhou para Hutch, sem ter a certeza se ele estava a fazer pouco dela, depois sorriu e sentou-se no interior da tenda, franzindo o nariz perante o cheiro das peles. Mas a cama era funda e macia; e os lados da tenda enfunavam-se com a brisa, como se respirassem suavemente. Caroline sentiu o coração abrandar, e uma enorme calma apoderou-se dela.

Pouco depois, Hutch acendeu uma fogueira e agachou-se ao lado dela, a remexer numa panela larga e achatada, que crepitava e fumegava. Alimentava as chamas com pedaços de qualquer coisa seca e castanha, que Caroline não reconheceu.

– O que é que está a utilizar para alimentar a fogueira? – perguntou.

– Excremento de vaca – respondeu Hutch, não lhe dando mais nenhuma explicação. Caroline não se atreveu a perguntar. O céu era um glorioso conjunto de laivos rosa e turquesa que se afastavam do clarão brilhante do oeste até se transformarem num azul aveludado e escuro a leste. O rosto de

Hutch brilhava à luz da fogueira. – Pus aí essa caixa, para que se pudesse sentar – disse ele, apontando com um garfo. Caroline sentou-se, obediente. Na escuridão para lá das chamas um dos cavalos resfolegou e relinchou suavemente. Depois ouviu-se um uivo distante, alto e fantasmagórico, que ecoou através da planície até ao lugar onde estavam sentados.

– O que foi aquilo? – exclamou Caroline, levantando-se à pressa. O sangue esvaiu-se-lhe da cabeça e ela cambaleou, estendendo um braço que Hutch agarrou, aparecendo ao seu lado num instante.

– Sente-se, por favor, minha senhora. Volte a sentar-se – insistiu ele.

– São *lobos*? – perguntou ela, incapaz de manter a voz firme.

– São apenas lobos da pradaria. Ora, não são maiores do que um cão, nem mais ferozes que isso. Não se vão aproximar de nós, prometo.

– Tem a certeza?

– Tanta certeza como estar aqui sentado, Mrs. Massey – garantiu-lhe Hutch. Caroline apertou bem o xaile à sua volta, e aconchegou-se, receosa, sobre a caixa de madeira dura, o seu corpo tenso de alarme. Hutch pareceu sentir a sua inquietação e começou a falar. – Por vezes, também lhes chamam coiotes. Andam por aí em matilhas, e lutam por causa dos restos de ossos que encontram aqui e ali. É por causa disso que estão a cantar, a dizer quem conseguiu os melhores ossos de vaca para roer. As maiores diabruras em que se metem é roubarem galinhas aos colonos, mas apenas o fazem quando têm de o fazer. Acho que aprenderam a não se aproximar muito das pessoas, a não ser que queiram apanhar com uma bala no rabo... – Continuou a falar, a voz baixa e de certo modo tranquilizadora, e Caroline sentiu-se reconfortada ao ouvi-la. De vez em quando, a canção do coiote pairava sobre o acampamento, longa e lastimosa.

– Soam tão solitários – murmurou.

Hutch olhou para ela, os olhos perdidos nas sombras. Estendeu-lhe cuidadosamente uma caneca de latão.

– Beba um pouco de café, minha senhora – disse-lhe.

O nascer do sol acordou-a, a luz a brilhar intensamente no interior da tenda. Caroline estivera a sonhar com Bathilda, que a observava por cima do ombro enquanto ela passava os dedos ao longo do teclado do piano, exclamando *Pulsos! Pulsos!*, como era hábito fazer. Durante um instante, Caroline não se conseguiu recordar de onde estava. Enfiou cautelosamente a cabeça fora da tenda, e ficou aliviada quando não viu qualquer sinal de Hutch. A leste, o céu estava maravilhoso. Caroline nunca se levantara tão cedo em toda a sua vida. Levantou-se e espreguiçou-se, as mãos no fundo das costas. Tinha o cabelo despenteado e a boca amarga devido ao café da noite anterior. Esfregou os olhos e descobriu que tinha as sobrancelhas cheias de areia. De facto, todo o seu rosto e roupa estavam cheios de areia. Havia uma linha de terra nos punhos do seu vestido, e também a conseguia sentir no colarinho, a roçar contra a pele. Os cobertores amarrotados ao lado das brasas apagadas da fogueira indicaram-lhe onde o capataz passara a noite.

– Bom-dia, Mrs. Massey – chamou Hutch, assustando-a. Aproximou-se vindo da vastidão verde para lá da carroça parada, um cavalo cor de avelã preso por uma corda a cada mão. – Que tal achou a sua primeira noite como vaqueira? – Sorriu. Caroline sorriu-lhe em resposta, sem o compreender na realidade.

– Bom-dia, Mr. Hutchinson. Dormi muito bem, obrigada.

– Vou levar estes dois a beber água ao riacho para aquele lado, e depois faço o pequeno-almoço – disse ele. Caroline assentiu, e olhou em volta. – Coloquei ali uma lata de água, para o caso de se querer refrescar um pouco – acrescentou ele, de novo a sorrir enquanto atravessava o acampamento.

No entanto, o verdadeiro desejo de Caroline era que houvesse uma casa de banho. Hesitou durante um bocado e depois percebeu, para seu grande horror, que teria de se aliviar entre os arbustos; e que a partida ostensiva de Hutch na direcção contrária servia, provavelmente, para lhe assegurar que não estaria nas proximidades para testemunhar a sua humilhação. Ele colocara um monte de folhas de jornal rasgadas e uma toalha de algodão fino junto à lata de água solícita. Com um esgar horrorizado, Caroline

serviu-se o melhor que conseguiu daquelas instalações improvisadas. Ao voltar, e com uma grande delicadeza, Hutch não olhou nem perguntou por nenhuma das coisas que deixara ali para ela.

Ao meio-dia, o sol estava escaldante mas o braço de Caroline, que apertava a sombrinha empoeirada, pesava de fadiga. Ela desistiu, fechou-a e pousou-a no colo. Olhando para o céu imenso e insondável, viu dois pontos escuros e brilhantes a voarem em círculos muito acima deles.

– São águias? – perguntou, apontando para o céu, e reparando o quão castanha de sujidade estava a sua luva de renda. Hutch seguiu o seu olhar, os olhos semicerrados.

– Receio que sejam apenas abutres. Na verdade, não há muitas águias aqui pela pradaria. Se subir até às Rockies, verá pássaros belíssimos. Tem aí uma visão muita aguçada, Mrs. Massey – disse-lhe ele. Voltou a olhar por cima das orelhas dos cavalos, e começou a cantar numa voz muito baixa: «Daisy, Daisy, dá-me a tua resposta...» Caroline deixou o olhar vaguear pelo horizonte, depois endireitou-se no assento e voltou a apontar.

– Vem ali alguém! – exclamou, entusiasmada.

– Bem, agora já não estamos muito longe do rancho, minha senhora. Pode ser um dos nossos cavaleiros. – Hutch assentiu, com um sorriso subtil.

– É o Corin? – perguntou Caroline, as mãos a voarem para o cabelo despenteado. Começou a enfiar madeixas soltas por baixo da touca. – Acha que é o Mr. Massey?

– Bem – Hutch voltou a sorrir enquanto Caroline se continuava a arranjar freneticamente –, não conheço nenhum outro homem nas redondezas que monte uma égua tão negra como aquela, por isso acho que é mesmo capaz de ser o seu marido, minha senhora.

Caroline ainda estava a ajeitar as saias e a beliscar as faces, sem se importar se Hutch testemunhava os seus esforços, quando o cavaleiro se aproximou mais, e Caroline viu pela primeira vez Corin desde que casara com ele, há mais de um mês. Pousou recatadamente as mãos no colo e sentou-se muito direita, apesar de interiormente estar a ferver de nervos. O cavalo preto aproximou-se numa passada rápida, lançando areia para o ar,

e quando chegou por fim junto deles, Corin puxou para baixo o lenço que lhe tapava o rosto e revelou um sorriso aberto. Estava tão deslumbrante e adorável quanto ela se recordava.

– Caroline! – exclamou ele. – É tão bom ver-te! – Saltou do cavalo e, aproximando-se, parou junto do pé dela. Caroline não se mexeu, sentada no cimo da carroça, transfigurada pelo medo e expectativa. – Estás boa? Como correu a viagem? – Quando ela não respondeu, o rosto de Corin ficou um pouco desanimado e uma expressão intrigada surgiu-lhe nos olhos. Ainda sem palavras, e mais aliviada por o ver do que alguma vez admitiria, Caroline desistiu de todo o decoro e deixou-se cair do banco para os seus braços expectantes. Apenas a sua leveza evitou que o casal se estendesse ao comprido sobre a areia da pradaria. Atrás deles, de rédeas casualmente apertadas numa mão, Hutch observava-os com um sorriso lacónico, e esboçou na direcção do patrão um aceno afável.

Houve uma corrida de pessoas à volta da casa do rancho quando a carroça que trazia a nova mulher de Corin Massey acabou por parar à porta. Eram na sua grande parte homens jovens, de roupa gasta e empoeirada, que apesar de tudo pareciam ter feito algumas tentativas para escovar o cabelo e ajeitar as camisas. Corin sorriu ao ver a perturbação no rosto de Caroline enquanto ela lançava outro olhar desesperado à sua roupa suja. Os homens dirigiram-lhe acenos de cabeça, inclinaram os chapéus e murmuraram saudações enquanto ela descia da carroça, sorria e os cumprimentava educadamente.

– Quero tanto levar-te a dar um passeio pelo rancho, Caroline. Estou tão ansioso por te mostrar tudo! A não ser que estejas demasiado cansada depois da tua viagem? – perguntou Corin, saltando do cavalo.

– Oh, estou tão cansada, Corin! Claro que tens de me mostrar tudo, mas primeiro preciso de me deitar e depois tomar um banho – disse ela. Corin assentiu de imediato, apesar de parecer um pouco desiludido. A casa branca e alta que Caroline imaginara era em vez disso um edifício baixo, de madeira; e apesar de a fachada ter sido pintada de branco, a areia da

pradaria soprada contra a metade inferior dera-lhe uma aparência imunda. Corin seguiu o seu olhar.

– Levantou-se um vento primaveril antes de a tinta ter tido tempo de secar – disse-lhe ele, embaraçado. – Vamos voltar a pintá-la, não te preocupes. Por sorte, só tivemos tempo de pintar a parte da frente, por isso não se estragou muito! – Caroline espreitou pela esquina da casa, e na verdade os lados ainda permaneciam por pintar.

– Vou tratar da *Strumpet*. Pode entrar com a Mrs. Massey – disse Hutch, tirando as rédeas das mãos de Corin.

– *Strumpet*? – perguntou Caroline, espantada.

– A minha égua. – Corin sorriu, esfregando a testa do cavalo. Caroline pouco sabia acerca de cavalos, mas o animal parecia ter uma expressão carrancuda. – A alma mais rabugenta e teimosa que podes encontrar por estas terras, e esse é um facto bem conhecido.

– Porque é que continuas com ela se é assim tão desagradável?

– Bem – Corin encolheu os ombros, como se aquilo nunca lhe tivesse ocorrido –, é a minha montada.

Dentro de casa, as paredes estavam nuas e não havia cortinados pendurados nas janelas. Havia bastante mobiliário, mas fora disposto de um modo desajeitado, a contrastar com os ângulos da sala. Uma poltrona fora empurrada para junto da salamandra, e ao lado dela havia pilhas de jornais de gado e catálogos de sementes, e essas eram as únicas coisas que pareciam colocadas no lugar certo. Muitas caixas e caixotes estavam espalhados pelo chão. Caroline voltou-se lentamente, a olhar para tudo aquilo, e sentiu areia debaixo do tacão das botas. Quando olhou novamente para o rosto do marido, não conseguiu esconder a sua decepção. O sorriso de Corin desapareceu-lhe do rosto.

– Não arranjei melhor as coisas porque achei que não valia a pena; estava à espera que chegasses e me dissesses *como* as devia arranjar. Agora que estás aqui vamos arrumar tudo como deve ser, e muito depressa – explicou ele, apressadamente. Caroline sorriu, inspirou tremulamente, e sentiu o

cheiro forte da madeira de carvalho aparada. – É só que... demorei mais tempo do que pensei a construir a casa... Desculpa, Caroline.

– Oh, não! Não te desculpes! – exclamou ela, angustiada por o ver tão deprimido. – Tenho a certeza de que será maravilhoso; sei exactamente como a devemos terminar. Fizeste tudo *muito* bem. – Virou-se, encostou a cabeça ao peito dele e inalou o seu cheiro. Corin afastou-lhe algumas madeixas da testa, e abraçou-a com força. O seu toque fê-la sentir-se quente por dentro, e provocou-lhe uma sensação tensa, como uma fome.

– Vem comigo – murmurou ele, e conduziu-a por uma porta na extremidade mais afastada da sala principal, até um quarto mais pequeno onde uma grande cama de ferro dominava a divisão. Esta estava coberta por uma colcha fina e multicolorida, e Caroline passou os dedos ao de leve por cima dela. Era de cetim e seda, fresca e frágil ao toque. – Mandei vir a cama de Nova Iorque – disse-lhe Corin. – Chegou pouco antes de ti; a colcha era da minha mãe. Porque é que não a experimentas?

– Oh, não! Ia sujá-la. É tão bonita, Corin – entusiasmou-se Caroline.

– Bem, eu também estou sujo, e acho que a devíamos experimentar. – Corin pegou-lhe nas mãos, depois agarrou-a pela cintura, e de seguida envolveu-a nos braços.

– Espera! Não! – riu-se Caroline, quando ele a puxou e caíram ambos, ressaltando, sobre o colchão.

– Nunca chegámos a ter a nossa noite de núpcias – disse Corin, suavemente. O sol que entrava pela janela iluminou-lhe o cabelo com uma aura suave, e lançou-lhe uma sombra sobre os seus olhos castanhos. Caroline estava muito consciente do cheiro transpirado do seu corpo por lavar, e da secura da sua boca.

– Não. Ainda não é hora de nos deitarmos. E eu preciso de tomar banho... e alguém pode entrar.

– Já não estamos em Nova Iorque, querida. Não tens de fazer o que a tua tia manda, e não temos de fazer o que a sociedade diz... – Corin pousou a mão aberta na sua barriga e Caroline susteve a respiração, que agora era

ofegante. Ele desabotoou-lhe cada um dos botões da blusa e afastou-a com ternura para o lado.

– Mas eu...

– Mas *nada* – murmurou Corin. – Vira-te. – Caroline obedeceu, e Corin debateu-se ligeiramente ao desapertar os laços do espartilho. Liberta, o afluxo repentino de ar nos pulmões de Caroline fez com que a sua cabeça andasse à roda, e ela fechou os olhos. Corin virou-a de frente para ele e delineou os contornos do seu corpo com as palmas ásperas em que ela reparara da primeira vez que se tinham conhecido. Beijou-lhe as pálpebras com afecto. – És tão bela – disse em voz baixa, e a sua voz era profunda e embargada. – Os teus olhos são como dólares de prata.

Alarmada pela intensidade da paixão que sentia, Caroline beijou-o com toda a força que conseguiu. Mal sabia o que devia esperar, sabendo apenas que Corin tinha direitos quanto ao seu corpo que nunca ninguém tivera antes. Bathilda aludira sombriamente à dor que seria necessária, e às obrigações que teriam de ser cumpridas, mas a pressão da pele de Corin contra a sua era uma sensação muito mais maravilhosa do que qualquer outra que já tivesse experimentado; e a insistência meiga do seu toque, o remexer do seu peso entre as suas coxas encheu-a de uma sensação que era quente e fria, quase dolorosa, e tão distante de tudo o que ela já sentira antes, de tal modo que gritou numa alegria espantada, já nem sequer preocupada com qualquer falta de decoro, ou que existisse mais alguém no mundo que a pudesse ouvir.

*

Corin levou a sua nova mulher a dar uma volta pelo rancho numa caleche, já que era demasiado grande para se poder visitar a pé e ela nunca montara a cavalo. Corin pareceu ficar espantado com esse facto, mas depois encolheu os ombros e disse:

– Não te preocupes; vais aprender depressa.

Mas Caroline não confiava nos cavalos, com os seus dentes feios e força bruta, e a ideia de ter de se sentar em cima de um não a seduzia. Quando

Corin lhe mostrou, orgulhoso, as suas éguas de criação, e o garanhão *Apache*, Caroline assentiu e sorriu, e esforçou-se por os distinguir. As criaturas pareciam-lhe todas iguais. Ele conduziu-a por vários currais, redis e apriscos de gado, e pelos dormitórios baixos e toscos onde dormiam os vaqueiros. Caroline reparou como o marido parecia tão à vontade, sem um único vestígio da insegurança ou timidez que mostrara em Nova Iorque. Passaram por uma cabana de aparência lamentável, meio escavada no solo, com um telhado de tábuas e torrões de relva.

– Aquele teria sido a nossa casa se tivesses chegado mais cedo! – disse-lhe Corin, com um sorriso.

– *Aquela?* – ecoou Caroline, horrorizada. Corin assentiu.

– Aquela cabana foi a primeira habitação que construí aqui, quando declarei o meu direito de propriedade em noventa e três. E passei dois Invernos nela, antes de construir uma casa decente. Encontrei uma na pradaria e arrastei-a até aqui, se é que consegues acreditar em tal coisa!

– Roubaste uma *casa*?

– Não roubei! Não, não foi isso. Acho que tinha sido construída por algum colono que estava a tentar instalar-se na terra antes de isso ter sido legalizado. Bem, quem quer que a tenha construído mudou-se, ou foi obrigado a mudar-se. A casa estava apenas ali, sem abrigar ninguém a não ser cascavéis. Por isso, escorracei os animais, coloquei-a nas traseiras de uma carroça e arrastei-a até aqui. Era uma casa boa e pequena, mas decerto que não suficientemente espaçosa para uma família. – Ao dizer aquilo, pegou-lhe na mão e apertou-a; e Caroline desviou os olhos, embaraçada.

– Uma família *grande*? – perguntou, hesitante.

– Acho que quatro ou cinco filhos devem chegar. – Corin sorriu. – O que é que achas?

– Quatro ou cinco devem chegar – concordou ela, sorrindo abertamente.

– Ora, aqui fica o abrigo para onde trazemos as éguas quando está na altura de parirem.

– O que é aquilo? – perguntou Caroline, a apontar para uma tenda cónica atrás do curral das éguas.

– É onde vive a família do Joe. Vês a cabana ao lado? O Joe e a mulher dormem ali, mas a sua família queria uma tenda igual àquela em que sempre viveram, e é aí que ainda vivem. São um povo muito tradicional.

– Porque é que... a família do Joe vive numa tenda? – perguntou Caroline, perplexa. Corin olhou para Caroline, tão perplexo quanto ela.

– Bem, eles são índios, querida. E gostam de viver como sempre viveram, embora o Joe tenha ideias mais avançadas. Trabalha comigo desde o início, quando apenas lhe podia pagar em roupa e latas de cinco cêntimos de tabaco de Richmond. É um dos meus melhores cavaleiros...

– Índios? Há aqui *índios*? – O coração de Caroline acelerou e o seu estômago revirou-se. Não teria ficado mais chocada se ele lhe tivesse dito que deixava lobos vaguear entre o gado. – Hutch disse-me que tinham todos partido! – sussurrou.

– Bem, a maior parte partiu. O resto do povo do Joe vive na reserva, a leste daqui, em terras que chegam ao rio Arkansas. Isto é, aqueles que permaneceram aqui no território do Oklahoma. O chefe Águia Branca é o líder deles. Mas há alguns anos, houve alguns que foram para norte. O chefe Touro em Pé voltou a conduzi-los para as suas terras no Nebraska. Acho que tinham mais saudades de casa do que os outros... – explicou ele, mas Caroline mal ouviu aquela breve história da tribo. Não conseguia acreditar no que estava a ouvir, nem a ver; que ali, acampados na soleira da sua porta, se encontravam os selvagens cujas histórias de atrocidades sinistras circulavam no Leste há décadas. O medo gelou-a até aos ossos. Puxou selvaticamente as rédeas das mãos de Corin, e fez com que a cabeça do cavalo se virasse na direcção da casa.

– Ei... espera, o que é que estás a fazer? – exclamou Corin, tentado tirar-lhe as rédeas enquanto o cavalo sacudia a cabeça em protesto, o ferro a bater-lhe contra os dentes.

– Quero ir-me embora! Quero *afastar-me* deles! – exclamou Caroline, a tremer. Levou as mãos ao rosto, desesperada por se esconder. Corin refreou o cavalo, e depois agarrou nas mãos de Caroline.

– Olha! – disse ele num tom sério, os olhos a fixarem os dela. – Ouve-me, Caroline. Eles são boas pessoas. *Pessoas* como tu e eu. Só querem viver, trabalhar e criar as suas famílias. E, independentemente do que ouviste no Leste, onde gostam de pintar os índios como os piores dos vilões, estou a dizer-te que não te querem perturbar, nem a qualquer outra pessoa. Houve conflitos no passado, conflitos que com frequência fomos nós, homens brancos, que trouxemos connosco, mas agora aquilo que todos queremos é viver o melhor que pudermos. O Joe trouxe a sua família para viver aqui e trabalhar ao nosso lado, e creio que isso requer um tipo de coragem que nem tu nem eu compreendemos. Estás a ouvir-me, Caroline? – Ela assentiu, embora mal pudesse acreditar naquilo que ele estava a dizer. Lágrimas corriam-lhe pelas faces. – Não chores, minha querida. Nada daquilo que ouviste a respeito dos índios se aplica ao Joe. Posso garantir-to. Agora vamos, para eu te apresentar.

– Não! – arquejou Caroline.

– Sim. São agora teus vizinhos, e o Joe é um grande amigo.

– Não posso! Por favor! – soluçou Caroline. Corin tirou o lenço do bolso e limpou-lhe o rosto com ele. Levantou-lhe o queixo e sorriu, afectuoso.

– Minha pobre querida. Por favor, não tenhas medo. Vamos. No momento em que os conheceres vais ver que não tens nada a recear.

Dando um estalido com a língua para encorajar o cavalo enervado, Corin voltou a virar a caleche e conduziu-os na direcção da tenda e da cabana. A cercar as duas habitações encontrava-se uma série de estendais e cordas, ferramentas e arreios. No exterior da tenda ardia uma fogueira, e à medida que se aproximavam uma mulher baixa, de cabelo cor de ferro, emergiu do interior com um panelão enegrecido que colocou em cima das brasas. Tinha as costas curvadas, mas os seus olhos brilhavam no meio das rugas que lhe sulcavam o rosto. Não disse nada, mas endireitou-se e assentiu com a cabeça, a olhar Caroline com um interesse silencioso quando Corin saltou da caleche.

– Bom-dia, Nuvem Branca, vim apresentar-te a minha mulher – disse Corin, inclinando respeitosamente a aba larga do chapéu na direcção da

mulher idosa. As pernas de Caroline, quando ele a ajudou a descer, vacilaram. Engoliu em seco, mas ficou-lhe na garganta um nó que lhe tornava difícil respirar. Os pensamentos rodopiavam-lhe no interior da cabeça, como um nevão. Um homem saiu da cabana, seguido por uma jovem, e outra mulher, de meia-idade e ar sério, saiu da tenda. Disse a Corin algo de incompreensível e este, para enorme espanto de Caroline, respondeu-lhe.

– Falas a língua deles? – deixou escapar, e depois encolheu-se quando todos os olhos se viraram para ela. Corin sorriu, um sorriso ligeiramente tímido.

– Sim, na verdade falo. Agora, Caroline, este é o Joe, e a sua mulher, Melro, mais conhecida como Maggie. – Caroline tentou sorrir, mas descobriu que não conseguia sustentar o olhar de nenhum deles durante mais do que alguns segundos. Quando o conseguiu fazer, viu um homem moreno, sério, não muito alto mas de peito largo; e uma rapariga gorducha, o cabelo longo entrançado com fios coloridos. O cabelo de Joe também era comprido, e tinham ambos maçãs do rosto altas, felinas, e a linha recta das sobrancelhas dava-lhes uma aparência séria. Melro sorriu e baixou a cabeça, tentando chamar a atenção de Caroline.

– Sinto-me muito feliz por a conhecer, Mrs. Massey – disse ela, e o seu inglês era perfeito, embora tivesse um sotaque cerrado. Caroline olhou-a, boquiaberta.

– Fala inglês? – sussurrou, incrédula. Melro soltou uma risadinha alegre.

– Sim, Mrs. Massey. Melhor do que o meu marido, embora tenha aprendido há menos tempo! – gabou-se ela. – Estou satisfeita que aqui esteja. Há demasiados homens neste rancho.

Caroline lançou um olhar mais demorado à jovem, que vestia uma saia simples e uma blusa, com uma manta de cores alegres à volta dos ombros. Tinha os pés enfiados umas sandálias macias, de um género que Caroline nunca vira antes. O marido, que usava um colete pesado, de contas, por baixo da camisa, murmurou algo num tom brusco na sua língua natal, e Melro esboçou uma expressão carrancuda e respondeu-lhe com palavras

rápidas e indignadas. Joe não sorria tão prontamente como a mulher e, na opinião de Caroline, a expressão dele parecia mais hostil. Os seus olhos negros alarmavam-na, e a boca dele era uma linha recta, implacável.

– Nunca conheci ninguém... do povo Cherokee – disse Caroline, de certo modo encorajada pela atitude animada de Melro.

– E ainda não conheceu. – Joe falou pela primeira vez, num tom irónico. O seu sotaque era tão gutural que Caroline demorou um pouco a compreendê-lo. Olhou para Corin.

– O Joe e a sua família são da tribo Ponca – explicou-lhe ele.

– Mas... o Hutch disse-me que estas terras eram Cherokee, antes de...

– E eram. É... Bem, colocando as coisas de uma maneira simples, há muitas tribos neste país. Afinal, isto era território índio antes de ser o território do Oklahoma. O Joe e a sua família são um pouco invulgares, já que decidiram adoptar alguns dos hábitos de vida dos homens brancos. A maior parte do seu povo decidiu ficar com os seus, nas terras da reserva. Aqui o Joe gosta de conduzir gado, e nunca olhou para trás. Não é verdade, Joe?

– Gosto sobretudo de te vencer nas cartas – disse o homem ponca, retorcendo a boca para um lado com uma expressão sardónica.

Ao afastarem-se da tenda, Caroline franziu o rosto.

– Joe parece um nome estranho para um... para um ponco...

– Ponca. Bem, o seu verdadeiro nome, na sua língua natal, é quase impronunciável. Significa Tempestade de Poeira, ou qualquer coisa desse género. Joe é mais fácil de dizer – explicou Corin.

– Ele não parece mostrar-te muito respeito, tendo em conta que és o patrão dele.

Ao ouvir aquilo, Corin olhou para Caroline, e por instantes uma sombra furou-lhe os olhos.

– Ele tem um enorme respeito por mim, podes ter a certeza disso; e foi um respeito que tive de conquistar. Pessoas como o Joe não nos concedem o seu respeito por sermos brancos, ou porque temos terras, ou porque lhes pagamos um salário. Respeitam-nos quando mostramos que temos

integridade e vontade de aprender, e que também lhes mostramos respeito quando esse lhes é devido. As coisas aqui são um pouco diferentes de Nova Iorque, Caroline. As pessoas têm de se ajudar a si mesmas e têm de se ajudar umas às outras quando uma inundação, uma geada ou um tornado pode varrer tudo que possuímos num instante... – Interrompeu-se. Um vento quente soprado da pradaria assobiava por entre os raios das rodas da caleche. Magoada com a sua repreensão, Caroline caiu num silêncio infeliz. – Vais habituar-te num instante, não te preocupes – disse Corin, num tom mais ligeiro.

Alguns dias depois, fizeram o seu piquenique de lua-de-mel. Partiram na caleche quando o sol ainda roçava o horizonte a leste, e dirigiram-se para oeste do rancho durante três horas ou perto disso, até um lugar onde a terra ondulava em curvas voluptuosas à volta de uma lagoa baixa, alimentada por um riacho que corria devagar. Salgueiros prateados inclinavam os seus ramos sobre a água, deixando a margem na sombra, e nalguns lugares chegavam a tocar na superfície, criando pequenas pregas no céu ali reflectido.

– Isto é tão bonito – disse Caroline, a sorrir, quando Corin a levantou e baixou do assento.

– Sinto-me feliz por gostares – disse Corin, beijando-a na testa. – É um dos meus lugares favoritos. Às vezes venho até aqui quando preciso de pensar nas coisas, ou quando me sinto em baixo...

– Então, porque é que não vieste viver para aqui? Porque é que instalaste o rancho a leste?

– Bem, eu queria instalá-lo aqui, mas o Geoffrey Buchanan antecipou-se-me. A casa dele fica a uns três quilómetros para aquele lado, mas esta terra faz parte da sua propriedade.

– Ele não se vai importar que estejamos aqui?

– Duvido. É um tipo bastante descontraído mas, mais importante ainda, nem saberá que aqui estamos. – Corin sorriu e Caroline riu-se, avançando até à beira da lagoa e mergulhando os dedos na água.

– Então vens até aqui com frequência? Sentes-te em baixo, no Oeste?

– A princípio sentia, quando vim para aqui viver. Perguntava-me se teria reclamado a propriedade certa, perguntava-me se estaria demasiado longe da minha família, se a terra seria a certa para o gado. Mas há muitos meses que não vinha até aqui. – Encolheu os ombros. – Passado pouco tempo, tornou-se-me óbvio que nunca fiz nada de melhor do que reclamar esta terra, e fazer estas escolhas. Tudo acontece por um motivo, é nisso que acredito, e agora sei que isso é verdade.

– Como é que sabes? – perguntou ela, virando-se para Corin e secando os dedos na saia.

– Porque te tenho a ti. Quando o meu pai morreu, pensei... pensei durante algum tempo que me devia mudar para Nova Iorque e tomar conta da minha mãe. Mas no momento em que voltei, percebi que não podia ficar. Depois conheci-te, e tu estavas disposta a vir comigo... e se surgiu alguma coisa boa com a morte do meu pai, então essa coisa foste tu, Caroline. Tu eras aquilo que faltava à minha vida. – Falou com uma tal lucidez, com uma tal determinação, que Caroline se sentiu comovida.

– Achas mesmo isso? – sussurrou ela, aproximando-se mais dele, sentindo o calor do sol a queimar-lhe a pele. A luz incidia, brilhante, nos olhos de Corin, conferindo-lhes um tom de caramelo.

– Acho mesmo isso – disse ele, em voz baixa; e Caroline levantou-se em bicos de pés para o beijar.

Estenderam mantas à sombra dos salgueiros, tiraram as coisas do cesto, desatrelaram o cavalo da caleche, e Corin prendeu o animal a uma árvore. Caroline sentou-se com as pernas cuidadosamente dobradas debaixo de si, e serviu a Corin um copo de limonada. Ele deitou-se à vontade ao seu lado, reclinado sobre um cotovelo, e desabotoou a camisa para deixar entrar o ar fresco. Caroline observou-o quase timidamente, ainda pouco habituada aos seus modos descontraídos. Até à sua chegada ao rancho não sabia que os homens tinham pêlos no peito, e naquele momento examinou-os, a enrolarem-se contra a pele dele, húmidos pelo calor do seu corpo.

De repente, perguntou-lhe:

– Corin?

– Sim, meu amor?

– Que idade tens?

– O quê? Tu já sabes!

– Olha que não sei! Acabei de me aperceber... que não sei que idade tens. Pareces-me muito mais velho do que eu; não me refiro à aparência! Bem, em parte à aparência, mas também de... de outras maneiras – disse, hesitante. Corin sorriu.

– Vou fazer vinte e sete anos – disse ele. – E pronto. Estás horrorizada por teres casado com alguém tão velho?

– Vinte e sete anos não é assim tão velho! Eu vou fazer dezanove dentro de dois meses. Mas... tu pareces já ter vivido aqui uma vida inteira. Estás tão bem instalado, como se já vivesses aqui há cinquenta anos!

– Bem, eu vim até cá primeiro com o meu pai, numa viagem de negócios... à procura de novos fornecedores de carne. O meu pai negociava em carne, alguma vez to contei? Vendia-a aos melhores restaurantes de Nova Iorque, e durante algum tempo ficou decidido que eu iria entrar no negócio com ele. Mas, assim que aqui cheguei, percebi que estávamos na extremidade errada dessa cadeia de abastecimento, e nunca mais parti. Tinha apenas dezasseis anos quando decidi ficar por aqui e aprender a criar os animais, em vez de me limitar a comprar a sua carne morta.

– Dezasseis anos! – ecoou Caroline. – Não tiveste medo de deixar a tua família dessa maneira? – perguntou. Corin reflectiu durante um momento, e depois abanou a cabeça.

– Nunca tive muito medo de nada. Até te ter convidado para dançar – disse ele. Caroline corou, feliz, e ajeitou as saias.

– Está mesmo calor, não está? Mesmo aqui à sombra – observou ela.

– Queres saber qual é a melhor maneira de nos refrescarmos?

– Qual é?

– Nadar! – declarou Corin, levantando-se de um salto, e tirando a camisa pela cabeça.

– *Nadar!* O que é que queres dizer com isso? – riu-se Caroline.

– Eu mostro-te! – disse ele. Descalçou as botas, pontapeou as calças para um lado e correu para a lagoa, tão nu quanto Adão, com um grito e um chapinhar selvagens. Caroline levantou-se e observou-o, verdadeiramente espantada. – Vem, querida! É uma sensação maravilhosa! – chamou ele.

– Estás *doido*? – exclamou Caroline. – Eu não posso *nadar* aqui!

– Porque não? – perguntou ele, nadando toda a extensão da pequena lagoa com braçadas largas.

– Bem... bem... é... – Ela sacudiu um braço incrédulo. – Está enlameado! E é um lago completamente desprotegido... qualquer pessoa pode ver! Não tenho um fato de banho.

– Claro que tens! Está mesmo debaixo do teu vestido. – Corin sorriu. – E quem está aqui para ver? Não há ninguém num raio de quilómetros, apenas tu e eu. Vem! Vais adorar!

Caroline avançou, insegura, até à borda de água, desapertou as botas e hesitou. A luz do sol dançava, maravilhosa, sobre a superfície da lagoa, e peixes minúsculos nadavam, indolentes, na água pouco funda e quente. O sol incidiu sobre ela, queimando-lhe o cimo da cabeça, e fazendo com que sentisse a roupa apertada e sufocante. Baixou-se, tirou as botas e descalçou as meias, colocando-as cuidadosamente na margem, e de seguida, apanhando as saias à volta dos joelhos, entrou na água até esta lhe bater nos tornozelos. O alívio da água fria na sua pele pegajosa foi a sua desgraça.

– Oh, meu Deus – respirou.

– Agora, não achas que isto sabe muito melhor? – disse-lhe Corin, aproximando-se do lugar onde ela se encontrava. As suas nádegas brancas brilhavam, distorcidas abaixo da superfície da água, e Caroline riu-se.

– Pareces um sapo dentro de um balde! – disse-lhe ela.

– Oh, a sério? – perguntou Corin, salpicando-a de água. Ela recuou com um guincho. – Vamos, entra e vem nadar! Desafio-te!

Caroline olhou por cima do ombro, receosa de que pudesse ter aparecido algum público, pronto a arquejar, consternado, com a sua falta de vergonha, depois desabotoou os colchetes e botões, e colocou o vestido em cima de um ramo de salgueiro. Manteve-se apenas de combinação, a pele nua dos

ombros a arrepiar-se, sentindo-se verdadeiramente conspícua, depois voltou a avançar até à beira da lagoa com os braços a envolvê-la, protectores. Ao chegar ali parou, fascinada pela sensação da lama quando esta se comprimiu entre os seus dedos dos pés. Nunca sentira nada assim, e levantou a combinação para olhar para baixo, flectindo os dedos e sorrindo. Quando voltou a olhar para cima para fazer um comentário a esse respeito, descobriu Corin a olhá-la com uma expressão extasiada.

– O que foi? – perguntou, alarmada.

– Tu. Olha para ti... És tão corajosa. E tão bela. Nunca vi nada assim – disse ele, simplesmente. A água tinha-lhe colado o cabelo à testa, fazendo-o parecer mais novo, infantil.

Caroline tivera apenas a intenção de chapinhar, mas o toque da água e o entusiasmo das palavras de Corin fizeram com que se sentisse mais corajosa, e quando entrou até à cintura, a água a girar fez com que as pregas transparentes da combinação se lhe colassem às pernas. Com uma gargalhada nervosa, deitou-se de costas e deixou que a água a fizesse boiar. Estava gelada, ao passar-lhe entre o cabelo.

– Vem cá e beija-me – exigiu Corin.

– Lamento, senhor, estou demasiado ocupada a nadar – respondeu Caroline num tom arrogante, afastando-se a nadar com braçadas deselegantes. Espantada, apercebeu-se que não nadava desde a infância, na casa de Verão da família.

– Eu vou ter o meu beijo, nem que tenha de te perseguir para o conseguir – disse-lhe Corin. A rir-se e a dar às pernas, Caroline tentou escapar-se, mas não se esforçou muito.

O sol começava a descer quando chegaram à última colina, e viram as luzes da casa do rancho a brilhar abaixo deles. Caroline sentia a pele quente e inflamada onde o sol lhe tocara, e o vestido parecia-lhe estranho sem a combinação por baixo; combinação que estava agora estendida ao comprido a secar na parte de trás da caleche. Lambeu os lábios, e sentiu o sabor mineral da água do riacho. Levavam ambos o cheiro do riacho na pele, no

cabelo. Tinham feito amor na margem, e aquela languidez ainda se lhe demorava nos músculos, fazendo-a sentir-se pesada e quente. De repente, não quis chegar a casa. Quis que aquele dia durasse para sempre; ela e Corin num lugar à sombra num dia quente, a fazer amor uma e outra vez, sem outro pensamento ou preocupação no mundo. Como se lhe lesse a mente, Corin refreou o cavalo até este parar, e observou a sua casa por um momento antes de se virar para ela.

– Estás pronta para voltar? – perguntou ele.

– Não! – disse Caroline, com veemência. – Eu... eu gostaria que todos os dias pudessem ser como o de hoje. Foi tão perfeito.

– Foi mesmo, querida – concordou Corin, pegando-lhe na mão e levando-a aos lábios.

– Promete-me que voltaremos àquele sítio. Não me aproximarei nem um *centímetro* da casa até mo prometeres.

– Temos de voltar para casa! É quase de noite, mas prometo-te que voltaremos. Podemos voltar sempre que quisermos, vamos mesmo voltar, e teremos muitos dias como o de hoje. Juro – disse Corin.

Caroline observou a silhueta dele, recortada contra o crepúsculo azulado, captou o brilho dos seus olhos, a forma vaga de um sorriso. Estendeu a mão e tocou-lhe no rosto.

– Amo-te – limitou-se a dizer.

Com um sacudir das rédeas, o cavalo iniciou uma descida lenta em direcção à casa de madeira abaixo deles, e, a cada passo que dava, Caroline teve a sensação vaga de um mau presságio a intensificar-se dentro de si. Voltou os olhos para o solo escuro à sua frente e, apesar da promessa de Corin, de repente teve medo de que nunca mais houvesse um dia tão doce como aquele que tinham acabado de passar.

¹ Palácio no Derbyshire, pertencente aos duques do Devonshire, famoso pelos seus jardins e considerado como a propriedade rural favorita do Reino Unido. (*N. da T.*)

Os meus olhos
Fixos na observação fingida do meu livro de natação:
Excepto se a porta se entreabrir, e eu lançar
Um olhar apressado, e apesar disso o meu coração saltar,
Pois ainda espero ver o rosto do desconhecido.
SAMUEL TAYLOR COLERIDGE, *Geada à Meia-Noite*

3

Tenho estado a tentar recordar-me de coisas boas a respeito de Henry. Talvez nós lhe devamos isso, porque pudemos crescer, viver as nossas vidas, apaixonar-nos, desapaixonar-nos. Ele gostava de contar piadas estúpidas, e eu adorava ouvi-las. Beth era sempre amável, levava-me com ela e ajudava-me, mas era bastante séria, mesmo em criança. Uma vez ri-me tanto das piadas de Henry que quase fiz chichi nas calças – o medo que isso acontecesse fez com que as gargalhadas parassem abruptamente, fez-me correr para a casa de banho com um uma mão entre as pernas. *O que diz a mãe feiticeira à filha feiticeira quando ela parte uma jarra? Não devias ter feitiço! Porque é que os polícias não gostam de sabão? Porque preferem deter gente. O que é uma lesma? É um caracol nudista. Sabes porque é que a água foi presa? Porque matou a sede. O que acontece quando um elefante se apoia numa pata? O pato fica viúvo.* Ele conseguia continuar com aquilo durante horas, e as minhas faces doíam de tanto que eu me ria.

Um dia, quando eu tinha uns sete anos, ele estava a contar-me as suas anedotas estúpidas. Era um sábado, porque os restos do pequeno-almoço ainda estavam espalhados pela mesa da sala de jantar; um dia soalheiro no exterior, mas ainda fresco. As portas envidraçadas que davam acesso ao terraço estavam abertas, deixando entrar um pouco de ar, suficientemente frio apenas para me arrepiar os tornozelos. Eu não estava a ver aquilo que Henry fazia, enquanto contava as suas piadas. Não lhe estava a prestar atenção. Limitava-me a segui-lo, encontrava-me suficientemente próxima dele para o fazer tropeçar, incitava-o sempre que havia uma interrupção: *O que é um piolho na cabeça de um careca? É um sem abrigo! Sabem como se chama um elevador na China? Como no resto do mundo, carregando no botão.* Ele tinha a caixa das bolachas à sua frente, e estava a unir duas bolachas com uma camada grossa de mostarda inglesa. Aquela coisa extra

forte, de uma cor feia, que Clifford gostava de pôr nas salsichas. Eu estava a tentar lembrar-me de algo de bom a seu respeito, e agora isto.

Nem me lembrei de perguntar porquê. Não perguntei onde íamos. Ele embrulhou as bolachas num guardanapo, e guardou-o no bolso. Segui-o pelo relvado como um macaco domesticado, a exigir mais anedotas, mais anedotas. Dirigimo-nos para oeste, não para sul por entre as árvores, mas em vez disso para a colina; contornámo-la por trás da sebe até chegarmos ao acampamento de Dinny. Henry baixou-se na valeta, e puxou-me para baixo com ele. Um muro florido e pungente de cicuta-dos-prados atrás do qual nos afundámos. Só nesse momento é que me lembrei de sussurrar:

– Henry, o que é que estamos a fazer? Porque é que nos estamos a esconder?

Ele disse-me para me calar, e eu calei-me. Estávamos a brincar aos espiões, pensei; tentei não fazer barulho, olhei para baixo à procura de urtigas, de formigueiros, de moscardos. O avô de Dinny estava sentado numa cadeira reclinável no exterior da sua velha autocaravana branca, o chapéu aveludado pelo uso puxado para baixo por cima dos olhos, braços cruzados, mãos enfiadas sob os sovacos. Penso que estava a dormir. Rugas profundas e escuras corriam-lhe pelos lados do nariz, até aos cantos da boca. Os seus cães estavam deitados de ambos os lados, os focinhos pousados nas patas. Dois *collies* pretos e brancos chamados *Dixie* e *Fiver*, nos quais não nos era permitido tocar até o avô Flag nos dizer que o podíamos fazer. *Eles comem-vos esses dedos, se ‘ocês se puserem a jeito.*

Henry atirou as bolachas por cima da sebe. Os cães levantaram-se num instante, mas sentiram o cheiro das bolachas e não ladraram. Engoliram as bolachas, com mostarda e tudo. Contive a respiração. Gritei mentalmente, *Henry! Dixie* tossiu, espirrou, enfiou o focinho entre as patas e esfregou-o. Voltou-se para cima, de olhos semicerrados; voltou a espirrar, sacudiu a cabeça e ganiu. Henry mordia os nós dos dedos, os olhos brilhantes, atentos. Estava iluminado por dentro. O avô Flag estava agora acordado, a murmurar qualquer coisa aos cães. Tinha a mão pousada nas costas de *Dixie*, que a observava enquanto a cadela vomitava e fungava. *Fiver*

avançou num círculo pequeno e lento para um lado, arquejou, e depois vomitou uma pasta amarela e repugnante. O som de uma gargalhada escapou-se do punho de Henry. Eu estava cheia de pena dos cães, a fervilhar de culpa. Queria-me levantar e gritar, *Não fui eu*. Queria desaparecer, voltar a correr para a casa. Fiquei onde estava, a embalar-me, agachada, e escondi o rosto entre os joelhos.

Mas o pior de tudo aconteceu quando me foi finalmente permitido partir, depois de Henry me dar um beliscão no braço para me levantar, e quando já tínhamos avançado cerca de vinte passos antes de Dinny e Beth aparecerem. As bainhas das suas calças de ganga estavam ensopadas em orvalho, e Beth tinha uma folha verde pequenina no cabelo.

– O que é que vocês os dois andaram a fazer? – perguntou Beth. Henry olhou-a com uma expressão carrancuda.

– *Nada* – disse ele. Capaz de injectar todo um mundo de escárnio numa única palavra.

– Erica? – Olhou para mim com uma expressão severa, sem conseguir acreditar que eu estava com Henry, sem conseguir acreditar na minha expressão de culpa. Como podia eu tê-lo traído daquela maneira? Mas onde é que *eles* tinham estado, sem mim? Quis gritar. *Eles* tinham-me deixado. Henry lançou-me um olhar furioso e deu-me um encontrão.

– Nada – menti. Mantive-me silenciosa e taciturna durante o resto do dia. E no dia seguinte quando vi Dinny, sabendo que ele estivera em casa, não consegui olhá-lo. Sabia que ele sabia. Por causa das piadas de Henry.

– Rick? Podemos ir? – A cabeça de Eddie assoma à porta do meu quarto onde, por uma vez, me mantive amuada. A olhar pelo vidro embaciado para o mundo branco, atrás dele. Cristais minúsculos nos cantos da janela, suaves e perfeitos.

– *A geada executa o seu ofício secreto, Sem o auxílio do vento* – cito-lhe.

– O que é isso?

– Coleridge. Claro que podemos ir, Eddie. Dá-me cinco segundos.

– Um-dois-três-quatro-cinco?

– Ha, ha. Vai-te lá embora. Desço já, não posso sair de camisa de dormir. – Numa atitude de desafio, deixara-me ficar de roupão quando abrira anteriormente a porta a Maxwell.

– Hoje não – concorda Eddie, retirando-se. – Está suficientemente frio para gelar o rabo de um pinguim.

– Encantador, querido – grito-lhe. O gelo cobriu as árvores de branco. Lá fora, é como se fosse outro mundo; um mundo quebradiço, albino, onde azuis e brancos opalescentes substituíram o cinzento morto e o castanho monótono. Está vertiginosamente brilhante. Cada ramo minúsculo, cada folha caída, cada folha de relva. A casa está como nova; já não é o fantasma, ou o cadáver do lugar que recordo. Hoje estou cheia de optimismo. Depois de tantos dias sombrios, o sol parece eterno. É estonteante, todo aquele espaço lá em cima. E Beth disse que também vem connosco; por isso, o dia está mesmo vibrante.

Quando lhe contei que Dinny estava cá, ela gelou. Fiquei assustada por um momento. Ela parecia não estar a respirar. O sangue podia-lhe ter coagulado nas veias, o coração podia ter parado de bater, tal era a sua imobilidade. Um momento longo, suspenso, durante o qual esperei, e observei, e tentei adivinhar o que se seguiria. Depois ela desviou os olhos, e lambeu o lábio inferior com a ponta da língua.

– Agora, somos estranhos – disse ela, e dirigiu-se lentamente para a cozinha. Não me perguntou como é que eu o sabia, como é que ele estava agora, o que é que ele estava ali a fazer. E descobri que não me importei de não lho contar. Não me importei de guardar aquilo só para mim. Guardar na minha cabeça as palavras que ele me dissera. Possuí-las. Ela já estava mais descontraída quando fui à sua procura, enquanto enchíamos canecas de chá e eu molhava lá bolachas de chocolate. Mas naquela noite não comeu. Nem uma bolacha, nem o prato de *risotto* que coloquei à sua frente, nem o gelado que se seguiu.

Hoje é dia vinte de Dezembro. O carro aquece enquanto conduz para leste, atravesso a vila, e depois viro para norte na A361.

– Mais um dia, pessoal, e depois é colina abaixo até à Primavera! – anuncio, flectindo os dedos rígidos de frio dentro das luvas.

– Só depois do Natal é que podes desejar que o Inverno passe – diz-me Eddie num tom firme.

– A sério? Nem mesmo quando as minhas mãos ficaram coladas ao volante? Olha, estou a tentar largá-lo e não consigo! Congeladas... olha! – Eddie ri-se de mim.

– Segurares o volante enquanto conduzes pode ser considerado algo de bom – observa Beth, irónica, do lugar do passageiro.

– Bem, então, talvez seja bom que esteja gelada. – Sorrio. Viro em direcção a Avebury. Durante este período escolar, Eddie tem estado a dar a pré-história. O Wiltshire está cheio dela. Estacionamos, declinamos juntar-nos à excursão do National Trust, e em vez disso juntamo-nos ao fluxo consistente de pessoas que seguem ao longo do carreiro em direcção às pedras. O solo cintila, o sol é intenso.

Está um belo sábado e há muita gente em Avebury, todos embrulhados em roupa quente como nós, escura e sem forma, entrando e saindo de entre as antigas pedras tumulares. Dois anéis concêntricos, não tão altos como Stonehenge, não tão grandiosos ou organizados, mas os seus círculos muito, muito maiores. Há uma estrada que passa mesmo entre as pedras; metade da vila está espalhada entre elas, embora a pequena igreja se situe castamente no seu exterior. Gosto deste sítio. Todas aquelas vidas, todos aqueles anos, amontoados num único lugar. Damos a volta completa ao círculo. Beth lê as informações do guia, mas não tenho a certeza se Eddie a está a ouvir. Tem outra vez um pau. Está a esgrimir com alguém na sua cabeça, e eu gostaria de saber quem é. Bárbaros, talvez? Ou alguém da escola.

– Os Círculos de Pedra de Avebury são os maiores da Grã-Bretanha, e estão localizados no terceiro maior aterro terraplenado do país. No total, o aterro, a valeta circundante e a área envolvente cobrem onze hectares e meio...

– Beth! – exclamo. Ela está a andar muito perto da borda do aterro. A relva está escorregadia devido ao gelo que derreteu.

– Ups. – Afasta-se da berma, solta uma pequena gargalhada.

– Eddie, mais tarde vou-te fazer um teste em relação a isto! – grito. A minha voz ressoa no ar imóvel. Um casal idoso vira-se para olhar para nós. Eu só quero que ele oiça Beth.

– Os métodos de escavação utilizados na pedreira incluem picaretas e ancinhos feitos de chifre, omoplatas de touro, e provavelmente pás de madeira e cestos...

– Fixe – diz Eddie, obediente. Passamos por uma árvore que cresceu no talude, as suas raízes caindo sobre o solo como uma cascata nodosa. Eddie desce por ela abaixo, ao estilo dos comandos; agacha-se, agarra-se a ela, olha para cima, três metros abaixo de nós.

– És um elfo? – pergunta Beth.

– Não, sou um salteador, à espera de vos assaltar – responde ele.

– Aposto que não me consegues apanhar antes de eu passar por esta árvore, e encontrar-me em segurança – desafia-o Beth.

– Perdi o elemento de surpresa – queixa-se Eddie.

– Estou a conseguir fugir! – provoca-o Beth, e avança a bambolear-se. Com um grito rebelde, Eddie trepa pelas raízes, escorregando e deslizando, arranhando os joelhos. Agarra Beth com as duas mãos, fá-la guinchar. – Eu rendo-me, eu rendo-me! – ri-se ela.

Sáimos dali, afastando-nos da vila ao longo da avenida larga, ladeada por árvores, que se dirige para sul. O sol incide no rosto de Beth – há muito tempo que não lhe via o rosto iluminado desta maneira. Parece pálida, mais velha, mas tem as faces rosadas. Também parece tranquila. Eddie toma a dianteira, de espada erguida, e caminhamos até os dedos dos nossos pés ficarem demasiado frios.

No caminho de regresso, paro no supermercado Spar de Barrow Storton para comprar *ginger ale* para Eddie. Beth espera no carro, de novo calada. Eddie e eu fingimos não reparar. Há uma sensação horrível de que ela está a vacilar, que está à beira de alguma coisa. Eddie e eu hesitamos, querendo puxá-la para um lado, assustados com a eventualidade de a acotovelarmos acidentalmente e empurrá-la para o lado errado.

– Não podemos antes levar *Coca-Cola*?

– Sim, se preferires.

– Para ser sincero, o álcool não me interessa muito. Bebi *vodka* no último período, no dormitório.

– Andaste a beber *vodka*?

– Não *andei* a beber. Bebi uma vez. Fiquei maldispuesto, e o Boff e o Danny vomitaram, e aquilo fedia. Nojento. Nem sei como é que os adultos a bebem – diz ele, num tom despreocupado. As suas faces exibem um clarão rosado e glorioso, do frio exterior. Olhos brilhantes como água.

– Bem, daqui a uns anos és capaz de mudar de ideias. Mas, por amor de Deus, não o digas à tua mãe! Ela vai ter um ataque.

– Não sou *estúpido*, sabias. – Eddie revira os olhos na minha direcção.

– Sim. Eu sei. – Sorrio, pestanejando com o peso de duas garrafas enormes de *Coca-Cola* a entrar no cesto. Ao aproximarmo-nos da caixa, Dinny entra. A campainha toca acima da sua cabeça, uma pequena fanfarra alegre. De repente, não sei para onde olhar, onde me meter. Ele passou mesmo ao lado de Beth, no carro. Pergunto-me se ela o terá visto, se o reconheceu.

– Olá, Dinny – cumprimento-o. Sorrio. Somos vizinhos, nada mais do que isso, mas o meu coração ergue-se-me no peito. Ele levanta os olhos para mim, surpreendido.

– Erica!

– Este é o Eddie, quero dizer o Ed, de quem te falei. O meu sobrinho, o filho da Beth. – Puxo Eddie para o meu lado, ele sorri, afável, diz *olá*. Dinny observa-o com atenção, depois sorri.

– O filho da Beth? É um prazer conhecer-te, Eddie – diz. Apertam as mãos, e por algum motivo sinto-me comovida, sufocada. Um gesto simples. Os meus dois mundos a juntarem-se com a pressão da pele de ambos.

– És o Dinny com quem a minha mãe costumava brincar, quando era pequena?

– Sim. Sou eu mesmo.

– A Erica falou-me de ti. Disse que vocês eram grandes amigos. – Dinny olha bruscamente para mim, e sinto-me culpada, apesar de ter dito a verdade.

– Bem, acho que o éramos. – A voz dele é calma e baixa, sempre comedida.

– A abasteceres-te para o Natal? – intervenho, futilmente. Mal se pode dizer que o Spar esteja a fervilhar de alegria sazonal; alguns enfeites cintilantes e gastos, colados à borda das prateleiras. Dinny abana a cabeça, revira ligeiramente os olhos.

– A Honey quer batatas fritas com sabor a sal e vinagre – diz ele, depois afasta os olhos, embaraçado.

– Viu a minha mãe lá fora? Está sentada no carro... Cumprimentou-a? – pergunta Eddie. Sinto o estômago a palpitar.

– Não. Não vi. Eu... eu vou cumprimentá-la agora – diz Dinny, virando-se para a porta, a olhar para o meu carro branco e sujo. Os seus olhos estão atentos; avança a direito, ombros tensos, como que compelido a ir ter com ela.

Consigo vê-lo pelo vidro da porta. Por entre os borrifos de neve falsa nos cantos. Ele inclina-se junto da janela, a sua respiração formando nuvens no ar. Beth baixa o vidro. Não lhe consigo ver o rosto, com Dinny no caminho. Vejo as suas mãos erguerem-se até à boca e depois voltarem a descer, a moverem-se como se não tivessem peso. Baixo-me, estico o pescoço para ver. Arrebito as orelhas, mas a única coisa que consigo ouvir é uma música dos Slade saída do rádio atrás do balcão. Dinny pousa o braço no tejadilho do carro, e eu sinto a dor daquele metal frio na minha própria pele.

– Rick, é a nossa vez – diz Eddie, acotovelando-me. Pouso o cesto em cima do balcão, sou forçada a interromper a minha vigilância, e sorrio ao homem de aspecto sombrio que se encontra na caixa. Pago as *Coca-Colas*, um *Twix* e algum fiambre para o almoço, e apresso-me a regressar ao carro.

– Então, o que é que fazes agora? Se bem me lembro, sempre quiseste ser flautista profissional? – está Dinny a dizer. Endireita-se da sua posição inclinada sobre o carro, cruza os braços. De repente, parece estar na

defensiva e reparo que Beth não saiu do carro para falar com ele. Mal olha para Dinny, continua a alisar as pontas do cachecol sobre o colo.

– Oh, isso não resultou lá muito bem – diz ela, com uma risadinha. – Cheguei ao sétimo ano e depois... – Interrompe-se, volta a desviar os olhos. Ela chegou ao sétimo ano na Primavera que antecedeu o desaparecimento de Henry. – Deixei de praticar tanto – conclui, apática. – Agora faço algumas traduções. Sobretudo do francês e do italiano.

– Oh – diz Dinny. Ele observa-a e o momento fica suspenso, por isso intervenho.

– Eu já me esforço imenso com o inglês. Tentar ensiná-lo a adolescentes é um esforço inglório. Mas a Beth sempre teve jeito para línguas.

– Basta estar-se com atenção, Rick, apenas isso – diz-me Beth, e aquilo é uma espécie de recriminação.

– Nunca foi a minha maior habilidade – concordo, com um sorriso. – Acabámos de chegar de Avebury. O Ed estava ansioso por lá ir, porque tem estado a dar a pré-história na escola. Mas, assim que lá chegámos ficaste mais interessado em comer um gelado com chocolate quente no *pub*, não foi, Ed?

– Era *delicioso* – garante-me Eddie. Dinny lança-me um sorriso perplexo, mas quando Beth não lhe pergunta mais nada, o seu rosto fica ligeiramente desanimado e afasta-se um pouco do carro.

– Então quanto tempo vão ficar? – pergunta ele, e dirige-se a mim, já que Beth está a olhar em frente.

– Sem dúvida até ao Natal. Depois disso, não temos bem a certeza. Temos de tratar de muita coisa – digo. O que é suficientemente honesto e ambíguo.

– E tu?

– Durante algum tempo. – Dinny encolhe os ombros, ainda mais ambíguo que eu.

– Ah. – Sorrio.

– Bem, é melhor ir indo. Foi bom voltar a ver-te, Beth. Um prazer conhecer-te, Ed – diz ele, esboçando um aceno com a cabeça e afastando-se.

– Ele não comprou as batatas – observa Eddie.

– Não. Deve-se ter esquecido – concordo, sem fôlego. – Vou comprá-las, e levo-lhas mais tarde.

– Fixe. – Eddie assente. Abre a porta das traseiras com uma mão, a outra a tentar desembrulhar o *Twix*. Tão impertinente. Não tem qualquer ideia da enormidade do que acabou de acontecer ali, junto da janela do carro. Volto a entrar no supermercado, compro batatas fritas com sabor a sal e vinagre; quando volto para o carro, ligo o motor e conduzo até casa. Não olho para Beth porque me sinto demasiado embaraçada, e em frente do filho não lhe posso perguntar aquilo que gostaria.

Eddie está deitado na sua cama, de pijama, colado ao seu iPod. Virado de barriga para baixo, com os calcanhares a mexerem-se acima das costas. Está a ler um livro chamado *Sasquatch!*, e com a música ligada não consegue ouvir os mochos no exterior, a chamarem-se entre as árvores. Deixo-o. No piso inferior, Beth está a fazer chá de menta, os dedos a beliscar o canto do saquinho de chá e a mergulhá-lo, uma e outra vez, na água.

– Espero que o Dinny não te tenha assustado, ao aparecer junto da janela do carro daquela maneira – digo, no tom mais descontraído possível. Beth olha para mim, comprime os lábios.

– Eu vi-o a entrar na loja – diz, ainda a mergulhar o chá.

– A sério? E reconheceste-o? Eu não sei se o teria reconhecido, se apenas o tivesse visto de passagem.

– Não sejas ridícula, ele está exactamente na mesma – diz. Sinto-me incompetente por ela ter visto algo que eu não vira.

– Bem – digo. – É espantoso voltar a vê-lo passado todo este tempo, não é?

– Sim, presumo que sim – murmura ela.

Agora não consigo pensar em mais nada para lhe perguntar. Ela não se devia mostrar tão indiferente em relação a isso. Devia interessar-lhe mais. Perscruto-lhe o rosto e a atitude em busca de sinais. – Talvez os devêssemos convidar até cá a casa. Para uma bebida, ou qualquer coisa assim?

– Eles?

– O Dinny e a Honey. Ela é... bem, não tenho a certeza se são casados. Ela está prestes a ter o filho dele. Podias convencê-la a não o ter nos bosques. Acho que ele te ficaria grato por isso.

– Tê-lo nos bosques? Que extraordinário – diz Beth. – No entanto, que belo nome... Honey. – Há ali mais do que parece. Tem de haver.

– Olha, tens a certeza de que estás bem?

– Porque é que não haveria de estar? – diz ela, no mesmo tom perplexo no qual não acredito. Volta a olhar para mim, e vejo que os seus dedos estão meio mergulhados na água quente. Água a ferver, e ela nem estremece.

– Mas mal falaste com ele. Vocês os dois costumavam ser tão próximos... Não querias falar com ele? Pôr-te a par de tudo?

– Vinte e três anos é muito tempo, Erica. Agora somos pessoas completamente diferentes.

– Não *completamente* diferentes... tu ainda és tu. Ele ainda é ele. Ainda somos as mesmas pessoas que brincavam juntas, quando éramos miúdos...

– As pessoas mudam. Avançam – insiste ela.

– Beth – acabo por dizer –, o que é que aconteceu? Quero dizer, ao Henry?

– O que é que queres dizer com isso?

– Bem, quero dizer, o que é que lhe aconteceu?

– Desapareceu – diz Beth, sem rodeios, mas a sua voz é como gelo fino.

– Sim, mas, lembras-te daquele dia no lago? Do dia em que ele desapareceu? Lembras-te do que aconteceu? – pressiono-a. Acho que não o devo fazer. Em parte quero sabê-lo, em parte quero espicaçá-la. E sei que não o devia fazer. A mão de Beth desliza pela bancada. Embate contra a chávena que cai de lado, entorna o chá. Ela respira fundo.

– Como é que me podes perguntar uma coisa dessas? – exige saber, tensa.

– Como? Porque é que não o haveria de o fazer? – pergunto, mas quando olho para cima vejo que ela está a tremer, os olhos iluminados pela fúria. Não me responde durante um bocado.

– Só porque o Dinny está por perto... só porque ele está aqui, isso não significa que tenhas de andar a vasculhar o passado! – diz ela.

– O que é que isso tem a ver com o Dinny? Limitei-me a fazer uma simples pergunta!

– Bem, então não faças! Não continues a fazer essas malditas perguntas, Erica! – irrita-se Beth, afastando-se. Fico sentada em silêncio durante muito tempo, e recorro a aquele dia.

Levantámo-nos cedo, porque a noite estivera muito quente. Uma noite em que os lençóis pareciam enrolar-se à volta das minhas pernas, e acordei várias vezes com madeixas de cabelo pegajoso, coladas à minha testa e pescoço. Tomámos o pequeno-almoço e ouvimos o rádio na estufa interior, que estava virada a norte e de manhã era fresca. Um chão de lajes terracota, fileiras de orquídeas e fetos no peitoril da janela. Refastelámo-nos na cadeira de baloiço de Caroline, que tinha almofadas de lona azul com um cheiro ligeiramente pungente, quase felino. Nessa altura, Caroline já tinha morrido. Morrera quando eu tinha uns cinco ou seis anos. Uma vez, quando ainda era muito pequena, eu passara a correr junto daquela cadeira de baloiço, e não a vi até ela estender a bengala e apanhar-me. *Laura!*, gritou, chamando-me pelo nome da minha mãe. *Vai procurar o Corin. Diz-lhe que preciso de o ver. Tenho de o ver!* Eu não fazia a mínima ideia de quem seria o Corin. Sentia-me aterrorizada com aquele amontoado de tecido na cadeira de baloiço, a força incongruente atrás daquela bengala. Enfiei-me por baixo daquele pedaço de madeira e fugi.

Vestimo-nos no último momento possível, fomos relutantemente à missa com Meredith e os nossos pais, almoçámos à sombra do carvalho no relvado. Uma mesa pequena e especial, ali colocada apenas para nós os três. Beth, Henry e eu. Manteiga de amendoim e sanduíches de pepino, que a mãe nos fizera porque sabia que tínhamos demasiado calor e estávamos demasiado rabugentos para comer a sopa. A pressão da cadeira de verga contra a parte de trás das minhas pernas fazia-me cócegas. Um pequeno pássaro em cima da árvore defecou sobre a mesa. Henry raspou o excremento com a faca e atirou-mo. Baixei-me tão violentamente que caí da cadeira, bati na perna da mesa, e entornei a minha limonada e a de Beth.

Henry riu-se tanto que um pedaço de pão lhe subiu pelo nariz, e ele engasgou-se até as lágrimas lhe caírem pela cara abaixo. Beth e eu observámo-lo, satisfeitas; não lhe batemos nas costas. Ele mostrou-se maldoso durante o resto do dia. Tentámos tudo para nos livrarmos dele. O calor deixara-o tonto e violento, como um touro ofuscado pelo sol. Por fim, mandaram-no entrar em casa para se deitar de castigo porque fora apanhado a atar as patas de um labrador com um cordel, enquanto o animal gania, a sofrer e desorientado. Meredith não aguentava o sofrimento dos seus labradores.

Mas ele voltou a sair algum tempo depois, à medida que a tarde se prolongava. Encontrou-nos no lago de orvalho. Claro que, nessa altura, nos encontrou aos três. Eu estivera a nadar, a fingir que era uma lontra, uma sereia, um golfinho. Henry riu-se das minhas cuecas molhadas e descaídas, riu-se do inchaço de água no meu traseiro. *Fizeste chichi nas cuecas, Erica?* Depois qualquer coisa, *qualquer coisa*. A correr. A pensar no ralo no fundo do lago, de Henry a ser sugado para o seu interior. Deve ter sido por isso que lhes disse, continuamente: *Procurem no lago. Acho que ele está no lago. Estivemos todos no lago*. Disseram-me que já o tinham procurado. A minha mãe disse-mo, o polícia disse-mo. Tinham procurado e ele não estava ali. Não havia necessidade de mergulhadores – a água estava suficientemente transparente para se ver. Meredith agarrou-me pelos ombros, sacudiu-me, gritou, *Onde é que ele está, Erica?* Uma minúscula bolha de saliva vinda da sua boca aterrou, molhada e quente, na minha face. *Mãe, pára com isso! Não faças isso!* Beth e eu comemos na cozinha, a nossa mãe a deitar colheradas de feijão em cima das nossas torradas, o rosto pálido e preocupado. À medida que escurecia, a noite cheirava a relva quente a ficar húmida, e o ar era tão bom que dava vontade de comer. Mas Beth não comeu. Aquele foi a primeira vez, naquela noite. A primeira vez que vi a sua boca a fechar-se tão decididamente. Nada entrava, e nada saía.

– Para que é que são estas batatas fritas? – pergunta Beth, espetando um dedo nos pacotes de batatas com sabor a sal e vinagre que se encontram em

cima da mesa, entre os restos do pequeno-almoço.

– Oh... Era suposto serem para a Honey. Ontem esqueci-me de lhas levar – respondo. Eddie está sentado no banco, de costas viradas para a mesa da cozinha, a atirar uma bola de ténis contra a parede e a apanhá-la novamente. A bola está vazia, gasta; provavelmente pertenceu outrora a um labrador. Ele atira-a com uma falta de ritmo exasperante. – Eddie, podes parar um bocado com isso? – digo-lhe. Ele suspira, faz pontaria, atira a bola para dentro do cesto num arco suave.

– Grande pontaria, querido. – Beth sorri. Eddie revira os olhos. – Estás aborrecido? – pergunta-lhe ela.

– Um pouco. Não, não muito – atrapalha-se Eddie. Um misto equilibrado de honestidade e tacto.

– Porque é que não vais tu entregar as batatas à Honey? – sugiro, bebendo o resto do meu chá.

– Eu ainda nem sequer *conheço* a Honey. E só ontem é que conheci aquele tipo. Não posso entrar a marchar pelo seu pátio da frente a acenar com as batatas, pois não?

– Eu vou contigo – digo. Passo as pernas por cima do banco e levanto-me. – Queres ir, Beth? O acampamento está no mesmo sítio – não consigo resistir a acrescentar. Não consigo perceber como é que ela não quer voltar para ver.

– Não. Não, obrigada. Eu vou... Eu vou dar um passeio até à vila. Comprar o jornal de domingo.

– Compras-me um *Twix*?

– Eddie, tu vais-te transformar num *Twix*.

– Por favor?

– Vá lá, Eddie. Vamos embora. Calça as botas porque o caminho é bastante enlameado – digo.

Dirijo-me ao acampamento pelo caminho mais longo, passando pelo lago de orvalho. Está a tornar-se uma peregrinação diária. Hoje está um dia frio e castanho, sem nenhum do gelo e brilho de ontem. Paro e avanço até à borda do lago, para olhar para as suas profundezas. Não se alterou. Não me dá

respostas. Pergunto-me se não estaria apenas a prestar atenção quando aconteceu o que quer que tenha acontecido? Por vezes, a minha mente vagueia – é apanhada por um pensamento esquecido, afasta-se. Por vezes, acontece-me quando outros professores falam comigo. Não gosto de pensar em memórias reprimidas, em trauma, amnésia. Doença mental.

– Acho que estás um bocado obcecada com este lago, Rick – diz-me Eddie, num tom grave. Sorrio.

– Não estou nada. De qualquer maneira, porque é que dizes isso?

– De cada vez que nos aproximamos dele, ficas toda Luna Lovegood². A olhares para o espaço dessa maneira.

– Então, por favor, *desculpa-me!*

– Só estava a *brincar* – exclama, empurrando-me embaraçado com o ombro. – Mas sempre que passamos por aqui, ele parece estar na mesma. Não parece? – Afasta-se alguns metros, baixa-se para apanhar uma pedra, atira-a à água. A superfície estilhaça-se. Observo-o e de repente os meus joelhos doem-me, aflitivamente, como se tivesse falhado um degrau numa escada.

– Então vamos – digo-lhe, virando-me com rapidez.

– Aconteceu aqui alguma coisa? – pergunta-me Eddie, apressado. Soa tenso, preocupado.

– O que é que te faz perguntar isso, Eddie?

– É só que... É que continuas a regressar aqui. Ficas com aquela expressão nos olhos, como a da minha mãe quando fica triste – murmura Eddie. Amaldiçoo-me em silêncio. – E a minha mãe parece... ela não parece gostar de estar aqui. – É fácil esquecer a lucidez com que uma criança consegue ver as coisas.

– Bem, aconteceu aqui uma coisa, Eddie. Quando éramos pequenas, o nosso primo Henry desapareceu. Tinha onze anos, a mesma idade que tu tens agora. Nunca ninguém descobriu o que é que lhe aconteceu, por isso nunca nos esquecemos do assunto.

– Oh. – Com um pontapé, ele lança folhas mortas para o ar. – Isso é mesmo triste – acaba por dizer.

– Sim. Pois é – respondo.

– Talvez ele se tenha limitado a fugir e... Não sei, se tenha juntado a uma banda, ou qualquer coisa desse género?

– Talvez tenha, Eddie – digo, sem esperança. Eddie assente, aparentemente satisfeito com aquela explicação.

Dinny encontra-se junto de um homem que não reconheço, enquanto os cães correm na nossa direcção, rondando-nos numa atitude possessiva. Sorrio e aceno como se passasse por ali todos os dias, e Dinny retribui o aceno, de um modo mais hesitante. O seu companheiro sorri-me. É um homem magro, rijo, baixo. Tem cabelo loiro, cortado muito curto, a tatuagem de uma minúscula flor azul no pescoço. Eddie aproxima-se mais de mim, choca contra o meu flanco. Entramos, nervosos, no círculo de veículos.

– Olá, desculpa interromper – digo. Tento mostrar-me animada, mas a minha voz soa estridente aos meus próprios ouvidos.

– Olá, sou o Patrick. Vocês devem ser os nossos vizinhos, da casa grande? – cumprimenta-me o homem rijo. O seu sorriso é afectuoso e sincero, o seu aperto de mão sacode-me o ombro. Com um tal acolhimento, sinto o nó do meu estômago a começar a soltar-se.

– Sim, é verdade. Chamo-me Erica e este é o meu sobrinho, Eddie.

– Ed! – Eddie sussurra de lado, por entre os dentes irregulares.

– Ed, muito prazer em conhecer-te. – Patrick também sacode o ombro de Eddie. Reparo em Harry sentado no degrau de uma carrinha, atrás deles os dois. Penso em gritar-lhe um cumprimento, mas mudo de ideias. Tem qualquer coisa nas mãos, algo que é o foco de uma concentração imensa. Grande parte do seu rosto está escondido atrás do cabelo caído e das suíças grossas.

– Bem, hmm, isto pode parecer um pouco estranho, mas reparámos que ontem te esqueceste das batatas fritas da Honey. Na loja. Por isso, trouxemos-lhe algumas. Isto é, se ela esta manhã não estiver com desejos de *pickles*? – Sacudo o saco enorme de batatas fritas. Patrick lança um olhar a Dinny, não indelicado, apenas ligeiramente intrigado.

– Eu sei como fico chateado com a minha mãe quando ela vai às compras e se esquece do que lhe pedi. – Eddie vem em meu socorro. Ao ouvir a sua voz, Harry olha para cima. Dinny encolhe um ombro, e vira-se.

– Honey! – grita, para a ambulância.

– Oh! Não é preciso incomodá-la... – Sinto-me corar. Honey aparece numa das pequenas janelas. A estrutura da janela emoldura-lhe o rosto. Bonita, petulante.

– *O que é?* – grita ela em resposta, muito mais alto do que o necessário.

– A Erica tem uma coisa para ti. – Contorço-me, nervosa. Eddie aproxima-se mais de Harry, tentando ver aquilo que ele está a fazer. Honey aparece, descendo cuidadosamente os degraus. Hoje está toda vestida de preto, o cabelo claro a contrastar com a roupa. Pára a uma certa distância de mim, e observa-me, desconfiada.

– Bem. Na verdade, é uma tolice. Comprámos-te isto. O Dinny disse que te apetecia, por isso... – Interrompo-me, a remexer o saco. Honey avança lentamente e tira-me o saco da mão.

– Quanto é que lhe devo? – pergunta ela, com uma expressão carrancuda.

– Oh, não te preocupes. Já nem me lembro. Esquece isso. – Sacudo a mão. Ela lança a Dinny um olhar fixo, e ele enfia a mão no bolso.

– Duas libras chegam? – pergunta-me ele.

– Não é mesmo necessário.

– Aceita. Por favor. – Por isso aceito.

– Obrigada – murmura Honey, e volta a entrar.

– Não liguês à Honey. – Patrick sorri. – Ela nasceu maldisposta, depois piorou na puberdade, e agora que está grávida... Bem, esquece!

– Vai-te lixar, Pat! – grita Honey, fora de vista. O sorriso dele alarga-se.

Eddie aproxima-se cada vez mais de Harry. Está a espreitar para as mãos do homem, e provavelmente a bloquear-lhe a luz.

– Não te metas no caminho, está bem, Ed? – digo, a sorrir cautelosa.

– O que é? – pergunta Eddie a Harry, que não responde, mas olha para ele e sorri.

– Ele chama-se Harry – diz Dinny a Ed. – Não gosta muito de falar.

– Oh. Bem, parece ser uma lanterna. Está partida? Posso ver? – pressiona o Eddie. Harry abre as mãos, exhibe as minúsculas peças.

– Então, Erica, vais aparecer por aqui esta noite, na nossa pequena festa do solstício? – pergunta Patrick.

– Oh, bem, não sei – respondo. Olho para Dinny e ele retribui-me o olhar, firmemente, como se estivesse a resolver um problema.

– Claro que vai. Quanto mais melhor, certo, Nathan? Vamos acender uma fogueira, fazer um churrasco. Traz algumas bebidas e serás muito bem-vinda, vizinha – diz Patrick.

– Bem, talvez apareça. – Sorrio.

– As tuas rastas são o máximo – diz Eddie a Harry. – Pareces-te um pouco com o Predador. Viste esse filme? – Tem os dedos enfiados no emaranhado de peças da lanterna, a apanhar bocados, a colocá-los em ordem. Harry parece vagamente espantado.

– Tenho de ir. Falamos mais tarde. – Patrick acena-nos, a Dinny e a mim. Sai do acampamento com uma passada saltitante, as mãos enfiadas nos bolsos de um impermeável puído.

Olho para as biqueiras enlameadas das minhas botas, depois para Eddie, que está a montar a lanterna perante os olhos incrédulos de Harry.

– O Ed parece ser um bom rapaz – diz Dinny nesse momento, e eu esboço um assentimento.

– É fantástico. É uma grande ajuda. – Segue-se um longo silêncio.

– Quando falei com a Beth... ela parecia, não sei – diz Dinny, hesitante.

– Ela parecia o quê?

– Diferente do que era. Quase como se não houvesse ninguém em casa?

– Ela sofre de depressão – digo, apressada. – Ainda é a mesma Beth. Só que... ficou mais frágil. – Tenho de o explicar, apesar de me sentir traiçoeira. Ele assente, franze o rosto. – Acho que começou aqui. Acho que começou quando o Henry desapareceu – deixo escapar. Não foi isso que Beth me disse, mas acho que é verdade. Ela contou-me que começara num dia tempestuoso, ao voltar de carro para casa, ao entardecer. As nuvens estavam carregadas, mas ao seguir em direcção a elas, no horizonte a oeste,

quebraram-se em estilhaços, e surgiram atrás faixas de um céu brilhante e claro. Um daqueles céus molhados, e cobertos de pequenas nuvens. Ela disse que de repente deixou de distinguir o horizonte do céu. Colinas ou nuvens. Terra ou céu. Era tão desconcertante que quase se desviou para o trânsito que vinha em sentido contrário, e sentiu-se enjoada durante toda a noite, como se o chão se estivesse a mover debaixo dos seus pés. Depois disso, contou, deixou de ter a certeza do que era real, do que era seguro. Foi nessa altura que começou, no entender dela. Mas eu lembro-me dela na noite em que Henry desapareceu. O seu silêncio, e o feijão por comer no seu prato.

– Eu odiaria pensar que aquilo que lhe aconteceu na altura a deixou doente durante todos estes anos – diz Dinny, em voz baixa. Ele sabe o que aconteceu. Ele *sabe*.

– Oh? – digo. Se ao menos ele continuasse, se dissesse mais... *Conta-me*. Mas ele não o faz.

– Não foi... Bem. Lamento saber que ela não é feliz.

– Eu pensei que voltar aqui fosse ajudar, mas... Estou preocupada por ela poder estar a piorar. Tu sabes, a fazer com que relembre tudo. Acho que pode correr bem ou mal. Mas é bom que o Eddie esteja aqui. Ele faz com que ela não pense tanto nas coisas. Sem o Eddie, acho que a Beth até se esqueceria que era Natal.

– Achas que a Beth vem à festa hoje à noite?

– Sinceramente, não. Se quiseres, posso perguntar-lhe – digo.

Dinny assente, o rosto desanimado.

– Pergunta-lhe. Traz também o Eddie. Ele e o Harry parecem estar a dar-se bem. Ele é ótimo com miúdos... São menos complicados para ele.

– Se tu a convidasses tenho a certeza de que ela viria. Isto é, se fosses até à casa – aventuro. Dinny lança-me um sorriso rápido, amargo.

– Eu e aquela casa não pegamos lá muito bem. Pergunta-lhe tu, e talvez vos veja a ambas mais tarde. – Esboço um assentimento, enfio as mãos nos bolsos de trás das calças de ganga.

– Vamos, Ed? Vou voltar para casa. – Eddie e Harry levantam os olhos do seu trabalho. Dois pares de olhos azul-claros.

– Não posso ficar e acabar isto, Rick? – Olho para Dinny. Ele volta a encolher os ombros, assente.

– Eu tomo conta dele – diz.

Uma vez, quando Meredith fora a Devizes para uma consulta no dentista, enfiámos Dinny à socapa dentro de casa. Henry estava em casa de um rapaz da vila, com quem começara a andar. Um rapaz cuja casa tinha uma piscina *adequada*.

– Anda *lá!* – silvei a Dinny. – Não sejas tão criancinha!

Eu estava ansiosa por lhe mostrar os salões, a escadaria enorme, as adegas imensas. Não para o impressionar, não para me exhibir. Apenas para ver os olhos dele a arregalarem-se. Para poder ser eu a *mostrar-lhe* algo, para variar, para ser aquela que mandava. Beth baixou-se atrás de nós, a sorrir com uma expressão tensa. Não havia ninguém por ali excepto a governanta (que nunca nos prestava grande atenção), mas apesar de tudo agachámo-nos para nos esgueirarmos para dentro de casa. Atrás do último arbusto protector, eu estava suficientemente perto para sentir o joelho de Dinny a pressionar-se contra a minha anca; para sentir o cheiro seco a madeira da sua pele.

Dinny estava relutante. Fora avisado muitas vezes e ouvira as histórias suficientes por parte do avô, Flag, e dos pais; até tivera encontros fugazes com Meredith. Sabia que não era bem-vindo ali, e que não deveria querer ir espreitar. Mas eu percebia que ele era curioso. Tal como uma criança o é, quando um lugar lhe é proibido. Eu nunca o vira tão inseguro; nunca o vira a hesitar, e depois a decidir continuar. Fomos de sala em sala, enquanto eu lhe fazia descrições rápidas: «Esta é a sala de desenho, só que aqui nunca ninguém desenha nada, ou pelo menos que eu o tivesse visto. Este é o corredor para a adega. Vem ver! Tem o tamanho de outra casa! Este é o quarto da Beth. Ela tem um quarto maior porque é mais velha, mas do meu quarto pode olhar-se mesmo para as árvores, e uma vez vi ali um mocho.» E

continuei por ali fora. Os labradores seguiam-nos, satisfeitos e a sacudirem, entusiasmados, as caudas.

Mas quanto mais coisas eu dizia, e quanto mais lhe mostrávamos, quantas mais as divisões para as quais o arrastávamos, mais calado Dinny ficava. As suas palavras secaram-se, olhos que se tinham escancarado voltaram a fechar-se. Por fim, até eu reparei nisso.

– Não estás a gostar?

Um encolher de ombros, um erguer de sobrancelhas. E depois o som do carro, no caminho de acesso à casa. Paralisados, em pânico, os corações aos saltos. A tentar ouvir se iam entrar pela frente ou pelas traseiras. Um risco calculado e eu fiz a escolha errada. Saímos a correr para o terraço e nesse momento eles apareceram num dos lados da casa. Meredith, o meu pai e, o pior de tudo, Henry, que regressava da sua visita. Ele sorriu. Passado um instante de indecisão, agarrei no braço de Dinny, puxei-o e desatámos a correr pelo relvado. O maior acto de insurreição que alguma vez cometi, acho eu, e foi para salvar Dinny. Para o salvar de ouvir aquilo que Meredith lhe diria. Ela ficou tão chocada que por um segundo nem falou. De pé, alta e magra, com um fato de linho enrugado de uma tonalidade azul pastel; cabelo arranjado, imaculado. A sua boca era uma linha vermelha e dura de pigmento. Depois afastámo-nos e a boca abriu-se.

– Erica Calcott, volta aqui *imediatamente!* Como te atreves a trazer esse *traste* para dentro da minha casa? Como é que te *atreveste!* *Insisto* que voltes aqui imediatamente! E tu, seu cigano ladrão! Foges como um verme, não é? Como o verme que és!

Gosto de pensar que o meu pai lhe disse alguma coisa. Gostaria de pensar que Dinny não tinha ouvido aquilo mas, claro, que no fundo sei que sim. A fugir como um ladrão. Como um transgressor. Eu pensara que estava a ser corajosa, pensara que estava a ser para ele uma heroína. Mas ele passou dias zangado comigo. Por o ter feito entrar na casa, e depois por o ter feito fugir.

Estou no quarto de Meredith. Obviamente que este é o quarto maior de todos, com uma cama de colunas feia, muito trabalhada. A base é alta e o

colchão fundo. Como é que os próximos proprietários irão mover esta cama? É enorme. Acho que só se a despedaçarem à machadada. Para ser substituída por qualquer coisa contemporânea, provavelmente bege. Lanço-me para cima dela, para cima da colcha de brocado rijo, e conto o tempo que demoro a deixar de saltar. Quem fez a cama? Presumo que a governanta. Na manhã em que Meredith caiu a caminho da vila. Aos poucos, vou ficando imóvel, e apercebo-me que estou a baloiçar na cama da minha avó morta. Nos mesmos lençóis onde ela dormiu na noite antes de morrer.

Aqui, mais do que em qualquer outro lugar, parecem encontrar-se os seus restos fantasmagóricos. Como é natural, suponho. Parte de mim deseja tê-la vindo visitar, em adulta. Tê-la encurralado, tê-la obrigado a explicar de onde vinham todos aqueles maus sentimentos. Agora é demasiado tarde. A sua cómoda é uma coisa enorme – funda, larga; várias gavetas em colunas de ambos os lados, uma gaveta maior no meio que se abre para o meu colo; um espelho triplo, colocado em cima de uma caixa com mais gavetas. O cimo é macio como cetim, uma textura criada por séculos de dedos femininos suaves. Acho que a minha mãe devia ficar com jóias, bem como com fotografias. Meredith nunca teve problemas em nos dizer como tivera de vender as suas melhores peças, as melhores terras da propriedade, para pagar reparações no telhado. Disse isto aos meus pais, num tom acusador, como se eles devessem ter enfiado as mãos nos bolsos, ter procurado debaixo das almofadas do sofá, e aparecer com trinta mil libras. Mas ainda deve haver alguma coisa para as minhas mãos de ladra descobrirem.

Bâtons, sombras e pó de arroz na gaveta de cima do lado direito. Pequenas dunas de pós de maquilhagem soltos, a brilhar debaixo de tubos metálicos e estojos plásticos de base. Na gaveta que se segue, cintos enrolados como cobras. Lenços, ganchos, *écharpes* de *chiffon*. Esta gaveta cheira intensamente a Meredith, ao seu perfume, e também um pouco ao odor canino dos labradores. Na gaveta do fundo do lado direito, há caixas. Tiro-as, coloco-as onde as possa ver. A maior parte está cheia de jóias – parecem

ser acessórios de vestidos. Uma das caixas, a maior, reluzente e escura, está cheia de papéis e fotografias.

Com um arrepio de excitação, vasculho o seu conteúdo. Cartas de Clifford e Mary; postais natalícios da minha mãe e pai; alguns extractos bancários escondidos nesta caixa secreta, só Deus sabe por que motivo. Leio aleatoriamente pedaços de cada um, sentindo a excitação ilícita da bisbilhotice. Também algumas fotografias, que ponho de lado; e depois encontro os recortes de jornal. A respeito de Henry, é claro. Foram os jornais locais que iniciaram a cobertura noticiosa. *Desaparecido o Neto de Lady Calcott. Intensificam-se Buscas por Rapaz Local. Roupas encontradas nos bosques de Westridge não pertencem a rapaz desaparecido.* Depois os nacionais também se juntaram. Receios de rapto, especulações, um vagabundo misterioso avistado a deambular ao longo da A361, com um fardo que poderia ser uma criança. Rapaz correspondente à descrição, visto deitado no interior de um carro em Devizes. *Polícia muito preocupada.* Não consigo desviar os olhos daquilo. Como se um vagabundo tivesse conseguido levar Henry até tão longe. O Henry robusto, de ossos grandes. Beth e eu nunca vimos nada daquilo. Claro que não vimos. Ninguém lê os jornais aos oito anos de idade, e normalmente não nos deixavam ver os noticiários.

Parece que ela comprou vários jornais, todos os dias jornais diferentes. Tê-los-ia recortado na altura, ou mais tarde, anos depois, como uma maneira de manter a esperança viva, de *o manter vivo*? Eu não fazia a mínima ideia da projecção que esta história havia tido. Até àquele momento não relacionara os jornalistas, que andavam a vaguear junto aos portões, com qualquer tipo de infâmia nacional. Claro que agora percebo porque é que os jornalistas estavam lá; porque é que a história continuou a ser publicada, com colunas cada vez mais pequenas à medida que os meses passavam, até desaparecer por completo. As crianças não se deviam limitar a desaparecer, sem deixar rasto. Esse é o pior dos medos, talvez ainda pior do que se encontrar o corpo. Não ter quaisquer respostas, não ter quaisquer pistas. Pobre Meredith. Afinal, ela era a avó dele. Ela devia ter estado a tomar conta dele.

Estou a olhar fixamente para uma fotografia ampliada, granulosa, de Henry. Uma fotografia da escola, limpo e impecável no *blazer* e gravata às riscas do colégio. Cabelo penteado; sorriso decoroso, com muitos dentes. É a fotografia que foi colocada nos cartazes das montras das lojas, nos postes telegráficos, nas páginas dos jornais, nas salas de espera dos consultórios médicos, nos supermercados, oficinas e *pubs*. Na altura não existiam *websites*, mas lembro-me de ter visto a sua fotografia por toda a vila. A que se encontrava na montra da mercearia era a cores. Desbotou rapidamente devido à luz do sol, mas tinha cores vivas quando a vi pela primeira vez. *Posso ir à mercearia? Não! Tens de ficar dentro de casa!* Não consegui perceber porquê. Mas, por fim, a minha mãe acabou por ir comigo, agarrou-me pela mão, e pediu educadamente aos jornalistas que nos deixassem passar, para não nos seguirem. Mas dois deles acabaram por o fazer, tiraram-nos algumas fotografias inúteis a sair da mercearia com gelados de laranja. Um recorte minúsculo de finais de Agosto de 1987. Um ano depois. A última linha lastimosa: *Apesar de uma exaustiva investigação policial, ainda não foram encontrados vestígios do rapaz desaparecido.*

Sinto uma dor nas costelas e apercebo-me que estive a conter a respiração. Como que na expectativa; como se a história pudesse ter tido outro final. Reparo que a chuva cai com maior rapidez, maior intensidade. Eddie está nos bosques. Vai ficar ensopado. Parece tão irreal, ler a respeito de Henry nos jornais, ler coisas a respeito daquele Verão. Irreal, e ao mesmo tempo ainda mais real. Ainda mais terrível. Aquilo aconteceu, e eu estava lá. Volto a guardar os recortes na caixa, tendo cuidado para não os dobrar. Acho que os vou guardar; na mesma caixa, tão parecida com uma urna, na qual Meredith os colocou há vinte e três anos.

Pego no monte de fotografias e folheio-as, tentando afastar a sombra dos recortes de jornal. Retratos de família aleatórios, e fotografias de férias na sua maior parte – o tipo de coisa que a minha mãe quer. Uma pequena fotografia a preto e branco de Meredith e Charles, no dia do seu casamento – isto é, o meu avó Charles, que foi morto na Segunda Guerra Mundial. Charles não pertencia às forças armadas, mas houve uma semana em que

foi a Londres em negócios, e um V2 transviado abateu-se sobre o clube onde ele estava a almoçar. As melhores fotografias do seu dia de casamento estão em cima do piano na sala de estar, em molduras de prata pesada, mas nesta pequena fotografia Meredith está dobrada num ângulo estranho, retorcendo-se para trás para olhar por cima do ombro, afastada de Charles, como se a bainha do seu vestido estivesse presa nalguma coisa. Estão a sair da igreja, a emergirem da escuridão para a luz. De perfil o rosto de Meredith é jovem, dolorosamente ansioso. O seu cabelo é muito claro, os olhos enormes. Como é que uma rapariga tão adorável, uma jovem noiva tão nervosa, se transformou em Meredith? A Meredith que eu recordo, fria e dura como as prateleiras de mármore da despensa.

Só mais outra fotografia me chama a atenção. É muito antiga, gasta nas pontas; a imagem emerge desbotada, por entre uma quantidade de vincos. Uma mulher jovem, talvez no início da casa dos vinte, com um vestido de gola alta, cabelo muito preso atrás; e no seu colo, uma criança com um vestido de renda, que não deve ter mais de seis meses. Um bebé de cabelo escuro, o rosto ligeiramente desfocado, fantasmagórico, como se se tivesse contorcido no momento exacto em que a fotografia foi tirada. A mulher é Caroline. Reconheço-a de outras fotografias que há pela casa, embora em nenhuma delas ela pareça tão jovem como ali. Viro-a, leio o carimbo desvanecido nas costas: *Gilbert Beaufort & Son, New York City*; e escrito à mão, numa tinta que quase desapareceu, *1904*.

Mas Caroline só casou com Henry Calcott, o meu bisavô, em 1905. Há alguns anos, Mary deixou-se apanhar por uma obsessão pela genealogia, e seguiu a linhagem familiar dos Calcott (na qual se sentia tão orgulhosa por ter entrado, através do casamento), e nesse Natal enviou-nos a todos um postal com a árvore genealógica. Eles tinham casado em 1905, e perderam uma filha antes do nascimento de Meredith, em 1911. Franço o rosto, viro a fotografia para a luz e tento encontrar mais pistas. Caroline olha-me tranquilamente, uma mão protectora a envolver o bebé. Para onde foi aquela criança? Como é que caiu da nossa árvore genealógica? Enfio a fotografia no bolso de trás das calças e começo a remexer as jóias, mal as vendo. O

alfinete de um medalhão pica-me a ponta do dedo, e fico ali sentada durante um bocado, a saborear o meu sangue.

Depois do jantar, Eddie escapa-se da mesa para ir ver televisão. Beth e eu continuamos sentadas entre os pratos e tigelas sujos. Ela comeu um pouco. Não o suficiente, mas um pouco. Quando sente que Eddie a está a observar, esforça-se mais. Roubo uma última batata da travessa e recosto-me; sinto algo rijo no bolso de trás das calças.

– O que é isso? – pergunta Beth, quando tiro a fotografia da nossa bisavó. Não me tem falado muito desde que a interroguei a respeito de Henry, e agora a sua voz soa ligeiramente tensa. Mas eu sei reconhecer um ramo de oliveira quando o vejo.

– Encontrei-a no quarto da Meredith... É a Caroline – digo, e estendo-lhe a fotografia.

Beth estuda o rosto jovem, os olhos claros.

– Céus, pois é. Lembro-me destes olhos; mesmo quando já era velha, mantiveram esta cor prateada e viva. Lembras-te?

– Não, na verdade não.

– Bem, tu eras muito pequena.

– Costumava ter tanto medo dela! Mal me parecia humana.

– Tinhas mesmo? Mas ela nunca nos incomodou. Nunca nos prestou grande atenção.

– Eu sei. Ela era apenas... *velha!* – respondo, e Beth ri-se.

– Isso é verdade. Era mesmo de uma outra era.

– Que mais te lembras a respeito dela? – pergunto. Beth afasta-se da mesa, empurra o prato para o lado. Metade da sua fatia de quiche ainda se encontra no prato, intacta.

– Lembro-me da expressão da Meredith sempre que tinha de lhe dar de comer, ou vesti-la. Aquela expressão de uma neutralidade tão cuidadosa. Lembro-me que sempre pensei que ela devia estar a ter pensamentos horríveis, pensamentos tão terríveis que tinha de ter muito cuidado para não os mostrar.

– Mas, e quanto à Caroline? Lembras-te de alguma coisa que ela tivesse dito, alguma coisa que tivesse feito?

– Bem, deixa-me pensar. Lembro-me da vez em que ficou doida na festa de Verão. Quando é que isso foi? Não me recordo. Pouco antes de ter morrido. Não te lembras? Da festa, com o fogo-de-artifício, e todos aqueles archotes pendurados ao longo do caminho de acesso à casa para o iluminarem?

– Céus! Tinha-me esquecido completamente disso... Claro que me lembro do fogo-de-artifício, e da comida. Mas agora que falas no assunto, também me lembro de ter visto a Meredith a empurrar a cadeira de rodas da Caroline para dentro de casa, porque ela estava a gritar qualquer coisa acerca de melros... O que é que era? Lembras-te? – pergunto. Beth abana a cabeça.

– Não eram melros – diz ela. E ao começar a contar-me, a cena surge na minha mente, como se sempre tivesse ali estado à espera que Beth ma mostrasse.

*

A festa de Verão de Storton Manor era um evento anual que normalmente decorria no primeiro sábado de Julho. Por vezes estávamos lá a tempo de participar, por vezes não, dependendo do calendário escolar. Esperávamos sempre poder estar – era a única ocasião em que queríamos tomar parte em algo organizado por Meredith, porque as luzes, as pessoas e a música transformavam a casa num outro lugar, num outro mundo. Nesse ano, Beth passara horas a arranjar-me o cabelo. Eu tinha estado a chorar porque o meu vestido de festa estava demasiado pequeno, algo que só tínhamos descoberto quando eu o vestira ao princípio da noite. Estava demasiado apertado debaixo dos braços, e o franzido beliscava-me a pele. Mas não havia outra alternativa, por isso tive de o usar, e para me animar Beth entrançou fitas turquesa no meu cabelo, ao todo umas quinze ou vinte, que se juntavam numa pluma de pontas encaracoladas na minha nuca.

– É a última, fica quieta! Pronto. Pareces uma ave-do-paraíso, Erica! – Sorriu, ao fazer o nó na última fita. Eu inclinava a cabeça para um lado e para o outro, gostava do roçar das fitas contra a nuca.

Archotes flamejantes percorriam o caminho até à casa, fedendo a parafina, gotejando no ar nocturno. Emitiam um som semelhante ao de bandeiras a esvoaçar. Havia um quarteto de cordas no terraço de sol, junto ao local onde se encontravam colocadas mesas longas tapadas por toalhas brancas e carregadas de fileiras de copos reluzentes. Baldes de gelo de prata sobre tripés de pernas compridas continham garrafas de champanhe geladas, e os empregados erguiam as sobranceiras na minha direcção quando eu enfiava ali os dedos, tirando cubos de gelo para os sugar. A comida era provavelmente maravilhosa, mas lembro-me de ter tirado uma tosta com caviar, de a enfiar na boca, e de seguida a ter cuspidado para o canteiro de flores mais próximo. Conversas de adultos que não compreendíamos disparavam acima das nossas cabeças; mexericos e rumores lançados de trás para a frente, indiferentes à nossa presença de pequenas espias, a infiltrarmo-nos entre a multidão.

A maior parte da nossa extensa família, pessoas que nunca mais voltei a ver, estava presente, bem como todos aqueles que eram alguém na sociedade do condado. Um fotógrafo do *Wiltshire Life* circulava de um lado para o outro, tirando fotografias das mulheres mais atraentes, dos homens com títulos mais sonantes. Mulheres com rostos de cavalo, de cabelo liso e grandes dentes, que usavam vestidos de noite caros e berrantes em tons de rosa, azul brilhante e esmeralda. Tinham desenterrado os seus diamantes para a ocasião – pedras que reluziam contra peles inglesas sardentas. Todo o jardim estava inundado pelo cheiro dos seus perfumes e mais tarde, quando se deu início ao baile, esse cheiro deu lugar ao da transpiração. Os homens usavam *smokings*. O meu pai remexia no colarinho, na faixa do *smoking*, pouco habituado às pontas rígidas, às camadas de tecido. Insectos rodopiavam à volta dos archotes, como fagulhas numa fogueira. Nos relvados ressoavam vozes e gargalhadas, um burburinho consistente que aumentava a par do número de garrafas vazias. Apenas o fogo-de-artifício

as silenciou, e nós, crianças, parámos a vê-lo, extasiadas, enquanto o céu púrpura da noite explodia em luz.

Toda uma equipa de empregados fora contratada para servir na festa. Empregados de vinhos; cozinheiros que tomaram conta da cozinha; empregadas de mesa, que passavam os tabuleiros de canapés quentes vindos da cozinha; mordomos calmos e implacáveis que se demoravam no interior da casa, dirigindo educadamente as pessoas para as casas de banho do piso térreo, e desencorajando os curiosos que quisessem espreitar para as salas da família. Foi uma dessas empregadas anónimas que Caroline atacou, inexplicavelmente. Ela estava sentada na varanda na sua cadeira de rodas, suficientemente perto do terraço para ouvir a música, mas ainda dentro de casa. As pessoas dirigiam-se a Caroline para apresentarem os seus cumprimentos, inclinando-se desajeitadamente para a frente para não ficarem a pairar acima dela, mas voltavam a afastar-se assim que era delicado fazê-lo. Caroline reconhecia algumas com um aceno indiferente da cabeça. E limitava-se a ignorar outras. Depois aproximou-se uma empregada a sorrir, ofereceu-lhe algo de um tabuleiro.

Lembro-me que era morena. Muito jovem, talvez ainda adolescente. Anteriormente, Beth e eu tínhamos reparado nela porque lhe invejámos o cabelo. A sua pele tinha uma tonalidade escura de azeitona, e o cabelo era do negro mais luxuriante que se possa imaginar, preso numa trança grossa caída por cima do ombro. Era tão escuro e brilhante como tinta. Tinha um corpo bem feito, arredondado, e um rosto bonito e redondo, com olhos castanho-escuros e maçãs do rosto altas. Possivelmente era espanhola, ou talvez grega. Beth e eu estávamos ali perto, porque a andáramos a seguir. Achávamo-la incrivelmente bela. Mas quando Caroline olhou para cima e o seu olhar se fixou na rapariga, os olhos escancararam-se-lhe e a boca abriu-se – um buraco húmido e sem lábios naquele rosto. Eu estava suficientemente próxima para ver que ela estava a tremer, e para ver a expressão de alarme que atravessou o rosto da empregada.

– Melro? – sussurrou Caroline, a respiração entrecortada a formar a palavra de um modo tão solto que pensei ter ouvido mal. – Melro, és tu? –

A empregada abanou a cabeça e sorriu, mas Caroline ergueu as mãos com um grito rouco. Meredith olhou para a mãe, franzindo as sobrancelhas.

– Sente-se bem, mãe? – perguntou, mas Caroline ignorou-a, continuando a fixar a empregada de cabelo escuro com um olhar de verdadeiro terror no rosto.

– Não podes ser tu! Tu morreste! Eu sei que sim... Eu *vi-te*... – gemeu.

– Está tudo bem – disse a rapariga, afastando-se um pouco da mulher idosa. Beth e eu observávamos, fascinadas, enquanto lágrimas começavam a deslizar pelas faces de Caroline.

– Não me magoes... Por favor, não – gemeu.

– O que é que se passa aqui? – inquiriu Meredith, aparecendo junto da mãe, sempre a olhar para a empregada desafortunada, que se limitou a abanar a cabeça sem perceber o que se passava. – Mãe, esteja calada. O que é que se passa consigo?

– Não! Melro... como é que pode ser? Tenho a certeza que eu não... Eu não o quis fazer... – suplicou ela, pousando os dedos trémulos em cima da boca. Tinha uma expressão horrorizada, assombrada. A empregada afastou-se, pedindo desculpa e esboçando um sorriso constrangido. – Melro... espera, Melro!

– Já chega! Não há aqui ninguém chamado Melro! Por amor de Deus, mãe, recomponha-se – admoestou-a Meredith com brusquidão. – Temos convidados – disse enfaticamente, inclinando-se para a frente para falar ao ouvido de Caroline. Mas Caroline continuou a olhar para a rapariga de cabelo preto, procurando-a freneticamente por entre a multidão.

– Melro! Melro! – gritou, ainda a chorar. Agarrou a mão de Meredith, fitando a filha com olhos enormes e desesperados. – Ela voltou! Não deixes que ela me magoe!

– Pronto. Já chega. Clifford, vem-me ajudar. – Meredith acenou vigorosamente ao filho, e entre ambos viraram a cadeira de Caroline e empurraram-na pelas portas altas de vidro. Caroline tentou debater-se com eles, continuou de cabeça virada a procurar a rapariga, continuou a dizer o

nome, uma e outra vez. *Melro, Melro*. Foi a primeira e única vez em que me lembro de ter sentido pena dela, porque soava tão assustada e tão, tão triste.

– Melro, era isso. Nome curioso – digo, quando Beth se interrompe, desfaz a sua trança longa e passa os dedos entre o cabelo. – Quem é que ela pensaria que era aquela rapariga?

– Quem sabe? Nessa altura, ela já estava muito desorientada. Lembra-te que tinha mais de cem anos.

– Achas que a Meredith sabia? Foi tão brusca com ela a esse respeito!

– Não. Não sei. – Beth encolhe os ombros. – A Meredith foi sempre tão brusca.

– Mas nessa noite foi horrível. – Levanto-me, coloco o balão na máquina para fazer café.

– Devias ir dar uma vista de olhos ao sótão, se andas à procura de papéis e fotografias antigas – diz Beth, repentinamente entusiasmada.

– Ah?

– Aquela velha arca lá em cima... Quando voltámos do funeral da Caroline, lembro-me de ter visto a Meredith a guardar tudo aquilo que lhe pertencia dentro daquela velha arca de couro vermelho. Era quase como se quisesse esconder todos os bens da Caroline.

– Não me lembro disso. Onde é que eu estava?

– Ficaste em Reading, com os nossos vizinhos Nick e Sue. O pai disse que eras demasiado pequena para ires a um funeral.

– Então daqui a bocado vou até lá acima dar uma espreitadela – digo. – Também devias vir.

– Não, não, nunca me interessei assim tanto pela história da família. No entanto, és capaz de encontrar alguma coisa de interesse – diz, a sorrir. Reparo como se mostra ansiosa que eu investigue aquele passado distante, em vez do mais recente. Como se mostra ansiosa por me distrair.

² Referência a personagem fictícia, de personalidade excêntrica, da série literária *Harry Potter*, de J. K. Rowling. (*N. da T.*)

ANSEIO

1902-1903

À medida que a Primavera se transformava em Verão, Caroline habituou-se mais à presença de Joe e de Melro, e à das outras mulheres ponca que eram Nuvem Branca, a mãe de Joe, e Annie, a sua irmã viúva. Não os voltou a visitar, mas Corin avisou-a que era tradição entre as mulheres índias fazerem visitas umas às outras e trocar presentes, e ela recebeu-as várias vezes antes de as ponca parecerem perder o interesse. Caroline detestava ver o trio a aproximar-se da casa, e mantinha-se muito hirta durante as visitas, tolhida pelos nervos, sem saber como lhes falar, ou o que lhes dar em troca dos seus presentes de mel, luvas e uma colher de pau elegantemente esculpida. Por fim, regra geral acabava por lhes dar dinheiro, que Nuvem Branca aceitava com uma expressão fechada. Caroline fazia-lhes chá e ansiava que elas se fossem embora, mas quando deixaram de a visitar sentiu que de certo modo fracassara. E observava Joe pela janela enquanto este andava pelo rancho, sempre curiosa com a estranheza das suas feições, a sua crina de cabelo negro. Ele usava uma faca comprida dentro de uma bainha de couro trabalhada, presa à anca, e, de cada vez que a via, Caroline sentia um arrepio de frio a percorrer-lhe a espinha.

Não se habituou ao calor, que aumentava a cada dia que passava. Ao meio-dia o sol era um disco branco e achatado, e sempre que ela saía parecia pressionar-se como uma mão gigantesca sobre a sua cabeça, empurrando-a para baixo, tornando-a pesada e meio cega. Quando o vento soprava, parecia tão quente quanto a lufada de ar saída de um forno. Habituada durante toda a vida a levantar-se às dez da manhã, Caroline começara agora a levantar-se com Corin, à primeira luz do dia, de modo a poder ter algum

tempo para existir, algum tempo para viver antes de o calor se tornar insuportável. A essa hora, o céu a leste era violeta e azul, salpicado por estrelas ténues e reluzentes que, a piscar, desapareciam da existência à medida que clareava. Corin voltou a levá-la a Woodward para encomendar tecido para cortinados e tapetes, e um espelho grande para pendurar por cima da pedra da lareira, e pagou tudo aquilo com uma expressão ligeiramente perplexa. Caroline exasperou-se, impaciente, durante as semanas que os artigos demoraram a vir de comboio de Kansas City, e bateu as mãos entusiasmada quando chegaram. A pouco e pouco, arrastou a mobília da casa até a colocar numa disposição mais harmoniosa, e varreu e varreu até as mãos lhe ficarem com bolhas, para manter a areia fora de portas em dias ventosos; depois desistiu, frustrada, entalando quaisquer trapos que encontrasse nas frinchas das portas e janelas.

Ainda lhe foi mais difícil habituar-se ao trabalho diário, necessário para manter a casa a funcionar. Sabia que como mulher de Corin devia ser ela a fazer-lhe o café e o pequeno-almoço antes de ele partir do rancho, mas na altura em que acabava de se pentear, de lavar o rosto e apertar o espartilho, já ele comera sozinho e saíra para trabalhar.

– Porque é que demoras tanto tempo a pentear-te, querida? Não há por aqui ninguém que vá pensar mal de ti se te limitares a apanhá-lo de uma maneira simples – disse-lhe Corin com ternura, afastando-lhe o cabelo do pescoço húmido e passando o polegar pelas madeixas finas.

– *Eu* pensaria mal de mim – respondeu Caroline. – Uma senhora não pode andar por aí sem o cabelo arranjado. Não é decente. – Mas pensou ter percebido aquilo que ele quisera dizer, e começou a levantar-se ainda mais cedo para ficar apresentável e mesmo assim ter tempo para tratar do pequeno-almoço.

Quando a cisterna secava, a água tinha de ser tirada de um poço situado no cimo de uma elevação, na zona norte do rancho; um poço que Corin foi rápido a afirmar ser quase um milagre, já que muita da água subterrânea do condado estava contaminada com gesso, que apodrecia as entranhas e sabia mal.

– Nem sequer a melhor casa de Woodward tem um abastecimento de água tão próximo, e tão bom. Eles continuam a trazê-la do Sul, de carroça! – disse-lhe ele, orgulhoso.

Demorava muito tempo a ferver água no fogão e, como a madeira era escassa, era muito frequente serem os dejectos secos de vaca (que Caroline vira pela primeira vez na fogueira do acampamento de Hutch) o único combustível. Ao descobrir o que aquilo era – pedaços de excrementos secos de gado –, Caroline recusou-se terminantemente a apanhá-los, e apenas se convenceu a usá-los enfiando-os no fogão com pinças de ferro. Não muito longe do rancho havia um riacho pouco fundo ao qual os rancheiros chamavam Toad Creek, e ao longo das suas margens crescia uma fina linha de algodoeiros enfezados, abrunheiros e castanheiros, o que dava ao rancho uma vegetação bem-vinda.

– Porque é que não nos podemos limitar a cortar lenha das árvores junto do riacho? – perguntou Caroline a franzir o nariz enquanto Hutch, um pouco descontente com a tarefa, lhe levava um cesto de dejectos até à porta.

– Bem, minha senhora, podemos fazê-lo. Mas apenas durante uns dois meses, e depois teríamos de voltar aos dejectos, e já não teríamos árvores para embelezar a paisagem – disse-lhe Hutch, num tom seco.

E todas as manhãs tinha de trazer a água para dentro de casa, o forno tinha de ser varrido e reabastecido, o pequeno-almoço cozinhado, e depois ainda havia panelas e roupa para lavar. Caroline estava habituada a que lhe levassem a roupa suja e que a devolvessem dois dias depois, lavada, engomada e bem dobrada; ficou espantada ao descobrir quanto trabalho era necessário fazer durante esses dois dias – e depois a infundável batalha com a areia dentro de casa e no alpendre. Também tinha de tratar da sua horta murcha e ressequida. Corin oferecera-lhe orgulhosamente as sementes, tendo-as trocado com um vizinho. Melancias e abóboras-meninas, feijões e ervilhas. Também lhe trouxera duas minúsculas cerejeiras, que ela regara com grande cuidado e atenção, afligindo-se quando o vento as açoitava. As árvores debatiam-se no solo vermelho, e não floresciam por mais que ela as mimasse. Depois havia o almoço para preparar, roupa para remendar e a

seguir o jantar. Caroline não era boa cozinheira. Queimava os ovos e esquecia-se de temperar os bifés. Os legumes ficavam demasiado moles, a carne rija e fibrosa. O interior do feijão ficava duro, granuloso. O café era fraco, e o pão recusava-se a crescer, saindo do forno duro e esponjoso. De cada vez que se desculpava, Corin reconfortava-a.

– Não foste criada para fazer isto. Hás-de apanhar o jeito. – Sorria, engolindo corajosamente o que quer que ela lhe colocasse à frente. De cada vez que ficava com as mãos sujas, Caroline lavava-as de imediato, odiando a sensação da sujidade na pele, o crescente escuro de terra e fuligem debaixo de cada unha. Esfregava tantas vezes as mãos durante o dia que a pele ficou vermelha, inflamada e começou a estalar; e ao fim do dia, sentava-se a chorar a sua maciez perdida, a embalá-las no colo.

Só se podiam tomar banhos quentes depois dese encher arduamente um grande tambor de cobre e de se acender uma fogueira por baixo dele; de seguida, enchia-se uma tina com baldes de água, uma tina que fora colocada atrás de um biombo de madeira, que Caroline encomendara com o objectivo expresso de tomar banho em privado. Corin ficava exasperado com a utilização injustificada de água tão preciosa, mas no fim do seu dia de trabalho, com os movimentos dificultados pelo espartilho, o corpo de Caroline doía-lhe das pontas dos dedos das mãos até aos dos pés. Conseguia sentir cada protuberância nodosa da sua espinha quando esta se encostava ao fundo da tina, e sentia as costelas doridas. As suas mãos, ao retorcer a roupa lavada, tremiam de fadiga. Sob o brilho amarelado dos candeeiros de querosene, examinava as unhas partidas e a cor bronzeada dos braços, até ao sítio onde enrolara as mangas por causa do calor. Passava o polegar sobre os calos, massajando-os com creme de dia que cheirava a rosas para os suavizar, enquanto a música solitária do coiote preenchia a escuridão exterior.

Não se queixava do trabalho, nem sequer para si mesma. Sempre que se apanhava a vacilar, imaginava Bathilda a sorrir num triunfo trocista; ou pensava em Corin, tão cheio de admiração, a chamar-lhe bela e corajosa, e como ela odiaria provar-lhe que estava errado. Mas das vezes em que

começava a ficar desanimada, Corin parecia senti-lo. Sacudia-lhe a areia do cabelo ao fim do dia, a cantar em voz baixa enquanto lhe desembaraçava as madeixas com carícias longas e suaves; ou contava-lhe histórias fantásticas para a fazer rir: acerca da vaca inteligente que bebia cerveja e aprendera a contar; ou do colono impaciente que pintara todo o corpo com a lama vermelha e húmida do condado de Woodward para se fazer passar por índio e instalar-se nas terras deles. Ou, quando Caroline se deitava na tina e esfregava os calos, ele dava a volta ao biombo e enfiava os dedos nos músculos tensos do seu pescoço e ombros, até ela estar quase adormecida nas suas mãos; depois pegava nela ao colo e levava-a, a pingar, para a cama. Na alegria ávida e ofuscante com que faziam amor, ela esquecia todas as suas outras dores.

Uma noite estavam deitados lado a lado na cama, a recuperar o fôlego depois dos seus esforços físicos. Soerguendo-se sobre um cotovelo, Corin limpou a transpiração que se acumulara sobre o peito de Caroline, e baixou a mão até à sua barriga. Ela sorriu e moveu-se sob aquele peso, a pressão quente da sua pele.

– Para começarmos, vai ser rapaz ou rapariga? – perguntou ele.

– O que é que preferias? – respondeu Caroline.

– Eu perguntei primeiro! – Corin sorriu.

Caroline suspirou, feliz.

– Na verdade, não tenho preferência. Talvez uma rapariga... uma menina com os teus olhos castanhos e cabelo cor de mel.

– E depois um rapaz? – sugeriu Corin.

– Claro! Preferias um rapaz primeiro?

– Não necessariamente... embora fosse bom tê-lo a andar por aí, e a ajudar-me pelo rancho... – admitiu.

– Pobre bebé! Ainda nem sequer nasceu e já o puseste a bater as estacas das vedações! – exclamou Caroline.

A sorrir, Corin aproximou os lábios da sua barriga e beijou-lhe a pele húmida.

– *Psst!* Ei, tu aí dentro, nasce rapaz e eu compro-te um pónei! – sussurrou ele.

Caroline riu-se, colocando as mãos à volta da cabeça de Corin para a embalar, já sem reparar na aspereza da sua própria pele.

Passaram-se dois meses até um vizinho passar por ali para os visitar. Caroline ouviu um grito na parte da frente da casa enquanto examinava, sombria, um bolo de mel que afundara assim que o tirara do forno.

– Olá, Massey! – ouviu-se de novo o grito e, espantada, Caroline percebeu que era uma voz feminina. Penteou o cabelo para trás, sacudiu a farinha do avental, e saiu para o alpendre com uma graciosidade real. Depois arquejou. A mulher, se é que era mesmo uma mulher, pois além de estar vestida como um homem, de calças, perneiras de couro e uma camisa de flanela enfiada num cinto largo de cabedal, também estava *escarranchada* sobre um cavalo baio e esguio, tão confortavelmente refastelada na sela como se tivesse nascido ali. – Estás em casa! Começava a pensar que estava a gritar para uma casa vazia – declarou a mulher, passando uma perna por cima da garupa do cavalo e saltando agilmente para o chão. – Chamo-me Evangeline Fosset. É um prazer conhecer-te, e trata-me por Angie, já que é isso que todos me chamam – continuou, aproximando-se com um sorriso. Um rabo-de-cavalo comprido de cabelo laranja baloiçava-lhe pelas costas, e embora o seu rosto estivesse tão bronzeado quanto o de Corin, também era forte e atraente. Os seus olhos azuis brilhavam.

– Sou a Caroline. Mrs. Massey.

– Calculei que fosses. – Os olhos azuis miraram-na de alto a baixo. – Bem, o Hutch disse-me que eras uma beldade, e o Senhor sabe que aquele homem nunca mente – disse ela. Caroline sorriu, insegura, e não respondeu. – Já agora, sou tua vizinha. O meu marido Jacob e eu temos um rancho, a uns onze quilómetros para aquele lado. – Angie apontou para sueste.

– Oh! Bem... hmm... não quer entrar? – gaguejou Caroline.

Cortou pequenos quadrados da parte de fora do bolo de mel, onde este se assemelhava mais a um bolo, e serviu-os num prato grande, acompanhado por água e chá. Angie bebeu uma longa golada.

– Oh! Como invejo aquele vosso poço de água doce! Ter água que não sabe a gesso ou à cisterna é algo de maravilhoso, podes ter a certeza disso – exclamou, esvaziando o copo. – Corin contou-te como o encontraram? Isto é, o poço?

– Não, ele não...

– Bem, eles escavaram cerca de cem furos diferentes e não encontraram nada além de gesso e de gesso, e mais alguma água fedorenta com sabor a gesso. Utilizavam apenas a água do riacho, mas esse está seco durante metade do ano, como em breve verás. E estavam a ser tão cuidadosos com aquele abastecimento, que nenhum dos homens deste rancho se lavou durante mais de um mês. Posso dizer-te sem mentir: eu conseguia sentir-lhes o cheiro dos degraus do meu alpendre! Bem, um dia, um velhote engraçado apareceu por aqui a cavalgar uma mula cansada, e perguntou ao Corin se queria que ele encontrasse água doce na sua terra. O Corin, que sempre foi alguém pronto a dar uma oportunidade a outra pessoa, apesar de não perceber como é que o velho ia conseguir aquilo que ele não conseguira em meses, disse-lhe para estar à vontade. – Angie interrompeu-se para respirar, e enfiou um quadrado de bolo na boca. Caroline observou-a, hipnotizada. – O velho tirou do alforje um ramo fino e bifurcado, tão gasto que se tornara macio devido aos anos em que fora manuseado, e lá vai ele, a vaguear por aqui e por ali, por toda a parte, a segurar aquele ramo entre as pontas dos dedos. O sol do meio-dia começa a bater com força, e ele continua a andar para um lado e para o outro até chegar ao cimo do declive e, bum!, aquele pauzinho vira-se nas suas mãos e aponta directamente para baixo para a turfa, como se fosse uma seta. «Aqui está a sua água doce, senhor», anunciou o velho. E depois de escavarem profundamente, lá estava o poço. Agora, consegues acreditar numa coisa destas? – Angie terminou a sua história com um aceno e um sorriso, e observou Caroline, expectante.

– Bem, eu... – começou Caroline, a sua voz soando frágil depois da narrativa arrojada de Angie – ...claro que sim, se mo está a dizer – terminou, e sorriu ligeiramente. O rosto de Angie pareceu ficar um pouco desanimado, mas depois voltou a sorrir.

– Então, que tal te estás a dar? Estás a habituar-te à vida do rancho?

– Sim, acho que sim. É bastante diferente... de Nova Iorque.

– Aposto que sim! – riu-se Angie; um som baixo, rouco.

– Nunca tinha visto uma mulher montar a cavalo como um homem – acrescentou Caroline, sentindo-se grosseira por o referir, mas demasiado espantada para não o fazer.

– Oh, é a única maneira de se viajar por aqui, acredita! Assim que o tiveres experimentado, nunca mais vais querer montar de lado. Quando ouvi dizer que o Corin ia trazer uma miúda da cidade, pensei, pobre pequena! Ela nem sabe no que se está a meter! Não que eu não adore este lugar. É a minha casa, embora o Senhor saiba que, por estas bandas, a Mãe Natureza consegue às vezes ser uma cabra, desculpa a minha linguagem... mas é que consegue mesmo. – Angie voltou a olhar para Caroline, e esta sorriu, nervosa, sem perceber. Serviu mais chá à sua visita. A chávena de porcelana, com o seu desenho de rosas vermelhas e laços azuis, que lhe parecera tão encantadora no catálogo, parecia agora frágil e infantil como um brinquedo nas mãos fortes de Angie. – A solidão apanha algumas mulheres. Sem verem ninguém, bem, sem verem outras mulheres durante semanas a fio. Por vezes, até meses. Pode dar cabo de uma pessoa, estar-se sozinho em casa durante todo o dia.

– Eu tenho estado... a manter-me ocupada – disse Caroline, hesitante, surpreendida pela frontalidade da mulher.

– Tal como todas nós, tenho a certeza disso. – Angie encolheu os ombros. – As crianças ajudam, quando começam a chegar. Nada como uma casa cheia de miúdos para nos manter distraídas, posso-to garantir! – Caroline sorriu, e corou um pouco. Mal podia esperar para ter o seu primeiro filho. Ansiava por um bebé que pudesse embalar, pela maciez da sua pele, a união de uma nova família. As raízes que se criavam.

– Corin quer ter cinco – disse ela, sorrindo timidamente.

– Cinco! Santo Deus, vais ter muito trabalho pela frente, rapariga! – exclamou Angie, com um sorriso aberto. – Mas... ainda és nova. O meu conselho é, não os tenhas muito próximos uns dos outros. Assim os mais

velhos poderão ajudar-te a tomar conta dos mais pequenos. Bem, quando precisares, avisa-me. Nessa altura vais querer mais ajuda, e conselhos de uma velha experiente. Lembra-te apenas de onde estou, e envia-me uma mensagem se precisares de alguma coisa.

– Isso é mesmo muito amável da sua parte – disse Caroline, com a certeza secreta de que não precisaria de uma tal ajuda. Ela sabia, no seu íntimo, que apesar dos seus cozinhados se recusarem a melhorar e de o seu corpo não endurecer com o trabalho doméstico, era na maternidade que se encontrava a sua vocação.

Quando Angie se afastou, uma hora depois ou perto disso, não o fez em direcção à sua casa, mas na direcção dos currais onde alguns dos homens estavam a trabalhar. Caroline tinha o cuidado de não se aventurar até ali, sentindo-se demasiado tímida em relação aos homens e demasiado insegura com a natureza do seu trabalho, apesar dos incitamentos de Corin para que ficasse a saber como o rancho funcionava. Achara brutal aquilo que vira. Animais cruelmente atirados ao chão, os seus chifres serrados, as suas cabeças enfiadas sob uma mistela ardente e fedorenta para lhes matar os parasitas, o emblema do Rancho Massey, RM, queimado nas suas peles. Odiava o modo aterrorizado como reviravam os olhos, tão brancos e de aparência tão vulnerável. Mas ao ver Angie a levar tranquilamente o seu cavalo até junto de Hutch, que estava a supervisionar a marcação de novos bezerros no curral mais próximo, Caroline sentiu-se de repente marginalizada e deixada para trás. Tirou apressadamente o avental, agarrou na touca e dirigiu-se, veloz, na mesma direcção.

Hutch aproximara-se da vedação e estava encostado a ela, continuando a observar a marcação dos animais enquanto falava com Angie. Sem saber como anunciar a sua presença e sentindo-se muito tensa devido aos nervos, Caroline ouviu o seu nome e em vez disso deteve-se, dando um passo para o lado de modo a ficar abrigada pela sombra do dormitório. O fedor do pêlo e pele queimados fê-la arquejar, e tapou a boca com a mão para abafar o som.

– Ela não é muito simpática, pois não? – disse Angie, cruzando os braços. Hutch encolheu um ombro.

– Acho que está a tentar sê-lo. Não deve ser fácil depois de ter sido educada de uma maneira tão boa. Acho que nunca deve ter andado a pé um quarto de quilómetro, e ouvi o Corin dizer que também nunca deve ter cozinhado.

– É uma pena que o Corin não esteja instalado mais perto da vila, ela poderia ter dado aulas de etiqueta ou qualquer coisa desse género. Fazer uma melhor utilização daquelas boas maneiras do que o fará por aqui – disse Angie, a abanar a cabeça como que em desaprovação. – O que é que os rapazes pensam dela?

– Na verdade, é difícil dizer. Ela não sai muito de casa; não anda a cavalo, e nem sequer nos traz limonada quando o dia está quente. – Hutch fez uma careta. – Acho que se dá muito mal com o calor.

– Em que é que o Corin estava a pensar ao casar com uma tenrinha e ao deixá-la aqui sozinha?

– Bem, acho que ele estava a pensar que ela é uma bela rapariga, com uma cabeça sensata.

– Hutchinson, um dia destes vou-te ouvir dizer uma palavra dura acerca de alguém ou de alguma coisa, e vou cair do meu cavalo. Talvez na cidade tivesse uma cabeça sensata, mas aqui? Ora, ela até trata das suas tarefas com espartilhos tão apertados que mal consegue respirar! Isso soa-te a alguém com bom senso? – exclamou Angie. Hutch disse qualquer coisa que Caroline não conseguiu ouvir acima dos mugidos assustados dos bezerros, e depois ele virou-se para Angie. Receando ser vista, Caroline contornou o lado do dormitório e regressou rapidamente a casa, lágrimas de fúria a aflorarem-lhe aos olhos.

Mais tarde, ao jantar, Caroline observou o marido enquanto ele comia, sem se queixar, a refeição insípida que ela lhe preparara. Corin chegara tarde depois de ter ido atrás de duas cabeças de gado tresmalhadas, e sentara-se à mesa faminto sem se lavar, limitando-se a salpicar as mãos e rosto com água da gamela. À luz do candeeiro parecia grosseiro, mais velho

do que era na realidade. Tinha o cabelo espetado em ângulos estranhos, e areia da pradaria colava-se-lhe ao longo da raiz do cabelo. Depois de um dia no exterior, parecia absorver a luz do sol, para brilhar durante toda a noite, pensou ela. O sol adorava-o. Não a adorava a ela. Queimava-lhe a pele clara, deixava-lhe sardas nas faces e fazia com que o seu nariz pelasse de um modo muito pouco atraente. Ela observou-o e sentiu uma explosão repentina de amor, que era simultaneamente maravilhosa e um pouco desesperada. Ele era o seu marido, e no entanto Caroline sentia que o podia perder. Não soubera que estava a fracassar até ter conhecido Angie Fosset, e ter ouvido o seu veredicto relativamente à mulher fútil de Corin. Reprimiu as lágrimas, pois sabia que não seria capaz de lhas explicar.

– A Evangeline Fosset passou por aqui hoje – disse ela, a voz um pouco embargada.

– Ai sim? Isso é maravilhoso! É uma vizinha tão boa, e sempre tão simpática. Não achaste? – perguntou Corin. Caroline bebericou um pouco de água, para evitar responder. – Se houve alguma vez um exemplo de como o Oeste dá às mulheres as liberdades que elas nunca tiveram, e como uma mulher pode tirar partido dessas mesmas liberdades, a Angie é esse exemplo – prosseguiu Corin.

– Ela não deixou um cartão-de-visita antes de me visitar. Não estava preparada para receber visitas – respondeu Caroline, odiando o tom frio da sua voz, mas odiando também ouvir o marido elogiar outra mulher.

– Não, bem... Suponho que quando tens de cavalgar onze quilómetros para dizeres que vais visitar uma pessoa, parece mais sensato limitares-te a visitar essa mesma pessoa quando lá chegares.

– Ouvi-a a falar de mim ao Hutch. Chamou-me tenrinha. O que é que isso significa?

– Tenrinha? – Corin esboçou um ligeiro sorriso, mas deteve-se ao ver a expressão tensa da mulher, o brilho nos seus olhos. – Oh, vá lá, minha querida... Tenho a certeza de que ela não quis dizer nada de mal. Tenrinha significa apenas que não estás habituada ao Oeste, apenas isso. Que não estás habituada a um estilo de vida no exterior.

– Bem, e como é que poderia estar habituada? É culpa minha, ter nascido onde nasci? Isso é motivo para se falar de uma pessoa, e chamar-lhe nomes? Eu estou a *tentar* habituar-me a esta vida!

– Eu sei que estás. – Corin pegou-lhe nas mãos e apertou-as. – Não te irrites por causa disso. Estás a fazer um grande...

– Não, não estou! Não sei cozinhar! Não consigo dar conta de todo o trabalho! As plantas não estão a crescer... A casa está cheia de areia! – exclamou ela.

– Estás a exagerar...

– O Hutch sabe que eu não sei cozinhar, por isso deves ter sido tu contar-lho! Eu *ouvi-o* dizê-lo!

Ao ouvir aquilo, Corin interrompeu-se e as suas faces coraram um pouco.

– Desculpa, querida. Não lho devia ter dito, e lamento tê-lo feito. Mas, meu amor, se precisas de ajuda, basta dizeres-me e encontramos-te alguém para te ajudar! – garantiu-lhe ele, acariciando-lhe a face onde as lágrimas lhe molhavam a pele.

– Eu preciso de ajuda – disse Caroline, num tom infeliz; e ao confessá-lo, sentiu o peso de tudo aquilo a erguer-se-lhe dos ombros. Corin sorriu.

– Então, tê-la-ás – respondeu ele suavemente, e murmurou-lhe palavras meigas até Caroline lhe sorrir e deixar de chorar.

E assim Melro foi recrutada para entrar na casa e partilhar as tarefas domésticas. E embora Caroline não tivesse a certeza se queria a rapariga ponca ao seu lado durante todo o dia, ela chegou com um sorriso pronto, e uma facilidade em fazer as coisas que provinha do facto de ter sido criada a fazê-las. Caroline cedeu-lhe, alegremente, a confecção das refeições, e viu ossos velhos e feijões secos transformarem-se numa sopa grossa e saborosa; a massa de pão a erguer-se de bom grado entre panos húmidos, quando deixada ao sol no peitoril da janela; e punhados de ervas misteriosas apanhadas da pradaria, que davam aos molhos um sabor rico e delicioso. As lavagens demoravam menos de metade do tempo do que anteriormente, e a roupa ficava mais limpa; e Melro tratava das tarefas mais pesadas, como ir buscar água e trazer os pesados lençóis do estendal de modo que Caroline,

pela primeira vez desde a sua chegada, encontrou tempo durante o dia para se sentar a ler, ou para começar a fazer trabalhos de costura. Nunca pensou que fosse sentir qualquer outra coisa para além de satisfação por ter alguém a tratar daquelas tarefas, mas também invejava a facilidade com que Melro as executava. A jovem trabalhava com alegria e ensinava Caroline com tacto, sem nunca insinuar que ela devia saber tais coisas e sem nunca fazer com que se sentisse incompetente, por isso era impossível ressentir-se com ela.

Mas Caroline achou difícil concentrar-se com Melro dentro de casa. A rapariga distraía-a, e cantava em voz baixa enquanto trabalhava – melodias estranhas, diferentes de tudo que Caroline tinha alguma vez ouvido, tão bizarras e misteriosas como as vozes dos lobos da pradaria. E movia-se suavemente, tão suavemente que Caroline mal a ouvia. Uma manhã estava sentada com a sua costura, a bordar uma minúscula grinalda de flores no canto de uma toalha de mesa, quando sentiu uma presença atrás de si e virou-se para se deparar com Melro mesmo junto do seu ombro, a avaliar o bordado.

– Muito bonito, Mrs. Massey. – A jovem sorriu e assentiu, aprovadora. – A senhora borda muito bem.

– Oh... Obrigada, Melro – disse Caroline sem fôlego, assustada pelo aparecimento repentino da jovem. O sol apanhava a longa trança de cabelo da rapariga ponca, que não mostrava qualquer sinal de vermelho ou castanho. Era tão negro como a asa de um corvo. Caroline reparou na espessura da trança, no seu brilho de tinta, e achou-o áspero. Com a sua cara redonda e as maçãs do rosto largas, Melro quase se assemelhava às mulheres mórmones que Caroline vira ocasionalmente em Nova Iorque, embora a pele dela fosse mais escura e avermelhada. Caroline não conseguia evitar estremecer um pouco quando os seus braços se tocavam por acidente. Mas estava fascinada pela rapariga, e apanhou-se a si mesma a observá-la, qualquer que fosse a tarefa que ela estivesse a realizar. Sob o calor do dia, enquanto a transpiração empolava a testa de Caroline e a fazia sentir comichão debaixo da roupa, Melro parecia não ser afectada. O sol

não tinha qualquer poder para a incomodar, e Caroline também lhe invejava isso.

Num dia quente e sufocante, quando Caroline pensou que iria ficar doida se não tivesse qualquer alívio, dirigiu-se ao quarto, fechou a porta, despiu a blusa, tirou o espartilho e atirou-o para o chão. Ficou sentada, imóvel, a sentir a escassa frescura do ar do quarto a tocar-lhe a pele pegajosa, asfixiada, e, lentamente, o atordoamento que a tinha incomodado durante toda a manhã começou a diminuir. Estava tão húmido, o ar tão pesado, o céu tão ofuscante e brilhante, que Caroline pareceu sentir o sangue a engrossar, a ferver-lhe nas veias. Quando se voltou a vestir, não colocou o espartilho. Ninguém pareceu notar e, na verdade, havia pouco no qual reparar. O calor e os seus cozinhados tinham-lhe reduzido o apetite, e o trabalho também reclamara o seu preço. Sob os rigores da sua roupa interior, Caroline ficara muito magra.

Mais tarde naquela mesma semana, choveu. Choveu como se o céu estivesse sombriamente furioso com a terra, e tivesse a intenção de a ferir. Choveu a cântaros, não em gotas mas em torrentes sólidas de água que se lançavam das nuvens escuras e revolviam o solo arável numa sopa que corria em direcção a Toad Creek. Aquele modesto riacho transformou-se numa cascata furiosa. Os cavalos mantinham-se estoicamente de pé, focinhos colados a caudas, com a água a escorrer-lhes das crinas. Na pastagem, as vacas deitavam-se e semicerravam os olhos. Corin estava retido em Woodward com Hutch, tendo conduzido setecentas cabeças de gado até aos apriscos, e Caroline deitou-se na cama ao início da noite e rezou o máximo que conseguiu para que o North Canadian não transbordasse, para que não se mantivesse enfurecido durante muito tempo, para que não impedisse o regresso de Corin. Deixou as portadas abertas, a ouvir a chuva a martelar o telhado acima dela, à espera, de braços estendidos, que o ar que entrava lentamente pela janela a refrescasse – que a água levasse o calor.

Ouviu-se uma pancada hesitante na porta, e Melro entrou.

– O que é que se passa? – perguntou Caroline abruptamente, sentando-se com um sobressalto.

– Não se passa nada, Mrs. Massey. Trouxe-lhe uma coisa. Uma coisa para a aliviar – disse Melro. Caroline suspirou, e penteou para trás o cabelo transpirado.

– Nada me pode aliviar – murmurou.

– Venha experimentar uma coisa – insistiu a jovem. – Não é bom ficar deitada durante demasiado tempo. Não é assim que se vai habituar às coisas – insistiu ela. Caroline levantou-se e, num passo arrastado, seguiu a rapariga ponca até à cozinha. – Melancia. A primeira do Verão! Coma um pouco. – Melro estendeu a Caroline uma fatia larga do fruto: um quarto crescente, cor de sangue, que lhe deixou os dedos pegajosos.

– Obrigada, Melro, mas não tenho mesmo fome...

– Prove um pouco – repetiu a rapariga, com mais firmeza. Caroline olhou para ela, deparou-se com os seus olhos negros e brilhantes, e viu ali apenas boa vontade. Pegou no fruto e mordiscou-o. – É bom, não é?

– Sim – admitiu Caroline, dando dentadas maiores. A melancia não era nem doce, nem amarga. Tinha um sabor suave e terroso, que não tardou a dissipar a sensação sedenta e seca da sua garganta.

– E beba isto. – Estendeu-lhe um copo de água. – Água da chuva. Directamente do céu.

– Bem, hoje não há falta disso! – brincou Caroline.

– Esta é água da terra, esta é água do céu – explicou Melro, a apontar para o fruto e para a caneca. – Comer e beber estas coisas, fá-la... fá-la manter-se em equilíbrio com a terra e o céu. Está a perceber? Assim, não vai sentir que está a ser castigada. Vai sentir que faz parte desse equilíbrio.

– Isso seria bom. Não me sentir castigada. – Caroline sorriu ligeiramente.

– Coma mais, beba mais! – encorajou-a a rapariga, também a sorrir. Ficaram sentadas à mesa, com a chuva a silvar no exterior, os queixos luzidios devido ao sumo de melancia. E, passados instantes, Caroline sentiu uma frescura abençoada a espalhar-se pelo seu interior, a acabar com o calor febril da sua pele.

Havia uma égua parda chamada *Clara*, que tinha pernas baixas e esguias, um corpo compacto, costelas como as de um barril e um pescoço um pouco escanzelado. Estava nos seus derradeiros anos, e tinha dado crias a Corin uma meia dúzia de vezes; potros que se haviam transformado em excelentes cavalos de sela, apenas com uma exceção – um potro que nunca fora muito bom da cabeça, que não conseguiram domar, e que partira os ossos a vários *cowboys* corajosos, antes de o seu coração acabar por ceder à pressão da sua própria fúria.

– No dia em que isso aconteceu, a *Clara* deixou pender a cabeça e manteve-se triste o dia todo, apesar de nessa altura o potro já se encontrar em Woodward – contou Hutch a Caroline, enquanto ela acariciava, hesitante, o focinho ossudo da égua. O fedor pungente a cavalo e a couro dos arreios era forte sob o sol da manhã. Caroline semicerrou os olhos ao levantá-los para o capataz, sob a sombra da touca. Os olhos de Hutch eram fendas brilhantes entre as rugas da testa e os pés de galinha que lhe marcavam as têmporas. Essas marcas no seu rosto eram profundas, apesar de ele ser pouco mais velho do que Corin.

– Acha que ela soube que a sua cria tinha morrido? Que triste! – disse Caroline.

– Acho que sim. *Inferno*, foi o nome que demos a esse potro. Tinha a cor do fogo, e, quando nos aproximávamos dele, fixava-nos com uma expressão que fazia com que homens adultos estremecessem.

– Que horror! Como é que um animal tão meigo como a *Clara* teve uma cria tão maléfica?

– Muitos assassinos nasceram de mulheres decentes, tementes a Deus, e parece-me que aquilo que se aplica a humanos também se aplica a cavalos.

– Hutch encolheu os ombros. – Mas aqui a *Clara* não faria mal a uma mosca. Pode montar-se nas suas costas, gritar com toda a força dos seus pulmões, e dar-lhe um valente açoite com um pau, que ela não se viraria contra si.

– Bom, não me parece que vá fazer nenhuma dessas coisas! – riu-se Caroline.

– Bem, na verdade até vai... Isto é, montar nas suas costas. – Hutch sorriu.
– Oh, não! Pensei que hoje ia só aprender a pôr a sela – disse Caroline, uma pontinha de alarme na voz.

– Exacto, e isso demora apenas cinco minutos. E de que vale um cavalo com uma sela em cima se ninguém se senta nela?

– Hutch, eu... eu não sei se consigo... – interrompeu-se.

– Só há uma maneira de descobrir – disse ele, com suavidade, e pegou-lhe no cotovelo para a aproximar mais do flanco do animal. – Vá lá, Mrs. Massey. É impossível que a mulher de um criador de gado ande por aí sem saber montar a cavalo. E não tem de ter medo. É tão fácil como sentar-se numa cadeira.

– As cadeiras não correm de um lado para o outro! – argumentou Caroline.

– Não, mas também não a levam do ponto A ao ponto B em metade do tempo de uma carroça – riu-se Hutch. O seu sorriso era irónico e afectuoso, e, quando lhe estendeu a mão, Caroline achou impossível não a aceitar.

– Não tenho assim tanta certeza – disse ela, os nervos a tornarem-lhe a voz estridente.

– Dentro de dez minutos, vai estar a pensar no motivo de tanto receio – garantiu-lhe Hutch.

Colocou-lhe a mão na perna e içou-a para cima da sela, onde Caroline se empoleirou, o rosto pálido, à espera de ser lançada a qualquer momento para a areia. Hutch mostrou-lhe como encaixar a perna direita à volta do arção para se manter segura, e como colocar o peso sobre o estribo esquerdo para se equilibrar.

– Pronto, já está. Sente-se confortável? – perguntou ele.

– Não muito – respondeu Caroline, mas conseguiu esboçar um sorrisinho.

– Agora, incite-a um pouco com esse calcanhar, solte as rédeas e diga, «Anda, *Clara!*».

– Anda, *Clara!* Por favor – disse Caroline, com o máximo de convicção que conseguiu, e depois soltou um gritinho quando a égua se moveu, obediente.

– Pronto, agora está a andar a cavalo! – exclamou Hutch. – Descontraia, ela não vai a lado nenhum. Descontraia, Mrs. Massey! – disse-lhe, andando ao lado dela, com uma mão pousada ao de leve na rédea. – Está a sair-se muito bem – disse ele.

Durante meia hora ou perto disso, Hutch acompanhou-a pelo curral vazio. *Clara* caminhava firmemente, parando e recomeçando a andar, e virando à esquerda e à direita, sem o mínimo vestígio de má vontade ou aborrecimento. Caroline ouvia aquilo que lhe diziam e tentava lembrar-se de tudo, tentava sentir o movimento do cavalo e fazer com que fosse o dela, como Hutch instruía, mas não conseguia afastar a sensação de que o animal não tinha outra escolha além de se ressentir por ela estar ali, e que a qualquer momento iria regressar ao seu estado selvagem, e atirá-la o mais longe que pudesse. Pouco depois, doíam-lhe as costas e as pernas, e quando o disse a Hutch, ele lançou à sela de senhora um olhar desdenhoso.

– Bem, é provável que isso aconteça quando se faz uma coisa pela primeira vez. Mas, para lhe ser franco, Mrs. Massey, a senhora estaria muito mais confortável se montasse mesmo a cavalo, em vez de estar sentada de lado dessa maneira...

– Os homens é que montam assim. As senhoras sentam-se de lado – disse Caroline, num tom firme.

– A senhora é que manda. – Hutch encolheu os ombros.

Nesse momento, surgiu Corin num meio galope pela pastagem fora com dois dos vaqueiros. A luz do sol ondulava no pêlo de *Strumpet*, e o suor escorria pelas patas dianteiras da égua. Caroline sentou-se mais direita, rígida de embaraço. Os vaqueiros, cujos nomes ela ainda não conseguia recordar, inclinaram os chapéus e abrandaram os cavalos, e ela pensou por um momento hediondo que eles iam parar e assistir ao resto da sua lição de montar. Dirigiu-lhes um pequeno aceno, e as faces dela ficaram escarlates. Eles montavam tão naturalmente quanto Melro cozinhava e trabalhava, recostados na sela como se os seus corpos tivessem sido concebidos com aquele objectivo. Para seu imenso alívio, prosseguiram, dirigindo-se aos

bebedouros dos animais, e apenas Corin é que se aproximou da vedação do curral.

– Ora bem! Olha para ti! Ficas fantástica aí em cima, querida! – Sorriu, tirou o chapéu e esfregou a cabeça quente.

– Quer ir até ali? – perguntou-lhe Hutch, e Caroline assentiu. – Bom, então vá. Já sabe como o fazer – incitou-a. Cautelosamente, Caroline virou a cabeça da égua e convenceu-a a aproximar-se da vedação.

– Isso é fantástico, Caroline! Estou tão satisfeito por te ver, finalmente, em cima de um cavalo! – disse-lhe Corin.

– Nunca serei capaz de a selar sozinha... A sela é tão pesada! – Caroline sorriu, ansiosa.

– Bem, isso pode ser verdade. Mas podes pedir ajuda a qualquer um dos rapazes, e eles fá-lo-ão. Há sempre alguém por aqui, e eles até saltariam através de chamas se uma rapariga bonita como tu lhes pedisse uma coisa dessas! – Corin esboçou um sorriso forçado.

– Agora já posso descer, Hutch? – perguntou ela.

– Acho que já fizemos bastante por um dia – assentiu Hutch, prendendo melhor as calças à volta da cintura. – Mais uns dois dias como hoje, e podemos passar a chamar-lhe Annie Oakley³! – Sorriu.

Sentindo-se um pouco menos «tenrinha», Caroline ouviu enquanto Hutch lhe descrevia a melhor maneira de desmontar, mas o pé acabou por lhe ficar preso no estribo, e as saias enrolaram-se-lhe à volta dos joelhos, por isso ao descer caiu para a frente, aterrando na areia do curral com o ar a ser-lhe arrancado dos pulmões. Atrás dela, *Clara* resfolegou surpreendida.

– Raios! Estás bem, Caroline? – praguejou Corin, saltando da sua sela.

– Bem, não era exactamente assim que devia ter corrido – observou Hutch calmamente, pegando-lhe num braço e ajudando-a a sentar-se. – Fique aí sentada, recupere o fôlego – instruiu-a, mas Caroline não tinha qualquer intenção de continuar sentada na terra, ou perto dos cascos de *Clara*, mais tempo do que devia. Levantou-se trémula, a tossir, os olhos a lacrimejar, da poeira. Tinha o pescoço dorido e um pulso muito torcido, de ter aguentado com todo o peso da queda. Estava coberta de poeira desde a bainha das

saias até à raiz dos cabelos. Olhou para Corin, furiosa consigo mesma e tolhida pelo embaraço.

– Bom, quando se enfurece dessa maneira, a senhora parece tão feroz como o *Inferno*! – disse Hutch, num tom de admiração.

– E com a mesma tonalidade vermelha. – Corin sorriu.

– Não... se *riam* de mim! – Caroline cuspiu as palavras, a frustração e a fúria a queimarem-na por dentro. Rodou sobre os calcanhares e dirigiu-se à casa, a tremer devido ao choque da queda, as pernas bambas devido à curta cavalgada. Estava tremendamente desiludida; por ter voltado a fracassar, por ter feito de si mesma motivo de troça.

– Ah, raios, Caroline! Volta aqui! Não me estava a rir de ti!

Ouviu Corin a chamá-la, mas ergueu os ombros o melhor que conseguiu e continuou a andar.

O Outono chegou à pradaria com uma série de tempestades fortes e granizo intenso, que caíram de céus escurecidos. Uma noite, Hutch entrou vindo da cordilheira e aqueceu-se junto do fogão, enquanto os informava sobre a perda de três cabeças de gado, atingidas naquele dia por um relâmpago, que caíra no solo entre a manada e as atirara ao ar com a maior das facilidades. Caroline empalideceu ao saber o que se passara, e Corin lançou ao seu capataz um olhar acusador em que o pobre homem, de dentes a bater e as mãos enroscadas e vermelhas, não reparou. Aquela estação sombria era curta, e passado pouco começou o verdadeiro Inverno. Corin chegava para jantar com movimentos rígidos e desajeitados, e grânulos de granizo colados às sobranceiras, mas encontrava sempre um sorriso para a sua mulher, e dizia:

– Há o *raio* de uma nortada a soprar lá fora!

Caroline, que outrora se teria sentido chocada por uma tal linguagem, já não se importava. Apesar disso, e por uma questão de hábito, franzia um pouco a testa, e apertava o xaile com mais força contra a vaga de ar frio que entrava com o marido. Ela, que nunca pensara que iria sentir falta do calor do Verão, deu por si a ansiar pelo sol.

Viram chegar o fim de 1902 e acolheram 1903 com uma festa no rancho dos Fosset, para a qual foram convidados todos os rancheiros vizinhos, as suas famílias e empregados. A noite estava imóvel e seca, o ar suspenso como um cobertor gelado, e na viagem de caleche até ao rancho dos vizinhos os dedos das mãos e dos pés de Caroline, o seu nariz e as pontas das orelhas ficaram dormentes com o frio. Não havia lua, e a lanterna do veículo iluminava a pradaria apenas alguns metros à sua frente. A escuridão que os envolvia era como uma coisa viva, como carne sólida a observá-los. Caroline estremeceu e aninhou-se nos braços de Corin. Atrás deles, conseguia ouvir os cascos dos cavaleiros de Massey a segui-los, mantendo-se próximos como se também eles se sentissem perseguidos. Quando o rancho dos Fosset apareceu à sua frente, as luzes a incendiarem a noite, Caroline soltou uma oração curta e silenciosa de alívio, e respirou com maior facilidade.

Havia fogueiras a arder no pátio, carne a fumer e a crepitar na grelha, e uma massa de pessoas e cavalos todos reunidos num oásis de luz e vida no planalto morto, escuro. Sacudiram o braço de Corin, bateram-lhe no ombro, e passados instantes estavam envolvidos pela multidão amistosa dos seus vizinhos. Um acordeão, uma rabeca e um tambor começaram a ouvir-se no celeiro, e o calor emitido pelos corpos a dançar aquecia o interior, enchia-o do cheiro animal da respiração e suor. Os filhos de Angie tinham feito um estandarte pintado com um lençol velho e rasgado, e este estava pendurado por cima do portão; podia ler-se *Feliz Ano Novo!*, e ondulava para a frente e para trás sob o ar lento. Angie tinha duas meninas, de doze e oito anos, e um rapazinho de quatro com o cabelo ruivo da mãe e os olhos mais azuis que alguém tinha alguma vez visto. Mesmo enquanto dançava, se ria e conversava, Angie mantinha um olhar atento naquela criança perfeita e feliz, e quando viu Caroline a admirá-lo, chamou-o.

– Kyle, esta é a nossa vizinha simpática, Caroline Massey. Agora, o que é que nós lhe dizemos? – sussurrou ela ao rapaz, erguendo-o sobre uma anca.

– É um prazer conhecê-la, *missus* Massey – murmurou Kyle timidamente, por entre os dedos enfiados na boca.

– Oh, bem, também é um prazer conhecer-te, Kyle Fosset. – Caroline sorriu, pegando-lhe na mão que não estava na boca e apertando-a suavemente. Angie pô-lo no chão e ele desatou a correr, desajeitado, sobre as pernas curtas e gorduchas. – Oh, Angie! Ele é a mais *bela* das crianças! – exclamou, e Angie sorriu, radiante.

– Sim, é mesmo o meu anjinho, e também sabe que o é!

– E as meninas também... Deves estar tão orgulhosa de... – disse Caroline, mas não conseguiu manter a voz firme e teve de se interromper.

– Pronto, pronto, pára com isso! Estamos aqui a celebrar o novo ano, e todas as coisas novas e maravilhosas que vão acontecer. Estás a ouvir-me? – disse Angie, determinada. – Também te vai acontecer. Só tens de ser paciente. Estás a ouvir? – Caroline assentiu, e desejou poder sentir-se tão segura quanto Angie soava.

– Mrs. Massey? A senhora dança com um cavaleiro endurecido, como eu? – perguntou Hutch, aparecendo ao lado delas.

– Claro que sim! – Caroline sorriu, limpando rapidamente os olhos com a ponta dos dedos. A banda tocou uma música a seguir à outra sem se deter, e Hutch conduziu-a numa dança oscilante que era quase uma valsa, mas não exactamente igual. A sala era uma confusão de rostos sorridentes, alguns deles não muito limpos, e Caroline recordou-se do baile dos Montgomery, que acontecera ainda nem há um ano e já parecia pertencer a uma vida completamente diferente. Percorrera um caminho tão longo, pensou. Não era de admirar que ainda não se sentisse em casa.

– Está tudo bem, Mrs. Massey? – perguntou-lhe Hutch, num tom de voz sério.

– Sim, claro! Porque não estaria? – disse ela, demasiado animada, a voz estridente.

– Por motivo nenhum. – Hutch encolheu os ombros. Vestia a sua melhor camisa, e ela reparou que o botão de cima estava preso por um fio. Pensou para consigo que devia acrescentá-la à pilha de coisas a coser, no rancho. – Já está preparada para outra lição de montar? A senhora fez tudo muito bem da primeira vez que tentámos, mas não a vi voltar a experimentar.

– Não, bem... Não tenho a certeza se serei a cavaleira mais dotada do mundo. E além disso, agora que o tempo está frio, decerto que ficaria gelada se o tentasse! – disse ela.

– Há pessoas que o conseguem fazer naturalmente, isso é verdade, e outras que não o conseguem. Mas já vi que aquelas que a princípio tiveram dificuldades acabam por o conseguir com a prática. Mas tem de estar disposta a voltar a montar, Mrs. Massey. Tem de voltar a tentar – disse Hutch, intensamente, e Caroline deixou de ter a certeza se ele ainda estava a falar de montar.

– Eu... – começou, mas não se conseguiu lembrar de nada para dizer. Olhou para os pés, viu como os seus sapatos estavam empoeirados, e apercebeu-se de que tinha os olhos marejados de lágrimas.

– Vai correr tudo bem – disse Hutch, a voz tão baixa que ela mal o conseguiu ouvir.

– Hutchinson, vou-te interromper! É a minha mulher que estás a abraçar, e ela é de longe a rapariga mais bonita da sala – anunciou Corin, pegando nas mãos de Caroline e fazendo-a girar nos seus braços. Tinha os olhos iluminados de felicidade, as faces coradas por ter estado a bebericar *whisky* e a dançar, e parecia glorioso, tão glorioso que Caroline se riu e lançou os braços à volta do seu pescoço.

– Feliz ano novo, meu querido – sussurrou-lhe ao ouvido, deixando que os lábios roçassem ao de leve o pescoço dele. E Corin apertou-a ainda mais.

Em Fevereiro nevou muito, a neve caindo em vagas densas que tornavam o mundo demasiado ofuscante. Caroline olhava, pensativa, para o cenário monótono para lá da janela, e mantinha-se perto do fogão o máximo de tempo possível, as mãos enroladas no interior das luvas sem dedos que as mulheres ponca lhe tinham dado, que lhe tapavam quase toda a pele e ao mesmo tempo lhe permitiam continuar a costurar. Os seus dedos gelados debatiam-se com a agulha, e deixavam-na cair com frequência.

– Agora, a senhora já está satisfeita por as ter – disse Melro, apontando com a cabeça para as luvas grossas. – Quando Nuvem Branca lhas deu, vi

no seu rosto que pensou que nunca iria precisar delas! – Sorriu.

– Devia ter-lhe pago o dobro – concordou Caroline, e ao ouvir aquilo, a jovem franziu ligeiramente a testa.

– Conta-me uma história enquanto acabo o que estou a fazer? – pediu Melro. Estava ajoelhada junto da tina de lavagens, a esfregar as manchas da roupa de trabalho de Corin numa tábua de madeira ondulada.

– Que tipo de história?

– Não interessa. Uma história do seu povo. – Encolheu os ombros. Assim, Caroline, sem ter bem a certeza de quem era o seu povo, contou-lhe a história de Adão e Eva no Jardim do Éden, e da serpente traiçoeira, da maçã deliciosa e da subsequente perdição. Pousou a sua costura quando chegou ao fim, descrevendo a vergonha repentina de ambos devido à sua nudez, e a pressa que tiveram em encontrar algo com o qual se taparem. Melro riu-se, o que tornou as suas faces ainda mais redondas, e os seus olhos brilharam.

– Essa é uma boa história, Mrs. Massey... Um missionário contou-a uma vez ao meu pai, e sabe o que é que o meu pai disse?

– O que é que ele disse?

– Disse que isso era típico de uma mulher branca! Uma mulher índia teria pegado num pau, matado a cobra, e tudo teria corrido bem no jardim! – Riu-se. Caroline, atingida por instantes pela crítica velada, deu por si a sorrir, e depois a acompanhar o riso contagioso da rapariga.

– Provavelmente tem razão – concordou, e ainda se estavam a rir quando Corin entrou, a sacudir a neve dos ombros. Olhou para Caroline, sentada junto do fogão com a costura ao seu lado, e para Melro ajoelhada ao pé da tina, e franziu a testa. – Corin? O que é que se passa? – perguntou Caroline, mas ele limitou-se a abanar a cabeça e aproximou-se do fogão para se aquecer.

Mais tarde, enquanto jantavam, Corin disse aquilo em que estava a pensar.

– Hoje quando cheguei a casa, eu... eu não gostei do que vi, Caroline – disse ele.

– O que é que queres dizer com isso? – perguntou ela, o coração preso na garganta.

– Tu ali sentada, a manteres-te quente, quando Maggie estava a trabalhar tanto...

– Não foi nada disso! Eu estava a costurar! Pergunta-lhe... Só parei para lhe contar a história de Adão e Eva... – Caroline interrompeu-se, infeliz.

– Eu sei que estás habituada a ter criadas, Caroline, mas a Maggie não é uma criada. Claro que está aqui para te ajudar com a casa, mas não tem tempo para fazer *tudo*. Tem a sua própria casa para gerir, e dentro de pouco tempo nem isso será capaz de fazer. Tens de a ajudar mais, querida – terminou ele, suavemente. Partiu um pedaço de pão e desfê-lo distraidamente entre os dedos.

– Ela ajuda-me! Quer dizer, eu também a ajudo... Nós partilhamos o trabalho! O que é que queres dizer com isso, dentro de pouco tempo nem isso será capaz de fazer? Porque não?

– Querida – Corin olhou para ela, por entre as sobrancelhas ásperas e douradas –, a Maggie está grávida, Caroline. Ela e o Joe vão ter um bebé. O primeiro. – Corin voltou a desviar os olhos, o rosto sombrio, e naquela expressão Caroline leu uma acusação. Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas e sentiu-se sufocar por uma emoção um pouco semelhante à ira, um pouco semelhante à dor, um pouco como culpa. Uma mistura insuportável daquelas três emoções, que lhe queimava as entranhas, e lhe deixou um som abafado nos ouvidos. Levantou-se, cambaleante, da mesa, correu até ao quarto e fechou a porta atrás de si.

Na caleche ligeira, presa a um cavalo baio com um porte altaneiro e orgulhoso, a viagem até Woodward podia ser feita num dia, partindo-se ao amanhecer, com uma paragem para descansar e dar água ao cavalo a meio do dia. A maior parte dos trabalhadores do rancho e os cavaleiros acompanhavam-nos a cavalo, incluindo Joe e Melro. Caroline observava a jovem índia, que cavalgava num pônei cinzento e rijo, e perguntou-se como é que não conseguira detectar o inchaço evidente na sua barriga, a ligeira deferência dos seus movimentos.

– Achas que é sensato a Melro montar a cavalo, no seu estado? – sussurrou Caroline a Corin, apesar de haver poucas hipóteses de ser ouvida por entre o bater dos cascos, o assobiar do vento, e o chiar e estalar das rodas da caleche.

– Eu disse exactamente a mesma coisa ao Joe. – Corin sorriu. – Ele limitou-se a rir-se de mim. – Encolheu os ombros. – Calculo que as mulheres ponca sejam um pouco mais resistentes do que as mulheres brancas. – Alguns pingos de chuva minúsculos caíram do céu. Caroline não respondeu ao comentário de Corin, mas sentiu a picada. A insinuação que ouviu, quer ele tivesse tido essa intenção ou não, era que ela era fraca e que estava a falhar ali no Oeste, como esposa e mulher.

Chegaram a Woodward quando a noite começava a cair, e alugaram um quarto no Hotel Central. Joe, Melro e os rapazes do rancho desapareceram na vila: para os *saloons* Equity, Midway, Shamrock e Cabinet; para o bordel dirigido por Dollie Kezer, no Dew Drop Inn; e para a casa de amigos. As costas de Caroline doíam-lhe devido à longa viagem e estava cansada, mas apesar disso convenceu Corin a deitar-se com ela, e fechou os olhos enquanto o sentia a esvair-se dentro de si, rezando que qualquer que fosse a magia que criava uma criança acontecesse daquela vez – *daquela vez*.

Caroline ficara muito animada com a perspectiva de ir à vila para o dia de gala da Primavera, e para o baile. Os passeios fora do rancho eram raros e preciosos e há quatro meses que não saíam, desde a festa que os Fosset haviam dado na passagem de ano. Quando chegara de Nova Iorque, Woodward parecera-lhe uma aldeola, mas agora parecia-lhe um centro vibrante de vida e actividade. Mas até quanto a isso havia algo que entristecia Caroline. O dia seguinte amanheceu bonito e as ruas fervilhavam de pessoas, tanto *cowboys* como colonos. Formavam dois cordões grossos que corriam vários quarteirões ao longo de toda a rua principal, ondulando onde havia um passeio mais alto em frente de uma loja. O ar palpitava com os cheiros e sons de milhares de corpos e vozes entusiasmadas, o fedor a cavalos e excrementos, a fragrância a madeira ressequida e a tinta dos edifícios. As montras das lojas estavam enfeitadas com bandeirolas

coloridas e, naquele dia, tinham as portas escancaradas para acolherem a oportunidade única de novos clientes.

A multidão entretinha-se com competições de laçadas e cavalgada, uma caçada a um búfalo artificial, e concursos de tiro. Havia demonstrações engenhosas com o laço e uma exibição de técnicas de *rodeo*, que pareceu desnecessariamente violenta aos olhos de Caroline; ela desviou os olhos quando a cabeça do bezerro foi puxada para trás, o lábio da besta preso quando animal e cavaleiro caíram ao chão. Joe ultrapassou em muito os outros concorrentes numa competição de lançamento de facas, lançando uma e outra vez o seu canivete para o centro de um alvo de papel pregado a molhos de feno, para ganhar uma caixa de quatro charutos e uma ponta e mola novinha em folha. Os aplausos pela sua vitória foram poucos quando comparados com as ovações exuberantes dadas aos vencedores brancos de outros eventos, mas apesar disso Joe esboçou o seu meio sorriso e admirou a sua nova navalha. Comeram carne de churrasco, pêssegos frescos, gelado e bolos de mel, e as senhoras beberam chá gelado enquanto os homens bebiam cerveja. Caroline, que estivera sem gelo ou refrigeração desde que partira de Nova Iorque, achou quase divinal a bebida fria que tinha na boca. Puseram-se a par das novidades dos vizinhos, e Corin trocou informações quanto aos preços actuais do trigo e das cabeças de gado com outros rancheiros; e encontraram-se com Angie e Jacob Fosset. Angie usava um vestido lilás berrante que lhe dava demasiada cor ao rosto. Quando Corin a elogiou, ela riu-se e exclamou:

– Oh, eu sei que me pareço com uma corista; mas nós, raparigas, não temos muitas oportunidades para nos vestirmos bem! E só o Senhor sabe que preciso de alguma ajuda para ficar com uma aparência festiva... Nem todas podemos ser belas como um quadro, tal como a tua mulher, Corin Massey!

– Bem – respondeu Corin, com uma inclinação generosa do chapéu –, a mim pareces-me muito bem, Angie Fosset. – Enquanto os homens falavam, Angie puxou Caroline para o lado.

– Alguma novidade, querida? – perguntou em voz baixa, e em resposta Caroline limitou-se a morder o lábio inferior e a abanar a cabeça. – Bom, pensei nalgumas coisas que podias experimentar... – E Angie disse-lhas.

De noite, a banda tocou valsas e polcas, bem como as quadrilhas habituais – enormes faixas de lona tinham sido estendidas sobre a areia da rua principal para facilitar as danças, já que nenhum salão da vila poderia acomodar um número tão grande de pares. Caroline dançou com a graciosidade da sua boa educação, apesar de os passos de Corin estarem tolhidos pela cerveja e de haver pregas na lona que faziam tropeçar os pés confiantes. Com pessoas e edifícios à sua volta, Caroline estava animadíssima, coisa que já não acontecia há meses, enquanto dançava uma valsa mexicana por entre os encontrões dos habitantes de Woodward. Durante um bocado, o sorriso que mostrou não era corajoso nem dissimulado, mas sim um sorriso autêntico.

Mas mais tarde, enquanto se encontrava a conversar entre o círculo de mulheres de Woodward, Caroline viu Corin do outro lado da rua, a inclinar-se em frente de Melro e a pousar as mãos na sua barriga. Parecia estar a acariciar suavemente a protuberância do seu abdómen, quase com reverência, e embora Melro parecesse embaraçada também ostentava uma expressão satisfeita. Caroline conteve a respiração, e o sangue inundou-lhe as faces. Sabia que Corin estava bêbedo, mas aquilo era de mais. No entanto, passados instantes, não foi por esse motivo que as suas faces arderam. O rosto de Corin estava desviado, o seu olhar desfocado. À espera percebeu ela; à espera, que a criança se mexesse no interior da rapariga ponca. E enquanto testemunhava aquele acto de intimidade, de repente pensou ter visto algo de possessivo no toque do marido – algo de demasiado interessado.

³ Referência a Phoebe Ann Mosey, nome artístico Annie Oakley (1860-1926), considerada por muitos como a primeira estrela do entretenimento norte-americano, e que foi uma artista do famoso espectáculo do Oeste Selvagem de Buffalo Bill. No espectáculo, ela mostrava a sua destreza com armas. (*N. da T.*)

E stá frio enquanto nos dirigimos aos bosques, na noite mais longa do ano. Os três. Eddie tanto chateou Beth que acabou por a convencer, e por fim ela parecia quase curiosa. Há uma brisa cortante e amarga que consegue penetrar pelos nossos casacos, por isso caminhamos depressa, de membros rígidos. Na semi-escuridão, os feixes das nossas lanternas vacilam, sem rumo. A lua está brilhante, e as nuvens ligeiras fazem com que pareça que estamos a navegar através do céu. Uma raposa guincha quando nos aproximamos das árvores.

– O que foi aquilo? – pergunta Eddie, num tom assustado.

– Um lobisomem – digo, com indiferença.

– Ha, ha. De qualquer maneira, não está lua cheia.

– Então, pronto, era uma raposa. Já não tens piada, Edderino.

Estou muito animada. Sinto-me livre, como se as minhas correntes tivessem sido arrancadas e eu pudesse pairar em liberdade. As noites iluminadas e agitadas deixam-me assim. Há qualquer coisa num vento que sopra no escuro. A maneira como nos roça, a sua indiferença. Parece dizer: *Podia pegar em ti; podia levar-te, se o quisesse fazer*. Há uma promessa nesta noite.

Agora conseguimos ouvir a música, e vozes altas, gargalhadas; e depois o brilho de uma fogueira por entre as árvores. Beth deixa-se ir atrás. Cruza firmemente os braços contra o peito. A luz da fogueira segue cada linha ansiosa do seu rosto. Se Eddie não estivesse connosco acho que ela ficaria ali, nos bosques abrigados, a avançar de sombra em sombra e a observar. Tiro do bolso do casaco uma garrafa de *whisky* achatada e esforço-me por a abrir com as mãos enluvadas. Nós os três, num círculo, a nossa respiração a erguer-se no ar.

– Uma golada. Vá lá. Vai-te aquecer – digo-lhe, e por uma vez ela não discute. Bebe uma golada longa.

– Posso beber um pouco? – pergunta Eddie.

– Nem sonhes – responde ela, ao mesmo tempo que limpa o queixo e tosse. Soa tão real, tão presente, tão como a Beth, que sorrio e pego-lhe nas mãos.

– Vamos. Eu apresento-te ao Patrick. Ele é super simpático. – Também eu bebo uma golada, sinto a garganta a incendiar-se, e depois continuamos.

Há um momento de nervos, quando avançamos sob a luz da fogueira. Tal como antes, sentimo-nos inseguras quanto à forma como iremos ser recebidas. Depois Patrick vê-nos e apresenta-nos a um monte de pessoas, e eu esforço-me por me recordar dos seus nomes. Sarah e Kip – cabelos compridos e brilhantes à luz da fogueira, chapéus tricotados às riscas; Denise – uma mulher minúscula com um rosto profundamente enrugado, e um cabelo negro, cor de tinta; Smurf – um homem enorme, mãos como pás, um sorriso bondoso; Penny e Louise – Penny a mais máscula das duas, a cabeça rapada, os olhos ferozes. As suas roupas e cabelo são alegres. Parecem-se com borboletas em contraste com o solo de Inverno. Há uma aparelhagem nas traseiras de uma carrinha de caixa aberta, e veículos estacionados pela colina acima. Também há crianças a correrem por entre a multidão. Eddie desaparece e vejo-o um pouco depois com Harry, a espetar molhos grossos de folhas mortas em paus longos e a atirá-los às chamas.

– Quem é que está com o Eddie? – pergunta Beth, uma pontinha de alarme na voz.

– É o Harry. Já o conheço, não te preocupes. Pode dizer-se que ele é um pouco lento. O Dinny contou-me que ele sempre se deu bem com crianças. Parece-me totalmente inofensivo – digo-lhe, a falar em voz muito alta, mesmo junto ao seu ouvido. A fogueira fez surgir uma camada de transpiração nos nossos lábios e testas.

– Oh – diz Beth, pouco convencida. Vejo Honey a atravessar a clareira, precedida pela sua enorme barriga. Esta noite o seu rosto está animado, está a sorrir, e é adorável. Sinto uma ligeira picada de desespero.

– Aquela ali é a Honey. A loira – digo a Beth, apesar de o querer evitar. Ao ver as diversas expressões que vão surgindo no rosto de Honey, tenho a certeza; já dei aulas a raparigas mais velhas do que ela: é demasiado nova para ter um bebé. Sinto algo próximo da fúria, mas não consigo dizer contra quê ou contra quem.

Depois Dinny aparece ao lado de Beth, a esboçar o seu sorriso reservado. Tem o cabelo solto e este pende-lhe à volta do queixo, desalinhado e preto. Está de pé, meio virado para a fogueira, meio afastado, por isso a luz corta-o ao meio, realça os contornos do seu rosto. Faz com que a minha respiração pare, sustenho-a até não poder mais.

– Estou satisfeito que se tenham juntado a nós, Beth, Erica – diz ele, e quando volta a sorrir vejo a ligeira névoa de álcool que o envolve; um afecto verdadeiro, pela primeira vez desde que o voltei a ver.

– Sim, bem, muito obrigada por nos receberes – responde Beth, a olhar em volta para o grupo e a assentir, como se estivéssemos nalgum evento de sociedade.

– De qualquer maneira, esta noite tiveram sorte com o tempo. Tem estado mau – digo. Dinny olha-me com uma expressão espantada.

– Não acredito no mau tempo... É apenas tempo – diz ele.

– Não há mau tempo, apenas a roupa errada? – pergunto.

– Exacto! Já experimentaste o meu ponche? Tem um certo... toque. Faça o que fizeres, não o aproximes das chamas. – Sorri.

– Tenho a tendência para evitar o ponche – digo. – Disseram-me que já tive um incidente com ele. No entanto, podem estar a mentir. Eu não me lembro de nada a esse respeito.

– E tu, Beth? Posso tentar-te? – Beth anui, deixa-se ser conduzida. Ainda parece ligeiramente atordoada, quase perplexa por estar ali. A mão de Dinny está pousada no seu cotovelo, a guiá-la. Quando ele a leva, fico sozinha durante um momento, e sou invadida por uma emoção estranha. Uma emoção antiga e familiar, por ser deixada para trás por Beth e Dinny. Sacudo-me a mim mesma, procuro rostos que conheça e aproximo-me deles.

Consigo sentir o *whisky* a aquecer-me o sangue, e sei que devia ter cuidado. Eddie passa por mim a correr, puxa-me pela manga e faz-me girar.

– Não me viste! Não lhes digas que me viste! – grita, sem fôlego, a sorrir.

– Digo a quem? – pergunto, mas ele desapareceu, e segundos depois Harry e um pequeno grupo de crianças passam por mim, na sua peugada. Dou outra longa golada no *whisky* e depois estendo a garrafa a uma rapariga com um rosto de fada, com argolas no nariz, que se ri e me agradece, apesar de recusar. As estrelas giram por cima da minha cabeça, e o solo parece vibrar. Não me consigo lembrar de quando bebi pela última vez. Há meses e meses. Tinha-me esquecido do quanto nos faz sentir bem. Vejo Beth junto de Dinny, num grupo de pessoas, e apesar de não estar a falar, parece quase descontraída. Ela faz parte delas, não está fechada dentro de si mesma, e fico feliz por o ver. Danço com Smurf, que me faz rodar até me sentir um pouco enjoada.

– Não te apaixonas por ela, Smurf. Estas raparigas Calcott não ficam muito tempo por aqui – grita-lhe Dinny quando passamos por ele. Demoro demasiado tempo a perguntar-lhe o que é que ele quer dizer. Aproximo-me o máximo que me atrevo da fogueira, uso um atizador para tirar uma batata das cinzas, e depois queimo a língua com ela. Sabe a terra. Cumprimento Honey, e nem me importo com a sua resposta forçada. Observo Dinny durante um bocado, nem sequer é um acto consciente. Onde quer que eu esteja, parece que sei onde ele está. Como se a fogueira o iluminasse um pouco mais do que às outras pessoas. A noite gira à volta do acampamento, escura e viva; depois vejo luzes pulsantes azuis a subir a encosta na nossa direcção.

A polícia tem de estacionar e descer até ao acampamento. Dois carros, que vomitam quatro agentes. Marchando com um ar diligente, começam a revistar as pessoas à procura de droga, a pedir-lhes para esvaziarem os bolsos. A música cala-se, as vozes interrompem-se. Um momento suspenso, no qual a fogueira crepita e ruge.

– Há aqui algum Dinsdale? – pergunta um agente jovem. Um brilho belicoso no olhar. É baixo, quadrado, muito metódico.

– Vários! – grita-lhe Patrick em resposta.

– Por favor, senhor, posso ver alguma identificação para esse efeito? – pergunta o polícia num tom duro. Dinny acena a Patrick para que este se afaste, mergulha rapidamente na carrinha e apresenta a sua carta de condução ao agente. – Bem, apesar disto, tenho de vos pedir que dispersem, já que esta é uma reunião ilegal num local público. Tenho motivos para acreditar que as coisas podem descambar numa *rave* ilegal. Houve várias queixas...

– Esta não é uma reunião ilegal num local público. Temos o direito de acampar aqui, como muito bem sabe. E temos o direito, igual ao do resto da população, de convidarmos alguns amigos para uma festa – diz Dinny, friamente.

– Houve queixas quanto ao barulho, Mr. Dinsdale...

– Queixas da parte de quem? São apenas dez horas!

– Das pessoas da vila, e da casa senhorial...

– Da casa senhorial? A sério? – pergunta Dinny, olhando para mim por cima do ombro. Aproximo-me, e paro junto dele. – Estiveste a queixar-te, Erica?

– Eu não. E tenho a certeza que a Beth e o Eddie também não.

– E pode dizer-me quem é, minha senhora? – pergunta-me o agente, num tom de dúvida.

– Erica Calcott, a proprietária de Storton Manor. E esta é a minha irmã Beth, e já que somos as únicas pessoas que *vivem* em Storton Manor, acho que podemos afirmar que todos os residentes da casa dão a esta festa o seu apoio total. E quem é que você é? – O *whisky* deixou-me ousada, mas também zangada.

– Sargento Hoxteth, Miss... Lady Calcott, e eu... – Deixei-o confuso. Pelo canto do olho, vejo os olhos de Dinny a iluminarem-se.

– É *Miss* Calcott. Tem algum parentesco com Peter Hoxteth, o velho polícia? – interrompo-o.

– É o meu tio, não que ache que isso tenha alguma relevância para...

– Sim, bem. Lembro-me do seu tio. Era bem mais educado.

– Apesar disso, houve queixas, e estou autorizado a acabar com esta reunião. No entanto, não quero problemas...

– Os Hartford de Ridge Farm dão todos os anos um baile de Verão, com o dobro dos convidados e uma banda ao vivo com um amplificador enorme. Se eu ligar e me queixar *disso*, vocês também vão irromper por ali adentro e acabar com a festa? Pôr-se à procura de droga?

– Não me parece que...

– E de qualquer maneira, este não é um local público. Esta é a minha terra. O que, suponho, faz disto a *minha* festa. A minha festa *privada*. Para a qual receio que vocês, rapazes, não foram convidados.

– Miss Calcott, decerto que compreende...

– Agora vamos baixar a música, e acabamos à meia-noite, o que, de qualquer maneira, estávamos a planear fazer. As crianças têm de se deitar – intervém Dinny. – Mas se nos quer mandar a todos embora sem fazer algumas detenções, é melhor arranjar uma desculpa melhor do que queixas inventadas da casa senhorial. *Agente*.

Hoxteth contém-se, os ombros erguidos e tensos.

– É nosso *dever* como agentes da polícia investigar queixas...

– Bem, então já investigaram. Por isso, desapareçam! – intervém Honey, a espetar agressivamente a barriga na direcção do homem. Dinny pousa-lhe uma mão no braço. Os olhos de Hoxteth pestanejam ao aperceber-se da juventude de Honey, da sua beleza, do inchaço da sua barriga. Cora, e o seu maxilar fica tenso. Esboça um aceno aos seus agentes, e eles começam a afastar-se.

– Música desligada. E todos fora daqui à meia-noite. Voltaremos para verificar – diz, levantando um dedo admoestador. Honey também levanta um dedo, mas Hoxteth já se virou.

– Desmancha-prazeres – murmura Patrick. – Este está cheio de zelo juvenil – acrescenta. Assim que os carros se afastam, Dinny vira-se para mim com um sorriso e uma sobrancelha arqueada.

– Então, é a tua festa? – pergunta, divertido.

– Oh, vá lá. Deu resultado – respondo.

– Isso é verdade. Mas nunca teria imaginado que fosses contra o sistema – diz ele, ironicamente.

– Só mostra o que sabes a meu respeito. Até fui presa uma vez... Recebo algum mérito por isso?

– Depende do motivo por que foste presa.

– Eu... eu atirei um ovo ao nosso deputado – confesso, relutante. – Nada de muito anárquico.

– Não muito – responde, e lança-me um sorriso. – Mas é um começo.

– Isso foi mesmo fixe – diz-me Eddie, surgindo ao meu lado, sem fôlego. Passo um braço à volta dos seus ombros e aperto-o, antes que ele consiga escapar.

Beth está a cozinhar qualquer coisa para o almoço, e no piso térreo paira um vapor que cheira a alho. As janelas estão embaciadas e a chuva cobre o mundo exterior, de modo que a casa parece uma espécie de ilha. Eddie foi para os bosques com Harry, e os acordes da *Quinta* de Sibelius flutuam escada acima, a par do vapor. A favorita de Beth. Considero um bom sinal o facto de ela ter vasculhado a colecção de música de Meredith, bem como o facto de estar a preparar uma refeição que até é capaz de vir a comer. Pergunto-me o que é que Dinny e Honey estarão a fazer. Com tanta chuva, num dia tão deprimente. Sem salas pelas quais deambular, sem filas e filas de livros, nem música ou televisão. O seu estilo de vida é, para mim, assunto de mera especulação. Se fosse eu, suponho que estaria no *pub* da vila. Durante um segundo, penso em ir lá procurá-los, mas o meu estômago sobressalta-se, em protesto, e lembro-me da ressaca que estou a curar. Em vez disso, dirijo-me às escadas do sótão.

Lembro-me mesmo do tio do sargento Hoxteth. Víamo-lo às vezes na vila, quando íamos comprar rebuçados ou gelados à mercearia. Estava sempre a sorrir. E foi à casa, mais de uma vez. Ou porque Meredith o chamou, ou porque tinham sido os Dinsdale a fazê-lo. Há um acordo legal ou contrato, ou o que quer que seja, do tempo do meu bisavô, antes de ele casar com Caroline. Ele e o soldado raso Dinsdale estiveram juntos no exército, acho

que em África. A história completa perdeu-se ao longo dos anos, mas quando regressaram, Dinsdale queria um lugar onde acampar e Sir Henry Calcott deu-lho. E a todos os membros da sua família, perpetuamente. Eles têm uma cópia disso, e o advogado da nossa família tem outra. Isso deixou Meredith mesmo furiosa.

Nós víamos o sargento Hoxteth no vestíbulo, desconfortavelmente à espera que Meredith surgisse com o seu olhar de Górgona. Da vez em que ela mandou um dos agricultores estacionar uma empilhadora maciça atravessada no cimo do caminho, para manter os nómadas fora da propriedade. Da vez em que ficou a saber que nem todos aqueles que se encontravam no acampamento eram Dinsdale, e queria que os *penduras* fossem despejados. Da vez em que viu alguém a tirar água de um dos poços da propriedade, e queria apresentar queixa. Da vez em que a comida começou a desaparecer da despensa, e pequenos artigos por toda a casa, e Meredith insistia que eram os Dinsdale, até que se veio a descobrir que a governanta tinha uma mãe idosa para sustentar. Da vez em que um dos cães dos nómadas entrou no jardim, e ela o *perseguiu* a disparar uma caçadeira. As pessoas da vila pensaram estar sob ataque. *Eles vão espalhar doenças aos meus animais*, foi a explicação sucinta de Meredith.

Às vezes costumávamos subir até ao sótão, para vasculhar as tralhas. Parecia que ia haver sempre algo de excitante para descobrir, mas não demorávamos muito tempo a cansar-nos dos caixotes, candeeiros partidos, restos de tapetes. O reservatório de água quente, a gorgolejar e a silvar como um dragão adormecido. Num dia tão molhado está escuro lá em cima, e os recantos longínquos da divisão estão mergulhados na sombra. As minúsculas janelas de guilhotina são poucas e afastadas umas das outras, e estão incrustadas com marcas de água e musgo. Está tudo tão silencioso que consigo ouvir os sons suaves de respiração da casa, a chuva a emitir uma risadinha musical enquanto se filtra através das goteiras sufocadas. Avanço, inconscientemente, em bicos dos pés.

O couro da velha arca vermelha está tão seco e quebradiço que parece areia quando lhe toco, e desfaz-se em pó entre os meus dedos. Semicerro os

olhos para esquadrinhar o interior, e arrasto-a até ficar de frente para a janela mais próxima. A arca deixa um fantasma de si mesma no pó do chão, e pergunto-me quando terá mudado de lugar pela última vez. No interior, há maços de papéis; caixas; uma espécie de mala de viagem, pequena e em mau estado; alguns objectos misteriosos, embrulhados em páginas amarelecidas de jornal; uma pasta de cabedal. Não parece muito, se estes são todos os objectos pessoais de Caroline. Não é muito para cem anos de vida. Mas suponho que casas como esta já venham prontas. As vidas no seu interior vêm e vão, mas grande parte do conteúdo mantém-se na mesma.

Procuro avidamente entre os papéis. Convites para vários eventos; um folheto do governo, acerca do que se fazer em caso de ataque aéreo; o telegrama da rainha dirigido a Caroline, na ocasião do seu centésimo aniversário; algumas receitas escritas com letra de médico, tão tipicamente indecifrável que não consigo perceber as palavras. Desembrulho alguns dos pacotes de papel. Há uma caixa dourada de pó de arroz e um *bâton* a condizer; um leque de tartaruga requintado, tão frágil que mal me atrevo a tocar-lhe; um conjunto de toucador em prata, embutido com madrepérola, as escovas com uma suavidade sedosa, o espelho com a face estalada; uma curiosa argola de osso, macia como cetim, com uma campainha de prata pendurada, que ao tilintar me assusta no silêncio. Pergunto-me o que é que distingue aqueles objectos, o que faz deles pertença de Caroline, o que impediu que Meredith os vendesse como fez com tantas das outras coisas preciosas. Passado um bocado, reparo melhor. Estão todos gravados, marcados como sendo dela. Um CC floreado, desenhado no metal. Reviro a argola de osso entre os dedos, à procura da mesma marca. O cursivo, quando o encontro na borda da campainha de prata baça, é pequeno e quase desvanecido, e faz-me deter. *Para um belo filho*, diz.

Volto a embrulhar aqueles tesouros e guardo-os na arca. Não tenho a certeza do que irá ser feito deles. Supostamente agora pertencem-nos, a mim e a Beth, mas é claro que não pertencem. Tal como não pertenciam a Meredith, que por esse motivo os guardou ali em cima. A pequena mala de viagem, que tem um cimo largo com fivelas, está vazia. Teve outrora um

forro de seda rosa, que agora não passa de farrapos. Tiro em vez disso a pasta, que está tão cheia que os laços se esforçam para apertar todo o seu volume. No interior encontram-se as cartas de Caroline, muitas delas ainda dentro dos seus envelopes. Envelopes grossos, brancos, muito mais pequenos do que aqueles que se usam actualmente. Folheio-os, e apercebo-me de que a maior parte deles estão escritos com a mesma letra – uma caligrafia pequena, inclinada, escrita a tinta preta. Um pouco contraída de mais para ser considerada elegante. Abro cuidadosamente um dos envelopes, e vou directamente ao fim. Grande parte daquelas cartas são de Meredith, e têm um carimbo do Surrey.

O meu coração sobressalta-se levemente. Volto ao início da carta que estou a segurar, e leio.

28 de Abril de 1931

Querida Mãe,

Espero que esta carta a encontre de saúde, e menos apoquentada com o seu reumatismo. Vai ficar satisfeita por saber que me estou a adaptar bem, e que me estou a habituar, aos poucos, a cuidar da minha própria casa – embora, é claro, ainda sinto a sua falta e a de Storton. O Charles mostra-se bastante descontraído com os preparativos; a única coisa que estipulou é que o pequeno-almoço seja servido às oito, e o jantar às nove! Um homem fácil de satisfazer, e tenho a liberdade de descobrir uma maneira de fazer as coisas como quero. A casa é tão mais pequena do que Storton que decerto a mãe ficaria surpreendida com as muitas e variadas instruções que tive de dar ao pessoal, de modo a fazer com que as coisas funcionem! Receio que se tenham habituado em demasia a terem um cavalheiro sozinho em casa, e um que provavelmente prestava pouca atenção à mudança da roupa de cama, à mudança das flores ou ao arejar dos quartos de hóspedes.

Parece bastante estranho estar sozinha em casa durante todo o dia enquanto o Charles está no seu escritório. Durante a tarde, há aqui uma imobilidade invulgar; é frequente olhar para a minha esquerda para lhe dizer alguma coisa, apenas para descobrir que a sala está vazia! Presumo

que tenha de aproveitar ao máximo a paz e sossego, antes que desapareça com o som de pequenos pezinhos... Encontro-me totalmente dividida entre duas emoções: o entusiasmo de antecipar o nascimento do seu primeiro neto, e um terror absoluto pelo mesmo motivo! Recordo-me diariamente que as mulheres têm dado à luz com sucesso durante muitos anos, e tenho a certeza de que não há nada que uma mulher consiga fazer que eu não consiga também. A mãe teve medo, quando esteve grávida da sua primeira vez? Espero bem que me venha visitar, mãe; gostaria muito de ouvir os seus conselhos. A casa é mais pequena do que aquilo a que está habituada, como já referi, mas apesar disso é bastante confortável. Coloquei nos quartos de hóspedes maiores novos cortinados e roupa de cama (as anteriores estavam bastante gastas), por isso está tudo mais do que pronto para a sua chegada. O jardim é uma confusão de narcisos, que eu sei que a mãe gosta, e o campo aqui pelas redondezas é mesmo muito encantador para um passeio agradável. Escreva e diga-me se vem, e quando gostaria de o fazer. Na expectativa do nosso feliz evento, o Charles proibiu-me de conduzir o nosso carro a motor, mas posso pedir ao nosso empregado Hepworth para a ir buscar à estação a qualquer hora; é uma distância curta, nada de difícil. Venha, por favor.

Com muito afecto,

Meredith.

Em 1931, Meredith deveria ter apenas uns vinte anos. Vinte anos de idade, casada e à espera de um bebé que deve ter perdido, porque a minha mãe só nasceu algum tempo depois. Reli a carta, tentei voltar a imaginar Caroline como uma mãe que alguém amava, como alguém de quem Meredith claramente sentia saudades. A carta deixa-me triste, e tenho de a voltar a ler para perceber porquê. É uma carta tão solitária. Muito abaixo de mim, oiço Beth a chamar-me para almoçar. Volto a enfiar a carta na pasta e meto-a debaixo do braço antes de descer até junto dela.

A chuva só pára de cair na terça à tarde, e eu estou ansiosa por sair. Invejo Eddie, que volta quando já está escuro, o cabelo em caracóis húmidos e lama até aos joelhos das calças. Com que idade é que começamos a reparar no frio, na humidade e na lama? Suponho que na mesma altura em que deixamos andar por todo o lado numa correria. No quarto das crianças, o espaço na parede onde se encontrava o roupeiro parece bocejar. Uma marca de pó, teias de aranha e tinta imaculada. Atravesso a divisão até às pilhas de tecido que despejei do seu interior, começo a vasculhá-las, e coloco de lado roupas de berço, lençóis rendados, fronhas minúsculas e um exuberante vestido de baptizado. Uma pilha de quadrados de musselina que descobri escondidos, bem como um pequeno edredão de penas. Não faço a mínima ideia se alguma daquelas coisas será de utilidade para Honey e o seu bebé, quando ele nascer. Será que ela tem um berço? Mas é linho do bom, pesado, macio pelo toque. Luxuoso. Talvez ela goste da ideia; deitar a criança em lençóis caros, apesar de a ambulância ser um quarto de crianças mais básico. Volto a ver aquelas fronhas, com as flores amarelas bordadas. Não me posso esquecer de procurar aquelas flores, de as identificar; talvez isso me diga porque é que me espicaçam tanto o subconsciente.

– Onde é que vais com isso tudo? – pergunta-me Beth, quando levo o monte de roupa de cama pelas escadas abaixo.

– Vou levá-los à Honey. São tudo coisas de bebé, pensei que ela as podia usar. – Beth franze a testa. – O que é que se passa? – pergunto.

– Erica, porque é que estás a tentar...

– O quê?

– Tu sabes. Acho que não devias estar a esforçar-te tanto para voltares a ser amiga deles, apenas isso.

– Porque não? De qualquer maneira, não me estou a esforçar assim tanto. E eles não deixam de ser nossos vizinhos. Na festa da outra noite, parecete-me bastante satisfeita por conversares com Dinny.

– Bem, tu é que me fizeste ir, tu e o Eddie. Teria sido mal-educado não lhe falar. Mas eu... eu acho que já não temos muito em comum. De facto, não

tenho a certeza se alguma vez o conhecemos tão bem quanto pensávamos. E não vejo de que é que serve tentar fingir que tudo está como antes.

– Claro que conhecíamos! O que é que isso quer dizer? E porque é que as coisas não deviam ser como foram antes, Beth? – pergunto. Ela fecha os lábios, desvia os olhos. – Se aconteceu alguma coisa entre vocês os dois que eu desconheça...

– Não aconteceu nada entre nós que desconheças!

– Bem, não tenho assim tanta certeza – digo. – Além disso, lá porque não queres continuar a ser amiga dele, isso não significa que eu não o possa ser – murmuro, arrastando o saco até à porta e vestindo o casaco.

– Erica, espera! – Beth atravessa o vestíbulo na minha direcção. Viro-me, perscruto-lhe o rosto em busca de pistas. Olhos azuis perturbados, cuidadosamente reservados. – Não *podemos* voltar ao passado. Aconteceu muita coisa. Passou-se demasiado tempo! É muito melhor limitarmo-nos a... avançar. Deixar o passado em paz – diz ela, os olhos a desviarem-se dos meus. Penso na mão de Dinny, o seu aperto suave, possessivo, no cotovelo dela.

– A mim parece-me – digo, num tom de voz firme –, que já não o queres, mas também não queres que eu fique com ele.

– Que *fiques* com ele? O que é que isso quer dizer? – pergunta ela, ríspida. Sinto a cor a inundar-me as faces, e não respondo. Beth respira fundo. – Já é bastante difícil estar de novo aqui, Erica, sem que te voltes a portar como se tivesses outra vez oito anos. Não podes, pelo menos por uma vez, manter-te afastada? Era suposto estarmos a passar aqui tempo *juntos*. Agora o Eddie passa todo o dia fora com aquele Harry, e tu preferes andar atrás do Dinny do que... Eu não tenho de ficar, sabes. Podia pegar no Eddie e voltar para Esher para passar o Natal...

– Bom, essa é uma ideia estupenda, Beth. Mesmo o tipo de comportamento imprevisível de que o Maxwell está sempre à espera! – Arrependo-me daquilo assim que o digo. Beth recua. – Desculpa – digo, rapidamente.

– Como é que me podes dizer coisas como essa? – pergunta-me em voz baixa, os olhos a ficarem brilhantes, desfocados. Vira-se e afasta-se.

Ao sair de casa, respiro fundo, oiço os chamamentos abafados das gralhas, o pingar suave e o desenrolar da folhagem ensopada. Um som vivo, um cheiro tonificante no meio do Inverno. Na realidade, nunca reparei naquilo antes. Deixo cair o saco com a roupa de cama, subitamente insegura de mim mesma, e sento-me num banco de metal enferrujado na extremidade do relvado; sinto o frio cortante através das calças. Talvez leve o saco mais tarde. Consigo ouvir vozes vindas do riacho, na extremidade oriental do relvado. Dirijo-me para esse lado, saio pelo pequeno portão do lado do relvado, e desço através da inclinação coberta de vegetação rasteira e enfezada. Depois da chuva, o solo está ensopado em água. Acumula-se junto aos meus pés enquanto ando.

Eddie e Harry estão no riacho, a água a rodopiar perigosamente perto do cimo das suas galochas. Toda esta chuva fez com que a água corra rapidamente, e ainda mais depressa no centro, canalizada porque Eddie e Harry construíram com pedras e paus uma represa que se estende de uma margem à outra. As calças de Harry estão molhadas até às ancas, e eu sei como a água deve estar fria.

– Rick! Vê bem isto! Quase conseguimos chegar ao outro lado, mas depois houve uma parte que ruiu – diz-me Eddie, entusiasmado, quando chego junto deles. – Mas antes de o fazer, a água subiu mesmo muito! Foi até nessa altura que ficámos ensopados...

– Estou a ver que sim. Rapazes, vocês devem estar gelados! – Sorrio a Harry, que retribui o sorriso e aponta para uma pedra junto dos meus pés. Debruço-me e estendo-lha cautelosamente, escorregando na margem enlameada, e ele coloca-a na represa.

– Obrigado – diz Eddie distraído, falando inconscientemente pelo amigo.
– Não está assim tanto frio, depois de nos habituarmos. – Encolhe os ombros.

– A sério?

– Não, claro que não... Tenho o raio dos pés completamente gelados! – Ri-se.

– Olha a linguagem – digo, automaticamente e sem convicção. – Tenho de confessar que é uma boa represa – continuo, parada na lama com as mãos nas ancas. – O que é que vão fazer se a conseguirem acabar? Vai ser um lago enorme.

– A ideia é mesmo essa!

– Estou a ver. Céus, Eddie, estás *coberto* de lama! – A lama chega-lhe às mangas da camisola, até onde ele as arregaçou com as mãos enlameadas; pelas pernas acima das suas calças de bombazina, onde limpou as mãos. Tem uma mancha na testa, e o cabelo espetado em tufo. – Como é que conseguiste sujar-te tanto? Olha, o Harry conseguiu ficar limpo!

– Ele está mais afastado do chão do que eu! – protesta Eddie.

– Isso é verdade – concedo.

Agarrando-se ao casaco de Harry para se equilibrar, Eddie avança na minha direcção, os pés a deslizarem sobre o leito pedregoso do riacho.

– Já é hora de almoço? Estou faminto – declara, perdendo o equilíbrio e dobrando-se para a frente para se recompor, as mãos na lama gelada.

– Sim, quase. Agora vamos para casa e vais-te lavar, podes voltar e acabar isto mais tarde. Pronto. – Estendo a mão e Eddie agarra-a, dando uma passada enorme para fora do riacho, a pesar-me no braço. – Não... não me puxes, Eddie, vou escorregar! – grito, mas é demasiado tarde. As minhas pernas deslizam por baixo de mim e caio abruptamente de rabo no chão, com um esparrinhar sonoro.

– Desculpa! – arqueja Eddie. Atrás dele, Harry sorri, emite um som estranho como se estivesse a bufar, e apercebo-me de que se está a rir.

– Oh, tu achas que isto tem piada, não achas? – pergunto, contorcendo-me até me levantar, a lama molhada a introduzir-se-me nas cuecas. Puxo as calças para cima, sujando-as com enormes manchas enlameadas ao fazê-lo. Eddie volta a cambalear, dá um passo chapinhado, que cria uma onda de água que me entra nas botas. – *Eddie!*

– Desculpa! – repete ele, mas desta vez não consegue evitar sorrir, e Harry ri-se ainda mais.

– Seus fedelhos! A água está gelada! Toma. – Procuo o meu dedo mais enlameado, e limpo-o no nariz de Eddie. – Toma mais um pouco!

– Uau, obrigado, Rick! E toma... também tens aqui para ti! Feliz Natal! – Eddie apanha um pouco de lama, e atira-ma. Aterra na frente da minha camisola, que é cinzento-clara. Arquejo, olho para baixo. Eddie gela, como se de repente receasse ter ido demasiado longe. Limpo a maior parte da lama, sinto o seu peso na palma da mão.

– Tu. Estás. *Morto!* – digo, lançando-me a ele. Com uma gargalhada, Eddie passa por mim a correr, sobe a margem e entra no matagal.

Demoro algum tempo a apanhá-lo. Tenho de deitar fora a lama e jurar uma trégua antes que ele me deixe aproximar. Passo um braço à sua volta, mais para aquecer os dedos latejantes do que por qualquer outro motivo. Atrás de nós, Harry segue-nos mas pára, ergue os olhos para um pirliteiro onde dois pintarroxos estão a praguejar um com o outro.

– Ele vem? – pergunto. Eddie encolhe os ombros.

– Ele está sempre a parar para olhar para os pássaros, e coisas dessas. Vemo-nos mais tarde, Harry! – grita-lhe e acena. Devíamos entrar pela zona de serviço, mas está trancada e não temos outra opção senão entrar pela porta da frente. Descalçamos as botas lá fora, um gesto inútil já que as nossas meias também estão enlameadas e molhadas. Beth espreita por detrás da porta da cozinha.

– Mas que *raio* é que vocês andaram a fazer? – Solta um arquejo. – A tua roupa! – Eddie parece um pouco arrependido, olha para mim em busca de apoio.

– Hmm, voltámos a ter oito anos outra vez? – alvitro, esboçando uma expressão inocente. Beth lança-me um olhar duro, mas não o consegue aguentar. O fantasma de um sorriso ergue-lhe os cantos da boca.

– Talvez vocês os dois gostassem de mudar de roupa antes de almoçarmos? – acaba por dizer.

De tarde, telefono à minha mãe para saber se está tudo bem, e pergunto-lhe a que horas tencionam chegar.

– Que tal estão as coisas por aí? Que tal está a Beth? – pergunta a minha mãe, num tom indiferente que reconheço. O tom indiferente que utiliza quando quer fazer perguntas sobre coisas importantes. Interrompo-me, oiço quaisquer ruídos que possam significar que a minha irmã está por perto.

– Acho que está ótima. Talvez um pouco instável.

– Ela disse alguma coisa? Alguma coisa acerca da casa?

– Não... Que tipo de coisa?

– Oh, nada em particular. Estou ansiosa por vos voltar a ver, e também ao Eddie, é claro. Ele está a divertir-se?

– Estás a gozar? Ele adora estar aqui! Mal o vemos; passa o dia fora, a brincar nos bosques. Mãe, podes-me fazer um favor?

– Sim, claro. O que é?

– Podias, por favor, procurar a tua cópia da árvore genealógica da família, que a Mary mandou fazer? E trazê-la contigo?

– Sim, acho que sim. Se a conseguir encontrar. Para que é que a queres?

– Só quero verificar uma coisa. Alguma vez ouviste dizer que a Caroline teve um filho antes de casar com o Lord Calcott?

– Não, nunca ouvi nada disso. E duvido muito que isso tenha acontecido... Ela era muito nova quando casou com ele. Porque raio me estás a fazer uma pergunta dessas?

– Foi uma fotografia que encontrei... Eu mostro-ta quando chegares.

– Bom, está bem. Mas devias saber que quaisquer perguntas a respeito da família deviam ser feitas à Mary. Afinal, foi ela que há anos fez todas aquelas investigações...

– Sim, suponho que sim. Bem, é melhor desligar. Vejo-te daqui a pouco tempo.

Não posso telefonar à minha tia Mary, a mãe de Henry. Não sou capaz de falar com ela ao telefone. Apodera-se de mim uma sensação insuportável, como se o ar nos meus pulmões estivesse a endurecer. No funeral de

Meredith, escondi-me. Para minha grande vergonha. Escondi-me dela, atrás de um enorme vaso de lírios.

Como leitura de cabeceira, coloco a pasta de Caroline em cima dos joelhos, e leio mais algumas das cartas de Meredith. Algumas das mais antigas datam do tempo que ela passou na universidade, e falam das atitudes ferozes de um tutor, de políticas de dormitório, de excursões de compras à vila. Depois começam as cartas solitárias do Surrey. Folheio mais algumas e depois, enfiado num dos bolsos da pasta, encontro um envelope escrito numa caligrafia bastante diferente. O papel no interior assemelha-se a folhas secas, e toco-o ao de leve, desdobrando-o com grande cuidado. Apenas uma folha, com um parágrafo escrito à mão. Uma letra muito maior do que a de Meredith, escrita com uma pressão enfática da caneta, como se com alguma urgência. A data é 15 de Março de 1905.

Caroline

Recebi esta manhã a tua carta, e li-a com alguma preocupação. O teu casamento recente e condição delicada são assuntos que devem ser muito festejados, e ninguém se pode sentir mais satisfeito do que eu por te ver a assentar e a juntares-te a um homem como Lord Calcott, que está bem posicionado e te poderá dar tudo aquilo que é necessário para uma vida feliz. Colocares a tua actual posição em perigo seria algo de extremamente imprudente. Seja o que for que sintas que deves confessar, peço-te encarecidamente que todos os assuntos referentes à tua anterior existência na América permaneçam por todos os meios possíveis, na América. Não serve qualquer propósito estar agora a remexer nesses assuntos. Deves sentir-te grata pela nova oportunidade que te foi dada, pelas circunstâncias felizes do teu afortunado casamento, e deixa que essa seja a última palavra a esse respeito trocada entre nós. Se fizeres cair embaraço ou infâmia de qualquer outro tipo sobre ti ou sobre a nossa família, não terei outra escolha senão cortar todos os laços que tenho contigo, por mais doloroso que isso me seja.

A tua tia,

B.

O sublinhado sob as palavras, *na América*, quase rasgara o papel. Um risco pesado, violento. No silêncio depois de ler aquelas palavras vibrantes, vejo todos os segredos que se encontram nesta casa, amontoados em camadas tão profundas quanto o pó e as sombras nos cantos do quarto.

Na noite de Natal chegam os nossos pais, e o seu carro familiar a estacionar junto da entrada parece um pequeno milagre. A prova de um mundo exterior, a prova de que esta casa, Beth e eu, fazemos parte dele. Hoje de manhã, quis manter Eddie dentro de casa – sugeri a Beth que o devíamos fazer –, mas ele levantou-se antes de nós e saiu. Uma tigela vazia no lava-loiça da cozinha, *cornflakes* a endurecerem, e meio copo de sumo de fruta engarrafado em cima da mesa.

– Receio que tenhamos perdido o vosso neto – digo, quando beijo o meu pai e tiro as malas do porta-bagagens. Talvez não seja a coisa mais inteligente de dizer. A minha mãe hesita.

– O que é que aconteceu ao Eddie? – pergunta ela.

– Arranjou um amigo... O Harry. Está aqui acampado, como... Bem. Andam sempre pelos bosques. Mal o temos visto nestes últimos dias – diz Beth, e conseguimos perceber que aquilo a incomoda. Apenas um pouco.

– Acampado? Não queres dizer...?

– O Dinny está cá. E o seu primo, Patrick, e mais alguns – digo, num tom indiferente. Mas não consigo evitar sorrir.

– O Dinny? Estás a *brincar*? – diz a minha mãe.

– Bem, bem! – acrescenta o meu pai.

– Hmm, bem, agora suponho que vocês percebem como nos costumávamos sentir – diz a minha mãe a Beth, beijando-a na face ao entrar em casa. Beth e eu trocamos um olhar. Aquilo foi algo que nunca nos ocorreu.

Beth é parecida com a nossa mãe. Sempre o foi, mas quanto mais velha fica mais as parecenças aumentam. Têm ambas a figura delgada de Meredith, os ossos delicados do seu rosto, mãos compridas e artísticas. Meredith cortava o cabelo curto e arranjava-o, mas a minha mãe sempre o deixou natural, e o de Beth é comprido, pouco tratado. E há nelas um ar que me falta. Suponho que seja graciosidade. Sou mais parecida com o nosso pai. Mais baixa, mais larga, e também mais desastrada. Eu e o meu pai damos encontrões nos objectos. Ficamos com as mangas presas nas maçanetas, entornamos os nossos copos de vinho, ficamos com nódoas negras de bater nas esquinas das mesas, nas pernas das cadeiras, em bancadas. Tenho um afecto enorme por esta característica, já que a herdei dele.

Bebemos café e admiramos a árvore de Natal que chegou ontem, e que agora se ergue ao lado da escadaria. Todos os enfeites que comprámos não foram suficientes. Parecem um pouco perdidos por entre ramos tão vastos. Mas as luzes cintilam, e o cheiro a resina dos ramos chega a todos os pontos da casa, uma recordação constante da estação.

– Um pouco extravagante, não é, querida? – diz o meu pai a Beth, que arqueia as sobrancelhas, depreciativamente.

– Tínhamos de alegrar a casa. Pelo Eddie – diz ela.

– Ah, bem, sim, é justo – concorda o meu pai. Veste uma camisola vermelha; o cabelo grisalho ergue-se em tufos como o de Eddie, e o café quente deixou-lhe as faces rosadas. Tem uma expressão jovial, amável, e é isso que ele é.

Ouve-se uma pancada na porta. Abro-a para me deparar com Eddie e Harry nos degraus, sem fôlego como sempre, e molhados.

– Olá, Rick! Vim cumprimentar o avô e a avó. E disse ao Harry que ele podia vir comigo, para ver a árvore. Pode ser, não pode?

– Claro que sim, mas descalcem essas botas antes de darem mais um passo!

Eddie é abraçado, beijado, interrogado. O meu pai estende uma mão a Harry para ele apertar, mas Harry olha-a espantado. Em vez disso, dirige-se

à árvore, agacha-se e ergue os olhos para ela, como se estivesse a tentar vê-la ainda maior, mais imponente. O meu pai lança-me um olhar intrigado e eu murmuro, *Conto-te mais tarde*. Decidimos manter Eddie dentro de casa, já que não falta muito para o almoço, e enviamos Harry para casa com uma caixa cheia das empadas de Beth, que ele começa a comer enquanto atravessa o relvado.

– Parece um rapaz engraçado – diz a minha mãe num tom brando.

– Ele é marado. Conhece os melhores sítios onde ir nos bosques... onde encontrar cogumelos e ninhos de texugos – replica Eddie, a defender o amigo.

– Os texugos têm tocas, não têm ninhos, Eddie; e espero que não tenhas andado a brincar com cogumelos, eles são muito perigosos! – avisa a minha mãe. Vejo Eddie a controlar-se.

– O Harry sabe quais são aqueles que se podem comer – murmura ele, na defensiva.

– Tenho a certeza que sim. Está tudo bem, mãe – digo, para a calar. – As pessoas mais velhas não sabem que *marado* pode ser uma coisa boa – sussurro a Eddie. Ele revira os olhos, foge escada acima para mudar de roupa.

– É bom para ele ter um amigo que conhece tanto da vida do campo. Passa tanto tempo enfiado na escola – diz Beth num tom firme.

A minha mãe levanta uma mão.

– Não foi uma crítica! Deus sabe que vocês as duas passavam muito tempo nos bosques com o Dinny, quando ficavam aqui.

– E tu não te importavas, pois não? – pergunta Beth, ansiosa. Sente-se agora mais sensível aos deslizes das crianças contra os pais. Os nossos pais trocam um olhar, e o meu pai lança à minha mãe um sorriso afectuoso.

– Não, acho que não me importava muito – diz a minha mãe. – Teria sido agradável se vocês tivessem querido passar mais tempo connosco... – Na pausa chocada que se segue depois de ela dizer isto, Beth e eu trocamos uma expressão culpada, e a minha mãe ri-se. – Está tudo bem, miúdas! Era o início da minha síndrome de ninho vazio, apenas isso.

– Não sei o que farei quando o Eddie for para a universidade. Já é bastante mau que ele passe toda a semana no colégio – murmura Beth, cruzando os braços.

– Vais sentir imenso a falta dele, vais mimá-lo terrivelmente quando ele te for visitar, e vais encontrar um novo passatempo... tal como todas as mães, querida – diz-lhe a mãe, colocando um braço à volta dos seus ombros ossudos.

– De qualquer maneira, ainda falta muito tempo – recordo-lhe. – Afinal, ele só tem onze anos.

– Sim, mas ainda há cinco segundos era um bebé! – diz Beth.

– Eles crescem depressa – concorda o meu pai. – E alegra-te com isso, Beth! Depois de teres um adolescente durante seis anos pela casa, acho que te vais sentir satisfeita quando ele partir para estudar!

– E lembra-te de todas as fases divertidas que ainda vais apanhar... As discussões acerca das horas a que deve chegar a casa, as aulas de condução, e as primeiras namoradas que ficam lá a dormir. Encontrares revistas pornográficas debaixo da cama dele... olhares para os seus olhos apáticos de manhã, e perguntares-te que drogas é que ele tomou na noite anterior...

– Erica! Então! – A minha mãe repreende-me quando os olhos de Beth se arregalam, horrorizados.

– Desculpa. – Sorrio.

– Rick, acho que andas a dar aulas há demasiado tempo – ri-se o meu pai. Beth arqueia as sobrancelhas ao olhar para mim.

– Síndrome da tia presunçosa... É esse o teu problema. Vês-me a passar por tudo isto e podes rir-te para ti mesma quando eu fizer tudo mal feito e arrancar o cabelo – diz-me ela, acusadora.

– Vá lá, Beth, estou a brincar. Nunca deste um passo em falso como mãe – digo-lhe, apressando-me a falar antes que se possa criar um silêncio, antes que todos se lembrem do passo em falso que ela deu, ainda não há muito tempo. – Vamos comer algumas empadas... A Beth excedeu-se com elas.

Mais tarde, mostro à minha mãe as fotografias que encontrei para lhe dar. Ela identifica as pessoas que não reconheço – os parentes mais afastados,

peessoas agora falecidas, desvanecidas, que deixaram apenas os seus rostos no papel e vestígios do seu sangue nas nossas veias. Mostro-lhe a de Caroline, tirada em Nova Iorque, com o bebé no braço esquerdo. A minha mãe franze a testa ao olhá-la.

– Bem, esta é mesmo a Caroline... Que olhos tão claros! Era uma beldade, não era?

– Mas o que é que ela estava a fazer em Nova Iorque? E que bebé é este, se ela só casou com o Lord Calcott em 1904? Achas que tiveram um filho antes de casarem?

– O que é que queres dizer com isso, «o que é que ela estava a fazer em Nova Iorque»? Ela *era* de Nova Iorque!

– A Caroline? Era americana? Porque é que nunca ninguém me disse isso?

– Bem, como é que não percebeste? Com aquele sotaque...

– Mãe, eu tinha cinco anos. Como é que poderia ter reparado no sotaque dela? E na altura ela já ser muito velha. Mal falava.

– Sim, é verdade – assente a minha mãe.

– Bem, isso explica porque é que estava em Nova Iorque em 1904. Mas então, quem é o bebé? – insisto. A minha mãe respira fundo, enche as bochechas de ar.

– Não faço a mínima ideia – diz ela. – Era impossível ela ter tido um filho com o Henry antes de se casarem, ainda que isso não tivesse causado um escândalo enorme. Ela só o conheceu mais tarde em 1904, quando veio para Londres. Casaram em 1905, pouco depois de se terem conhecido.

– Bom, então ela era casada antes? Trouxe o bebé com ela?

– Não, acho que não. Seria mesmo melhor que o perguntasses à Mary. Tanto quanto sei, a Caroline veio de Nova Iorque, uma herdeira rica com cerca de vinte e um ou vinte e dois anos, casou com um aristocrata com enorme rapidez, e foi isso.

Aceno, estranhamente decepcionada.

– Talvez fosse o bebé de uma amiga. Talvez ela fosse a sua madrinha. Quem sabe? – diz a minha mãe.

– Pode ter sido isso – concordo. Volto a pegar na fotografia, observo-a com atenção. Os meus olhos procuram a mão esquerda de Caroline, o seu anelar, mas esta está escondida entre as pregas do vestido da criança fantasmagórica. – Importas-te que fique com esta? Apenas durante algum tempo? – pergunto.

– Claro que não, querida.

– Eu estive... a ler algumas das suas cartas. Das cartas da Caroline. – Sinto-me estranhamente relutante em confessar aquilo. É como ler o diário de outra pessoa, mesmo depois de essa pessoa estar morta. – Trouxeste a árvore genealógica? Havia uma carta de uma tia B.

– Aqui está. Mas receio que o lado da família da Caroline esteja um pouco incompleto. Acho que a Mary estava mais interessada na linhagem Calcott... e todos os registos da família da Caroline devem estar na América, é claro. – De facto, não há nada do lado da Caroline excepto o nome dos seus pais. Nem tios ou tias, um raminho muito pequeno de um lado, antes da Caroline se juntar ao tronco principal em 1905. Caroline Fitzpatrick, como era então chamada.

Observo o seu nome durante algum tempo, à espera, embora não saiba de quê.

– Há uma carta em que a sua tia, a tia B., diz que o que quer que tenha acontecido na América deve permanecer na América, e que ela não deve fazer nada para dar cabo do seu casamento com o Lord Calcott. Sabes alguma coisa a esse respeito? – pergunto. A minha mãe abana a cabeça.

– Não. Receio que não saiba nada.

– E se ela teve um bebé antes de ter vindo para cá, e de se ter casado?

– Bom, para já, não teria conseguido casar se isso tivesse acontecido! Nessa época, as raparigas de boas famílias não tinham filhos fora do casamento. Seria impensável.

– Mas e se ela foi casada com alguém antes de ter casado com o Lord Calcott? Encontrei uma coisa no sótão, na arca onde a Meredith guardou as coisas da Caroline, onde está gravado, *Para um belo filho* – digo.

A minha mãe franze um pouco as sobrancelhas, pensativa.

– Provavelmente era do Clifford. Que tipo de coisa?

– Não sei... é uma espécie de campainha. Mais tarde, trago-o para baixo e mostro-te.

Dirigimo-nos à sala de estar. A minha mãe pega em cada uma das fotografias que se encontram em cima do piano e estuda-as prolongadamente, o seu rosto suspenso entre expressões. Passa o polegar por cima do vidro da fotografia de casamento de Charles e Meredith. Uma carícia ligeira e fútil.

– Sentes saudades dela? – pergunto. Regra geral, trata-se de uma pergunta estúpida quando morre a mãe de alguém. Mas Meredith era diferente.

– Claro. Sinto, sim. Seria difícil não se sentir saudades de alguém que enchia uma sala da maneira como a minha mãe o fazia. – Sorri, pousa a fotografia, limpa as marcas dos dedos com a manga macia da camisola.

– Porque é que ela era assim? Quero dizer, porque é que ela vivia sempre tão... *zangada*?

– A Caroline foi cruel com ela. – A minha mãe encolhe os ombros. – Não física nem verbalmente... talvez nem sequer deliberadamente; mas quem sabe os danos que se causam quando uma criança cresce sem amor?

– Não consigo imaginar. É-me inimaginável uma mãe que não ame o seu filho. Mas *como* é que ela era cruel para a Meredith?

– De mil e uma maneiras pequeninas. – A minha mãe suspira, pensa por um momento. – Por exemplo, a Caroline nunca lhe comprou um presente. Nem uma única vez. Nem nos aniversários, nem no Natal, mesmo quando a Meredith era pequena. Nem no dia do seu casamento, nem quando eu nasci. Nada de nada. Consegues imaginar como uma coisa dessas pode... afectar uma pessoa?

– Mas se ela nunca teve um presente, talvez não soubesse que devia esperar receber um?

– Todas as crianças sabem o que são presentes de aniversário, Erica. Basta ler-se uma história para se ficar a saber tudo a respeito deles. E o pessoal da casa costumava dar-lhe pequenas coisas quando ela era criança. A minha mãe contou-me o quanto isso significava para ela. Lembro-me que me falou

de um coelho. Houve um ano em que o caseiro lhe ofereceu um coelho de estimação.

– Isso... é mesmo triste – digo. – A Caroline não acreditava em presentes?

– Acho que a maior parte das vezes nem se lembrava da data. Até acho que ela não sabia qual a data de aniversário da Meredith. Era como se nem sequer fosse mãe dela.

– Mas se a Caroline era assim tão horrível, porque é que a Meredith lhe era tão dedicada? Porque é que se mudou para aqui contigo e com o Clifford quando o vosso pai morreu?

– Bem, horrível ou não, a Caroline era a sua mãe. A Meredith amava-a, e ela estava sempre a tentar... provar alguma coisa. – A minha mãe encolhe tristemente os ombros, abre a tampa do piano e prime uma das teclas. A nota paira, enche a sala, perfeitamente afinada. – Nunca nos foi permitido tocar neste piano. Só quando atingíssemos um certo padrão. Tínhamos em vez disso aquele piano velho no quarto das crianças, para praticar. O Clifford nunca chegou a ser suficientemente bom, mas eu sim. Pouco antes de ter partido para a universidade.

– Há muitas cartas da Meredith entre as coisas da Caroline. Soam todas um pouco tristes, como se ela estivesse sempre mais ou menos sozinha, mesmo quando já era casada.

– Bem – a minha mãe suspira –, não me lembro do meu pai, por isso não sei como eram as coisas antes de ele morrer. Acho que ela o amava muito. Talvez demasiado. A Caroline disse-me uma vez que perder um amor como aquele deixava um vazio que nunca se conseguia preencher. Lembro-me disso claramente, porque eram raras as vezes em que ela me falava. Ou ao Clifford; mal parecia reparar em nós, crianças. Eu andava a observar a minha mãe no jardim, e assustava-me quando ela falava porque não a ouvia a aproximar-se por trás de mim.

– Então nessa altura ela ainda andava?

– Claro que andava! Ela não foi sempre velha.

– Mas porque é que a Caroline não amava a Meredith? Não compreendo.

– Nem eu, querida. A tua bisavó era uma mulher muito estranha. Muito distante. Por vezes eu ia sentar-me junto dela e tentava falar-lhe, mas passado pouco reparava que ela não estava a ouvir uma única palavra do que eu dizia. Limitava-se a olhar através de mim com aqueles seus olhos cinzentos. Não é de admirar que a Meredith tivesse casado tão nova; deve ter-se sentido muito satisfeita por encontrar alguém que a ouvia!

– É espantoso como saíste tão normal. Que grande mãe que és.

– Obrigada, Erica. Claro que o teu pai ajudou. O meu príncipe encantado! Se eu me tivesse mudado para aqui depois de me ter licenciado, se tivesse ficado aqui tempo suficiente para me ressentir de ambas... quem sabe?

– Talvez nem todas as pessoas estejam destinadas a ter filhos. Não consigo imaginar a Meredith como a mais amorosa das...

– Não, mas era uma boa mãe, durante a maior parte do tempo. Severa, é claro. Mas quando nós éramos pequenos, não era tão... agressiva, como se viria a tornar depois de vivermos aqui alguns anos. À medida que a Caroline se tornava mais frágil, ela precisava de muitos cuidados. Acho que a minha mãe se ressentiu disso. Fez o melhor que podia por nós, mas acho que nunca se recompôs de ter perdido o meu pai, ou da desilusão por a sua vida começar e acabar aqui... Ela e a Caroline, enfiadas nesta velha casa. Mas nós saímos bem, não saímos? O Clifford e eu? – pergunta-me, o rosto subitamente triste. Atravesso a sala e abraço-a.

– Mais do que bem.

– Vim recolher alguns beijos! – anuncia o meu pai ao encontrar-nos, brandindo um ramo de azevinho com um sorriso no rosto.

Depois do jantar, colocamos todos os nossos presentes debaixo da árvore. Eddie parece-se com um cavaleiro em miniatura, com o seu roupão azul-marinho e monograma, pijama às riscas e pantufas de feltro vermelho. Verifica as etiquetas das prendas e posiciona cuidadosamente cada embrulho, segundo algum esquema privado. Bebemos *brandy*, ouvimos músicas de Natal. No exterior, a chuva lança-se em vagas contra a casa. Parece que atira punhados de gravilha contra as janelas. Faz-me estremecer.

Algures por volta da meia-noite, a chuva pára, as nuvens afastam-se, e uma lua brilhante ofusca o céu nocturno. Ilumina as trepadeiras verdes de papel que sobem pelas paredes do meu quarto, o único roupeiro, a janela em arco virada a leste e sobranceira ao caminho de acesso à casa. Há uma série de ninhos de gralhas no castanheiro nu em frente da janela, os ninhos como coágulos entre os ramos finos. Não consigo adormecer. O meu cérebro desperta de cada vez que começo a dormir, disparando uma explosão de rostos, nomes e memórias para me confundir. Às vezes, o *brandy* provoca-me este efeito. Tenho de desenredar cada pensamento da confusão embaraçada, soltá-lo da minha mente e deixá-lo afastar-se. No entanto, mantenho as recordações de Dinny; não as deixo partir. Criei algumas novas, para acrescentar àquelas já muito gastas, àquelas cheias de sol. Agora sei como é que ele se parece à luz de Inverno, à chuva. Sei como ele se parece à luz de uma fogueira. Sei como reage ao álcool; sei como ganha a vida, como vive. Sei como aquele sorriso infantil, aberto e indolente, cresceu e se alterou, como se tornou um relampejar rápido de dentes na escuridão do seu rosto. Sei que ele se ressentiu de nós, de mim e de Beth. E talvez, dentro de pouco tempo, também comece a compreender porquê.

A manhã de Natal passa numa neblina apressada e reconfortante de preparação de comida, champanhe e montes de papel brilhante a ser rasgado. O meu pai ajuda Eddie a tirar da caixa a sua nova consola de jogos, e experimentam-na na televisão inadequada do escritório, enquanto nós, mulheres, ocupamos a cozinha. O peru mal cabe no forno. Temos de apertar as patas para dentro, e elas ficam com as pontas escuras nos lugares onde tocam dos lados.

– Não interessa. De qualquer maneira, todos preferimos o peito – diz a minha mãe a Beth, que sacode uma mão nervosa por entre o fumo que se ergue do forno. Vai demorar horas a assar e, anunciando uma ligeira dor de cabeça, Beth retira-se para se deitar. Ao sair, lança-nos um olhar mudo e zangado. Sabe que agora iremos falar dela. Não sei se nesses momentos ela dorme, ou se se limita a ficar deitada, encontrando alguma sabedoria nas

rachas do tecto, ou observando as aranhas que tecem teias sobre o abajur. Espero que ela durma.

A minha mãe e eu deslizamos para os bancos da cozinha, damos as mãos por cima da mesa, a nossa conversa desajeitada, querendo avançar para o tópico Beth. Quebro o silêncio.

– Encontrei, numa das gavetas da Meredith, um molho de recortes de jornal com fotografias. A respeito do Henry – acrescento, desnecessariamente. A minha mãe suspira, afasta a sua mão da minha.

– Pobre Henry – diz, e passa os dedos pela testa, afastando um cabelo imaginário.

– Eu sei. Tenho andado a pensar muito nele. Acerca do que aconteceu...

– O que é que queres dizer com «o que aconteceu»? – pergunta a minha mãe, num tom cortante. Levanto os olhos da unha do polegar, que estava a roer.

– Apenas que ele desapareceu. O desaparecimento dele – digo.

– Oh.

– Porquê? O que é que achas que lhe aconteceu?

– Não sei! Claro que não sei. Durante algum tempo, pensei... que talvez vocês, raparigas, soubessem mais do que aquilo que estavam a dizer...

– Achas que tivemos alguma coisa a ver com o assunto?

– Não, claro que não! Pensei que talvez vocês estivessem a proteger alguém.

– Estás a referir-te ao Dinny. – Algo se incendeia no meu íntimo.

– Sim, isso mesmo, o Dinny. Ele tem mau feitio, o teu jovem herói. Mas, Erica, o Henry desapareceu! Ele foi levado, tenho a certeza disso. Alguém o levou, partiu com ele e foi o fim da história. Se alguma coisa lhe tivesse acontecido aqui na propriedade, qualquer que fosse essa coisa, então a polícia teria encontrado provas disso. Ele foi levado, e pronto – termina, de novo calma. – Foi uma coisa terrível, horrível, mas ninguém teve culpa a não ser a pessoa que o levou. Há por aí pessoas muito perigosas, e o Henry teve o azar suficiente de se cruzar com uma delas.

– Suponho que sim – digo. Nada daquilo me soa à verdade. Nada daquilo me convence. Eddie junto do lago, a atirar uma pedra; e aquela dor estranha nos meus joelhos.

– Não vamos falar disso hoje, está bem?

– OK, está bem.

– Que tal é que a Beth tem passado?

– Não muito bem. Agora está um pouco melhor. Noutra dia fomos a uma festa no acampamento, e ela conversou um pouco com o Dinny e pareceu ficar um pouco mais animada. E agora que tu e o pai estão aqui...

– Vocês foram a uma *festa do Dinny*? – A minha mãe soa incrédula.

– Sim. E daí?

– Bem – encolhe os ombros –, é só que parece tão estranho, passados todos estes anos. Voltarem a dar-se com ele...

– Não *voltámos a dar-nos com ele*. Mas agora somos vizinhos. Pelo menos por enquanto. Ele... bem. Ele não está assim tão diferente, e eu também não estou, por isso... – Durante um momento aterrorizador penso que vou corar.

– Ele estava apaixonado pela Beth, sabes. Quando tinham doze anos – diz a minha mãe, recordando o passado e sorrindo. – Dizem que nunca esquecemos o nosso primeiro amor.

Bebo o resto do champanhe, levanto-me para ir buscar a garrafa. O calor das minhas faces mantém-se, sobe-me pelo nariz, ameaça transformar-se em lágrimas.

– Vá lá. Estas batatas não se descascam sozinhas! – Sorrio, e estendo-lhe uma faca.

– Durante quanto tempo é que a Beth vai descansar?

– Talvez uma hora. De certeza durante o tempo suficiente para evitar descascar as batatas.

Os meus olhos esforçam-se por ver na escuridão crescente. Ainda não são cinco horas, mas não consigo ver os pés. Prendem-se em tufo, ramos e raízes que não vejo. Vim buscar Eddie. Passo pelo acampamento, mas está tudo silencioso. Ainda não tenho bem a certeza de qual veículo pertence a

quem, e eles parecem estar tão juntos, tão fechados contra o mundo, que me sinto demasiado receosa para bater a portas a perguntar por Harry. Atravesso por entre os bosques, mas aqui a escuridão é ainda mais densa. Devia ter trazido uma lanterna. A noite está a cair rapidamente; a luz parece exausta.

– Eddie! – chamo, mas é um som patético. Consigo ver as formações apertadas das equipas de busca a atravessarem estes bosques, vinte e três anos antes. Tinham-se passado cinco dias desde o seu desaparecimento, mas continuavam a tentar. Os seus rostos sombrios; os cães a puxarem pelas trelas. O estalar e crepitar dos *walkie-talkies*. *Henry!* Os seus gritos eram altos e nítidos, mas apesar disso contidos, quase estrangidos, como se soubessem que o nome estava a ser gritado em vão, que apenas atingiria os seus próprios ouvidos. O tempo estava mau naquele fim-de-semana; afinal era o feriado oficial de Agosto. Os restos do furacão *Charley*, que fustigara a Grã-Bretanha com vento e chuva. – *Eddie!* – volto a tentar, o mais alto que consigo. O silêncio, quando os meus pés desastrados se imobilizam, é espantoso.

Saio dos bosques para lá do lago de orvalho. A elevação tumular é uma vaga inclinação no horizonte. Contorno a extremidade do campo ao longo da vedação, de regresso à casa, e vejo figuras a formarem-se junto da água. Duas grandes e uma pequena. Inalo uma golfada de ar, sinto um arrepio a deslizar-me pelas costas. Não sabia que estava com tanto medo. Harry, Eddie, Dinny. Podiam ser os três protagonistas da história evolutiva de um rapaz, e ali estão eles, junto do lago. No dia de Natal, a atirar pedras numa escuridão quase absoluta.

– Quem está aí? – diz Eddie, quando reparam em mim. A sua voz soa estridente, infantil.

– Sou eu, seu marreta – digo, a troçar do meu medo à sua custa.

– Oh, olá, Rick – responde ele. Harry solta um uivo estranho, o primeiro som real que o oiço emitir. Corre à volta da água, na minha direcção, em passadas grandes e desajeitadas. Sustenho a respiração, espero que ele escorregue, que caia dentro de água, mas isso não acontece. Estende-me

uma pedra pequena, achatada, quase triangular. Mal consigo ver o seu sorriso.

– Ele quer que tentes – diz Dinny. Dirijo-me cuidadosamente ao sítio onde eles se encontram. Reviro a pedra na mão. Está morna, macia.

– Vim buscar o Eddie. Está na hora de ele voltar para casa... Está escuro como breu aqui fora – digo a Dinny. Sinto-me irritadiça, em perigo. A água não passa de uma mancha escura aos nossos pés.

– Só tens de deixar os teus olhos habituarem-se – diz-me Dinny, enquanto os outros voltam às suas pedras, à água preta e lisa, à contagem dos botões brancos na penumbra.

– Mesmo assim, temos de voltar. Os meus pais estão cá...

– Oh? Dá-lhes os meus cumprimentos.

– Sim, fá-lo-ei. – Paro junto dele, suficientemente perto para que as nossas mangas se toquem. Não me interessa se estou em cima dele. Preciso de algo próximo para agarrar, algo a que me possa ancorar. Consigo ouvir a sua respiração, ouvir a forma que ele projecta nos ecos vindos do lago.

– Não vais atirar essa pedra? – Soa ironicamente divertido com a ideia.

– Mal consigo ver a água.

– E daí? Sabes que está lá. – Olha-me de lado. Não passa de silhueta, e quero colocar as minhas mãos no seu rosto, para sentir que ele está a sorrir.

– Bem, então aí vai. – Aproximo-me, cautelosa, da borda, encontro um apoio firme. Agacho-me, faço oscilar o braço, e, quando solto a pedra, sigo-a com o olhar em direcção à superfície, em direcção à água negra. *Um, dois, três...* Conto os clarões e depois tropeço, a minha visão turva-se vertiginosamente, os meus pés deslizam sobre a borda da margem e eu arquejo. Para que lugar enviei aquela pedra inocente, para que escuridão.

– Três! Tão pouco! Há bocado o Harry conseguiu sete! – grita-me Eddie. Sinto as mãos de Dinny debaixo dos braços, o seu peso reconfortante a levantar-me. O pânico a vibrar-me no peito.

– Acho que não está uma noite muito boa para se nadar – murmura Dinny. Abano a cabeça, satisfeita por ele não me poder ver o rosto, os olhos cheios de lágrimas.

– Vamos, Eddie, temos de voltar – digo. Uma nota dissonante na voz.

– Mas eu acabei...

– Agora, Eddie! – Ele suspira, estende solenemente o resto das suas pedras a Harry. Estas emitem um ruído afectuoso, animado, quando trocam de mãos. Afasto-me da borda de água, encaminho-me para a casa.

– Erica – chama-me Dinny. Viro-me e ele hesita. – Feliz Natal – diz. Percebo que não era aquilo que ele tinha a intenção de dizer, e apesar de me interrogar o que seria, naquele momento não me sinto suficientemente forte para lho perguntar.

– Feliz Natal, Dinny – respondo.

PERDA

1903-1904

O Verão estendeu-se, e o corpo de Melro amadureceu juntamente com ele, parecendo expandir-se todos os dias à medida que o bebé crescia. Ela movia-se com uma graciosidade peculiar, com a mesma intenção de sempre, mas sem movimentos repentinos; e tinha em conta a sua nova largura ao contornar o mobiliário e ao entrar pela porta estreita da cabana que partilhava com Joe. Caroline observava-a. Observava-a e interrogava-se, o coração cheio de suspeitas que vinte vezes ao dia desmentia, para depois voltar a confirmar para si mesma. E, mais do que tudo, sentia-se ciumenta. Sentia-se doente e fraca, invadida por algo sombrio e amargo de cada vez que via o corpo da rapariga índia a aumentar. E se alguma coisa a podia fazer sair de casa para o sol de Verão, então era aquilo.

A casa de madeira não conseguia manter o calor afastado, como as espessas paredes de tijolo de Nova Iorque o tinham feito. E quando estava calor em Nova Iorque, pensou Caroline, nunca ficava assim tão quente, e anteriormente ela nunca tivera de se manter activa com esse tipo de temperaturas. Mas a compostura de Melro e a exortação que Hutch lhe fizera no ano novo não paravam de atormentar a mente de Caroline. Assim, num dia que amanhecera ligeiramente encoberto e um pouco mais fresco do que o habitual, decidiu sair de casa. Colocou numa cesta um melão maduro, alguns biscoitos e uma garrafa de água tónica, enlaçou a fita da sua touca de Verão debaixo do queixo, e partiu para a quinta vizinha mais próxima, que pertencia aos Moore, uma família irlandesa. Ficava a pouco mais de nove quilómetros a noroeste e Caroline, que não fazia a mínima ideia do que era caminhar nove quilómetros, ouvira Corin dizer que um homem conseguia

fazer facilmente seis quilómetros numa hora. Pensou que se saísse cedo conseguiria lá chegar a tempo de tomar café e talvez almoçar, e depois estaria de volta ainda muito a tempo de ajudar a fazer o jantar. Disse a Melro onde ia, e endireitou os ombros quando a rapariga ponca lhe lançou um olhar fixo e incrédulo, pestanejando devagar como um mocho.

Caminhou durante uma hora. A princípio, admirou as flores silvestres da hortelã e verbena, e fez um ramo para oferecer aos Moore, mas pouco depois o cesto era um peso morto no seu braço, a ferir-lhe a carne. Apesar das nuvens, tinha a pele pegajosa da transpiração, e sentiu o suor a picar-lhe a cabeça debaixo do chapéu. As saias estavam sujas e prendiam-se às espigas e carrapichos e agitavam-se à volta das suas pernas, fazendo com que tropeçasse. O solo arenoso, ligeiramente ondulado, puxava-lhe pelos pés e era mais árduo avançar sobre ele do que pensara. Debateu-se lentamente por um longo declive acima, certa que do cimo conseguiria ver a quinta vizinha. Não conseguiu. A respirar com esforço, viu a paisagem ondulante a perder-se na distância, tão longe quanto a vista alcançava. Pousando o cesto, virou-se num círculo lento, olhando para o horizonte interminável. Soprava um vento quente, formando ondas na erva alta que, ao longe, se parecia com um oceano verde e dourado. O vento transportava o cheiro a terra seca e a artemísia, e soprava-lhe aos ouvidos num gemido baixo.

– Não há aqui nada – murmurou Caroline para si mesma. Nesse momento algo se agitou dentro dela, algo semelhante a pânico, ou fúria. – Não há aqui *nada!* – gritou, o mais alto que conseguiu. Sentia a garganta seca e inflamada. O vento levou-lhe as palavras e não lhe deu qualquer resposta. Deixou-se cair de costas na pradaria, a descansar. Um céu infundável acima dela, e uma terra interminável em redor. Se não se voltasse a levantar, pensou, se ficasse onde estava, apenas os cães selvagens e os abutres a encontrariam. Era um pensamento irresistível, aterrorizador.

Regressando por fim, sem nunca ter chegado à quinta dos Moore, Caroline quase perdeu o rancho. Desviara-se para norte cerca de um quilómetro e pouco, e apenas por acaso vira fumo a erguer-se da cabana à sua direita,

onde um negro silencioso do Louisiana chamado Rook devia estar a cozinhar o jantar para os trabalhadores do rancho. Virando para sul, as pernas de Caroline vacilaram de exaustão. Tinha a boca ressequida, e o rosto – depois de um dia passado sob a luz forte e o vento quente – estava retesado e ardia-lhe. Atrás dela, conseguia sentir a vastidão da pradaria a estender-se, a observar, e para lá do rancho as pastagens que se espalhavam por todos os pontos cardeais. Os currais, vedações, campos de trigo e sorgo que o marido tinha cartografado na terra eram lamentosamente pequenos. O rancho era uma ilha, um atol minúsculo de civilização num mar interminavelmente variável, e quando por fim chegou a casa, a arquejar e a espalhar flores murchas atrás de si, fechou a porta e desatou a chorar.

Nessa noite, apesar da sua exaustão, Caroline manteve-se acordada. As nuvens afastaram-se à medida que a noite caía, e a lua ergueu-se luminosamente cheia. Não foi isso que a manteve acordada mas sim o facto de saber, de compreender o quão vasta e vazia era a terra na qual agora vivia. Sentia-se engolida por ela; minúscula, invisível. Caroline queria crescer, expandir-se, conseguir de algum modo ocupar mais espaço. Queria ter um significado. O ar no interior do quarto era abafado, denso com a lassidão do Verão. Ao seu lado, Corin ressonava suavemente, o rosto pressionado contra a almofada, braços estendidos dos lados. A lua apanhara os contornos dos músculos dos seus braços e ombros, e a linha brusca onde o bronzeado do pescoço se tornava tão pálido quanto as suas costas. Caroline levantou-se, pegou num cobertor e saiu.

Estendeu o cobertor entre as orbes fecundas das melancias e deitou-se em cima dele. Algo fugiu apressadamente por entre a vegetação junto da sua face, e Caroline estremeceu. Não se ouviam outros sons, embora os seus ouvidos se esforçassem por captar qualquer movimento vindo do dormitório, qualquer sinal da aproximação de algum trabalhador. Depois puxou a camisa de dormir para cima até lhe tapar apenas os seios, deixando a metade inferior do corpo nua sob o céu nocturno. Os ossos das ancas erguiam-se orgulhosos, lançando as suas próprias sombras sob a luz

prateada. O coração batia-lhe rápido no peito, e não fechou os olhos. O céu estava salpicado de estrelas. Começou a contá-las, perdeu-se e recomeçou, uma e outra vez; perdeu qualquer noção do tempo que estivera ali deitada, e do local da Terra onde se encontrava. Depois a porta bateu atrás dela e Caroline ouviu passos hesitantes, e de seguida Corin agarrou-a por baixo dos braços e puxou-a para o colo.

– O que é que se passa? O que é que aconteceu? – Caroline soltou um arquejo. Pintado em tonalidades pretas e verdes, o rosto de Corin estava tenso de medo e tinha os olhos arregalados. Ao ver que ela estava acordada, Corin soltou-a, exalando pesadamente, e levou as mãos ao rosto.

– O que é que estás a fazer aqui fora? – murmurou. – Estás bem?

– Eu estou... óptima. Eu só... Estava tanto calor no quarto... – Caroline puxou apressadamente a camisa para baixo.

– Mas aqui fora também está muito calor! O que é que estás a fazer... Porque é que estavas nua? – exigiu ele saber. Alarmada, Caroline viu que Corin estava a tremer. Mordeu o lábio e desviou os olhos.

– A tomar banhos de lua – disse ela.

– O quê?

– Estava a tomar um banho de lua... A Angie disse-me que era capaz de ajudar – explicou Caroline, numa voz muito baixa. No seu íntimo, troçara de uma tal superstição quando a vizinha lha mencionara pela primeira vez, mas agora parecia capaz de experimentar qualquer coisa.

– Ajudar com o quê? Querida, não estás a fazer sentido!

– Ajudar uma mulher a engravidar. Deitarmo-nos com a lua a incidir sobre o nosso corpo – disse Caroline, envergonhada.

– E tu acreditaste nela?

– Não, na verdade não. Não a levei a sério. É só que... *Porque* é que ainda não engravidei, Corin? Já se passou mais de um ano! – exclamou. – Não compreendo.

– Eu também não compreendo – suspirou Corin. – Mas tenho a certeza de que essas coisas acontecem quando têm de acontecer, apenas isso. Um ano não é assim tanto tempo! És jovem e... foi uma grande alteração para ti,

mudares-te para aqui para estares comigo. *Vai* acontecer, querida, por favor, tenta não te preocupares. – Corin levantou-lhe o queixo com a ponta dos dedos. – Agora, vamos voltar para dentro.

– Corin... porque é que ainda agora estavas com tanto medo? – perguntou Caroline, ao levantar-se rigidamente do chão.

– O quê? Quando?

– Mesmo agora, quando me encontraste aqui fora. Parecias tão alarmado! Porquê? O que é que pensaste que tinha acontecido?

– Há alguns anos, houve uma mulher do outro lado de Woodward... Não interessa. Apenas pensei que te podia ter acontecido alguma coisa. Mas estás bem, e não há motivo para preocupações... – tranquilizou-a Corin.

– Conta-me, por favor – insistiu ela, sentindo a sua relutância. – O que é que aconteceu a essa mulher?

– Bem, aparentemente, e tal como tu, ela sentia o calor com demasiada intensidade, e também tinha muitas saudades da sua casa em França, e começou a dormir no pátio para se manter fresca, mas uma noite... uma noite, ela... – Os seus dedos pareciam agarrar o ar nocturno, à procura de uma maneira de lho explicar sem lho contar.

– Ela o quê?

– Ela cortou a própria garganta – disse ele, rapidamente. – Com três filhos à sua espera, dentro de casa. – Caroline engoliu em seco, a sua garganta a fechar-se ao pensar em tamanha violência.

– E tu pensaste que eu... tinha feito o mesmo? – perguntou, a respirar fundo.

– Não! Não, meu amor, não. Só estava preocupado contigo, apenas isso. – Voltou a convencê-la a regressar ao quarto, e disse que iria esperar até ela adormecer, mas passado pouco o seu ressonar suave recomeçou, e os olhos de Caroline mantiveram-se fixos no tecto.

Ela interrogava-se. Perguntava-se para onde iria Corin durante todo o dia. Nunca lhe ocorrera pensar nisso anteriormente. Ao jantar, ele fazia-lhe sempre um relato do seu dia, mas como é que ela podia saber se Corin estava a dizer a verdade? Como é que poderia saber quanto tempo é que ele

levava a reunir cabeças tresmalhadas, a perseguir ladrões de gado, a marcar novas crias, a juntar o garanhão *Apache* com uma égua de cobrição, a consertar vedações, a lavar, a colher, a ceifar os campos de trigo, a cortar feno, ou a fazer qualquer uma dessas coisas? E claro que ele podia mandar Joe para algum lado, se o quisesse fora do caminho. E antes de Corin regressar à noite, era frequente que Melro já tivesse saído, há uma hora ou perto disso. Havia alturas, muitas alturas, em que Caroline não fazia ideia onde estava qualquer um deles. E o modo como ele tocara daquela vez na jovem – a maneira como pousara a mão na sua barriga, na festa de Woodward. Eram aqueles os pensamentos de Caroline enquanto se mantinha acordada, e enquanto se sentava no silêncio ressoante no final de cada dia, à espera do regresso de Corin. Quando Caroline via o marido, os seus receios desapareciam. Quando estava sozinha, florescia como ervas daninhas. O seu único consolo era a aparência simples da rapariga ponca, ou o modo como ela a via. O seu cabelo áspero, a gordura do seu corpo, os ângulos peculiares do seu rosto. Reparava nessas coisas e recordava-se dos elogios de Corin à sua beleza.

Mas num dia duro de Agosto, quando um sol alto e rancoroso descorava as pastagens, até mesmo esse consolo foi roubado a Caroline. Melro estava de pé junto à janela da cozinha, parada mas de lado, de modo a conseguir encostar a anca à bancada enquanto descascava cenouras com uma faca curta e afiada. Estava a cantar, como era habitual, a sua expressão suave e as mãos ocupadas. Caroline observou-a pela porta da sala principal, a espreitá-la por trás do livro que estava supostamente a ler, e uma pausa na canção baixa fê-la pestanejar. A jovem parara de descascar, o seu olhar tornara-se vago e levava a mão à barriga inchada. Um pequeno sorriso contorceu-lhe os lábios, e depois a canção e o trabalho recomeçaram. Caroline percebeu que o bebé se mexera. Estava acordado, vivo dentro dela. Estava a ouvir a mãe cantar. Engolindo em seco, Caroline levou a mão à sua barriga. Era mais do que plana, era côncava; não havia nenhuma prega de carne bem-vinda, nenhuma vitalidade excessiva. Conseguia sentir as costelas e os ossos das ancas, nodosos e afiados. Como o seu corpo parecia

seco, duro e morto quando comparado com o de Melro. Como as cascas mortas, o restolho que os homens arrancavam do trigo. Voltou a olhar para a rapariga. Depois a sua garganta apertou-se, e por um segundo não conseguiu respirar. O sol que se derramava pela janela apanhou o brilho do cabelo espesso e negro da jovem, a curva larga e arqueada do seu lábio superior; a inclinação elevada das faces e olhos; o brilho morno da sua pele. Melro era bela.

No dia seguinte antes de amanhecer, enquanto Corin se remexia e começava a acordar, Caroline dirigiu-se em bicos dos pés à cozinha. Serviu uma chávena de chá frio e cortou duas fatias de pão do dia anterior, que barrou com mel. Apresentou-se à frente dele com aquelas dádivas enquanto Corin se sentava na cama, a piscar os olhos devido à incandescência carregada do início do dia.

– Pequeno-almoço na cama. Aos sábados, eu tomava sempre o pequeno-almoço na cama – disse-lhe Caroline, a sorrir.

– Bem, obrigado. Que importante que me sinto! – Corin acariciou-lhe o rosto com a palma da mão, e bebeu um grande gole de chá. Caroline levantou as almofadas e encostou-as à parede atrás dele.

– Recosta-te por um momento, querido. Ainda não tens de te apressar – persuadiu-o.

– Pôr um trabalho de lado não faz com que ele acabe mais depressa – suspirou Corin, tristemente.

– Só mais cinco minutos – suplicou Caroline. – Prova um pouco do pão. Barrei-o com aquele mel que o Joe apanhou para nós.

– Aquele homem é uma maravilha com as abelhas – assentiu Corin. – Nunca vi nada assim. Limita-se a avançar até ao ninho, enfia o braço e nem uma única vez é picado.

– Talvez alguma magia índia?

– Ou isso, ou então tem a pele mais rija do que qualquer homem vivo – meditou Corin, em voz alta. Caroline pensou naquilo, em Joe com os seus olhos negros implacáveis e pele como a casca de uma árvore. Estremeceu

ligeiramente, perguntando-se como é que Melro conseguia deitar-se com ele.

– Corin?

– Sim?

– Sabes, já se passou mais de um ano desde que nos casámos e, bem... nunca mais voltámos a ir nadar, como na nossa lua-de-mel.

– Eu sei. Eu sei, Caroline. É tão difícil arranjar tempo – disse Corin, encostando a cabeça à parede, o rosto ainda lânguido do sono.

– Não podemos ir? Eu só... Eu quero passar o dia contigo. Todo o dia... Raramente o fazemos! Não com todo o trabalho que tens para fazer.

– Bem, não sei, Caroline. Há tanto trabalho nesta altura do ano! Temos o bando de bezerros mais estúpido que alguma vez vi no rancho, e sempre que podem irrompem pelas vedações, depois perdem-se e ficam atolados no riacho, e presos nos arames, e não sei o que mais. Talvez daqui a uma semana. Daqui a uma ou duas semanas... Que tal?

– Tu prometeste-me que o faríamos – disse ela, em voz baixa.

– E faremos. Faremos – insistiu ele.

Pouco depois Corin levantou-se, vestiu-se, passou suavemente uma mão pelo cabelo de Caroline e beijou-a no cimo da cabeça, antes de se dirigir à cozinha para fazer café. Caroline permaneceu sentada a ouvir o chocalhar dos grãos de café, a pancada da chaleira ao ser pousada no fogão, e sentiu um cansaço peculiar a invadi-la. Durante um momento, não pensou que tivesse força suficiente para se levantar, para aguentar mais um dia até ao fim. Cada osso do seu corpo parecia pesar-lhe. Mas respirou fundo, levantou-se e começou a vestir-se lentamente.

No final de Setembro, numa tarde de chuva, Joe apareceu na casa de chapéu nas mãos, olhos semicerrados contra a enxurrada contínua e um ar de calma impenetrável. Caroline sorriu, mas não conseguiu evitar afastar-se dele, e viu como os seus olhos endureceram quando o fez.

– Chegou a hora da Melro. Ela pediu que a senhora vá até lá – disse Joe.

– Que vá onde? Porquê? – perguntou Caroline, sem compreender.

– Que vá ter com ela. Para ajudar com o bebê – explicou Joe, com o seu sotaque gutural. O seu tom era neutro, tal como a sua expressão, mas algo disse a Caroline que ele não aprovava necessariamente o pedido da mulher. Ela hesitou, e sentiu a pulsação a acelerar. Teria de entrar na cabana. Por mais habituada que estivesse a ver Melro pela casa, não conseguia evitar pensar que aquela habitação baixa, meio submersa, era uma espécie de toca animal.

– Estou a perceber – disse, em voz baixa. – Estou a perceber.

– É uma maneira de ela a honrar – disse-lhe Joe, num tom solene. – Esse tipo de ajuda é reservado à família.

Passados alguns instantes de silêncio, presa pelo olhar inescrutável de Joe, Caroline voltou a entrar em casa. Enfiou a touca na cabeça, tirou o avental e sentiu o pânico a erguer-se como bolhas na garganta. Não tinha qualquer conhecimento de como se ajudava num parto, nem nenhuma ideia de como podia ajudar. Nem sequer tinha a certeza se o queria fazer.

Lá fora, Joe mostrava os primeiros e únicos sinais de impaciência que Caroline alguma vez vira da parte dos ponca. Remexia o chapéu nas mãos, e olhava por cima do ombro para o lugar onde a mulher se encontrava em trabalho de parto. Ao ver aquilo, Caroline sentiu-se culpada e apressou-se a sair, virando o rosto para o chão enquanto caminhavam, de modo a não ver a aterrorizadora vastidão de terra que os cercava. Desde o seu passeio frustrado até à casa dos Moore que sentia um terror atordoante em relação à paisagem aberta do condado de Woodward. Aquela extensão selvagem parecia destroçar-lhe os pensamentos, criando uma pressão insuportável atrás dos seus olhos. Sentiu uma enorme vontade de fugir, de se voltar a lançar dentro de casa, antes que se desintegrasse sob o céu poderoso. Os pés deles chapinhavam, e pouco depois a bainha de Caroline estava ensopada em água, com manchas róseas de terra.

Três degraus desciam até ao interior da cabana, e eles entraram para uma penumbra suave e morna, iluminada por um candeeiro de querosene que batalhava contra a escuridão exterior e interior. Havia um cheiro forte causado pelo fumo do fogão, peles de animais e ervas que Caroline não

conseguia identificar. O sangue latejou-lhe nas têmporas quando sentiu todos os olhos a virarem-se para ela – os de Melro, de Nuvem Branca, e os de Annie, a irmã de Joe. Joe manteve-se lá fora e desapareceu entre a chuva. O rosto de Melro estava brilhante da transpiração, os olhos muito abertos e receosos. As expressões das outras mulheres eram cautelosas; não hostis, mas reservadas.

– O Joe... disse que eu devia vir. Ele disse que tu... que tu... pediste para eu vir? – gaguejou Caroline. Melro assentiu e sorriu ligeiramente antes de o seu corpo se retorcer, e ela cerrar os dentes, uma expressão que a fez parecer selvagem. – O que é que devo fazer? Não sei o que devo fazer! – lamentou-se Caroline. Nuvem Branca disse algo rápido no dialecto ponca, e estendeu a Caroline um pequeno balde de madeira cheio de água da chuva e um pano limpo. A velha fez o gesto de mergulhar o pano na água, depois pressionou a mão contra a testa, e apontou para Melro. Caroline assentiu e ajoelhou-se ao lado da rapariga em trabalho de parto, limpando-lhe o rosto transpirado com a água fria, receosa, enquanto executava aquele trabalho íntimo, que a rapariga conseguisse de algum modo ver o seu coração perturbado.

Na semiobscuridade, Nuvem Branca começou a cantar uma melodia suave e monótona que as embalou a todas; embalou Caroline de tal forma que ela não teve qualquer noção de quanto tempo estava a passar, se seriam horas, minutos ou dias. As palavras eram confusas e secas, e aos ouvidos de Caroline a canção soava ao murmurar prolongado e arrastado do vento quente da pradaria, solitário e reverente. Tão regularmente como ondas numa praia, Melro içava-se contra a dor no seu interior, cerrando os olhos e mostrando os dentes. Parecia tão felina como um gato, mas não gritou. As ondas seguiam-se continuamente, à medida que a escuridão no exterior se adensava; e Nuvem Branca continuava a cantar, misturando uma bebida de sabor pungente que foi dando aos poucos a Melro, uma colherada de cada vez. Depois, saído da garganta de Melro, ouviu-se um som baixo semelhante a um resmungo sufocado, e o bebé quase caiu nas mãos expectantes de Annie. Nuvem Branca interrompeu a sua melodia com um

grito estridente de alegria, o rosto enrugado a abrir-se num sorriso, e depois numa gargalhada. Caroline sorriu, aliviada, mas quando Annie estendeu o rapazinho que se contorcia e gemia à mãe, sentiu uma farpa a despedaçá-lhe o coração e a ficar ali alojada. Lágrimas subiram-lhe aos olhos, e ela desviou-os para as esconder; e nesse momento viu, num canto escuro da cabana, um par de esporas com correias de couro. O par de que Corin andava à procura, perguntando-lhe se as tinha visto. Caroline olhou para as esporas e a farpa aprofundou-se ainda mais.

Dois meses depois, o bebé tornara-se gorducho e encantador. Chamava-se, na língua ponca, *filho primogénito*; mas tanto os seus pais como todas as outras pessoas lhe chamavam William. Andava pelo rancho, preso numa faixa às costas de Melro, a olhar para o mundo com uma expressão ligeiramente espantada nos olhos redondos. E dormia ali num monte amarrotado, a babar-se pelo queixo abaixo, sem se mexer enquanto Melro voltava ao seu trabalho na casa principal, o seu corpo sem se cansar com o peso da criança. O frio, tal como o calor, pareciam ter pouco efeito no ânimo da jovem. Ela aparecia na casa envolvida no seu cobertor grosso de cores alegres, as faces de um tom vermelho vivo pelo vento, e os olhos tão brilhantes como contas negras.

E apesar de custar a Caroline pegar em William, era frequente pedir para o fazer. Era como remexer numa ferida, ou pressionar uma nódoa negra. Embalava-o suavemente na curva do braço. William era um bebé de boa índole, e não chorava com estranhos. Tinha uma série de expressões faciais inocentes, que lhe faziam derreter o coração e suavizavam a dor da farpa ali espetada. Uma ligeira perplexidade nos ruídos que emitia; um descair da boca e dos olhos quando o sono se apoderava dele; um assombro de olhos arregalados quando Caroline lhe mostrou o seu leque de penas de pavão. Mas a dor de o voltar a entregar à mãe orgulhosa aumentava de cada vez que tinha de o fazer, a mágoa cada vez maior; e a única coisa que ainda era pior do que aquilo era ver Corin a brincar com o bebé quando voltava do trabalho. As suas mãos castanhas pareciam impossivelmente grandes à volta

do corpo minúsculo da criança, e ele sorria desvairadamente quando, ao fazer-lhe cócegas ou carícias, conseguia fazer William sorrir. De cada vez que o conseguia, olhava para a mulher para partilhar aquilo com ela, mas Caroline achava difícil encontrar o sorriso que sabia que ele queria. Vê-lo amar aquela criança, uma criança que não era sua, era algo que quase não conseguia aguentar.

William não iria ser baptizado, o que surpreendeu Caroline, apesar de fazer todo o sentido. Preocupou-se durante algum tempo com os perigos para a alma da criança, mas Melro limitou-se a rir quando ela tentou sugerir, a medo, que não o iria magoar se, pelo sim pelo não, lhe fizessem a cerimónia.

– Os nossos antepassados estão a tomar conta dele, Mrs. Massey. Não tem de se preocupar. – Sorriu.

Caroline acabou por esquecer o assunto. Mas sugeriu que em vez disso lhe dessem um almoço de boas-vindas, e Melro concordou com isso. Caroline enviou alguns convites, mas apenas Angie Fosset se mostrou disposta a celebrar o nascimento de um bebé índio, e apareceu no rancho no seu cavalo alto com os alforges cheios de fraldas e roupa de bebé usada.

– Vou-me ficar pelos três, por isso já não preciso disto – disse a Melro.

Caroline mandara Hutch a Woodward na semana anterior, para ir buscar os presentes que encomendara, e que ela e Corin iam dar a William. Melro aceitou cada presente com um embaraço crescente, e a atmosfera da festa tornou-se constrangedora.

– Mrs. Massey... isto é demasiado – disse-lhe Melro, os olhos perturbados. Annie e Nuvem Branca trocaram um olhar que Caroline não conseguiu interpretar.

– Oh, meu Deus, que coisas adoráveis! – exclamou Annie.

– Bem – disse Caroline, a sorrir e sentindo-se repentinamente exposta –, um rapazinho adorável deve ter coisas adoráveis – continuou, mas sentiu que todos lhe conseguiam ler o coração; que aqueles eram presentes que ela quisera dar ao seu filho, não ao de Melro. Virou-se para William para esconder o seu desânimo, passando um dedo ao longo do seu rosto franzido

e adormecido. Mas aquilo ainda era pior. As suas faces coraram, e a respiração prendeu-se-lhe no peito. – Quem quer um pouco de bolo? – perguntou, tensa, levantando-se e fugindo para a cozinha.

O segundo Inverno de Caroline na pradaria foi mais difícil do que o primeiro. As quatro paredes da casa tornaram-se o seu carcereiro, aprisionando-a com Melro e William, duas lembranças constantes de como ela falhara, dia após dia. Pois se o regresso de Melro ao trabalho, a sua atitude animada e a facilidade com que aguentava provavam alguma coisa a Caroline, era que ela nunca iria pertencer à pradaria da mesma maneira que a rapariga ponca. Nunca se iria dar ali tão bem, nunca iria florescer, nunca iria assentar, nunca iria lançar ali raízes, continuaria apenas a ser soprada pela superfície como um monte de ervas. Cada vez se lhe tornou mais difícil falar com Melro, cantar e contar-lhe histórias como costumavam fazer. As palavras ficavam-lhe presas na garganta, e ela temia que até as expressões genuínas de admiração por Melro, por William, fossem sair contaminadas pela dor que sentia, e pudessem soar falsas.

Quando Hutch foi até à casa beber café, ele convenceu-a gentilmente a dizer o que sentia, a voltar a montar, a fazer qualquer coisa em vez de se manter enfiada dentro de casa. Caroline garantiu-lhe, distraída, que estava ótima, e que tudo corria bem; e o capataz não teve outra opção senão voltar a sair, uma expressão pensativa nos olhos. Quando a sua reclusão se tornou insuportável, Caroline encheu-se de coragem e aventurou-se a sair, mas o vento atingiu-lhe a pele como uma faca, e o céu choveu um terror em cima da sua cabeça; e, gelada, demorou horas a voltar a aquecer-se, por mais perto do fogão que se aconchegasse. Uma manhã, ao partir o gelo na cisterna, sentiu os salpicos a queimarem-lhe as mãos de frio, e lembrou-se da lagoa de água quente onde tinham nadado na sua lua-de-mel. E olhou para as profundezas escuras do tanque, paralisada pela tristeza.

De noite, era frequente Caroline e Corin ficarem acordados enquanto o vento uivava à volta da casa, demasiado alto para o ignorarem. Numa dessas noites, debaixo dos cobertores, Corin desenhava padrões indolentes

no seu ombro que simultaneamente a acalmavam e excitavam. O cheiro dele era-lhe tão querido, forte, pungente e animal, depois de um dia de trabalho sob roupa pesada. Caroline agarrou-se a ele como uma pessoa a afogar-se se agarra a uma bóia, mantendo os olhos firmemente fechados, sentindo-se como se a qualquer momento a casa pudesse ceder à ventania e ser arrancada com eles lá dentro. A casa era uma ficção, pensou ela; uma carapaça frágil entre eles e a fúria vazia do exterior; e poderia desaparecer num ápice. Desde que Corin estivesse ali, disse a si mesma, desde que estivesse ali com ela, Caroline não se importava. Corin pareceu sentir os seus receios e falou-lhe para os acalmar, da mesma maneira que ela o ouvira falar com cavalos nervosos. A sua voz era baixa – as palavras a rolarem num ritmo firme, como água a gotejar –, e Caroline, meio acordada e meio a dormir, esforçou-se por a ouvir acima do ruído

– Acho que devemos pensar um pouco na Nuvem Branca e na Annie, e embora eu saiba que os ponca nasceram para esta vida e são mais resistentes que nós, apesar disso não gostaria de ter entre mim e este vento apenas peles, numa noite como esta. O Hutch falou-me da Grande Tempestade, no Inverno de oitenta e sete, que aconteceu antes de eu vir para oeste; e nós os dois, tu e eu, ainda nos encontrávamos em Nova Iorque, sem saber que o outro existia. Sempre que lhe falo do frio e dos maus Invernos que temos, ele limita-se a abanar a cabeça e a dizer que não é nada, nada comparado com a Grande Tempestade. Manadas inteiras de gado gelaram, no sítio onde se encontravam. Vaqueiros morreram nos desfiladeiros e só foram encontrados na Primavera seguinte, quando a neve voltou a derreter e os deixou expostos, com os joelhos encostados ao peito na última posição em que se encontravam, a tentarem aquecer-se. Os bezerros estavam todos magricelas e fracos, porque o Verão antes daquele Inverno fora muito seco, e havia muito pouca relva ou ração para os alimentar. E eles limitaram-se a morrer nos seus *currais*. E as vacas perderam as suas crias ainda antes de nascerem, porque mal havia o suficiente para encher uma boca, quanto mais duas; o próprio Hutch perdeu três dedos, dois do pé direito e um do pé esquerdo. Estivera a cavalgar num nevão tão denso que se esforçava por ver

as orelhas do seu cavalo, tentando manter o gado em movimento de modo a que este não se amontoasse e gelasse num monte enorme de carne morta, e quando desmontou no final do dia não conseguia sentir as pernas, quanto mais os pés. Contou-me que só descalçou as botas três dias depois, e nessa altura os seus pés estavam enormes e negros, e o sangue limitara-se a gelar nas suas veias. E isto é mesmo verdade; já vi os intervalos onde deviam estar aqueles seus dedos. Houve nevões como nunca foram vistos, nem nessa altura, nem agora; do México ao Canadá e em todos os lugares pelo meio, e lembro-me... Não te lembras quando eras pequena, que houve um ano em que não houve carne de vaca? Talvez fosses demasiado nova, mas lembro-me que não havia carne em Nova Iorque. Todas as semanas, a nossa cozinheira tentava tudo que conseguia, mas não se encontrava carne em lado nenhum. Não quando quase todas as pobres bestas se encontravam nos desfiladeiros, mortas sobre um nevão. Por isso esta tempestade, este vento... Bem, como o Hutch diz, não é nada, minha querida. Isto é a pradaria a ser amável para nós, Caroline. E estamos quentes, não estamos? E também estamos em segurança. Como poderíamos não o estar, quando nos temos um ao outro? – Ele falou assim, e continuou a falar durante toda aquela noite tempestuosa, enquanto pedras de granizo atingiam o telhado como chumbos; e Caroline dormitou, à beira do sono, a beber as palavras firmes e a sentir uma dor fria nos pés pelos dedos perdidos de Hutch, uma dor fria no seu coração pelos vaqueiros que apertavam os joelhos contra o peito, expostos ao vento doce da pradaria.

Na Primavera de 1904, parecia haver crias por todo o lado. Várias éguas tinham potros desajeitados a correrem colados às suas patas; as galinhas do pátio bamboleavam-se entre um mar de pintos felpudos; o palrar de William, por vezes, conseguia ouvir-se na extremidade mais afastada do rancho; e uma pequena *terrier* pêlo de arame que pertencia a Rook, o cozinheiro preto, dera à luz uma ninhada de cachorros de focinhos metidos para dentro, depois de um encontro casual com um rafeiro de Woodward de proveniência incerta. O tempo estava a ficar outra vez quente, os dias mais

longos. Já não havia gelo na cisterna, nem granizo, nem nortadas. O trigo novo e o sorgo eram de um tom verde pálido, e havia botões corajosos a espalharem-se pelas cerejeiras delgadas de Caroline. Mas, por mais que ela tentasse, Caroline não se conseguia livrar do peso das suas expectativas frustradas, nem do medo da vasta terra que o seu marido tanto amava.

Numa bonita tarde de domingo, sentaram-se no alpendre, depois de um pregador itinerante os ter visitado para dar uma missa a todos os habitantes do rancho; e, devido à satisfação que leu no rosto de Corin ao baloiçar-se suavemente na cadeira, Caroline sentiu-se a cem quilómetros dele.

– O que é que estás a ler? – acabou Corin por lhe perguntar, assustando-a, porque pensava que ele estava a dormir sob o seu exemplar do *The Woodward Bulletin*. Caroline sorriu e levantou o livro para que ele pudesse ler a capa. – O quê, outra vez, *O Maioral*? Não te fargas de o ler?

– Um pouco. Mas é um dos meus favoritos, e até me lewares à vila para comprar mais... – Encolheu os ombros.

– Está bem, está bem. Que tal se formos na próxima semana? Assim que a *Bluebell* tiver parido. Podias ter ido sozinha, se não quisesses ter esperado por mim. Não te aconteceria mal nenhum...

– Não sabes isso! Prefiro esperar por ti – interrompeu-o Caroline. O mero pensamento de se dirigir a Woodward sozinha era suficiente para lhe revirar o estômago.

– Então, está bem. – Corin voltou a retirar-se para trás do seu jornal. – Então lê-me um bocado. Vamos lá descobrir o que é que ele tem de tão especial.

Caroline olhou para a página que estivera a ler. Não havia nada de muito especial nela, pensou. Nada para além daquela heroína, uma senhora civilizada do Leste, que construía uma vida para si mesma e encontrara uma enorme felicidade nas terras selvagens; fora capaz de ver a beleza onde Caroline não a via, e compreendia o seu homem de uma maneira que Caroline não conseguia. Folheou o livro como se o segredo daquilo estivesse escondido ali algures, como se lhe pudesse ensinar como assentar no Oeste, como o amar, como florescer. Mas a passagem que estava a ler

descrevia como Molly Wood decidira partir – o período negro antes do final feliz e luminoso daquela rapariga; e Caroline hesitou antes de a ler, sentada muito direita como fora ensinada e segurando o livro ao alto à sua frente, de modo que a voz não ficasse obstruída por um pescoço torcido.

– *«Aquele era o resultado decisivo da visita que o virginiano lhe fizera. Ele dissera-lhe que, dentro em breve, chegaria o seu momento. E a partir dessa altura, ela decidira fugir. Estava a fugir do próprio coração. Não se atrevia a confiar em si mesma para se encontrar frente a frente com o seu amante poderoso e indomável...»*

– Céus, tanto drama – murmurou Corin, sonolento quando Caroline terminou. Ela fechou o livro, passando as mãos por cima da capa que ficara com os cantos dobrados e amarrotada de tanto ser lida.

– Corin? – perguntou Caroline, hesitante, um pouco depois, quando o sol começava a aumentar no céu a oeste. – Estás acordado?

– Mmm... – foi a resposta ensonada.

– Dentro de pouco tempo vou entrar na posse do meu dinheiro, Corin. Sei que já to disse, mas eu... eu não disse quanto dinheiro é. É... muito dinheiro. Podíamos ir para qualquer sítio que quisesses... já não terias de trabalhar tão arduamente...

– Ir para algum lado? Porque é que haveríamos de ir para algum lado? – perguntou ele.

Caroline mordeu o lábio.

– É só que... isto aqui é tão isolado, tão longe da vila! Nós podíamos... talvez pudessemos comprar uma casa em Woodward. Eu podia passar ali uma parte da semana... Ou podíamos mudar tudo para mais perto! Eu talvez... me pudesse juntar ao círculo social...

– O que é que estás a dizer, Caroline? É óbvio que não posso mudar o rancho para mais perto da vila! O gado precisa de pastagens amplas, e a terra mais próxima da vila já foi toda entregue aos colonos.

– Mas não percebes que já não precisas de continuar a criar gado? Teremos dinheiro... muito dinheiro! – exclamou ela. Corin sentou-se e

dobrou o jornal. Olhou para a mulher, e ela encolheu-se ao ver a expressão dorida do seu rosto.

– Se eu estivesse interessado em dinheiro, teria ficado em Nova Iorque. Querida! Esta vida é tudo aquilo que sempre sonhei, desde que o meu pai me levou a Chicago quando eu era rapaz e vi o espectáculo Buffalo Bill Cody's Wild West and Congress of Rough Riders of the World, na Exposição Colombiana... Foi nessa altura que decidi vir para aqui com ele, quando ele veio à procura de abastecimentos frescos. Eu vi aqueles vaqueiros e cavaleiros, e soube que era *isto* que queria fazer com a minha vida! Para mim, ser criador não é apenas um trabalho... É a nossa vida, e esta é a nossa casa, e nem consigo imaginar que algum dia me queira mudar ou viver noutro lugar. É isso que queres? Queres viver noutro lado? Talvez nalgum sítio longe de mim? – A voz embargou-se-lhe ao fazer aquela pergunta, e Caroline levantou rapidamente os olhos, chocada por ver lágrimas a acumularem-se nos cantos dos olhos do marido.

– Não! Claro que não! *Nunca* longe de ti, Corin, é só que...

– O que foi?

– Nada. Eu só pensei... que talvez fosse mais feliz se tivesse um pouco de companhia. Talvez uma sociedade mais refinada do que aquela que tenho aqui. E... talvez se eu fosse mais feliz, pudéssemos ter por fim uma família.

Ao ouvir aquilo, Corin desviou os olhos para os currais e pareceu meditar sobre o assunto durante muito tempo. Caroline, pensando que a discussão estava terminada, voltou a afundar-se na cadeira e fechou os olhos, triste até ao âmago e exausta por aquela tentativa de dar voz aos seus medos.

– Podemos construir. Se quiseres, podemos utilizar algum do dinheiro para aumentar o tamanho da casa, e talvez arranjar uma criada. Uma governanta para ficar com o lugar da Melro, agora que ela tem de tratar do William... Talvez um gerador eléctrico. E canalização! Uma casa de banho adequada para ti, com água corrente dentro de casa... Que tal te parece? Isso iria resolver as coisas? – perguntou Corin. Soava tão magoado, tão desesperado.

– Sim, talvez. Uma casa de banho seria maravilhoso. Veremos quando o dinheiro chegar – disse ela.

– E levar-te-ei à vila dentro de muito pouco tempo. Podemos passar lá a noite, talvez até duas noites, se quiseres? Comprar todos os livros e revistas que consigamos trazer; e tenho de ir ao Joe Stone comprar esporas novas. Fui suficientemente idiota para partir o segundo par, e ainda não consegui encontrar as antigas...

– Estão em casa do Joe e da Melro. Na cabana – disse-lhe Caroline, numa voz apática.

– O quê? Como é que sabes?

– Vi-as lá, quando estava a ajudar no parto. – Odiando-se, Caroline observou-o com atenção. À procura de sinais de culpa ou vergonha, ou de um enrubescer denunciador. Em vez disso, Corin bateu com a palma da mão na testa.

– Céus, mas é claro! Emprestei-as ao Joe, há meses! No enclave fronteiro, no dia em que perseguimos aqueles ladrões... Ele partiu as dele, e como a *Strumpet* se estava a portar bem e aquele cavalo castrado dele estava a ser um bruto, dei-lhe as minhas esporas. Nunca mais me lembrei de lhas pedir, no fim daquela longa cavalgada... Estava mais que pronto para me deitar e dormir! Porque é que não me disseste nada, querida?

– Bem, eu... – Caroline hesitou, e de seguida encolheu os ombros. – Eu... esqueci-me, apenas isso. O bebé nasceu e foi uma grande distração... – Corin levantou-se de um salto.

– Rapariga esperta, que te lembraste delas agora! Vou já lá buscá-las, antes que ambos nos voltemos a esquecer. – Sorriu, e afastou-se da casa. Caroline observou-o a afastar-se, e depois levou as mãos ao rosto por todas as vezes desde o nascimento de William em que visualizara as esporas na casa de Melro; todas as vezes em que imaginara a pressa e a urgência, com a qual podiam ter sido ali esquecidas, atiradas para o canto por mãos apaixonadas no desejo de chegar àquele ninho escondido, adúltero, de cobertores.

Depois da sua sugestão para que se mudassem para a vila, e à medida que o segundo aniversário do seu casamento se aproximava, Caroline apanhou o marido a observá-la com maior atenção – talvez à procura de sinais de mal-

estar, ou de melancolia. Devia ter reparado então que Caroline se tornara cada vez mais calada e visivelmente enervada, mas havia pouco que ele pudesse fazer a esse respeito. Caroline sorriu quando ele lhe perguntou como ela estava, e ela tranquilizou-o dizendo que se sentia óptima. Não lhe disse que quando abria a porta se sentia como se pudesse cair, como se pudesse tropeçar no vazio da pradaria, sem estruturas construídas pelo homem para a ancorarem. Não lhe disse que olhar para a distância fazia com que o seu coração falhasse, e depois embatesse tão ruidosamente contra as costelas, que tinha a certeza de que Melro a conseguia ouvir. Não disse que o céu era demasiado amplo e vertiginoso para ela o olhar. Embalar William era a única coisa que a acalmava. Caroline maravilhava-se com a sua força crescente quando ele se esforçava por chegar às coisas, por agarrar e morder os seus dedos. O movimento do seu pequeno corpo contra o dela parecia encher um buraco escuro e enorme no seu interior, e Melro sorria ao ver a expressão terna do seu rosto. Mas Caroline tinha sempre de voltar a entregar o bebé à mãe, e de cada vez que o fazia o buraco no seu interior reabria-se.

As plantas no jardim murcharam e foram sufocadas pelas ervas daninhas invasoras. Vegetais não colhidos abriram-se e apodreceram ao sol. Melro concordou em se encarregar da horta, mas também ela observava Caroline com um ligeiro franzir de rosto, avaliador. Forçou Caroline a tratar de arrancar as plantas de Inverno murchas, e a preparar a horta para as colheitas de Verão.

– Tem de me dizer o que devo plantar, Mrs. Massey. Tem de me dizer onde plantar – insistia a rapariga, embora ambas soubessem que Melro era muito mais sensata no que se referia àqueles assuntos. Caroline hesitou, mas a rapariga ponca de cabelo asa de corvo, com uma insistência calma, não aceitou qualquer argumento. Enquanto Melro escavava e sachava, Caroline permanecia sempre na sombra da casa, as mãos atrás das costas, encostada à madeira rugosa da parede como se em busca de apoio. Melro deu um salto para trás com um arquejo quando descobriu uma cascavel num abrigo criado pelas folhas mortas, mas depois matou-a habilidosamente

com a enxada e atirou o corpo flácido do réptil para o lado. – Agora, veja lá, se a senhora branca tivesse feito isto no jardim do Eda! – disse em voz alta a Caroline, a rir-se. Mas a violência deixou Caroline enjoada.

– Éden – sussurrou. – Era o Jardim do Éden. – Voltou a entrar em casa sem dizer mais nenhuma palavra, os seus dedos sempre a tocar nas paredes da casa.

Uma noite, Caroline viu Corin a deter Melro quando a rapariga, com William às costas, se dirigia para a cabana onde iria preparar outro jantar e tratar de outra casa. Manteve-se parada junto da janela e conteve a respiração enquanto Corin corria atrás de Melro, pousando uma mão ao de leve no seu braço para a deter. Caroline arrebitou as orelhas como se conseguisse ouvir o que o marido estava a perguntar, pois até mesmo do interior da casa conseguia ver interrogações, escritas por todo o seu rosto. Melro respondeu-lhe com o seu habitual modo contido. Sem gestos, sem expressões denunciadoras – ou, pelo menos, nenhuma que Caroline conseguisse ler. Quando Corin soltou a rapariga e recomeçou a andar em direcção a casa, Caroline afastou-se da janela e começou a servir a refeição que Melro lhes preparara. Estufado de milho assado, com fatias grossas de rosbife e pão quente.

Era óbvio que Corin ficara perturbado com alguma coisa que Melro lhe dissera. Caroline sentiu uma ponta de ressentimento em relação à rapariga, mas sorriu ao colocar a comida na mesa, a querer que se sentisse reconfortado, a querer que não se preocupasse com ela, porque Caroline não sabia aquilo que haveria de responder se ele lhe perguntasse se era feliz. Mas, ao sentarem-se para jantar, ele perguntou-lhe:

– Sabes, querida, acho que devias aprender a montar e saíres comigo um dia destes, para veres mais da terra onde vivemos. Não há nada que me anime mais do que uma corrida rápida pela pradaria, com o vento a empurrar-nos e a velocidade de um bom cavalo... – Mas calou-se, porque Caroline estava a abanar a cabeça.

– Eu não posso, Corin! Por favor, não me peças isso... Eu tentei! Os cavalos assustam-me. E eles sabem-no. O Hutch diz que eles se apercebem

da maneira como uma pessoa se sente, e que isso faz com que se portem mal...

– Mas tu também tinhas medo do Joe e da Melro, até eu tos apresentar. Agora já não tens medo deles, pois não?

– Bem, não... – concordou ela, relutante. Claro que já não temia Melro, mas das raras vezes em que Joe ia até à casa para falar com Corin, ou para entregar abastecimentos que trouxera de Woodward, ainda se formava um nó de tensão no seu estômago. O seu rosto parecia-lhe feroz, independentemente do que Corin dizia. As suas feições revelavam violência e selvajaria.

– Bom, então com os cavalos é a mesma coisa. Aquela égua que montaste, *Clara*. Ora, ela é tão meiga como um cordeiro! E aquela sela de senhora que te comprei está lá no barracão a encher-se de teias de aranha... A estação está agora a mudar, o tempo está melhor... Se apenas saíesses comigo e visses a beleza das terras virgens de Deus...

– Não posso! Por favor, não me tentes forçar! Sinto-me muito mais feliz aqui... – No entanto, será que o és? – perguntou ele. Caroline remexeu a sopa com a colher e não respondeu. – A Maggie disse-me... – interrompeu-se.

– O quê? O que é que ela te disse a meu respeito?

– Que não queres sair. Que ficas dentro de casa, e és demasiado silenciosa, e que ela tem muito mais trabalho para fazer. Caroline... eu...

– O quê? – voltou a perguntar, receando ouvir aquilo que ele iria dizer.

– Eu só quero que sejas feliz – disse Corin, num tom lamentoso. Fixou-a de olhos muito abertos, e Caroline não viu nada neles para além de verdade e amor, e voltou a odiar-se por ter pensado que ele a poderia trair, poderia ter repudiado o seu corpo infértil para fazer um filho noutro lado.

– Eu... – começou ela, mas não conseguiu pensar em nada para dizer. – Eu também quero ser feliz – sussurrou.

– Então, por favor, diz-me. Diz-me aquilo que posso fazer para que sejas feliz! – implorou Corin. Caroline não respondeu. O que é que poderia dizer? Ele fizera tudo que um homem podia fazer para lhe dar um filho, mas

ela não conseguira conceber. Ele amara-a, casara com ela, e dera-lhe uma nova vida, e Caroline não lhe podia voltar a pedir para ele desistir dessa vida. – Vamos nadar. Vamos ter outra lua-de-mel. Vamos... este domingo. Deixamos o rancho, deixamos o trabalho... só tu e eu, meu amor. E desta vez fazemos um bebé, eu sei que sim. O que é que achas? – incitou-a ele. Caroline abanou a cabeça, e sentiu um tremor a sacudi-la até ao âmago. Percebeu que era demasiado tarde. Demasiado tarde para a sua segunda lua-de-mel na lagoa. Ela nunca poderia regressar àquela lagoa, agora já não. Era demasiado afastada, o caminho demasiado aberto; agora aquilo era demasiado para ela, demasiado assustador. Mas o que é que restava? Que mais poderia ela sugerir?

– Promete-me... promete-me apenas que nunca me deixarás – acabou por dizer. Corin envolveu-a nos braços e apertou-a com força, com um desespero silencioso e impotente.

– Eu *nunca* te deixarei – sussurrou ele.

Na primeira noite quente de Junho, Caroline acordou na escuridão com a transpiração a arrefecer-lhe entre os seios, a acumular-se na concavidade da barriga e a colar-lhe o cabelo à testa. Estivera a sonhar que acordara sozinha, nas pastagens, como se tivesse adormecido naquele dia em que partira para o rancho dos Moore e não tivesse acordado depois disso. Não havia casa, nem rancho, nem pessoas, nem Corin. Ela mantinha-se imóvel e ouvia o sangue a correr apressado nos ouvidos, ouvia a sua própria respiração à medida que esta abrandava, se tornava silenciosa. Os braços começaram a ficar arrepiados. Olhou para o lado, para a silhueta reconfortante de Corin, delineada na luz cinzenta que vinha das portadas. A canção do coioite que sempre assombrara a noite ecoou no exterior, estendendo-se sem obstáculos por quilómetros, sem limites nem fronteiras. Caroline fechou os olhos e tentou abstrair-se do som. A alma tremia-lhe só de o ouvir, ao acordar de um tal sonho, de um tal pesadelo. Falava-lhe, uma e outra vez, da vastidão no exterior das paredes; da terra vazia, impiedosa.

E então, de repente, Caroline enfrentou aquilo que há muito sabia, mas que se recusava a reconhecer. Era ali que ela vivia. Ali estava o seu marido, ali estava a sua vida, e era isso. Nenhuma mudança, nenhuma alteração; Corin dissera-lho. E nenhum filho. Já há dois anos que ela e Corin tinham casado, e o facto de não conceberem uma criança decerto que não se devia à falta de tentativas. Ela iria ver Melro e Joe criarem uma ninhada, pensou; e nunca teria um filho dela. Seria insuportável. Se Melro voltasse a conceber, ela não seria capaz de a ter na casa durante todo o dia. Assim, teria de ficar naquela casa vazia enquanto Corin se ausentava a vender ou a comprar gado, a entregar puros-sangues ao seu novo proprietário, ou a discutir o preço do trigo em Woodward. Aquela casa vazia naquela terra vazia, durante o resto da vida. *Vou enlouquecer*, apercebeu-se Caroline, vendo claramente que aquilo iria acontecer, como palavras impressas a passarem-lhe à frente dos olhos. *Vou enlouquecer*. Sentou-se com um grito e bateu com as mãos nos ouvidos, para bloquear os uivos e o silêncio ressoante por trás deles.

– O que é que se passa? O que é que aconteceu? Estás doente? – perguntou Corin numa voz arrastada, despertando do seu sono. – O que é que se passa, querida? Tiveste um pesadelo? Por favor, diz-me! – suplicou, agarrando-lhe as mãos para evitar as pancadas que ela estava a fazer chover em cima de ambos.

– Eu apenas... eu apenas... – arquejou ela, de voz embargada e a abanar a cabeça.

– O quê? Diz-me!

– Eu só... não consigo dormir com aqueles *malditos* coiotes a guincharem durante toda a noite! Eles *nunca* desistem? Toda a noite! Todas as noites! Estão a dar comigo em *doida*! – gritou Caroline, olhos selváticos de fúria e medo. Corin absorveu aquilo, e depois sorriu.

– Sabes que é a primeira vez que te oiço praguejar? – disse, soltando-a, e afastando-lhe o cabelo despenteado da face. – E tenho de admitir que o fizeste muito bem! – Sorriu. Caroline parou de chorar. Olhou para a sombra

do seu sorriso na escuridão, e uma calma estranha abateu-se sobre ela; a apatia de um sono exausto, a dominá-la em segundos.

Na manhã seguinte e antes do pequeno-almoço, Corin saiu por instantes e depois regressou, a sorrir à mulher com um brilho nos olhos. Os olhos de Caroline estavam inchados e ardiam. Continuou a fazer o pequeno-almoço em silêncio, mas queimou os grãos de café na chaleira, e a bebida resultante era amarga e granulosa. Aqueceu um pouco de papas de feijão da noite anterior, e fez uma fornada de biscoitos achatados para acompanhar; Corin engoliu tudo aquilo com uma enorme voracidade. Pouco depois, ouviu-se um grito vindo do exterior. Caroline abriu a porta para se deparar com Hutch e Joe lá fora, montados nos seus cavalos baios, as carabinas espetadas nas selas e as pistolas nas ancas. Joe segurava as rédeas de *Strumpet* e a égua preta também estava selada, pronta a partir.

– Pensei que hoje não ias sair a cavalo. Pensei que fosses consertar as vedações – disse Caroline ao marido, a sua voz muito baixa depois da sua fúria nocturna.

– Bem – disse Corin, engolindo o resto do café, apenas com o mais ligeiro dos esgares e saindo de casa –, há uma pequena viagem que resolvi fazer, assim de repente.

– Onde é que vais?

– Vamos... – Corin ergueu-se para a sela – caçar alguns coiotes. – Sorriu. – Tens toda a razão, Caroline... Há demasiados a viverem perto do rancho. Já perdemos algumas galinhas; tu já perdeste algumas noites de sono. E está um belo dia para um pouco de desporto! – exclamou, fazendo *Strumpet* virar-se num círculo apertado. A égua empinou-se e resfolegou, ansiosa.

– Oh, Corin! – disse Caroline, comovida pelos esforços que ele fazia por ela. Os homens inclinaram os chapéus na sua direcção, e com um assobio e um ressoar de cascos partiram, deixando atrás de si apenas rastos na areia.

À hora de almoço, o céu ficara carregado, enchendo-se de nuvens densas que rolavam a uma grande velocidade, vindas de noroeste. Na cozinha, Caroline sentou-se à mesa com Melro, a descascar ervilhas enquanto William dormia silenciosamente junto dos pés da mãe. De vez em quando,

remexia-se e gemia como se estivesse a sonhar; e embora aquilo fizesse Melro sorrir, provocava uma dor no coração de Caroline, como se estivesse frio. Quanto mais tempo passaria, perguntou-se, antes que aquele frio se tornasse irrevogável e o seu coração se perdesse, tal como três dos dedos dos pés de Hutch se tinham perdido para ele? Melro parecia estar a sentir a sua tristeza. Por fim, a rapariga ponca falou.

– Nuvem Branca é uma mulher muito sábia – disse ela. Na imobilidade da casa, o estalido das cascas verdes e o matraquear das ervilhas a caírem no alguidar era ruidoso. Caroline esperou que Melro continuasse, sem ter a certeza de como haveria de responder àquela afirmação. – Ela sabe fazer muitos remédios – concluiu Melro, por fim. Caroline levantou os olhos e Melro fitou-a, com olhos pretos e firmes.

– Oh? – disse Caroline, com todo o interesse delicado que conseguiu encontrar.

– Nos tempos antigos, quando ela vivia entre o nosso povo, nas terras muito a norte deste lugar, muitas ponca iam ter com ela em busca de conselho. Muitas *mulheres* iam ter com ela – disse Melro, enfática. Caroline sentiu o calor a picar-lhe as faces, e levantou-se para acender um candeeiro na tarde enevoada. O brilho amarelo incidiu sobre as tranças brilhantes e a pele morena. Caroline sentiu uma espécie de presságio, como se Melro fosse real e ela nem tanto. Não completamente inteira, não inteiramente feita de carne. O candeeiro não a iluminava da mesma maneira.

– Achas... que a Nuvem Branca me ajudaria? – perguntou, a sua voz pouco mais do que um sussurro. Nesse momento, Melro olhou-a com uma grande compaixão e Caroline baixou os olhos, observando as ervilhas enquanto estas se desfocavam perante os seus olhos.

– Posso perguntar-lho. Se a senhora quiser que eu lho pergunte – respondeu Melro, suavemente. Caroline não conseguia falar, mas assentiu.

Mais tarde, Caroline levantou-se e olhou pela janela quando as primeiras gotas de chuva começaram a cair. Não era uma chuvada violenta, apenas um ensopar contínuo que caía a direito do céu. Nem uma brisa soprava. Caroline ouviu o bater da chuva no telhado, o gorgolejar de água nas

goteiras enquanto estas escorriam para a cisterna. Demorou um bocado a perceber o que a estava a perturbar. A chuva começara a cair devagar, vinda de noroeste, da mesma direcção na qual os homens tinham partido. Eles deviam ter visto aquela chuva a aproximar-se, a lançar um véu cinzento sobre o horizonte. A chuva tê-los-ia apanhado muito antes de atingir o rancho, e no entanto eles ainda não tinham regressado. Não haveria nenhuma caçada com chuva como aquela, e já era tarde. Melro pusera um guisado de coelho no fogão e partira, há mais de uma hora. A mesa estava posta, o guisado pronto. Caroline esfregara as unhas para tirar as manchas das cascas de ervilha. Manteve-se junto da janela, e a sua ansiedade aumentou a cada gota de chuva que caía.

Quando, por fim, pensou ter visto cavaleiros a aproximarem-se, a luz do fim de dia era fraca e fez com que fosse difícil distingui-los. Mas conseguiu ver apenas dois chapéus. Apenas dois cavaleiros, e não um terceiro. O coração bateu-lhe fortemente no peito – não rapidamente, apenas com força. Um apertar firme, lento que era quase doloroso. Apenas dois chapéus; e, à medida que eles se aproximavam, viu dois cavalos de pêlo claro e nenhum preto.

*Pois fui criado
Na grande cidade, entre claustros sombrios
E não vi nada de belo a não ser
o céu e as estrelas.*

SAMUEL TAYLOR COLERIDGE,
Geada à Meia-Noite

5

No Boxing Day⁴, acordo ao som de vozes na cozinha, o chocalhar da chaleira no fogão, a torneira a correr, água a percorrer os canos na parede junto da minha cama. Assemelha-se tanto às manhãs da minha infância nesta casa que me deixo ficar deitada durante mais um momento, com a sensação atordoante de que voltei atrás no tempo. Calculo que sou a última a levantar-me, como também era habitual. Ainda cheia e pesada da refeição abundante de ontem, subo até ao sótão de roupão, tiro a argola de osso da arca de Caroline e levo-a para baixo comigo. O cheiro a café e a *bacon* frito sente-se nas escadas; e contra toda a lógica, o meu estômago resmunga.

Estão os quatro sentados à mesa, que está devidamente posta com pratos e talheres, canecas de café e uma cafeteira enorme, uma travessa de *bacon* e ovos, torradas impecavelmente empilhadas num prato. Estas idiossincrasias das gerações anteriores enchem-me de ternura. Eu nunca pensaria em pôr a mesa do pequeno-almoço, em colocar as torradas num suporte. As quatro pessoas que mais amo no mundo sentadas a uma mesa cheia. Encosto-me por instantes à ombreira da porta, e desejo que pudesse ser sempre assim. Vapor quente no ar; a máquina de lavar loiça a remoer o seu ciclo ruidoso.

– Ah! Decidiste brindar-nos com a tua presença – sorri o meu pai, servindo-me café.

– Dá-me um desconto, pai, são apenas nove horas – bocejo. Avanço lentamente para a mesa e deslizo para um banco.

– Eu já saí, e trouxe carradas de madeira – gaba-se Eddie, barrando creme de chocolate numa torrada.

– Exibicionista – acuso-o.

– Ed, queres um bocadinho de pão para acompanhar a *Nutella*? – pergunta Beth, enfaticamente. Eddie sorri-lhe, dá uma dentada enorme que lhe deixa

nas faces um sorriso de chocolate.

– Dormiram bem? – pergunto aos meus pais. Ficaram no mesmo quarto de hóspedes de sempre. Tantos quartos entre os quais escolher, e todos nós ocupámos quartos habituais, como crianças bem-comportadas.

– Muito bem, obrigada, Erica.

– Toma, mãe, esta é a campainha de que te falei, aquela que encontrei nas coisas da Caroline. – Estendo-lhe a argola. – O aro parece ser de osso, ou qualquer coisa desse género.

A minha mãe revira a argola na mão, olha-me incrédula.

– Não é uma campainha, sua tola, é uma argola de dentição. É bem bonita. Isto é marfim, não osso... e a campainha de prata serve de chocalho. Aumenta o interesse.

– Uma argola de dentição? A sério?

– Sim, muito antiquada; mas é isso que é.

– Vi uma parecida com essa no programa *The Antiques Roadshow*, e não foi há muito tempo – acrescenta o meu pai.

– Marfim e prata, devia ter sido um miúdo bem rico – observa Eddie, a mastigar uma dentada da torrada.

– Era do Clifford? Lembras-te? – pergunto. A minha mãe franze ligeiramente a testa.

– Não, confesso que não me lembro. Mas posso ter-me esquecido. Ou... – Estende a mão por trás dela, e tira o papel com a árvore genealógica de cima do aparador. – Olha para o intervalo entre o casamento da Caroline e o nascimento da Meredith... Sete anos! Isso é bastante invulgar. Aqui está a minha tia-avó, Evangeline, morreu antes do seu primeiro aniversário, pobre criança. – Aponta para o nome que precede o de Meredith, a data lamentosamente curta escrita entre parênteses por baixo dele. – Dois bebés em sete anos não são muitos. Talvez ela tivesse tido um filho que morreu antes de ter a Meredith, e essa argola tivesse pertencido ao pobre pequeno.

– Talvez. Mas ele não estaria na árvore genealógica, mesmo que tivesse morrido?

– Não necessariamente. Não se tivesse nascido prematuro, ou se tivesse nascido morto – reflecte a minha mãe. – Sei que a Meredith perdeu um bebé antes de eu ter nascido. Essas coisas podem ser de família.

– Talvez possamos falar de outra coisa à mesa do pequeno-almoço? – diz Beth, em voz baixa. A minha mãe e eu calamo-nos, com expressões culpadas. Beth também perdeu uma criança muito no início da gravidez, antes de Eddie nascer. Pouco mais era do que um clarão de vida, mas a sua ausência repentina foi como se uma luz minúscula e brilhante se tivesse apagado.

– Então, o que é que vamos fazer hoje? – pergunta o meu pai, servindo-se de mais ovos mexidos. – Eu, para já, preciso de esticar um pouco as pernas, de andar depois dos excessos de ontem.

– Para arranjares espaço para os excessos de hoje, David? – observa a minha mãe, a olhar para o seu prato.

– Exacto! – concorda ele, alegremente.

Hoje o dia está mais claro, mas nuvens cinzentas perseguem-se a um ritmo firme e o vento é frio, penetrante. Seguimos por um caminho que atravessa a vila, em direcção a oeste, passando pela pequena igreja de pedra aninhada numa encosta baixa e repleta das pedras tumulares de gerações dos mortos de Barrow Storton. No canto mais afastado encontra-se o talhão dos Calcott e, numa sintonia silenciosa, avançamos nessa direcção. Tem cerca de dois metros de largura, e o mesmo de comprimento. Uma cama fria de sobras de mármore, para a nossa família repousar. Henry, Lord Calcott, está ali dentro, tal como Caroline, com a filha bebé que perdeu antes do nascimento de Meredith. Evangeline. E agora, Meredith juntou-se a eles. E tão recentemente que aquilo que resta das flores ainda se encontra ali num pequeno vaso de latão, e a gravação do seu nome na pedra ainda está nítida e fresca. Não consigo evitar pensar que ela teria preferido ter um lugar só para si, ou deitar-se ao lado do seu marido Charles, do que passar a eternidade enfiada ao lado de Caroline, mas agora é demasiado tarde. Estremeço, e faço uma jura silenciosa de que nunca me deitarei nesta sepultura familiar claustrofóbica.

– Presumo que se a Caroline tivesse tido um filho, ele teria sido enterrado aqui, não teria? – pergunto, quebrando o silêncio. Beth solta um suspiro exasperado e afasta-se até ao lugar onde Eddie está a trepar por cima dos espigões do portão de entrada do cemitério.

– Presumo que sim. Mas, quem sabe? Se ele fosse muito pequeno talvez lhe tivessem dado uma sepultura infantil – responde a minha mãe.

– Como é que seria?

– Como uma sepultura normal, só que com uma pedra tumular mais pequena, regra geral com um anjo algures... ou um querubim – diz ela. O meu pai olha-me de lado.

– Devo dizer que de repente pareces estar muito interessada nisto tudo – diz ele.

– Não, eu só... tu sabes. Nunca consegui aguentar um mistério por resolver. – Encolho os ombros.

– Então, receio que tenhas nascido na família errada.

– Ei, Eddie! – chamo-o. – Procura túmulos pequenos com anjos, e o nome Calcott! – Eddie dirige-me uma saudação elegante, e começa a trotar por entre as fileiras de pedras. Beth cruza os braços e fulmina-me com o olhar.

– Podemos, por favor, deixar de procurar bebés mortos? – grita ela, o vento a apanhar-lhe a voz.

– Dá-me cinco minutos! – grito em resposta.

– Talvez devêssemos continuar, Erica? – diz a minha mãe, num tom reservado.

– Cinco minutos – repito.

Passo os olhos ao longo das fileiras de pedras, na direcção oposta àquela que Eddie seguiu, mas todas parecem ser de tamanho normal.

– Às vezes, há uma zona especial para as crianças... – A minha mãe fixa os olhos no canto mais afastado do cemitério. – Experimenta ali... Estás a ver? Debaixo daquela faia. – Avanço rapidamente até ao lugar onde o vento se agita por entre os ramos nus, soando como o mar. Ali, encontram-se talvez umas quinze ou vinte sepulturas. Nas mais antigas há pequenos querubins, as suas feições turvas pelos líquenes, braços gorduchos a

abraçarem, desesperançados, as lápides. Também há umas duas pedras mais recentes, com ursinhos em vez de anjos; guardiões menos celestiais, que de certo modo parecem deslocados. Mas suponho que seja essa a intenção. Uma criança não tem lugar num cemitério. Vidas que não tiveram a oportunidade de começar, perdas que devem ter despedaçado as almas dos pais. Todos aqueles corações partidos também estão ali enterrados, ao lado dos corpos minúsculos que os quebraram. É uma visão melancólica e eu perscruto apressadamente nomes e datas, e depois afasto-me daquele grupinho triste com um arrepio.

Anteriormente nunca achei as sepulturas macabras, nem particularmente deprimentes. Gosto das expressões de amor nas pedras, as declarações silenciosas da existência das pessoas, da sua importância. Quem sabe que sentimentos secretos jazem atrás das listas esculpidas de filhos, irmãos e cônjuges sobreviventes – ou se as recordações que tinham eram mesmo de amor. Mas há sempre a esperança de que cada vida passageira tivesse tido algum significado para aqueles que ficaram para trás; lançam um rasto vaporoso de influência e emoção, que se vai desvanecendo ao longo dos anos.

– Alguma coisa? – pergunto a Eddie.

– Não. Há ali um anjo, mas a senhora tinha setenta e três anos, e chamava-se Iris Bateman.

– Agora, já podemos ir? – diz Beth, impaciente. – Se estás assim tão desesperada por saber se ela teve um filho, procura no registo de nascimentos, casamentos e óbitos. Agora já está tudo online.

– Talvez ela tivesse sido casada antes, na América – diz a minha mãe, pegando no meu braço num gesto conciliatório. – Talvez o bebé da fotografia tivesse morrido lá, antes de ela ter vindo para cá.

A norte da vila encontra-se uma rede de carreiros de acesso a quintas e caminhos equestres, que serpenteiam por entre os campos invernosos e pardacentos. Seguimos por um caminho circular, numa passada rápida, caminhando aos pares para passar pelos carreiros mais estreitos. Eddie recua até se encontrar ao meu lado. Vai partir hoje, da parte da tarde. Olho

para o seu rosto vivo, o seu cabelo sujo, e sinto uma onda de afecto. Durante um segundo, sinto uma emoção tão estranha e desesperada que paro para pensar naquilo que Beth deve estar a sentir. Como se me tivesse lido os pensamentos, Eddie fala.

– A mãe vai ficar bem? – Um tom cuidadosamente neutro, que ele é demasiado jovem para ter desenvolvido.

– Sim, claro – digo-lhe, com o máximo de certeza que consigo encontrar.

– É só que... quando o pai me veio buscar da última vez, antes do Natal, ela parecia... mesmo infeliz com isso. Está outra vez a ficar magra. E agora, ainda há pouco, estava mesmo irritada contigo...

– As irmãs irritam-se umas com as outras, Eddie. Isso não é nada de extraordinário! – Encontro uma gargalhada artificial, e Eddie lança-me um olhar acusador. Desisto da falsidade. – Desculpa – digo. – Olha, é só que... é difícil para a tua mãe regressar a esta casa. Ela falou-te do testamento da tua bisavó? Que só podemos ficar com a casa se viermos as duas viver para cá? – Ele anui. – Bem, foi por isso que viemos. Para ver se gostaríamos de viver aqui.

– Porque é que ela a odeia tanto? Porque o vosso primo foi raptado... e ela tem saudades dele?

– É possível... possivelmente, tem alguma coisa a ver com o Henry. E o facto é que, bem, este lugar está agora no nosso passado, e por vezes pode ser errado tentar viver no passado. Para te ser sincera, acho que não viremos viver para aqui, mas vou tentar fazer com que a tua mãe fique cá, pelo menos durante mais algum tempo. Mesmo que ela não o queira fazer.

– Mas porquê?

– Bem... – Esforço-me por encontrar uma maneira de lhe explicar. – Lembras-te daquela vez em que o teu dedo inchou até ficar com o tamanho de uma salsicha, e estava tão dorido que nem sequer deixavas que o examinássemos devidamente, mas ele não ficava bom, e tivemos mesmo de o ver e tinha uma farpa metálica espetada?

– Sim, lembro-me. Parecia que ia explodir. – Faz uma careta.

– Assim que tirámos a farpa ficou logo bom, não foi? – Eddie assente. – Bem, eu acho que a tua mãe não se... cura, porque tem uma farpa. Não de metal, e não no dedo, mas tem uma espécie de farpa dentro dela, e é por isso que não consegue melhorar. Eu vou tirar-lhe a farpa. Vou... descobrir o que é e livrar-me disso. – Espero soar calma, confiante naquele objectivo, quando aquilo que sinto é desespero. Se acreditasse em Deus, eu estaria neste exacto momento a fazer todo o tipo de acordos fervorosos. *Faz com que a Beth fique boa. Faz com que seja feliz.*

– Como? Porque é que tens de estar aqui para fazer isso?

– Porque... acho que foi aqui que ela apanhou a farpa – digo.

Eddie reflecte sobre aquilo em silêncio durante um bocado, o rosto marcado por rugas de preocupação que odeio ver.

– Espero que consigas. Espero que consigas descobrir o que é – acaba por dizer. – Vais descobrir, não vais? E ela vai melhorar?

– Prometo-te, Ed – digo-lhe. E agora não posso falhar. Não posso permitir que saiamos daqui sem qualquer tipo de resolução. O peso da minha promessa abate-se sobre mim como uma grilheta.

*

Os nossos pais partem pouco depois do almoço, e à hora do chá Maxwell também vem buscar Eddie. Maxwell está mal-humorado, com manchas de excessos nas faces. Parece evasivo. Carrego sacos de presentes até ao porta-bagagens, Beth a observar-me sombriamente como se eu estivesse a conspirar com o rapto do seu filho.

– Até breve, Edderino – digo.

– Então, adeus, tiazinha Rick – diz ele, e sobe para o assento traseiro. Está calmo, resignado. Vai de um lugar onde é bem acolhido para outro; é um rapaz prático, não se aflige. Deixa-se ser conduzido, e finge não reparar na angústia de Beth. Há o mais ligeiro dos indícios de crueldade nisto, como se ele tivesse a intenção de dizer, «Tu criaste esta situação, tu fizeste com que as coisas fossem desta maneira».

– Disseste ao Harry que era hoje que te ias embora? – pergunto-lhe, debruçando-me sobre o carro.

– Sim, mas talvez tenhas de lho voltar a dizer, se o vires por aí. Não tenho a certeza se ele me estava a prestar muita atenção.

– Ok. Depois liga à tua mãe, sim? – Mantenho a voz baixa.

– Claro – murmura ele, a olhar para as mãos.

As luzes do carro brilham, vermelhas, quando se afastam pelo caminho de acesso à casa. Beth e eu mantemo-nos no mesmo sítio a acenar como idiotas, até o carro desaparecer de vista. As nossas mãos caem, numa sintonia quase perfeita. Nenhuma de nós quer voltar para a casa, agora que este evento está terminado. Natal. A preparação da casa, o alimentar e entreter Eddie, e os nossos pais. E agora? Nenhuma data limite, nenhum calendário. Nada para nos guiar a não ser nós mesmas. Olho de soslaio para Beth, vejo minúsculas gotas de água a enfeitarem o cabelo que lhe emoldura o rosto. Nem sequer lhe posso perguntar o que é que ela quer almoçar, nem sequer posso impor esse futuro próximo sobre nós. A casa está a rebentar de restos de comida, prontos para serem mastigados.

– O Eddie é estupendo, Beth. Fizeste um excelente trabalho – digo-lhe, precisando de quebrar o silêncio. Mas há algo gelado e triste nos olhos de Beth.

– Não tenho a certeza de quanto será meu – diz ela.

– Todas as melhores partes – respondo. Pego-lhe na mão, e aperto-lha. Ela abana a cabeça. Viramo-nos e entramos em casa, sozinhas.

Quando ela está assim tão calada, quando está tão pálida e imóvel como uma estátua, lembro-me dela no hospital. Pelo menos não fui eu que a encontrei. Tenho apenas as descrições de Eddie, e formo imagens mentais. Ela estava no seu quarto, deitada de lado, dobrada pela cintura como se tivesse estado sentada e depois tivesse caído. Eddie contou-me que não lhe conseguia ver o rosto. O cabelo caíra para cima dele. Ele disse-me que não soube quanto tempo ficou parado antes de se aproximar dela, porque estava com demasiado medo de lhe afastar o cabelo, de ver o que estava por baixo. A sua mãe, ou a sua mãe morta. Claro que nem precisava de lhe ter tocado.

Podia ter-se limitado a chamar uma ambulância. Mas ele era uma criança, um rapazinho. Queria ser ele mesmo a resolver as coisas. Queria tocar-lhe e descobrir que ela estava a dormir, apenas isso. A coragem que teve de encontrar. Para o fazer, para lhe afastar o cabelo. Sinto tanto orgulho nele que até dói.

Ela tomara um monte de comprimidos de dormir, e depois tentara cortar os pulsos – com uma faca de aparar, de lâmina curta, com a qual a vira mais do que uma vez a cortar bananas para os cereais de Eddie –, mas a conclusão a que se chegou foi que ela hesitara. Hesitara talvez porque o primeiro corte, bastante mau mas não suficientemente fundo para causar algum dano real, a magoara mais do que ela esperara. E enquanto hesitava, os comprimidos dissolveram-se na corrente sanguínea e desmaiara. Cortara os pulsos da maneira errada. Na horizontal através dos vasos e tendões, em vez de paralelamente, como qualquer suicida decidido, hoje em dia, sabe. Os médicos chamaram-lhe mais um pedido de ajuda do que uma verdadeira tentativa de suicídio, mas eu sabia que não era assim. Irrompi pelo hospital, esperei que lhe fizessem uma lavagem ao estômago. À minha frente, do outro lado do corredor, encontrava-se uma janela com os estores corridos. O meu reflexo olhou-me. Sob aquela luz esverdeada, eu parecia estar morta. Cabelo escorrido, rosto descaído. Enfiei moedas numa máquina; ela expeliu chocolate quente e aquoso para Eddie. Depois Maxwell apareceu e levou-o.

Quando ela acordou fui vê-la, e só quando cheguei junto dela é que percebi como estava zangada. Tão zangada com ela. Mais zangada do que alguma vez estivera.

– O que é estavas a fazer? E o Eddie? – Foram essas as minhas primeiras palavras. A cair sobre ela, como uma armadilha.

Uma enfermeira com cabelo cor de areia clara olhou-me com uma expressão carrancuda, e disse, «A Elizabeth precisa de descansar», num tom admoestador, como se a conhecesse melhor do que eu. Havia uma nódoa negra no queixo de Beth, círculos arroxeados à volta dos seus olhos, nas suas faces. *E eu?*, quis acrescentar. Magoada por ela me ter querido deixar. A mesma sensação como quando ela fugia com Dinny, a aumentar como

uma avalanche ao longo dos anos. Ela não me respondeu. Começou a chorar e o meu coração partiu-se, fez com que a minha fúria se escoasse. Peguei numa madeixa emaranhada do seu cabelo e comecei a desembaraçar os nós com a ponta dos dedos.

Já há muito tempo que não falo com a minha tia Mary, quanto mais pelo telefone. Ainda me sinto relutante em fazê-lo, mas agora tenho algo para tratar. Comecei a saber de coisas, comecei a desvendar segredos. Se continuar, mais cedo ou mais tarde, chegarei àqueles que procuro. Mexo-me desconfortavelmente na cadeira, enquanto espero ouvir a voz de Mary. Ela sempre foi discreta, silenciosa; tão branda e fraca que, metade das vezes, nem sequer reparávamos que ela lá estava. Uma mulher de pele rosada, com cabelo e olhos claros. Blusas bonitas enfiadas em saias bonitas. Era um choque ouvi-la gritar; ouvir os seus gritos, choro e imprecações depois do desaparecimento de Henry. Depois quando parou, tornou-se ainda mais silenciosa do que antes, como se tivesse usado todo o som que possuía numa única erupção. A sua voz é aflautada e baixa, tão frágil como um lenço de papel molhado.

– Fala Mary Calcott. – Tão hesitante, como se não tivesse bem a certeza.

– Olá, tia Mary, é a Erica.

– Erica? Oh, olá, minha querida. Feliz Natal. Bem, suponho que agora seja um pouco tarde para isso. Feliz Ano Novo. – Há pouca convicção por detrás daquelas palavras. Pergunto-me se ela nos odeia por termos sobrevivido quando Henry não o fez. Por estarmos aqui para a recordarmos disso.

– Para si também. Espero que esteja tudo bem. Não veio com o Clifford buscar todas aquelas coisas que queria da casa?

– Não, não. Bem, tenho a certeza que compreendes que Storton Manor é... não é um lugar fácil para mim. Não é um lugar em que goste de pensar com frequência, quanto mais regressar – diz-me, delicadamente. Não me consigo afeiçoar a ela. Falar da perda do filho em termos tão frouxos, como se fosse um acidente embaraçoso que fosse melhor esquecer. Sei o quanto estou a ser injusta. Sei que ela já não é uma pessoa completa.

– Claro. – Esforço-me por encontrar mais banalidades para dizer, mas falho. – Bem, o motivo por que estou a ligar, e espero que não se importe que lho pergunte, é porque estava interessada em lhe espicaçar um pouco a memória acerca daquela pesquisa à árvore genealógica da família que a tia fez há dois anos.

– Ai sim?

– É que, sabe, encontrei uma fotografia da Caroline datada de 1904, tirada em Nova Iorque...

– Bem, isso parece-me correcto. Ela chegou a Londres no final de 1904. É difícil ter a certeza absoluta da data.

– Sim. O que se passa é que tem uma criança com ela na fotografia. Um bebé que parece ter cerca de seis meses, ou perto disso. Apenas me interroguei, se poderia ter alguma ideia a respeito de quem poderá ser o bebé?

– Uma criança? Bem. Não me estou a lembrar. Isso não pode estar certo.

– Ela foi casada anteriormente, nos Estados Unidos? É só que, pela maneira como ela está a segurar o bebé... A mim, parece-me um retrato de família. Ela parece tão orgulhosa... É que, sabe, parece-me que o bebé é dela.

– Oh, não, Erica. Isso não pode estar certo. Deixa-me só ir buscar o *dossier*. Um momento. – Oíço um sussurrar, a porta de um aparador a chiar.

– Não, tenho aqui a cópia da certidão de casamento de Sir Henry Calcott, e diz claramente, na coluna de «estado civil», que ela era solteira. Uma solteirona aos vinte e um! Não parece ser um rótulo muito adequado, pois não?

– Será que era... divorciada, ou qualquer coisa desse género? – pergunto, num tom duvidoso.

– Santo Deus, não. Isso era muito raro naqueles tempos e com aquela idade, e de certeza que se isso acontecesse seria muito falado. Ou mencionado na ocasião do seu segundo casamento. A criança deve ser filha de outra pessoa.

– Oh. Bem, obrigada...

– Claro que a Caroline sempre foi bastante reservada quanto aos seus anos de juventude, na América. Tudo que se conseguiu descobrir foi que ela cresceu sem qualquer família próxima, e que veio para Inglaterra para começar uma nova vida quando entrou na posse do seu dinheiro. Casou com o Henry Calcott pouco tempo depois de o conhecer o que, sempre achei, talvez mostre até que ponto a pobre rapariga se sentia sozinha. – Com esta, já são duas vezes que ela disse o nome dele.

– Sim, parece que foi isso. Bem, de qualquer maneira, obrigada por ter procurado o que lhe pedi.

– De nada, Erica. Achas que te posso pedir que me envies a fotografia? Para acrescentar aos meus ficheiros de apresentação? As fotografias antigas da Caroline e da sua geração são tão raras.

– Bem, na verdade a minha mãe já me pediu que lhe dê todas as fotografias que encontrar. Mas tenho a certeza de que ela não se importará de lhe enviar cópias...

– Claro. Bom, vou então pedir a Laura da próxima vez que a encontrar.

Há uma pausa e não me consigo despedir, admitir que aquela informação era a única coisa que me interessava, e que não quero falar com ela. Há tanto para dizer, tanto para não dizer.

– Então... que tal foi o Natal? – pergunto. Oiço-a a respirar fundo, a endurecer.

– Foi bom, obrigada. – Faz novamente uma pausa. – Sabes, todos os anos ainda compro um presente para o Henry. Claro que o Clifford pensa que sou completamente doida, mas ele nunca compreendeu muito bem. Como é para uma mãe perder um filho. Não me posso limitar a pô-lo de lado e a seguir em frente, tal como ele conseguiu fazer.

– O que é que lhe comprou? – digo, antes de me conseguir interromper.

– Um livro acerca da RAF. Um par de botas novas de futebol, e alguns DVD – diz ela, a sua voz a tornar-se mais alta, como se se sentisse satisfeita por escolher aqueles presentes. Presentes que nunca lhe dará. Não consigo pensar em nada para lhe dizer. Sentir-me-ia estranhamente fascinada por saber se ela compra as botas de tamanho infantil, ou se fez um cálculo

aproximado do seu número em adulto. – Alguma vez pensas no teu primo, Erica? Ainda pensas no Henry? – pergunta ela, em palavras apressadas.

– Claro que sim. Claro que penso. Especialmente agora que... estamos aqui outra vez.

– Ótimo. Ótimo. Fico satisfeita por isso – diz ela, e pergunto-me o que é que ela querará dizer. Pergunto-me se se aperceberá da culpa que pende à minha volta e à volta de Beth como um mau cheiro.

– Então não houve notícias? Dele... do Henry? – Que coisa ridícula para eu perguntar, vinte e três anos depois de ele ter desaparecido. Mas a que conclusão é que posso chegar depois de saber dos presentes que ela ainda lhe compra, se não que ainda espera voltar um dia a vê-lo?

– Não – responde, num tom categórico. Uma única palavra; não se esforça para continuar.

– O Eddie passou o Natal connosco – digo-lhe.

– Quem?

– O Edward... o filho da Beth.

– Oh, sim, claro.

– Tem agora onze anos, a mesma idade que... Bem, de qualquer maneira, ele divertiu-se muito, a vadiar pelos bosques, a sujar-se.

– O Clifford queria ter outro, sabes. Depois de perdermos o Henry. Ainda poderia ter havido tempo.

– Oh – respondo.

– Mas eu disse-lhe que não podia. O que é que ele pensava... que nos poderíamos limitar a substituí-lo, como um relógio perdido? – Emite um som estranho, estrangulado, que penso ter a intenção de ser uma gargalhada.

– Não. Não, claro que não – digo. Há outra pausa prolongada, outra longa exalação por parte de Mary.

– Eu sei que vocês nunca se deram bem. Vocês, miúdas, e o Henry. Eu sei que não gostavam dele – diz, repentinamente tensa e ofendida.

– Nós gostávamos dele! – minto. – É só que... bem, também gostávamos do Dinny. E tivemos de escolher...

– Alguma vez te passou pela cabeça que, por vezes, o Henry costumava... fazer o que fazia porque vocês sempre o deixavam de fora das vossas brincadeiras, e escapavam-se para irem brincar com o Dinny? – diz ela.

– Não. Eu... nunca pensei que ele quisesse brincar connosco. Nunca pareceu querer – murmuro.

– Bem, eu acho que ele queria. Acho que lhe feria os sentimentos o facto de vocês mal conseguirem esperar para se escaparem – diz-me ela, decidida. Tento imaginar o meu primo daquela maneira... Tento encaixar o modo como ele nos tratava, como tratava Dinny, naqueles moldes. Mas não consigo, não encaixam. As coisas não eram assim, ele não era assim. Um lampejo de indignação aquece-me, mas claro que não consigo dizer nada e o silêncio zumba através da linha. – Bem, Erica, tenho mesmo de ir – diz ela, por fim, com um longo suspiro. – Foi... bom conversar contigo. Adeus.

Desliga a chamada antes de eu ter tempo de lhe responder. Não o faz zangada, nem abruptamente. Talvez distraída, como se outra coisa lhe tivesse chamado a atenção. Ela teve muitos *hobbies* e projectos ao longo dos anos, desde que Henry morrera. Tapeçaria, aguarelas, horóscopos, reprodução de placas comemorativas, poesia anglo-saxónica. A genealogia da família foi o mais longo, aquele que ela seguiu até ao fim. Pergunto-me se o terá feito porque tem a oportunidade de dizer o seu nome, uma e outra vez, quando Clifford não lhe permitiu falarem do filho. Henry Calcott, Henry Calcott, Henry Calcott. Ficar a saber tudo quanto podia acerca dos seus antepassados, a fonte de cada uma das suas partes constituintes, como se o pudesse reconstruir.

Ele está morto. Disso tenho eu a certeza. Não foi raptado. Não era ele que estava deitado no assento traseiro de um carro, num parque de estacionamento em Devizes. Não era ele a ser transportado por um vagabundo misterioso pela A361. Sei-o porque o consigo sentir, consigo sentir a memória da sua morte. Consigo senti-lo no lago de orvalho, ainda que não o veja. Tal como consegui ouvir a forma de Dinny no meio da escuridão no dia de Natal. Nós estávamos lá, o Henry estava lá; e o Henry morreu. Tenho a forma. Só preciso de colorir o interior. Porque me andei a

empatar. Estou bloqueada. Não consigo avançar em nenhuma direcção até encher este buraco na minha cabeça, até conseguir soltar a farpa de Beth. Todos os outros pensamentos têm de fazer um desvio à volta destas coisas perdidas, e isso não servirá. Já não serve. E se tenho de começar em 1904 e avançar a partir daí, então é isso que farei.

Vejo Harry pela janela da cozinha, parado junto das árvores na extremidade mais afastada do jardim. Ainda está a chover, agora com maior intensidade. Tem as mãos enfiadas nos bolsos do casaco remendado e está curvado, com uma aparência molhada, solitária. Sem pensar, tiro restos de comida do frigorífico e despensa, e começo a cortar fatias carnudas do peru frio, com as suas patas queimadas. Barro maionese em duas fatias de pão branco, enfió o peru no interior, bem como um bocado de recheio com a consistência de papelão. Depois levo-lhe a sanduíche, embrulhada em papel de alumínio, o meu casaco enfiado por cima da cabeça. Ele não me sorri. Mexe-se de um pé para outro, numa aparente agonia de indecisão. A chuva pinga das pontas dos seus caracóis. Sinto o cheiro do seu corpo por lavar. Um cheiro animal, suave, estranhamente encantador.

– Toma, Harry, fiz isto para o teu almoço. É uma sanduíche de peru – digo, ao estender-lhe a sanduíche. Ele pega nela. Não sei porque espero que fale quando sei que não o vai fazer. Presumo que seja uma coisa fundamentalmente humana. Comunicar através de som. – O Eddie já voltou para a casa do pai, Harry. Compreendes o que estou a dizer? Ele já não está aqui – digo-lhe, o mais amavelmente possível. Se eu soubesse quando Eddie regressava, acrescentaria essa informação. Não sei. Não sei se ainda cá estaremos. Não sei nada. – O pai dele veio buscá-lo hoje, para o levar para casa – explico. Harry olha para a sanduíche. Uma ligeira melodia metálica, quando a chuva bate no alumínio. – Bem, ao menos come isso – digo-lhe num tom meigo, dando-lhe uma palmadinha na mão que segura a sanduíche. – Vai dar-te força.

Beth encontra-me no escritório. Estou aninhada numa poltrona de cabedal. Pus-me em pé em cima da secretária para tirar um livro acerca de flores

silvestres da última prateleira da estante. Ele trouxe consigo um chuveiro de moscas mortas, um cheiro a vidas passadas. Agora está aberto, a pesar-me sobre os joelhos, numa folha dupla com íris amarelos. Íris denteados, de uma tonalidade de manteiga. Pétalas caídas com indiferença sobre os caules altos, como estandartes num dia sem vento. Reconhecia-as assim que as vi. Íris amarelos.

– Já parou de chover. Apetece-te dar um passeio rápido? – pergunta Beth. Entrançou o cabelo, vestiu umas calças de ganga lavadas e uma camisola cor de framboesa.

– Claro que sim – digo, verdadeiramente espantada. – Sim, vamos.

– O que é que estavas a ler?

– Oh, apenas informações a respeito de flores silvestres. Havia três velhas fronhas com bordados naquele roupeiro. Tinham flores amarelas bordadas, e eu queria saber quais eram.

– O que é que eram?

– Íris amarelos. Faz-te lembrar alguma coisa?

– Não. Devia fazer? Que tipo de coisa?

– Provavelmente, qualquer coisa de estranho. Só vou calçar umas galochas.

Não nos afastamos muito, já que o céu era da cor de carvão no horizonte. Só até à vila, e depois subindo pela elevação tumular. Tenho a certeza de que vejo uma das raparigas da festa do solstício, através da janela do *pub*. Sentada junto da lareira, aceitando uma nova caneca de cerveja de um homem que está de costas viradas para mim. Há um cheiro bem-vindo de fumo de madeira, cerveja e vozes que se escapam pela porta, mas continuamos a andar. Hoje andam por aí muitos habitantes da vila. A queimarem as calorias dos bolos e doces natalícios. Todos eles nos cumprimentam, embora eu tenha a certeza de que não nos reconhecem. Alguns rostos chamam-me à atenção. Enfiam-se algures nos nichos da minha memória, mas demasiado comprimidos para que os consiga distinguir. Uma mulher robusta passa montada a cavalo, fios prateados entrelaçados na cauda do animal.

Atravessamos a pastagem acastanhada até à elevação tumular, e assustamos um bando de gralhas brilhantes que andava por ali a pavonear-se. O vento leva-as, e ao longe parecem-se com buracos de tiro esfarrapados, que rasgam o céu. Beth enfia o braço pelo meu, avança com uma passada animada.

– Hoje pareces feliz – comento, cautelosa.

– E estou. Tomei uma decisão.

– Oh? Que tipo de decisão? – Chegámos à elevação tumular. Beth solta-me o braço, sobe até ao cimo do monte em três passadas longas e vira-se para olhar por cima da minha cabeça para a distância.

– Vou-me embora. Não vou ficar – diz, abrindo os braços, infantil, dramática. Respira fundo, solta o ar, enfática.

– O que é que queres dizer com isso? Vais para onde?

– Vou para casa, é claro. Hoje, mais tarde. Já fiz as malas! – Ri-se, como se fosse selvagem, temerária. – Vou seguir por *aquela* estrada – diz, semicerrando os olhos e apontando para a linha de álamos altos que ladeiam a estrada que sai da vila.

– Não podes! – Pensar que vou ficar sozinha na casa enche-me de um terror que não consigo definir. Preferiria mergulhar até ao fundo do lago, deixar que ele me sugasse. Sinto algo semelhante a pânico a espalhar-se-me pelo estômago.

– Claro que posso. Para quê ficar? O que é nós estamos a *fazer* aqui? Nem sequer me consigo lembrar porque é que viemos. Tu consegues?

– Viemos para... viemos para tratar das coisas. Para... decidir aquilo que queríamos fazer! – tento encontrar palavras.

– Vá lá, Erica. Nenhuma de nós quer viver aqui. – Deixa cair os braços ao dizer aquilo, olha de repente para mim. – Tu não queres, pois não? Não queres viver aqui? Não queres ficar?

– Ainda não sei!

– Mas... não podes querer. É a casa da Meredith. Tudo nela diz *Meredith*. E depois há... a outra coisa.

– Henry? – pergunto. Ela assente, apenas uma vez. Breve e significativamente. – É a *nossa* casa, Beth. Agora, é tua e minha.

– Oh, meu Deus, tu queres ficar. Queres, não queres? – Mostra-se verdadeiramente incrédula.

– Não sei! Não sei. Talvez não para sempre. Talvez durante algum tempo. Não sei. Mas por favor não vás, Beth! Ainda não. Eu... eu ainda não terminei. Ainda não posso partir, e não posso ficar aqui sozinha. Por favor. Fica mais um pouco. – No cimo da elevação, Beth curva-se. Eu esfaqueei-a, soltei-lhe todo o ar. Ficamos caladas durante um bocado. O vento sopra sobre o monte, faz estremecer as ervas. Vejo Beth a tremer. Parece impossivelmente solitária ali em cima.

Por fim acaba por descer até junto de mim, os olhos baixos.

– Desculpa – digo.

– O que é que queres dizer quando dizes que ainda não terminaste? – A sua voz é agora monocórdica, sem vida.

– Preciso de... descobrir o que aconteceu. Preciso de me lembrar. – Uma meia-verdade. Não lhe posso falar da farpa. Não posso deixar que ela saiba, aquilo em que estou a trabalhar. Ela iria afastar-se, não deixaria que eu a tocasse; tal como Eddie, com o seu dedo inchado.

– Lembrares-te de quê?

Olho-a. Ela deve saber aquilo de que estou a falar.

– Do Henry, Beth. Preciso de me lembrar do que aconteceu ao Henry. – Ela fita-me agora, os seus olhos a reflectir o céu cinzento. Perscruta-me o rosto, e eu espero.

– Tu lembras-te do que aconteceu. Não mintas. Tinhas idade suficiente para te lembrares.

– Mas não me lembro. Não me lembro mesmo – digo-lhe. – Por favor, conta-me. – Beth afasta os olhos, olha por cima dos telhados, do fumo das chaminés na vila abaixo de nós, para leste, como se se estivesse ali a projectar.

– Não. Não to vou dizer – diz ela. – Não o vou dizer a ninguém. Nunca.

– Por favor, Beth! Tenho de saber!

– Não! E se... se me amas, vais parar de perguntar.

– O Dinny sabe?

– Sim, claro que o Dinny sabe. Porque é que não lhe perguntas a ele? – Olha para mim a pestanejar. Há ali um toque gelado de ressentimento. Apenas por um instante, depois desaparece. – Mas tu também o sabes. E se não te lembras mesmo... então talvez isso seja bom. – Afasta-se de mim, ao longo do monte em direcção a casa.

Pára junto do lago de orvalho. Que eu saiba é a primeira vez que lá regressou, e pára tão de repente que quase choco contra ela. O vento desliza sobre a sua superfície, torna-a baça e feia. Estou à espera de a ver a chorar, mas tem os olhos secos e endurecidos. As linhas tristes do seu rosto mais vincadas do que nunca. Baixa os olhos para o lago.

– Eu estava com tanto medo, da primeira vez que nadaste aqui – murmura ela, numa voz tão baixa que mal a oiço. – Pensei que não fosses capaz de sair. Como daquela vez, o ouriço naquele laguinho ao pé de casa. Lembras-te? Tinha andado a nadar às voltas até ficar demasiado cansado para continuar a nadar, e depois afogou-se. Todos aqueles vídeos que nos mostravam na escola... nunca nadar em rios ou pedreiras. Eu pensava que a água sem cloro tinha algum poder terrível, sedutor, que esperava, observava e comia criancinhas.

– Lembro-me de teres gritado comigo como uma doida.

– Estava com medo por ti – diz ela, encolhendo ligeiramente os ombros. – Agora, és tu que passas o tempo todo com medo por mim. Excepto hoje. Porque é que tenho de ficar? Não percebes que... é mau para mim, estar aqui?

– Não, eu... eu acho que pode ser bom para ti – forço-me a dizer.

– O que é que queres dizer com isso? – pergunta-me, sombriamente. O meu coração bate mais depressa.

– Quero dizer o que disse. Não podes continuar a fugir disto, Beth! Por favor! Se ao menos falasses disso...

– Não! Já te disse... várias vezes. Nem a ti, nem a ninguém!

– Porque não a mim? Sou tua *irmã*, Beth, nada que me pudesses dizer faria com que te amasse menos! Nada – digo, com firmeza.

– Isso é o que tu pensas, não é? Que estou a tentar esconder algo de desprezível que existe em mim? – sussurra ela.

– Não, Beth, é exactamente o *contrário* disso! Não me estás a ouvir! Mas estás a esconder alguma coisa... Não o podes negar. Eu não tenho segredos para ti!

– Toda a gente tem segredos, Erica – dispara ela. É verdade, e eu desvio os olhos.

– Tudo que quero é que sejamos capazes de deixar este lugar para trás...

– Ótimo! Também é isso que eu quero! Portanto, vamos fazê-lo... vamos embora.

– Irmo-nos embora não é a mesma coisa que deixar isto para trás, Beth! Olha para ti, desde que voltámos que parece que estou a partilhar a casa com um fantasma! Sentes-te... infeliz, e pareces determinada a continuar assim! – grito.

– Estás a falar de quê? – grita-me Beth em resposta, estendendo as mãos numa fúria. – Tu é que estás determinada em manter-me aqui, tu é que estás determinada a fazer-me sentir infeliz! Só vim até cá porque me pressionaste a fazê-lo!

– Estou determinada a livrar-me do que quer que te esteja a deprimir, Beth. E está aqui, eu sei que está. Está aqui nesta casa... Não te afastes de mim! – Agarro-lhe o braço, travo-a. Beth está ofegante, não me olha nos olhos. Tem o rosto pálido.

– Se não me soltares, posso nunca mais te perdoar. Não sei o que farei – diz ela, a voz a tremer. Espantada, solto-lhe o braço, mas acho que não é isso que ela quer dizer. Tenho receio daquilo que ela possa fazer. A minha determinação vacila, mas luto para a manter agarrada.

– Por favor, Beth. Por favor, fica aqui comigo. Pelo menos até ao ano novo. Vamos apenas... tentar resolver isto. O que quer que seja.

– Resolver? – repete ela, num tom amargo. – Não se trata de uma charada, Erica.

– Eu sei. Mas a vida não pode continuar como até aqui. Esta é a nossa *oportunidade*, Beth... A nossa oportunidade para corrigirmos as coisas.

– Há coisas que não podem ser corrigidas, Erica. Quanto mais depressa aceites isso, melhor – sussurra. As lágrimas brilham-lhe nos olhos, mas quando os levanta para olhar para mim estão cheios de fúria. – Não pode ser corrigido! – dispara, e afasta-se intempestivamente. Detenho-me antes de a seguir, descubro que estou a tremer.

Durante o resto do dia brincamos às escondidas. Esta casa sempre foi perfeita para isso. A chuva cai oblíqua, correntes de ar entram pelas chaminés. Trago Harry para dentro de casa e preparo-lhe uma chávena de chá doce. Ele senta-se à mesa da cozinha, sugando o chá da colher como se fosse uma criança. Pinga água no chão, enche a divisão com o cheiro de lã molhada. Mas não consigo encontrar Beth para lhe servir uma chávena de chá. Não a consigo encontrar para lhe perguntar o que é que ela quer jantar, se quer ir a algum lado, se quer alugar um filme na estação de serviço da estrada para Devizes. Sinto que agora é minha função preencher-lhe o tempo. O tempo que a estou a forçar a passar aqui. Mas ela desaparece na casa como um gato, e eu ando em vão de sala em sala.

Uma vez, Henry deixou-a escondida durante horas. Deixou-a sozinha, encurralada, em pânico. Também dessa vez conseguiu que eu fizesse parte disso. Eu era pequena. Devia sê-lo, porque Caroline ainda estava viva. Mais cedo, naquele mesmo dia, ela fora empurrada na sua cadeira para o terraço. Ela tinha uma daquelas enormes cadeiras de rodas de verga. Nada das cadeiras de metal e plástico cinzentas do Serviço Nacional de Saúde. A cadeira chiava quando era empurrada, os aros finos das rodas a brilhar, mas Henry dizia que era Caroline que chiava, porque era tão velha e estava mumificada. Eu sabia que aquilo era um disparate, mas apesar disso, de cada vez que a ouvia, pensava em pele frágil como papel a rasgar-se; em cabelo que se transformaria em pó se lhe tocássemos; na língua que ficara rígida e dura numa boca mirrada. Nunca nos obrigavam a beijá-la se não o

quiséssemos fazer. A minha mãe tinha muito cuidado com isso, e graças a Deus que era assim.

Nessa altura, ela já passava quase todo o tempo na cama, mas pusera-se um dia bonito e estávamos todos lá – Clifford e Mary, os meus pais. Ela foi empurrada até junto da mesa, e o almoço fora-lhe servido num tabuleiro que se encaixava na estrutura da cadeira. A governanta trouxe a sopa numa terrina de porcelana branca com o formato de uma couve-flor gigantesca, e havia batatas, salada e fiambre em cima da mesa. Repreenderam-me por estar a enfiar os dedos na manteiga que derreteria no fundo da travessa das batatas. Meredith ajudou Caroline a comer, alimentando-a por vezes como se alimenta um bebé. Franzia a testa ao fazê-lo; apertava firmemente os lábios. O cabelo de Caroline era fino. Eu conseguia ver o couro cabeludo dela através dele, e, de facto, assemelhava-se a papel. A conversa prosseguia à sua volta, e eu mantive os olhos cuidadosamente fixos no meu prato. Só uma vez é que ela falou e, apesar de a sua voz ser mais elevada do que eu esperara, as palavras saíram pesadas.

– Aquele Dinsdale ainda está vivo? – Deixou cair o garfo ao falar, como se segurá-lo e falar fosse demasiado para fazer ao mesmo tempo. O garfo caiu ruidosamente sobre as lajes do terraço.

– Não, mãe. Não está – respondeu Meredith, e eu fiquei a arder, sabendo que havia de facto muitos Dinsdale, vivos e de boa saúde, a menos de duzentos metros do sítio onde nos encontrávamos. Sabia que não podia falar à mesa. Caroline emitiu um pequeno ruído, alto e trémulo, que poderia ter significado qualquer coisa. Talvez satisfação. – No entanto, parece-me que o filho ainda é – acrescentou Meredith.

– Não te consegues *ver livre* dele, criança? – perguntou Caroline, e eu fiquei tão intrigada por ouvir Meredith ser chamada de criança como ultrajada com a pergunta. Do outro lado da mesa, Henry esboçou um sorriso afectado, e deu-me um pontapé na canela.

– Não mais do que a mãe – ripostou Meredith.

– Nómadas – murmurou Caroline. – Eles deviam ter partido. Eles devem continuar a mudar-se – disse.

– E fazem-no. E depois regressam – murmurou Meredith. – E, infelizmente, há muito pouco que eu possa fazer a esse respeito. – Ao ouvir aquilo, Caroline imobilizou-se. Uma pausa pouco natural, como se fosse dizer mais alguma coisa. Todos os que se encontravam à mesa esperaram, mas ela não voltou a falar. Meredith dobrou impecavelmente o seu guardanapo no colo, e começou a servir-se de salada. Mas continuou de rosto franzido, uma ruga entre as sobrancelhas; e quando olhei para Caroline, ela estava a contemplar o relvado, o olhar pousado nas árvores distantes, como se conseguisse ver através delas. A cabeça oscilava-lhe sobre o pescoço e, de tempos a tempos, as mãos contorciam-se involuntariamente, mas aquele olhar distante, claro, nunca vacilava.

Depois daquele almoço, nós, crianças, fomos obrigadas a dormir uma sesta – eu porque era pequena e estava aborrecida, Henry porque fora mal-educado ao almoço, e isso deixou Beth sem ninguém com quem brincar. Foi Henry que instigou o jogo. Escondeu-se primeiro, e acabámos por o encontrar no sótão, atrás de uma arca de couro estragada, vermelho escura, que eu redescobrira recentemente. Levantámos montes de pó, que cintilava e rodopiava sob a luz vinda dos beirais, em círculos lentos. Encontrei uma borboleta pavão, enrolada em teias de aranha e tão mumificada quanto eu receava que Caroline estivesse. Gritei que era a minha vez de me esconder, mas Beth fora a primeira a encontrar Henry, por isso era a vez dela. Henry e eu ajoelhámo-nos no fundo das escadas, fechámos os olhos e contámos.

Acho que, naquela idade, eu ainda não sabia contar até cem. Confiava em Henry, e ele normalmente contava *um, dois, salta uns poucos, noventa e nove, cem*; assim, depois do que me pareceu uma eternidade, ao ouvir a governanta a bater com pratos na cozinha abri um olho para o ver. Henry não estava ali. Abri os olhos e vi-o a descer as escadas. Ele sorriu-me de um modo desagradável, e olhei em volta. Eu fazia aquilo instintivamente sempre que me encontrava sozinha com aquela expressão no rosto de Henry. Para o caso de haver ajuda por perto. O coração bateu-me acelerado no peito.

– Já chegou a altura de irmos à procura da Beth? – sussurrei, por fim.

– Não. Ainda não. Eu digo-te quando for a altura – disse ele. – Agora, vamos, vem comigo. – Usou a sua voz de simpatia falsa, um tom estridente que também usava para enganar os labradores. Estendeu-me a mão e eu peguei-lhe, sem vontade. Entrámos no escritório; ele acendeu a televisão.

– Agora já podemos ir? – voltei a perguntar. Havia algo de errado. Dirigi-me à porta, mas ele esticou a perna e bloqueou-me.

– Ainda não! Já te disse, não podes ir procurá-la até eu dizer.

Esperei. Sentia-me triste. Não vi o que estavam a transmitir na televisão. Olhei para Henry, de novo junto da porta. O que é o tempo quando temos cinco anos? Não faço ideia de quanto tempo fui obrigada a esperar. Deve ter sido mais de uma hora, e pareceu-me uma eternidade. Quando a porta se abriu, corri para ela. O meu pai entrou, perguntou onde estava Beth. Viu o meu rosto ansioso e voltou a perguntar. Henry encolheu os ombros. O meu pai e eu procurámos por toda a casa, a chamá-la. No corredor do piso de cima, ouvimo-la – o som de pancadas, e gemidos ténues de aflição. O lanço de escadas de acesso ao sótão tinha por baixo um armário com uma chave de ferro na porta. O meu pai virou a chave, levantou o trinco e Beth saiu aos tropeções, o rosto pálido e manchado por lágrimas e sujidade.

– Mas que raio...? – disse o meu pai, pegando nela ao colo. A respiração dela era tão ofegante que os seus próprios soluços quase a sufocavam, e os seus olhos estavam fixos de uma maneira que me assustaram. Era como se ela se tivesse fechado de mim, do mundo. O medo fizera-a esconder-se no interior da própria cabeça. O armário era apertado e cheio de teias de aranha, e o interruptor da luz encontrava-se no exterior. Henry apagara a luz e virara a chave na fechadura enquanto eu me encontrava de olhos fechados e a presumir que ele estava a contar. Deixara-a sozinha no escuro com as aranhas, e sem espaço para se virar. Eu sabia de tudo isto, disse-o ao meu pai, e ele exigiu sabê-lo de Henry. Beth manteve-se atrás dele, invulgarmente silenciosa. Tinha manchas claras de pó nos joelhos, vincos nas palmas das mãos; uma madeixa de cabelo prendera-se-lhe em qualquer lado, descaindo-lhe frouxamente da bandolete.

– Não tive nada a ver com isso. Estive sempre aqui em baixo. Nós fartámo-nos de a procurar. – Henry encolheu os ombros, a baloiçar as pernas para trás e para a frente entusiasmado, apesar de conseguir manter o rosto sério. Beth parara de chorar. Estava a olhar para Henry com um ódio tão fulminante que me chocou.

Estamos a meio da tarde e eu encontro-me no piso superior, enfiada no peitoril da janela do meu quarto. O meu hálito embaciou o vidro, obscureceu a vista, mas estou a ler, por isso não interessa. Mais algumas das cartas que Meredith enviou a Caroline. Estou surpreendida por Meredith as ter guardado a todas – que ela as tenha juntado às coisas de Caroline, como um registo da sua relação conturbada. Sei que as cartas pertencem a quem as recebe, mas ter-lhe-ia sido fácil destruí-las após a morte da mãe, o que teria sido compreensível. Mas talvez ela as quisesse exactamente por aquilo que registavam. O facto de ela ter desejado uma outra vida, ainda que tivesse fracassado.

Querida Mãe,

Muito obrigada pelo postal que enviou. Só posso dizer que estou tão bem quanto seria de esperar. Tenho andado ocupadíssima com a Laura, que começou recentemente a andar, e em consequência disso anda sempre a correr à minha volta – é quase impossível mantê-la longe de sarilhos. Esta semana a sua paixão é a lama e as minhocas. Contratei uma ama excelente, uma rapariga local chamada Doreen, que é muito boa a tranquilizar a criança – e, devo dizer, também a mim. Parece que nada a incomoda, e nestes tempos agitados essa é na verdade uma grande virtude. Reflecti muito sobre o seu convite para voltar a viver em Storton Manor, mas por enquanto tenciono permanecer na minha própria casa. Tenho o apoio dos meus vizinhos, que demonstraram ser muito prestáveis neste momento tão difícil. Muitas das mulheres locais têm filhos e maridos a combater, e de cada vez que surge o mais temido dos telegramas é enviado um contingente

para se certificar que há comida na casa, que as crianças estão vestidas, e que a mulher ou mãe ainda está a respirar. Atrevo-me a dizer que a mãe não aprovaria que as classes sociais se misturassem desta maneira, mas senti-me muito comovida por receber uma destas visitas quando se espalhou a notícia da morte do Charles. Fui a Londres na sexta-feira passada para buscar os seus pertences que ainda se encontravam no clube e escritório. A mãe nem consegue imaginar o cenário de devastação que testemunhei ali. Foi suficiente para me gelar o coração.

Assim, ficarei aqui o máximo de tempo que conseguir porque, embora me magoe muito escrever isto em papel, ainda não lhe perdoei, mãe. Por não ter vindo ao funeral do Charles. As suas objecções ao Charles como marido nunca foram assim tão grandes, e o seu desagrado em viajar nunca foi assim tão forte a ponto de evitar estar presente, e insultá-lo desta maneira. A arrogância não passou despercebida entre os nossos conhecidos. E quanto a mim? Não lhe ocorreu que eu gostaria de a ter tido aqui, que precisava do seu apoio num dia como esse? Decerto que há limites para o estoicismo que uma viúva recente deve mostrar. De momento, direi apenas isto. Tenho de me habituar à vida sem o meu marido, e tenho de tomar conta de mim, da pequena Laura e do meu filho por nascer. Por agora, não me parece que a mãe ou qualquer outra pessoa me possa pedir mais do que isso.

Meredith.

Ao acabar de ler, sou interrompida pelo som da campainha da porta. Desço do peitoril e pestanejo, o sangue a precipitar-se pelas minhas pernas dormentes. Dirijo-me ao cimo das escadas, paro ao ouvir Beth a abrir a porta e em seguida a voz de Dinny. O meu primeiro impulso é continuar, apressar-me pelas escadas abaixo para o ver, para lhes facilitar as coisas. Mas os meus pés não reagem. Mantenho-me imóvel, a mão no corrimão, à escuta.

– Como é que estás, Beth? – pergunta Dinny, e a pergunta tem um peso maior do que seria de esperar. Um significado maior.

– Estou muito bem, obrigada – responde Beth, e há algo de estranho na sua voz que não consigo identificar.

– É só que... a Erica disse que tu...

– A Erica disse que eu o quê? – pergunta ela, cortante.

– Que não estavas feliz por teres regressado. Que querias partir. – Não consigo ouvir a resposta de Beth àquilo. Se é que ela responde. – Posso entrar? – diz ele, quase nervoso.

– Não. Eu... eu acho que é melhor não. Neste momento... estou ocupada – mente Beth, e sinto a sua tensão, que faz com que os meus ombros doam.

– Oh. Bem, na verdade, só vim até aqui para agradecer à Erica as coisas de bebé que ela levou à Honey. A Honey até estava a sorrir quando voltei, foi espantoso. – Sorrio ao ouvir aquilo, mas não sei se Beth compreenderá como os sorrisos de Honey são raros.

– Ah, bem... Eu dou-lhe o recado. Ou queres que a vá chamar? – pergunta Beth num tom formal.

– Não, não. Não é necessário – diz Dinny, e o meu sorriso desaparece. Segue-se uma interrupção. Sinto a corrente de ar vinda da porta aberta, sobe as escadas e sussurra junto de mim. – Ouve, Beth, eu gostaria de falar contigo acerca de... acerca daquilo que aconteceu. Há algumas coisas que acho que não compreendes...

– Não! – Beth interrompe-o, a sua voz agora mais alta, alarmada. – Não quero falar disso. Não há nada acerca do qual falar. É passado.

– Será mesmo? – pergunta ele em voz baixa, e eu contenho a respiração, à espera da resposta de Beth.

– Sim! O que é que queres dizer com isso? Claro que é passado.

– Quero dizer, algumas coisas são difíceis de deixar para trás. São difíceis de esquecer. Ou pelo menos, é-me difícil esquecê-las.

– Então vais ter de te esforçar mais – diz ela, num tom sombrio. – Esforça-te mais.

Oiço o movimento de pés nas lajes. Consigo visualizar Beth a contorcer-se, tentando escapar.

– No entanto, não é assim tão simples, pois não, Beth? – diz ele, a sua voz agora mais forte. – Nós costumávamos ser... costumávamos ser capazes de falar a respeito de qualquer coisa, tu e eu.

– Isso foi há muito tempo – diz ela.

– Sabes, tu não tomas todas as decisões, Beth. Não te podes limitar a fingir que nada aconteceu, não podes lavar daí as tuas mãos... de mim.

– *Não quero falar disso.* – Beth enfatiza cada palavra, endurece-as com a emoção.

– Podes não ter uma escolha. Há coisas que precisas de ouvir – diz Dinny, com a mesma firmeza.

– Por favor – pede Beth. A sua voz encolheu-se, é fraca e receosa. – Por favor, não.

Há um silêncio prolongado, vazio. Não me atrevo a respirar.

– É bom poder voltar a ver-te, Beth – acaba Dinny por dizer, e de novo aquela não é a observação casual do costume. – Eu estava a começar a pensar que isso nunca mais aconteceria. Isto é, voltar a ver-te.

– Não devíamos estar aqui. Eu não estaria, se não fosse...

– E vais voltar a partir dentro em breve?

– Sim. Em breve. Depois do ano novo.

– Sem nunca olhares para trás? – pergunta ele, um toque de amargura nas palavras.

– Sim – diz Beth, mas a palavra não soa tão firme como deveria. O ar frio faz-me estremecer e volto a sentir uma vaga de desespero, por saber aquilo que eles sabem, por me lembrar.

– Então vou-me embora. – Dinny soa derrotado. – Agradece à Erica por mim. Espero... espero voltar a ver-te, Beth. Antes que desapareças. – Não oiço a resposta de Beth, apenas a porta a fechar-se e um suspiro repentino e alto, como se um milhar de palavras acumuladas tivessem irrompido dela todas de uma vez, e ecoem à volta do vestíbulo.

Permaneço nas escadas durante mais um bocado, oiço Beth a entrar no escritório. De seguida, escuto o som sibilante da poltrona quando ela se senta de repente, depois mais nada. Seria mais fácil, penso, arrancar

verdades das pedras destas paredes do que da minha irmã. Frustrada, regresso ao sótão, abro a tampa da arca vermelha sem o meu cuidado habitual, e volto a passar os dedos pelos bens de Caroline. Tem de haver mais alguma coisa, algo que me tenha escapado. Algo que me diga quem é o bebé da fotografia, e o que é que lhe aconteceu. Algo que me diga porque é que ela odiava os Dinsdale a ponto de não haver espaço dentro de si para amar a própria filha. Mas assim que tiro tudo para fora, não encontro mais nada. Paro, agacho-me sobre os calcanhares, reparo que tenho as mãos a tremer. E quando pego num embrulho, e me estico para o voltar a guardar no interior, algo chama a minha atenção. Um rasgão no forro de papel do fundo da arca; um rasgão que deixou uma ponta solta. E, meio escondido debaixo do papel, um envelope. Estendo a mão para ele, vejo que a caligrafia não é a de Meredith, e enquanto leio a carta no interior a minha pulsação acelera.

Levanto-me, e apresso-me a descer até ao escritório. A lareira está a devorar uma pilha enorme de lenha, a transbordar de calor.

– Beth, encontrei qualquer coisa! Entre as coisas da Caroline – digo-lhe. Ela levanta os olhos para mim, o rosto retraído. Ainda não me perdoou pelas coisas que lhe disse junto do lago de orvalho.

– O que é? – pergunta, indiferente.

– É uma carta da Caroline que se perdeu. Encontrei-a no forro da arca, e é muito antiga... datada de antes da sua chegada a Inglaterra. Ouve isto! – Este envelope também é pequeno e castanho; o papel no interior é tão velho que a tinta desbotou até se transformar num tom desvanecido de castanho. As folhas estão manchadas e rasgadas, como se tivessem sido muito manuseadas; lidas e relidas durante longos anos. Quando as abro, as folhas rasgam-se um pouco ao longo das dobras. Toco-as o mais suavemente que me é possível. Em certos lugares, mal consigo perceber o que diz, mas há ali o suficiente, o bastante para provar uma teoria.

– *22 de Abril de 1902 – leio. – Minha querida Caroline, recebi a tua carta e fiquei muito desanimado por saber que não recebeste a minha, e aparentemente também não recebeste a anterior a essa! Por favor, fica*

descansada porque te tenho escrito... escrevo quase todas as noites. Há aqui tanto trabalho a fazer para preparar as coisas para a tua chegada que acabo cada dia bastante exausto, mas apesar de tudo penso todas as noites em ti, juro-te que penso. Por aqui, temos sido grandemente afectados por tempestades de Primavera; no dia anterior ao de ontem, caiu granizo do tamanho do meu punho, numa chuvada que podia ter matado um homem! Esta terra selvagem precisa de uma mão feminina suave para a domar, querida. E eu sei que não voltarei a ser perturbado por tais tempestades assim que estiveres aqui ao meu lado.

«Por favor não te preocupes tanto com a partida da tua tia, aqui terás toda a família e o único lar de que alguma vez irás precisar! Sei que te sentes perturbada por te separares dela dessa maneira, mas decerto... Não consigo perceber o que diz a seguir. De facto, não percebo grande parte deste parágrafo... – Estudo a carta de olhos semicerrados. – Tomei a providência de... Magoa-me... Sê paciente apenas durante mais algum tempo, minha querida, e antes que dêes conta estaremos juntos. Encontrei um lugar ao lado da casa onde vou fazer um jardim. Lembro-me que uma vez me disseste o quanto adorarias ter um jardim. Bem, terás um só teu, e podes plantar nele aquilo que quiseres. O solo aqui é um pouco arenoso, mas muitas coisas florescerão nele. E nós também havemos de florescer, eu sei que sim. O meu coração recorda-se todos os dias da tua ausência, e agradeço a Deus porque em breve nos voltaremos a juntar.

«Há aqui um grande pedaço que não consigo perceber... Parece que, a certa altura, ficou molhado ou qualquer coisa assim – interrompo-me, examinando o resto da folha. – Depois ele termina, Anseio voltar a ver-te, e alegra-me o coração saber que dentro de pouco tempo estarás a viajar para te encontrares comigo. Fica tranquila, querida, dentro em breve iniciaremos o resto das nossas vidas. Teu para sempre, C. Então, que tal?»

– Então ela era casada! – exclama Beth.

– Parece que sim... Na verdade, não há aqui nada que diga que sim, mas tendo em conta a época não consigo pensar noutra motivo para ele escrever

uma carta como esta; acerca de começarem as suas vidas, ela ter uma nova família e tudo o resto.

– Para onde é que ela ia viajar? O que é que diz o carimbo? – Estudo o envelope.

– Não se percebe bem. Está totalmente gasto.

– Que pena. E se ela tinha a intenção de viajar para casar com ele, e aconteceu alguma coisa antes de ela lá chegar?

– Mas então, e o bebé?

– Isso é verdade. Então, ela perdeu o marido e um bebé ainda antes de aqui chegar. E nessa altura ela tinha que idade?

– Acho que vinte e um. Tinha acabado de entrar na posse do seu dinheiro.

– É espantoso que nada disso se encontrasse na certidão de casamento ou fosse conhecido até agora! Pergunto-me como é possível que tenha sido esquecido? – admira-se Beth.

Encolho os ombros.

– Quem sabe. Se ela se divorciou dele, talvez não quisesse que se soubesse? A Mary disse que a Caroline nunca queria falar dos seus anos de juventude, talvez ela tivesse alguma coisa a esconder. E lembra-te daquela carta da tia B que te mostrei, que se referia a coisas que tinham acontecido na América e que tinham de permanecer na América. Ela estava definitivamente preocupada com algum escândalo. Se o marido tivesse morrido, apareceria como viúva no seu certificado de casamento com o Lord Henry. Ela deve tê-lo deixado. E se o seu bebé morreu, isso poderá explicar o motivo por que era sempre tão fria, tão impenetrável. – Ao ouvir aquilo, Beth ficou calada.

Ela não referiu a visita de Dinny à casa. Não me transmitiu os seus agradecimentos, e sem me denunciar não consigo descobrir se aquilo é deliberado ou um esquecimento. Mas isto está a deixar-me curiosa. Estou ansiosa por ouvir aquilo que ele lhe quer dizer.

– O que é que se passa? – pergunto.

– Erica, porque é que estás tão ansiosa por saber tudo isso? Por saber tudo? – Fita-me através das sombras do cabelo, as pestanas longas. O fogo

atrás dela dá-lhe um brilho alaranjado.

– Não achas que é interessante? Quero saber porquê... porque é que a nossa família odeia os Dinsdale. Odiava os Dinsdale – corrijo-me. – Quero saber porque é que a Meredith ficou tão cruel, tão retorcida e amarga. E a resposta parece ser que ela o herdou da Caroline. Só quero saber porquê...

– E achas que o descobriste?

– Porque é que elas odiavam os Dinsdale? Não. Não tenho nenhuma pista quanto a isto. Não podia ser apenas preconceito de classe... tinha de ser algo mais do que isso. Era mais do que isso. Era pessoal. E de qualquer maneira, nas suas cartas, a Meredith não parece nada incomodada quando as barreiras de classe começaram a cair durante a guerra. Mas pelo menos acho que sei porque é que a Caroline era tão fria. Como a mãe disse, ela nunca amou a Meredith.

– Porque perdeu um filho?

– Aparentemente, perdeu toda uma vida. Lembras-te daquela vez no baile de Verão quando a Caroline pensou ter reconhecido a criada?

– Sim?

– Pergunto-me quem é que ela pensaria que era. Pergunto-me porque é que teria ficado tão perturbada com ela.

De novo, Beth não responde, bloqueia-se longe de mim daquela maneira que não suporto.

– E não consigo afastar aqueles malditos íris da cabeça! Tenho a certeza de que me recordo de qualquer coisa a respeito deles... – Mas Beth já não me está a ouvir.

– Perder um filho... Nem consigo imaginar como será. Uma criança que tem a oportunidade de crescer, de se tornar uma pessoa adulta. Quando o teu amor por ela teve anos para se aprofundar. Não o consigo imaginar.

– Nem eu.

– Não, mas tu não tens maneira de o fazer, Erica, porque não sabes qual a sensação... Não sabes como esse amor é forte – diz-me ela com intensidade.

– Há muita coisa que não sei – replico, magoada. No silêncio, a lenha estala, remexe-se ao arder.

– Nunca sentimos a falta do Henry – murmura ela, voltando a afundar-se na sombra da poltrona de modo que não lhe consigo ver claramente o rosto. – Assistimos às buscas, e o modo como isso quase desfez a nossa família. De certo modo, vimos as consequências de... daquilo que aconteceu. Mas nunca sentimos a falta dele. Estivemos sempre à margem da... confusão. Da dor que causou...

– Foi difícil sentir-lhe a falta, Beth. Ele era mau.

– Era mau, mas era apenas um rapazinho. Apenas um rapazinho, Erica. Era tão novo! Não sei... Não sei como é que a Mary conseguiu sobreviver a isso – diz ela, a garganta a apertar-se à volta das palavras.

Não me parece que Mary tenha sobrevivido, não totalmente. Durante um momento hediondo, imagino Beth como Mary. Beth daqui a vinte anos, tão vazia e morta como Mary. Pois decerto que será assim que as coisas acontecerão se eu não a conseguir curar. Se percebi as coisas mal, se as piorei, ao trazê-la para aqui. Não confio em mim para falar. Nas minhas mãos, a carta de Caroline é tão leve como o ar; são tão insubstanciais as palavras deste homem perdido que mal tocam as folhas, a sua voz a sussurrar ao longo dos anos, a desvanecer-se no passado. Passo os dedos sobre o C que ele assinou, envio-lhe um pensamento silencioso através do tempo, como se de algum modo ele o conseguisse ouvir, e reconfortar-se.

Agora é tarde, e há horas que Beth se deitou. Só se passaram dois dias desde o Natal, desde que vi Dinny pela última vez, e no entanto há uma espécie de desespero silencioso a acumular-se em volta das minhas costelas. Se Beth não me contar o que é que aconteceu, então terá de ser Dinny a fazê-lo; e eu sei, eu sei que ele não quer que lho perguntem. Está uma escuridão de breu no exterior, mas nem sequer me dei ao trabalho de fechar os cortinados. Gosto de me sentar a ver a noite. Está a dar um filme estúpido na televisão, mas com o som muito baixo, e tenho estado a olhar para a lareira à medida que as chamas morrem, e a pensar, a pensar. Não há

mais ninguém para ouvir este tempo inclemente além de mim, mas é reconfortante saber que ela está lá em cima. A casa dá-me uma sensação de vazio. Sem Beth, seria insuportável. De vez em quando, uma gota de chuva cai nas brasas, e silva ao aterrar. Um resto do que foi papel de embrulho, agora um fantasma cinzento de si mesmo, está preso à grelha. Oscila de um lado para o outro na corrente de ar ascendente e vacilante, enquanto o vento se enrola nos canos da chaminé. Estou hipnotizada por ele.

O que é que teria acontecido se Henry não tivesse desaparecido? Talvez Meredith não se tivesse tornado mais desagradável ainda. Talvez a minha mãe não se tivesse zangado com ela como zangou, atingindo o limite da sua paciência, o limite do seu perdão. Clifford e Mary teriam continuado a ir ali, não teriam sido colocados à margem em relação à casa, quando chegou a altura. Sei que aquilo irrita terrivelmente Clifford, ter de abdicar da casa. Um rei sem castelo. Continuou a visitá-la, mas isso não era suficiente. A recusa de Mary em se aproximar do lugar irritou bastante Meredith. *Ela quer ser uma Calcott ou não, Clifford? Que cobardia!* Henry seria o ilustre Henry Calcott, apenas à espera que Clifford morresse para ficar com o título de lorde. Beth e eu teríamos passado aqui mais verões. Talvez pudéssemos ter crescido com Dinny. Beth e Dinny, juntos; adolescentes desajeitados, hesitantes, apaixonados. Fecho os olhos e afasto esse pensamento.

Oiço uma pancada atrás do meu ombro, e vejo um rosto no vidro escuro que me faz arquejar. É Dinny, e fixo-o estupidamente, como se ele tivesse saído dos meus pensamentos. A chuva colou-lhe o cabelo à testa e tem o colarinho virado para cima para se proteger do frio. Abro a janela e o vento agarra-a, quase ma arranca da mão.

– Desculpa... desculpa incomodar-te tão tarde, Erica. Vi a luz acesa. Preciso de ajuda. – Tem gotas de chuva nos lábios, e eu consigo saboreá-las. Está a respirar pesadamente, parece frustrado.

– O que é que se passa? O que é que aconteceu?

– A Honey entrou em trabalho de parto e... há alguma coisa de errado. Erica, há qualquer coisa de errado e todas as carrinhas estão atoladas depois desta maldita chuva... Precisamos de ir para o hospital. Podes levar-nos?

Por favor? Será mais rápido do que esperar que uma ambulância encontre este lugar...

– Claro que vos levo! Mas se for até lá abaixo no meu carro também vou ficar atolada...

– Não, não. Vai apenas até ao cimo da colina, está bem? Eu levo-a até ti.

– OK. OK. Tens a certeza de que a consegues levar ao colo?

– Por favor, vem... temos de nos apressar!

Dinny desaparece da janela, regressa à escuridão. Procuo as chaves do carro, o casaco, paro apenas por um instante a pensar se devo avisar Beth. Mas ela está provavelmente a dormir, e não posso esperar para lhe explicar o que se está a passar. Enfio o telemóvel no bolso e corro para o carro. A chuva escorre pelo pára-brisas numa onda contínua. Na corrida rápida desde a casa até ao carro, os meus ombros ficaram ensopados. Estou a respirar pesadamente, muito pesadamente. As minhas mãos tremem enquanto tento encontrar a ignição, e tenho de me deter para me acalmar. O caminho está cheio de poças e saio a chapinhar para a estrada, os limpa-pára-brisas a um ritmo frenético.

Não há sinais deles quando chego ao cimo da colina. Os meus faróis estão virados para a sebe, inundam de luz o acampamento. Corro pelo carreiro abaixo, a deslizar. O solo está escorregadio. A relva desaparece sob os meus pés, dissolve-se no nada. Oíço o vento a fustigar as árvores na escuridão. Entrechocam-se como um oceano invisível. Paro na extremidade mais afastada da luz dos faróis do carro, e olho para as trevas. A chuva entra pelas costuras dos meus sapatos. Depois vejo-os, a subirem numa progressão lenta, e, enquanto me arrasto na direcção deles, Dinny escorrega e cai sobre um joelho, esforçando-se por manter o equilíbrio com o volume da rapariga grávida a oscilar-lhe nos braços. Honey agarra-se aos seus ombros, o medo a transformar-lhe as mãos em garras.

– Consegues andar? – pergunto a Honey, ao chegar junto deles. Ela assente, a fazer um esgar. – Dinny, solta-a! Deixa-a pôr-se de pé!

Ele inclina-se para um lado, baixa Honey até os seus pés pousarem no chão, e depois endireita-a. Ela mantém-se um instante direita, antes de se

dobrar e gritar.

– Foda-se! – uiva. Pego-lhe na outra mão, e as suas unhas cravam-se-me na pele. Cabelo molhado envolve-lhe o rosto. – Isto não pode estar bem... não pode estar bem – geme.

– As águas dela rebentaram sem cor – diz-me Dinny.

– Não sei o que isso significa! – exclamo, em resposta.

– Significa sarilhos. O bebé está com problemas – diz ele. – Significa que temos de ir! – Mas Honey ainda está curvada, e agora está a soluçar. De dor ou de medo, não o sei dizer.

– Vai correr tudo bem – digo-lhe. – Ouve, a sério, que vai correr tudo bem. Tens a certeza de que consegues andar? O carro não está muito longe. – Honey assente, os olhos firmemente fechados. Está a respirar como um fole. O meu coração acelera, mas agora sinto-me calma. Tenho um objectivo.

Chegamos ao carro e ajudo Honey a entrar para o assento traseiro. Tenho lama até aos joelhos. Honey está ensopada até à pele, pálida e a tremer.

– Eu conduzo. Ajuda a Honey – diz Dinny, dirigindo-se à porta do lado do condutor.

– Não! Ela precisa de ti, Dinny! E é o meu carro. A direcção é um pouco brusca com o piso molhado. Será mais seguro se for eu a conduzir – grito.

– É bom que um de vocês o faça, porra! – grita Honey. Passo por Dinny, sento-me no lugar do condutor, e ele entra para o assento traseiro. Resvalamos na berma, serpenteamos, acelerados, pela colina abaixo, chegamos à estrada principal.

Conduzo na direcção de Devizes a uma velocidade temerária, o mais depressa que me atrevo, de olhos semicerrados sob a chuva intensa. Mas quando faço as curvas, Honey é lançada de um lado para o outro, por isso abrando, sem ter a certeza do que será melhor. Ela chora em voz baixa entre contracções, como que para si mesma, e Dinny parece estupefacto.

– Já não falta muito, Honey! Vais ficar bem, por favor não tenhas medo! Vão tirar-te esse bebé enquanto o Diabo esfrega um olho – grito, a olhar para ela pelo retrovisor. Espero não lhe estar a mentir.

– Falta muito? – arqueja ela, os olhos suplicantes a fixar o meu reflexo.

– Cinco minutos, prometo. E eles vão tomar bem conta de ti, e do bebé. Vai correr tudo bem. Certo, Dinny? – Ele salta, como se eu o tivesse assustado. Os nós dos dedos que apertam as mãos de Honey estão brancos.

– Certo. Sim, certo. Vais ficar bem, querida. Aguenta só mais um pouco.

– Já pensaste nalgum nome? – pergunto. Quero distraí-la. Do seu medo, da noite fria e molhada, da dor que brilha no seu rosto como suor.

– Hmm... Acho que, hmm, acho que... Callum, se for rapaz... – Ela arqueja e interrompe-se, o rosto a franzir-se quando sente uma contracção.

– E se for rapariga? – pressiono-a.

– Rapariga... se for rapariga... Haydee... – resmungo ela, e tenta sentar-se melhor. – Preciso de fazer força!

– Ainda não! Ainda não! Estamos quase a chegar. – Piso o acelerador a fundo, enquanto o brilho laranja da cidade aumenta à nossa frente.

Estaciono mesmo em frente do hospital, e Dinny sai do carro ainda antes de este parar. Regressa com ajuda e uma cadeira de rodas.

– Aqui vamos nós, Honey. – Viro-me para ela, e pego-lhe na mão. – Agora vais ficar bem. – Ela aperta-me a mão, as lágrimas a caírem-lhe pelas faces, e não há vestígios da sua anterior atitude, do seu fogo, do inclinar desdenhoso do seu queixo. Pouco mais parece do que uma criança. A chuva bate no tejadilho do carro durante um momento de imobilidade, depois a porta das traseiras é aberta e eles tiram-na do interior, e ela grita-lhes e pragueja, e entramos a monte no edifício, pestanejando sob a luz forte. Sigo-os o máximo que me é possível ao longo de três corredores ressoantes, através de várias portas, até me perder. No último conjunto de portas, alguém me detém, e também a Dinny. Uma mão no meu antebraço, amável mas implacável.

– Receio que a partir daqui só possam entrar os pais. Pode descer o corredor, há ali uma sala de espera – diz-me o homem, apontando para o lugar de onde viemos. – É o companheiro de Honey? – pergunta a Dinny.

– Sim, não. Sou o irmão. Ela não tem companheiro – diz ele.

– Certo. Então venha. – Desaparecem pelas portas, que ficam a oscilar atrás deles. As portas emitem um som sussurrado e uma pancada ao passarem uma pela outra, uma, duas, três vezes. A minha respiração abrandava com elas, e depois ficam imóveis. Dinny é irmão de Honey.

O relógio na parede é igual a um que estava pendurado na minha sala de aulas na escola. Redondo, plástico branco ligeiramente amarelado, o segundo ponteiro fino e vermelho a mover-se com uma sacudidela. Indica dez para a uma quando me afundo numa cadeira plástica verde, e observo-o a dar as suas voltas, perguntando-me porque é que nunca me ocorreu que Dinny pudesse ter uma irmã. Não tinha uma quando éramos pequenos, por isso presumi que continuava a não ter. Não são nada parecidos. Começo a recordar, vasculho as minhas memórias, tento lembrar-me se alguma vez os vi a tocarem-se, ou a falarem um com o outro como se fossem um casal. Claro que nunca o fizeram. Sinto-me repentinamente emocionada por saber que ele não lhe pertence. Que aquele não é o seu bebé. Sinto uma esperança hesitante.

Três e meia, e continuo a ser a única pessoa nesta sala de espera quadrada. As pessoas passam ocasionalmente ao longo do corredor, os sapatos a chiar nos azulejos do chão. As minhas pernas pesam-me, por ter estado sentada durante demasiado tempo. Caí numa espécie de atordoamento. Consigo visualizar o acampamento de Dinny, num dia de Verão – o princípio do Verão, com os botões murchos a caírem das árvores com a brisa leve, e a luz do sol a reflectir-se das grelhas metálicas das carrinhas estacionadas. O avô Flag a dormir na sua cadeira – o vento a levantar as pontas ásperas do seu cabelo grisalho, mas de certo modo ele mantém-se muito imóvel. Nunca falou muito connosco, mas sempre o encarei como uma pessoa amável, segura. Recostava-se como se estivesse profundamente adormecido, mas de repente desatava a rir de qualquer coisa que tivesse sido feita ou dita. Uma gargalhada alta, a ribombar-lhe no peito. Usava sempre um chapéu gasto, puxado para baixo sobre o rosto; e à sombra do chapéu brilhavam uns olhos escuros. Faces como couro, profundamente enrugadas. Toda uma vida no exterior bronzeou-lhe a pele até adquirir uma tonalidade avelã. A cor dos

braços de Dinny no Verão. Obrigavam-no a mudar-se, uma e outra vez. Depois foi a polícia, nos dias que se seguiram ao desaparecimento. O avô Flag observava-os com um olhar calmo, penetrante. Obrigaram-nos a todos a mudarem as suas carrinhas, várias vezes, com um rugido de motores e colunas de fumo de combustível. Um atrelado, que pertencia a um homem chamado Bernie, precisava de um reboque para o puxar. Mickey e os outros homens enfiaram-lhe os ombros, moveram-no, fizeram aquilo que lhes mandaram fazer, apesar de o atrelado estar suficientemente erguido do chão e ser fácil procurar por baixo dele. Perguntei à minha mãe de que é que eles andavam à procura. *Terra revirada*, disse-me ela sucintamente, e eu não percebi.

Uma figura que passa pelas portas desperta-me – Dinny, a caminhar devagar. Corro desajeitada para o corredor.

– Dinny, o que é que aconteceu? Está tudo bem?

– Erica? O que é que ainda estás aqui a fazer? – Parece atordoado, abatido e admirado por me ver ali.

– Bem, eu... eu estava à espera de notícias. E pensei que quisesses uma boleia.

– Pensei que te tinhas ido embora. Não precisavas de ter esperado todo este tempo! Eu posso apanhar o autocarro...

– São três e meia.

– Ou então um táxi – corrige-se ele, teimoso.

– Dinny, podes dizer-me como está a Honey? E o bebé?

– Óptima, ela está óptima. – Sorri. – O bebé estava virado ao contrário, mas ela acabou por conseguir. É uma menina e está bem. – A voz dele está rouca, soa exausto.

– Isso é excelente! Parabéns, tio Dinny – digo.

– Obrigado. – Sorri, um pouco timidamente.

– Então, quanto tempo é que vão ter de cá ficar?

– Uns dois dias. A Honey perdeu muito sangue e o bebé está com um pouco de icterícia. Agora estão as duas a dormir profundamente.

– Pareces esgotado. Queres uma boleia para casa? – ofereço. Dinny esfrega os olhos com o polegar e o indicador.

– Sim, obrigado – assente.

O tempo não melhorou. Conduzo a uma velocidade mais cautelosa. O campo está tão negro, vazio. Sinto-me como se estivéssemos a escavar um túnel através dele, as duas únicas pessoas no mundo. Estou atordoada pela fadiga, mas demasiado cansada para dormir. Tenho de me concentrar muito para conduzir em segurança. Abro um pouco a minha janela; o ar frio atinge-me, bem como pequenos salpicos de água da chuva. O seu rugido enche o carro, abate-se sobre o peso do silêncio entre ambos.

– Não me disseste que a Honey era tua irmã. Não o percebi – digo, num tom não muito amável.

– Quem é que pensaste que ela fosse?

– Bem... Pensei que fosse... Não sei...

– Pensaste que fosse minha namorada? – pergunta ele, incrédulo, e depois ri-se ruidosamente. – Erica, ela tem quinze anos!

– Bem, eu não sabia disso! – respondo, na defensiva. – O que é que eu devia ter pensado? Não tinhas uma irmã da última vez que te vi.

– Não, não tinha. Ela nasceu muito depois de vocês partirem. Um bónus atrasado, como a minha mãe lhe chamou. – Sorri ligeiramente. – Agora já não tem assim tanta certeza.

– O que é que queres dizer com isso?

– Bem, tu já a conhecestes. A Honey não tem o mais fácil dos temperamentos.

– Então, o que é que aconteceu? Como é que ela acabou por ficar contigo?

– O bebé. Quando engravidou, a minha mãe queria que ela se livrasse dele. Pensou que iria arruinar a sua vida, ter um filho tão nova. A Honey recusou. Então a minha mãe disse tudo bem, dá-o para adopção, e de novo ela não o quis fazer. Tiveram uma discussão enorme, e depois o Keith também se meteu ao barulho. Por isso, a Honey saiu e disseram-lhe para nunca mais voltar. – Suspira. – Estão apenas zangadas uma com a outra, apenas isso.

- O Keith é o novo marido da tua mãe?
- Não são casados, mas sim, é como se fossem. É porreiro. Um pouco retrógrado.
- Não consigo imaginar a tua mãe com alguém retrógrado.
- Não, bem, a Honey também não.
- Mas a Honey deve estar habituada a um estilo... mais convencional de vida, não está?
- Ela viajou connosco até aos sete anos, quando o meu pai morreu. Acho que lhe está no sangue. Ela nunca assentou muito bem num estilo de vida normal.
- Mas agora, com o bebé... Decerto que não pode ficar contigo para sempre?
- Não, não pode – diz ele firmemente, e lança-lhe um olhar. Parece preocupado, e o silêncio volta a instalar-se no carro.
- O que é que aconteceu ao pai? – pergunto, cautelosa.
- O que é que lhe aconteceu? Por enquanto, nada. Isso pode mudar, se alguma vez lhe puser as mãos em cima – diz Dinny, num tom sombrio.
- Ah. Então ele não tem sido um cavalheiro em relação a tudo isto?
- É um idiota da cidade com vinte e um anos, que convenceu a Honey de que ela não podia engravidar da sua primeira vez.
- Esse velho stratagem. – Pestanejo. – E vinte e um anos? Ele devia saber que estava a mentir...
- Como te disse, se alguma vez o apanhar... A Honey não me diz o seu nome completo, nem onde ele vive – diz Dinny, carrancudo.
- Lanço-lhe um olhar irónico, sorrio um pouco.
- Porque é que será? – murmuro. – Apesar disso, deve ser uma maneira estupenda de criar uma criança, viver como vocês vivem. A viajarem de um lado para o outro, para onde vos apetecer. Sem hipotecas, sem empregos das nove às cinco, sem se preocuparem com infantários... Uma vida no exterior, sem terem de aguentar com os vizinhos... – aventuro.
- É bom para alguém como eu, mas para uma miúda de quinze anos com um filho sem pai? Ela ainda nem acabou a escola – suspira. – Não. Ela tem

de voltar para casa.

Estaciono em frente de casa. A luz do escritório que deixei acesa continua a reluzir, iluminando os troncos nus das árvores mais próximas.

– Obrigado, Erica. Obrigado por nos teres levado. Foste estupenda com a Honey, há bocado – diz Dinny, estendendo a mão para o puxador.

– Porque é que não entras? Apenas para te aqueceres. Há *brandy*, e se quiseres podes tomar um duche. Estás coberto de lama – digo-lhe. Ele olha para mim, inclina a cabeça naquele modo intrigado.

– Estás a oferecer-me um duche? – Sorri.

– Ou o que quiseres. Posso procurar-te uma *T-shirt* limpa – atrapalho-me.

– Não me parece boa ideia, Erica.

– Oh, por amor de Deus, Dinny! É apenas uma casa. E agora és bem-vindo. Não vais ser *contagiado* pelas convenções sociais só por usares o quarto de banho.

– Não tenho a certeza se serei bem recebido. Vim até cá falar com a Beth. Ela não me deixou entrar – diz ele, em voz baixa.

– Eu sei – respondo, antes de o conseguir evitar. Ele lança-me um olhar inquisidor. – Estava à escuta. No cimo das escadas – digo, apologeticamente.

Dinny revira os olhos.

– A velha Erica de sempre.

– Então, vais entrar? – Sorrio. Dinny olha para mim durante um longo momento, até eu me começar a sentir presa ao lugar; de seguida, olha para a noite hostil.

– Está bem. Obrigado – anui.

Conduzo Dinny até ao escritório. A lareira apagou-se, mas ainda está quente. Corro os cortinados.

– Céus, está escuro lá fora! Em Londres temos de fechar os cortinados para afastar a luz, e aqui temos de o fazer para afastar a escuridão – digo. O vento atira uma folha morta contra o vidro, aguenta-a lá. – Continuas a achar que isso do mau tempo não existe? – pergunto-lhe, irónica.

– Sim, mas admito que esta noite estou definitivamente a usar a roupa errada – concede Dinny.

– Senta-te. Vou buscar-te *brandy* – digo-lhe. Dirijo-me à sala de estar para ir buscar o decantador e dois cálices de cristal, fazendo o menor barulho possível. Fecho a porta devagar. – A Beth está a dormir – digo-lhe, enchendo os copos.

– A casa parece estar igual, ao que recordo – diz Dinny, dando um gole do líquido alcoólico e ambarino, e esboçando um ligeiro esgar.

– A Meredith nunca foi pessoa para fazer alterações desnecessárias. – Encolho os ombros.

– Os Calcott fazem parte da velha guarda. Porque é que ela haveria de querer alterar alguma coisa?

– Faziam parte da velha guarda. Dificilmente podes dizer isso de mim e de Beth; eu sou uma professora sem dinheiro, por amor de Deus, e Beth uma mãe solteira que trabalha.

Dinny esboça um sorriso rápido e irónico ao ouvir aquilo.

– Isso deve ter lixado a velha.

– Obrigada. Gostamos de pensar que sim. – Sorrio. – Queres outro? – pergunto-lhe, quando esvazia o copo. Ele abana a cabeça, depois recosta-se na poltrona, estende os braços por cima da cabeça e arqueia as costas, como um gato. Observo-o, sentindo o calor a espalhar-se-me pelo estômago, o sangue a latejar-me nos ouvidos.

– No entanto, sou capaz de aceitar o duche. Confesso que já se passou algum tempo desde que tive acesso a instalações como estas.

– Claro. – Anuo, num tom indiferente. – Por aqui.

O quarto mais afastado de Beth é o de Meredith, e é a suíte que tem o melhor chuveiro – o enorme cubículo de vidro está opaco devido ao verdete, mas tem um daqueles chuveiros enormes, que lançam uma grande cascata de água quente. Encontro um sabonete novo, uma toalha lavada e acendo o candeeiro da mesa-de-cabeceira, porque a luz do tecto é demasiado brilhante, e se Beth estiver acordada pode ver uma faixa debaixo da porta e vir investigar. Dinny pára no meio do quarto e vira-se,

observando a cama grande, os cortinados pesados, o mobiliário antigo e carregado. A tapete puída sobre as tábuas irregulares do soalho é de um verde salva. Aquele cheiro vagamente familiar a pó, naftalina e cães.

– Este é o quarto dela, não é? Da Lady Calcott? – pergunta Dinny. Sob a luz fraca, os seus olhos são pretos, inescrutáveis.

– É o que tem o melhor chuveiro – digo, indiferente.

– Parece-me... um pouco errado, estar aqui.

– Acho que ela te deve, pelo menos, um duche – digo-lhe, gentilmente. Dinny não responde, começa a desabotoar a camisa enquanto eu me apresso a sair do quarto.

Ao avançar suavemente ao longo do corredor, oiço a água do chuveiro a escorrer, os canos a gorgolejar e a chiar nas paredes, e fecho os olhos, esperando que Beth não acorde. Mas no momento em que penso nisso, ela aparece, a olhar para mim com a cabeça espetada fora da porta do seu quarto na extremidade mais afastada do corredor. O cabelo pende-lhe de ambos os lados do rosto, os seus pés nus são brancos e vulneráveis.

– Erica? És tu? – A sua voz está tensa de alarme.

– Sim, está tudo bem – digo, em voz baixa. Não quero que Dinny oiça que ela está acordada.

– O que é que estás a fazer levantada? Que horas são? – Boceja.

– É muito cedo. Volta a deitar-te, querida. – Beth esfrega o rosto. Os seus olhos estão enormes, confusos, recém-despertos.

– Erica? Quem é que está a tomar duche? – pergunta ela.

– O Dinny. – Olho para os meus pés com as suas meias sujas, um pouco desconfortável.

– O quê? O que é que se está a passar?

– Não é nada de especial. A Honey teve o bebé esta noite, tive de os levar de carro a Devizes, e ficámos ensopados e enlameados e... quando voltámos, eu disse-lhe que se ele quisesse podia tomar aqui um duche – explico-lhe, tudo de uma vez.

– Estiveste em Devizes? Porque é que não me chamaste?

– Estavas a dormir! E tive de partir à pressa. A Honey não se estava a sentir bem e... foi tudo muito rápido, apenas isso. – Esmago um dos meus pés por baixo do outro. Sinto-me relutante em olhá-la nos olhos. Esboço um sorriso. – Imagina como a Meredith ficaria... se soubesse que um Dinsdale esteve no seu chuveiro! – sussurro, mas Beth não sorri.

– O Dinny está no chuveiro e tu estás à porta do quarto à espera, como... como não sei o quê – diz ela.

– Não estou à espera à porta do quarto! Só lhe ia buscar uma *T-shirt* lavada...

– Erica, o que é que estás a fazer? – pergunta-me ela, séria.

– Nada! Não estou a fazer nada – respondo, mas apesar de ser verdade não soa assim. – Vais-me dizer que não o devia ter convidado?

– Talvez não o devesse ter feito – diz ela, cortante.

– Porque não?

– É... ele... é praticamente um desconhecido, Erica! Não te podes limitar a convidar pessoas ao acaso, a meio da noite!

– Não são pessoas ao acaso. É o Dinny – digo num tom firme. Sustenho-lhe o olhar, vejo que ganhei aquela discussão. Ela não consegue explicar a sua objecção, não sem explicar outras coisas. Não diz mais nada, vira-se lentamente e fecha a porta.

Apresso-me para o meu quarto, tiro da mala uma das *T-shirts* enormes que uso como pijama e deixo-a à porta do quarto de Meredith. O vapor sai por baixo dela, bem como o cheiro mineral da água quente. Desço rapidamente as escadas, volto a entrar no escritório, bebo de uma golada o resto do meu *brandy*.

Saio quando oiço Dinny a correr escadas abaixo. O vestíbulo está mergulhado nas sombras. Ele pára, ao ver-me.

– Erica! Assustaste-me – diz, soando cansado. Leva uma mão ao cabelo e penteia-o grosseiramente com os dedos. A água pinga das pontas, ensopando os ombros da minha *T-shirt* dos Rolling Stones.

– Lá se vai a roupa seca – comento.

– Pelo menos, está mais seca. – Ele sorri. – Vou ficar molhado assim que voltar a sair, mas de qualquer maneira, obrigado. Tenho de admitir que é um chuveiro estupendo.

Parece que não lhe consigo responder; parece que não consigo respirar bem. Sinto-me como se me tivesse esquecido de o fazer, como se inalar já não se seguisse ao exalar, como se tivesse perdido a sua lógica. Ele chega ao fundo das escadas, pára ao meu lado, e eu sinto-me como se estivesse demasiado perto. Mas nem ele nem eu nos mexemos. Ele inclina a cabeça, lança-me um olhar divertido. O mesmo olhar de há décadas, quando lhe disse que tinha visto ogres no planalto, e de repente sou inundada por recordações dele: a ensinar-me a mergulhar como um pato, a observar as minhas incontáveis tentativas falhadas; a mostrar-me como sugar o néctar das flores brancas das urtigas, arrancando uma e oferecendo-ma. A sua expressão altera-se aos poucos, torna-se mais séria. Sinto-me capaz de me dissolver sob o seu escrutínio, mas parece que não me consigo voltar como devia, ou afastar-me. Vejo uma gota de água a escorrer-lhe pelo braço; observo os ligeiros arpejos que se erguem à sua passagem. A minha mão move-se involuntariamente.

Toco o lugar onde a gota pára, passo os dedos ao longo do seu antebraço, limpando o seu rasto frio. O formato dos músculos sobre os ossos. O calor do seu sangue sob a pele. Sinto a minha pele a inflamar-se onde lhe toco, mas deixo a mão pousada no seu braço; estou petrificada, não me consigo mexer. Ele também o fica durante um segundo, tão imóvel quanto eu, como se eu nos tivesse gelado a ambos com aquele toque não solicitado. O vestíbulo enorme, o tecto cheio de ecos, parece encolher-se à minha volta. Depois ele afasta-se; apenas um pouco, mas o suficiente.

– Devia ir-me embora – diz, em voz baixa. – Obrigado por... toda a tua ajuda esta noite. A sério. – Soa desorientado.

– Não... há qualquer problema. Quando quiseres – respondo, a pestanejar, espantada.

– Vemo-nos por aí. – Sorri desajeitado, e sai para o amanhecer cinzento.

[4](#) Nome dado ao dia que se segue ao Natal, dia 26 de Dezembro (excepto nos casos em que este cai num fim-de-semana, e aí é adiado para a segunda-feira seguinte), nos países anglófonos. (*N. da T.*)

LAMENTO

1904

Caroline deu por si fora de casa, deu por si ensopada e a tremer sem sequer se aperceber que se tinha movido. A água escorria-lhe para os olhos, escorria-lhe pelo cabelo e pelas costas do vestido de algodão; e enquanto os dois cavalos entravam a trotar no pátio, ela correu a chapinhar até junto deles, e sentiu o cheiro acre dos animais quentes e molhados. Reconheceu Hutch e Joe, os chapéus puxados para baixo sobre os rostos, e ao respirar fundo para lhes perguntar o que acontecera, viu o terceiro cavaleiro, suspenso frouxamente sobre a parte da frente da sela de Hutch; de cabeça nua, a chuva a escorrer pelo cabelo cor de bronze, agora liso e escuro.

– Corin? – sussurrou ela, estendendo a mão para o abanar ligeiramente. Não lhe conseguia ver o rosto, não conseguia fazer com que ele erguesse os olhos para ela. – Onde é que está o chapéu dele? Ele vai constipar-se! – gritou a Hutch. Não reconhecia a própria voz; era demasiado alta, demasiado estridente.

– Mrs. Massey, vamos, afaste-se. Temos de o levar para dentro de casa. Depressa! – disse-lhe Hutch severamente, tentando contorná-la com o cavalo.

– Onde está a *Strumpet*? O que é que aconteceu ao Corin... o que é que se passa com ele? Digam-me! – perguntou, de novo frenética. Prendeu os dedos à volta das rédeas do cavalo, puxou-lhe a cabeça para trás, impediu que o animal passasse por ela com a sua carga preciosa. Hutch disse qualquer coisa rápida, e Joe saltou para o chão, pegou nas mãos de Caroline e soltou as rédeas. Joe gritou qualquer coisa, a sua voz alta e profunda.

Caroline não lhe prestou atenção. Apareceram mais homens para levarem os cavalos, para pegarem em Corin. Caroline seguiu-os aos tropeções, até aos degraus do alpendre da casa; caiu, e descobriu que não se conseguia voltar a levantar. Não se conseguia lembrar como é que se andava, como fazer as pernas dobrarem-se ou os pés erguerem-se ou baixarem. Mãos fortes levantaram-na, e apesar de a levarem na direcção em que ela queria ir, Caroline lutou selvaticamente contra eles, como se pudesse resistir ao que estava a acontecer, e fazer com que não fosse assim.

Deitaram Corin na cama. Caroline secou-lhe cuidadosamente o cabelo com uma toalha de linho, despiu-lhe a camisa molhada e puxou-lhe as botas ensopadas dos pés, espalhando água da chuva pelo chão. Foi buscar cobertores lavados e tapou-o. As mãos de Corin estavam frias como gelo e Caroline apertou-as entre as dela, sentindo os calos familiares, tentando introduzir nelas algum calor quando sabia que não tinha nenhum para lhe dar. Trouxe uma tigela de guisado de coelho, fumegante e aromático, e pousou-o na mesa-de-cabeceira.

– Não queres um pouco? Vai aquecer-te – murmurou-lhe.

– Ele estava a cavalgar velozmente atrás de um coiote enorme. Era o último que íamos perseguir, já que víamos que a chuva se estava a aproximar. *Strumpet*... Ela sempre foi a mais rápida. E também a de patas mais velozes, o que não é a mesma coisa. Era ágil, aquela égua. De pensamentos rápidos. Nunca vi um cavalo e um cavaleiro a moverem-se tão bem juntos, como o Corin e aquela égua... – Hutch falava num tom monocórdico e baixo; os olhos fixos em Corin e as suas mãos a desenharem círculos, a torcerem, a retorcerem e a voltarem a torcer. Caroline mal ouviu uma palavra do que ele disse. – Mas depois, sem qualquer aviso, ela tropeçou. Ergueu-se no ar, as patas estendidas acima da cabeça. O que quer que tenha pisado, e acho que devia ser areia movediça, não o chegou a ver, senão decerto que o teria evitado. O Corin foi atirado ao chão e... e depois a *Strumpet* caiu em cima dele. Foi tudo tão rápido! Como se Deus tivesse estendido a mão e virado aquele pobre cavalo com um piparote do dedo. Tinha as duas patas da frente partidas. O Joe abateu-a. Abateu-a, e tivemos

de a deixar ali para aqueles malditos coiotes. Aquela égua corajosa! – Calou-se, as lágrimas a rolarem-lhe pelas faces.

Caroline pestanejou.

– Bem – acabou por dizer lentamente, como se estivesse embriagada –, vocês vão ter de voltar para a ir buscar. O Corin não quer outro cavalo além dela. – Hutch olhou para ela, confuso. – O médico já chegou? – perguntou Caroline, virando-se de novo para a cama. Uma mancha escura de água estava a arruinar os quadrados de seda da colcha, a estender-se à volta de Corin. Faixas de uma cor zangada florescia sob a pele do seu peito e braços, como um rubor feio. O ombro direito encontrava-se num ângulo errado, e a cabeça pendia-lhe para a esquerda, sempre para a esquerda. Caroline enfiou as mãos debaixo dos cobertores para ver se ele estava a aquecer, mas a sua pele estava de certo modo fria e estranha. Deitou a cabeça ao lado da dele e recusou-se a ouvir o recanto silencioso e aterrorizado da sua mente que sabia que ele estava morto.

Enterraram Corin na sua própria terra, no cimo de um declive verde a uns quarenta e cinco metros de distância da casa, e bem afastado do poço de água doce. O vigário veio de Woodward e tentou convencer Caroline de que seria mais adequado que o enterro fosse feito no cemitério da vila, mas como ela estava demasiado apática para responder, foi Hutch quem teve a palavra final, e insistiu que Corin queria ser enterrado na pradaria. Naquele dia, Angie Fosset e Melro trataram de Caroline; vestiram-lhe um vestido preto emprestado, que lhe ficava demasiado grande e lhe pendia da estrutura magra em pregas. Também lhe encontraram um chapéu com um véu e duas penas de avestruz, compridas e pretas, que se estendiam atrás dela.

– Já escreveste à família dele, Caroline? – perguntou Angie, escovando o cabelo embaraçado de Caroline. – Querida, já escreveste à mãe dele? – Mas Caroline não lhe respondeu. Não lhe restava qualquer vontade para respirar, para formar palavras. Angie lançou a Melro um olhar sombrio, e afastou a rapariga ponca para um lado para uma conversa sussurrada que Caroline

nem sequer tentou ouvir. Conduziram-na pelo declive acima até à campa, onde ela ficou parada enquanto o vigário lia o sermão fúnebre a uma multidão de rancheiros, vizinhos e a uma boa parte da população de Woodward. O céu estava turvo. Um vento quente fazia abanar a coroa de rosas brancas pousada sobre o caixão, e lançava algumas gotas de chuva sobre a congregação.

Depois de terminadas as habituais orações, Hutch avançou alguns passos e parou à cabeça do caixão. Os enlutados esperaram, os olhos respeitosa e baixos, e quando Hutch não falou, eles esperaram mais um pouco, erguendo de tempos a tempos os olhos na sua direcção. Até Caroline acabou por levantar os olhos velados, para ver o que se estava a passar. Depois, por fim, Hutch respirou fundo e falou numa voz profunda, suave e firme.

– Aqui o reverendo fez um belo discurso, e sei que o fez para nos reconfortar. E bem poderá ser um reconforto para alguns, pensar que Corin Massey foi à nossa frente para o reino dos Céus. Atrevo-me a dizer que, com o tempo, também poderei sentir algum conforto com esse mesmo pensamento. Espero que ele goste de lá estar. Espero que haja bons cavalos, e espaços verdes e amplos onde possa cavalgar. Espero que ali o sol seja da cor de um amanhecer primaveril sobre a pradaria. Mas hoje... – interrompeu-se, a sua voz a tremer. – Hoje, espero que Deus me perdoe se apresento a minha objecção por Ele nos ter levado o Corin tão cedo. Apenas hoje, acho que nos podemos sentir injuriados por o nosso grande amigo ter partido. Pois iremos sentir amargamente a sua falta. Eu irei sentir amargamente a sua falta. Mais do que sou capaz de exprimir. Ele era o melhor de todos nós, e não podíamos esperar encontrar um homem mais amável ou mais justo. – Hutch engoliu em seco, com duas lágrimas a rola-lhe pelas faces. Limpou-as rapidamente com as costas da mão, e depois, pigarreando, começou a cantar:

Onde as gotas de orvalho caem e a borboleta descansa,

A rosa silvestre floresce na crista da pradaria.

Onde os coiotes uivam e o vento corre livremente,

Eles deitaram-no ali na pradaria solitária.

A sua canção era tão triste quanto o vento vazio, e passou através de Caroline. Ela sentia-se tão insubstancial quanto o ar, tão intangível quanto as nuvens acima de si. Os seus olhos voltaram a pousar no caixão de madeira clara. Não havia nada nele que lhe falasse de Corin, nada que a fizesse recordar-se dele. Era como se tivesse sido varrido da face da Terra, pensou, e isso parecia algo impossível de acontecer. Ela não tinha fotografias nem retratos dele. O seu cheiro já começara a desaparecer da sua almofada, da sua roupa. Hutch, Joe, Jacob Fosset e três outros homens avançaram para ambos os lados do caixão, pegaram nas cordas com as suas mãos rugosas e ergueram-no. O vigário voltou a falar, mas Caroline virou-se e desceu o declive aos tropeções, as pregas do vestido emprestado a esvoaçarem atrás dela, como o eco enegrecido do seu vestido de casamento. Não conseguia aguentar ver o peso daquelas cordas, a tensão naquelas mãos. Não conseguia aguentar imaginar aquilo que fazia aquele caixão pesar; e a escuridão da sepultura aberta horrorizava-a.

– Não a deixem sozinha, nem por um instante. Nem por um instante, Maggie. Ela já se sentia muitíssimo solitária quando o Corin estava vivo, que Deus a ajude – sussurrou Angie a Melro, quando se preparou para voltar a casa depois do funeral. Caroline encontrava-se mesmo ao lado delas, mas Angie calculou que ela não se importasse. Angie virou-se para ela, pousou-lhe mãos firmes nos ombros. – Volto na terça-feira, Caroline – disse tristemente, mas, ao abrir a porta, Caroline descobriu por fim a sua voz.

– Não vás! – gritou. Não conseguia suportar que a deixassem, não conseguia aguentar o vazio. Os espaços no interior da casa eram tão aterrorizadores como aqueles no exterior. – Por favor... não vás, Angie – disse ela. Angie virou-se, o rosto contorcido de pena.

– Oh, Caroline! – suspirou, abraçando a vizinha. – O meu coração está a partir-se por ti, está mesmo – disse, e Caroline chorou, o corpo a sacudir-se, impotente, contra o de Angie.

– Eu... eu não consigo... *não consigo aguentar!* – chorou Caroline, e a sua angústia parecia suficiente para a despedaçar. Melro escondeu o rosto entre as mãos e baixou a cabeça num sinal de dor.

Mas Angie acabou por partir, tinha uma família sua para tratar. Melro ficava com Caroline o máximo que lhe era possível. Dormia num cobertor dobrado na divisão principal, com William ao seu lado. O choro dele acordava Caroline a meio da noite, deixando-a em pânico, porque era demasiado alto e pouco familiar. Ela pensava que havia coiotes dentro de casa, ou que Corin regressara e estava a chorar com dores. Mas assim que acordava por completo, voltava a ser avassalada por uma lassidão vaga e persistente. Uma noite espreitou Melro através de uma frincha na porta, e viu a rapariga de pele escura a dar de mamar ao bebé à luz da vela, a cantar tão suavemente que o som mais parecia o de uma brisa, ou do sangue a mover-se nos ouvidos de Caroline. Sentia a escuridão nas suas costas como uma ameaça, como um demónio, e estava demasiado assustada para se virar e olhar. A escuridão do quarto vazio, agora tão vazio como tudo o resto. A dor das saudades de Corin, quando se deitava naquela cama escura, era como uma faca alojada no seu coração, a revirar-se lentamente. Por isso manteve-se junto da frincha da porta durante muito tempo, atraída pela luz da vela como uma traça; e, por fim, Melro parou de cantar e mudou subtilmente de posição, apenas o suficiente para lhe mostrar que se sentia a ser observada.

Agora nem valia a pena lutar contra o calor do pino do Verão. Caroline fazia o que lhe mandavam e comia desde que Melro se sentasse com ela e a forçasse a fazê-lo. De noite, Melro falava-lhe gentilmente de assuntos sem importância enquanto a despia e lhe escovava o cabelo, tal como a sua criada Sara o fizera outrora. Caroline fechou os olhos e pensou nesse tempo, no período negro que se sucedera à morte dos pais, e como pensara que nunca mais se iria sentir assim tão triste e perdida. Mas aquilo era pior; era muito, muito pior.

– Lembras-te de quando o meu pai nos levou ao circo, Sara? – murmurou, com o fantasma de um sorriso.

– Quem é a Sara, Mrs. Massey? – perguntou Melro, abrupta. – Sou a Melro, a sua amiga, Mrs. Massey.

Caroline abriu os olhos, e fixou os olhos da rapariga ponca no espelho.

– Sim, claro – disse, num tom monocórdico, para esconder o facto de que por momentos não tivera qualquer noção de quem era ou onde se encontrava.

Enquanto tratava das suas tarefas, Melro habituou-se a deixar William no colo de Caroline. Fazia isso em especial quando Caroline não falava durante várias horas ou não respondia a perguntas, o rosto fixo e impassível. A criança, na altura com dez meses, passados instantes começava a contorcer-se e a subir por ela acima, e Caroline via-se forçada a agarrá-lo, a mantê-lo quieto, e a focar nele a sua atenção.

– Cante-lhe, Mrs. Massey. Conte-lhe a história do jardim do Eda – incitava-a Melro; e apesar de Caroline não conseguir encontrar quaisquer histórias ou canções no seu íntimo, encontrava vestígios de um sorriso para o bebé; e as suas mãos despertavam o suficiente para lhe fazerem cócegas, para o segurarem e o colocarem numa posição melhor. Não pestanejava quando ele lhe puxava o cabelo. William olhava-a com os seus olhos curiosos, escuros e aveludados, e esboçava um sorrisinho de tempos a tempos; e de tempos a tempos, Caroline pegava nele e abraçava-o fortemente, os olhos fechados, como que a retirar forças do seu corpo minúsculo. Melro pairava ali por perto quando ela o fazia, pronta a voltar a pegar na criança quando o abraço se tornava demasiado apertado e a fazia chorar.

Ao longo daquele Verão, Caroline passou longas horas sentada no alpendre, batendo na parte inferior da cadeira de baloiço de Corin com a biqueira do sapato e depois fechando os olhos, ouvindo o som que a cadeira fazia ao chiar para a frente e para trás, para a frente e para trás. Tentava não pensar. Tentava não se interrogar como poderiam ter sido as coisas se naquela noite ela não tivesse culpado os coiotes pelos seus medos. Tentava não se perguntar como teriam sido as coisas se naquela noite não tivesse tido aquele pesadelo, se não tivesse tido medo da vastidão, se tivesse sido

uma pessoa mais forte; uma pessoa melhor, mais adaptável. Uma pessoa mais corajosa. Qualquer outro tipo de pessoa, além daquela que enviara o marido a perseguir cães selvagens e a morrer. Chorava sem se aperceber que o fazia, e andava de um lado para o outro com o rosto incrustado em sal. E não tinha nenhum filho dele para criar, e a quem falar com uma dor calma, de como o seu pai fora bronze, ouro, glorioso. Nem sequer lhe restava esse vestígio para a reconfortar. Olhava para o horizonte distante e vasto, e permitia-se sentir medo dele. Ficava sentada durante todo o dia, e tinha medo. Era a única forma de se castigar, e sentia que aquela miséria abjecta não era pior do que aquilo que merecia.

Algumas semanas depois, Hutch entrou na casa, depois de uma pancada respeitosa na porta. Se Caroline não estivesse tão distante, tão focada no seu íntimo desde a morte de Corin, teria reparado no sofrimento do homem, e no modo como ele a evitava, carregando sobre os ombros a culpa do acidente de Corin. Estava mais magro, porque não se conseguia obrigar a comer. O acidente ferira-o demasiado profundamente. As rugas do seu rosto pareciam mais fundas, embora ainda não devesse ter trinta e cinco anos. A culpa pesava-lhe e a dor estava a envelhecê-lo, a marcá-lo, tal como o estava a fazer a Caroline, mas ela não era capaz de oferecer conforto. Nem sequer a Hutch. Fez-lhe café e reparou, solenemente e sem qualquer satisfação, que conseguira por fim fazer um café bem forte, não fraco, nem amargo, nem queimado. Imaginou Corin a bebericá-lo, imaginou o sorriso que se teria espalhado pelo seu rosto, o modo como ele a teria elogiado por isso – passando um braço à volta da sua cintura, plantando-lhe um beijo na face. *Querida, este é o melhor café que alguma vez provei!* Até os pequenos triunfos de Caroline o deixavam orgulhoso. Pensamentos como aquele faziam-na vacilar. Pensamentos como aquele faziam com que as pernas lhe cedessem.

– Mrs. Massey, sabe que odeio incomodá-la, mas há coisas que necessitam da sua atenção – disse Hutch, pegando na caneca que ela lhe estendia. Com um ligeiro acenar da mão, Caroline convidou-o a sentar-se, mas apesar de

Hutch se ter virado para olhar para a cadeira que ela lhe indicara, continuou de pé.

– Que coisas? – perguntou.

– Bem, agora que o Mr. Massey... desapareceu, a senhora passou a ser a dona deste rancho. Sei que isso pode soar alarmante, mas não precisa de o ser. Não quero que se preocupe com nada. Eu ficarei aqui, e tratarei disso por si. Sei muitíssimo bem como ele funciona, e estou aqui há tempo suficiente para lhe chamar a minha casa. O seu marido confiava em mim as suas preocupações, e espero que a senhora também o possa fazer. Mas há coisas que eu não posso fazer, e uma dessas é pagar os salários aos vaqueiros e trabalhadores.

– Pagar-lhes? Mas... eu não tenho dinheiro. – Caroline franziu a testa.

– Aqui talvez não. De dois em dois meses, o Corin ia ao banco em Woodward buscar o dinheiro dos salários; e não vejo porque é que a senhora não pode fazer o mesmo.

– Queres... que eu vá a Woodward? Não posso – recusou-se ela, tão firmemente como se ele lhe tivesse pedido que fosse à lua.

– Eu levo-a. Podemos passar lá apenas uma noite, se assim o quiser; ou pode ir visitar algumas senhoras enquanto lá estivermos. Acho... – Hutch interrompeu-se, revirando o chapéu nas mãos. – Acho que tem de ir a Woodward, minha senhora. Acho que precisa de ver pessoas. Acho que precisa de enfiar algum ar nos pulmões. E se não lhes pagarmos, estes rapazes irão para outro sítio. São bons e leais, mas já há dois meses que não têm dinheiro, e isso não é justo. E eu não posso tratar do rancho sem eles. – Bebericou por fim o café, e a sua expressão de surpresa ao provar aquele sabor tão rico não passou despercebida. Caroline imaginou a viagem até Woodward, e um cansaço enorme abateu-se sobre ela. Cambaleou para trás e esforçou-se por manter o equilíbrio, agarrando o braço da cadeira em busca de apoio.

– Então, está bem, se é a única maneira possível. O Corin... O Corin teria querido que o rancho continuasse.

– Pois quereria, Mrs. Massey – concordou Hutch. Calou-se, e baixou tristemente a cabeça. – O seu marido era um homem bom, não restam dúvidas quanto a isso. O melhor que jamais conheci. E este lugar era a sua alegria e orgulho, por isso acho que, por ele, devemos continuar a manter o rancho a funcionar, e torná-lo maior e melhor do que nunca – disse, erguendo os olhos para ouvir Caroline concordar com que acabara de dizer, mas ela estava a olhar pela janela e mal o ouviu. – O raio deste café é mesmo bom, se me perdoa a linguagem, Mrs. Massey – disse-lhe Hutch, esvaziando a caneca. Caroline olhou para ele, e esboçou um sorriso de concordância.

Esqueceu-se da sombrinha, e sentiu o sol a queimar-lhe a pele assim que partiram para Woodward. Com os olhos firmemente fechados devido à luz, pensou nas rugas que se iriam enraizar no seu rosto, e descobriu que não se importava. O vento soprava, quente e seco, e um manto de poeira assentava à volta de Woodward. Pequenos grãos entraram nos olhos imóveis de Caroline, de modo que ao descerem a rua principal as lágrimas lhe corriam pelo rosto. Ela secou-as de uma forma bruta, a empurrar a carne com força, a sentir a estranha solidez dos globos oculares atrás das pálpebras.

– Pare. Para com isso – disse-lhe Hutch, suavemente. Molhou o lenço com água do seu cantil, e manteve as mãos de Caroline imóveis entre uma das suas enquanto lhe limpava a areia do rosto. – Pronto – disse, em voz baixa. – Assim está melhor. Presumo que os seus pobres olhos tenham, nos últimos tempos, derramado lágrimas suficientes para durar toda uma vida. – A mão que segurava as dela deixou de a apertar com tanta firmeza mas não a soltou por completo e, ternamente, sacudiu-lhe da face um último grão de areia com o polegar.

– O lugar é este? – perguntou Caroline, apática. Tinham parado à porta do banco Gerlach, um edifício grande com um letreiro imponente e chamativo.

– É este. Quer que vá consigo?

– Não. – Caroline abanou a cabeça. – Eu fico bem. Obrigada.

O interior do edifício estava silencioso e fresco, e ao entrar as botas de Caroline ressoaram ruidosamente no soalho de madeira. Aproximou-se do empregado jovem e bem vestido, e viu-o a recuar ao olhar para o seu rosto, roupa e cabelo. Um relógio de caixa alta, muito parecido com aquele que Bathilda tinha no vestíbulo da sua casa, batia estrondosamente encostado a uma parede; pareceu-lhe um objecto de outro mundo.

– Posso ajudá-la, minha senhora? – perguntou ele.

– Gostaria de fazer um levantamento – respondeu Caroline, percebendo que não fazia a mínima ideia de como isso poderia ser conseguido, já que nunca fizera um tal pedido antes.

– Tem uma conta no Gerlach, minha senhora? – perguntou o empregado, num tom de voz que parecia dizer que considerava essa possibilidade improvável. Caroline olhou para o seu bigode bem aparado e para o fato com o colarinho imaculado. A expressão dele era arrogante, pensou, para um rapaz que trabalhava num banco. Recompôs-se e fixou-o com um olhar firme.

– Creio que o meu marido tem aqui uma conta, há muitos anos. Sou Mrs. Corin Massey.

Ao ouvir aquilo, um homem mais velho aproximou-se por trás do jovem empregado e sorriu-lhe amavelmente.

– Mrs. Massey, entre e sente-se. Chamo-me Thomas Berringer. Tenho estado à sua espera. Já foi tudo colocado em ordem, e claro que tem acesso à conta do seu falecido marido. Posso ir buscar-lhe um copo de água? – Mr. Berringer conduziu-a até uma cadeira, e acenou com a mão ao funcionário para que fosse buscar um copo de água.

Quando o homem lhe perguntou quanto dinheiro iria ser levantado, Caroline percebeu que não fazia a mínima ideia. Não sabia quanto é que um cavaleiro ou um vaqueiro deviam receber, quanto lhes devia, ou até quantos jovens havia para pagar. Levantou metade dos fundos disponíveis, e, apesar de Mr. Berringer parecer surpreendido, preencheu os formulários necessários e estendeu-lhos para ela os assinar, sem qualquer comentário. A

data que ele escrevera no cimo fez com que Caroline tivesse um pequeno sobressalto.

– É o meu aniversário – disse, num tom sombrio. – Hoje faço vinte e um anos.

– Bem – Mr. Berringer sorriu, parecendo ligeiramente desconfortável –, muitos parabéns por este dia, Mrs. Massey.

O maço de notas que lhe entregou era grosso e pesado. Caroline sopesou-o na mão, sem ter a certeza de onde o guardar. Ao aperceber-se do seu dilema, Mr. Berringer voltou a chamar o empregado, e encontraram um saco de pano para esconder o dinheiro de olhares curiosos. Lá fora, Caroline parou no passeio alto e olhou para todas as pessoas, cavalos e caleches. Sentira-se outrora tão à vontade entre pessoas. Agora, apercebeu-se, não se sentia à vontade em lado nenhum. Era a sua oportunidade para visitar as lojas da vila, comprar livros, comida ou roupa, mas não conseguia pensar em nada que quisesse. Ao ver uma loja de miudezas, dirigiu-se a ela e comprou um cobertor macio, de croché branco, para William, e uma alcofa de bebé feita de verga entrançada.

– Será mais fresco com este calor do que a faixa de couro em que ele é habitualmente transportado – explicou a Hutch.

– Isso é muito amável da sua parte, Caroline. Tenho a certeza de que a Maggie irá ficar muito satisfeita – assentiu Hutch, guardando os presentes debaixo do assento da caleche. Muito tempo depois, demasiado tarde para fazer qualquer observação, é que Caroline se apercebeu que, pela primeira vez, Hutch a tratara pelo seu nome.

Ficaram apenas uma noite, no mesmo hotel onde tinham ficado na noite da festa. Caroline pediu o mesmo quarto, mas estava ocupado. Queria ficar num lugar onde Corin tivesse estado, como um peregrino a visitar um santuário. Como se o lugar se recordasse de Corin, como se a sua essência ainda pudesse ser ali sentida. Manteve-se à janela durante muito tempo, à medida que o sol descia, tingindo a vila de tonalidades exuberantes de rosa e dourado. Observou as pessoas que passavam e ouviu fragmentos das suas conversas, o irromper das suas gargalhadas, e tentou recordar-se como fora

ser uma delas. À medida que a noite caía, viu Hutch sair com o cabelo bem penteado e uma camisa lavada. Ele bamboleou-se ao longo da rua principal, e Caroline observou-o até o perder de vista entre a multidão.

Os homens foram pagos, e o maço de notas mal diminuiu um terço. Caroline enfiou o que restava no saco de pano e guardou-o na sua malinha de viagem. Ao fazê-lo, a mão roçou em qualquer coisa macia, e ela tirou-a. Era o seu estojo de jóias, de veludo azul, com as esmeraldas da mãe e mais algumas belas peças no interior. Desenrolou-o e olhou para as pedras brilhantes, pensando na última vez que as usara, na noite em que conhecera Corin. Como é que pudera pensar que as poderia usar ali? Pareciam ridículas naquele quarto tão simples. Como flores de estufa exuberantes no meio de um campo de trigo. Levantou-as contra a pele, e olhou para o espelho. Que diferente que parecia agora! Tão escanzelada, tão bronzeada; o nariz repleto de sardas, o cabelo baço e mal-arranjado. Parecia-se com uma criada a experimentar as jóias da sua senhora, e apercebeu-se que talvez nunca mais as pudesse usar. Não tinham lugar na pradaria. Voltou a guardá-las no estojo e voltou a meter o estojo na malinha. Depois, sem pensar, guardou também mais algumas coisas – alguma roupa interior e blusas lavadas; uma camisa de dormir de mangas compridas, demasiado quente para o Verão; alguns pentes e pó de arroz. Fechou a tampa e as fivelas com força, perguntando-se onde raio pensava que poderia ir.

*

No final de Agosto, o rancho ficou silencioso. Hutch, Joe e alguns dos outros homens tinham partido para as pastagens com quase mil cabeças de gado, para as semanas finais da engorda antes de os animais serem carregados em comboios e enviados para norte, para os mercados de carne dos estados do leste. Muitos dos homens que permaneceram no rancho estavam acamados, com uma doença que passava rapidamente de pessoa em pessoa, e os confinava às suas camas com uma febre debilitante e tremores. Sentada no alpendre ao início de uma manhã, a pensar em nada e sem sentir nada, Caroline viu Annie, a irmã de Joe, a sair do rancho no

pónei cinzento de Melro. Dirigia-se para leste, incitando o animal a uma corrida rápida. O rosto da mulher ponca, ao passar, estava franzido, com rugas profundas de inquietação. Caroline observou-a até ela desaparecer de vista; depois pensou durante um bocado, e lembrou-se que não via Melro desde a tarde anterior. Levantou-se e atravessou lentamente o pátio.

A cabana estava quente e fétida. Melro estava deitada na cama e William palavra e murmurava consigo mesmo, na alcofa de verga que Caroline lhe comprara. Havia um cheiro pungente a amoníaco e fezes vindo do bebé, e um odor rançoso e metálico subjacente que fez com que Caroline sentisse instintivamente medo. Com o coração acelerado, ajoelhou-se ao lado de Melro e sacudiu-a ao de leve. O rosto da rapariga estava seco, vermelho escuro. Quando abriu os olhos, estes tinham um brilho estranho e baço, e Caroline recuou ligeiramente, assustada.

– Melro, estás doente? Onde é que a Annie foi? – perguntou, apressada.

– Estou doente, minha senhora. A Nuvem Branca também. Os remédios dela não nos conseguiram curar – sussurrou Melro. Havia uma caneca de madeira ao lado da cama, e Caroline pegou nela. Havia uma mistela qualquer no interior, com um cheiro forte e acre. Levou-a à boca de Melro, mas a rapariga virou debilmente a cabeça. – Não me dê mais dessa coisa. Não quero mais – murmurou.

– Se tens febre, vais ter de beber alguma coisa – disse Caroline. – Vou buscar água. Tens de te levantar, Melro. O William está sujo...

– Não me consigo levantar. Não o consigo mudar – respondeu a jovem, soando tão infeliz que Caroline hesitou. – Tem de ser a senhora a fazê-lo. Por favor.

– Mas não sei como! – disse Caroline. – Melro, porque é que não me avisaste que estavas doente? – perguntou ela. Melro olhou para ela, e Caroline leu ali a resposta. Porque nenhuma das mulheres achara que Caroline lhes pudesse ser de alguma ajuda. Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas. – Eu lavo-o. Vou buscar-te água – disse, limpando-lhe o rosto. O cheiro da rapariga doente e do seu bebé sujo era nauseabundo, e Caroline foi assaltada por uma vaga de náuseas. Mas moveu-se com um objectivo,

agarrando num balde e dirigindo-se à cisterna. – Onde é que está a Nuvem Branca? Onde é que foi a Annie? – voltou a perguntar, da soleira da porta.

– A Nuvem Branca também está doente. Está na tenda, a descansar. A Annie foi para leste, às terras do nosso povo no rio Arkansas... foi buscar remédios.

– *O rio Arkansas?* Isso fica a mais de trezentos quilómetros! Vai demorar dias e dias! – exclamou Caroline.

Melro limitou-se a olhar para ela, o rosto marcado pela exaustão e desespero.

– Por favor, lave o William – repetiu.

Caroline foi buscar um balde de água e uma concha. Foi necessária toda a sua força para levantar a cabeça e os ombros da rapariga para que ela pudesse beber, mas Melro apenas conseguiu sorver pequenos golos e era-lhe difícil engolir.

– Por favor, bebe mais um pouco – suplicou Caroline, mas Melro não respondeu, deitando-se de novo sobre a cama fétida, os olhos a fecharem-se. Revistando a cabana, Caroline encontrou fraldas lavadas e uma toalha. Tirou William da alcofa e levou-o para fora da cabana. A sujidade que encontrou ao despir o bebé quase a fez vomitar, e atirou os panos para as brasas do fogão, que começavam a morrer. A água estava fria e William começou a chorar quando ela o mergulhou no balde, lavando a sujidade colada às suas costas. No entanto, o seu choro era fraco, a voz um pouco rouca, e ele pareceu cansar-se com aquilo, caindo numa espécie de sonolência enquanto Caroline acabava de lhe dar banho e lhe colocava uma fralda nova entre as pernas, o melhor que conseguiu. Sentada no chão, deitou-o sobre as coxas e estava a acariciar-lhe os braços, extasiada, quando se apercebeu que ele estava muito quente e que as suas faces tinham ficado coradas. Levou os dedos à sua própria testa para ver como estava, e a diferença era inegável. Pegou nele à pressa e voltou à cabana.

– Melro... O William está demasiado quente. Acho que ele também tem febre – disse, levando o bebé até junto da cama para que Melro o visse. Os olhos da jovem ponca encheram-se de lágrimas.

– Não sei como o ajudar. Por favor... ele também vai ficar doente. Tem de o levar... leve-o para a casa! Lave-o, alimente-o. Por favor! – disse ela, numa voz fraca.

– Já o lavei, vês? Ele vai ficar bom... vão os dois ficar bons, Melro – declarou Caroline.

– Nuvem Branca... – murmurou Melro, indistintamente. Caroline voltou a deitar William na alfofa e dirigiu-se à tenda. Hesitou no exterior, receosa de ir mais longe. Pensou no olhar de aço de Nuvem Branca, na sua voz estranha a erguer-se numa canção.

– Nuvem Branca? Posso entrar? – gritou hesitante, mas não obteve resposta. Um pouco ofegante, Caroline levantou a aba da tenda e entrou. Nuvem Branca estava enroscada no chão, como um monte de trapos velhos. O seu cabelo grisalho estava molhado pela transpiração, colado à cabeça. Com os olhos brilhantes fechados não passava de uma mulher idosa, pequena e fraca, e Caroline sentiu-se envergonhada por a recear. – Nuvem Branca? – sussurrou, ajoelhando-se ao seu lado e sacudindo-a, tal como fizera com Melro. Mas Nuvem Branca não se mexeu. Não acordava. A sua pele irradiava calor, e a sua respiração era rápida e superficial. Caroline não sabia o que fazer. Voltou a sair e cambaleou, ali sozinha com as mãos a tremer, cercada por pessoas que de repente precisavam da sua ajuda.

Por insistência de Melro, levou William para casa com ela. O bebé estava profundamente adormecido, o punho enfiado na boca. Caroline colocou-o no lugar mais fresco e à sombra que conseguiu encontrar, e começou a explorar os armários da cozinha, à procura de comida que pudesse levar a Melro. Depois, decidida, dirigiu-se aos dormitórios e encontrou três das camas ocupadas. Os vaqueiros doentes murmuraram num embaraço desamparado quando ela entrou, assegurando-lhe que estavam bem apesar de se sentirem demasiado fracos para se levantarem. Caroline foi buscar baldes de água e obrigou-os a beber antes de deixar outra caneca cheia ao lado da cama de cada um dos homens. Tivera a esperança de encontrar alguém capaz de cavalgar até à vila e trazer o médico, mas era impossível que qualquer um dos homens que ali ficara o pudesse fazer. Só de pensar

nisso sentiu um aperto de pânico na garganta. Voltou à casa e começou a fazer uma sopa com feijões secos, e os restos de uma galinha que Melro assara dois dias antes. Também foi buscar uma abóbora à cave e cozinhou-a numa papa para a dar a William.

Durante a noite, William despertou-a com um choro fraco e angustiado. Caroline levantou-se, e pegou nele para evitar que chorasse, sussurrando-lhe palavras reconfortantes e beijando-o. Voltou a deitá-lo assim que ele adormeceu, depois sentou-se à beira da cama e chorou em silêncio, porque aquilo fora o que sempre quisera, ter um bebé a dormir na cama ao seu lado, uma criança a quem reconfortar e amar. Mas aquela criança não era sua, e Corin não estava deitado ao seu lado, e aquele minúsculo indício do que deveria ter acontecido, de como as coisas deveriam ter corrido, era simultaneamente doce e amargo.

De manhã, era impossível negar que William também apanhara a febre. Dormiu demasiado, estava muito quente e mostrava-se atordoado e frouxo quando acordou. Caroline foi até aos dormitórios com a sopa que fizera, e depois até à cabana de Melro, detendo-se no exterior da tenda. Sabia que podia entrar e voltar a tentar acordar Nuvem Branca, tentar fazer com que ela bebesse um pouco de água. Mas estava tolhida pelo medo, um medo novo e horrível nascido mais do instinto do que de um pensamento consciente. Sentiu um arrepio na nuca ao forçar-se a levantar a aba da tenda. Nuvem Branca não se movera. Não se mexera. Nem um pouco. Nem sequer o seu peito se movia, subindo e descendo ao ritmo da respiração. Caroline deixou cair a aba da tenda e recuou apressada, o horror a comprimir-lhe as entranhas, a fazê-la tremer dos pés à cabeça. Ofegante, entrou na cabana.

Melro estava mais fraca e foi mais difícil acordá-la. O branco dos seus olhos parecia cinzento, e a sua pele estava ainda mais quente. Caroline lavou-lhe o rosto com um pano molhado, e com a concha deitou-lhe mais água por entre os lábios ressequidos.

– Como é que está o William? Está doente? – sussurrou Melro.

– Ele... – Caroline hesitou, sem lhe querer dizer a verdade. – Ele tem febre. Hoje de manhã, está quieto – disse, num tom grave. O medo acendeu uma luz baça nos olhos de Melro.

– E a Nuvem Branca? – perguntou. Caroline desviou os olhos, ocupando as mãos com o pano, o balde de água, a concha.

– Está a dormir – limitou-se a dizer. Quando voltou a olhar para cima, Melro estava a observá-la, e Caroline não conseguiu aguentar o olhar da rapariga.

– Não sei o que fazer. Não sei como me ajudar a mim própria ou à Nuvem Branca – sussurrou Melro, desesperada. – Temos de esperar que a Annie volte depressa, e que traga remédios.

– Isso irá demorar demasiado tempo! – exclamou Caroline, desesperada. – Alguém vai ter de ir! Não podemos esperar pela Annie! – Levantou-se, e começou a calcorrear a cabana. – Eu vou – disse, por fim. – Estou bem. Eu vou... e levo o William comigo. O médico pode vê-lo de imediato, e depois regressar comigo e tratar-te, e a todos os outros. É a melhor maneira.

– Vai levar o William consigo...?

– É a melhor maneira. Não podes tomar conta dele, Melro! Eu posso fazê-lo. Levo a caleche, e assim o médico pode ver como ele está ainda esta noite. Esta noite, Melro! Ele pode ter remédios esta noite! Por favor. É a melhor maneira. – Agora que se decidira, estava desesperada por partir. Pensou em Nuvem Branca, na sua forma despojada, imóvel. – De outro modo, pode ser demasiado tarde – acrescentou. Os olhos de Melro arregalaram-se de medo, e pestanejou para evitar as lágrimas.

– Por favor, tome conta dele. Por favor, regresse depressa – implorou a rapariga.

– Voltarei! Vou enviar-te imediatamente o médico. Vai correr tudo bem, Melro... vai mesmo – disse Caroline, a velocidade do seu coração a fazer com que a voz lhe tremesse. Pegou na mão de Melro e apertou-a com força.

Enfiou a sua malinha de viagem na caleche, bem como a alcofa e um saco com as coisas de William, e conduziu o veículo o mais depressa que se atreveu, dirigindo o cavalo por entre os arbustos como vira Hutch e Corin

fazer. O North Canadian estava baixo entre as margens e gotas frescas de água ergueram-se das rodas quando o atravessaram a vau, remexendo o cheiro doce, húmido, mineral do fundo do rio. Parando para descansar e deixar o cavalo repousar, Caroline pegou em William ao colo. Continuava quente e chorava esporadicamente de cada vez que acordava, mas ainda dormia, e o seu rosto imobilizara-se numa sonolência calma que fez Caroline recordar-se do rosto de Corin quando ele adormecia na sua cadeira. Era tão semelhante que teve de conter a respiração. O facto de voltar a pensar, mesmo que por um instante, que aquele podia ser o filho de Corin fez com que o ar lhe fugisse dos pulmões. Sentou-se na areia com William no colo e observou-o, passando um dedo desde a raiz dos cabelos até aos dedos dos pés. Dedos compridos, muito espaçados, como os de Corin. O cabelo era escuro, mas a pele era mais clara do que a de Melro ou de Joe. Os olhos, apesar de castanhos, tinham um aro verde à volta da íris que os iluminava. No franzir da sua pequena testa, e no beicinho que os lábios faziam por cima de um queixo metido para dentro, Caroline pensou ver traços do marido. Embalou a criança contra o peito e chorou. Chorou pela traição de Corin, pela sua perda, e pela sensação perfeita e agonizante de segurar este bebé contra ela.

O médico lançou um olhar ao rosto frenético de Caroline e à criança nos seus braços, e apressou-se a fazê-la entrar. Pegou em William e observou-o com atenção, fazendo perguntas a Caroline acerca dos sintomas que os adultos no rancho estavam a mostrar, e há quanto tempo é que a doença se espalhou. Ouviu o coração e a respiração do bebé, e sentiu o calor a irradiar da sua pele macia.

– Acho que ele vai ficar bom. A febre ainda não está muito alta, e o coração dele é forte, por isso, por favor, tente não se preocupar tanto. Esta noite fica na vila? Ótimo. Mantenha-o fresco. O mais importante é fazer a febre descer o mais depressa possível. Panos frios e molhados, mudados regularmente. Deite-lhe três gotas disto na língua, depois uma colher de chá de água, de quatro em quatro horas. É um antipirético, vai ajudar a baixar a

febre. E se ele comer ou beber, tente que o faça. Creio que ele vai recuperar rapidamente. Não fique tão assustada! Trouxe-mo mesmo a tempo. Mas tenho de partir para o rancho, porque se esta doença não for tratada pode tornar-se muito grave. Seguir-me-á amanhã, para eu poder voltar a examinar a criança? – Caroline assentiu. – Excelente. Descansem, os dois. E panos frios para o seu filho. Há mais crianças no rancho tão novas como esta, ou alguma mais velha? – perguntou o médico, ao acompanhá-la até fora do consultório. *Seu filho.*

– Não há mais crianças. A Nuvem Branca... ela já é bastante avançada na idade, embora eu não sabia dizer quantos anos terá – sussurrou. – Mas acho... acho que ela já morreu – disse, a garganta a apertar-se-lhe. O médico lançou-lhe um olhar incrédulo.

– Tenho de partir de imediato, e viajar de noite. Só posso esperar estar lá ao nascer do dia. Encontrará outro médico nesta morada... se o William piorar, chame-o. – Estendeu um cartão a Caroline, assentiu rapidamente, e afastou-se, apressado.

Caroline não dormiu. Pediu uma bacia de água fria à cozinha do hotel e colocou suavemente panos húmidos sobre a pele de William, conforme lhe fora instruído. Detestava afastar os olhos dele, estudando cada linha do seu rosto, cada cabelo da sua cabeça. Verificou obsessivamente o relógio, dando-lhe a sua dose quando se passavam quatro horas. Ele acordava de tempos a tempos, e por sua vez também a observava, agarrando-lhe o dedo com força, num gesto que a reconfortava. De manhã, sentia-se atordoada pelo cansaço, mas a cor de William estava melhor, e a sua pele mais fresca. Ele comeu um pouco de arroz doce que a dona do hotel lhe fizera, e observou a mulher com uma expressão calma que as fez sorrir. Caroline envolveu-o no cobertor tricotado, deitou-o na alcofa, deu-lhe uma chupeta para as mãos gorduchas e olhou para ele. Podia ser seu filho – o médico pensara imediatamente nisso. Podia ser filho de uma mulher branca respeitável – nada na sua pessoa o marcava como um ponca. Na verdade, poderia ser dela, pensou. Devia ter sido dela.

Caroline sentia-se relutante em voltar para o rancho. Devia ter partido há horas quando o sol nascera, mas pensar em fazer todo aquele caminho deixava-a interiormente tão cansada que desviou os olhos da caleche preta, parada na pátio, e do estábulo onde o cavalo passara a noite, a mastigar feno e a coçar a cabeça transpirada contra a vedação. O médico iria tratar dos doentes, e quando Caroline voltasse teria de entregar William. Pensou no corpo de Nuvem Branca, deitado ao abandono na tenda. Pensou em Melro, desamparada e doente. Pensou na vida, a estender-se ano vazio atrás de ano vazio, e todos esses anos sem Corin. Mas quando olhou para William, sorriu, e sentiu algo a crescer dentro dela. Algo que empurrava todos os outros pensamentos para o lado, e fazia com que fosse suportável continuar. Não podia regressar. Era uma perspectiva tão sombria e aterrorizadora quanto a sepultura que Hutch abrira nas pastagens para receber o caixão de Corin. Ela não podia voltar.

Do outro lado da vila, plumas de vapor erguiam-se da estação de caminhos-de-ferro. Caroline avançou naquela direcção, a mala numa mão, a alcofa na outra. O peso daquelas duas coisas fê-la desequilibrar-se, mas ela avançava, determinada, a mente agora vazia de pensamentos, pois estes eram demasiado sombrios. A plataforma estava envolvida em vapor, e no cheiro a metal quente que a acompanhara até Woodward da primeira vez. Mas aquela locomotiva negra, imensa, estava virada para o lado contrário. Para norte, para Dodge City, Kansas City e mais além. Virada para o lugar de onde ela viera, para longe da pradaria que lhe despedaçara o coração.

– Olha, William, olha para o comboio! – exclamou, levantando o bebé para a sua primeira visão de uma tal coisa. William olhou-o desconfiado, estendendo uma mão para agarrar um anel de vapor enquanto este se erguia. Depois o assobio do guarda assustou-os a ambos e o comboio exalou uma tosse imensa, cheia de vapor, as suas rodas a iniciarem o movimento. Um passageiro atrasado correu pela plataforma, abriu a porta de uma carruagem e saltou para o interior no momento em que o comboio começou a avançar lentamente ao longo da plataforma.

– Vamos, minha senhora! Depressa, agora, ou vai perdê-lo! – O homem sorriu, estendendo-lhe a mão. Caroline hesitou. Depois agarrou na mão do homem.

6

As gargalhadas de Meredith eram algo de raro. Mesmo nos bailes de Verão ou nos jantares, que por vezes organizava – onde não eram permitidas crianças, e nós nos esgueirávamos das nossas camas para escutar às escondidas –, eu raramente as ouvia. Ela limitava-se a sorrir, e por vezes soltava um único som de satisfação vindo da parte de trás da garganta quando algo lhe agradava. Como a maior parte das meninas, as gargalhadas surgiam-me tão facilmente como a respiração. Lembro-me de pensar que devia ser uma coisa que se gastava à medida que envelhecíamos, como se o riso fosse uma massa de fitas coloridas enroladas no nosso interior, e assim que se desenrolavam todas, terminavam.

Mas ouvi-a rir-se uma vez, e fiquei atordoada. Não apenas pelo som – elevado e ruidoso, com um chiar semelhante ao de uma velha dobradiça –, mas por aquilo que o causara. Um dia enevoadado, pouco antes de Henry ter desaparecido, com uma brisa silenciosa a soprar. Estávamos na autocaravana de Mickey e Mo, a ouvir rádio e a jogarmos *rummy* com Dinny, que estava com um pouco de febre e tinha de ficar em casa, com grande pena sua. Tentei convencê-lo a sair, a subir à casa da árvore para brincarmos lá, mas ele fez o que Mo lhe dissera. Era mais obediente do que eu e Beth. O acampamento estava silencioso, já que grande parte dos adultos saíra para trabalhar. No exterior, havia lençóis pendurados num estendal preso entre os veículos. Os lençóis apareciam e desapareciam pela janela, enfunando-se e depois voltando a cair. Eu conseguia vê-los pelo canto do olho, enquanto remexia as coxas contra o banco de vinil e incitava silenciosamente Beth a deitar um quatro ou um valete. Por isso, fui a primeira a ver tudo – a vista alterada da janela. A estranheza repentina dos lençóis, a cor, a maneira como o céu acima deles se adensou.

Os lençóis estavam em chamas. Olhei-os, boquiaberta, espantada por ver aquela coisa inesperada. Chamas amarelo-claras e azuis atravessavam-nos em padrões estranhos, a rabiscar linhas de um preto chamuscado, fazendo erguer o fumo em nuvens, reduzindo o tecido a pedaços escuros que se desfaziam como teias de aranha. Ouviu-se um grito lá fora. Dinny levantou-se e inclinou-se por cima de mim para olhar pela janela.

– Olha! – exclamei, desnecessariamente.

– Erica! Porque é que não disseste nada? – repreendeu-me Beth, enquanto Dinny saía a correr e nós o seguíamos. No exterior, duas mulheres que tinham ficado de cama com o mesmo vírus de Dinny estavam a puxar os lençóis do estendal, a pisá-los freneticamente. A corda, revestida a plástico, derretera e caíra em pedaços, lançando no chão os restos incandescentes dos lençóis, o que talvez tivesse sido melhor. De um dos lados da autocaravana, uma mancha feia e acastanhada mostrava o quanto as chamas tinham estado próximas.

– Como *raio* é que isto aconteceu? – praguejou uma das mulheres, contendo a respiração quando as últimas chamas se apagaram. Ficou de mãos nas ancas a observar os restos fumegantes.

– Se não estivéssemos aqui... O Mo pendurou-os pouco antes de sair, ainda nem deviam estar completamente secos! – exclamou a outra, fixando-nos com um olhar sério.

– Nós estávamos lá dentro a jogar às cartas! Juro por Deus! – disse Dinny, enfático. Beth e eu assentimos num apoio frenético. O fumo entrou-me pelo nariz, fez-me espirrar. A primeira mulher agachou-se, pegou num bocado de tecido com a ponta dos dedos e cheirou-o.

– Querosene – disse, num tom sombrio.

Nessa altura, Beth e eu viemo-nos embora, e começámos a correr assim que nos afastámos. Contornámos os estábulos, procurámos na cocheira, encontrámos Henry no barracão de lenha. Ele tinha um frasco plástico achatado de qualquer coisa, com uma cânula vermelha e mole no cimo. Pensei nos padrões rabiscados que as chamas tinham feito, como se

tivessem seguido linhas. Henry voltou a guardar o frasco numa prateleira alta, e virou-se para nós, a sorrir.

– O que foi? – Encolheu os ombros.

– Podias ter incendiado as carrinhas. Podias ter morto alguém – disse Beth, em voz baixa, a olhá-lo com uma expressão tão grave e séria que ainda fiquei mais perturbada e assustada.

– Não sei de que é que estás a falar – disse Henry, arrogante. O fedor a querosene colava-se a ele, às suas mãos.

– *Foste* tu! – declarei.

– Prova-o. – Voltou a encolher os ombros, agora a sorrir.

– Vou fazer queixa. Podias ter morto alguém – repetiu Beth, e nesse momento Henry deixou de sorrir.

– Não é suposto vocês irem ao acampamento. Não vão dizer nada – troçou ele. Beth virou-se e avançou rapidamente em direcção à casa. Segui-a, e Henry fez o mesmo; passados instantes, aquilo transformou-se numa corrida, e irrompemos pelo vestíbulo, a gritar por Meredith, sem fôlego.

Achámos que era algo demasiado grave para não contarmos. Pensámos que, apesar de Henry ser o seu favorito, ela teria de o repreender por aquilo. Fazer com que os cães ficassem doentes era uma coisa, mas Beth tinha razão. O fogo podia ter matado alguém. Mesmo para Henry, aquilo era de mais.

– O Henry deitou fogo à roupa estendida dos Dinsdale! – Beth foi a primeira a expelir as suas palavras, vomitando-as, enquanto Meredith levantava os olhos da carta que estava a escrever, sentada à escrivaninha da sala de estar.

– Que barulheira é esta? – perguntou.

– Estávamos no acampamento e sei que não devíamos ter lá ido, mas só estávamos a jogar às cartas, e o Henry deitou fogo aos lençóis que estavam pendurados a secar! Fê-lo com a parafina que está no barracão! E a autocaravana quase se incendiou, e alguém podia ter morrido! – disse Beth de uma só vez, mas a proferir claramente as palavras.

Meredith tirou os óculos, dobrou-os calmamente.

– Isto é verdade? – perguntou a Henry.

– Não! *Eu* nem sequer estive perto daquele acampamento nojento – disse ele.

– Mentiroso! – gritei.

– Erica! – Meredith calou-me, a palavra soando como uma chicotada.

– Então como é que aquele fogo começou, se é que houve mesmo um fogo?

– Claro que houve um fogo! Porque é que eu iria dizer... – protestou Beth.

– Bem, Elizabeth, também disseste que não te ias dar com os funileiros, como te pedi repetidas vezes, por isso como é que posso saber quando estás a mentir e quando não estás? – perguntou Meredith, numa voz calma. Beth apertou fortemente os lábios, os olhos ferozes. – Então, Henry? Sabes como é que o fogo pode ter começado?

– Não! Só que... bem... estas duas parecem ir sempre para lá a correr com fogo no rabo... Talvez tenha sido assim que começou – disse Henry, erguendo, cauteloso, os olhos para ela, quase a sorrir, avaliando a sua reacção. Meredith observou-o por um momento, e depois riu-se. Aquele som raro e alto que nos espantou a todos, até mesmo a Henry. Dois pontos brilhantes de prazer floresceram nas faces dele.

Apesar de, aparentemente, Caroline nunca a ter ido visitar ao Surrey, apesar da sua não comparência no funeral de Charles, Meredith acabou por regressar para ir viver com ela. Talvez a vida se tivesse tornado demasiado difícil, com dois filhos e sem marido. Talvez Caroline precisasse de alguém que tomasse conta dela, e, apesar de tudo, Meredith a amasse. Afinal, ela seria a próxima Lady Calcott; talvez ela achasse que era seu dever regressar ao lar da família. Claro que nunca o saberei, porque as cartas pararam depois do seu regresso. Penso no cuidado e atenção que demonstrava para com Caroline, quando ela era velha – a alimentá-la, a vesti-la, a ler-lhe. E se ela fez tudo aquilo e mesmo assim não recebeu qualquer amor por todos os seus esforços? E se ela esperou por alguma confissão no leito de morte, uma confissão que nunca chegou – que a mãe sempre a amara, que fora

uma boa filha? E se ela teve sonhos de voltar a casar, de recomeçar a vida? Talvez ela esperasse que Caroline morresse pouco depois do seu regresso, e tivesse planos para voltar a encher a casa de vida, de arranjar um novo marido, de ter mais filhos? Mas tal como a rainha, Caroline continuou viva; e a herdeira envelheceu, à espera de ascender. Acho que deve ter sido algo desse género – algumas esperanças despedaçadas, uma enorme desilusão. Para que Meredith acabasse por ficar daquela maneira. Para fazer com que tratasse a nossa mãe tão duramente quando ela se recusou a fazer os mesmos sacrifícios.

Estes são os meus pensamentos na segunda-feira de manhã, enquanto visto bombazina quente e enfio a argola de dentição no bolso. A campainha emite um som leve, animado e sacudido. Vou até ao escritório, procuro nas gavetas da secretária um bloco e uma caneta, e enfio-os dentro da minha mochila. Lá fora, está outro daqueles dias límpidos como cristal, dolorosamente brilhantes. Tento sentir o optimismo que senti da última vez que o céu tinha esta tonalidade azul, em que nós fomos a Avebury, e Eddie estava cá para nos deixar felizes. Deixo Beth ao telefone com Maxwell, a negociar o regresso do filho. Está sentada junto da janela da cozinha, num poço de luz incandescente que lhe empalidece a expressão.

O sol está baixo no céu, é impossível escapar-lhe. Apunhala-me através do pára-brisas, ergue lanças na estrada molhada, de modo que tenho de conduzir por entre uma ofuscante muralha de luz. Saio desajeitada da vila, entro na estrada principal, e vejo uma figura familiar a caminhar ao longo da berma branca e gelada. Roupa leve, como sempre; mãos enfiadas nos bolsos, a única concessão ao frio cortante. Algo se ergue no meu interior. Aproximo-me, baixo o vidro e chamo-o. Com a mão, Dinny cria uma sombra sobre o rosto, esconde os olhos, deixando apenas o maxilar visível – aquela linha recta da sua boca, que pode parecer tão séria.

– Para onde vais? – pergunto-lhe. O frio bate-me no peito, faz os meus olhos lacrimejar.

– Para a paragem de autocarro – responde ele.

– Bem, isso já tinha eu percebido. E depois para onde? Eu vou a Devizes... Queres boleia? – Dinny aproxima-se do carro, deixa cair a mão do rosto. Com um sol tão forte, consigo ver que os seus olhos são castanhos, não pretos. A cor quente das castanhas; o cabelo de um tom malhado.

– Obrigado. Isso seria óptimo – assente.

– Vais às compras? – pergunto ao afastar-me da berma, o motor lento devido ao gelo.

– Pensei em ir comprar alguma coisa para o bebé. E também preciso de alguns abastecimentos. E tu?

– Vou à biblioteca. Eles têm acesso à Internet, não têm?

– Não sei. Nunca lá entrei – confessa ele, um pouco embaraçado.

– Que vergonha – provo-o.

– Já há drama suficiente nos jornais sem termos também de ler aquele que é inventado. – Sorri. – Vais ver o teu *e-mail*?

– Bem, sim, mas também vou procurar uma coisa nos registos de nascimentos, casamentos e óbitos. Tenho andado a seguir um segredo da família Calcott.

– Oh?

– Encontrei uma fotografia da minha bisavó, a Caroline... Lembras-te dela?

– Na verdade, não. Acho que a vi um par de vezes, ao longe.

– Era americana. Veio para cá e casou com o Lord Calcott em finais de 1904; mas encontrei uma fotografia dela, também de 1904, ainda na América com um bebé. – Vasculho às cegas a minha mochila, e estendo-lhe a fotografia. – Ninguém parece saber o que aconteceu a esse bebé... Não há qualquer registo de que ela tenha casado anteriormente, mas também encontrei uma carta que sugere o contrário.

– Bem, provavelmente o bebé morreu por lá antes de ela ter vindo. – Encolhe ligeiramente os ombros.

– É provável – concordo. – Mas só quero verificar, não se vá dar o caso de ele estar mencionado nos registos. Se ele for... se eu puder provar que a

Caroline perdeu um filho, outra criança, já que sabemos que perdeu uma filha aqui em Barrow Storton, poderá ajudar a explicar porque é que ela era como era.

Dinny não responde àquilo. Observa a fotografia, o rosto um pouco franzido.

– Talvez – murmura, passado um bocado.

– Sabes, tenho andado a tentar descobrir porque é que os Calcott, os primeiros Calcott, tinham uma tal aversão a vocês, Dinsdale. Quero dizer, a Caroline e a Meredith. Tenho andado a descobrir porque é que se comportavam daquela maneira em relação à tua família – digo, subitamente ansiosa de ter o seu apoio nesta minha demanda.

– Aversão? – ecoa Dinny, em voz baixa. – Isso é um grande eufemismo.

– Eu sei – digo, num tom de desculpa. Mudo de assunto. – Então, que tal está a Honey?

Conversamos um bocado acerca da sua irmã, até eu tentar estacionar em Devizes e me deparar com enxames de pessoas, e filas atrás de filas de carros estacionados.

– Mas que raio é tudo isto? – exclamo.

– A paranóia dos saldos. – Dinny suspira. – Tenta a Sheep Street.

Consgo por fim enfiar o carro num espaço livre, batendo no carro ao lado do meu quando abro a porta. Baforadas de fumo de tubos de escape erguem-se em espiral no céu, e a cidade zumba com vozes, com o ressoar de passos enérgicos. Parece tudo demasiado ruidoso, e sinto-me como se de certo modo o silêncio de Storton Manor se tivesse infiltrado dentro de mim. Efectuou um golpe sub-reptício; e agora reparo na sua ausência, como se algo de vital tivesse desaparecido.

– Também queres boleia para casa? – ofereço.

– Quanto tempo é que vais demorar?

– Não tenho a certeza. Uma hora e meia? Talvez um pouco mais?

– OK, obrigado. Encontro-me aqui contigo?

– Que tal naquele café da High Street, o do toldo azul? Estará mais quentinho, para o caso de algum de nós ter de esperar – sugiro. Dinny anui,

vira a mão numa saudação e afasta-se por entre os carros estacionados.

A biblioteca fica na Sheep Street, por isso não tenho de andar muito. O aquecimento por cima das portas lança uma vaga abafada de calor, e detenho-me assim que entro. Debato-me para despir o casaco e o cachecol sob o calor sufocante. O interior está quase vazio, com algumas pessoas a examinarem as estantes e uma mulher com ar severo sentada a uma secretária; está ocupada com alguma coisa e não olha para mim. Sento-me atrás de um computador e procuro óbitos em 1903, 1904 e 1905, para ser mais abrangente, e os nomes Calcott e Fitzpatrick, em Londres e no Wiltshire. Passo os olhos por cima dos resultados à procura de óbitos de crianças de idade inferior a dois anos. O meu bloco de apontamentos continua em branco, sobre o tampo da secretária ao meu lado. Passada uma hora, rabisco: *Ele não está aqui.*

Olho para a última lista de nomes no monitor, até os meus olhos deslizarem sobre os píxeis, e concentro-me num ponto a uma distância intermédia. O bebé provavelmente morreu na América. Talvez tenha sido esse o motivo que fez Caroline vir para Inglaterra: a morte do bebé, e o que quer que tenha acontecido que a levou a deixar o homem que assinava com um C; decerto que poderiam ter contribuído para o seu distanciamento, a sua frieza. Por isso, porque é que não posso deixar as coisas por ali? O que é que me está a puxar por uma ponta da memória, a suplicar-me que o descubra? Algo mais – outra coisa – que eu sei, e de que me esqueci. Pergunto-me quantas dessas coisas estão emboscadas na minha cabeça, à espera que eu as escorrace cá para fora. Tiro a argola de dentição do bolso, passo os dedos pelo marfim macio e imaculado. No interior da campainha, mesmo na borda, encontra-se a marca do fabricante. Uma minúscula cartela com um leão, uma âncora, um *G* em letra gótica, e mais qualquer coisa que me esforço por distinguir. Viro-a para a luz, e levanto-a para mais perto dos olhos. Uma chama? Uma árvore – uma árvore fina como um cipreste? Um martelo? A luz embate nele. É uma cabeça de martelo. Na vertical, como se vista de lado quando bate nalguma coisa.

Volto-me de novo para o computador, à procura de *Marcas prata americanas G*. Aparecem várias enciclopédias *online* e guias de colecionadores de prata. Ao procurar as entradas sob a letra G, não demoro tempo nenhum a encontrar a marca da campainha. Gorham. Fundada em Rhode Island, em 1831. Um influente fabricante de prata – fez diversos conjuntos de chá para a Casa Branca, e troféus para a Taça Davis, mas o seu principal negócio eram as colheres de chá, dedais e outros pequenos artigos de oferta. Encontro a cabeça de martelo vertical na lista das datas das diferentes marcas da Gorham – 1902. Então, pelo menos, consegui provar isto – quem quer que fosse o bebé da fotografia, quem quer que tenha sido o seu pai, e o que quer que lhe tenha acontecido, esta argola de dentição de marfim e prata pertenceu-lhe. Ele era o belo filho a quem foi oferecido. Não a Clifford, nem a qualquer outra criança que Caroline possa ter perdido assim que chegara a Inglaterra. Fecho a mão à volta da argola, sinto a pele aquecer o metal: o movimento reprimido do badalo no interior, como uma pancada cardíaca minúscula e trémula.

É um progresso lento, caminhar ao longo da rua principal, por entre grupos de compradores enérgicos. As montras resplandecem com cartazes berrantes que prometem negócios imperdíveis, descontos estonteantes; música e calor a irromperem do seu interior; pessoas com quatro, cinco, seis sacos de compras gordos a despontarem-lhes das extremidades dos braços. Sou empurrada para um lado e para o outro, e, quando chego ao café, está completamente cheio. Sinto uma vaga de irritação, até que vejo Dinny já sentado numa pequena mesa junto à janela embaciada. No interior, o cheiro a café moído é forte e delicioso. Serpenteio por entre as mesas cheias.

– Olá. Desculpa, estavas à espera há muito tempo? – Sorrio, pousando o casaco sobre a cadeira vazia em frente dele.

– Não, não muito. Tive sorte com esta mesa, um casal de velhotes estava de saída quando entrei.

– Queres outro café? Qualquer coisa para comer?

– Obrigado. Não me importo de beber outro café. – Pousa as mãos em cima da mesa pegajosa, e de repente parece tão estranho que o olho

fixamente, sem perceber o que estou a ver. Depois percebo; aquela é uma das raras vezes em que vejo Dinny no interior de uma sala. Sentado a uma mesa, sem pressa de voltar a sair, a fazer algo de tão mundano como beber um café numa pastelaria. – O que é que se passa? – pergunta-me ele.

– Nada. – Abano a cabeça. – Já volto.

Vou buscar duas canecas grandes de café cremoso, e um *croissant* de amêndoa para mim.

– Hoje não tomaste o pequeno-almoço? – pergunta Dinny, quando me sento.

– Sim, tomei. – Encolho os ombros, partindo um canto do *croissant* e molhando-o no café. – Mas é Natal – acrescento, e Dinny sorri, arqueia uma sobrancelha numa concessão. A luz do sol que entra pela janela confere-lhe um halo brilhante; ele é quase demasiado ofuscante.

– Encontraste aquilo de que andavas à procura?

– Sim e não. Não há nenhum registo de um bebé que tivesse morrido deste lado do Atlântico, por isso suponho que ele tenha morrido do outro lado, como sugeriste.

– Ou... – Dinny encolheu os ombros.

– Ou o quê?

– Ou, nem sequer morreu.

– Então, onde é que está?

– Não sei, o projecto é teu. Só te estou a apontar outro motivo para não haver nenhum registo da sua morte.

– É verdade. Mas na certidão de casamento da Caroline diz solteira. Não poderia ter dito isso se ela tivesse vindo para cá com o bebé de outro homem – contraponho. Dinny volta a encolher os ombros. Mostro-lhe a argola de dentição. – No entanto, verifiquei esta marca de fabricante. É uma...

– Uma argola de dentição? – diz Dinny.

– Algo que aparentemente toda a gente conhece, menos eu. – Reviro os olhos. – É uma marca americana e foi feita em 1902.

– Mas não sabias já que o bebé tinha nascido na América? O que é que isso prova?

– Bem, se não provar mais nada, pelo menos prova que a Caroline era a mãe dele. Quando mostrei à minha mãe esta fotografia, ela sugeriu que a Caroline poderia ser a madrinha, ou que podia ser o bebé de uma amiga, ou qualquer coisa assim. Mas para ela ter guardado a argola de dentição durante todo este tempo... só pode ter sido sua mãe, não achas?

– Sim, suponho que sim. – Dinny assente, volta a estender-me a argola de marfim.

Engulo o café quente, sinto que ele me faz subir o sangue às faces. Dinny olha para a rua cheia, parece profundamente perdido em pensamentos.

– Então, que tal é que vocês se sentem como as senhoras da mansão? Já se estão a começar a habituar a isso? – pergunta ele de repente, ainda a olhar pela janela, para longe de mim.

– Dificilmente. Não me parece que alguma vez encararemos aquele lugar como nosso. Na verdade, não. E quanto a ficarmos cá a viver... bem. Além de tudo o resto, só o custo da manutenção seria o suficiente para nos impedir.

– E todas aquelas riquezas Calcott que, segundo os rumores da vila, vocês herdaram?

– Receio que sejam apenas rumores. A fortuna da família tem estado em declínio desde a guerra... e estou a referir-me à *primeira* guerra. A Meredith estava sempre a queixar-se aos meus pais que eles não ajudavam o suficiente com a manutenção da propriedade. Foi por isso que teve de vender uma parte tão grande das terras, os melhores quadros, a prata... A lista continua por aí fora. Restou algum dinheiro quando ela morreu, mas será gasto assim que for pago o imposto sucessório.

– E quanto ao título?

– Bem, esse pertence ao Clifford, o pai do Henry. – Ao dizer o seu nome, levanto os olhos e fixo-os em Dinny durante um momento fugaz. – O meu bisavô, que também era Henry, mudou as disposições da carta patente 5 através de um decreto, porque não tinha filhos. Arranjou as coisas de modo

a que o baronato pudesse passar para a Meredith, e depois regressar a herdeiros varões. Os seus herdeiros varões legítimos, ou como quer que se chamem.

– Então, foi por isso que a Meredith permaneceu Calcott, apesar de se ter casado? E é por isso que a tua mãe também é Calcott? Mas então como é que tu e a Beth também o são?

– Porque a Meredith quase obrigou os meus pais a manterem o nome. O meu pobre pai nem sequer teve hipóteses, ela disse que o nome Calcott era demasiado importante para desaparecer. Aparentemente, Allen não tem o mesmo poder.

– Estranho que ela tenha deixado a casa a vocês, raparigas, se o título passa para o vosso tio e ela estava tão ansiosa em manter a linhagem de família e tudo isso – admira-se ele, rodando o café à volta do fundo da caneca.

– A Meredith *era* estranha. Ela não podia fazer nada quanto à continuação do título, mas podia fazer o que quisesse com a casa. Talvez ela achasse que nós representávamos a melhor hipótese de continuar com a família.

– Então, depois do Clifford, o título ficará...?

– Extinto. Vai terminar. Teoricamente, o Clifford pode ir a tribunal e pedir para que seja passado ao Eddie, mas é impossível que a Beth consinta numa coisa dessas.

– Sim?

– Ela não quer ter mais nada a ver com isso. Na verdade, nem com a casa. O que, de certo modo, também faz com que a minha decisão fique tomada. Teríamos ambas de viver aqui se quiséssemos ficar com a casa. – Dinny fica calado durante um momento. Consigo sentir a forma da relutância de Beth, o motivo dessa relutância a tentar moldar-se no ar entre ambos.

– Não é verdadeiramente surpreendente – murmura Dinny, por fim.

– Não é? – pergunto, inclinando-me para a frente. Mas Dinny encolhe os ombros e recosta-se, afastando-se da mesa.

– Então porque é que estás aqui? Se sabes que não vais ficar?

– Pensei que seria bom. Bom para a Beth. Na verdade, para ambas. Regressar durante algum tempo e... – Sacudo uma mão, esforço-me por encontrar as palavras. – Revisitar. Tu sabes.

– Porque é que seria bom para ela? Parece-me que ela nem sequer quer pensar no assunto, quanto mais revisitá-lo. Quero dizer, a vossa infância aqui.

– Dinny... – interrompo-me. – Quando foste até à casa vê-la, o que é que quiseste dizer quando disseste que havia coisas que ela precisava de saber? Coisas que lhe querias contar?

– Estavas mesmo à escuta, não estavas? – diz ele, num tom ambíguo. Tento mostrar-me arrependida.

– Que coisas, Dinny? Alguma coisa acerca do Henry? – pressiono-o, o meu coração acelerado.

Dinny olha para mim com as sobrancelhas baixas.

– Acho que tenho a obrigação... não, não é obrigação. É a palavra errada. Acho que ela devia saber algumas coisas, acerca de quando éramos jovens. Não sei o que ela pensa, mas... algumas coisas poderiam não ser o que pareceram – diz Dinny, em voz baixa.

– Que coisas? – Inclino-me para a frente, faço com que ele me olhe nos olhos. Dinny hesita, mantém-se calado. – A Beth está sempre a dizer-me que não podemos fazer o relógio andar para trás, e não podemos regressar ao modo como as coisas eram – pestanejo ao olhar para ele –, mas só te quero dizer que... que podes confiar em mim, Dinny.

– Confiar em ti para quê, Erica? – pergunta ele, e a sua voz encerra um tom de tristeza.

– Para o que quiseres. Estou do teu lado. Seja o que for que aconteça, ou que tenha acontecido – digo. Sei que não estou a ser clara. Não sei como o dizer. Dinny belisca a cana do nariz, fecha os olhos por um instante. Quando os volta a abrir, sinto-me chocada por ver ali lágrimas, ainda não prontas a cair.

– Não sabes o que estás a dizer – responde ele, em voz baixa.

– O que é que queres dizer com isso?

Ele volta a interromper-se, perdido em pensamentos.

– Então, já fizeste tudo o que tinhas a fazer? – diz, preparado para partir.

Quando verifico o meu telemóvel, vejo que tenho três chamadas perdidas de Annabel, a minha companheira de casa. O nome parece surgir de uma outra era, de um mundo completamente diferente. Pergunto-me, distraída, se haverá algum problema com a renda, ou com o radiador do meu quarto que está sempre a pingar, a manchar a carpete. Mas estas perguntas parecem muito distantes, irrelevantes. E depois percebo: aquela já não é a minha vida. Era a vida que eu levava, e a certa altura, sem sequer me aperceber, deixei de a viver. E não preciso de pensar muito para perceber onde é que isso me deixa. Subo ao meu quarto para ler cartas, para pensar. Oíço o silêncio, que ressoa depois do ruído da cidade. O grasnar abafado das gralhas lá fora. Não há cânticos de pássaros para encantar os ouvidos, nem sinos de igreja a repicar, nem crianças a rir. Apenas o silêncio profundo, que a princípio tanto me perturbava. Deixo que se volte a infiltrar em mim. Que espantoso, alguma vez sentir isto como um lar.

Na terça-feira vou de carro até West Hatch, de olhos semicerrados sob um sol indolente. Não é uma povoação muito grande. Dou duas voltas até encontrar aquilo que procurava. Em frente de um *bungalow* compacto de tijolo, uma obra convencional construída na década de 1960, há uma velha autocaravana que ocupa todo o caminho de acesso. Foi outrora nova, bege, com uma risca larga de um tom castanho café a correr ao longo de cada um dos lados. Agora está verde com a idade, de pneus carecas. Mas reconheço-a de imediato. Já estive no seu interior, sentei-me num banco almofadado, de plástico pegajoso, e engoli ali limonada caseira e amarga. Agora, quase me sinto sufocar ao vê-la. A casa de Mickey Mouse. Visualizo Mo como ela era, redonda e ligeiramente irónica, encostada à soleira da porta a secar as mãos num pano azul, enquanto Dinny, Beth e eu lhe virávamos as costas. Mickey com o seu bigode elaborado, de fato-macaco sempre manchado por óleo de motor, fuligem preta nos vincos das mãos.

Junto da porta, sinto os nervos a palpitem. Mais excitada do que assustada. A campainha emite um *ping... pong* suave, electrónico. Nunca pensei que Mo respondesse a uma tal campainha, mas ela acaba por responder. Parece mais pequena, mais velha, ligeiramente despojada, mas reconheço-a de imediato. Mais rugas no rosto, e o cabelo de um consistente e improvável tom de castanho, mas os mesmos olhos astutos. Olha-me com uma expressão firme, avaliadora, e sinto-me satisfeita por não lhe estar a tentar vender nada.

– Sim?

– Hmm, vim visitar a Honey. E o bebé. Sou a Erica. A Erica Calcott. – Sorrio ligeiramente, vejo-a reconhecer o nome e esquadrihar-me o rosto em busca das feições que conhecia.

– Erica! Santo Deus, nunca te teria reconhecido! Estás tão diferente!

– Vinte e três anos conseguem fazer isso a uma rapariga. – Sorrio.

– Bem, entra, entra, estamos todos na sala da frente. – Faz-me entrar, aponta para uma porta à esquerda, e de repente sinto-me nervosa. Pergunto-me quem serão *todos*.

– Obrigada – digo, imobilizando-me no vestíbulo, as mãos pegajosas no embrulho de papel às flores.

– Entra, vai – diz ela, e não tenho outra opção. – Ouvi dizer que quase conheceste a pequena Haydee a caminho do hospital!

– Quase! – respondo. Encontro-me de pé numa sala cheia de pessoas sentadas. Está demasiado quente. A vista da janela oscila ligeiramente devido ao calor do radiador, e sinto o meu rosto a ficar escarlate. Olho em volta, sorrio como uma idiota. Sentado numa extremidade do sofá, Dinny levanta rapidamente os olhos e sorri quando me vê.

Honey está sentada junto dele, uma alcofa vazia aos pés e um embrulhinho nos braços. Há outra rapariguinha que não reconheço, com cabelo cor-de-rosa berrante e um cristal no lábio. Mo apresenta-me como Lydia, uma amiga de Honey, e um homem mais velho, magro e atento; é Keith, o companheiro de Mo. Não há nenhum lugar onde me possa sentar, por isso

vacilo, hesitante, na pequena sala, e Honey esforça-se por se sentar mais direita.

– Oh, não... não te levantes! – digo, estendendo as flores e os chocolates, e depois colocando-os sobre uma mesa cheia de canecas de café vazias e um prato de bolachas.

– Não me ia levantar. Ia passar-ta – disse Honey, pestanejando as suas pálpebras pintadas de *kohl*, e manobrando cuidadosamente o bebé na minha direcção.

– Oh, não. Não. Pareces estar tão confortável.

– Não sejas medricas. Pega nela – insiste Honey, meio a sorrir. – Como é que nos encontraste?

– Primeiro fui até ao acampamento, e encontrei o Patrick. Ele disse-me que estavas em casa. – Olho para Dinny, não o consigo evitar. Ele está a observar-me com atenção, mas não consigo decifrar a sua expressão. Deixo cair a minha mochila e pego em Haydee. Um pequeno rosto rosado, ainda enrugado e zangado, sob uma madeixa de cabelo escuro, tão fino como uma teia de aranha. Não se mexe quando me empoleiro no braço do sofá, ou lhe beijo a testa, e sinto o cheiro a bebé, a pele novinha em folha e saliva leitosa. Sinto-me subitamente curiosa por saber como me sentiria se este bebé fosse meu. Estar a par daqueles segredos – a força atrás do olhar de Beth quando olha para o filho; o modo como ele a anima, a torna inteira apenas por estar na sala. Estas pequenas criaturas que têm tanto poder sobre nós. O início de uma necessidade em mim, que eu não sabia que existia.

– Ela é *minúscula* – digo, sem fôlego, e Honey revira os olhos.

– Eu sei. Tanta trabalhadeira e toda esta gordura por causa de uma anã com pouco mais de dois quilos! – responde, mas não consegue esconder o quanto está satisfeita, o quanto está orgulhosa. Terminada esta iniciação, a atmosfera na sala parece descontraí-se.

– É lindíssima, Honey. Saíste-te muito bem! Grita muito?

– Não, até ao momento não. Tem-se mostrado bastante calma. – Honey inclina-se na minha direcção, nem à distância de um braço se consegue manter afastada da filha. Olhando-a mais de perto, vejo sombras escuras

sob os seus olhos, pele tão clara que as veias azuis se avistam através dela, atravessando-lhe as tēmporas. Parece cansada, mas entusiasmada.

– Ela há-de habituar-se a gritar, não te preocupes – diz Mo, pesarosa; e Honey lança-lhe um olhar ligeiramente rebelde.

– Vou fazer mais chá – diz Keith, levantando-se da cadeira e colocando as canecas vazias num tabuleiro de latão. – Bebes uma chávena, Erica?

– Oh, sim, por favor. Obrigada. – Consigo sentir todos os olhos postos em mim, e viro-me para a direita. Dinny ainda me está a observar. Aqueles seus olhos escuros, de novo pretos como os de uma foca; sem pestanejar. Sustenho-lhe o olhar durante um instante e depois ele desvia os olhos e levanta-se abruptamente. De repente, pergunto-me se ele se importa que eu me esteja a pendurar daquela maneira na sua família.

– Tenho de ir andando – diz ele.

– O quê? Porquê? – pergunta Honey.

– Tenho apenas... coisas para fazer. – Ele debruça-se, beija a irmã no cimo da cabeça, depois hesita e vira-se para mim. – Vamos todos ao *pub* amanhã à noite, se tu e a Beth quiserem aparecer... – convida.

– Oh, obrigada. Sim... vou perguntar a Beth – respondo.

– Faz um brinde em meu nome – resmunga Honey. – Véspera de Ano Novo, e eu em casa e na cama às nove.

– Oh, vais-te habituar rapidamente a perder todo o tipo de coisas, não te preocupes – diz Mo, animada, e o rosto de Honey esboça uma expressão desanimada.

– Volto mais tarde. Adeus, mãe. – Dinny sorri, encosta por instantes a mão à face de Mo e de seguida sai da sala.

– Então, o que é que lhe fizeste? – pergunta-me Honey, e sorri, mas de um modo reservado.

– O que é que queres dizer com isso? – respondo, espantada.

– Ele fugiu como um coelho quando entraste – observa ela, mas a sua atenção regressa a Haydee, e eu volto a estender-lhe o bebé.

Keith regressa com um tabuleiro cheio de canecas fumegantes, e as luzes da árvore de natal no canto piscam, intermitentes; devagar, depois depressa,

e de novo devagar. Mo pergunta-me pela casa, por Meredith, Beth e Eddie.

– O Nathan contou-me que o jovem Eddie andou a brincar com o nosso Harry, quando cá esteve – diz ela.

– Sim, deram-se optimamente. O Eddie é um miúdo estupendo. Nunca julga ninguém – respondo.

– Bem, a Beth sempre foi uma menina tão boa. Na verdade, não é de admirar. – Mo anui. Sopra o seu chá, o lábio de cima a franzir-se como o do avô Flag. Sinto-me chocada ao reparar nessa semelhança, neste sinal de quanto tempo passou. Mo, a tornar-se uma mulher idosa.

– Sim. Ela é... uma mãe maravilhosa – digo.

– Céus! Faz-me sentir velha ver-te crescida, Erica; e também a Beth... e ainda por cima, com o seu próprio filho! – Mo suspira.

– Bem, afinal, tu agora também és avó. – Sorrio.

– Sim. Uma coisa para a qual não estamos bem preparados, mas agora sou avó – diz ela, lançando a Honey um olhar irónico.

– Oh, *vá lá*, mãe. Já tivemos esta conversa umas *cem* vezes – diz Honey, exasperada. Mo sacode uma mão conciliatória, depois, cansada, passa-a por cima dos olhos.

– Céus, não é que tivemos mesmo? – murmura, mas depois sorri. Mantemo-nos em silêncio por um momento, enquanto Haydee murmura no seu sono.

– Mo, queria perguntar-te uma coisa... se não te importares.

– Pergunta – diz ela, mas cruza os dedos sobre o colo, como que a preparar-se, e há tensão à volta dos seus olhos.

– Bem, estava a pensar se me voltavas a dizer porque é que chamavam Flag ao avô Flag? Sei que alguém já mo contou quando éramos pequenas, mas agora já não me lembro bem... – Ao ouvir aquilo ela descontrai, descruza as mãos.

– Oh! Bem, essa é uma pergunta fácil. Claro que o seu verdadeiro nome era Peter, mas, segundo a história que me contaram, ele era adoptado. Sabias disso? Os avós do Mickey encontraram-no um dia nos bosques, num terreno com íris amarelos!; aquelas flores amarelas, sabes quais são? De

qualquer maneira, era qualquer coisa assim. Ele fora abandonado por alguma jovem que, sem dúvida, se metera em sarilhos... – uma expressão carrancuda e revoltada de Honey, ao ouvir aquilo –, por isso pegaram nele e criaram-no como se fosse seu, e chamaram-lhe Peter; mas a avó do Mickey chamava-lhe frequentemente «o seu bebé das íris», ou uma tolice desse género, e acabou por ficar com essa alcunha.

– Já me lembro. Num terreno de íris amarelos... – digo, e recordo-me de tudo o resto a respeito da história que me fora contada antes, excepto daquela parte. Com um frémito de reconhecimento, percebo que aquele pormenor não está exactamente correcto. – Sabes quando é que isso foi? Em que ano?

– Céus, não! Desculpa. Devia ter sido nos primeiros anos do século passado; mas não posso ser mais específica do que isso. Pobre pequenito. Consegues imaginar, deixar um bebé fora de casa daquela maneira? Sem saber se alguém o iria encontrar, ou se ele iria ficar ali deitado a sofrer até ao fim. Uma coisa terrível de se fazer. – Mo engole o seu chá. – Mas também, naqueles tempos, suponho que assim que tivesses um filho ninguém te tocava. Nem te davam trabalho, nem casavam contigo, nem nada. – Abana a cabeça. – Malditos filhos da mãe.

– Sabes onde o encontraram? Quer dizer, em que lugar do país?

– Bem, aqui, é claro. Em Barrow Storton. Era um bebé local, quem quer que fosse.

Absorvo o que ela me disse e quase lhes revelo aquilo em que estou a pensar, mas acabo por não o fazer. A ideia que estou a ter parece subitamente demasiado grande, demasiado incrível, perturbadora, até doentia, e encaixa-se com algo que Dinny me disse ontem no café.

– Porque é que perguntas? – diz Mo.

– Oh, era apenas curiosidade. Desde que voltei que tenho andado a verificar a história da família Calcott. A vasculhar aquilo que recordo, a tentar preencher os espaços em branco. – Encolho os ombros. Mo assente.

– É sempre assim. Nós esperamos que as pessoas que podem responder às nossas perguntas morram e desapareçam, e só depois é que nos

apercebemos de que tínhamos perguntas para lhes fazer – diz ela, com uma certa tristeza.

– Oh, não tenho a certeza se a Meredith teria respondido a alguma pergunta que eu lhe tivesse feito – digo, num tom amargo. – Nunca fui a sua favorita.

– Bem, se é da história da casa que andas à procura, devias ir falar com o velho George Hathaway, de Corner Cottage – diz-me Keith, pousando os cotovelos duros nos joelhos ossudos.

– Ah? Quem é o George Hathaway? – pergunto.

– Apenas um velhote simpático. Esteve à frente da oficina da estrada de Devizes durante grande parte da sua vida. Claro que agora está reformado. Mas a mãe dele foi criada da casa grande, nos velhos tempos.

– Há quanto tempo? – pergunto, ansiosa.

– Oh – Keith acena com uma mão nodosa e vermelha por cima do ombro –, há muito. Sabes, na altura, elas costumavam começar a servir muito novas. Acho que era apenas uma rapariguinha quando começou ali a trabalhar. Deve ter sido antes da primeira guerra mundial. – Respiro fundo, a excitação a fazer-me comichão nas palmas das mãos. – Sabes qual é a Corner Cottage? À saída da vila, em direcção a Pewsey, onde a colina faz um ângulo abrupto para a esquerda? É uma casa pequena com telhado de colmo e portões verdes, que fica mesmo ali.

– Sim, eu sei qual é. Obrigada. – Sorrio. Saio pouco depois, já que Honey começa a dormir no sofá e Mo lhe tira o bebé, deitando-o na alcofa.

– Volta, está bem? E traz a Beth, seria bom voltar a ver-vos às duas – diz Mo, e eu aceno quando o frio do exterior me faz arder o nariz.

Vou directamente até Corner Cottage, uma casa isolada nos arredores de Barrow Storton; paredes que foram outrora brancas estão agora riscadas e cinzentas. O estuque está a estalar nalguns lugares, o colmo é escuro e descaiu. O portão está fechado mas empurro-o, e atravesso o carreiro cheio de ervas daninhas. Bato três vezes à porta, com força; o batente pesado está tão frio que me queima os dedos.

– Sim, minha querida? – Um velho, baixo e enérgico, sorri-me, mas mantém a corrente na porta.

– Hmm, olá. Desculpe incomodá-lo, é o George Hathaway? – pergunto, ordenando apressadamente os meus pensamentos.

– Sou eu mesmo, minha querida. Posso ajudar-te?

– Chamo-me Erica Calcott, e estava a pensar se...

– Disseste *Calcott*? Da mansão? – interrompe-me George.

– Sim, exacto. Eu estava apenas...

– Só um instante! – A porta fecha-se-me na cara, abre-se um segundo depois sem a corrente. – Nunca em todos os meus anos de vida esperei que uma *Calcott* me batesse à porta. Que reviravolta! Entra, entra; não fiques aí parada na soleira!

– Obrigada. – Entro. O interior da pequena casa está limpo, arrumado e quente. É uma surpresa agradável, quando comparado com o exterior.

– Vem daí. Vou pôr a chaleira ao lume e tu podes contar-me o que é que te trouxe aqui. – George apressa-se à minha frente, ao longo do corredor estreito. – Pode ser café? – A cozinha é baixa e está cheia de coisas. A parafernália do costume: latas de bolachas, espátulas, peneiras enferrujadas e cascas de cebola; mas outras coisas além dessas. Coisas que falam da ausência de uma mulher na casa. Uma peça de motor, preta e oleosa, em cima da mesa. Um conjunto de chaves inglesas em cima do frigorífico. George move-se com uma velocidade e agilidade que desmente a sua idade avançada. Bonitos caracóis de cabelo branco à volta de um rosto magro; olhos de um verde espantosamente claro, da cor de uma fogueira feita com restos de madeira.

– Só ontem à noite é que voltei a casa. Tiveste sorte em encontrar-me. Estive em casa da minha filha em Yeovil, a passar o Natal. Foi uma maravilha voltar a vê-la e aos netos, claro, mas também é maravilhoso estar de novo em casa, não é verdade, *Jim*? – Dirige-se a um rafeiro pequeno, gordo e peludo que se arrasta do seu cesto para investigar as minhas pernas. Tem o aroma penetrante dos cães velhos por toda a parte, mas, apesar disso, coço-o atrás de uma orelha. Uma gordura pungente entranha-se debaixo das

minhas unhas. – Toma. Senta-te, minha querida. – Estende-me uma caneca de café instantâneo. Grata, envolvo a caneca com as mãos e deslizo para uma cadeira junto da mesa de tampo de esmalte. – Mudaste-te agora para a casa grande, não mudaste?

– Oh, não, não mudei. Viemos apenas passar o Natal... a minha irmã e eu. Mas não me parece que seja para ficar permanentemente – explico. O rosto de George fica desanimado.

– Ora, mas que pena! Não a vão vender, espero? Seria uma pena que o lugar deixasse de pertencer à família, quando é propriedade vossa há tantos anos.

– Eu sei. Eu sei que seria. Só que a nossa avó foi bastante específica quanto aos termos do seu testamento, e... Bem, digamos apenas que poderá ser-nos muito difícil manter-nos fiéis a ele – digo.

– Ah, bem, não digas mais. Não tenho nada a ver com isso. As famílias são famílias e, Deus sabe, têm todas os seus dissabores; até as grandes!

– Em especial as grandes. – Sorrio.

– A minha mãe trabalhava para a vossa família, sabes – diz-me George, a voz orgulhosa.

– Eu sei. Na verdade, foi por isso que o vim visitar. Os Dinsdale falaram-me de si...

– A Mo Dinsdale?

– Exacto.

– Uma senhora encantadora, a Mo. Esperta que nem um alho. Normalmente, são os homens que trazem os carros para serem arrançados; eu costumava ter uma oficina, sabes, na estrada de Devizes. Mas quando aquela grande caravana deles precisava de ser arrançada, era sempre a Mo que ma trazia, e ela vigiava-me como um falcão! Não era necessário... eu bem sabia que nem devia tentar enfiar-lhe a carapuça. Uma senhora encantadora – ri-se George.

– Estava a pensar se a sua mãe alguma vez lhe falou do tempo que passou a trabalhar na casa? – pergunto, bebericando o café, deixando que o líquido me escale a garganta.

– Se ela alguma vez falou disso? Bem, ela nunca *parava* de falar nisso, minha querida... não quando eu era rapaz.

– Ah, sim? Sabe se ela trabalhou lá durante muito tempo? Sabe quando começou lá a trabalhar? – Estou ansiosa e inclino-me na direcção de George. Debaixo da mesa, *Jim* senta-se em cima do meu pé, quente e gorducho. George sorri-me.

– Foi o período de tempo que ela trabalhou lá que gerou os problemas todos! – diz ele. – Ela foi mandada embora, percebes? Apenas oito ou nove meses depois de ter começado a trabalhar. Foi uma fonte de vergonha para a nossa família.

– Oh. – Não consigo esconder a minha desilusão, porque duvido que ela tenha ficado a saber muito num espaço de tempo tão curto. – Sabe porquê? O que é que aconteceu?

– A Lady Calcott disse que ela andava a roubar. A minha mãe negou-o com todas as suas forças, mas pronto. Na altura, a nobreza não precisava de provas. Lá foi ela mandada embora, sem referências ou qualquer coisa desse género. Foi um golpe de sorte que o talhante da vila, o meu pai, se tivesse apaixonado por ela assim que a viu. Ela casou-se com ele pouco depois, por isso não ficou sem meios de subsistência durante muito tempo.

– Que Lady Calcott é que era? Sabe o ano em que a sua mãe lá esteve?

– Era a Lady Caroline. Recordo-me de a minha mãe me ter dito que foi em 1905. – George esfrega o queixo, recorda o passado de olhos semicerrados. – Deve ter sido isso – conclui ele. – Ela casou com o meu velho no Outono de 1905.

– A Caroline era a minha bisavó. Gostaria de ver uma fotografia dela? – Sorrio. Tenho-a comigo, na minha mochila. O retrato de Nova Iorque. Os olhos de George arregalam-se, encantados.

– Ora bem, olhem bem para isto! Ela está muito parecida com aquilo que me lembro dela! É bom saber que as velhas células cinzentas ainda funcionam.

– O senhor conhecia-a? – Sinto-me surpreendida ao ouvir aquilo.

– Não era bem *conhecer*, as pessoas como ela não vinham tomar chá com pessoas como nós. Mas quando era rapaz nós costumávamos vê-la de tempos a tempos. Sabes, foi ela quem abriu algumas vezes a quermesse da igreja; e depois houve a grande festa da coroação, em 1953. Eles abriram os jardins da casa, espalharam por ali alguns enfeites e coisas dessas. Foi a única vez que me lembro de eles terem feito alguma coisa para a comunidade. Toda a vila foi dar uma espreitadela, já que, mesmo para um bando de aristocratas, se me desculpas o que te vou dizer, Miss, os Calcott sempre foram muito unhas-de-fome. Nunca convidaram nenhum de nós, a não ser nessa ocasião.

– Por favor, trate-me por Erica – digo-lhe. – Então, a sua mãe contou-lhe mais alguma coisa acerca do tempo que passou a trabalhar para a Caroline? Porque é que foi acusada de roubo, se ela disse que não o fez? – Nesse momento, George parece um pouco embaraçado.

– É uma história um pouco doida, essa. A minha mãe sempre foi muito directa, muito honesta. Mas a maior parte das pessoas tinham dificuldade em acreditar no que ela dizia, por isso, passado algum tempo, ela acabou por deixar de falar do assunto. Mas lembro-me que quando era rapaz ela achava que sabia alguma coisa que não devia saber. Descobriu qualquer coisa que não devia ter descoberto...

– E o que era? – O ar expande-se do meu peito, faz com que me seja difícil respirar.

– Eu digo-te, se me deres uma oportunidade! – repreende-me George com um sorriso. – Ela dizia que um *bebé* tinha desaparecido da casa. Não sabia de quem era o bebé... limitou-se a aparecer um dia, o que foi um dos motivos que fez com que tantas pessoas duvidassem dela. Afinal, os bebés não se limitam a aparecer, pois não? Alguma rapariga teve de o carregar e dá-lo à luz. Mas ela jurou que havia um bebé na casa e que depois voltou a desaparecer, tão depressa como tinha aparecido. E mais ou menos na mesma altura foi encontrado um bebé nos bosques e os funileiros, a gente da Mo, andou com ele pela vila a perguntar a quem pertencia. Ninguém se acusou, por isso eles criaram a criança. Mas a minha mãe não conseguiu

deixar o assunto sossegado, ela jurava a pés juntos a qualquer pessoa que a quisesse ouvir que um dia aparecera um bebê na casa senhorial, e que depois a Lady Calcott o levara e o abandonara. Assim, é claro que a Lady C a queria fora da casa. Acusou-a de roubar uma bugiganga qualquer, e foi assim que tudo se passou. Saiu de lá tão depressa que nem sequer teve tempo de vestir o casaco. Pensa o que quiseres. Algumas pessoas da vila disseram que a minha mãe inventou essa história do bebê para se vingar, percebes? Para causar um certo mau estar aos Calcott, que a tinham deixado sem trabalho. E talvez, talvez haja alguma verdade nisso. A minha mãe era tão nova quando tudo isso aconteceu. Não devia ter mais de uns quinze anos, ou perto disso. Talvez fosse demasiado nova para uma posição de tanta responsabilidade. Mas não a imagino a mentir a respeito de uma coisa dessas. Era muitíssimo honesta, a minha velha mãe. – George interrompe-se, olha para o passado, e eu percebo que estou a conter a respiração. O meu coração bate dolorosamente, faz com que os meus dedos tremam um pouco. Bato com uma unha no bebê desfocado, que aparece na fotografia de Nova Iorque.

– O bebê é este. Foi este o bebê que apareceu na casa. O bebê que a Caroline deixou nos bosques. A sua mãe não estava a mentir – digo-lhe. George fita-me de olhos arregalados, e eu sinto o alívio abençoado do fechar de um círculo, de ter solucionado um enigma, por mais distante de mim que possa estar.

Conto-lhe aquilo que sei, aquilo que percebi das cartas, aquela fotografia, a argola de dentição, e a franha desaparecida dos íris amarelos. E a antiga animosidade contra os Dinsdale. Falo até a minha boca ficar seca, e tenho de beber café frio para a molhar. E quando termino, sinto-me cansada até aos ossos, mas feliz. Sinto-me como se tivesse encontrado algo de precioso que pensei ter perdido; como se tivesse preenchido um grande buraco do meu passado – do nosso passado. Meu, de Beth, de Dinny. Ele é meu primo. Não são duas famílias em guerra, mas uma. Por fim, George fala.

– Bem, estou perplexo. Provas, passados todos estes anos! Acredita, querida, que se a minha mãe te consegue ouvir onde quer que esteja, deve

estar a fazer uma pequena dança vitoriosa neste momento! E tens a certeza de tudo isto, não tens?

– Sim, tenho a certeza. Provavelmente não seria válido em tribunal, nem nada desse género, mas tenho o máximo de certeza possível. Esse bebé veio com ela da América, e, de algum modo, ela manteve-o escondido enquanto casava com o Lord Calcott. Mas depois ele acabou por vir parar à mansão, e ela teve de se livrar dele. Essa é a parte que me deixa mais intrigada... Onde é que ele esteve entretanto, e se ela foi casada antes e teve um filho, porquê manter isso escondido? Mas é uma coincidência demasiado grande. O bebé que desapareceu e aquele que foi encontrado *têm* de ser o mesmo.

– É uma pena que todas aquelas pessoas que chamaram mentirosa à minha mãe já não estejam cá para saber a verdade.

– Qual era o nome da sua mãe? – pergunto, num impulso.

– Cassandra. Evans, era o nome dela na altura. Espera, eu mostro-te uma fotografia. – George dirige-se a um aparador, abre uma gaveta e começa a revolvê-la. A fotografia que me estende é de Cassandra Evans no seu dia de casamento. Cassandra Hathaway, era o seu novo nome. Uma rapariga baixa, de aparência delicada, com um brilho determinado nos olhos e um sorriso aberto. Pele macia, cabelo escuro apanhado em canudos, uma grinalda de flores presa a ele. O seu vestido era simples, solto, com um painel de renda no corpete e um pequeno laço no colarinho. Aquela rapariga viu o avô Flag quando ele ainda era o *belo filho* de Caroline. Ela poderia ter sabido aquilo que Caroline ansiava confessar à sua tia B. Olho para os pontos escuros e granulados dos seus olhos, tentando ver ali tudo aquilo que ela sabia.

*

Saio pouco depois de Corner Cottage e prometo voltar a visitá-lo.

– Uma nova amizade entre os Calcott e os Hathaway! – anuncia George, bastante encantado, quando saio. Não tive coragem de lhe dizer que poderia nunca voltar; à vila, à casa, a qualquer um desses lugares. Inesperada, a maneira como aquele pensamento me fez sentir, quando durante os últimos vinte anos ou mais nem lá pus os pés. Sinto-me à beira de uma tristeza

terrível, um profundo lago de tristeza no qual posso cair, sem nunca conseguir sair; tal como Beth receava que me pudesse acontecer no lago de orvalho. E no entanto, na casa, ainda nem sequer tirei todas as minhas coisas da mala. As minhas roupas ainda estão ali dentro. Estão em desordem, como eu. Desviei-me da minha trajectória estabelecida e agora avanço em ponto morto, sem ter a certeza para onde ir.

Penso em linhagem quando conduzo de regresso à mansão. Naquelas ligeiras características, as pequenas tendências que todos os nossos antepassados deixaram em nós. A minha propensão para fazer palhaçadas em situações embaraçosas; a habilidade para o desenho da minha mãe; a graciosidade de Beth; as sobrancelhas rectas e olhos negros de Dinny. Um furacão de ténues vestígios, a rodopiarem no centro de cada um de nós. Penso no meu sangue e no de Beth. Penso em Dinny, no avô Flag. E claro em Henry. Henry, o último descendente da linhagem Calcott. Ele mostrou-nos uma vez o sangue de Dinny, no cimo da elevação tumular. Acho que até o próprio Henry ficou um pouco chocado com aquilo, mas apenas por um instante. Chocado e depois satisfeito, é claro. Rejubilante. Foi no Verão em que ele desapareceu, mas no início das férias. Podia ter sido a primeira vez que se viram naquele ano, mas não tenho a certeza absoluta disso.

Claro que eu já vi rapazes a lutarem antes. Na escola, na ponta mais afastada do recreio onde o lado da sala de convívio protegia os combatentes do olhar vigilante do encarregado dos intervalos. *O canto*. Era assim que se chamava. Sussurrado de ouvido em ouvido, durante as aulas – a próxima missão, o próximo combate mortal. *Gary e Neil no canto, à hora de almoço!* O escândalo deixava-me sempre entusiasmada, embora as lutas nunca se prolongassem durante muito tempo. Era um puxar de casacos; alguém que era empurrado, lançado ao chão. Talvez alguns puxões de cabelo; uma canela pontapeada, joelhos com equimoses. Depois o encarregado reparava no ajuntamento, ou um dos rapazes começava a chorar. O vencedor ganhava o direito a fugir, o vencido tinha de ficar e afirmar que nada tinha acontecido.

Mas com Dinny e Henry foi diferente. Tínhamos subido à elevação para testar os aviões que passáramos toda a manhã a fazer, com papel pardo e pauzinhos de gelado. Precisávamos de um bom local de lançamento, fora esse o veredicto – correntes de ar térmicas, ascendentes e adequadas, dissera Dinny. Meredith andava a criar sarilhos na vila, como sempre. Proibira os agricultores que alugavam os seus terrenos de dar trabalho a trabalhadores itinerantes, o que deixava os agricultores sem a ajuda de que precisavam e que podiam pagar, e os Dinsdale sem os trabalhos de Verão que estavam à espera de encontrar ali. Claro que era esse o seu objectivo – embora agora não tenha assim tanta certeza disso. Ela devia ter sabido que acabaria por ter de recuar. Acho que só o fazia para os recordar. Recordar-lhes que estava lá, e que os odiava. Havia todo o tipo de discussões na casa, e nós ouvíamos muitas delas. Tal como Henry, é claro. Ele seguiu-nos pela elevação acima, com as suas palavras a servir-lhe de munição.

– Não devias andar a mendigar? Acho que, dentro de pouco tempo, toda a tua família vai andar a mendigar; ou a roubar, é claro. – A troçar de Dinny; sem preâmbulos. – Vai ser impossível vocês *comprarem* comida. Pelo menos se ficarem por aqui.

– Cala-te, Henry! Vai-te embora! – ordenou-lhe Beth, mas ele deitou-lhe a língua de fora.

– Cala-te *tu!* Não me podes dizer o que fazer! E vou dizer à avó que vocês estiveram a brincar com os ciganos fedorentos!

– Então diz-lhe! Vê lá se eu me importo! – exclamou Beth. Estava rígida, tão tensa e direita como uma estaca.

– *Devias* importar-te, se és amiga dele bem que te podes transformar numa cigana. Já cheiras a cigana. E acho que também és suficientemente estúpida para o ser... – Ele estava a respirar a custo, depois de ter corrido colina acima atrás de nós; o rancor deixara-lhe o pescoço às manchas. Dinny olhou para ele com uma tal fúria que eu lancei o meu avião de papel num desespero ansioso.

– Vejam! Vejam... vejam como está a chegar tão longe! – exclamei, saltando para cima e para baixo. Mas nenhum deles olhou.

– O que é que se passa contigo? Ainda não aprendeste a falar? És assim tão estúpido? – Henry provocou Dinny. Dinny olhou para ele, cerrou os dentes, e não respondeu. O seu silêncio era um desafio, e Henry não recuou. – Na verdade, acabei agora mesmo de ver a tua mãe. Estava a procurar o teu jantar na nossa lata do lixo! – Dinny atirou-se a ele. Com tanta rapidez que só me apercebi que ele se tinha mexido quando atirou Henry ao chão e começaram ambos a rebolar pela elevação abaixo.

– Pára com isso! – gritou Beth, mas não sei a qual deles é que estava a dirigir-se. Fiquei petrificada, paralisada pelo choque. Aquela não era nenhuma briga de recreio, ali não havia casacos a serem puxados. Eles pareciam querer matar-se um ao outro. Vi dentes arreganhados, punhos, músculos jovens a retesarem-se.

Depois Henry desferiu um murro certo. Foi sorte pura e dura, porque Dinny estava a arranhar-lhe a cara, de modo que ele tinha os olhos fechados. Henry sacudia os braços, lançando murros a torto e a direito, e teve sorte. O seu punho chocou contra o nariz de Dinny e deitou-o ao chão. Dinny ficou ali sentado um instante, atordoado, e depois uma erupção de sangue vermelho vivo esguichou-lhe do nariz e começou a pingar-lhe do queixo. Beth e eu estávamos mudas de horror. Que Henry tivesse vencido. Que Dinny estivesse a sangrar tanto. Eu nunca vira sangue como aquele. Tão vermelho, tão rápido. Não como as pequenas manchas no balcão do talho quando eu ia às compras com a minha mãe. Dinny colocou a mão em concha debaixo do queixo, e apanhou o sangue como se o quisesse guardar. Deve ter-lhe doído. Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas que correram rebeldes pelas suas faces para se juntarem ao sangue. Quando se apercebeu do que conseguira, Henry manteve-se de pé junto de Dinny e sorriu. Lembro-me das suas narinas a abrirem-se, brancas, de triunfo, como ele parecia desdenhoso. Afastou-se com uma passada bamboleante. Dinny observou-o, e eu observei Dinny. Os seus olhos faiscavam, e, durante um longo momento, Beth e eu ficámos com demasiado medo de nos aproximar dele.

A véspera de Ano Novo calha a uma quarta-feira, e parece ser mesmo uma quarta-feira. Nenhuma da antiga excitação. De qualquer maneira, era sempre excitação misturada com terror, posso agora confessá-lo. O zumbir e rebentar dos fogos-de-artifício por cima do Tamisa, o conhecimento sombrio de quanto tempo seria necessário para que depois as multidões dispersassem. Agora é apenas uma quarta-feira, mas com outro género de prazo limite. Beth disse que ficaria até ao Ano Novo. Foi isso que lhe supliquei para fazer – só até ao Ano Novo. Amanhã. Só me consigo lembrar de uma coisa que a fará ficar mais tempo, e essa coisa é se ela vencer a discussão com Maxwell. Se o Eddie voltar antes do início das aulas, então pode ser que ela fique.

Claro que há algo que me está a deixar entusiasmada. É a declaração que tenciono fazer esta noite. Lá fora, o dia está agreste. Aumento o som do rádio para afogar o vento gemebundo que se lança contra os cantos da casa. Demorei muito tempo a convencer Beth a ir ao *pub* – tive de mentir, disse-lhe que poderá ser a última vez que vê Dinny antes de partirmos. O som violento do vento poderá ser suficiente para a dissuadir.

– Cabelo para cima ou para baixo? – pergunto a Beth quando ela sai da casa de banho. Levanto o meu cabelo para lhe mostrar, depois deixo-o cair e sacudo-o. Ela olha para mim, inclina a cabeça para um lado.

– Para baixo. Afinal só vamos até ao *pub* – diz. Passo os dedos por entre o cabelo.

– Sim, só vou vestir calças de ganga – anuo. Ela encontra-se atrás de mim, inclina-se para pousar o queixo em cima do meu ombro, olha para o seu reflexo. Conseguirá ver? Que os ossos do seu rosto são tão salientes quando comparados com os meus? Que a sua pele parece tão fina, tão pálida?

– Eu sei que é véspera de Ano Novo. Mas eu não... não me apetece sair. Não *conhecemos* essas pessoas... – diz ela, voltando a afastar-se.

– Ora, eu já estou a começar a... Ficarias a conhecer, se saíesses mais. Por favor, Beth. Não podes ficar aqui sozinha. Hoje não.

– De qualquer maneira, porque é que estás tão obcecada em estar com ele? De que é que serve? Já não o *conhecemos*. Vivemos vidas completamente

diferentes! E dentro de pouco tempo teremos partido, e é provável que nunca mais o voltemos a ver. – Calcorreia o chão atrás de mim, agitada.

– Não estou obcecada – murmuro, passando sombra prateada sobre as pálpebras e examinando o efeito no espelho. Consigo senti-la a olhar para mim. – É o *Dinny*. – Encolho os ombros. – É a pessoa mais importante da nossa infância. Olha – viro-me para ela, faço com que olhe para mim –, esta noite não pensamos no assunto, OK? Vamos apenas sair, brindar ao ano novo e divertir-nos. OK? – Abano-a ligeiramente. Ela respira fundo, sustém a respiração por um momento.

– OK! Tens razão. Desculpa – cede. Soa aliviada, e sorri um pouco.

– Assim está melhor. Agora vai, e serve-nos um *whisky*. *Muito whisky* – ordeno.

– Aqui tens – diz ela, quando desço à cozinha.

– Isto fará com que entremos melhor no espírito festivo. – Sorrio e pego no copo que ela me estende. Batemos os copos e bebemos. O sorriso de Beth parece um pouco forçado, mas pelo menos está a esforçar-se. – Que tal estava o Maxwell? O Eddie vai voltar?

– O quê, aqui? Não – diz ela. – Eu quero que ele venha mas que fique comigo em casa no último fim-de-semana de férias. O Max diz que vão a casa dos pais dele... Não sei – suspira. – Sinto-me sempre como aquela que tem de lutar para ficar com os melhores dias.

– Bem, nós ficámos com ele no Natal... – Sou invadida pela decepção. Agora não haverá nada para a manter aqui. Algo move-se no meu interior, torce-se, tenta encontrar uma maneira para se agarrar a ela, para se agarrar ao tempo que estamos ali a passar. Ainda não acabei. Sinto-me enervada pela necessidade.

– Alguns dias numas férias de quatro semanas! Não me parece muito justo.

– No entanto, alguns dias bastante importantes – argumento, a minha voz estridente. Perdi o rasto à conversa. Devia estar a incitá-la a lutar com mais força, para fazer com que Eddie volte para aqui com o seu amigo Harry.

Beth beberica o *whisky*. Observo a cartilagem do seu pescoço a mover-se enquanto engole.

– Eu sei. Eu apenas... sinto tantas saudades dele, Rick. Não vejo bem para que é que sirvo quando não posso tomar conta dele – diz Beth, num tom desamparado.

– Tu serves para ser mãe dele, quer ele esteja contigo quer não. E para seres a minha irmã mais velha. E, ainda mais importante, neste momento, serves para beber *whisky* comigo, porque não tenho a intenção de ser a única a começar o ano novo com uma dor de cabeça – digo.

– Então, bota abaixo – diz Beth, num tom grave, lançando todo o conteúdo do copo para a garganta, a engasgar-se e a rir quando o álcool lhe queima o nariz.

– Assim está muito melhor! – Rio-me.

Lá fora está frio. O ar ultrapassa as barreiras da roupa e do calor do álcool; faz os nossos olhos lacrimejar, os nossos lábios estalam. Caminhamos rapidamente, de dentes cerrados, curvadas e deselegantes. A noite está límpida; o céu cor de tinta, despedaçado pelo vento incansável. Há luzes por toda a vila, afastando a noite solitária, e o calor e a humanidade do White Horse atingem-nos como uma vaga quando abro a porta. Estamos lado a lado. Inalamos a respiração de outros, nadamos através dela; o odor pesado, alegre de álcool e corpos. Vozes tão altas, tão próximas. Tenho a certeza de que o silêncio no coração de Beth será espancado até à submissão. Abro caminho até ao bar, perscrutando a multidão em busca de Patrick ou Dinny, ou qualquer outra pessoa que eu conheça. São os caracóis de Harry que acabo por ver, na sala reservada nas traseiras do *pub*. Peço dois *whiskies* e águas, inclino a cabeça e sorrio a Beth para que ela me siga.

– Olá! – grito, ao chegar junto da mesa. Reconheço rostos da festa do solstício, rostos que devo ter visto a irem e a virem pelo acampamento. Denise, Sarah e Kip. Dinny e Patrick, é claro. Patrick fita-me com uma expressão divertida e Dinny sorri, os olhos a arregalarem-se, surpreendidos, ao pousarem em Beth. Um segundo depois, pergunto-me se ele estaria a sorrir a Beth e não a mim, mas não posso ter a certeza.

– São as senhoras da mansão! Juntem-se a nós, senhoras! – chama-nos Patrick, sacudindo um braço magnânimo sobre o grupo. Tem as faces rosadas, os olhos brilhantes. Harry dá-me uma palmadinha no braço e, seguindo um impulso, debruço-me sobre ele, beijo-lhe a face, sinto o roçar das suas suíças. Dinny olha-nos. Há um arrastar, um amontoar ao longo do banco em forma de ferradura, e arranja-se espaço para mim e Beth em cada uma das extremidades.

– Na verdade, nunca estive aqui antes – grito. – Não tínhamos idade suficiente para entrar, da última vez que aqui estivemos!

– Isso é um crime! Bem, mas agora é aqui que estão, por isso fiquem a conhecê-lo. Saúde! – Patrick bate nos nossos copos. Líquido frio transborda, cai nas costas da mão de Dinny.

– Desculpa – digo, e ele encolhe os ombros.

– Não há problema. – Suga o *whisky* da pele, e esboça um esgar. – Não sei como é que vocês conseguem beber esse veneno.

– Depois do quarto ou quinto, habituas-te – respondo, jovialmente. – Então, e estás a habituar-te a ser tio?

– Não, não estou! Ainda não consigo acreditar que a Honey teve um bebé... Há cinco segundos ela própria ainda era um bebé, entendes? – Dinny inclina a cabeça, irónico.

– Aproveita ao máximo enquanto ela é pequena – diz-lhe Beth, as suas palavras a esforçarem-se por se erguer acima da confusão de vozes. – Eles crescem tão depressa! Nem acreditas quão depressa – tenta ela de novo, agora mais alto.

– Bem, suponho que consegui o melhor de dois mundos. Posso divertir-me com a miúda e depois voltar a entregá-la quando ela começar a feder ou a berrar. – Dinny sorri.

– Essa sempre foi a minha parte favorita de ser tia – digo, a sorrir a Beth. E conversamos, com todo o à-vontade. Estamos ali sentados a conversar como vizinhos, quase como amigos. Tento não pensar nisso, no quanto é miraculoso; não quero quebrar o feitiço.

– Que tal está a correr a tua pesquisa da história da família? – pergunta-me Dinny algum tempo depois, quando o meu corpo está quente, o meu rosto ligeiramente dormente. Olho para ele.

– Queres dizer a *nossa* história de família? – digo.

– Ai sim? O que é que queres dizer com isso?

– Bem, aquilo que basicamente descobri é que somos primos – digo, a sorrir abertamente. Beth franze a testa ao olhar para mim, Dinny lança-me aquele seu olhar intrigado.

– Rick, de que é que estás a falar? – pergunta Beth.

– Bastante afastados... meios primos, ou por aí. A sério! – acrescento, quando me deparo com o cepticismo à minha volta.

– Então, vamos lá ouvir a história – diz Patrick, cruzando os braços.

– Certo. Sabemos que a Caroline teve um bebé, um rapaz, antes de casar com o Lord Calcott em 1904. Há uma fotografia, e ela guardou a argola de dentição da criança durante o resto da vida...

– Um bebé que provavelmente nunca veio com ela da América, ou ela teria tido dificuldade em voltar a casar como solteira, o que aparentemente não aconteceu – intervém Beth.

– Oiçam apenas o que estou a dizer. Depois há uma fronha que desapareceu de um dos antigos conjuntos da casa, uma fronha com íris amarelos bordados. Ora, Dinny, o teu avô contou-me a história de como ficou com a sua alcunha, e, no outro dia, a tua mãe voltou a recordar-ma, quando estive em casa dela. Mas acho que alguns dos principais pormenores se confundiram ao longo dos anos; a Mo disse que o Flag foi encontrado num monte de íris amarelos e foi assim que ficou com o seu nome, aqui nos bosques de Barrow Storton, que são inclinados e bastante bem drenados, e na verdade nem sequer são um bom terreno para o crescimento dessas flores. Tenho a *certeza* de que me lembro do avô Flag a dizer-me que foi encontrado numa manta com flores amarelas bordadas. Tem de ser a fronha... tem de ser! – insisto, enquanto Patrick troça e Dinny parece ainda mais céptico. – E hoje, encontrei-me com o George Hathaway...

– O tipo que tinha a oficina na estrada principal? – pergunta Patrick.

– Esse mesmo. A mãe dele trabalhava na mansão quando a Caroline lá chegou. Foi despedida; aparentemente por ter roubado, mas, segundo o George, ela insistia que fora mandada embora porque sabia que houvera um bebê na casa... mais ou menos na mesma altura que os Dinsdale encontraram o Flag. Havia um bebê na casa e depois desapareceu. O teu avô era filho da minha bisavó. Tenho a certeza disso – termino, apontando um dedo trémulo a Dinny. Ele observa-me, esfrega o queixo, pensa naquilo.

– Isso é... – Beth esforça-se por encontrar a palavra – ridículo! – diz.

– Porquê? – exijo saber. – Explicaria a hostilidade da Caroline em relação aos Dinsdale; ela abandona o filho, quer ver-se livre dele, e eles encontram-no e criam-no mesmo aqui, na soleira da sua porta. De todas as vezes que voltavam aqui, traziam o bebê com eles. Devem tê-la deixado doida. Era por isso que ela os odiava tanto.

– Então responde-me a isto – diz Dinny. – Ela traz o bebê. Tem-no com ela quando volta a casar... Por algum motivo, o seu anterior casamento não está registado, mas é impossível que ela tivesse acabado por casar com um lorde se o bebê era ilegítimo. Portanto, ela fica com o bebê até chegar aqui, a Barrow Storton, e depois abandona-o nos bosques. A minha pergunta é, porquê? Porque é que ela faria isso?

– Porque... – interrompo-me, olho para a minha bebida. – Não sei – confesso. Tento concentrar-me. – O teu avô tinha alguma deficiência?

– Forte como um touro, e muito inteligente. – Dinny abana a cabeça.

– Talvez o Lord Calcott não a deixasse ficar com o filho de outro homem?

– Então decerto que não teria casado com ela se se importasse assim tanto?

– Não será possível – começa Patrick –, e talvez até mais plausível, que o bebê da Caroline tivesse morrido nos Estados Unidos, que uma das *criadas* se tivesse metido em sarilhos, talvez até a mãe do Hathaway, que tivesse tirado a fronha da casa num momento de desespero, e se tivesse livrado do bebê ilegítimo? Não seria de admirar que ela mentisse a esse respeito, ou fosse despedida por isso – sugere ele, animado.

– O Patrick tem razão – diz-me Beth. Abano a cabeça.

– Não. Eu *sei* que era o bebé da fotografia. Tem de ser – insisto.

– E quanto à atitude dela em relação a mim e aos meus – continua Patrick com um encolher os ombros –, ela era apenas um produto da época. Só Deus sabe que ainda hoje nos deparamos com bastantes preconceitos, quanto mais há cem anos! Na verdade, a vagabundagem era mesmo um crime, sabes?

– Está bem, está bem! – exclamo. – Ainda acho que tenho razão. O que é que achas, Dinny?

– Não tenho a certeza. E não tenho a certeza se quero ser um Calcott. Eles não têm sido muito amáveis para as pessoas que amo ao longo dos anos – diz ele, e o seu olhar é tão directo que tenho de afastar os olhos.

– Bem, então bota abaixo, prima – diz Patrick. Conciliatório, mas não convencido. Mudamos de assunto, a minha história lançada por terra.

– No entanto, era uma boa teoria – diz Beth, dando-me uma cotovelada.

Por volta da meia-noite, os meus ouvidos zumbem, e quando viro a cabeça o mundo passa por mim desfocado, e demora um bocado a assentar no lugar certo. Encosto-me a Harry, que está sentado muito hirtos e que bebeu tanta *Coca-Cola* que tem de passar por cima de mim de cada vez que quer ir à casa de banho, de vinte em vinte minutos ou perto disso. Há conversas à minha volta e eu faço parte delas, estão a incluir-me. Estou feliz, embriagada, ofuscada. À meia-noite, o *barman* aumenta o som do rádio e ouvimos o Big Ben, expectantes, de respirações contidas no intervalo que antecipa a primeira badalada do novo ano. O *pub* irrompe num alarido e eu penso em Londres, penso que estou ali a ouvir todos aqueles sinos londrinos, e penso na minha antiga vida que continua sem mim. Descubro que não quero regressar. Patrick, e Beth, e mais alguns beijam-me e depois viro-me para Dinny, estendo a minha face e ele planta ali um beijo que eu continuo a sentir muito depois de ter desaparecido, e pergunto-me se terá deixado uma marca indelével.

Pouco depois, Beth puxa-me pelo braço, diz que se vai embora. A multidão começa a sair, deixando para trás aqueles que estão bêbedos, e dos quais eu faço parte. Quero que esta festa continue, mantenho a falsa impressão de que pertenço a este grupo. Beth abana a cabeça e fala-me ao ouvido.

– Estou cansada. Acho que também devias vir, assim podemos regressar ambas em segurança. Já bebeste um bocado.

– Estou ótima! – protesto, demasiado alto, quase a provar que ela tem razão.

Beth levanta-se, despede-se com sorrisos, começa a vestir o casaco e estende-me o meu.

– Vamo-nos embora – diz, a sorrir em geral mas sem olhar directamente para Dinny.

– Sim. A festa está mesmo a acabar – boceja Patrick. Os seus olhos brilhantes tornaram-se rosados.

– Se quiserem, podem vir todos até nossa casa. Temos muitas bebidas – ofereço expansivamente. Beth lança-me um olhar preocupado, mas ninguém aceita o meu convite; desculpam-se com as horas, a embriaguez, dores de cabeça iminentes. Visto o casaco. Sou desastrada, não consigo encontrar os braços. Bato na mesa ao sair de trás dela, e faço abanar os copos. Ao virarmo-nos para sair Dinny agarra o braço de Beth, puxa-a para baixo e fala-lhe ao ouvido.

– Boa-noite, prima Erica! – diz-me, quando me afasto a serpentear.

– Eu tenho razão! – insisto, saindo do *pub* aos tropeções.

– Erica! Espera! – grita Beth ao vento, quando sai do *pub* atrás de mim. Mas parece que não consigo abrandar. Tenho o sangue em chamas; está a dominar o meu corpo e não me consigo controlar. – Espera por mim, espera! – Corre ao meu lado. – Isto até foi bastante divertido – diz.

– Eu disse-te – respondo, muito alto no meio do vento agressivo. Não consigo dar um nome àquilo que estou a sentir. Uma impaciência enorme, a frustração sem limites de não saber nada com toda a certeza. – O que é que tu e o Dinny estavam a segredar lá atrás? – pergunto.

– Ele, hmm... – Ela parece ter sido apanhada desprevenida. – Ele disse apenas para... te levar em segurança até à cama, apenas isso.

– Apenas isso?

– Sim, apenas isso! Erica, não comeces... Estás bêbeda.

– Não estou assim tanto! Vocês os dois sempre tiveram os vossos segredos, e isso pouco se alterou. Porque é que nenhum dos dois me diz o que aconteceu naquela altura?

– Eu... eu disse-te, não quero falar do assunto e tu também não. Então perguntaste ao Dinny? – Ela soa alarmada, quase assustada. Penso nisso, espantada, e percebo que não o fiz. Não directamente.

– O que é que ele te disse agora mesmo?

– Acabei de te *dizer* o que ele disse! Meu Deus, Erica... estás com *ciúmes*? Continuas... passado este tempo todo? – Paro de andar, viro-me para olhar para ela sob os últimos vestígios de luz vindos da vila. Nunca me ocorreu que ela soubesse. Que eles soubessem, que eles me tivessem visto a clamar por atenção. De certo modo, assim ainda é pior.

– Não estou com ciúmes – murmuro, desejando que fosse verdade. Continuamos a andar, tropeçamos pelo caminho acima em silêncio. Ao chegarmos à casa, apercebo-me que me sinto desconfortável. Uma qualquer campainha de aviso está a tentar soar sob a neblina da minha embriaguez. Acho que é o silêncio de Beth. O tipo de silêncio, a sua extensão e profundidade.

Beth abre a porta da entrada, mas eu recuo da escuridão no interior. Sob o brilho cinzento da lua, parece-se com a boca de uma sepultura. Beth entra, acende uma luz amarela e ofuscante, e eu viro-me.

– Entra... estás a deixar sair todo o calor – acaba ela por dizer.

Abano a cabeça.

– Vou dar uma volta.

– Não sejas ridícula. É uma e um quarto da manhã, e está um gelo. Entra.

– Não. Vou... ficar nos jardins. Preciso de desanuviar a cabeça – digo-lhe numa voz monocórdica, recuando. Vejo a sua figura recortada contra a porta, preta e sem rosto.

– Então vou esperar que tu voltes. Não demores muito.

– Não esperes. Vai-te deitar. Eu não demoro.

– Erica! – chama-me, quando me afasto. – Tu... tu não vais esquecer o assunto, pois não? Não o vais deixar em paz. – Agora um medo genuíno na sua voz. Soa tão frágil como vidro. Também me sinto assustada por aquela mudança nela, pela sua vulnerabilidade repentina, o modo como ela se apoia na estrutura da porta como se pudesse desfazer-se em pedaços. Mas mostro-me determinada.

– Não. Não vou – digo, e afasto-me dela.

Não deixo esta noite acabar até ter qualquer coisa, até ter resolvido alguma coisa. Até me ter lembrado de alguma coisa. Atravesso em passos largos o relvado revolto, as minhas pernas a fugirem comigo, as articulações a oscilarem, elásticas. Debaixo das árvores, a escuridão é compacta. Olho para o céu, estendo as mãos à minha frente para sentir o caminho, prossigo. Sei para onde vou.

O lago de orvalho é uma escuridão ainda maior aos meus pés. O cheiro a pedra e lama ergue-se da água para me saudar. Acima de mim, o céu está suspenso e imóvel, e parece irreal que as estrelas não se movam, não sejam varridas pelo vento. A sua imobilidade deixa-me tonta. Aqui estou eu sentada, no pino do Inverno, a altas horas da noite, uma mulher com a cabeça cheia de *whisky* a tentar regressar, a tentar ser a criança cheia de fantasias sob um céu quente de Verão. Olho para a água, transporto-me até lá. A minha respiração abranda e pela primeira vez reparo no frio, na pressão do solo contra as minhas calças. Abraço os joelhos contra o peito. *Fizeste chichi nas calças, Erica?* Henry a rir-se, Henry a esboçar aquele sorriso desagradável. Henry a baixar-se, a olhar em volta. O que é que ele estava a fazer? De que é que estava à procura? O que é que eu estava a fazer? Voltei a entrar na água. Tenho a certeza que sim. Foi uma diversão – estava a tentar quebrar a tensão. Virei-me, entrei a correr e atirei-me de chapão, fazendo a maior onda que consegui, debatendo-me abaixo da superfície porque as minhas cuecas ameaçavam fugir-me. E quando volto a

subir... quando limpo a água dos olhos... Henry já tinha encontrado aquilo que procurava?

Antes de me aperceber do que estou a fazer, entro na água. Coloquei-me nesta situação. Entro a correr, faço o maior chapão que consigo; e depois a realidade derrama-se à minha volta, e a minha pele incendeia-se com o frio da água. A dor é incrível. Não faço a mínima ideia de onde fica a superfície, nenhuma ideia para onde ir, o que fazer. Não tenho qualquer controlo sobre o meu corpo, que falha e se contorce. O ar desapareceu-me dos pulmões, eles desabaram, as minhas costelas estão esmagadas. Vou morrer, penso. Estou a afundar como uma pedra. Vou chegar por fim ao fundo, tal como sempre desejei. A água não tem superfície, já não há céu. E vejo Henry. O meu coração parece parar. Vejo Henry. Vejo-o, a olhar-me da margem, olhos arregalados e incrédulos. Vejo-o cambalear, e vejo sangue a escorrer-lhe dos olhos. Tanto sangue. Vejo-o a começar a cair. Depois estou de novo cá fora e é uma bênção – tão quente, tão cheio de vida depois da punhalada fria da água. Um arquejo faz o ar apressar-se para dentro dos meus pulmões; grito de dor.

Consigo ver a margem. Inclina-se e desfoca-se à minha frente, enquanto o meu corpo ameaça voltar a afundar-se. Tento fazer os meus braços trabalhar, dar às pernas. Nada se move como é suposto. O meu coração bate agora selvaticamente, demasiado depressa, demasiado grande no meu peito. Está a tentar fugir-me, a fugir deste frio cortante. Não consigo manter o ar nos pulmões. Sai a assobiar, enquanto a água me aperta. Sou esfolada viva; estou a arder. Uma mão alcança a margem mas não a sinto, apenas a resistência dela. Arranho-a, forço-me a enfiar os dedos na lama, tento fazer com que a minha outra mão lhe chegue, tento içar-me para fora. Debato-me. Sou um rato num barril, um ouriço numa poça. Estou a gemer.

Depois mãos agarram-me por baixo dos braços, puxando-me mais para a frente até eu ter os joelhos em terra. Mais um puxão e estou cá fora, a água a escorrer-me da roupa, do cabelo e boca. Tusso e começo a chorar, tão feliz por estar fora de água, tão dorida.

– Mas que *raio* é que estavas a *fazer*? – É Dinny. A sua voz ecoa estranhamente nos meus ouvidos e ainda não consigo erguer os olhos para ele, não consigo mover a cabeça pesada no meu pescoço endurecido. – Por amor de Deus, estavas a tentar matar-te? – Ele é duro, está furioso.

– Eu... não tenho a certeza – balbucio, e volto a concentrar-me na minha tosse. Atrás da cabeça dele, as estrelas estremecem e giram.

– Levanta-te! – ordena-me. Soa tão zangado, e o que resta da minha vontade abandona-me. Desisto. Ali deitada no chão, afasto a cabeça dele. Não consigo sentir o corpo, não consigo sentir o coração.

– Deixa-me em paz – digo-lhe. Acho que o digo. Não tenho a certeza se formei palavras, ou se me limitei a expirar. Ele vira-me, fica parado atrás da minha cabeça e puxa-me para cima pelas axilas.

– Vamos. Tens de te aquecer antes de te poderes deitar e descansar.

– Estou quente. Estou a ferver – respondo, mas os tremores estão a começar a surgir, desde os meus pés à ponta dos meus dedos, fazendo convulsionar todos os músculos. O meu coração bate acelerado.

– Vá lá, agora anda. Não é longe.

Pouco tempo depois, torno-me consciente da minha pessoa, da sensação esfolada da minha pele, da dor nas minhas costelas, braços e crânio. Os meus dedos dos pés e das mãos estão a latejar, agonizantes. Estou sentada, de roupa interior molhada, na caravana de Dinny. Enrolada num cobertor. Há chá quente ao meu lado. Dinny deita-lhe uma colher de açúcar bem cheia, manda-me bebê-lo. Eu beberico-o, queimo a língua. Ainda estou a tremer, mas agora menos. O interior da ambulância é mais quente do que eu tinha imaginado. As brasas do fogão iluminam-nos o rosto. Beliches estreitos ao longo de um dos lados, armários, prateleiras e uma bancada do outro. Um espaço para latas. Uma chaleira em cima do fogão, panelas penduradas em ganchos.

– O que é que estavas a fazer ao pé do lago? – pergunto. A minha voz tem um som pouco saudável.

– Eu não estava ao pé do lago. Estava a voltar para casa quando ouvi o raio daquele chapão que tu deste. Tiveste sorte por o vento estar a soprar de

leste, senão não o teria ouvido. Não teria aparecido. Sabes o que poderia ter acontecido se eu não tivesse aparecido? Mesmo que tivesses conseguido sair, e depois tivesses ficado deitada na margem durante meia hora... Percebes?

– Sim. – Estou arrependida, envergonhada. Agora não há em mim qualquer vestígio de *whisky*. O meu mergulho fê-lo dissipar-se por completo.

– Então o que é que estavas a fazer? – Ele senta-se à minha frente num banco dobrável, com um tornozelo pousado no joelho oposto, cruza os braços. Tudo barreiras. Encolho os ombros.

– Estava a tentar lembrar-me. Daquele dia. Do dia em que o Henry morreu. – Digo *morreu*. Não *desapareceu*. Aguardo, à espera que Dinny me corrija. Ele não o faz.

– Porque é que te quererias lembrar disso?

– Porque *não* me lembro, Dinny. Não me lembro. E tenho de o fazer. Preciso de o fazer. – Ele não me responde durante muito tempo. Permanece ali sentado e olha-me com uma expressão reservada.

– Porquê? Porque é que tens de o fazer? Se não te lembras mesmo, então...

– Não me digas que estou melhor se não me lembrar! É isso que a Beth diz, e não é verdade! Não estou melhor. Há uma parte em falta... Não consigo deixar de pensar nisso...

– Tenta.

– Eu sei que ele está morto. Sei que o matámos. – Ao falar, volto a estremecer, e entorno gotas de chá em cima das pernas.

– *Nós* matámo-lo? – De repente, Dinny olha para mim, os olhos iluminados. – Não. *Nós* não o matámos.

– O que é que isso significa? O que é que *aconteceu*, Dinny? Para onde é que ele foi?

A pergunta fica suspensa entre ambos durante um longo momento. Acho que ele mo vai dizer. Acho que sim. O silêncio prolonga-se.

– Esses não são segredos meus, para os poder contar – diz ele, o rosto perturbado.

– Só quero que as coisas voltem ao que eram – digo, em voz baixa. – Não as coisas, as pessoas. Quero que a Beth cresça da maneira que devia ter crescido se aquilo não tivesse acontecido. Começa tudo aí, eu sei que começa. E quero que nós sejamos amigos, como éramos...

– Talvez como poderíamos ter sido. – A voz dele é tensa. Levanto os olhos em busca de uma explicação. – Vocês deixaram de aparecer! – exclama ele, os olhos a arregalarem-se. – Como é que acham que me senti depois de tudo que...

– Depois de tudo, o quê?

– Depois de todo o tempo que passámos juntos, ao crescer... Vocês limitaram-se a deixar de aparecer.

– Éramos miúdas! Os nossos pais deixaram de nos trazer... Não havia muito que pudéssemos fazer quanto a isso...

– Eles trouxeram-vos no Verão seguinte. E naquele que se seguiu a esse. Eu vi-vos, apesar de vocês não me terem visto. Mas nunca vieram até ao acampamento. O acampamento da minha família foi completamente *revolvido* pela polícia à procura daquele rapaz. Todos nos trataram como criminosos! Aposto que eles não revolveram a mansão, pois não? Aposto que não andavam sempre a revolver a horta, à procura de uma sepultura. – Olho para ele. Não consigo pensar em nada para dizer. Tento lembrar-me da polícia a revistar a casa, mas não consigo. – A princípio, pensei que vocês tivessem sido proibidas de virem até aqui. Mas sempre vos tinham proibido antes, e isso nunca vos impediu. Depois pensei que talvez tivessem medo, talvez não quisessem falar do que tinha acontecido. Depois acabei finalmente por perceber. Vocês não se interessavam.

– Isso não é verdade! Éramos apenas crianças, Dinny! Aquilo que aconteceu foi... demasiado grande. Não sabíamos o que *fazer* com isso...

– *Tu* eras apenas uma criança, Erica. A Beth e eu tínhamos doze anos. Já éramos bastante crescidos. Suficientemente crescidos para sabermos onde se encontrava a nossa lealdade. Ter-vos-ia custado assim tanto terem vindo?

Apenas uma vez? Para me darem a vossa morada, para que eu vos pudesse escrever?

– Não sei – digo. – Não sei o que aconteceu. Eu... olhava para a Beth para saber o que devia fazer. Mesmo agora não sei dizer se sabia aquilo que tínhamos feito, aquilo que tinha acontecido. Não sei quando me saiu da cabeça. Mal me consigo lembrar do que quer que fosse que tenha pensado ou feito nos verões que se seguiram a esse. E depois deixámos de vir para aqui.

– Bem, não é de admirar. Se estavam ambas a agir de um modo tão vago, a vossa mãe deve ter pensado que vos estava a fazer mal.

– *Estava* a fazer-nos mal, Dinny.

– Bem, então aí tens. O que aconteceu aconteceu. Agora já não se pode alterar, mesmo que o queiras.

– Eu *quero* – murmuro. – Quero que a Beth volte. Quero que *tu* voltes.

– Sentes-te sozinha, Erica. Eu também me senti assim durante muito tempo. Sem ninguém com quem falar. Acho que temos de aceitar aquilo que nos é dado.

– De quem são esses segredos, Dinny, se não são teus nem meus?

– Nunca disse que não eram teus.

– Meus e da Beth? – Ele olha para mim, não diz nada. Sinto os olhos a encherem-se de lágrimas, sinto-as a correr, impossivelmente quentes. – Mas eu não *sei!* – digo, em voz baixa.

– Sabes, sim. – Dinny inclina-se na minha direcção. Sob a luz fraca, consigo ver todas as pestanas escuras, delineadas pelo brilho laranja do fogão. – Acho que chegou a altura de ires para casa deitar-te – diz ele.

– Não quero ir. – Mas ele já se levantou. Limpo o rosto, reparo que as minhas mãos estão vermelhas e inflamadas, com lama debaixo das unhas.

– Por agora, podes ficar com o cobertor. Devolve-mo quando quiseres. – Ele enrola a minha roupa molhada num monte e entrega-ma. – Eu acompanho-te.

– Dinny! – Levanto-me, cambaleio um pouco. No pequeno espaço, estamos a centímetros de distância um do outro, mas isso é demasiado

longe. Ele pára, vira-se para olhar para mim. Não me consigo lembrar de nada para dizer. Aperto bem o cobertor contra o peito e debruço-me na sua direcção, inclino a cabeça de modo que a minha testa lhe consiga tocar a face. Aproximo-me um passo, fecho os olhos, coloco uma mão no seu ombro, enterrando o meu polegar na protuberância dura da sua clavícula. Permaneço assim durante um instante apenas, até sentir os seus braços a rodearem-me. Levanto o queixo, sinto os seus lábios a roçarem os meus, e inclino-me para o seu beijo, desajeitada pelo desejo. Os seus braços apertam-se à minha volta, roubam-me a respiração. Eu teria parado o mundo, se pudesse; evitaria que ele girasse, de modo a poder ficar aqui para sempre, neste espaço escuro com a boca de Dinny sobre a minha.

Ele acompanha-me até à majestosa porta de entrada da mansão e, ao fechá-la atrás de mim, oiço um som que me faz parar. Água a correr. Aquele som ecoa, débil, pelas escadas abaixo; e nas paredes, o bater correspondente nos canos.

– Beth? – chamo, os meus dentes a tremer. Esforço-me por tirar as minhas botas ensopadas, dirijo-me à cozinha onde a luz está acesa. Beth não está ali. – Beth! Ainda estás acordada? – grito, a semicerrar os olhos devido ao brilho das luzes, a minha cabeça a latejar. A água ainda está a correr, infiltrando nos meus pensamentos uma inquietação doentia. Debato-me por focar os olhos, porque há qualquer coisa que não está bem, ali na cozinha. Qualquer coisa que faz o sangue bater-me nas têmporas, que me seca a garganta. O bloco das facas, grosseiramente atirado para o lado e deitado em cima do balcão, várias das facas retiradas, caídas ao seu lado. Pela segunda vez nesta noite escura, não consigo respirar. Viro-me, e corro para as escadas sobre pernas que não se movem suficientemente depressa.

⁵ Documento real, que concede título nobiliárquico. (*N. da T.*)

PERSISTENTE

1904-1905

O chefe da estação de Dodge City mostrou-se muito compreensivo. Ouviu pacientemente a história de Caroline quanto ao seu bilhete perdido, e deixou que ela o pagasse ali para toda a viagem, de Woodward a Nova Iorque. Caroline passou os longos dias da viagem de comboio a olhar pela janela, a contemplar os céus cinzentos e tempestuosos, os céus brancos ofuscantes e os céus de um azul porcelana, tão bonitos que lhe faziam doer a cabeça. Não pensava em nada, mas de tempos a tempos testava a enorme dor no seu interior, para perceber se esta iria diminuir com a distância, uma vez que não o fizera com o tempo. William, ainda a recuperar da febre, dormiu muito, e gemia, rabugento, quando acordava. Mas ele conhecia Caroline e deixava que ela o acalmasse. Ela sacrificou o seu almoço no hotel Harvey em Kansas City para em vez disso comprar fraldas novas, cobertores e um biberão para o bebé, apressando-se a regressar ao comboio com o coração agitado, não se fosse dar-se o caso de este partir sem ela. Naquele momento, o comboio era a única casa que tinha. Era o seu único plano, a única coisa que conhecia.

– Oh, mas ele é tão *lindo*! Como é que se chama? – exclamou uma noite uma mulher, parando ao atravessar a carruagem para se debruçar sobre a alcofa, apertando as mãos junto ao coração.

– William – disse-lhe Caroline, engolindo em seco; a sua garganta repentina e dolorosamente seca.

– E também tem um belo nome. Que cabelo tão escuro!

– Oh, sim, quanto a isso sai ao pai. – Caroline sorriu. No entanto, não conseguiu evitar que a dor se lhe ouvisse na voz, e a mulher lançou-lhe um

olhar rápido, viu os seus olhos vermelhos e a palidez do seu rosto.

– Agora é apenas a senhora e o William, é isso? – perguntou amavelmente a mulher. Caroline assentiu, espantada pela facilidade com que a mentira lhe surgiu.

– Vou levá-lo para viver com a minha família – disse ela, esboçando um ténue sorriso. A mulher assentiu, compreensiva.

– Chamo-me Mary Russell. Estou sentada na terceira carruagem e se precisar de alguma coisa, mesmo que seja só companhia, vá ter comigo e com o meu marido Leslie. Combinado?

– Combinado. Obrigada. – Caroline voltou a sorrir enquanto Mary se afastava, desejando poder aceitar a oferta, desejando poder procurar alguma outra companhia. Mas isso só poderia acontecer num outro mundo, onde Corin não tivesse morrido e onde talvez eles estivessem apenas de visita à família dele em Nova Iorque, com o bebé que Caroline tivesse carregado no ventre, não apenas nos braços. Regressou à sua observação silenciosa da paisagem, e William voltou a adormecer.

Nova Iorque era impossivelmente ruidosa e grande. Os edifícios pareciam inclinar-se sobre o seu enorme peso, lançando sombras profundas, sombrias, e o ruído era como uma onda gigante a esmagar-se e a espumar em todos os cantos de todas as ruas. Sentindo-se pesada pela fadiga, e com a mente tensa devido aos nervos, Caroline mandou parar um cabriolé e subiu para o seu interior. Tinha a roupa manchada pela viagem e um cheiro rançoso.

– Para onde, madame? – perguntou o homem. Caroline pestanejou, e o seu rosto ficou quente. Não tinha nenhuma ideia para onde ir. Havia raparigas cujas moradas ela conhecia, a quem outrora teria chamado amigas, mas nem conseguia pensar em visitá-las passados mais de dois anos sem uma palavra, com um bebé de olhos escuros e o rosto sujo da fuligem do comboio. Pensou por instantes na família de Corin, mas William remexeu-se nos seus braços e ela conteve as lágrimas. Era impossível ela ter engravidado e tido um neto sem que Corin lhes tivesse escrito a esse respeito. E ela não queria estar em lugar nenhum onde pusesse ser

encontrada. Esse pensamento atingiu-a como um balde de água fria. Ela não *podia* ir para lugar nenhum onde alguém a pudesse procurar.

– Para um... ah, hotel. O Westchester, obrigada – acabou por responder, dando um nome de um sítio onde almoçara uma vez com Bathilda. O condutor sacudiu as rédeas e o cavalo começou a avançar, quase chocando contra um carro a motor que travou para os deixar passar, a buzinar impacientemente.

Bathilda. Caroline não pensava nela, não pensava deliberadamente nela há meses. Ela sabia o que a tia teria dito dos seus medos, e o que diria da ruína em que a sua vida se transformara no condado de Woodward. Nesse momento, Caroline fechou os olhos e viu de imediato o olhar conhecedor de Bathilda, a sua expressão corrosiva. Conseguia imaginar Bathilda a ouvir os problemas de Caroline, e a responder com um «*Bem*» pesado, hipócrita... Não teria ido ter com ela mesmo que a mulher tivesse ficado em Nova Iorque, pensou Caroline, desafiadora. Nem agora iria ter com Bathilda, agora que não conhecia ninguém e não tinha nenhuma ideia para onde ir, ou o que devia fazer. Reprimiu o anseio traiçoeiro que sentia por ver um rosto familiar, mesmo que ele não fosse amistoso. Pois quais seriam os rostos que agora ainda se mostrariam amistosos para ela? Pensou em Melro, à espera na cabana – mas apenas por um segundo. O pensamento era demasiado terrível. Pensou em Hutch, nas emoções que o seu rosto iria registar quando voltasse das pastagens, encontrasse Nuvem Branca morta, talvez também os outros, e ela e William desaparecidos sem uma palavra. As suas entranhas pareceram queimá-la, pareceram revolver-se à volta de si mesmas, e uma dor disparou atrás dos seus olhos. Com um pequeno grito, enterrou a face nas mãos e concentrou-se arduamente em manter-se direita no banco almofadado do cabriolé.

No Westchester pagou um quarto respeitável, e perguntou se lhe podiam arranjar uma ama para William, explicando que a sua criada ficara gravemente doente e se vira forçada a regressar aos cuidados da sua família. Encontraram-lhe uma sem demora, uma rapariga de rosto achatado com cabelo ruivo vivo chamada Luella, que parecia quase aterrorizada quando

Caroline lhe estendeu William. Ao ver os olhos assustados e cabelo berrante da rapariga desconhecida, o bebé começou a chorar. Segurando desajeitadamente a criança, Luella saiu do quarto a recuar. Caroline dirigiu-se à casa de banho e, percebendo de uma maneira que nunca percebera anteriormente como era miraculosa a canalização interior, encheu a banheira de água quente, enfiou-se dentro dela e tentou acalmar a mente, que ressoava de perguntas não respondidas, pensamentos e medos, e ameaçava a qualquer momento lançá-la na pânico.

Acabou por não ficar mais de uma semana na cidade onde nascera e fora criada. Parecia-lhe tanto o seu lar quanto a casa do rancho, ou Woodward, ou a carruagem do comboio que a levava até ali. Os fumos gordurosos dos carros a motor que tinham proliferado na sua ausência colavam-se ao interior da sua garganta, e o amontoado de pessoas fazia-a sentir-se tão invisível como se sentira na pradaria. Os edifícios eram demasiado próximos, demasiado sólidos, como as paredes a pique de algum labirinto do qual fosse impossível fugir. *Não pertença a lugar nenhum*, pensou Caroline ao passear William no seu carrinho de bebé novo por ruas que nunca vira antes, de que nunca ouvira falar, esperando desse modo reduzir o risco de que alguém a reconhecesse. Deteve-se numa esquina e olhou para cima, muito para cima, para um local onde um guindaste fazia oscilar uma viga de aço que se parecia com um palito nos braços expectantes de um grupo de trabalhadores. Os homens mantinham-se à beira daquela torre inacabada, sem nada que os protegesse além do seu próprio equilíbrio. Caroline sentiu um aperto de compaixão no estômago pelo perigo em que eles se encontravam, pela proximidade da queda. Mas passados instantes recomeçou a andar, reconhecendo a sensação como uma que já tivera durante muito tempo. O conhecimento insidioso da precariedade da vida, de como ela era transitória.

Ao passar por um estúdio de fotografia com um sedutor letreiro dourado que dizia *Gilbert Beaufort & Son*, Caroline parou. No interior da loja apinhada e abafada, encolheu-se devido ao fedor avinagrado dos químicos de revelação. Sem encontrar um sorriso para mostrar à maquina,

encomendou vários retratos dela e de William, pedindo que fossem entregues no Westchester quando estivessem prontos.

Os seus dedos tremiam quando abriu a encomenda. Esperara criar algo de permanente, para de certo modo provar a si mesma que existia; e que apesar de ter enviuvado, tinha o filho de Corin, uma criança que era sua por direito, para provar o seu casamento. Ela fazia parte de uma família. Ela iria ter algum registo de si e da sua vida, da qual por vezes se sentia tão incerta que se perguntava se ainda poderia estar deitada algures na pradaria, a sonhar com tudo o que acontecera desde essa altura. Mas William mexera-se em quase todas as fotografias, desfocando a imagem de si mesmo, de modo que o seu rosto estava torturantemente obscurecido; e em quase todas as fotografias, e aos seus próprios olhos, Caroline olhava a partir do papel com uma expressão tão fantasmagórica e insubstancial como se sentia. Apenas uma fotografia captara um vestígio intangível daquilo que esperara ver – numa das fotografias parecia ser uma mãe, orgulhosa, calma e possessiva. Enfiou a fotografia dentro da mala e deitou as restantes para a lareira.

No quarto dia, viu Joe. Estava a passear com William à procura de um parque ou jardim, alguma espécie de espaço verde onde pudesse sentir uma brisa, e esperava com isso acalmar a criança. Totalmente recuperado da sua doença e na posse das suas forças, William mostrava-se ruidoso e inquieto. Chorara durante a noite e afastara os braços quando Caroline o tentara reconfortar, contorcendo-se no seu abraço enquanto ela o embalava e tentava cantar-lhe como Melro fazia. Mas ela era tão capaz de entoar as estranhas melodias da jovem ponca como era de uivar como um coiote, e os seus esforços afogavam-se sob os gritos de William. Pensando que ele sentia falta dos espaços abertos da pradaria, Caroline passeava-o quase todos os dias, tornando-se cada vez mais consciente do quão diferentes deveriam parecer os sons, cheiros e vistas para a criança, e como deveria ser pesado o ar sujo para os seus minúsculos pulmões. Aquele não era o seu lar, tal como não era o dela, percebeu Caroline; mas ao contrário dela, William tinha uma casa. Ela devia devolvê-lo. Esse pensamento atingiu-a como uma

bofetada. Mesmo que ele fosse de Corin, mesmo que devesse ter sido seu, ele pertencia ao condado de Woodward. Parou, petrificada, no lugar onde se encontrava, como que desmaiada por aquela tomada de consciência, enquanto as pessoas fluíam à sua volta como um rio. Mas como é que ela o poderia fazer? Como é que poderia explicar – como poderia ser perdoada? Podia ver a dor, a acusação nos olhos de Hutch, a fúria e medo nos de Melro. Todas as vezes que eles a tinham ajudado, todas as vezes que a tinham encorajado. E fora assim que lhes pagara a confiança que tinham nela – ela era um ultraje, uma fracassada desprezível. Não era possível. Ela não os podia encarar. Não *podia* regressar.

E depois viu Joe a contornar a esquina, a avançar na sua direcção, o seu rosto fixo num esgar de uma fúria assassina, o cabelo negro a agitar-se atrás dele ao mover-se, a faca pronta na mão para a matar. Caroline ficou gelada da cabeça aos pés, e manteve-se petrificada enquanto o homem passava por ela, o cabelo negro na realidade um lenço, a faca um papel enrolado, o rosto em nada semelhante ao de Joe, mas o de um homem moreno, de aparência mexicana, que se apressava, possivelmente atrasado para alguma coisa. A tremer incontrolavelmente, Caroline deixou-se cair num banco próximo, o ruído da cidade a retroceder enquanto um latejar estranho e abafado lhe invadia a cabeça. Manchas negras giravam como moscas nos limites da sua visão, e quando fechava os olhos para se livrar delas, transformavam-se num branco brilhante e dançavam, imperturbáveis. À distância, um navio de passageiros fez soar o seu apito ao entrar graciosamente no porto. O sopro profundo ecoou à sua volta e fez com que Caroline recuperasse os sentidos e ouvisse os gritos de William. A engolir em seco, acariciou-lhe a face, emitiu alguns sons tranquilizadores e entrecortados, e depois levantou-se, virando-se para olhar para sul na direcção do porto, do navio e do mar. Cinco horas depois estava a bordo de um navio com destino a Southampton.

Na verdade, Joe esteve em Nova Iorque, mas não naquele dia. Ele e Hutch chegaram dois dias depois da partida do navio de Caroline. Dirigiram-se directamente a casa de Mrs. Massey, a duplamente enlutada mãe de Corin,

ignorando os olhares que as suas roupas de vaqueiro e o sangue índio de Joe provocavam. Não haviam encontrado rastros de Caroline ou de William desde que tinham sido vistos a tomar o pequeno-almoço no hotel na manhã em que ela partira de Woodward. O gerente do banco Gerlach confirmou que não houvera qualquer transacção na conta dos Massey desde o recente levantamento de salários. Foram enviadas mensagens a todos os viajantes de passagem e a todos os rancheiros dos arredores, para comunicarem qualquer avistamento ou sinal dela; e apesar do funcionário da bilheteira da estação ter jurado que, naquele dia (ou até naquela semana), nenhuma mulher de cabelo loiro com um bebé comprara um bilhete para o comboio, Hutch seguiu um instinto e, levando Joe consigo, dirigiu-se a Nova Iorque, fazendo indagações infrutíferas em cada estação à procura de uma Mrs. Massey.

Claro que Mrs. Massey, mãe de Corin, não vira nem ouvira nada a respeito da sua nora, e ficou muito perturbada ao saber que ela e uma criança pequena tinham desaparecido. Pôde fornecer aos homens o nome de solteira e a antiga morada de Caroline, mas as investigações deles na cidade por uma Miss Fitzpatrick também foram inúteis. Regressaram a todos os locais anteriores, tentando o nome Fitzpatrick em vez de Massey, e depois tiveram pouca escolha senão regressarem ao rancho, onde Melro caíra num transe, por vezes arrancando o cabelo e fazendo cortes longos nos braços com uma navalha, dos quais saíam fios de sangue vivo que lhe pingavam pelas pontas dos dedos. Joe deixou a mulher fazer o seu luto dessa maneira; ele mostrava-se impassível, a sua fúria fora queimada e arrancada, e o seu coração estava vazio sem o seu filho. Entre eles, os homens conseguiram juntar dinheiro para pagar a um homem da agência Pinkerton durante um mês, mas isso apenas deu tempo suficiente ao detective para seguir o mesmo rasto que Joe e Hutch haviam seguido; e no final desse período de tempo, ele mostrou-se incapaz até de dizer se Caroline e William tinham fugido ou se tinham sido raptados. Hutch mantinha-se acordado, noite após noite, simultaneamente intrigado e desconfiado; com medo por Caroline e

pelo rancho que, tendo ficado sem proprietário, também já não tinha qualquer futuro.

Temendo a sua chegada a cada quilómetro que passava, Caroline apanhou o comboio de Southampton para Londres, e ao chegar encontrou um hotel que podia pagar, assim que o reduzido maço de notas do banco Gerlach foi convertido em libras esterlinas. William pesava-lhe nos braços e o seu choro fazia com que os seus ouvidos se retraíssem, como se se estivessem a retirar para dentro do seu crânio para se protegerem. Durante os longos dias da travessia marítima, ela sentira-se doente, distraída por um latejar nas têmporas que fazia com que lhe fosse difícil pensar. William chorava durante horas seguidas, aparentemente sem interrupções, e embora Caroline dissesse a si mesma que ele devia estar a sentir o mesmo enjoo que ela, a mesma dor de cabeça, não conseguia deixar de acreditar que de algum modo sabia que estava a ser levado constantemente para mais longe de casa, e que os seus gritos eram de fúria contra ela por o estar a fazer. Não via qualquer acusação no seu rosto de cada vez que olhava para ele. Desistiu de o tentar acalmar, de lhe cantar ou de o embalar, deixando em vez disso que chorasse dentro da alcofa que estava a tornar-se cada vez mais pequena, e permaneceu deitada, enroscada contra a parede do camarote e a sentir-se infeliz.

Agora, numa cidade desconhecida, tão cansada que mal conseguia pensar e com o chão ainda a ondular-lhe debaixo dos pés, Caroline ergueu mais a criança nos braços e encostou-a ao balcão de mármore macio do átrio do hotel.

– Preciso de uma ama – anunciou, com uma nota de pânico na voz. – A minha tem estado doente com febre. – O homem atrás do balcão, alto e magro com cabelo e roupa imaculados, inclinou, condescendente, a cabeça na sua direcção, franzindo uma sobrancelha ao ouvir o seu sotaque. Ela sabia o quanto estava amarrotada e cansada, e que William cheirava mal, mas isso apenas serviu para que se sentisse mais irritada com o recepcionista.

– Muito bem, madame. Vou ver o que posso arranjar – disse-lhe ele, num tom amável. Caroline assentiu, e subiu a custo as escadas para o seu quarto. Deu banho a William na bacia de porcelana do quarto, tentando não arruinar as toalhas com a sujidade que lhe manchava as pernas e rabo. Ele parou de chorar enquanto ela o lavava, e emitiu ruídos baixos e felizes, batendo com os pés na água. Pigarreando para aclarar a sua garganta inflamada, Caroline trauteou uma canção de embalar até William começar a dormir. Os ouvidos de Caroline retiniam com o silêncio deixado pelo choro ausente do bebé, e ela apertou-o com força contra o peito, ainda a trautear, esquecendo tudo o resto além do seu calor, do seu peso fiável, enquanto William dormia. Já não havia mais água com a qual se lavar, e Caroline deitou William na cama enquanto calcorreava em vão os corredores do hotel à procura de uma criada para levar a água suja, e para lhe perguntar se havia possibilidade de tomar um banho quente.

Mais tarde uma mulher entrou no quarto, fazendo-se anunciar com uma batida débil na porta. Era gorducha e corada com cabelo claro e frisado, e manchas de sujidade no vestido, mas os seus olhos eram afectuosos e inteligentes ao apresentar-se como Mrs. Cox, e iluminaram-se ao pousarem em William.

– É este o pequenito que precisa de uma ama? – perguntou ela. Caroline assentiu e fez-lhe sinal para avançar, e para o levantar da cama.

– Em que local do hotel é que a senhora fica? Para o caso de precisar de si, ou da criança? – perguntou Caroline.

– Oh, eu não trabalho para o hotel, minha senhora, embora seja chamada com frequência para tomar conta dos filhos pequenos dos hóspedes quando eles se encontram em situações invulgares, como a senhora... Vivo com os meus filhos e marido não muito longe daqui, na Roe Street. O Mr. Strachen lá em baixo sabe sempre onde me encontrar, se a senhora precisar que ele o faça. Vai precisar que eu tome conta dele durante quanto tempo, minha senhora?

– Eu... eu não sei. Ainda não tenho bem a certeza. Talvez uns dois dias? Um pouco mais... não tenho a certeza. – Caroline hesitou. O rosto de Mrs.

Cox mostrou-se desanimado, mas quando Caroline lhe pagou em adiantado ela voltou a sorrir, e pouco depois, ao sair, baloiçava alegremente na anca um William com ar espantado. O coração de Caroline sobressaltou-se um pouco quando William desapareceu de vista, mas depois sentiu-se avassalada por um cansaço imenso e paralisante. Deitou-se na cama com a roupa suja e, com o estômago a resmungar, adormeceu imediatamente.

No dia seguinte, usando a roupa mais limpa e menos amarrotada que conseguiu encontrar na mala, Caroline entregou o pedaço de papel no qual Bathilda escrevera uma morada de Knightsbridge ao condutor de um cabriolé, e deixou que ele a conduzisse, com a determinação silenciosa de alguém que parte para a forca, com toda a sua dignidade. A casa à qual chegou tinha quatro pisos e era de pedra clara, cinzenta, enfiada entre uma fila estreita de casas idênticas com portas da frente bonitas e encarnadas. Caroline estendeu a mão para a campainha. Sentia o braço tão pesado e rígido como o gradeamento de ferro, e no momento em que o seu dedo estava próximo do alvo tremeu com o esforço. Mas tocou e deu o seu nome à governanta idosa, que a mandou entrar para um vestíbulo sombrio.

– Por favor, espere aqui – entoou a governanta, e afastou-se ao longo do corredor num passo vagaroso. Caroline manteve-se imóvel como uma estátua. Vasculhou o interior da sua cabeça e não encontrou ali nenhum pensamento. Nada além de um espaço ressoante, escavado, como o de uma casca de noz esvaziada e deitada fora. *Oh, Corin!* O nome dele invadiu aquele espaço como uma tempestade. Cambaleando ligeiramente, Caroline abanou a cabeça, e o vazio regressou.

Bathilda estava mais gorda, e o cabelo nas suas têmporas de um branco mais brilhante, mas, além disso, os dois anos que se tinham passado desde que se haviam visto pela última vez pouco alteraram. Estava sentada num sofá de brocado com uma chávena de chá nas mãos, e olhou para a sobrinha com uma expressão de espanto durante vários segundos.

– Santo Deus, Caroline! Nunca te teria conhecido se não te tivessem anunciado! – exclamou ela por fim, erguendo as sobrancelhas e adoptando a sua antiga e familiar indiferença.

– Tia Bathilda – disse Caroline numa voz baixa, sem qualquer tonalidade.

– O teu cabelo está bastante desgrenhado. E estás tão bronzeada! É desastroso. Não te fica nada bem.

Caroline aceitou aquela crítica sem pestanejar, e não disse nada enquanto Bathilda bebericava o seu chá. Estava consciente do seu coração a bater, devagar e com força, tal como quando tinham trazido Corin para casa depois da caça aos coiotes. Aquele era outro tipo de morte, mas não deixava de ser uma morte.

– Bem, a que devo esta honra? Onde é que está aquele teu marido vaqueiro? Não se juntou a ti nesta expedição ao estrangeiro?

– O Corin morreu. – Era a primeira vez que dizia aquelas palavras. A primeira vez que tivera de o fazer. As lágrimas ardiam-lhe nos olhos. Bathilda absorveu aquela notícias por um momento, e depois compadeceu-se.

– Vem e senta-te, criança. Vou mandar trazerem chá – ordenou, num tom de voz mais suave.

Pouco depois, Bathilda já se havia apoderado de Caroline, e parecia bastante satisfeita por o fazer agora que a mulher mais jovem estava fraca e quebrada, e já não se mostrava desafiadora. Naquela tarde, Caroline regressou ao hotel para ir buscar as suas coisas e mudou-se para um quarto de hóspedes na casa cinzento-clara com a elegante porta vermelha. Foi apresentada à dona da casa, Mrs. Dalglish, prima de Bathilda por casamento, uma mulher magra e seca que exibia uma expressão severa por cima de uma boca de lábios muito finos.

– Onde está a Sara? – perguntou Caroline, esperançosa.

Bathilda limitou-se a resmungar.

– Essa rapariga tola casou-se com um merceeiro. Partiu no ano passado – disse a tia.

O coração de Caroline afundou-se mais um pouco.

– Ela amava-o? – perguntou, melancólica. – Era feliz?

– Na verdade, não sei. Agora, o assunto que nos interessa – continuou a tia.

Bathilda levou Caroline ao banco e tomou as providências necessárias para que o seu dinheiro fosse transferido do banco dos seus pais em Nova Iorque para uma conta em Inglaterra. Levou Caroline às compras, aceitando a história que todas as suas antigas roupas tinham ficado arruinadas no rancho. Visitaram um cabeleireiro, onde as pontas ásperas e madeixas transviadas do cabelo de Caroline foram aparadas, domadas e impecavelmente enroladas contra a sua cabeça. Numa droguaria, comprou uma loção que espalhou sobre a pele e mãos de Caroline, provocando ardência, para esbranquiçar o seu bronzeado. As unhas foram moldadas e aparadas, os calos arrancados com uma pedra-pomes. E, pela primeira vez em mais de um ano, a minúscula forma de Caroline voltou a ser apertada num espartilho.

– Estás demasiado magra – disse Bathilda, perscrutando o produto final dos seus esforços de embelezamento. – Não havia comida lá naqueles terras selvagens? – Caroline estava a pensar numa resposta, quando Bathilda continuou. – Bem, estás quase pronta para a sociedade. Claro que vais ter de voltar a casar. Duas viúvas na mesma casa são mais do que suficientes. Conheço o cavalheiro certo, e ele está agora na cidade, para conhecer raparigas novas. E ainda por cima, um barão... rico em terras, mas pobre de dinheiro, e a precisar de um herdeiro. Ele faria de ti uma *lady*... de mulher de um agricultor à aristocracia num espaço de dois meses! Que reviravolta que seria! – exclamou Bathilda, estendendo as mãos para os ombros de Caroline e empurrando-os para trás para que ela ficasse um pouco mais direita. – Mas, embora ele já não seja tão jovem como foi, é conhecido como alguém que gosta de coisinhas mais jovens... Não das viúvas experientes de criadores de gado do fim do mundo. Será melhor que não refiras a ninguém o teu desafortunado primeiro casamento. Consegues fazer isso? Não há qualquer prova do contrário? Nada que não me tenhas contado? – perguntou ela, fixando Caroline com olhos azuis e sérios.

Caroline respirou fundo. As palavras gritavam para serem proferidas, e a sua pulsação estava acelerada. Mas sabia que se confessasse que trouxera uma criança com ela, aquela nova vida que Bathilda lhe estava a construir

iria desfazer-se como uma miragem, e em vez disso iria permanecer naquele presente agonizante, sem qualquer hipótese de um futuro suportável. Teria de ficar com Bathilda, ou sozinha para sempre. E não o conseguiria aguentar. Caroline sabia qual a resposta que era suposto dar e deu-a. Mordendo a língua para se silenciar, abanou a cabeça. Mas quando levantou a mão esquerda e tirou a aliança de casamento, esta deixou uma marca perfeita e branca na sua pele. Manteve a aliança num punho fechado e mais tarde escondeu-a no forro de cetim do seu *nécessaire*, junto à fotografia dela e de William.

A marca branca acabou por desaparecer passado pouco tempo, mantida escondida sob luvas de cetim até ficar completamente invisível. Caroline conheceu Lord Calcott numa recepção a que Bathilda a levou na semana seguinte, e manteve-se obediente, recatada e quase silenciosa enquanto ele falava e dançavam, e ele olhava-a com um calor nos olhos que a deixou fria por dentro. Lord Calcott era de constituição leve, não muito alto, talvez com uns quarenta e cinco anos, e coxeava um pouco ao caminhar. O seu cabelo e bigode estavam salpicados de cinzento, e as suas unhas impecavelmente arranjadas. As suas mãos deixavam manchas húmidas nos vestidos de seda de Caroline quando lhe segurava a cintura ao dançarem a valsa. Encontraram-se mais duas vezes, num baile e num jantar, em salas sufocantemente aquecidas devido ao frio de finais de Outono. Enquanto dançavam, ele perguntou-lhe coisas acerca da sua família, os seus passatempos favoritos, e se estava a gostar de Londres e da cozinha inglesa. Mais tarde, falou a Bathilda e fez-lhe perguntas sobre o temperamento de Caroline, o facto de não conversar e os seus rendimentos. Depois de uma dessas noites, ela aceitou a sua proposta de casamento com um aceno de cabeça e um sorriso, tão fugaz como o sol de Inverno. Ele levou-a de regresso a Knightsbridge numa elegante carruagem preta puxada por quatro cavalos, e o seu beijo de despedida deslizou da sua face até à sua boca, as mãos a tremerem-lhe com uma luxúria crescente.

– Querida rapariga – sussurrou roucamente, puxando-lhe as saias para cima e ajoelhando-se entre as suas pernas para a penetrar, tão abruptamente

que ela arquejou em choque. *Estás a ver?* Caroline lançou o pensamento angustiado, em silêncio, para onde quer que Corin tivesse partido. *Estás a ver o que aconteceu por me teres deixado?*

Caroline passou o Natal de 1904 com Bathilda e Mrs. Dalgleish, e foram feitos preparativos para o seu casamento com Henry Calcott em Fevereiro do ano seguinte. Dessa vez, o seu noivado foi devidamente anunciado, e a fotografia do feliz casal tirada no baile de celebração publicada no *The Tatler*. À medida que o casamento se aproximava, Caroline começou a sofrer de uma lassidão consumidora, a sentir um sabor de cobre na garganta, e um enjoo matinal que a fazia ansiar pelo café forte dos vaqueiros, que Bathilda e a sua prima achavam demasiado vulgar para ter em casa. Bathilda manteve um olhar atento àqueles desenvolvimentos.

– Parece que o casamento não será cedo de mais – comentou uma manhã, enquanto Caroline estava deitada na cama, demasiado tonta e fraca para se levantar. Quando a natureza da sua condição se abateu sobre ela, Caroline ficou surpreendida.

– Mas... mas eu... – foi tudo o que conseguiu responder à tia, que ergueu uma sobrancelha e mandou servir-lhe um caldo de carne para o qual ela não conseguiu olhar sem sentir vontade de vomitar. Caroline permaneceu imóvel durante várias horas, e pensou e pensou, e tentou não ver as implicações óbvias da sua gravidez. Estava tão magra como estivera no território do Oklahoma, talvez até mais magra; e tão infeliz, talvez até mais infeliz. A única coisa que se alterara era o homem com quem se deitara.

Aos olhos de Caroline, Storton Manor era uma casa feia. Era grandiosa, mas sem graciosidade; as janelas demasiado severas para serem belas, a pedra demasiado cinzenta para ser acolhedora. O caminho de acesso à casa fora colonizado por dentes-de-leão altos e relva áspera, a tinta estava a pelar na porta de entrada e faltavam alguns tijolos numa das chaminés. Caroline percebeu que o seu dinheiro era muito necessário. O pessoal da casa formou uma linha rígida para a conhecer, como que determinados em fazer

esquecer a ruína da casa. Governanta, mordomo, cozinheira, criada de sala, criada de quarto, ajudante de cozinha, moço de estrebaria. Caroline desceu os degraus da carruagem e reprimiu uma ameaçadora tempestade de lágrimas ao recordar-se dos trabalhadores sujos do rancho que se tinham alinhado para se apresentar, na sua primeira casa. *E tu abandonaste-os, acusou-se. Tu limitaste-te a deixá-los sem uma palavra.* Sorriu e assentiu a cada um enquanto Henry os apresentava, e eles pela sua vez faziam-lhe uma vénia, ou inclinavam-se um pouco, e murmuravam *Lady Calcott* em vozes baixas. Ela agarrou-se ao seu verdadeiro nome, *Caroline Massey*, e apertou-o fortemente contra o coração.

Mais tarde, passeando pela vasta extensão dos terrenos, Caroline começou a sentir-se um pouco melhor; os pedaços da tempestade no seu interior começaram a assentar, muito suavemente, numa espécie de ordem. O ar do campo inglês tinha uma doçura, uma espécie de verde suave nele, mesmo no final do Inverno. Não havia o alarido das ruas da cidade, cavalos, carruagens ou pessoas; nem o vento vazio da pradaria, ou o lamento dos coiotes, nem quilómetro atrás de quilómetro de um horizonte interminável. Já não se sentia demasiado fria, nem demasiado quente. Conseguia ver os telhados e colunas de fumo da vila por entre as árvores nuas que cercavam a casa, e sentia-se tranquilizada por saber que a uma curta distância havia vidas a serem vividas. Uma faixa de narcisos brilhantes iluminava a extremidade mais afastada do relvado, e Caroline dirigiu-se lentamente a eles, a bainha das suas saias a roçarem nas ervas e a achatarem-nas, e depois a libertarem-nas de novo. Reflectiu no vazio da sua mente, na sensação oca que não conseguia afastar, mas permitiu-se pensar, apenas por um momento, que estava em segurança e conseguia aguentar tudo.

Henry Calcott era um homem lascivo, por isso Caroline foi alvo das suas atenções conjugais todas as noites das primeiras semanas da sua vida de casados. Mostrava-se passiva e afastava o rosto do dele, espantada pelo facto de o acto de fazer amor lhe parecer diferente quando era feito com uma pessoa pela qual não sentia nada. Com a mente e sentidos

completamente alheios à paixão, Caroline reparou nos sons molhados emitidos pelo encontro dos seus corpos; no cheiro forte, ligeiramente fétido; no modo como o marido tentava recuperar o fôlego, e a maneira como trocava os olhos quando estava prestes a atingir o clímax. Ela tentava manter o rosto impassível, e não exibir a sua repugnância.

Apareceram trabalhadores em Storton Manor, e começaram a arranjar os terrenos e a fazer reparações na casa, tanto interna como externamente.

– Ficas bem se eu for à cidade? Os homens não te incomodam? – perguntou Henry a Caroline ao pequeno-almoço, três semanas depois da sua chegada à casa senhorial.

– Claro que não me incomodam – respondeu ela calmamente.

– És mais do que bem-vinda se quiseres vir comigo à cidade...

– Não, não, vai tu. Prefiro ficar aqui e começar a conhecer melhor... a casa, e...

– Muito bem, muito bem. Acho que só lá vou ficar uma semana. Só tenho de tratar de alguns negócios. – Henry sorriu, regressando aos jornais matutinos. Caroline virou-se para olhar pela janela para o dia enevoado. *Alguns negócios*, repetiu para si mesma. Num baile de Londres, uma rapariga de rosto magro e cabelo platinado sussurrara-lhe que Henry Calcott adorava jogar póquer, apesar de perder quase sempre. Caroline não se importava desde que o seu hábito o levasse a Londres de longe a longe, e a deixasse completamente sozinha.

O segundo dia depois da sua partida foi um dia de chuva constante que fazia pender uma espécie de cortinado molhado à volta da casa. A vista da janela era formada por tonalidades suaves de cinzento, castanho e verde, uma mancha enlameada de campo a desfocar-se no vidro. Caroline sentou-se junto da lareira da sala de estar a ler um romance pomposo de uma mulher chamada Elinor Glyn. Os seus olhos corriam sobre o texto, e os seus pensamentos concentravam-se na criança dentro de si: o motivo porque não podia dizer como se sentia a esse respeito; quando é que o devia contar a Henry; e porque é que ainda não o fizera. Pelo menos, sabia qual a resposta para a última questão – porque era insuportavelmente amargo ter de dar a

Henry Calcott a notícia que ansiara, infrutiferamente, dar a Corin. A criada de sala, uma rapariga tímida chamada Estelle, interrompeu o seu devaneio com uma pancada baixa na porta.

– Peço-lhe perdão, minha senhora, mas está aqui uma mulher para a ver – anunciou Estelle na sua voz fina.

– Uma mulher? Que mulher?

– Ela não revelou o assunto, minha senhora, mas disse que se chamava Mrs. Cox. Devo mandá-la entrar?

Caroline endireitou-se, atónita e em choque. Seguiu-se uma longa pausa, na qual se podia ouvir o som de passos a aproximarem-se.

– Não! – conseguiu por fim dizer, levantando-se abruptamente mas demasiado tarde, já que Mrs. Cox empurrara Estelle para o lado e encontrava-se à frente de Caroline a pingar água da bainha das saias, sobre o tapete persa. Fixou Caroline com uma expressão feroz e o maxilar num ângulo determinado. – É tudo, obrigada, Estelle – sussurrou Caroline.

Mrs. Cox parecia imensa, mas ao desabotoar a gabardina o motivo para isso acontecer tornou-se claro. William estava a dormir, quente e seco sob o casaco, numa faixa que a mulher tinha feito com um pedaço de lona.

– Não sei o que quer fazer quanto a isto! – exclamou por fim Mrs. Cox, quando se tornou claro que Caroline não sabia o que dizer. – Deixar a criança comigo durante todas estas semanas... Não sei o que pretende fazer em relação a isto!

– Eu... – Mas Caroline não tinha qualquer resposta para dar. A sua neutralidade cuidadosa, a aceitação passiva do seu destino riscara William da história. Ela distanciara-se de todos os pensamentos que pudesse ter a respeito dele, de todas as responsabilidades. Ao voltar a vê-lo, a acordar agora quando o ar fresco e vivo o atingiu, deu-lhe uma sensação semelhante ao de um murro no estômago, um duro agulhão de amor carregado de medo e culpa. – Como é que me encontrou? – foi tudo que se lembrou de perguntar.

– Não foi assim tão difícil, com todas as notícias do seu casamento publicadas nos jornais. Esperei durante mais algum tempo, pensando que

queria a criança em segurança e em segredo enquanto casava, mas depois percebi que não ia voltar para a buscar! Não ia, pois não? E ele um rapazinho tão bom e saudável... Não sei o que pretende fazer! – repetiu Mrs. Cox, a voz a embargar-se. Tirou um lenço do bolso e limpou os olhos. – E agora tive a despesa de o trazer aqui de comboio, e o trabalho de caminhar com ele através da chuva sem que ele apanhasse uma doença mortal...

– Eu posso pagar-lhe. Pelo comboio, e... pelo tempo em que ficou com ele. Até lhe posso pagar mais do que isso... Tome! – Caroline apressou-se para junto de um aparador, tirou do seu interior uma bolsa de moedas e estendeu-a na direcção da mulher. – Fica com ele? – perguntou de repente, o medo a fazer-lhe a voz tremer. Mrs. Cox olhou para ela.

– *Ficar com ele?* O que é que quer dizer com isso? É bom que saiba que não estou a dirigir uma quinta de bebés! A senhora é a mãe dele... uma criança deve estar com a mãe. E veja a vida que ele teria aqui! – Fez um gesto a apontar para a grandiosidade do que a cercava. – Tenho bocas suficientes para alimentar, e corpos suficientes para os quais encontrar uma cama sem ter de ficar com mais um! – A mulher parecia consternada. Caroline apenas conseguiu manter-se imóvel e olhá-la desesperada, enquanto Mrs. Cox começava a desfazer o nó que prendia a faixa à volta dos ombros. – Tome. Agora trouxe-lho de volta. Saudável e em boa forma. Todas as coisas dele estão neste saco, todas menos a alfofa pois ele cresceu e já não cabe nela, e eu não podia trazê-la até aqui. Eu... eu espero que o ame, minha senhora. É um bom rapaz e merece o amor de uma mãe... – Sentou William na almofada de seda vermelha de uma poltrona. Ele levantou os braços para ela e sorriu. – Não, querido, agora vais ficar com a tua verdadeira mamã – disse-lhe Mrs. Cox, os olhos a encherem-se novamente de lágrimas. Agora que estava prestes a deixá-lo, Mrs. Cox hesitava. Olhou de William para Caroline e de novo para ele, e depois o seu rosto enrugou-se numa expressão angustiada e cruzou as mãos entre as pregas das saias. – Tome bem conta do seu rapazinho, Lady Calcott – disse, e apressou-se a sair. William manteve-se em silêncio durante um momento,

os seus olhos a percorrerem a sala, de um objecto desconhecido para outro. Depois começou a chorar.

Ansiosa por o esconder, Caroline pegou nele ao colo e dirigiu-se rapidamente ao seu quarto pelas escadas das traseiras. Deitou-o na sua cama e recuou, levando as mãos aos lados da cabeça, tentando deter os seus pensamentos e o seu coração, que estava a bater demasiado depressa no peito. A respiração saía-lhe em golfadas curtas e aterrorizadas. Encontrou rapidamente uma chupeta no saco de William, e deu-lha para o distrair. Ele deixou de chorar e agarrou o objecto familiar e tilintante emitindo pequenos ruídos para si mesmo. A pouco e pouco, Caroline acalmou. Ele crescera tanto! Mas agora também já tinha um ano e meio. A sua pele era mais morena e o cabelo mais grosso. O rosto começava a mostrar as faces altas e inclinadas, e as sobrancelhas rectas dos ponca. Como é que ela poderia alguma vez ter pensado que era filho de Corin? William era índio, completamente índio; teria sido óbvio mesmo que ela não tivesse percebido que a sua falha em dar um filho a Corin tivera mais a ver com ele do que com ela. O que significava que roubara o bebé de Joe e Melro. A enormidade daquele crime hediondo atingiu Caroline como uma machadada, e ela deixou-se cair no chão, enfiando um punho na boca para abafar os soluços incontroláveis que lhe subiam do estômago e quase a sufocavam. E não podia desfazer aquele acto terrível. Não havia qualquer rectificação que pudesse oferecer a Melro – à amável e gentil Melro, que sempre fora leal e amistosa, e que estava a sentir a falta do filho a milhares de quilómetros do local onde ele agora se encontrava. Milhares de quilómetros que nem ela nem William podiam voltar a atravessar. Era outro mundo, outra vida. Ao levá-lo para ali, ela fizera uma viagem só de ida e transpusera uma fronteira. Nesse momento, Caroline não sabia como é que ia viver com aquilo que tinha feito. Deixou-se ficar sentada na carpete e desejou morrer.

Meia hora depois, as criadas e a governanta, Mrs. Priddy, viram Lady Calcott a atravessar a custo o relvado ensopado em água, transportando algo de pesado naquilo que parecia ser uma saca de pano. Chamaram-na e

perguntaram-se se a deviam acompanhar e certificar-se que ela estava bem, mas se Lady Calcott as ouviu não mostrou qualquer sinal de se deter. Desapareceu com o seu fardo por entre as árvores na extremidade mais afastada dos jardins, e quando voltou a aparecer, pálida e a tremer junto à porta, já não o trazia.

– Que dia para um passeio, sua senhoria! – exclamou Mrs. Priddy ao estenderem-lhe toalhas lavadas e desapertarem-lhe as botas. Na verdade, estava um dia ameno sob aquelas nuvens inglesas húmidas, e decerto que não estava frio suficiente para causar as vagas de arrepios que atravessavam o corpo frágil da sua nova patroa. – Vamos subir até ao seu quarto. A Cass vai levar-lhe um chá quente, não vais, Cass? – Mrs. Priddy dirigiu-se à criada de quarto, uma rapariguinha de quinze anos, que fitava Caroline com olhos muito redondos e verdes. Se algum elemento do pessoal tinha uma opinião a respeito da breve visita de Mrs. Cox, do passeio de Caroline à chuva ou da fronha que desaparecera da cama, sabia que não devia falar disso. Todos eles excepto Cass Evans, que a altas horas da noite sussurrava coisas a Estelle no pequeno quarto que ambas partilhavam no sótão da casa.

Caroline ficou de cama durante vários dias. Jazia num torpor de medo e dor, que se aprofundava quando passava a mão por baixo da almofada e encontrava ali a argola de William. Aquela que ela lhe dera para o acalmar quando ele estava deitado; aquela que ela e Corin lhe tinham oferecido como uma presente de boas-vindas. Passou os dedos ao longo do marfim sedoso, embalou a campainha de prata suavemente na mão. Sabia que se devia livrar dela. Não devia ter nada na sua posse que a pudesse associar à criança, a qualquer criança. Mas não conseguia. Como se alguma essência de William, de Melro, da vida e do amor permanecesse presa naquele único talismã precioso, ela apertava-a fortemente nas mãos e junto ao coração. E quando Lord Calcott regressou de Londres com a carteira vazia, ela deu-lhe finalmente a notícia da sua condição delicada com um rosto inexpressivo e uma atitude calma.

A família de funileiros não partiu, como Caroline presumira que fosse acontecer; como rezara para que o fizessem. Em vez disso, alguns dias depois, levaram William à porta para perguntar delicadamente se alguém da casa saberia a quem pertencia o bebê, já que as suas buscas na vila se haviam revelado infrutíferas. Caroline viu-os da janela da sala de estar a subir o caminho de acesso à casa. O coração apertou-se-lhe no peito, receoso – tal como apertara quando Caroline lhe falara pela primeira vez dos seus vizinhos índios –, e levantou-se de um salto para fugir antes de compreender que não havia nenhum sítio para onde ir. Esperou enquanto o mordomo abria a porta da frente, ouviu palavras abafadas a serem trocadas, depois a aproximação de passos e uma pancada subtil na porta.

– Sim? – disse, a voz trémula.

– Desculpe incomodá-la, sua senhoria, mas Mr. Dinsdale e a sua mulher dizem que encontraram uma criança nos bosques e gostariam de saber se sabemos a quem possa pertencer ou o que devem fazer com ela? – O mordomo, Mr. March, soava intrigado, como se a etiqueta que rodeava os bebês perdidos lhe fosse desconhecida. Sentindo-se prestes a vomitar, Caroline virou-se para o homem.

– E o que é que tal coisa tem a ver comigo? – ripostou, friamente.

– Sim, sua senhoria – disse Mr. March, com uma entoação tão fria como a dela, fazendo a mais ligeira das vénias ao sair.

Assim, os Dinsdale voltaram a partir, levando William e lançando olhares à casa por cima do ombro, como que perplexos pela sua rejeição. Caroline observou-os a afastarem-se com uma inquietação crescente. Um fluxo de sangue subiu-lhe à cabeça e atordoou-a, e ela percebeu que isso se deveria ao modo como Mr. March se referira a eles – *Mr. Dinsdale e a sua mulher*. Como se os conhecesse.

– Dinsdale? Ah, já conhecestes os nossos jovens vizinhos? – exclamou Henry quando Caroline o questionou a respeito dos funileiros. Ela pousou a faca e o garfo, a garganta demasiado apertada para engolir. – Indivíduos inofensivos. Bem, eu sei que pode parecer um pouco invulgar, mas dei-lhes autorização para ficarem naquele pedaço de terra...

– O quê? Porque é que farias uma coisa dessas? – perguntou Caroline, soltando um arquejo.

– O Robbie Dinsdale salvou-me a vida em África, minha querida... em Spion Kop, há alguns anos. Se não fosse ele, eu hoje não estaria aqui! – anunciou Henry num tom dramático, enfiando uma garfada enorme de batatas *dauphinoise* na boca. Uma pinga de nata quente escorreu-lhe pelo queixo, e Caroline desviou os olhos.

– Mas... eles são *ciganos*. Ladrões, ou... talvez até pior! Não os podemos ter como vizinhos!

– Ora, minha querida, receio que eu não possa aceitar isso. O soldado Dinsdale ficou comigo na nossa lamentável trincheira quando fui atingido a tiro, e defendeu o meu corpo prostrado contra uma dúzia de atiradores bóer até Twin Peaks ter sido tomado e os canalhas terem recuado! – Henry sacudiu enfaticamente a faca. – Também estava ferido e meio morto de sede, mas permaneceu ao meu lado quando podia ter fugido. Tudo que restou dos meus homens foi um amontoado sangrento, um cenário do inferno. No entanto, a guerra mudou-o... Acabou por ser dispensado com uma licença médica, embora nunca tivessem chegado a qualquer conclusão acerca do que se passava com o indivíduo. Eu diria que agora lhe falta um parafuso. Um dia limitou-se a deixar de falar, deixou de comer, e não se levantava do seu beliche, independentemente de quem lho ordenasse. Tive de intervir em seu nome. Agora melhorou muito, mas não se conseguiu integrar normalmente na vida civil. Foi aprendiz de ferreiro na vila, mas isso durou pouco tempo. Não podia pagar a renda e foi posto fora de sua casa, por isso fez-se à estrada. Eu disse-lhe que ele podia ficar aqui durante o tempo que quisesse, desde que não armasse sarilhos, e ele nunca o fez. Por isso, cá estão eles. – Henry limpou um pedaço de batata do bigode com um guardanapo branco e bem engomado. Caroline estudou o seu prato, a remexer-se, nervosa.

– Fez-se à estrada, dizes tu? Então, eles andam pelo país, e não estão sempre aqui? – A sua voz pouco mais era do que um murmúrio.

– Estão aqui muitas vezes. O terreno fica perto de ambas as famílias deles, e os Dinsdale conseguem trabalhos aqui e ali, onde o seu nome é conhecido; consertam objectos de metal e coisas dessas. Por isso, receio que vás ter de te habituar a eles, minha querida. Eles não precisam de te incomodar; de facto, se evitares aquela zona dos terrenos, nem sequer os vais encontrar – concluiu Henry, e Caroline percebeu que o assunto estava encerrado. Fechou os olhos, mas conseguia senti-los. Conseguia sentir que eles estavam ali, ou melhor, que William estava ali, a menos de duzentos metros de distância do local onde estava agora sentada a jantar. Se permanecesse sempre ali para a recordar, Caroline sabia que aquilo iria abater-se sobre ela e que acabaria por a devorar. Rezou para que dessem a criança ou seguissem viagem, levando com eles o objecto da sua culpa e angústia.

Quando o seu bebé nasceu, Caroline chorou. Uma menina pequenina, tão minúscula e perfeita que nem parecia real, mas forjada por magia. O amor consumidor e disparatado que Caroline sentia pela filha apenas serviu para lhe mostrar a enormidade do mal que fizera a Melro. O mero *pensamento* de se separar daquela sua filha era-lhe suficientemente doloroso. Assim Caroline chorava, com amor e ódio por si mesma, e nada do que lhe diziam a conseguia consolar. Henry acariciava-lhe a cabeça, sem saber o que fazer; e disfarçava muito mal a sua desilusão de ter tido uma filha e não um filho. Estelle e Mrs. Priddy falavam continuamente a Caroline na bela menina que ela tinha, como ela se saíra bem, o que a fazia voltar a chorar, algo que elas atribuíam à exaustão. De noite, era assaltada por sonhos de Melro, o seu coração em chamas, olhos brilhantes de febre, a cair, a desaparecer, a morrer de dor; e quando acordava, a mácula do seu crime fazia-lhe a cabeça latejar como se fosse rebentar. O bebé vestia roupa de renda branca e chamava-se Evangeline. Durante quatro meses Caroline amou-a até à loucura, e depois a minúscula menina morreu, uma noite no seu berço, por algum motivo que nenhum dos três médicos conseguiu explicar. Limitou-se a desaparecer da existência como uma vela apagada, e Caroline ficou

despedaçada. A pouca força de vontade que a fizera continuar desde que perdera Corin esvaía-se agora dela como sangue de uma ferida, e não restava nada que a pudesse travar.

Meses depois, numa terça-feira, Caroline desceu até à cozinha e encontrou Mrs. Priddy e Cass Evans a prepararem uma cesta com vegetais da horta para pagar a Robert Dinsdale. Ele estava longe de vista na copa, a afiar as facas da cozinha com uma pedra de amolar que lançava fagulhas a voar e enchia o ar com o gemido penetrante do metal. Caroline não teria descoberto a causa daquele barulho se não tivesse visto a expressão culpada de Mrs. Priddy; se a mulher não tivesse parado tão de repente aquilo que estava a fazer, com um tal sobressalto, quando a sua senhora apareceu na divisão. Cass pressionou dedos ansiosos na boca. Todos sabiam como Lady Calcott se sentia em relação aos Dinsdale, embora não soubessem porquê. Caroline avançou até à copa e interrompeu Dinsdale, que a estudou com os seus olhos meigos, cor de âmbar. Lentamente, a roda acabou por parar. Dinsdale vestia roupa grosseira, e tinha o cabelo comprido e oleoso atado na nuca com um cordel. O seu rosto era bastante adorável, tão fresco e inocente como o de um rapazinho, mas de certo modo aquilo ainda piorava mais as coisas. A dor de Caroline transformara-lhe o coração em pedra. Ela sabia que estava a ser castigada, forçada pelo destino a sofrer a mesma angústia que infligira a Melro, mas a sua dor era tão grande que não a aceitava – não a *podia* aceitar. Lutava contra ela, e uma fúria viva percorreu-lhe as veias.

– *Saia!* – gritou, a sua voz a vibrar de raiva. – *Saia* desta casa! – Dinsdale levantou-se do banco como se tivesse uma mola, e fugiu. Caroline virou-se para a governanta e para a criada de quarto. – O que é que isto significa? Pensei que tinha deixado bem clara a minha opinião acerca deste homem!

– Mr. Dinsdale sempre nos afiou as facas, sua senhoria... Não pensei que pudesse fazer algum mal... – tentou explicar Mrs. Priddy.

– Isso não me interessa! Não o quero dentro desta casa, nem em nenhum lugar próximo! E o que é isto? – exigiu saber, apontando para a cesta de vegetais. – Também andam a roubar na horta?

Ao ouvir aquilo, Mrs. Priddy inchou e franziu o sobrolho.

– Trabalho aqui há mais de trinta anos, sua senhoria, e nem uma única vez fui acusada de semelhante coisa! Há muito que os excessos da horta da cozinha servem para pagar aos trabalhadores locais os seus serviços...

– Bem, então deixaram de servir! Pelo menos, não àquele homem. Fiz-me entender? – disparou Caroline. Esforçou-se por conter a voz. Esta vacilava, titubeava; ameaçava erguer-se num guincho.

– Eles têm mais bocas para alimentar! – interveio Cass Evans.

– Chiu – silvou Mrs. Priddy.

– O quê? – disse Caroline. Fixou a rapariga de olhos verdes com um receio incrédulo. – *O quê?* – repetiu, mas Cass sacudiu cautelosamente a cabeça e não voltou a falar.

Apenas a intervenção de Lord Calcott evitou que Mrs. Priddy fosse despedida por aquela má conduta. Ele não compreendia as objecções que a mulher tinha em relação aos Dinsdale, nem as tentava compreender. Limitava-se a calá-la, e depois partia para Londres para evitar o seu humor cáustico. O pessoal começou a manter-se afastado de Caroline, temendo as suas fúrias imprevisíveis, os seus ataques de choro repentinos. Uma noite, já tarde, depois de se retirar, Caroline levantou-se e desceu até à cozinha à procura de sais de fruto para acalmar o estômago. Desceu em pezinhos de lã, as suas pantufas quase sem emitir qualquer som, e parou no exterior da copa, a ouvir as raparigas ainda a lavar os pratos do jantar e a conversarem com o moço de estrebaria, Davey Hook.

– Ora, por que outro motivo é que achas que ela se virou tão ferozmente contra eles? – O sotaque da aldeia de Cass era instantaneamente reconhecível.

– Porque é uma arrogante... são todos assim! Narizes empinados – disse Davey.

– Acho que ela perdeu um pouco o juízo desde que a pequena Evangeline morreu, pobre pequenina – disse Estelle.

– Estou a dizer-vos, eu ouvi. Era impossível confundi-lo... eu *ouvi-o*. Aquela mulher que cá veio de comboio tinha qualquer coisa escondida

debaixo do casaco, e depois ouvi um bebê a chorar no quarto da senhora, ouvi! E depois, de repente, o Robbie Dinsdale encontra uma criança nos bosques... e nós *vimo-la* a ir até lá, levando qualquer coisa com ela. Nós *vimo-la*.

– Mas não viste o que ela levava, pois não?

– Que mais podia ser?

– Ora, podia ser qualquer coisa, Cass Evans! – exclamou Estelle. – Porque motivo é que a senhora iria levar uma criança e abandoná-la nos bosques?

– Tu mesma disseste que ela perdeu o juízo! – retorquiu Cass.

– Apenas desde que perdeu a pequenina, foi o que eu disse.

– Talvez fosse dela. Talvez aquele bebê fosse dela... o bebê de outro homem! E ele teve de o manter escondido do senhor... Então e isso? – desafiou-os Cass.

– Foste tu que perdeste o juízo, Cass Evans, e não a senhora lá de cima! Os aristocratas não andam por aí a ter bebês como as filhas dos camponeses! – Davey riu-se. – Além disso, vocês viram o rapaz que os Dinsdale encontraram; é moreno como um mouro! Não é filho dela, é impossível que fosse. Não, sendo ela tão branca. Aquela ali é uma verdadeira criança cigana. Possivelmente foram outros que o abandonaram, demasiadas bocas para alimentar, e isso é o princípio e o fim do assunto – disse o rapaz.

– Não devias dizer essas coisas acerca de sua senhoria, Cass – avisou-a Estelle, em voz baixa. – Só vais arranjar sarilhos.

– Mas eu sei o que ouvi. E sei o que vi, e não está certo! – Cass bateu os pés. No exterior da divisão, o peito de Caroline ardia. Uma exalação reprimida escapou-se-lhe veloz e não suficientemente silenciosa, e a conversa no interior parou de repente.

– *Shhh!* – silvou Estelle. Passos aproximaram-se da porta. Caroline girou nos calcanhares e voltou a correr escadas acima, o mais silenciosamente que conseguiu.

Henry Calcott não estava em casa quando Cass Evans foi despedida. Caroline tratou do assunto com Mr. Priddy, tendo Cass sido mandada para o

quarto para ir arrumar as suas poucas posses.

– Conheço bem a família da rapariga, sua senhoria. Tenho a certeza de que ela não é do género de roubar. – O rosto da governanta estava toldado pela preocupação.

– Ainda assim, eu entrei e via-a a vasculhar a minha caixa de jóias. E agora desapareceu um alfinete de prata – respondeu Caroline, maravilhando-se com a frieza da sua voz quando interiormente se estava a contorcer de pânico.

– Que tipo de alfinete, minha senhora? Talvez se tenha perdido e esteja algures pela casa?

– Não, não se perdeu. Eu quero a rapariga fora desta casa, Mrs. Priddy; e é a única coisa que tenho a dizer a respeito deste assunto – ripostou Caroline. Mrs. Priddy fitou-a, impotente, com olhos tão cortantes que Caroline não conseguiu sustar aquele olhar durante muito tempo. Virou-se de novo para o espelho por cima da pedra da lareira e não viu qualquer vestígio de medo, culpa ou nervos na sua expressão. As suas feições estavam pálidas, imóveis. Como pedra.

– Posso pelo menos dar-lhe uma boa referência, sua senhoria? Para que ela possa começar noutro lado? É uma boa rapariga, trabalha arduamente...

– Ela rouba, Mrs. Priddy. Se lhe der referências, deverá também incluir essa informação – disse Caroline, em voz baixa. Atrás dela, viu a expressão de Mrs. Priddy a alterar-se para a incredulidade. – E é tudo, Mrs. Priddy.

– Muito bem, minha senhora. – A mulher mais velha falou friamente, e afastou-se, rígida. Quando a porta se fechou atrás dela, Caroline deixou-se cair, agarrando-se à pedra em busca de apoio. O seu estômago revolveu-se, e sentiu o sabor da bÍlis. Mas engoliu em seco e equilibrou-se.

Uma hora mais tarde, ou perto disso, Cass saiu pela porta da cozinha com lágrimas nos olhos e a transmitir alto e bom som o seu ultraje. Caroline observou-a da janela do corredor do piso de cima, e quando Cass se virou para olhar para a sua antiga casa, enfrentou o olhar reservado de Caroline com uma tal fúria que teria feito estremecer uma pessoa mais sensível.

Lord Calcott limitou-se a resmungar quando a nova rapariga, que era gorda e simples, abriu uma manhã os cortinados do seu quarto.

– O que é que aconteceu à outra jovem? Aquela de cabelo castanho? – perguntou, indolente.

– Tive de a despedir – respondeu Caroline num tom monocórdico.

Ele não voltou a falar do assunto, já que para ele não era inconveniente nenhum. Na verdade, passava cada vez menos tempo em casa, mas apesar disso passava tempo suficiente com a mulher para que uma segunda criança fosse concebida – há muito que aquela gravidez era esperada. Caroline temia que nunca mais houvesse nada tão maravilhoso como a sensação de pegar em Evangeline ao colo pela primeira vez, mas a alteração do seu corpo trouxe com ela uma antecipação de amor que era irresistível. E Caroline sucumbiu a ela, atraídoando a sua razão, trauteando suavemente ao bebé por nascer, sentindo-o a apertar-se contra as suas costelas, um grãozinho de calor e vida na casca morta do seu ser. Mas o rapaz, se é que era um rapaz, nasceu demasiado cedo e não teve nenhuma hipótese de sobrevivência. O médico queria levá-lo com os lençóis ensanguentados, mas Caroline exigiu ver a criança. Observou o rosto minúsculo, por formar, maravilhada – por ainda ser capaz de sentir aquela perda, por os seus olhos ainda terem lágrimas para chorar. Mas foi todo o amor que lhe restava que transbordou naquele único olhar, aquele único e longo olhar que lançou ao rosto do bebé morto. Passou-lhe o último vestígio de calor que ainda existia dentro de si; e depois o médico acabou por o levar com os lençóis ensanguentados, e tudo se perdeu.

A recuperação de Caroline foi lenta, e nunca completa. Na altura em que já se encontrava suficientemente restabelecida para receber a visita de amigos e de Bathilda, eles acharam-na lenta e apagada, a sua conversa quase inexistente, os seus movimentos arrastados e a sua beleza muito diminuída. Tinha círculos à volta dos olhos e nas faces, as mãos estavam tão ossudas como garras de pássaros, e havia laivos de cinzento nas têmporas, apesar de ainda nem estar perto dos trinta anos. Parecia fantasmagórica, como se parte dela tivesse partido para outra dimensão. As pessoas

abanavam tristemente as cabeças, e pensavam duas vezes antes de acrescentarem os Calcott às suas listas de convidados. Quando estava sozinha, Caroline dava longos passeios. À volta dos jardins, como se à procura de alguma coisa. Um dia foi até aos bosques, até à clareira onde os Dinsdale ainda estavam acampados. Eles tinham aprendido a manter-se afastados da casa, e nunca mais se aproximaram para trocar trabalho por comida. Desse modo, Caroline não tinha qualquer desculpa para pedir que fossem afastados, e ser evitada daquela maneira ainda a deixava mais amarga em relação a eles.

Esperou entre as árvores, a olhar para a carroça pintada de cores vivas e para o pônei malhado preso ali perto. A casa deles parecia tão alegre, ali no meio da relva verde de Verão; tão prática, tão inteira. Caroline recordou-se da tenda de Nuvem Branca e aquele, como qualquer outro pensamento do rancho, fez com que a sua visão se desfocasse e a sua mente se fechasse num estado de absoluta tristeza. Nesse momento, os Dinsdale regressavam da vila. Mrs. Dinsdale, cujo cabelo loiro caía em canudos angélicos, tinha um bebé nos braços; e a segurar a mão de Mr. Dinsdale encontrava-se um rapazinho forte com uns três anos de idade, de compleição morena e rosto redondo. Os seus passos eram seguros mas eles avançavam lentamente, parando de longe a longe, para que o rapazinho se pudesse agachar e examinar qualquer coisa no solo com uma curiosidade infindável. A respiração de Caroline ficou-lhe presa na garganta. William era tão parecido com Melro, que se tornava quase insuportável olhar para ele.

Observou-os durante algum tempo. Mrs. Dinsdale deitou o bebé a dormir no interior da carroça, depois sentou-se nos degraus e chamou William, que veio a correr de braços erguidos para que ela lhe pegasse. Claro que não lhe chamou William. Utilizou outro nome, que Caroline não conseguiu ouvir bem mas que soava a *Flag*. Ao observá-los, Caroline sentiu-se tão dividida entre a mágoa e a inveja que não soube como se conter. Mas também se sentiu muito zangada por aquela família de nómadas estar a florescer quando a sua lhe fora arrancada duas vezes. Olhou para William e odiou-o. Odiou-os a todos. *Não aguento mais, pensou, não consigo aguentar isto*

durante mais tempo. O preço que fora obrigada a pagar era demasiado elevado, e embora uma parte dela achasse que aquela injustiça tinha, de algum modo, de ser rectificadada, sabia que não o podia ser. Sentou-se nas sombras e chorou em silêncio por Corin, que não a podia ajudar.

*E portanto todas as estações serão doces para ti,
Quer o Verão cubra toda a terra,
Com o verde, ou o pisco de peito vermelho se empoleire a cantar
Entre tufos de neve no ramo despido
Das macieiras musgosas, enquanto a cobertura da noite,
Se derrete, fumegante, sob o degelo do sol;
Quer as gotas de orvalho caiam
Ouidas apenas no impacto.
Ou se o ofício secreto do gelo
As suspenda em pingentes silenciosos,
A brilhar, imóveis, sob a lua tranquila.*

SAMUEL TAYLOR COLERIDGE, *Geada à Meia-Noite*

As escadas levam o que resta da minha energia, e, assim, quando chego à porta da casa de banho estou a arquejar. A luz está acesa no interior, fios de vapor a saírem por baixo da porta. E a água ainda está a correr. Fico petrificada, com a mão pousada na porta, e fecho os olhos por um segundo. Tenho tanto medo; tanto medo daquilo que possa encontrar. Penso em Eddie, a afastar o cabelo de Beth quando chegou a casa depois da escola e a encontrou. Como preciso agora da sua coragem.

– Beth? – chamo, num tom de voz demasiado fraco. Não há resposta. A engolir em seco, dou duas pequenas pancadas e depois abro a porta de rompante.

Beth está dentro da banheira, o cabelo a boiar à sua volta, a água perigosamente próxima da borda, prestes a transbordar. Tem os olhos fechados, e por um instante, penso que a perdi. Ela é Ofélia, ela irá navegar para longe de mim, partirá a flutuar num esquecimento sereno. Mas depois abre os olhos, vira o rosto na minha direcção, e sinto-me tão aliviada que quase caio. Entro a tropeçar, sento-me abruptamente na cadeira onde a sua roupa está dobrada.

– Rick? O que é que se passa? Onde é que está a tua roupa? – pergunta-me ela, fechando a torneira com o dedo grande do pé. Eu deixei-a cair, bem como o cobertor de Dinny, no vestíbulo, antes de começar a correr. Visto apenas roupa interior molhada, enlameada.

– Eu pensei... pensei... – Mas não lhe quero dizer aquilo em que pensei. Parece uma traição pensar que ela iria voltar a fazer aquilo a si mesma.

– O quê? – pergunta ela, a sua voz a acentuar-se, a tornar-se tensa.

– Nada – murmuro. A luz bate-me nos olhos, faz-me estremecer. – Porque é que estás dentro da banheira a estas horas da noite?

– Eu disse que esperava que tu voltasses – responde ela. – E estava a ficar com frio. Onde é que estiveste? – pergunta, agora a sentar-se, o cabelo molhado a colar-se aos seios. Dobra os joelhos, envolve-os com braços reluzentes. Consigo ver cada costela, cada alto da sua espinha, a descer até à água.

– Estive com o Dinny. Eu... caí ao lago de orvalho.

– Tu *o quê?* O que é que Dinny estava ali a fazer?

– Ouviu-me cair, e ajudou-me a sair.

– Limitaste-te a cair? – pergunta ela, incrédula.

– Sim! Presumo que por excesso de *whisky*.

– E limitaste-te a... cair para fora da tua roupa? Ou ele também te ajudou com isso? – pergunta-me, agressiva. Lanço-lhe um olhar firme. Agora estou zangada por ela me ter assustado tanto. Por eu ter ficado tão assustada.

– Quem é que está agora com ciúmes? – replico, igualmente agressiva.

– Eu não... – começa ela, depois pousa o queixo nos joelhos, e desvia os olhos de mim. – É *estranho*, OK, Erica? Tu andares atrás do Dinny, é estranho.

– Porque é que é estranho? Porque primeiro foi teu?

– Sim! – exclama ela; e eu olho-a, espantada por aquela confissão. – Não te envolvas com ele, está bem? É simplesmente... errado! – Esforça-se por se explicar, estendendo muito as mãos. – Não o consigo aguentar.

– Não é errado. Tu simplesmente não *gostas* da ideia, apenas isso. Mas não tens de te preocupar. Acho que ele ainda está apaixonado por ti – digo em voz baixa, sentindo o meu coração a afundar-se dentro de mim.

Espero ver a sua expressão alterar-se, mas isso não acontece.

– Devíamos ir embora, Erica. Não percebes? Devíamos partir daqui, e nunca mais voltar. Seria de longe a melhor coisa a fazer. Podíamos partir amanhã. – A sua voz torna-se mais convicta, e ela fixa-me com olhos desesperados. – Não nos vamos dar ao trabalho de separar as coisas da Meredith... Na verdade, nem é por isso que estamos aqui. Os fulanos das mudanças que tratem disso! Por favor? Vamo-nos embora?

– Eu sei porque vim aqui, Beth. – Estou farta de não falar daquilo, cansada de andar em pezinhos de lã à volta do assunto. – Eu queria que viéssemos ambas porque pensei que te podia ajudar a melhorar. Porque quero descobrir o que é que te atormenta, Beth. Quero trazê-lo à superfície. Quero fazer incidir uma luz sobre isso, e... mostrar-te que não é assim tão mau. Nada pode ser assim tão mau à luz do dia, Beth! Não é isso que dizes ao Eddie quando ele tem pesadelos?

– Algumas coisas *são*, Erica! Algumas coisas são mesmo assim tão más! – exclama ela, as palavras como que arrancadas, aterrorizadas. – Quero ir-me embora. Vou-me embora amanhã.

– Não. *Não* vais. Não até termos confrontado isto, o que quer que seja. Não até nós o termos enfrentado!

– Não sabes de que é que estás a falar! – grita ela, roucamente. Levanta-se de repente, faz a água cair em cascata sobre o chão da casa de banho, estende a mão para o roupão e enfia-o violentamente. – Não me podes impedir se eu quiser ir.

– Não te levo à estação.

– Apanho um táxi! – silva ela.

– No dia de ano novo? Aqui, no meio do mato? Boa sorte.

– *Raios*, Rick! Porque é que estás a fazer isto? – pragueja ela, a fúria a surgir-lhe nos olhos, a cortar-lhe as palavras. Elas ecoam nas paredes de azulejo, atacam-me duas vezes.

– Eu... eu prometi ao Eddie. Que te ajudaria a ficar melhor.

– O quê? – sussurra ela.

Penso com cuidado antes de voltar a falar. Penso naquilo que vi quando o lago de orvalho se fechou por cima da minha cabeça.

– Diz-me o que é que o Henry andava a procurar na margem do lago – digo baixinho.

– O quê? Quando?

– Naquele dia, na margem do lago. No dia em que ele desapareceu, e eu tinha estado a nadar. Ele andava à procura de qualquer coisa no chão. – Oíço a respiração rápida de Beth. Os seus lábios empalidecem.

– Pensei que tinhas dito que não te lembravas? – diz ela.

– Estou a começar a recordar-me. Um pouco. Não de tudo. Lembro-me de voltar a saltar para o lago, e lembro-me de olhar para o Henry, e de ele estar à procura de qualquer coisa no chão. E depois lembro-me... – Engulo em seco. – Lembro-me de o ver a sangrar. Tinha a cabeça a sangrar.

– Cala-te! *Cala-te!* Não quero falar disso! – grita Beth de novo. Coloca as mãos por cima dos ouvidos e abana a cabeça, enlouquecida. Eu observo-a, espantada, até ela parar, ficar ali de pé, ofegante, o peito a erguer-se e a baixar. Pego-lhe cuidadosamente no braço, e ela pestaneja.

– Diz-me apenas aquilo que ele estava a procurar.

– Pedras, é claro – diz ela, em voz baixa, derrotada. – Estava à procura de pedras para atirar. – Nessa altura afasta-se de mim, e sai da casa de banho para a escuridão do corredor.

Não consigo dormir. Tento contar as vezes que inspiro e expiro, contar as minhas pulsações; mas quando o faço o meu coração acelera, como se espantado por um tal escrutínio. Acelera, faz-me doer a cabeça. Fecho os olhos com tanta força que formas coloridas florescem no escuro e correm velozes pelo tecto quando os volto a abrir. Esta noite há uma lua brilhante, e enquanto deslizo pelo sono, enquanto as horas passam, vejo-a a navegar, indiferente, de uma janela para a outra.

Sinto-me terrível quando me levanto: pesada e cansada. A minha garganta está dorida; sinto uma dor atrás dos olhos que não desaparece. Ontem à noite caiu uma geada forte – Dinny tinha razão acerca do que me poderia ter acontecido se eu tivesse ficado estendida no chão, bêbeda e entontecida. Agora há um nevoeiro cerrado, tão claro e luminoso que não consigo perceber onde acaba a neblina e começa o céu. O que se passa é que nós fugimos. Naquele dia. Beth e eu fugimos. Lembro-me de sair o mais depressa que consegui do lago, magoando os pés nas lascas. Lembro-me dos dedos de Beth a apertarem-se à volta do meu braço, como pequenas garras de pássaro, e nós fugimos. De regresso à casa, para passarmos despercebidas, para nos escondermos e nos mantermos quietas até

começarem os problemas. Ou antes, até repararem no problema. Não voltámos para trás, tenho a certeza disso. A última vez que vi Henry, ele estava junto do lago de orvalho; estava a cambalear. Será que caiu? Foi por isso que saí tão desesperada e tão depressa? Foi por isso que lhes disse que ele estava no lago, foi por isso que insisti no assunto? Mas ele não estava, e só havia ali mais outra pessoa. Só há uma pessoa que podia ter movido o Henry, que o podia ter levado para outro lado, porque eu sei que ele não foi sozinho. Ele foi levado para algum lado tão secreto e tão escondido que vinte e três anos de buscas não o conseguiram encontrar. Mas eu agora estou perto.

Pode ser esta recordação com que me debati tão arduamente para recuperar que me está a fazer doer a cabeça. Não tenho de me concentrar para a voltar a recordar. Ela salta perante a minha mente por vontade própria, uma e outra vez. Henry a sangrar, Henry a cair. Preocupa-me que eu não quisesse tomar o pequeno-almoço. Olhei para a comida e lembrei-me de Henry, e era impossível comer alguma coisa. Era impossível colocar qualquer coisa na boca, por gozo ou satisfação. Foi assim que Beth se sentiu durante vinte e três anos? Essa ideia deixa-me gelada. É como saber que há alguma coisa atrás de nós, a seguir-nos. Aquela sensação de comichão atrás do pescoço, uma distração constante. Algo de tão escuro e permanente como a nossa sombra.

A campainha assusta-me. Dinny está ali, e por uma vez tem vestido um impermeável pesado, as mãos profundamente enfiadas nos bolsos. Apesar de tudo, as minhas faces brilham e sinto uma vaga de algo indefinido. Alívio, ou talvez terror.

– Dinny! Olá... entra – cumprimento-o.

– Olá, Erica, só queria saber se estavas bem. Depois de ontem à noite – diz ele, passando pela soleira da porta mas mantendo-se em cima do tapete da entrada.

– Entra... Não consigo fechar a porta contigo aí parado.

– Tenho as botas enlameadas.

– Acredita que esse é o menor dos nossos problemas. – Sacudo a mão.

– Então, que tal estás? Pensei que... se tivesses engolido alguma daquela água do lago, poderia ter-te deixado doente – diz ele. Há qualquer coisa de desajeitado nele que não estava ali antes, uma timidez que me comove.

– Estou ótima, a sério. Quer dizer, sinto-me como morta, mas além disso, estou bem.

– Podias ter morrido – diz-me ele num tom grave.

– Eu sei. Eu sei. Desculpa. A minha intenção não foi essa, acredita. E obrigada por me salvares... Fico mesmo a dever-te uma – respondo. Ao ouvir aquilo, ele fixa-me com uma expressão cortante, os olhos a sondarem-me o rosto. Mas depois descontrai, estende uma mão e passa as articulações frias dos dedos pela minha face. Contenho a respiração, estremeço ligeiramente.

– Idiota – diz Dinny, com suavidade.

– Obrigada – respondo.

Ouve-se uma pancada no piso de cima. Imagino uma mala de viagem cheia a ser puxada de debaixo de uma cama. Dinny deixa cair rapidamente a mão, volta a enfiá-la no bolso.

– Foi a Beth? – pergunta.

– A Beth, ou o fantasma de um antigo Calcott. Acho que deve estar a fazer as malas. Não quer ficar aqui nem mais um dia. – Encolho os ombros, um pouco desamparada.

– Então vocês vão partir?

– Eu... eu não sei. Não quero. Para já não. Talvez nunca. – Olho para ele. Na verdade, acho que não conseguiria ficar sozinha nesta casa.

– Acabaram-se os Dinsdale e os Calcott em Storton Manor. É o fim de uma era – diz Dinny, mas não soa lastimoso.

– Vais-te mudar? – pergunto-lhe. O meu coração dá um ligeiro salto de protesto.

– Mais cedo ou mais tarde. Este é um lugar desgraçado para se acampar no Inverno. Na realidade, só estava aqui por causa da Honey...

– Pensei que tinhas dito que viste o obituário da Meredith?

– Bem, sim, e por isso. Pensei que havia uma boa hipótese de tu e a Beth estarem por cá. – Durante um momento, não falamos. Ainda estou demasiado insegura a seu respeito para testar aquela maré que nos está a separar. Talvez Dinny sinta a mesma coisa.

– Gostaria de me despedir da Beth antes que ela desapareça – diz ele, em voz baixa. Anuo. Claro que quer. – Não tive a oportunidade de o fazer da última vez que vocês partiram – acrescenta, enfático.

– Ela está lá em cima. Zangámo-nos. Não sei se ela vai descer – respondo. Observo-lhe as mãos. Quadradas, manchadas de sujidade. Crescentes negros debaixo das unhas. Penso na lama junto do lago de orvalho, ele a içar-me dali para fora. Penso na maneira como ele me agarrou, apenas por um momento, enquanto as brasas se afundavam e o meu corpo tremia. Penso no seu beijo. Como o quero manter aqui.

– Porque é que se zangaram?

– Porque é que achas? – pergunto, amarga. – Ela não me conta o que aconteceu. Mas ela *tem* de o enfrentar, Dinny... ela tem de o fazer! É isso que a está a deixar doente, tenho a certeza disso! – Dinny suspira bruscamente, muda o peso dos pés para os calcanhares, como se fosse começar a fugir. Esfrega uma mão na testa, exasperado. – Nunca tiveste a oportunidade de lhe dizeres o que querias, Dinny. Mas... podes dizer-me a mim – acrescento.

– Erica...

– Eu quero saber!

– E se o facto de saberes alterasse tudo? E se, por uma vez, a tua irmã e eu tivéssemos razão, e tu estejas melhor por não te lembrares? – Olhos ferozes fixam-se nos meus.

– Eu *quero* alterar tudo! De qualquer maneira, alterar o quê? Ela é minha irmã. Eu amo-a e amá-la-ei sempre, independentemente daquilo que fizer. Ou que tenha feito – declaro, determinada.

– Não estou apenas a falar da Beth – diz ele.

– Então, estás a falar de quem? De quê? Conta-me!

– Não grites comigo, Erica, eu consigo ouvir-te. Estou a falar de... ti e de mim. – A sua voz torna-se mais suave. Fico calada durante um instante em que o meu coração parece parar. Recomeça a bater, mas parece demorar uma eternidade.

– O que é que queres dizer com isso?

– Quero dizer... o que quer que seja... o que quer que tenha sido, iria tudo alterar-se. – Ele desvia os olhos dos meus, cruza os braços. – Percebes? – pergunta. Mordo o lábio inferior, sinto os olhos a arderem-me. Mas depois vejo Beth, na banheira, como estava ontem à noite; o corpo inteiro, mas a escapar-se. Reprimo a pequena chama quente que Dinny acabou de acender dentro de mim.

– Sim. Mas eu tenho de saber – sussurro. O meu nariz está a pingar. Limpo-o com as costas da mão. Espero que ele fale, mas não o faz. Os seus olhos correm do chão para a porta e daí para as escadas e regressam, sem se focarem em nada. Sinto o meu maxilar a cerrar-se. – Conta-me, Dinny! A Beth e eu fugimos. Não sei o que aconteceu, mas sei que nós fugimos e que te deixámos, a ti e ao Henry, no lago. E essa foi a última vez que alguém o viu, e quero que mo *contes!* – A minha voz soa estranha, demasiado elevada.

– Devia ser a Beth... – começa ele.

– A Beth não o vai fazer. Ou, talvez o faça, um dia. Ou talvez volte a tentar suicidar-se, e desta vez o consiga! Tenho de lho *arrancar!* – exclamo. Dinny olha para mim, chocado.

– Ela tentou suicidar-se? – diz. – Por causa disto?

– Sim! Porque está deprimida. Não apenas *infeliz...* está doente, Dinny. E eu quero saber o que é que o causou. Se não mo disseres, então estás apenas a ajudar a mantê-la assim... assombrada. Diz-me apenas o que fizeste com o corpo dele! Diz-me onde é que ele está! – suplico. O meu sangue ergue-se como uma onda, a rugir-me nos ouvidos.

– Erica! – O grito de Beth ecoa pelo vestíbulo. Dinny e eu sobressaltamo-nos, como crianças culpadas. – *Não!* – grita ela, descendo as escadas a

correr e aproximando-se de nós. Tem os olhos arregalados, o rosto marcado pelo medo.

– Beth, eu não lhe ia contar... – começa Dinny a dizer, erguendo uma mão para a acalmar.

– O quê? Porque não...? Porque a *Beth* te disse para não o fazeres? – digo-lhe, furiosa.

– Não contes a ninguém! *Nunca!* – diz Beth. Mal reconheço a sua voz. Agarro-lhe as mãos, tento fazer com que ela olhe para mim, mas os seus olhos estão fixos em Dinny e alguma coisa se transmite entre eles, algo que não consigo suportar.

– Beth! Por favor... Beth, olha para mim! Olha o que tentar manter este segredo te fez! Por favor, Beth. É altura de te veres livre dele. O que quer que seja, esquece. Por favor. Pelo Eddie! Ele precisa que tu sejas feliz...

– Não metas o Eddie nisto! – grita-me ela, os olhos cheios de lágrimas.

– Porque não? Também é a vida *dele* que estás a afectar, sabias? Ele é da tua responsabilidade. Tens a obrigação de ser forte por ele, Beth...

– O que é que *tu* sabes disso, Erica? O que é que tu sabes a respeito de responsabilidade? Nem sequer tens um emprego fixo! Tens vivido como uma estudante desde que saíste de casa... nunca sequer tiveste um animal de estimação, por isso não me venhas falar das *minhas* responsabilidades! – grita Beth, e eu encolho-me, atingida.

– Tu és da minha responsabilidade – digo, em voz baixa.

– Não, não sou – responde Beth, a suster-me o olhar.

– Beth – intervém Dinny –, tenho estado a tentar falar contigo desde que voltaste, e sei que não queres ouvir o que tenho para te dizer, mas é importante, e... Acho que a Erica também tem o direito de o ouvir...

– Ela estava *lá*, Dinny! Se não se lembra então não precisa de se lembrar. Agora, por favor, podem deixar-me em paz? Dinny, eu... eu acho que devias ir.

– Não, não devia! Porque é que o devia fazer? Fui eu que o convidei a entrar. De facto – dirijo-me à porta, e paro com as costas viradas para ela –, ninguém vai a lado nenhum até que um de vocês, ou os dois, me contem a

verdade. Estou a falar a sério. A verdade. Há muito que é devida – digo. O meu coração tropeça, lança-se contra as minhas costelas.

– Como se me pudesses deter – murmura Dinny.

– Erica, pára de perguntar! – grita Beth. – Simplesmente... *pára de perguntar!*

– Beth, se calhar era melhor dizer-lhe. Ela não o vai contar a ninguém. Somos só nós os três. Acho... acho que ela tem o direito de saber – diz Dinny, numa voz suave. Beth olha para ele, o rosto muito pálido.

– Não – sussurra ela.

– *Céus!* Nem sequer sei porque é que voltaste aqui! – grita ele, erguendo os braços exasperado.

– Dinny, conta-me. É a única maneira de a ajudar – digo, com firmeza. O olhar de Beth é fulminante, depois volta-se para Dinny, e de novo para mim.

– Não! – sibila ela.

– Por favor. Diz-me onde está o Henry – incito-o.

– Pára com isso! – ordena-me Beth. Está a tremer incontrolavelmente. Dinny cerra os dentes, olha por cima do ombro, volta a olhar para mim. Tem os olhos em chamas. Parece dividido a respeito de qualquer coisa, ainda a decidir-se. Contenho a respiração e a minha cabeça gira em protesto.

– Ótimo! – ladra ele, agarrando-me o braço. – Se tu achas que esta é a única maneira de a ajudar. Mas se estiveres errada, quando tudo for diferente, não digas que não te avisei! – Está subitamente zangado, furioso connosco. Os seus dedos magoam-me; afasta-me da porta e abre-a de rompante.

– Não! Dinny... *não!* – grita Beth atrás de nós, quando ele me empurra lá para fora.

– *Au...* Pára com isso! O que é que estás a fazer? Para onde é que vamos? – Instintivamente, luto contra ele, tento fincar os calcanhares na terra, mas ele é muito mais forte do que eu.

– Queres saber o que aconteceu ao Henry? Eu mostro-te! – Dinny cospe a palavra. O medo aperta-me as entranhas. Estou tão perto de encontrar Henry, tão perto que isso me aterroriza. Dinny aterroriza-me. Tanta força nele, no seu aperto; uma expressão tão implacável no seu rosto.

– Dinny, *por favor*... – balbucio, mas ele ignora-me.

– Erica! *Não!* – Oíço o grito entrecortado de Beth atrás de nós, mas ela não nos segue. Olho para trás por cima do ombro, vejo-a emoldurada na porta, a boca contorcida, as mãos a agarrarem a soleira em busca de apoio.

Dinny arrasta-me pelo relvado, para fora do jardim por entre as árvores, e penso que nos dirigimos para o lago de orvalho. De repente, sei com toda a certeza que não quero ir para ali. O terror deixa-me os joelhos fracos; volto a tentar libertar-me.

– Vamos! – dispara ele, puxando-me com mais força. Podia arrancar-me o braço do corpo com toda a facilidade. Mas não nos dirigimos para o lago. Ele encaminha-se agora para oeste. Vamos para o acampamento. Sigo-o como uma sombra relutante, a serpentear e a tropeçar atrás dele. O meu coração salta dentro do meu peito. Dinny abre a porta da carrinha mais próxima, sem se dar ao trabalho de bater. Harry levanta os olhos, espantado; sorri quando nos reconhece. Dinny empurra-me pelos degraus acima para dentro da carrinha, que cheira a batatas fritas, a cão e a roupa húmida.

– Mas que raio é isto? – A minha voz está a tremer. Não consigo respirar, estou prestes a estilhaçar-me.

– Querias saber onde estava o Henry. – Dinny levanta o braço, aponta para Harry. – Aqui está o Henry.

Olho-o fixamente. A minha cabeça esvazia-se, puxaram o ralo. Não tenho a certeza de quanto tempo fico parada a olhar, mas quando falo a minha garganta está seca.

– O quê? – A palavra é uma coisa pequena e fraca, uma forma vaga que cerca o último vestígio de ar no meu peito. O chão inclina-se sob os meus pés; a terra rolou para fora dos seus eixos, está a girar para longe de mim, vertiginosa e desamparada. Dinny baixa o braço, fecha os olhos e, cansado, coloca uma mão em cima deles.

– Este é o Henry – repete; e volto a ouvir as palavras.

– Mas... como é que pode ser? O Henry está morto! Como é que ele pode ser o Henry? Não o *Henry*. Não ele.

– Ele não está morto. Ele não morreu. – Dinny deixa cair a mão, e o fogo desapareceu dos seus olhos. Observa-me, mas não me consigo mover. Não consigo pensar. Harry sorri, inseguro. – Tenta não gritar. Ele fica perturbado – diz-me Dinny, em voz baixa. Não posso gritar. Não posso fazer nada. Não posso respirar. A pressão está a acumular-se no interior da minha cabeça. Preocupo-me que ela possa explodir. Levo as mãos às têmporas, tento manter o meu crânio inteiro. – Anda... vamos. Vamos lá para fora falar – murmura Dinny, pegando-me agora com mais cuidado no braço. Eu afasto-o e inclino-me na direcção de Harry. Sinto-me tão assustada quando olho para ele. Suficientemente assustada para que os meus joelhos descaiam; há uma pancada abafada quando atingem o chão. Suficientemente assustada para que uma náusea de choque me atravesse. Estou gelada até à raiz dos cabelos, e a arder por todo o lado. Afasto madeixas despenteadas do rosto de Harry, olho-o no olhos. Tento vê-lo. Tento reconhecê-lo, mas não consigo. Não o reconheço.

– Estás enganado. Estás a mentir!

– Não estou nem uma coisa, nem outra. Vamos, não podemos falar disto aqui. – Dinny levanta-me e leva-me de novo lá para fora.

Pela segunda vez em doze horas, sento-me na carrinha de Dinny, a tremer, atordoada, estupidificada. Ele faz café no fogão numa panela de aço velha, o líquido a cuspir e a cheirar deliciosamente. Ao bebericar da caneca que ele me dá, queimo a boca, e sinto o café a reanimar-me.

– Eu... eu não consigo acreditar. Não compreendo – digo, em voz baixa. Lá fora ouço uma porta a bater. *Popeye* e *Blot* rosnam suavemente entre dentes; mais uma saudação do que um aviso. Dinny tem um tornozelo pousado em cima do outro joelho, a sua pose habitual. Parece simultaneamente duro e nervoso. Suspira.

– O que é que não compreendes? – diz aquilo numa voz muito baixa, mostrando uma curiosidade genuína.

– Bem, onde é que ele *esteve* durante todos estes anos? Como é que nunca foi encontrado? Eles procuraram-no *por toda a parte!*

– Nunca se procura em *toda a parte*. – Dinny abana a cabeça. – Ele tem estado aqui, connosco. Com a minha família, ou com amigos da minha família. Há mais do que um acampamento de nómadas no Sul de Inglaterra. A minha mãe e o meu pai tinham muitos amigos com quem o deixar, amigos que tomaram conta dele até o caso morrer. Assim que tive idade suficiente para tratar dele, foi isso que fiz.

– Mas... eu vi-o a sangrar. Vi-o a cair ao lago...

– E depois vocês as duas fugiram. Eu tirei-o de lá, e fui chamar o meu pai. Ele não estava a respirar, mas o meu pai conseguiu reanimá-lo. O golpe na cabeça não era tão mau como parecia... Os ferimentos na cabeça sangram muito. – Olha para a bota, torce a ponta desfiada de um atacador entre o indicador e o polegar.

– E depois? Não o levaram a um hospital? Porque é que não foram buscar alguém à casa? – pergunto. Vinte e três anos da minha vida estão a reescrever-se atrás dos meus olhos, a desenrolar-se como se fossem um novelo de lã. Mal me consigo concentrar, mal consigo pensar. Dinny mantém-se calado durante muito tempo. Aperta o queixo com a mão, as articulações brancas. Os seus olhos queimam-me.

– Eu... não dizia o que tinha acontecido. Eu não lhes disse como é que ele ficou magoado... ou quem o magoou. Por isso, o meu pai... o meu pai pensou que tinha sido eu. Pensou que o Harry e eu tínhamos andado à pancada, ou qualquer coisa assim. Ele estava a tentar proteger-me.

– Mas, podias ter-lhe dito que foi um acidente...

– Vá lá, Erica. Andavam sempre todos a tentar provar que tinham razão a nosso respeito... Durante toda a minha vida as pessoas têm querido estar certas. Que nós roubamos, que somos criminosos... que somos escumalha. A assistente social não hesitaria perante a oportunidade de me tirar ao meu pai e à minha mãe. Algum tempo numa casa de correcção, e depois uma casa *adequada* com uma família *adequada*...

– Não sabes isso...

– Sim. Sei, sim. Tu é que não o sabes, Erica.

– Porque é que ele... ficou assim?

– Não foi da pancada na cabeça, isso é certo. O meu pai levou-o a uma velha amiga, Joanna, que foi enfermeira em Marlborough. Isto na mesma tarde, ainda antes de alguém saber que ele tinha desaparecido. Levou alguns pontos na cabeça. Ela disse que ele era capaz de ficar com um traumatismo mas que não era nada de preocupante. Nós íamos esperar que ele acordasse, certificar-nos que estava bem, depois deixá-lo a uma curta distância da vila e desaparecer. Era esse o plano. A Joanna tomou conta dele durante os primeiros dias. Ele esteve inconsciente durante dois dias seguidos, e... depois acordou.

– Podiam tê-lo levado nessa altura. Podiam tê-lo deixado algures onde ele pudesse ser encontrado, como disseste. Porque é que não o fizeram?

– Nessa altura, as buscas eram enormes. Estávamos a ser vigiados. Não nos podíamos mexer sem que algum polícia ansioso anotasse os nossos movimentos. O Henry iria dizer que tínhamos ficado com ele... quando fosse descoberto, é claro. Mas pensávamos que iríamos ter algum avanço para desaparecer. Na altura em que nos apercebemos de que era impossível devolvê-lo sem sermos vistos, era demasiado tarde. E quando acordou, ele não estava bem. Qualquer pessoa o perceberia. O meu pai levou-me a vê-lo, já que era eu quem o conhecia melhor. *Diz-me apenas o que é que achas*, disse o meu pai. Não percebi o que é que ele queria dizer com aquilo, até ver o Henry e falar com ele. Sentando na cama de hóspedes de Joanna, a segurar um copo de sumo de laranja, como se não soubesse o que fazer com ele. Eu preferiria ter estado em qualquer outro lugar do mundo do que naquele quarto com o Henry. – Dinny passa os dedos entre o cabelo, agarra o crânio. – Tentei falar com ele, como o meu pai disse que eu devia fazer. Mas ele não era o mesmo. Estava completamente acordado, mas... distante. Atordoado.

– Mas porquê? Não disseste que não tinha sido atingido com muita força na cabeça?

– E não foi. Foi o tempo que passou sem respirar. O tempo antes de o meu pai chegar junto dele, e ter feito o ar voltar a entrar-lhe nos pulmões. – Dinny soa agora tão cansado, sobrecarregado. Há dentro de mim uma fagulha de pena, mas ainda não posso deixar que ela me invada. Há demasiadas outras coisas para sentir.

Acabo o meu café antes de voltar a falar. Não reparei no silêncio. Dinny está a observar-me, a bater no tornozelo com um polegar agitado, à espera. Presumo que à espera da minha reacção. Um brilho defensivo nos olhos.

– O caso não acabou, sabes. Não para os pais dele. Não para a nossa família...

– Achas que acabou para mim? Para a *minha* família? Desde então que tive de o ver quase todos os dias, perguntar-me se teria sido diferente se tivesse sido eu a tentar reanimá-lo apenas um pouco mais cedo... Se nós o *tivéssemos* levado ao hospital.

– Mas tu nunca contaste. Tu ficaste com ele...

– Não *fiquei* com ele. Tomei conta dele...

– Tu ficaste com ele, e deixaste que a família dele... que os *pais* dele pensassem que ele estava morto! Deixaste que eu e a Beth pensássemos que ele estava morto.

– Não, eu não sabia o que é que tu e a Beth estavam a pensar! Como é que o poderia saber? Vocês *fugiram*, lembras-te? Fugiram e lavaram as mãos! Nunca me vieram perguntar nada a respeito disso! Deixaram-no comigo e eu... nós... fizemos aquilo que pensámos ser o melhor.

Eu não podia negar aquilo.

– Eu tinha oito anos!

– Bem, eu tinha doze... ainda era um miúdo, e tive de deixar que os meus pais pensassem que quase tinha morto aquele rapaz. Que eu *provocara danos cerebrais* em outro rapaz. Pelo menos, foi isso que pensei que tinha de fazer. Foi isso que achei estar certo. Na altura em que percebi que vocês as duas nunca iam voltar, era demasiado tarde para mudar o que quer que fosse. Achas que isso foi muito divertido?

Sinto o sangue a desaparecer-me do rosto quando ele diz aquilo. *Tive de deixar que pensassem...* Uma recordação esforça-se por abrir caminho por entre o caos da minha mente. Henry estava curvado, a olhar o chão, a apanhar quatro, cinco pedras. Água nos meus olhos e num ouvido, que ressoa com várias vozes; Henry, provocador, a chamar nomes a Dinny; as ordens estridentes de Beth: *Pára com isso! Vai-te embora! Henry, não!* Henry a gritar: *Sabujo! Imundo! Cigano nojento! Cão ladrão! Vagabundo!* A cada palavra atirava uma pedra, a partir do ombro, com aquele tipo de lançamento que ensinam aos rapazes na escola, mas nunca às raparigas. Um lançamento que teria feito uma bola de críquete passar os limites do campo, com uma boa pontaria. Lembro-me de Dinny ter gritado quando uma o atingiu, de o ver a agarrar o ombro, a pestanejar. *Lembro-me do que aconteceu.* E visualizo Beth, na porta mesmo agora; o seu grito a seguir-nos, e o terror no seu rosto. *Não!*

– Tenho de ir – sussurro, levantando-me aos tropeções.

– Erica, espera...

– Não! Tenho de ir!

Sinto-me doente. Há demasiadas coisas dentro de mim, alguma coisa tem de sair. Apresso-me a voltar para casa, tropeçando sobre os próprios pés. Deixo-me cair na casa de banho fria do piso térreo, onde o assento gelado da sanita faz com que as nossas coxas doam, e vomito. Mas com a garganta a arder e com o cheiro à minha volta, sinto-me de certo modo melhor. Sinto-me justamente castigada. Sinto que se está a iniciar alguma espécie de desforra. Salpico o rosto com água da bacia e arquejo em busca de ar, tento encontrar forças para me levantar. Estou gelada de medo – penso saber qual o tipo de desforra que ela pode procurar para si mesma.

– Beth! – chamo, a tossir devido à sensação dolorosa da minha garganta. – Beth, onde estás?... Tenho de te contar uma coisa! – Sobre pernas trémulas, entro e saio a correr de todas as divisões do piso térreo, o meu coração a arrastar-se, a deixar-me tonta. – *Beth!* – A minha voz ergue-se, quase um grito. Irrompo escadas acima, corro primeiro até à casa de banho e depois ao longo do corredor até ao quarto de Beth. A porta está fechada, e eu atiro-

me contra ela. No interior, os cortinados estão corridos, o quarto na escuridão. E aquilo que mais receio, aquilo que mais temo ver, encontra-se à minha frente. Enche o meu campo visual, faz-me sentir vazia. – *Não!* – Apresso-me a entrar no quarto às escuras. A minha irmã, enroscada no chão, o rosto virado para longe de mim. Uma tesoura de lâminas compridas apertada na sua mão frágil, e uma poça negra à sua volta. – Beth, não – sussurro, já sem ar nos pulmões, sem sangue nas veias. Caio de joelhos, levanto-a; ela é tão leve, tão insubstancial. Durante um segundo sinto-me atordoada pela dor, e depois ela vira o rosto para mim, e tem os olhos abertos, focados nos meus, e eu rio-me alto, aliviada.

– Erica? – A sua voz é fraca.

– Oh, Beth! O que é que foste fazer? – Acaricio e afasto-lhe o cabelo do rosto, e depois percebo. Ela cortou-o todo, todo o seu cabelo. A poça escura no chão são os montes do seu cabelo cortado. Sem ele, parece-se com uma rapariguinha; tão vulnerável. – O teu cabelo! – exclamo, e depois rio-me e beijo-a na face. Ela não se cortou, não está a sangrar.

– Não o consegui fazer. Eu queria mas... o Eddie...

– Tu *não* o querias fazer! Tu *não* o queres fazer! Eu sei que não o queres, que não o queres mesmo – digo-lhe. Puxo-a mais para os meus braços, embalo-a suavemente.

– Queria! Queria mesmo! – chora ela, zangada, e penso que se afastaria de mim se tivesse forças. – *Porque é que o obrigaste a dizer-te? Porque é que não me ouviste?*

– Porque teria de acontecer. E aconteceu. Mas ouve-me... Beth, estás a ouvir? Isto é importante. – Olho para cima, vejo o meu reflexo no espelho do toucador. Pareço cinzenta, espectral. Mas consigo vê-la nos meus olhos, a verdade, à espera de ser dita. Respiro fundo. – Beth, o Henry não morreu. O *Harry* é o Henry! É verdade! O Dinny contou-me toda a história... Ele não morreu. Eles levaram-no a uma amiga para lhe prestarem os primeiros socorros, e depois andaram com ele por acampamentos diferentes durante anos e anos. Foi por isso que nunca o encontraram em nenhuma das buscas.

– *O quê?* – sussurra ela. Observa-me como se eu fosse uma cobra, à espera do próximo ataque.

– Harry, o Harry com quem o teu filho passou as férias de Natal a brincar, o Harry é o *nosso primo Henry*. – Oh, eu quero libertá-la; quero que ela se recomponha! No silêncio que se segue, oiço-a a respirar. A agitação do ar a ser impelido para fora do seu corpo.

– Isso não é verdade – murmura ela.

– É verdade, Beth. É verdade. Acredita. O Dinny não quis contar a ninguém o que aconteceu, por isso o Mickey pensou que tinha sido o *Dinny* a fazê-lo, e eles não queriam que o levassem...

– Não, não, *não!* Nada disso está certo! Eu matei-o! Eu *matei-o*, Rick. – A sua voz ergue-se até um lamento, enfraquece até um gemido. – Eu matei-o. – Di-lo agora mais calmamente, como se estivesse quase aliviada por soltar as palavras.

– Não, não o mataste – insisto.

– Mas... eu atirei aquela pedra... era demasiado grande! Nunca a devia ter atirado! Nem sequer o Henry teria atirado uma pedra tão grande. Mas eu estava tão zangada! Estava *tão* zangada que só o queria fazer *parar!* A pedra voou tão alto – sussurra ela.

Agora consigo vê-lo. Finalmente, finalmente. Como se tivesse estado sempre ali. Não se ensinam as raparigas a atirar como deve ser. Ela lançou todo seu corpo com a pedra, soltou-a demasiado cedo, atirou-a demasiado alto. Perdemo-la de vista contra o céu incandescente de Verão. Henry já se estava a rir dela, a rir-se da ineficácia do seu lançamento. Ainda se estava a rir quando a pedra voltou a descer, quando lhe atingiu a cabeça com o som errado. Ruidoso, e errado. Todos percebemos de imediato como aquele som era errado, apesar de nunca o termos ouvido antes. O som era o da pele a rasgar-se, de uma pancada no osso. Foi esse som que ainda agora me deixou doente. Como se o estivesse a ouvir de novo pela primeira vez, e só agora o rejeitasse. E depois todo aquele sangue, e o seu olhar vidrado, e a minha corrida para a água, e a nossa fuga. Vejo-o agora. Por fim.

– Não o matei? – acaba Beth por sussurrar, os olhos a perscrutarem-me o rosto, a sondarem-me em busca da verdade.

Abano a cabeça e sorrio-lhe.

– Não. Não o mataste.

Vejo o alívio a atravessar-lhe o rosto, lentamente, tão lentamente; como se mal se atrevesse a acreditar. Abraço-a com força, e sinto-a a começar a chorar.

Mais tarde, regresso ao acampamento. Ao princípio da tarde, com o sol a arder entre o nevoeiro. Assim que surgem os primeiros vislumbres do céu – fragmentos diáfanos, estonteantes –, sinto qualquer coisa a derramar-se em mim, a querer sair. Sou avassalada por uma sensação neutra, que se pode transformar em qualquer coisa. Pode transformar-se em alegria. Talvez. Sento-me ao lado de Harry nos degraus da sua carrinha. Pergunto-lhe o que é que está a fazer, e apesar de ele não falar, mostra-me, abrindo as mãos. Um minúsculo canivete numa mão, o pedacinho de uma casca de árvore na outra, e desenhos gravados nela, formas geométricas a sobreporem-se e a embaterem umas nas outras. Ele agora parece-me miraculoso. Tento pegá-lo no braço mas ele sacode-o, não quer que eu o faça. Não o forço. Miraculoso. Que Henry pudesse transformar-se numa alma tão meiga. Teria ele ficado afectado ou, antes, ter-lhe-ia alguma coisa sido arrancada pela pancada de Beth? O rancor? A arrogância infantil, a agressividade? Todas as coisas básicas, todo o legado de Meredith, todo o ódio que ela lhe ensinou. Ele é uma tábua rasa.

Deixo-o continuar a trabalhar, mas ato-lhe as rastas num nó caótico atrás da cabeça para lhe poder ver o rosto. Fico ali sentada com ele e observo-lhe o rosto. E, lentamente, emergem coisas familiares. Algumas das suas feições voltam a encaixar nas formas que eu conhecia. Apenas aqui e ali, apenas alguns traços. O nariz Calcott que todos temos, estreito na cana. A tonalidade azul acinzentada das íris. Ele parece não se importar que eu o observe. Parece não reparar.

– Acho que ele te reconhece – diz Dinny em voz baixa, aproximando-se e parando à nossa frente. Os braços pendem-lhe dos lados, as mãos apertadas em punhos, como se estivesse pronto para alguma coisa. Pronto para reagir. – Daquela primeira vez que o viste nos bosques, e ele te barrou a passagem. Acho que ele te reconheceu, percebes. – Levanto os olhos para Dinny, mas não lhe consigo falar. Ainda não. Os tendões sobressaem-lhe nos antebraços, montículos sob a pele, tensos com o apertar das mãos. Ele tinha razão. Tudo se alterara. Patrick sai da sua carrinha do outro lado da clareira, e dirige-me um aceno solene.

Vou buscar Beth quando a luz começa a desaparecer. Há horas que ela está deitada. A assimilar. Digo-lhe quem está no piso térreo, e ela concorda em ir vê-lo. Com toda a solenidade e horror de alguém a caminho da forca. O seu cabelo brutalmente cortado está espetado em ângulos estranhos, e o seu rosto mantém-se imóvel, forçosamente impassível. Deve ser preciso uma enorme força de vontade para mantê-lo tão imóvel. Na cozinha, as luzes estão acesas. Dinny e Harry estão sentados à mesa, um em frente do outro, a jogarem às cartas e a beberem chá como se o mundo não se tivesse tornado mais tenso e deitado por terra tudo aquilo em que baseávamos as nossas vidas, como um cão a sacudir água enlameada. Dinny levanta os olhos quando entramos, mas Beth apenas olha para Henry. Senta-se a uma distância segura e fita-o. Eu observo e espero. Henry baralha desajeitadamente as cartas, deixando cair algumas sobre a mesa, que depois volta a enfiar no baralho, uma a uma.

– Ele conhece-me? – sussurra Beth; a voz tão fraca, tão precária. Como algo prestes a partir-se. Sento-me ao lado dela, estendo as mãos para a agarrar.

Dinny encolhe ligeiramente os ombros.

– Não há nenhuma maneira de o sabermos. Ele parece... à vontade perto de vocês. Perto de vocês as duas. Normalmente, demora muito tempo a aproximar-se de desconhecidos, por isso...

– Eu pensei que o tinha morto. Durante todo este tempo, pensei que o tinha morto...

– E mataste – diz Dinny, monocórdico. A boca dela abre-se, chocada. – Atingiste-o, e deixaste-o virado de cara para baixo dentro de água...

– Dinny! Não... – tento impedi-lo.

– Se eu não o tivesse puxado para fora, ele *estaria* morto. Portanto, pensa nisso antes de começares a julgar aquilo que eu fiz, aquilo que a minha família fez...

– Ninguém está a julgar ninguém! Éramos apenas miúdos... não sabíamos o que fazer. E sim, foi uma sorte teres tido um raciocínio tão rápido, Dinny – digo.

– Eu mal lhe poderia chamar uma sorte.

– Bem, então chama-lhe o que quiseres.

Dinny volta a respirar fundo, e fita-me de olhos semicerrados, mas Beth começa a chorar. Não são lágrimas suaves, de autocomiseração. São soluços feios, irregulares, arrancados do seu âmago. A sua boca é um buraco vermelho escuro. Gemidos baixos, a erguerem-se de uma escuridão interior que é quase palpável, horrível de se ouvir. Volto a sentar-me, passo os braços à volta dela, como se a pudesse manter inteira. Dinny vai até à janela, encosta a testa ao vidro, como se a coisa que mais quisesse fosse estar longe deste lugar. Pressiono a face contra as costas de Beth, sentindo os estremecimentos a passarem dela para mim. Henry divide as cartas nos seus naipes em pilhas organizadas em cima da mesa. Não consigo começar a decifrar o que sinto por Dinny, o que sinto por aquele segredo que ele guardou. Henry, escondido no labirinto inglês de veredas e colinas verdes; em carrinhas, autocaravanas e camiões; um simples passo ao lado, mas a um mundo de distância das buscas porta a porta que se fizeram por ele em vilas bonitas e organizadas. É demasiado grande. Não o consigo ver com clareza.

Separamo-nos pouco tempo depois, para colocar as nossas respectivas incumbências na cama. Dinny sai para a noite com Henry; eu subo as escadas com Beth. Ela chorou durante muito tempo, e agora está calada. Acho que a sua mente se está a reescrever, como as mentes têm de o fazer, e que precisa de tempo. Espero que precise apenas disso. O seu rosto parece

cru. Não apenas vermelho, não apenas esfregado. Cru como se tivesse sido acabado de fazer, como se ainda tivesse de ser formado, ainda marcado pela vida. Uma delicadeza infantil. Espero ver algo a desaparecer dali, algum do peso afastado, alguma da sombra e medo. É demasiado cedo para o saber. Puxo-lhe os cobertores até ao queixo como uma mãe faria, e ela esboça um sorriso meio trocista.

– Erica – diz, e suspira um pouco –, há quanto tempo estás apaixonada pelo Dinny?

– O quê? – Encolho os ombros para a rejeitar, e apercebo-me demasiado tarde que aquele é um gesto dele que apanhei.

– Não o negues. Está escrito por todo o teu corpo.

– Precisas de dormir. Foi um dia difícil.

– Há quanto tempo? – pressiona-me ela, agarrando-me a mão quando me afasto. Olho para ela. Sob aquela luz, os seus olhos são indecifráveis. Não consigo mentir. Mas não consigo responder.

– Não sei – digo, sucintamente. – Não sei se estou apaixonada por ele. – Dirijo-me à porta, rígida, sentindo-me traída por cada linha do meu corpo, por cada pequeno movimento que faço.

– Erica?

– O que é?

– Eu... sentia-me satisfeita quando dizias que não te lembravas do que tinha acontecido. Eu não queria que tu te lembrasses. Eras tão pequena...

– Não era assim *tão* pequena.

– Bastante pequena. Nada daquilo foi culpa tua, espero que o saibas. Claro que sabes. Não queria que tu te lembrasses porque me sentia tão envergonhada. Não por lhe ter atirado a pedra, mas por ter fugido. Por o deixar ali e nunca o ter dito ao pai e à mãe. Não sei porquê. Não sei porque o fiz! Nunca soube!

– Não foi...

– É uma daquelas coisas que se decidem no momento. Foi a essa conclusão que cheguei, à medida que cresci. Uma decisão tomada num

momento, e assim que está tomada não se pode voltar atrás. Enfrenta-se um erro, mesmo um tão terrível, ou foge-se dele? Eu fugi. Fracassei.

– Não fracassaste, Beth.

– Fracassei, sim. Tu apenas fazias aquilo que eu fazia. Eu era a líder, a mais velha. Se eu tivesse falado logo, ele poderia estar vivo.

– Ele está vivo!

– Ele poderia ter vivido *normalmente*! Não estar tão afectado...

– Beth, não vale a pena pensar nisso. Ele viveu. Agora não se pode voltar atrás. Por favor, pára de te torturares. Eras uma criança.

– Quando penso na Mary e no Clifford... – Lágrimas voltam a subir-lhe aos olhos. Não me consigo lembrar de nada para responder àquilo. Clifford e Mary. As suas vidas ficaram mais arruinadas do que as nossas. Pensar neles é como chumbo a assentar à volta do meu coração.

*

Estou acordada na escuridão densa que antecede o nascer do dia, e esgueiro-me silenciosamente até à cozinha. Aquele estado estranho, simultaneamente exausta e eléctrica. Faço café, bebo-o forte e muito quente. O frio do chão que me atravessa as meias deixa-me os pés dormentes. O pequeno relógio do microondas diz-me que são sete e meia. O silêncio paira na casa, à excepção do estalar do aquecimento enquanto persiste na sua batalha incansável. Vou buscar o jornal de ontem, olho para ele, apática, e não consigo fazer as palavras cruzadas. A cafeína desperta-me o cérebro, mas não me ajuda a pensar. Como é que não podemos dizer aos pais de Henry que ele está vivo? Como é que não o podemos fazer? Não podemos. Mas eles irão querer saber o que aconteceu. Mesmo a Mary plácida, tão destruída, vai querer saber. E Clifford irá querer *justiça*. Justiça à sua maneira. Vai apresentar queixa contra os Dinsdale por rapto, por negligência de cuidados médicos. Provavelmente irá apresentar queixa contra mim e Beth, embora isso fosse mais fácil de aguentar. Talvez danos corporais graves. Obstrução da justiça. Não faço a mínima ideia de quais as queixas que podem ser apresentadas contra crianças. Mas consigo vê-lo

claramente, nós os três presos entre os seus dentes, ele a sacudir-nos sem parar. Por isso, como é que lhes podemos dizer?

Lá fora, o céu ilumina-se devagar. Beth aparece completamente vestida, às dez horas. Pára na soleira da porta com a mala pendurada ao ombro.

– Que tal estás? – pergunto-lhe.

– Estou... bem. Tenho de ir. O Maxwell vai deixar o Eddie depois do almoço de amanhã e não está nada pronto, e... e eu preciso de ir a um cabeleireiro antes que ele chegue. Vai ficar comigo até voltar para a escola, na quarta-feira.

– Oh, certo. Pensei... pensei que fôssemos falar do assunto... Acerca do Henry? – pergunto.

Ela abana a cabeça.

– Ainda não estou preparada para falar dele. Ainda não. No entanto, sinto-me melhor.

– Ótimo, ótimo. Estou satisfeita, Beth. A sério que estou. A coisa que mais quero é que consigas pôr tudo isto para trás das costas.

– Também é isso que quero. – Ela soa mais leve, quase animada; sorri, pronta para partir, aperta convincentemente a mala.

– Só que... não sei o que devemos fazer quanto ao Clifford e à Mary. O que devemos fazer quanto a contar-lhes... – digo. O seu rosto fica desanimado. Acho que ela seguiu a minha linha de raciocínio, só que eu estou algumas horas adiantada. Lambe os lábios, rápida, nervosamente.

– Agora tenho de ir. Mas sinceramente, Rick, acho que não devo ter nada a ver com aquilo que acontecer a seguir. Não tenho esse direito. Não quero ter esse direito. Já lhe fiz o suficiente. Já lhes fiz o suficiente. Acho que nenhuma das minhas ideias seria boa. – Sombras ligeiras voltam a surgir no seu rosto.

– Não te preocupes com isso, Beth. Eu resolvo o assunto. – Pareço tão segura disso. Ela sorri-me, diáfana e maravilhosa como as asas novas de uma borboleta; aproxima-se e abraça-me.

– Obrigada, Erica. Devo-te tanto – diz.

– Não me deves nada. – Abano a cabeça. – És a minha irmã.

Ela aperta-me com toda a força do seu corpo esguio.

Começa a cair granizo de um céu cinzento e pesado quando entramos no carro. Acabei de ligar o motor quando Dinny aparece atrás das árvores e bate na janela.

– Estava com esperança de vos apanhar. Calculei que fosses partir hoje de manhã – diz ele a Beth. Apenas o mais ligeiro indício de uma recriminação, mas o suficiente para formar uma ruga entre as sobrancelhas dela.

– A Beth tem de apanhar o próximo comboio – digo. Ele passa os olhos por mim e assente.

– Olha, Beth, eu só queria dizer... Eu só... ontem à noite quando disse que o tinhas matado, não queria dizer isso... que o tivesses feito deliberadamente ou qualquer coisa do género – diz ele. – Eu costumava perguntar aos meus pais porque é que o Henry era tão filho da mãe. Porque é que era tão mau, um fedelho tão maldoso... Eles disseram-me sempre que quando as crianças se portam assim é porque são infelizes. Por algum motivo estão cheias de medo e de fúria, e vingam-se nas outras pessoas. Claro que na altura não acreditei neles. Pensei que era apenas por ele ser um rapaz mau, mas agora acredito. Claro que é verdade. O Henry não era feliz na altura e, bem, ele é feliz agora. É a alma mais feliz e pacífica que já conheci. Eu só... só achei que devias pensar nisso. – Dinny engole em seco, inclina o queixo na nossa direcção e recua de junto do carro.

– Obrigada – responde Beth. Não o consegue olhar directamente nos olhos, mas está a tentar. – Obrigada por aquilo que fizeste. Por nunca o teres contado a ninguém.

– Nunca faria nada que te magoasse, Beth – diz ele num tom meigo. Os nós dos dedos, à volta do volante, estão brancos. Beth assente, os olhos baixos. – Alguma vez regressarás a estes lados? – pergunta.

– Talvez, acho que sim. Um dia, no futuro – diz ela.

– Então depois vemo-nos por aí, Beth – diz Dinny, com um sorriso triste.

– Adeus, Dinny – despede-se ela, em voz baixa. Ele bate no tejadilho do carro com a palma da mão, e eu afasto-me obediente. Pelo retrovisor, vejo-o

ali parado, mãos nos bolsos, olhos escuros num rosto moreno. Fica ali até desaparecermos de vista.

Hoje é sábado, dia três. A maior parte das pessoas voltarão ao trabalho na segunda-feira. Vou telefonar ao advogado da família Calcott, um tal Mr. Dawlish, de Marlborough, e dizer-lhe que pode colocar Storton Manor no mercado. Tenho decisões a tomar, agora que posso continuar a avançar. Já não há nada em falta, já não há fendas, nem desculpas para procurar. Sinto-me tranquila enquanto ando pela casa. Não quero o rádio aceso, nem a televisão como companhia. Não trauteio, tento não bater em nada; pouso os pés suavemente. Quero ouvir o toque límpido das verdades que agora conheço a retinirem na minha cabeça. Podia deixar tudo – deixar a árvore enorme e todo o azevinho que pinteí de dourado. Podiam ficar, a acumular pó e teias de aranha até o leiloeiro ter chegado e partido com todas as coisas de valor, e os homens das mudanças terem ido buscar o resto. Relíquias deste nosso estranho Natal no limbo. Mas não o consigo suportar. Aqueles restos das nossas vidas devem ser deitados fora, como o caroço da maçã de Meredith no cesto de papéis da sala de estar. Rejeitados e repugnantes.

Trabalhar é bom. Evita que os meus pensamentos se apoderem de mim. Só vou guardar três coisas: a pasta de Caroline com as cartas no seu interior, a fotografia de Nova Iorque e a argola de dentição de Flag. O resto pode ir. Tiro as bolas e as contas, deito fora os restos de Natal que encontro no frigorífico e na despensa, espalhando pelo relvado tudo aquilo de que os pássaros ou as raposas possam gostar. Encontro um alicate numa gaveta da copa, subo as escadas até ao lugar onde a árvore de Natal está presa ao corrimão e corto o arame. «Aí vai madeira!», grito para o vestíbulo vazio. A árvore descai lentamente para um lado, depois cai ao chão como um cão velho. Um estalar delicado e abafado diz-me que não tirei todas as bolas. Agulhas secas caem em cascata dos ramos, cobrem as lajes. Com um suspiro, vou buscar uma pá e uma vassoura e começo a varrê-las. Não consigo evitar imaginar uma vida com Dinny, e visualizo-me com ele. A dormir num beliche estreito nas traseiras da sua ambulância; a fazer o

pequeno-almoço no minúsculo fogão; talvez a trabalhar em cada nova terra. Contratos curtos, substituição de baixas de saúde. A dar explicações. Como se alguém fosse contratar uma professora sem morada fixa. Deitada perto dele todas as noites, a ouvir o seu coração, acordada pelo seu toque.

Oiço uma pancada, e a voz de Dinny arranca-me ao meu devaneio.

– É uma má altura? – A cabeça dele espreita atrás da porta da frente.

– Não, na verdade é o momento perfeito. Podes ajudar-me a levar esta árvore lá para fora. – Sorrio, levanto-me e pestanejo. – Estive de joelhos durante demasiado tempo. E não pelos melhores motivos – digo-lhe.

– Oh? E quais são os melhores motivos? – pergunta Dinny, com um sorriso irónico que me aquece.

– Ora, a rezar, é claro – respondo, toda sinceridade, e ele solta uma gargalhada. Estende-me um envelope.

– Toma. Um postal da Honey. Pela tua ajuda na outra noite, e pelas flores.

– Tira um elástico do bolso, segura-o com os dentes enquanto apanha o cabelo e o afasta do rosto.

– Oh, ela não tinha de fazer isso.

– Bem, depois de teres saído de casa da minha mãe, ela apercebeu-se que não tinha chegado a *agradecer-te*. E agora que as hormonas dela estão a assentar, acho que percebe como tem sido mal-educada durante estas últimas semanas.

– Presumo que tenha tido bons motivos para isso. Não é um momento fácil para ela.

– Ela não o tornou fácil. Mas parece que agora está tudo a correr bem.

– Toma... agarra num ramo. – Abro completamente os dois lados da porta de entrada, e depois de pegarmos na árvore pelos ramos mais baixos, arrastamo-la pelo chão. Ela deixa uma esteira verde atrás de si.

– Talvez não devesse ter varrido antes de tirares a árvore? – observa Dinny.

– Talvez sim – concordo. Abandonamos a árvore no caminho de acesso, sacudimos as agulhas das mãos. Aqui está tudo a pingar humidade, tudo pesado pela água. Há faixas escuras nas árvores, como uma transpiração

febril. As gralhas crocitam do outro lado do jardim. As suas vozes incorpóreas chegam até à casa, ressoam como ecos metálicos; acho que as vejo a observar-nos com os seus pequenos olhos duros, semelhantes a contas metálicas. O meu coração é a coisa mais rápida num raio de vários quilómetros. Os meus pensamentos a menos silenciosa. Olho para Dinny, subitamente tímida. Não consigo dar um nome àquilo que se passa entre nós, não consigo sentir bem a sua forma. – Vem jantar esta noite – digo.

– OK. Obrigado – responde ele.

Fiz uma refeição com tudo o que encontrei de comestível na despensa, no frigorífico, na arca. Esta é a última vez. Depois deitarei o resto fora. Antigas latas de fermento; biscoitos para cão; frascos de melação com tampas enferrujadas; pacotes de bechamel já feito. A casa passará de habitada a vazia, de um lar a uma propriedade. A qualquer momento. Disse-lhe que se quisesse podia trazer o Harry. Pareceu-me justo. Sinto que devia ter alguma responsabilidade a tratar dele, em o apoiar. Mas Dinny apercebeu-se disso, e franziu o rosto, e quando chega às sete horas está sozinho. Um mocho castanho guincha nas árvores atrás dele, anunciando-o. Está uma noite imóvel, fria e húmida como um seixo na margem de um rio.

– A Beth parecia um pouco melhor quando partiu – digo, abrindo uma garrafa de vinho e servindo dois copos grandes. – Obrigada por teres dito... o que disseste. Acerca do Henry ser feliz.

– É verdade – diz Dinny, bebendo um gole que lhe molha o lábio inferior, o cobre de escarlate.

Ele sempre o soube. Ao longo de todo este tempo, de todos estes anos. Não pode saber, como me sinto agora – ao olhar para baixo, e ver que afinal não estava a pisar terreno sólido.

– De qualquer maneira, o que é isto? – pergunta-me ele, revirando a comida com o garfo.

– Galinha provençal. E essas são bolinhas de queijo. Salada de feijão misturada com espinafres enlatados. Porquê? Há algum problema?

– Não, não há problema nenhum. – Ele sorri, e começa corajosamente a comer. Engulo uma grafada de bolinhas. Têm a textura da plasticina.

– É horrível. Desculpa. Nunca fui grande cozinheira – digo.

– A galinha não está muito má – diz Dinny, diplomaticamente. Não estamos nada habituados a isto. Sentados a comer. Conversas banais. A ideia de nós os dois juntos, nesta nova ordem mundial. O silêncio suspende-se.

– A minha mãe disse-me que eras apaixonado pela Beth. Foi por isso que nunca disseste o que tinha acontecido? Para proteger a Beth?

Dinny mastiga lentamente, engole.

– Tínhamos *doze anos*, Erica. Mas não a queria denunciar, não.

– Ainda a amas? – Não quero saber, mas preciso perguntar.

– Ela agora já não é a mesma pessoa. – Dinny baixa os olhos, franze o rosto.

– E eu? Sou a mesma?

– Mais ou menos. – Dinny sorri. – Tão determinada como sempre.

– Não tenho a intenção de o ser – respondo. – Só quero fazer o que está certo. Só quero... que tudo fique bem.

– Sempre quiseste. Mas a vida não é assim tão simples.

– Não.

– Vais voltar para Londres?

– Acho que não. Não, não vou. Não tenho a certeza de onde vou. – Olho para ele ao dizer isto, e não consigo evitar que a pergunta me surja nos olhos. Ele olha para mim, firmemente mas sem me responder.

– O Clifford vai armar sarilhos – acabo por dizer. – Se nós lhes contarmos. Sei que o irá fazer. Mas não sei se conseguiria viver comigo mesma, sabendo o que sei, e deixar que ele e a Mary pensem que o Henry está morto – digo.

– Eles não o reconheceriam agora, Erica – diz Dinny numa voz séria. – Ele já não é o filho deles.

– Claro que é o filho deles! Que mais é que ele é?

– Ele já está comigo há tanto tempo. Cresci com ele. Vi-me mudar... mas o Harry permaneceu na mesma. Como se tivesse gelado no tempo no dia em que aquela pedra o atingiu. Se for alguma coisa, é meu irmão. Ele é agora parte da *minha* família.

– Somos todos uma família, lembras-te? Parece que em mais do que uma maneira. Eles podiam ajudar-te a tomar conta dele... ou eu podia fazê-lo. Ajudar-te a sustentá-lo... financeiramente, ou... Ele é *filho* deles, Dinny. E não morreu!

– Mas morreu. O filho deles morreu. O Harry não é o Henry. Eles iriam afastá-lo de tudo aquilo que ele conhece.

– Eles têm o direito de saber o que lhe aconteceu. – Abano a cabeça, não posso deixar que aquilo fique assim.

– Então, estás a imaginar o Harry a viver com eles, enfiado numa vida convencional, ou nalgum tipo de instituição onde eles o podem visitar sempre que lhes apetecer e ele parado em frente da televisão, durante o resto do tempo?

– Não seria assim!

– Como é que sabes?

– Eu apenas... nem sequer consigo imaginar como as coisas deverão ter sido para eles durante todo este tempo. – Permanecemos calados durante um longo momento. – Não vou decidir nada sem ti – digo-lhe.

– Já te dei a minha opinião – diz Dinny. – Não lhes faria qualquer bem vê-lo agora. E não precisamos de nenhuma ajuda.

Ele abana a cabeça e parece triste. Não consigo suportar aquele pensamento, que estou a deixar Dinny triste. Estendo a mão através da mesa, entrelaço os dedos nos dele.

– Aquilo que fizeste por nós, pela Beth, arcando com as culpas dessa maneira... é enorme, Dinny. Foi uma coisa enorme que fizeste – digo, em voz baixa. – Obrigada.

– Vais ficar? – pergunto-lhe, mais tarde, durante a noite. Ele não responde, mas levanta-se, espera que eu o conduza. Não o levo até ao quarto de

Meredith. Escolho um quarto de hóspedes no piso de cima, no sótão da casa, onde os lençóis estão gelados devido à longa ausência de corpos quentes e as tábuas do soalho chiam quando as atravessamos. O silêncio torna-nos calados, e a noite do lado de lá da janela nua desenha as nossas silhuetas em cinzentos prateados quando nos despimos. A minha pele arrepiava-se quando ele me toca, os meus pêlos minúsculos a eriçarem-se. Ele é tão escuro nesta luz monocromática, o seu rosto uma sombra profunda que não consigo imaginar. Beijo-o na boca, roço os lábios contra os dele, bebo-o. Não quero que exista espaço entre nós, nenhuma parte do meu corpo que não esteja a tocar no dele. Quero enrolar-me à volta dele como hera, como uma corda a unir-nos. Ele não tem tatuagens, *piercings* ou cicatrizes. É inteiro, perfeito. As palmas das suas mãos são ásperas nas minhas costas. Enrola uma mão entre o meu cabelo, puxa-me a cabeça para trás.

Fecho os olhos e vejo com o meu corpo – cada movimento seguro das suas mãos, o toque morno da sua respiração, o seu peso em cima de mim. Puxo-o pelos cotovelos. Quero que ele me cubra, que me esmague. Agora não há nele nada de reservado, nem hesitação, nem pensamentos. Um franzir do rosto de outro género quando coloca as mãos debaixo das minhas ancas, quando me levanta, me encaixa no seu corpo, me puxa com força. Quero impregnar a minha mente com isto, mantê-lo sempre neste quarto comigo; manter o seu sabor na minha língua, fazer com que o ritmo entre cada segundo dure, se torne interminável. Tem suor salgado no lábio superior, murmura palavras entrecortadas contra o meu cabelo. Não quero mais nada.

– Eu podia ficar contigo – digo-lhe depois. Tenho os olhos fechados, confiante. – Podia ficar e ajudar-te com o Harry. Posso trabalhar em qualquer lado. Não devias ter de o sustentar sozinho. Eu podia ajudar. Podia ficar contigo.

– E estar sempre a viajar, e viver como nós?

– E porque não? Afinal, agora não tenho casa.

– Estás muito longe de não teres uma casa. Não sabes o que dizes. – Os seus dedos estão enrolados à volta do meu ombro, e têm o meu cheiro. Inclino-me para ele. A sua pele é quente e seca sob a minha face.

– Mas sei. Não quero regressar a Londres, e não posso ficar aqui. Estou à tua disposição – digo, e o absurdo desta declaração faz-me rir. Mas Dinny não se ri. Há uma tensão crescente na sua expressão que me deixa pouco à vontade. – Não quero dizer... Não me estou a tentar pendurar em ti, ou nada disso – acrescento apressadamente. Nenhum amplexo meu o conseguirá prender se ele quiser partir. Suspira, vira a cabeça para me beijar o cabelo.

– Não seria assim tão mau ter-te pendurada em mim, miúda. – Sorri. – Vamos dormir sobre o assunto. Podemos resolver isso amanhã. – Di-lo de um modo tão suave, tão baixo que decifro as palavras devido ao rugido no seu peito, debaixo do meu ouvido. Profundo e determinado. Mantenho-me acordada durante muito tempo a ouvir a sua respiração a aprofundar-se, a abrandar, a tornar-se regular. Depois adormeço.

Quando acordo, estou sozinha. O céu está liso, de um branco baço, e uma chuva fina cai por entre as árvores. Uma gralha está empoleirada num ramo nu do outro lado da janela, as penas erguidas para se proteger do tempo. De repente, anseio pelo Verão. Pelo calor e pelo solo seco, e por um céu com quilómetros de extensão. Passo a mão pelo lado da cama onde Dinny estava quando adormeci. Os lençóis estão frios. Não há qualquer marca na almofada, nenhuma sombra da sua cabeça. Podia tê-lo imaginado aqui comigo, mas não imaginei. Não o fiz. Não vou correr até lá abaixo. Não vou ficar alarmada. Obrigo-me a vestir, a comer cereais com o que resta do leite. Hoje terei de fazer compras ou partir. Pergunto-me o que será.

Deslizo pelo relvado ensopado, as galochas escorregadias da água, cobertas por folhas mortas. Hoje sinto a cabeça desanuviada, sinto-me objectiva. Talvez seja uma sensação inadequada quando ainda não tomei as decisões que têm de ser tomadas, mas talvez esteja finalmente preparada para as tomar, talvez a sensação seja essa. Tenho uma caixa de coisas para Harry. Encontrei-as nalgumas gavetas da cave, tinha-as destinado ao caixote

do lixo quando me lembrei que ele era capaz de gostar delas. Um rádio *Sony* partido, algumas lanternas antigas, pilhas, lâmpadas, e pequenos objectos metálicos de proveniência desconhecida. Chocalham contra o cartão debaixo do meu braço. As minhas costas doem-me devido ao peso de Dinny a impelir-se contra a minha pélvis. Estremeço, embalo aquela memória física contra mim.

Paro durante algum tempo no centro da clareira do acampamento enquanto a chuva começa a amolecer a caixa. Agora não há ali nenhuma carrinha, nenhum cão, nem colunas de fumo. Está deserta e eu fiquei para trás – sozinha numa clareira vazia, o solo enlameado e revolvido por pés e rodas; e eu, enlameada e revolvida por ele. Por o ter conseguido, e o ter perdido. O meu primo há muito perdido, o meu herói de infância. O meu Dinny. Uma calma e imobilidade perfeitas. Hoje não sopra nem uma brisa. Oíço um carro a acelerar ao longo da vereda da vila, pneus a chiar na água da estrada. Não tenho o seu número de telefone, o seu endereço de *e-mail*, nenhuma pista quanto à direcção em que partiu. Viro-me lentamente, para o caso de haver alguma coisa atrás de mim, qualquer coisa que esperasse por mim, ou alguém.

LEGADO

1911–

O último filho de Caroline nasceu em 1911, muito depois de os ocupantes de Storton Manor terem perdido a esperança de um herdeiro Calcott. Houvera outras gravidezes, mais duas, ambas muito demoradas na sua concepção, mas o corpo de Caroline rejeitara as crianças, e elas perderam-se ainda antes de terem começado a existir. A menina pequena nasceu em Agosto. Era um Verão quente e longo, ninguém se lembrava de um Verão tão quente, e Caroline sufocava, arrastando-se pelo jardim para se sentar, inchada e prostrada na sombra, a dormir. O calor era tanto que, às vezes, ao pairar nos limites do sono, ela imaginava-se de regresso ao condado de Woodward, sentada no alpendre a olhar para o pátio, à espera que Corin regressasse a casa; por isso, quando um criado ou o marido se aproximavam dela, olhava-os por momentos um pouco confusa antes de se lembrar de quem eles eram e onde estava.

Os jardins estavam chamuscados e castanhos. Um rapaz da vila, Tommy Westenfell, afogara-se no lago de orvalho. Um pé ficara preso nas ervas do fundo, e só foi encontrado horas depois pelo seu pai consternado; pálido, imóvel, e de olhos sonolentos. Mrs. Priddy dera um mau jeito ao voltar do talho com uma perna inteira de carneiro, e estivera confinada à cama durante três dias, a sua pele manchada e arroxeadada. Estelle e Liz, a substituta gorducha de Cass, trabalhavam arduamente para fazer o seu trabalho, com a transpiração a ensopar-lhes os uniformes. O cheiro que se sentia por todo o lado era da terra sedenta, da transpiração e ar quente, seco. As lajes de pedra do terraço queimavam os pés de Caroline, através das solas das suas pantufas. Henry Calcott, que nessa altura se sentia

desconfortável ao pé da mulher, ficou em casa o tempo suficiente para saber que a criança nascera em segurança, e depois partira do Wiltshire para ficar com amigos junto ao mar em Bournemouth.

O trabalho de parto foi longo e árduo, e no fim Caroline delirava. O médico forçou-a a ingerir líquidos por um tubo que lhe enfiou na garganta, e ela olhou-o da cama, aterrorizada, sem compreender. Liz e Estelle ficaram com o bebé durante aqueles primeiros dias, fazendo turnos para colocar panos frios na pele da sua senhora para a arrefecer. Caroline acabou por se recompor, mas quando lhe levaram a criança, o seu olhar perscrutou-a, impassível, e depois virou o rosto e não lhe deu de mamar. Encontraram uma ama-de-leite na vila; e Caroline, que se queria certificar que a menina iria viver antes de se atrever a amá-la, descobriu, à medida que os meses e os anos passavam, que deixara isso para demasiado tarde. A menina parecia não lhe pertencer, e não a podia amar. A criança já tinha dois anos quando lhe deram um nome. Estelle, Liz e a ama-de-leite tinham-lhe chamado Augusta durante todo esse tempo, mas um dia Caroline olhou com indiferença para o berço e anunciou que ela se iria chamar Meredith, como a avó.

Meredith era uma criança solitária. Não tinha irmãos com quem brincar e estava proibida de brincar com as crianças da vila que ela via a vaguearem pelos bosques e veredas que cercavam a casa senhorial. Nesse altura, a casa já estava em declínio, e a vila de Barrow Storton era um lugar silencioso e triste, tendo a maior parte dos seus jovens partido para a guerra e morrido no continente. Henry Calcott passava grande parte do seu tempo na cidade, onde o jogo consumira tanto dinheiro que vários membros do pessoal, incluindo Liz e a criada da copa, tiveram de ser mandados embora, deixando Mrs. Priddy para manter a casa o melhor que conseguia apenas com Estelle para a ajudar. Mrs. Priddy era amável para Meredith, deixando que ela comesse os restos das empadas na cozinha, e que tivesse um coelho de estimação numa grade no exterior da porta da cozinha, onde ela o alimentava com cenouras e as folhas velhas e rasgadas das alfaces. Cinco

manhãs por semana vinha uma preceptora para ensinar Meredith a escrever, para lhe ensinar música, bordados e postura. Meredith odiava tanto as lições como a preceptora, e fugia para o jardim assim que tinha essa oportunidade.

Mas Meredith ansiava pela mãe. Nessa altura já Caroline era uma criatura alheia ao mundo, que ficava sentada durante horas num roupão branco, ou junto à janela ou no relvado, a contemplar a distância, a ver só Deus sabia o quê. Quando Meredith a tentava abraçar, ela tolerava-o durante um momento e depois afastava os braços da criança com um ligeiro sorriso, dizendo-lhe vagamente para ir brincar. Mrs. Priddy admoestava-a para não cansar a mãe, e Meredith seguia essas instruções à risca, temendo ser de algum modo responsável pela letargia persistente da mãe. Por isso, mantinha-se afastada, pensando que se o fizesse a mãe não ficaria tão cansada e levantar-se-ia, sorriria e amá-la-ia mais. Brincava sozinha, a ver os pombos nos telhados a cortejarem-se e a fazerem vénias uns aos outros. Observava as rãs a desovarem no lago ornamental, as caudas a nascer e os girinos a aparecer. Observava os gatos da cozinha enquanto perseguiam ratos indefesos, e depois os devoravam com estalidos rápidos e superficiais. E observava os Dinsdale na clareira entre os bosques. Observava-os sempre que podia, mas era demasiado tímida para deixar que eles a vissem.

Os Dinsdale tinham três filhos: um bebé minúsculo, que andava de um lado para o outro preso a uma faixa às costas da mãe; uma menina pequena com cabelo loiro, como o da mãe, poucos anos mais velha do que Meredith; e um rapaz, moreno, de aparência estranha, cuja idade Meredith era incapaz de calcular, que andava para todo o lado com o pai e brincava com a irmã mais nova, sorrindo quando a provocava. A mãe deles era bonita e estava sempre a sorrir, rindo-se das suas brincadeiras e abraçando-os. O pai era mais sério, tal como Meredith compreendia que os pais deviam ser, mas também era frequente sorrir, e colocava o braço à volta do rapaz, ou erguia a menina no ar para a colocar em cima dos ombros. Meredith não conseguia imaginar o seu pai a fazer uma tal coisa com ela – só de pensar nisso sentia-se pouco à vontade. Assim, Meredith observava aquela família, fascinada, e apesar de serem felizes e animados, ela terminava as suas visitas

clandestinas a sentir-se chorosa e sombria, sem saber que os tinha observado porque os invejava, e ansiava que a sua mãe a abraçasse da mesma maneira.

Um dia, cometeu um erro. A mãe estava no relvado na sua cadeira de verga, um jarro de limonada por tocar numa mesa ao seu lado, com moscas sedentas a pousarem sem medo na cobertura de renda bordada com contas. Meredith emergiu dos bosques e ficou espantada por a ver ali. Ajeitou imediatamente as saias, e enfiou o cabelo atrás das orelhas. A mãe não levantou os olhos quando ela se aproximou, mas esboçou um sorriso débil assim que a filha parou à sua frente.

– Bem, criança, onde esteve todo o dia? – perguntou-lhe a mãe numa voz que era suave e seca, e parecia vir de muito longe. Meredith dirigiu-se até junto dela, e pegou-lhe hesitantemente na mão.

– Estive nos bosques. A explorar – disse. – Quer que lhe sirva uma limonada, mamã?

– E o que é que encontrou nos bosques? – perguntou a mãe, ignorando a oferta da limonada.

– Vi os Dinsdale... – disse Meredith, e depois levou a mão à boca. Mrs. Priddy avisara-a para nunca mencionar os Dinsdale à mãe, embora ela não soubesse porquê.

– Viu o quê? – exclamou a mãe. – A menina sabe que isso não é permitido! Espero que não tenha andado a falar com essas pessoas?

– Não, mamã – disse Meredith em voz baixa. A mãe voltou a recostar-se na cadeira, franzindo a boca numa linha exangue. Meredith decidiu-se. – Mas, mamã, *porque* é que não posso falar com aquelas pessoas?

– Porque são nojentas! Ciganos, funileiros vilões! São ladrões e mentirosos, e não são bem-vindos aqui... e a menina *não* se deve aproximar deles! *Nunca!* Compreende? – A mãe inclinou-se para a frente na cadeira como um chicote a estalar, e agarrou o pulso de Meredith com tanta força que a magoou. Meredith assentiu, receosa.

– Sim, mamã – sussurrou.

Eles não são bem-vindos aqui. Meredith tomou em consideração aquelas palavras. Quando os voltou a observar da vez seguinte, a sua inveja transformou-se em ciúme, e em vez de querer brincar com eles e partilhar a sua existência feliz, começou a desejar que eles não *tivessem* semelhante existência. Observava-os todos os dias, e todos os dias ficava mais zangada com eles, e mais triste interiormente, de modo que começou a parecer-lhe que os Dinsdale eram o *motivo* da sua tristeza. Tanto da dela como da da mãe. Se ela pudesse fazer com que se fossem embora, pensou, a mãe iria ficar satisfeita. Decerto que *ficaria* satisfeita.

Num dia quente do Verão de 1918, Meredith ouviu as crianças Dinsdale a brincarem junto do lago de orvalho. Aproximou-se mais, por entre a luz mosqueada sob as árvores, depois parou atrás do tronco macio de uma faia, e observou-os a saltarem para dentro e para fora de água. Aquele parecia ser um divertimento enorme, embora Meredith nunca tivesse nadado, por isso não podia ter a certeza. No entanto, desejou poder experimentar. A pele picava-lhe do calor, e a ideia de toda aquela água límpida e fria a passar por cima dela era tão tentadora que a fez sentir-se fraca. Os Dinsdale lançavam ao ar arcos de gotas cristalinas, e Meredith reparou como sentia a boca seca. A pele do rapaz era muito mais escura do que a da irmã. Tinha uma tonalidade de noz, e o seu cabelo espesso era de um negro tinta. Ele provocava a rapariguinha e mergulhava-a debaixo de água, mas Meredith viu que ele a vigiava secretamente e que se certificava que ela ainda se estava a rir, quando a voltava a mergulhar.

Debruçou-se para os ver melhor, e depois ficou paralisada no lugar onde se encontrava. Os Dinsdale tinham-na visto. Primeiro o rapaz, que saíra da água e estava de pé na margem, a água a escorrer-lhe da bainha dos calções curtos, depois a rapariga, que se voltou, ainda a chapinhar, para ver aquilo para que o irmão estava a olhar.

– Olá – disse-lhe o rapaz, de um tão modo tão natural e amistoso que Meredith sentiu o coração prestes a explodir-lhe no peito. – Quem és tu?

Meredith ficou espantada que ele não o soubesse, quando ela sentia que os *conhecia* tão bem. Sentiu-se ultrajada por eles não saberem quem era.

Levantou-se, permaneceu completamente imóvel e sem respirar, sem saber se devia ficar ali ou fugir.

– Meredith – sussurrou, passado um silêncio longo e desconfortável.

– Sou a Maria! – chamou a menina, os braços a agitarem-se freneticamente por baixo de água.

– E eu o Flag. Queres entrar e dar um mergulho? É bastante seguro – disse-lhe o rapaz. Levou as mãos às ancas e examinou-a, a cabeça inclinada para um lado. A sua pele molhada brilhava sobre a curva das pernas e braços, e a luz líquida da água dançava-lhe nos olhos. Meredith sentiu-se quase demasiado tímida para lhe responder. Pensou que ele era belo, e não soube o que dizer.

– Que tipo de nome é *Flag*? – perguntou, desdenhosa, apesar de o tentar evitar.

– É o meu nome. – Ele encolheu os ombros. – Então, vives na casa grande?

– Sim – respondeu ela, as suas palavras ainda relutantes em sair.

– Bem – continuou Flag, passada uma pequena interrupção –, queres vir nadar connosco ou não?

Meredith sentiu as faces a arderem-lhe, e inclinou o queixo para baixo para se esconder. Não lhe era permitido nadar. Nunca nadara – mas a tentação era tão grande e, pensou, quem é que o iria descobrir?

– Eu... eu não sei nadar – foi forçada a admitir.

– Então chapinha. Eu tiro-te da água, se cáíres. – Flag encolheu os ombros. Meredith nunca ouvira a palavra *chapinhar* anteriormente, mas pensou compreendê-la. Com os dedos a tremer devido à excitação ilícita da desobediência, sentou-se na terra estalada e descalçou as botas, depois avançou cuidadosamente até à borda da água. Não era *mesmo* desobedecer, disse a si mesma. Nunca ninguém lhe dissera nada acerca de não chapinhar.

Deslizou os últimos centímetros pela margem íngreme abaixo, e soltou um arquejo, nervosa, quando os seus pés se enfiaram na água.

– Está tão fria! – guinchou, a arrastar-se rapidamente para cima. Maria soltou uma risadinha.

– Só está fria quando entras. Depois está ótima! – disse.

Meredith voltou a avançar lentamente, e deixou que a água lhe subisse até aos tornozelos. O frio cortante fez com que os ossos lhe doessem, lançando-lhe arrepios por todo o corpo. Com um grito, Flag deu uma corrida curta e saltou para o meio do lago, dobrando os joelhos e envolvendo-os com os braços. O mergulho fez com que uma onda submergisse Maria e ensopasse uns quinze centímetros do vestido de Meredith.

– Agora vê o que fizeste! – exclamou ela, receosa que Mrs. Priddy ou a mãe vissem e descobrissem o que ela andara a fazer.

– Flag! Não – disse-lhe Maria, alegremente, quando ele voltou à superfície, a cuspir água.

– Isso seca num instante – disse-lhe Flag, descuidado. Tinha o cabelo colado ao pescoço, tão lúcido como pêlo de lontra. Meredith saiu da água, zangada, sentou-se na margem e observou os pés, que tinham passado de rosa a um branco vivo depois de ficarem molhados.

– Flag... pede desculpa! – ordenou Maria.

– Desculpa ter-te molhado o vestido, Meredith – disse Flag, revirando os olhos à irmã. Mas Meredith não respondeu. Ficou ali sentada, a vê-los nadar durante mais algum tempo, mas a sua presença taciturna pareceu estragar o divertimento dos irmãos e, pouco depois, eles saíram da água e vestiram o resto da roupa.

– Queres vir tomar chá connosco? – perguntou-lhe Maria, o seu sorriso um pouco menos espontâneo que anteriormente. Flag encontrava-se um pouco afastado, e pronto a partir. A água escorria-lhe do cabelo e molhava-lhe a camisa, colando-lha à pele. Meredith queria olhar para ele, mas os seus olhos desviavam-se, enfurecidos, quando o tentava fazer.

Abanou a cabeça.

– Não me é permitido – disse.

– Então vamos, Maria – disse Flag, um pouco impaciente.

– Então, adeus. – Maria encolheu os ombros, e acenou ligeiramente a Meredith.

Foram necessárias quase duas horas para que o algodão grosso do vestido secasse por completo, e durante esse tempo Meredith manteve-se nos limites do jardim, onde apenas o jardineiro a poderia ver. Era um homem velho e não prestava muita atenção a nada, a não ser as suas plantas. Ela pensou no seu chapinhar, e no convite de Maria para o chá, e no cabelo molhado de Flag a brilhar, e cada uma dessas coisas lhe causou uma sensação esfuziante, que contrastava com o ressentimento que sentira anteriormente. Fê-la saltar um pouco, e sorrir animadamente. Imaginou como seria ir beber chá, ver o interior da carroça coberta que ela observara tantas vezes entre as árvores, conhecer a mãe deles, loira e afectuosa, que os abraçava e lhes estava sempre a sorrir. *Como esta, Mrs. Dinsdale?* Praticou a frase numa voz muito baixa, sob a protecção segura e silenciosa da estufa. Mas não havia dúvidas de que aquela seria uma enorme desobediência. E falar com Flag e Maria também o fora, apesar de poder arranjar uma desculpa quanto ao chapinhar. Só de pensar naquilo que poderia acontecer se a mãe descobrisse fez com que se voltasse a sentir desanimada; e quando a chamaram para o chá, ela certificou-se de que se mantinha calada e quieta, para não denunciar nada.

Durante dias, Meredith sentiu-se consumida por pensamentos e devaneios acerca dos Dinsdale. Encontrava-se tão raramente com outras crianças; apenas primos de visita, ou os filhos de outros convidados que ficavam na casa durante pouco tempo, por isso nunca os chegava mesmo a conhecer. Sabia que era suposto desprezar os funileiros, e sabia todas as coisas que a mãe lhe dissera a respeito deles, e ainda ansiava mais do que tudo agradar à mãe e fazê-la feliz, mas a ideia de ter amigos era irresistível. Uma semana depois, estava a brincar na sombra gradeada dos portões altos de ferro quando viu Flag e Maria a caminharem ao longo da vereda na direcção da vila. Eles não a iriam ver a não ser que ela os chamasse, e por um segundo ficou paralisada, dividida entre a ansiedade que sentia por lhes voltar a falar e a noção de que não o devia fazer – e muito menos do portão, que era visível da casa, se houvesse alguém a olhar pelas janelas viradas a leste. Desesperada, chegou a uma espécie de compromisso e desatou a cantar

numa voz muito alta – a primeira coisa que lhe veio à cabeça, uma música que ouvira Estelle a cantar quando pendurava a roupa no estendal.

– *Eu gostaria de ver o Kaiser, com um lírio na mão!* – berrou, desafinada, saltando de uma barra de sombra para a outra. Flag e Maria viraram-se e, ao vê-la, aproximaram-se dos portões.

– Olá outra vez – saudou-a Maria. – O que é que estás a fazer?

– Nada – respondeu Meredith, o coração a martelar-lhe dentro do peito. – O que é que vocês estão a fazer?

– Vamos à vila comprar pão e *Bovril*⁶, para o chá. Também queres vir? Se conseguirmos comprar um pão partido vai sobrar meio *penny* para podermos comprar rebuçados. – Maria sorriu.

– Não necessariamente – contrariou-a Flag. – Se sobrar o suficiente temos de comprar manteiga, lembra-te?

– Oh, mas nunca sobra o suficiente para comprarmos manteiga! – ripostou Maria ao irmão.

– São vocês que têm de ir às compras? – perguntou Meredith, intrigada.

– Claro, tola! Quem mais poderia ir? – Maria riu-se.

– *Tu se calhar tens criados para correrem a ir comprar o teu chá, não tens?* – perguntou Flag, um pouco desdenhoso.

Meredith mordeu o lábio, as faces quentes e coradas. Ela até raramente ia à vila. Fora umas poucas vezes a acompanhar Mrs. Priddy ou Estelle nalgum recado, mas apenas quando o pai não estava, a sua mãe estava deitada, e tinham a certeza de que não teria maneira de saber.

– Então, queres vir?

– Não me é permitido – disse Meredith, numa voz infeliz. As suas faces arderam-lhe ainda mais, e Flag inclinou a cabeça na sua direcção, um brilho travesso a surgir-lhe nos olhos.

– Parece que há muita coisa que não te é permitido fazer – observou ele.

– Cala-te! A culpa não é *dela!* – admoestou-o Maria.

– Vem lá... desafio-te a vir. Ou se calhar só estás com medo – disse ele, arqueando uma sobrancelha.

Meredith olhou para ele, desfiadora.

– Não estou! Só que... – hesitou. Ela *tinha* medo, era verdade. Medo de ser descoberta, medo das alterações de humor rápidas como relâmpagos da mãe. Mas seria tão fácil escapar-se e voltar sem que ninguém reparasse. Só a pior das sortes faria com que ela fosse descoberta naquele comportamento ultrajante.

– Cobarde, cobarde! – cantou Flag, em voz baixa.

– Não lhe prestes atenção – aconselhou-a Maria. – Os rapazes são *estúpidos*. – Mas Meredith estava a prestar atenção, queria impressionar aquele rapaz de olhos negros, queria ser amiga da irmã dele, e queria ser tão livre como eles, para ir e vir, e para comprar doces na vila e pão para o chá. Os portões de Storton Manor pareciam fechar-se acima da sua cabeça, ainda mais altos e severos. Com os nervos em franja, estendeu a mão para o trinco, abriu um intervalo estreito e esgueirou-se para a vereda.

Flag avançava à frente delas, deixando Maria e Meredith a andarem lado a lado, a apanharem flores silvestres das sebes, e a dispararem perguntas uma à outra – como era viver numa caravana, como era viver numa mansão, quantos criados é que havia e como é que se chamavam, e porque é que Meredith não ia à escola, e como é que era a escola e o que é que eles faziam ali? Na vila, pararam à porta do barracão do ferreiro para o ver a pressionar uma ferradura de ferro quente na pata de um cavalo de quinta, cujos cascos tinham o tamanho de pratos de jantar. Nuvens de um fumo acre erguiam-se entre eles, mas o cavalo nem pestanejou.

– Não o magoa? – perguntou Meredith.

– Claro que não. Tal como não te magoa quando te cortam o cabelo. – Flag encolheu os ombros.

– Toca a andar, estão a fazer sombra sobre o trabalho – disse o ferreiro, que era velho, de cabelo branco e de olhar sério, por isso seguiram até à mercearia. Compraram um pão partido e um frasco de *Bovril*, e apesar de sobrar apenas o suficiente para dois pequenos ratos de açúcar, a senhora atrás do balcão sorriu a Meredith e deu-lhes um terceiro.

– Não é frequente vê-la na vila, Miss Meredith – disse a senhora, e Meredith susteve a respiração. Como é que a mulher sabia quem ela era? E

iria ela contar a Mrs. Priddy? O seu rosto empalideceu e lágrimas de pânico subiram-lhe, quentes, aos olhos. – Pronto, pronto. Não fiques tão preocupada! O teu segredo está em segurança comigo – disse a mulher.

– Obrigada, Mrs. Carter! – disse Maria alegremente, e saíram da loja para devorar os seus doces.

– Porque é que não te deixam vir à vila? Não te vai acontecer nada de mal – disse Flag, ao pararem junto do lago para verem os patos a nadar indolentes. Sentaram-se na relva e Meredith mordiscou o seu rato de açúcar, determinada a fazê-lo durar. Comia doces tão raramente.

– A mamã diz que não é adequado – respondeu Meredith.

– O que é que quer dizer adequado? – perguntou Maria, a lamber os dedos, gulosa. Meredith encolheu os ombros.

– Quer dizer que ela é demasiado fina para se misturar com os aldeões. Com pessoas como nós – disse Flag, divertido. As raparigas pensaram naquilo durante um bocado, num silêncio meditabundo.

– Então... o que é que aconteceria se a tua mãe descobrisse que vieste até aqui connosco? – perguntou Maria, por fim.

– Eu seria... avisada para não o voltar a fazer – disse Meredith, insegura. De facto, não tinha qualquer ideia. Ela fora avisada até para não olhar para os Dinsdale. Agora escapulira-se dos jardins e fora à vila com eles, e falara muito com eles, e fora vista na mercearia por uma mulher que sabia como se chamava, e fora tudo maravilhoso. A custo, engoliu o último pedaço do seu rato de açúcar, que perdera toda a doçura. – Eu devia voltar – disse, nervosa, e levantou-se apressada. Como se se tivessem apercebido de uma mudança na sua disposição, os Dinsdale levantaram-se sem discussões e voltaram a subir a vereda.

Junto dos portões, Meredith voltou a deslizar entre o intervalo o mais depressa que conseguiu e fechou o portão, sem se atrever a olhar para a casa, não se fosse dar o caso de estar alguém a ver. O sangue pulsava-lhe nas veias, e só quando o portão se fechou é que se sentiu um pouco mais segura. Agarrou-se às grades em busca de apoio, enquanto recuperava o fôlego.

– És mesmo estranha, isso sim – disse Flag, com um sorriso perplexo.

– Vem tomar chá connosco amanhã – convidou-a Maria. – A mãe disse que podias vir... já lho perguntei.

– Obrigada. Mas... não sei – respondeu Meredith. Estava a sentir-se exausta pela sua aventura, e mal conseguia pensar nalguma coisa excepto em afastar-se dos portões sem que ninguém a visse a falar com eles. Os Dinsdale afastaram-se e Meredith encostou o rosto às grades para os ver partir, pressionando o metal frio contra a pele. Flag puxou um ramo comprido da sebe e enfiou-o na blusa de Maria, e a rapariguinha loira torceu-se e esticou o pescoço para lhe tentar chegar. Ao desaparecerem de vista, Meredith virou-se e viu a mãe de pé na janela do corredor do piso de cima, a olhar para ela. Atrás do vidro, o seu rosto estava fantasmagoricamente pálido, e os olhos demasiado abertos. Parecia-se com um espectro, gelado e num tormento eterno.

O coração de Meredith pareceu parar, e ela pensou desesperadamente em fugir para a zona mais afastada do jardim. Mas isso ainda iria piorar mais as coisas, percebeu num momento de lucidez fria. Sentiu de repente vontade de urinar, e pensou durante um segundo hediondo que iria fazê-lo nas cuecas. Com as pernas trémulas, iniciou um progresso lento em direcção à casa, subiu as escadas e avançou pelo corredor até ao lugar onde a mãe se encontrava.

– Como é que se atreveu? – sussurrou Caroline. Meredith olhou para os pés. O seu silêncio pareceu enfurecer ainda mais a mãe. – *Como é que se atreveu?* – gritou ela, tão alto e roucamente que Meredith saltou, e começou a chorar. – Responda-me... onde é que esteve com eles? O que é que estiveram a fazer?

Mrs. Priddy apareceu de uma sala ao fundo do corredor, e apressou-se a percorrê-lo para parar, protectora, atrás de Meredith.

– Sua senhoria? Passa-se alguma coisa? – perguntou a governanta, acanhada.

Caroline ignorou-a. Inclinou-se para a frente, agarrou Meredith pelos ombros e sacudiu-a bruscamente.

– *Responda-me!* Como é que se *atreveu* a desobedecer-me, rapariga? – atirou, o seu rosto magro embrutecido pela fúria. Meredith começou a chorar ainda mais, lágrimas de puro medo a caírem-lhe pelas faces. Endireitando-se, Caroline inspirou e as suas narinas tornaram-se ainda mais brancas. Observou a filha por instantes, depois esbofeteou-a violentamente no rosto.

– Sua senhoria! Chega! – exclamou Mrs. Priddy. Meredith caiu num silêncio chocado, os olhos fixos nas saias da mãe, sem se atrever a sair dali. Caroline voltou a agarrar-lhe o braço e arrastou-a bruscamente para o seu quarto, empurrando-a tão abruptamente para o interior que Meredith caiu.

– Vai ficar aí dentro, e só volta a sair quando tiver aprendido a lição – disse Caroline com frieza. Meredith limpou o nariz, e sentiu a face a latejar onde a mãe lhe batera. – É uma criança maldosa. Nenhuma mãe poderia alguma vez amá-la – disse Caroline; e a última coisa que Meredith viu antes de a porta se fechar foi a expressão atordoada de Mrs. Priddy.

Durante uma semana, Meredith ficou trancada no quarto. Tinham sido dadas ordens ao pessoal para a alimentarem apenas com pão e água, mas assim que Caroline se retirava, Estelle e Mrs. Priddy levavam-lhe biscoitos, *scones* e sanduíches de fiambre. Escovavam-lhe o cabelo, contavam-lhe histórias engraçadas, e punham-lhe creme de arnica no lábio que a bofetada deixara inchado, mas Meredith permanecia silenciosa e fechada dentro de si, e elas trocavam olhares preocupados por cima da sua cabeça. *Nenhuma mãe poderia alguma vez amá-la.* Meredith recordava aquelas palavras e recusava-se a acreditar nelas. Ela iria *fazer* com que a mãe a amasse, decidiu. Iria provar que não era maldosa, iria esforçar-se por ser boa, obediente e decorosa em todas as coisas, e iria dessa forma conquistar o coração da mãe. E iria banir os funileiros. Por causa deles, a mãe não a podia amar. *Eles não são bem-vindos aqui.* Permanecia imóvel na cama e sentia a sua antiga fúria contra os Dinsdale, o seu antigo ressentimento, a acumular-se num manto abafado que lançava uma sombra escura sobre o seu coração.

⁶ Marca de extracto de carne salgado, vendido em frascos e muito popular em Inglaterra. (*N. da T.*)

EPÍLOGO

Parece que, finalmente, a Primavera poderá vencer. Estamos fartos da fase dos narcisos enlameados, ultrapassada a semana em que os botões suaves das árvores foram arrancados pelo vento e pela chuva e deixados a apodrecer na berma da estrada em montículos rosa e castanhos. Agora há rachas finas na terra do meu relvado rasteiro, e pequenos pardais alinham-se ao longo da vedação, os bicos amarelos e largos e as penas felpudas. Eu talvez arranjasse um gato se não fosse por estes passarinhos absurdos, empoleirados lado a lado como contas num fio. Verifico diariamente o seu progresso. O último inquilino estacionou aqui as suas motos, e empilhou os destroços da sua *bricolage*, por isso não há muita relva, mas acho que agora irá crescer. O sol proporciona, por fim, um pouco de calor. Sento-me debaixo dele, inclino o rosto na sua direcção como um malmequer, e sinto finalmente o Verão a chegar.

Acabou por ser um alívio que todas as decisões tivessem sido tomadas por outrem. Tomadas por Dinny. O que é que eu podia dizer a Clifford e a Mary? Que Harry estava vivo mas perturbado, e que apesar de o ter visto várias vezes durante o Natal não lhes dissera nada, e que não fazia a mínima ideia que era ele? E porque é que eu tentaria sequer ficar na casa, tendo todos eles partido? Beth, Dinny, Harry. Henry. Mas não fui para longe. Acho que essa foi a decisão que eu já tinha tomado. Não havia dúvidas de que não queria voltar a Londres, isso seria retroceder. E nos limites de Barrow Storton havia esta pequena casa para alugar. Uma habitação de dois pisos e quatro assoalhadas, duas por piso, dos anos 1950, na ponta de uma curta fila de casas idênticas. Dois quartos, de modo que Beth e Eddie possam ficar cá, e uma grande vista do meu quarto na parte da frente. Fica do lado oposto da vila em relação à mansão. Consigo ver até ao outro lado

do vale, com a vila no fundo, e ainda se vê um canto da casa por entre as árvores distantes. Agora vê-se cada vez menos, já que as árvores começam a inchar com folhas. Depois as colinas ondulam, reunindo-se na elevação tumular no horizonte.

Sinto-me muito serena aqui. Sinto que pertença. Tenho a sensação de que não devia estar a fazer mais nada, nem ter algo em que pensar, nem algo a querer mudar. Na verdade, nem sequer estou à espera, faço questão de não esperar. Dou aulas em Devizes, passeio muito. Visito George Hathaway para beber chávenas de chá e comer biscoitos. Por vezes, sinto a falta das pessoas que costumava ver em Londres – não propriamente pessoas específicas, mas ter tantos rostos à minha volta. A ilusão de companhia. Mas aqui tenho tendência para reparar ainda mais neles, nos rostos que vejo. As pessoas já não fazem parte de uma multidão como faziam. Tornei-me amiga dos meus vizinhos, Susan e Paul, e por vezes tomo contas das suas filhas de graça, porque as meninas usam calças remendadas demasiado curtas e não vão ao *ballet*, nem ao judo, nem têm lições de equitação. Não têm nenhum trampolim no pátio das traseiras. A expressão de Susan passou de desconfiança a uma alegria incrédula quando me ofereci. As meninas têm bom feitio e, a maior parte das vezes, fazem aquilo que lhes mandam. Levo-as a dar passeios no meio da natureza nas planícies ou ao longo da margem do rio; fazemos bolos de *cornflakes* e chocolate quente enquanto Susan e Paul vão ao *pub*, ao cinema, às lojas, para a cama.

Honey sabe que estou aqui, tal como Mo. Voltei para visitar Haydee, e disse-lhes onde estava a viver e desde essa altura que as duas já me vieram visitar. Poli a campainha de prata baça da argola de dentição de Flag, deixei-a muito brilhante e enfiei-a no berço de Haydee. Ela agarrou-a com uma mão gorducha e meteu-a imediatamente na boca. *Era do teu bisavô*, sussurrei-lhe. Escrevi a minha morada e disse a Honey para a guardar para o caso de alguém perguntar por ela. Honey lançou-me um olhar directo, solene, depois arqueou uma sobrancelha. Mas não disse nada. Agora voltou para a escola, e Mo passa por cá com Haydee no carrinho. Vem a pé desde West Hatch, diz que o ar fresco e o movimento são a única coisa que faz o

bebé dormir. Quando chega ali, ao ponto mais afastado da viagem, reanimou-a com chá. Mo arrasta-se um pouco, as costas doem-lhe, e quando chega junto de mim está quase sempre cheia de calor, a puxar a *T-shirt* para a descolar do peito. Mas adora Haydee. Enquanto faço chá, ela ajeita a manta sobre a criança e não consegue evitar sorrir.

Tenho a fotografia de Caroline com o seu bebé no peitoril da janela. Acabei por nunca a dar à minha mãe. Ainda me sinto orgulhosa por ter desvendado a identidade da criança, por ter descoberto a fonte do desentendimento entre a minha família e a de Dinny. A minha mãe ficou surpreendida quando lhe contei a história. Claro que não a posso provar toda, definitivamente; mas sei que é verdade. Cheguei à conclusão de que gosto do facto de não a saber toda; de não poder preencher os espaços em branco – o motivo porque Caroline ocultou o seu casamento anterior, porque é que escondeu o filho. Onde é que Flag se encontrava antes de aparecer na mansão, e cair nos braços afectuosos dos Dinsdale. Algumas coisas perderam-se no passado – decerto que é por isso que o passado é tão misterioso, e por isso é que nos fascina. Agora já não há muito que se perca – há demasiadas coisas registadas, anotadas, armazenadas algures num ficheiro informático. Seria fácil não nos sentirmos fascinados por aqueles tempos. É mais difícil manter um segredo, mas ainda é possível. Harry é a prova viva disso. Descobri que não me importo tanto com os segredos quando sou eu que os devo guardar, quando não sou excluída.

A casa senhorial foi vendida em leilão por um valor que me provocou interiormente uma sensação vertiginosa, apenas durante meia hora, ao imaginar onde poderia ter ido e o que poderia ter feito com uma tal fortuna. Clifford veio ao leilão mas escondi-me dele, nas traseiras da sala de conferências de um hotel em Marlborough, enquanto os números saltavam para a frente e para trás, a tornarem-se cada vez mais elevados. Consegui sentir a sua angústia apenas ao olhar-lhe para a nuca, rígida sobre ombros endurecidos. Senti pena dele. Acho que ele esperara que ninguém aparecesse, que ninguém a quisesse comprar; que ele pudesse ficar com ela pelo preço de uma casa geminada no Hertfordshire; e dizer para sempre a

todas as pessoas que a casa era sua por direito de nascimento. Mas apareceram muitas pessoas, e um empreiteiro comprou-a. Está a ser transformada em apartamentos de luxo, tal como Maxwell sugeriu, porque agora esta é uma zona de bons acessos – de Pewsey para Londres e vice-versa, todos os dias. Não consigo imaginar como se parecerá por dentro quando estiver terminada. O que será o meu pequeno quarto das traseiras? Uma cozinha com balcões de granito preto? Uma casa de banho completamente coberta por azulejos? Não o consigo imaginar, e sinto-me tentada a ir ver o andar modelo quando estiver acabado. No entanto, apenas ligeiramente tentada. Acho que não irei. Não quero estragar as recordações que tenho dela.

Penso muito em Caroline e em Meredith. Penso naquilo que Dinny disse – que as pessoas que são arruaceiras e que odeiam e as que são frias e agressivas, não são pessoas felizes. Comportam-se dessa maneira por serem infelizes. É difícil sentir compreensão por Meredith quando tenho tais recordações dela, mas agora que ela está morta consigo fazê-lo, se me esforçar. A vida dela foi uma vida de desilusões – a sua única tentativa de se libertar de um lar sem amor terminada pouco depois de começar. Ainda podia ser mais difícil sentir compreensão por Caroline, uma vez que não a cheguei a conhecer, quando ela decidiu abandonar um filho e depois criar outro sem amor. Seria fácil concluir que ela não conseguia amar. Que não era capaz de o fazer. Que era demasiado fria para ser verdadeiramente humana, que nascera com problemas. Mas depois encontrei a última carta que ela escreveu antes de morrer; e agora sei que não foi assim.

A carta manteve-se por descobrir na pasta, depois de eu sair da casa. Porque é claro que ela nunca a enviou, nem sequer a arrancou do bloco. Esteve sempre ali, sob a capa, a folha pautada ainda no seu lugar. A sua caligrafia fina tropeça pela folha, como que a desenrolar-se. Está datada de 1983. O dia e o mês não estão especificados, por isso talvez aquilo fosse o melhor que ela conseguira fazer. Na altura tinha mais de cem anos, e estava a enfraquecer. Ela sabia que estava a morrer. Talvez fosse por isso que escreveu esta carta. Talvez fosse por isso que se esqueceu, durante algum

tempo, que nunca a poderia enviar, que não seria lida por ninguém até chegar a mim, mais de um quarto de século depois.

Meu querido Corin,

Já se passou tanto tempo desde que te perdi que nem consigo contar os anos. Agora sou velha, suficientemente velha para também esperar a morte. Mas na verdade, tenho estado à espera de morrer desde que nos separámos, meu amor. É estranho que os longos anos que passei aqui em Inglaterra pareçam, por vezes, ter passado num instante. Não me consigo lembrar daquilo que possa ter feito para preencher tanto tempo, não me lembro mesmo. Mas lembro-me de cada segundo que passei contigo, meu amor. Cada segundo precioso em que fui tua mulher, e em que estivemos juntos. Oh, porque é que morreste? Porque é que partiste a cavalo naquele dia? Já pensei nisso tantas vezes. Vejo-te a montar e tento alterar essa recordação. Convenço-me que corri atrás de ti, que te disse para não ires, para não me deixares. Então, não terias caído, não terias morrido, e eu não teria tido de passar todos estes anos longos e sombrios sem ti. Por vezes, convenço-me que corri atrás de ti, que te impedi, e quando me apercebo que partiste, isso é quase como um choque. Magoa-me terrivelmente, mas faço-o muitas vezes.

Fiz uma coisa terrível, Corin. Uma coisa imperdoável. Fugi dela mas não a consegui desfazer, e desde essa altura que me perseguiu ao longo dos anos. O meu único consolo foi o facto de nunca me ter perdoado, e decerto esta vida que aguentei terá sido castigo suficiente. Mas não, não pode haver castigo suficiente para aquilo que fiz. Rezo para que tu não o saibas, pois se o soubesses não me continuarias a amar e eu não seria capaz de aguentar isso. Rezo para que Deus não exista, e não haja nem Céu nem Inferno, de modo a que não pudesses ter estado a olhar cá para baixo, não tenhas visto os crimes que cometi. E nunca me poderei juntar a ti no Céu, se é aí que estás. Estou certa que, quando morrer, a minha alma pertencerá ao Inferno. Mas como é que tu não poderias ter ido para o Céu, meu amor? Já eras um anjo, mesmo na Terra. Estar contigo foi a única altura da minha

vida em que fui feliz, que me senti feliz por estar viva, e tudo desde essa altura têm sido cinzas e pó para mim. Há quanto tempo jazes sob essa pradaria vazia? Passaram-se eternidades desde que te vi. Todo o mundo poderia ter nascido e voltado a morrer durante a enormíssima era desde que nos tocámos.

Desejava poder ver-te mais uma vez antes de morrer. Parte de mim acredita que haverá alguma justiça nisto – que se o mundo fosse um lugar justo, me seria permitido apenas um segundo nos teus braços, para compensar o facto de te ter perdido. Apesar daquilo que fiz na loucura da dor, apesar do modo como corrigi o meu erro ou do quanto o piorei – quanto eu piorei – desde então. Eu entregar-me-ia de bom grado a uma eternidade de tormento só para te ver mais uma vez. Mas não pode ser. Vou morrer e ser esquecida. Tal como tu morreste. Mas eu nunca te esqueci, Corin, meu marido. Seja o que for que eu tenha feito, nunca te esqueci, e sempre te amei.

Caroline.

Li e reli esta carta nas semanas depois de a ter descoberto. Até a saber de cor, e cada palavra partiu-me um pouco o coração. Uma profundidade tão grande de arrependimento e dor que conseguiria escurecer um dia ensolarado. Quando a sinto a apoderar-se de mim, quando sinto que a absorvi demasiado, lembro-me de Beth. O seu crime já não a seguirá. Ela não irá ser atormentada, nem deixar que o arrependimento a despedace para sempre. A corrente foi quebrada, e eu ajudei a quebrá-la. Lembro-me disso, e deixo que isso me anime, que me encha de esperança. Nunca saberei o que é que Caroline fez. Porque é que pegou no seu bebé e fugiu para Londres, porque é que o abandonou. No entanto, reparei numa coisa, depois das muitas vezes em que li a carta: ela não fala no filho. Se o filho era dela, e Corin o pai, porque é que ela não fala dele? Porque é que não fala ao seu Corin do filho? Porque é que não tenta explicar o que a levou a abandoná-lo? Este pode bem ser o crime que ela deseja que ele nunca tenha visto, mas com certeza que isso deve ter acontecido antes da sua fuga da América. E

esse abandono parece inexplicável, verdadeiramente inacreditável, quando comparado com o amor que ela mostra pelo pai da criança. Lembro-me da jovem morena da festa de Verão – a rapariga a quem Caroline chamou Melro. O seu cabelo, negro como o de Dinny. Nunca o saberei com toda a certeza, mas aquela omissão da carta indica um verdadeiro crime, e faz-me duvidar da relação de parentesco que afirmo ter com Dinny.

Beth esteve em minha casa há umas duas semanas. Acho que ela deseja que eu me tivesse instalado numa vila diferente, mas está a habituar-se à ideia. Já não se afasta deste lugar.

– Não te incomoda veres ali a casa? – perguntou. Nestas últimos tempos as expressões voam-lhe pelo rosto. Sobem e descem como balões. Anteriormente havia algo que lhe acorrentava feições, agora já desapareceu. E um dia destes, eu até posso instalar-me noutra lugar; dentro em breve, ou por fim. Não estou à espera, mas tenho de estar onde ele me possa encontrar. Só até à próxima vez que ele o fizer. E afinal, ele tem motivos para voltar aqui. Não sou apenas eu que o atraio para aqui, nem o meu desejo por ele. Uma mãe, uma irmã, uma sobrinha. Acho que Honey me diria se ele voltasse.

A minha felicidade ao ver Beth melhorar fervilha sempre que pouso os olhos nela. Claro que não é nenhuma cura milagrosa, mas está melhor. Agora pode partilhar a culpa do que aconteceu com Dinny; já não tem de pensar que ela, e apenas ela, decidiu o destino de Henry Calcott. A verdade, o certo e o errado, tudo é agora mais difuso. Ela não tirou uma vida, apenas a alterou. Até há um pouco de flexibilidade nisso, apenas um indício de cinzento, pois não se sabe se a mudança teria sido para melhor ou para pior. Portanto, não é nenhuma cura milagrosa, mas agora ela fala-me disso; fala do que aconteceu, e como começou a olhar para dentro de si, já não está a evitar os seus passos como costumava fazer. Consigo ver a melhoria e Eddie também, apesar de ele não me ter perguntado nada a esse respeito. Acho que não se interessa com aquilo que mudou, só está satisfeito que tenha mudado.

Demora um certo tempo vemos alguém de uma maneira diferente quando durante anos vimos essa pessoa de um modo em particular, ou nem sequer a vimos. Eu ainda vejo Harry, apesar de Dinny me dizer que ele era Henry. E ainda vejo Dinny como sempre o vi, como sempre o amei. Digo a mim mesma que ele precisa de tempo para me ver de maneira diferente, para me ver como sou agora, e deixar de me ver como uma criança, ou um incómodo, ou como a irmã mais nova de Beth, ou como quer que ele me veja. Talvez o momento ainda não tenha chegado; mas chegará, acredito nisso. Houve uma disputa legal a respeito da parte do terreno onde era permitido aos Dinsdale acampar. O empreiteiro não queria um monte de nómadas estacionados nos jardins comunitários dos seus novos apartamentos. No fim, essa parte do terreno, bem como o resto dos bosques e as pastagens, foram vendidos a um agricultor cujas terras lhe eram adjacentes, e ele conhece os Dinsdale há anos. Por isso ainda lá está, à espera deles. À espera dele. Um lugar belo para acampar no Verão, verde e resguardado, e agora preservado.

Estou à espera de um Verão quente. De calor que nos asse os ossos, e sirva de desculpa para esta vida lânguida que adoptei. De calor para dar sardas a Honey, e para fazer gelados de limão para as meninas de Susan e Paul, e para escurecer a pele de Dinny. De calor para me esgueirar até ao lago de orvalho, para chapinhar, para nadar, para afastar os fantasmas. E hoje, recebi uma pequena encomenda no correio. No interior, a desfazer-se, encontrava-se um pedaço de casca de árvore com desenhos gravados. Não consegui perceber nada dos desenhos, excepto o nome no fundo – HARRY – em letras torcidas, angulares, quase ilegíveis. Uma declaração, acho que de quem ele é agora, de quem quer ser. E uma mensagem não proferida de Dinny, que a embrulhou e a enviou. Que ele sabe onde estou, e que pensa em mim. Por enquanto, sei que me sinto muito feliz por estar aqui.

AGRADECIMENTOS

O meu amor e agradecimentos a Alison e Charlotte Webb pela sua leitura, crítica e interminável entusiasmo ao longo dos anos; e a John Webb por nunca sugerir que eu arranjasse um emprego a sério!

Os meus agradecimentos aos membros do WordWatchers em Newbury por todo o seu apoio, comentários e bolo.

E, finalmente, também os meus agradecimentos a Edward Smith e aos membros do youwriteon.com por fazerem com que o livro fosse lido, revisto e divulgado; e a Sara e Natalie da Orion, por o terem conduzido o resto do caminho.